

# Estudos de Sociologia

## v. 29, n<sup>o</sup> esp. 1



Revista Semestral do Departamento de Sociologia e  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
FCL–UNESP–Araraquara–v.29–n. esp. 1–2<sup>o</sup> semestre de 2024

## **EXPEDIENTE**

### **UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**

Reitor: Prof. Dr. Pasqual Barretti

Vice-reitora: Prof. Dra. Maysa Furlan

### **FCLAR – Faculdade de Ciências de Letras de Araraquara**

Diretor: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Vice-diretor: Prof. Dr. Rafael Alves Orsi

### **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Chefe: Prof. Dr. Edgar Teodoro da Cunha

Vice-chefe: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno

Assessora Administrativa: Tania Luci Manzolli

### **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Coordenador: Prof. Dr. Antonio Ianni Segatto

Vice-coordenadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro

Estudos de Sociologia / Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. – Vol.1 (1996)-, - Araraquara: UNESP/FCLAR, Laboratório Editorial, 1996-

Semestral

Resumos em português, espanhol e inglês

A partir de 2008 versão online pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER)

e-ISSN: 1982-4718

1. Sociologia 2. Política 3. Antropologia 4. Ciências Sociais 4.Ciências

Assistente Editorial: Paulo José de Carvalho Moura

Normalização: Claudete Camargo Pereira Basaglia

Diagramação: Eron Pedroso Januskevictz

Revisão: Claudete Camargo Pereira Basaglia

Revisão para o espanhol: Livia Valili

Revisão para o inglês: Jussara Ungari

Capa e Divulgação: Luana di Pires

### **Indexada por / Indexed by:**

GeoDados – <http://www.geodados.uem.br>; ClaseCich-Unam; DOAJ – Directory of Open Access Journals <http://www.doaj.org>; IBZ – International Bibliography of Periodical Literature on the Humanities and Social Sciences; IBR – International Bibliography of Book Reviews on Scholarly Literature on the Humanities and Social Sciences; IPSA – International Political Science Abstracts; Sociological Abstracts

### **Redação e Contatos**

Portal de Periódicos FCLAr - Unesp: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/index>

Contato Principal: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim (Editora). E-mail: [maria.jardim@unesp.br](mailto:maria.jardim@unesp.br)

Contato para Suporte Técnico: Luiz Borges (Biblioteca FCLAr). E-mail: [straud.fclar@unesp.br](mailto:straud.fclar@unesp.br)

Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara – Departamento de Ciências Sociais:

Rod. Araraquara-Jaú, km 1 – CP 174 – CEP 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil. Fone: (16) 3334-6218

## **MISSÃO**

A revista Estudos de Sociologia é uma publicação vinculada ao Departamento de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/Ar e tem como missão publicar artigos e ensaios nacionais e internacionais na área da Sociologia e afins, buscando contribuir para o debate disciplinar e interdisciplinar das questões sociais clássicas e contemporâneas.

## **EDITORA**

Maria Aparecida Chaves Jardim                      UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil

## **EDITORA EMÉRITA**

Lucila Scavone    UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil

## **CONSELHO EDITORIAL NACIONAL**

Ana Lúcia Castro    UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil

João Carlos Soares Zuin                                      UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil

Maria Teresa Miceli Kerbauly                                      UNESP – Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, Brasil

## **CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL**

Monique De Saint-Martin, École des Hautes Études en Sciences Sociales                      EHESS, França

Philippe Steiner    PARIS IV – Université Paris-Sorbonne e Institut Universitaire de France, França

## **CONSELHO CIENTÍFICO NACIONAL**

Anete Brito Leal Ivo    UFBA – Universidade Federal da Bahia – Salvador / BA

Antonádia Monteiro Borges                                      UNB – Universidade de Brasília - Distrito Federal

Cornelia Eckert    UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre/RS

Eduardo Garuti Noronha                                      UFSCar – Universidade Federal de São Carlos – São Carlos/SP

Gabriel Cohn	USP – Universidade de São Paulo – São Paulo/SP
Heitor Frúgoli Junior	USP – Universidade de São Paulo – São Paulo/SP
Irlys Alencar Firmo Barreira	UFC – Universidade Federal do Ceará – Fortaleza/Ceará
Jacob Carlos Lima	Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia.
José Antonio Segatto	UNESP – Universidade Estadual Paulista - Araraquara/SP
José Vicente Tavares dos Santos	UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre/RS
Lourdes Maria Bandeira	UnB – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia.
Marco Antônio Teixeira Gonçalves	UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/RJ
Maria Arminda do Nascimento Arruda	USP – Universidade de São Paulo/São Paulo - SP
Profa. Dra. Meryl Adelman	UFPR – Universidade Federal do Paraná – Curitiba/PR
Nadya Araujo Guimarães	Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Roberto Grün	UFSCar – Universidade Federal de São Carlos – São Carlos/SP
Sérgio França Adorno de Abreu	USP – Universidade de São Paulo – São Paulo/SP

### **CONSELHO CIENTÍFICO INTERNACIONAL**

Ana Piedade Monteiro	Universidade de Zambeze, Moçambique
Annie Thébaud-Mony	INSERM – Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale, Paris, França
Adriana Bebiano	Instituição Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Elizabeth Ewart	University of Oxford, Londres, Reino Unido
Frederic Lebaron	École Normale Supérieur Paris-Saclay, França
Gerard Mauger	EHESS – École des hautes Études en Sciences Sociales, França
Hinnerk Bruhns	Directeur de recherche émérite au Centre National de Recherches Scientifiques (CNRS) et membre du Centre de recherches historiques (EHESS/CNRS), Paris, França
István Mészáros	Universidade de Sussex, Reino Unido

Jaime Amparo Alves	University of New York City/ Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, Estados Unidos
Joseph Yvon Thériault	Universidade de Montréal/ UQUAM, Montréal, Canadá
Klaus von Lampe	City University of New York/CUNY, New York, Estados Unidos
Marie-Blanche Tahon	Universidade de Ottawa/UOTTAWA, Ottawa, Canadá
Mariano Fernandez Enguita	USAL – Universidade de Salamanca/US Salamanca, Espanha
Marta Araújo	UC - Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Massimiliano Minelli	Università degli Studi di Perugia, Itália
Michael Löwy	CNRS - Centre National de la Recherche Scientifique, França
Paul Henley	University of Manchester, Reino Unido
Pablo Gonzáles Casanova	UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México - México



## Pareceristas do v.29, nº esp. 1 (2024)

A Revista Estudos de Sociologia agradece a colaboração dos seguintes consultores que emitiram pareceres:

Ernesto Seidi	UFSC
Carla Martelli	UNESP
Thais Joi Martins	UFRB
Patricia Saltorato	UFSCar
Gabriela Porcionato	UFSCar
Alexandre Aparecido dos Santos	USP
Olivia Cristina Perez	UFPI
Daniel Arias Vazquez	UNIFESP
Matías Grinchpun	UBA
Pablo Vommaro	UBA
Elisa Guaraná de Castro	UFRRJ
Marcelo Rodrigues Conceição	UNIFAL-MG
Luís Antonio Groppo	UNIFAL-MG
Melina Vásquez	UBA





# SUMÁRIO

## **DOSSIÊ: JUVENTUDES LATINO-AMERICANAS: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PANDEMIA E CENÁRIOS FUTUROS**

**Proponentes : Olivia Cristina Perez (UFPI), Daniel Arias Vazquez (Unifesp) e Melina Vázquez (UBA)**

Apresentação..... 733  
*Olivia Cristina Perez, Daniel Arias Vazquez e Melina Vázquez*

### **ARTIGOS**

A importância das diversidades nas análises sobre juventudes e participação política..... 739  
*Olivia Cristina Perez*

Juventudes, protestos e ação coletiva: uma análise dos eventos de protestos recentes no Brasil..... 757  
*Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior, Joana Tereza Vaz de Moura e Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira*

Sociologia e projeto de vida como expressões de contradições: disputas sobre os currículos, concepções de escola e juventudes..... 783  
*Rodolfo Soares Moimaz e André da Rocha Santos*

Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19..... 805  
*Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves Dall’Occo e Alexandre Barbosa Pereira*

Radicalização e fusionismo no ativismo juvenil da direita argentina após 2001: a atualidade de uma história..... 829  
*Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein e Martín Vicente*

Expressões políticas do mal-estar juvenil: abordagens exploratórias da situação na Argentina nos últimos anos ..... 849  
*Pablo Vommaro*

Representação política das juventudes no Brasil: jovens candidatos/as e eleitos/as para a Câmara dos Deputados 2014 – 2022..... 869  
*Elisa Guaraná de Castro*

Juventude e adesão à democracia no Sul de Minas Gerais..... 893  
*Marcelo Rodrigues Conceição, Luís Antonio Groppo e Odair Sass*

## **ENTREVISTA**

Pioneirismo em pesquisa sociológica sobre juventude: entrevista com Maria da Glória Gohn..... 913  
*Olivia Cristina Perez e Daniel Arias Vazquez*

## TABLE OF CONTENTS

### DOSSIER: LATIN AMERICAN YOUTH: POLITICAL PARTICIPATION, PANDEMIC, AND FUTURE SCENARIOS

**Proponents: Olivia Cristina Perez, Daniel Arias Vazquez e Melina Vázquez**

Introduction.....	733
<i>Olivia Cristina Perez, Daniel Arias Vazquez and Melina Vázquez</i>	

### ARTICLES

The importance of diversities in analyses of youth and political participation .....	739
<i>Olivia Cristina Perez</i>	

Youth, protests and collective action: an protest event analysis in Brazil.....	757
<i>Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior, Joana Tereza Vaz de Moura and Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira</i>	

Sociology and life project as expressions of contradictions: disputes over curriculum, conceptions of school and youth .....	783
<i>Rodolfo Soares Moimaz and André da Rocha Santos</i>	

Is there still hope? The future expectations of young people from Guarulhos-SP at the peak of the Covid-19 pandemic .....	805
<i>Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves Dall’Occo and Alexandre Barbosa Pereira</i>	

Radicalisation and fusionism in argentinean right-wing youth activism after 2001: a history in the present day .....	829
<i>Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein and Martín</i>	

*Vicente*

Political expressions of youth discontent: exploratory approaches to the situation in Argentina in recent years..... 849

*Pablo Vommaro*

Political representation of youth in Brazil: young candidates and elected to the Chamber of Deputies 2014 – 2022 ..... 869

*Elisa Guaraná de Castro*

Youth and adherence to democracy in the south of Minas Gerais..... 893

*Marcelo Rodrigues Conceição, Luís Antonio Groppo and Odair Sass*

**INTERVIEW**

Pioneering sociological research on youth: an interview with Maria da Glória Gohn..... 913

*Olivia Cristina Perez and Daniel Arias Vazquez*

## TABLA DE CONTENIDO

### DOSSIER: JUVENIL LATINOAMERICANO: PARTICIPACIÓN POLÍTICA, PANDEMIA Y ESCENARIOS FUTUROS

Proponentes : Olivia Cristina Perez (UFPI), Daniel Arias Vazquez (Unifesp) y Melina Vázquez (UBA)

Presentación.....	733
<i>Olivia Cristina Perez, Daniel Arias Vazquez y Melina Vázquez</i>	

### ARTÍCULOS

La importancia de la diversidad en los análisis de la juventud y la participación política.....	739
<i>Olivia Cristina Perez</i>	

Juventud, protestas y acción colectiva: un análisis de eventos de protesta en Brasil.....	757
<i>Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior, Joana Tereza Vaz de Moura y Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira</i>	

Sociología y proyecto de vida como expresiones de contradicciones: disputas sobre currículos, concepciones de escuela y juventud.....	783
<i>Rodolfo Soares Moimaz y André da Rocha Santos</i>	

¿Aún hay esperanza? Las expectativas de futuro de los jóvenes en Guarulhos-SP en el centro de la pandemia Covid-19.....	805
<i>Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves Dall'Occo y Alexandre Barbosa Pereira</i>	

Radicalización y fusionismo en el activismo juvenil de las derechas argentinas tras 2001: actualidad de una historia.....	829
<i>Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein y Martín Vicente</i>	

Expresiones políticas de los malestares juveniles: acercamientos exploratorios a la situación de la Argentina en los últimos años ..... 849  
*Pablo Vommaro*

Representación política de la juventud en Brasil: jóvenes candidatos y electos a la Cámara de Diputados 2014 - 2022..... 869  
*Elisa Guaraná de Castro*

Juventud y adhesión a la democracia en el sur de Minas Gerais..... 893  
*Marcelo Rodrigues Conceição, Luís Antonio Groppo y Odair Sass*

## **ENTREVISTA**

Entrevista con Glória Gohn: Pioneros en la investigación sociológica sobre la juventud..... 913  
*Olivia Cristina Perez y Daniel Arias Vazquez*

# TABLE OF CONTENTS OF TEXTS TRANSLATED

## DOSSIER: LATIN AMERICAN YOUTH: POLITICAL PARTICIPATION, PANDEMIC, AND FUTURE SCENARIOS

Proponents: **Olivia Cristina Perez, Daniel Arias Vazquez e Melina Vázquez**

Introduction..... 929  
*Olivia Cristina Perez, Daniel Arias Vazquez and Melina Vázquez*

## ARTICLES

The importance of diversities in analyses of youth and political participation..... 935  
*Olivia Cristina Perez*

Youth, protests and collective action: an protest event analysis in Brazil... 953  
*Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior, Joana Tereza Vaz de Moura e Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira*

Sociology and life project as expressions of contradictions: disputes over curriculum, conceptions of school and youth..... 977  
*Rodolfo Soares Moimaz e André da Rocha Santos*

Is there still hope? The future expectations of young people from Guarulhos-SP at the peak of the Covid-19 pandemic ..... 999  
*Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves Dall’Occo and Alexandre Barbosa Pereira*

Radicalisation and fusionism in argentinean right-wing youth activism after 2001: a history in the present day ..... 1023  
*Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein and Martín Vicente*

Radicalización y fusionismo en el activismo juvenil de las derechas argentinas tras 2001: actualidad de una historia..... 1043  
*Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein and Martín Vicente*

Political expressions of youth discontent: exploratory approaches to the situation in argentina in recent years..... 1063  
*Pablo Vommaro*

Expresiones políticas de los malestares juveniles: acercamientos exploratorios a la situación de la Argentina en los últimos años ..... 1081  
*Pablo Vommaro*

Political representation of youth in Brazil: young candidates and elected to the Chamber of Deputies 2014 – 2022 ..... 1101  
*Elisa Guaraná de Castro*

Youth and adherence to democracy in the south of Minas Gerais..... 1125  
*Marcelo Rodrigues Conceição, Luís Antonio Groppo and Odair Sass*

## **INTERVIEW**

Pioneering sociological research on youth: an interview with Maria da Glória Gohn..... 1145  
*Olivia Cristina Perez and Daniel Arias Vazquez*



**Dossiê: Juventudes Latino-americanas:  
participação política, pandemia  
e cenários futuros**



# JUVENTUDES LATINO-AMERICANAS: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PANDEMIA E CENÁRIOS FUTUROS

*Olivia Cristina PEREZ\**

*Daniel Arias VAZQUEZ\*\**

*Melina VÁZQUEZ\*\*\**

Há no senso comum um certo imaginário de que as juventudes não participam politicamente e sequer têm interesse pela política. Isso não se confirma quando analisamos o protagonismo das juventudes ao longo das mudanças políticas de diversas regiões, tampouco quando olhamos para o cenário político atual (Perez; Vommaro, 2023).

Essas percepções em parte têm relação com o fato de que a participação política por vezes é associada àquela exercida nas arenas parlamentares via partidos políticos. De fato, esse é um espaço feito por e para adultos, mais difícil para a entrada de jovens, assim como das diversidades que compõem a sociedades como mulheres, negros e população LGBTQIA+ (sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e o mais, que serve para abranger a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero).

Mas quando ampliamos o que entendemos por participação política, incluindo mobilizações via redes sociais digitais, protestos e lutas dentro do ambiente escolar, desaparece a percepção de que as juventudes não têm interesse por política.

O presente dossiê parte desse pressuposto de que a participação política das juventudes é grande, diversa e central para a compreensão dos regimes democráticos atuais. Os estudos mostram que embora o interesse geral pela política seja

---

\* UFPI - Universidade Federal do Piauí. Departamento de Ciência Política. Teresina – PI – Brasil. 64049-550. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>. Contato: [oliviaperez@ufpi.edu.br](mailto:oliviaperez@ufpi.edu.br).

\*\* UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Ciências Sociais. Guarulhos - SP - Brasil. 07252-312. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contato: [dvazquez@unifesp.br](mailto:dvazquez@unifesp.br).

\*\*\* UBA- Universidad de Buenos Aires y CONICET Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Buenos Aires-Argentina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0564-1398>. Contato: [mvazquez@sociales.ubar.ar](mailto:mvazquez@sociales.ubar.ar).

baixo entre os jovens brasileiros, há uma maior afinidade por movimentos sociais e ambientais e menos identificação com a política institucional (Vazquez; Pereira, 2020). Então, o assunto abordado no presente volume é a participação política das juventudes em seu conceito mais amplo.

A juventude tem sido objeto de estudo desde o século passado, tendo gerado abordagens conflitantes sobre a definição do que é ser jovem e sobre até qual idade a juventude se estenderia. Entendemos as juventudes como uma categoria social e política, portanto, fruto de uma construção social. Ressaltamos que não as consideramos como blocos homogêneos - daí nos referirmos às juventudes no plural, demarcando assim o quanto elas são distintas entre si. Mais especificamente, clivagens sociais como renda, gênero, raça, sexualidade e região impactam no modo como as juventudes acessam direitos e constroem suas identidades.

Os estudos sobre as juventudes multiplicaram-se especialmente depois do ciclo de protestos na América Latina recente. O marco no Brasil são as Jornadas de Junho de 2013, em que os manifestantes expressaram descontentamentos com o governo e o sistema político, embora estivessem presentes demandas para a ampliação de direitos para mulheres, negros e população LGBTQIA+ (Perez, 2019). No Chile, ainda em 2006 estudantes secundaristas saíram às ruas para exigir a gratuidade do passe escolar e a diminuição do valor da inscrição na Prova de Seleção Universitária (PSU) em protestos que ficaram conhecidos como “Marcha dos Pinguins”. Na Argentina, as mobilizações de 2015 organizadas pelo coletivo NiUnaMenos, formado por jovens ativistas, impulsionou um intenso fluxo de manifestações que levaram à público o grave problema da violência contra a mulher.

A recorrência e a importância desses protestos revelam o protagonismo das juventudes no cenário político contemporâneo na América Latina. Mais recentemente, tem chamado a atenção protestos organizados por segmentos das juventudes que podem ser consideradas conservadoras e/ou de direita no espectro político e ideológico, por se oporem à ampliação de direitos, como à saúde. Por exemplo, vários protestos ao redor do mundo questionaram as medidas de isolamento social e a utilização da vacina contra a Covid-19 (Vázquez *et al.*, 2021).

Muitos trabalhos sobre a participação política das juventudes estão sendo produzidos no Brasil. Mas eles estão espalhados nas diversas áreas em que a juventude é estudada. Ademais, em geral, os estudos sobre as juventudes estão na área da saúde e educação. Como resultado, ainda não há um campo estruturado sobre a reflexão a respeito da participação política das juventudes, especialmente no Brasil.

O campo de reflexão sobre a participação política das juventudes na América Latina vem sendo reunido e estruturado pelo Grupo de Trabalho Infâncias e Juventudes do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso). Reconhecendo a importância dessa rede para o campo, muitos de seus pesquisadores

contribuem com o presente dossiê. Por meio dessa colaboração, foi possível contar com dois trabalhos de pesquisadores argentinos.

Para contribuir com o campo da participação política das juventudes em terras brasileiras, a ideia inicial do presente dossiê era reunir análises sobre o tema. Esperávamos assim que o dossiê fosse um marco nos estudos da participação política, com foco nas diversas formas em que a juventudes atuam e reconfiguram as relações de poder. Era então uma proposta inicialmente acadêmica. No entanto, ao final do trabalho percebemos que o dossiê mostra a importância da juventude na construção de uma democracia inclusiva.

Os trabalhos aqui reunidos abordam a participação política sob diferentes perspectivas. Há trabalhos sobre a participação política das juventudes em eleições, protestos e coletivos. Os trabalhos abordam tanto juventudes que se posicionaram à esquerda quanto à direita. Assuntos centrais do cotidiano das juventudes, como a pandemia e as reformas educacionais, também são abordados no presente dossiê. Em suma, os trabalhos mostram as diversas formas de opressões pelas quais passam as juventudes, assim como a potência delas na construção de um regime democrático inclusivo. Em comum, todos os artigos do dossiê têm uma preocupação com o futuro da democracia e uma aposta na juventude como atores centrais na construção de caminhos mais inclusivos.

Passando para a abordagem detalhada de cada trabalho, Olivia Cristina Perez no trabalho “A Importância das Diversidades nas Análises sobre Juventudes e Participação Política” reúne dados de pesquisas documentais e empíricas para mostrar que as juventudes não formam um bloco homogêneo; ao contrário, são marcadas por variações significativas em termos de raça, gênero, classe social, orientação sexual e outras clivagens sociais. Perez argumenta que essas diversidades são essenciais para entender como os jovens se engajam na política, seja através de protestos, eleições ou participação em coletivos. Ela destaca que a inclusão dessas diversas vozes nas decisões coletivas não só enriquece o processo democrático, mas também é vital para a construção de uma democracia mais substantiva e inclusiva.

Com foco em uma das formas de participação políticas das juventudes, os protestos, Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior, Joana Tereza Vaz de Moura e Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira analisam no artigo “Juventudes, protestos e ação coletiva: uma Análise dos Eventos de Protestos recentes no Brasil” as mobilizações e protestos realizados pelas juventudes brasileiras entre janeiro de 2022 e janeiro de 2024, utilizando a metodologia de Análise de Evento de Protesto (AEP). O estudo revela que a maioria dos protestos ocorreu na região sudeste e estava centrada em questões de educação, com o Estado sendo o principal alvo das reivindicações. Além disso, observa-se que, além das táticas tradicionais como marchas e bloqueios de vias, as juventudes têm utilizado novas formas de protesto, muitas vezes sem a mediação de outras organizações.

Passando para as disputas políticas na escola, no artigo “Sociologia e Projeto de Vida como Expressões de Contradições: Disputas sobre os Currículos, Concepções de Escola e Juventudes”, de Rodolfo Soares Moimaz e André da Rocha Santos explora as contradições presentes na inclusão das disciplinas de Sociologia e Projeto de Vida no Currículo Paulista do Ensino Médio. Eles argumentam que essas disciplinas refletem disputas entre diferentes modelos de educação e escola, sendo a Sociologia historicamente ligada às mobilizações democráticas e o Projeto de Vida como um componente essencial nas reformas neoliberais, influenciadas por instituições privadas.

A escolaridade, assim como vários aspectos da vida das juventudes, foi afetada pela pandemia. O assunto é explorado no trabalho “Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19”, escrito por Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves Dall’Occo e Alexandre Barbosa Pereira. Nele os autores analisam as expectativas dos jovens de Guarulhos quanto ao fim da pandemia de Covid-19. Com base em um *survey* aplicado a 843 jovens, o estudo revela que apenas 20% estavam otimistas em relação ao futuro do Brasil pós-pandemia. O pessimismo foi mais pronunciado entre jovens maiores de 18 anos, com renda familiar superior a três salários-mínimos e que apresentaram piora no estado emocional. A prática religiosa foi identificada como o único fator que manteve uma minoria otimista durante a crise sanitária.

Os anos recentes foram marcados também pela projeção das direitas entre as juventudes, tanto no Brasil quanto em outras regiões. Dois trabalhos argentinos exploram o tema. No artigo “*Radicalización y Fusiónismo en el Activismo Juvenil de las Derechas Argentinas tras 2001: Actualidad de una Historia*”, Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein e Martín Vicente exploram as diversas formas de ativismo juvenil de direita na Argentina. O estudo faz uma análise histórica do ativismo juvenil de direita no século XX, destacando duas principais correntes: a liberal-conservadora e a nacionalista-reacionária. Os autores argumentam que, após 2001, houve uma transformação significativa na política argentina, permitindo o surgimento de uma nova expressão direitista radical que criticava o sistema político vigente.

Em diálogo com o texto anterior, Pablo Vommaro analisa as reações e debates gerados pela eleição de Javier Milei como presidente da Argentina em 2023 no trabalho “*Expresiones políticas de los malestares juveniles: acercamientos exploratorios a la situación de la Argentina en los últimos años*”. Vommaro argumenta que a pandemia e a crise econômica pós-pandemia exacerbaram o descontentamento juvenil, levando-os a apoiar figuras políticas como Milei. Ele conclui que as novas direitas têm se apropriado do discurso de mudança, e que é crucial entender e intervir nas disputas culturais e políticas que envolvem essas questões na Argentina e na região.

A direita também é tema do trabalho de Elisa Guaraná de Castro intitulado “Representação Política das Juventudes no Brasil: Jovens Candidatos/as e Eleitos/as para a Câmara dos Deputados 2014-2022”. Castro analisa o perfil e as trajetórias de jovens candidatos e eleitos para a Câmara dos Deputados no Brasil entre 2014 e 2022. O estudo evidencia a baixa representação juvenil no Congresso, com menos de 4% dos deputados federais tendo menos de 29 anos. Apesar dessa sub-representação, os jovens parlamentares eleitos muitas vezes são campeões de votação, e há uma diversidade crescente entre as candidaturas. O artigo também discute as tensões entre novas e antigas formas de participação política, destacando como as juventudes combinam processos tradicionais com novas identidades e práticas políticas.

Em comum, a preocupação com a manutenção e o aprofundamento das democracias perpassa todos os trabalhos. Mas o assunto é mais detalhado no artigo “Juventude e adesão à democracia no Sul de Minas Gerais”, de Marcelo Rodrigues Conceição, Luís Antonio Groppo e Odair Sass. Nele, os autores exploram como os jovens do Sul de Minas Gerais demonstram adesão à democracia em comparação com outras faixas etárias. A pesquisa sugere que, embora os jovens dessa região possam ter maior inclinação a apoiar a democracia, há uma profunda desconfiança nas instituições tradicionais, como partidos políticos e eleições. A análise destaca que a desconfiança nas instituições mais tradicionais da democracia é grande, e a falta de compreensão sobre a diferença entre política e governo parece deixar de fora maiores possibilidades de aproximação com os governantes.

Encerrando o dossiê e mostrando a vinculação da juventude com a democracia via participação política, temos a alegria de contar com uma entrevista de Maria da Glória Gohn em que ela aborda sua trajetória pioneira com pesquisas sociológicas sobre juventude no Brasil. Ela destaca que a juventude é uma construção social, influenciada por fatores históricos e culturais. Gohn discute a participação dos jovens em movimentos sociais e as mudanças nas políticas públicas voltadas para a juventude, sublinhando a relevância da autonomia juvenil e da participação ativa na sociedade. A pandemia e a reforma do ensino médio são citadas como fatores que impactaram significativamente os jovens, revelando desigualdades e desafios educacionais. Gohn conclui que a juventude tem um papel crucial na construção de um sistema democrático, mas alerta para a necessidade de novas abordagens e instrumentos para lidar com os desafios contemporâneos.

O presente dossiê tem justamente a intenção de apresentar novas abordagens e instrumentos para lidar com os desafios contemporâneos, especialmente com a ameaça da ultradireita em relação ao sistema democrático. Apostamos aqui na atuação política das juventudes, pois elas são capazes de construir ideias e caminhos mais promissores para um sistema que seja de fato inclusivo e capaz de reduzir as desigualdades sociais.

Convidamos pesquisadores de todas as áreas, especialmente aqueles que se interessam pela participação política das juventudes, para ler e difundir os excelentes trabalhos reunidos no presente volume.

## REFERÊNCIAS

PEREZ, O. C. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, n. 25, p. 577–596, 2019.

PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, 23, e43706, 2023.

VAZQUEZ, D. A.; PEREIRA, A. B. A formação de opinião política entre estudantes do ensino médio de Guarulhos-SP. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 925-944, 2020.

VÁZQUEZ, M. *et al.* Acciones colectivas durante la pandemia. Informe GT Infancias e Juventudes – **Clacso**, 2021.

**Submetido em:** 25/11/2024

**Aprovado em:** 27/11/2024



A IMPORTÂNCIA DAS DIVERSIDADES  
NAS ANÁLISES SOBRE JUVENTUDES  
E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

*LA IMPORTANCIA DE LA DIVERSIDAD  
EN LOS ANÁLISIS DE LA JUVENTUD  
Y LA PARTICIPACIÓN POLÍTICA*

*THE IMPORTANCE OF DIVERSITIES  
IN ANALYZES OF YOUTH AND  
POLITICAL PARTICIPATION*

*Olivia Cristina PEREZ\**

**RESUMO:** O presente trabalho reúne dados e análises derivados de um acúmulo de pesquisas documentais e empíricas sobre a relação das juventudes com a política e suas formas de participação. Mostramos que nesse campo é importante considerar as diversidades: das juventudes, das suas práticas políticas, da relação dos jovens com a esfera parlamentar e dos seus posicionamentos políticos e ideológicos. A ênfase nas diversidades, especificamente na inclusão delas nas decisões coletivas, também é um dos ensinamentos das juventudes sobre como aprimorar a democracia - o que denominamos de democratização das instituições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventudes. Participação Política. Diversidades.

**RESUMEN:** *Este trabajo reúne datos y análisis derivados de una acumulación de investigaciones documentales y empíricas sobre la relación entre los jóvenes y la política y sus formas de participación. Mostramos que en este campo es importante*

---

\* Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina – Piauí – Brasil. Professora Adjunta nos cursos de bacharelado e mestrado em Ciência Política e no programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Políticas Públicas. Doutora em Ciência Política e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Tem estágio pós-doutoral no Programa de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (CLACSO/CINDE). Bolsista produtividade do CNPQ. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>. Contato: [oliviaperez@ufpi.edu.br](mailto:oliviaperez@ufpi.edu.br).

*considerar las diversidades: de los jóvenes, sus prácticas políticas, la relación entre los jóvenes y la esfera parlamentaria y sus posiciones políticas e ideológicas. El énfasis en la diversidad, específicamente en su inclusión en las decisiones colectivas, es también una de las lecciones que aprenden los jóvenes sobre cómo mejorar la democracia, lo que llamamos democratización de las instituciones.*

**PALABRAS CLAVE:** *Juventud. Participación política. Diversidades.*

**ABSTRACT:** *This work brings together data and analyzes derived from an accumulation of documentary and empirical research on the relationship between young people and politics and their forms of participation. We show that in this field it is important to consider diversities: of young people, their political practices, the relationship between young people and the parliamentary sphere and their political and ideological positions. The emphasis on diversity, specifically on its inclusion in collective decisions, is also one of the Youth's teachings on how to improve democracy - what we call the democratization of institutions.*

**KEYWORDS:** *Youth. Political Participation. Diversities.*

## Introdução

O presente trabalho aborda alguns aspectos da participação política por parte das juventudes, mais especificamente a relação delas com a política institucional e fora delas e os ensinamentos sobre como aprimorar a democracia. Mostramos nas análises a importância de se considerar as diversidades das juventudes e a inserção delas nas decisões coletivas.

Uma definição comum das juventudes leva em conta a idade dos indivíduos. No Brasil, o Estatuto da Juventude de 2013 (Brasil, 2013) considera jovem o grupo populacional com idade entre 15 e 29 anos. Mas essa é uma definição limitada pois não abarca os traços sociais que caracterizam o grupo. Neste trabalho partimos de uma definição social e relacional como a de Pablo Vommaro (2015), que considera a juventude como uma relação dinâmica, histórica, social e culturalmente construída. Logo, trata-se de uma categoria social e em constante transformação.

Ainda em relação à definição das juventudes, não as entendemos como um bloco homogêneo. Ciente da diversidade das juventudes, optamos neste trabalho por denominá-las sempre no plural.

Explorando melhor esse ponto, no imaginário comum os jovens são associados a homens, brancos, estudantes e que não precisam trabalhar. No entanto, a

experiência de ser jovem é outra para mulheres, pretas, indígenas, pobres, moradoras de periferias, trabalhadoras, deficientes e população LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexos, assexuais e outras possibilidades de gêneros e sexualidades dissidentes). Logo, as juventudes são diversas entre si e clivagens sociais como raça, gênero, sexualidade, região, vínculo com mercado de trabalho, deficiência e classe social impactam no modo como as juventudes se constroem e se expressam (Araújo; Perez, 2023). Essa perspectiva é importante para pontuar as desigualdades sociais que perpassam a experiência de ser jovem.

Ressaltamos que os marcadores de raça, gênero, sexualidade, região, vínculo com mercado de trabalho, deficiência e classe social não devem ser analisados de forma isolada, pois eles se interseccionam - assim como vêm mostrando os ensinamentos dos movimentos feministas negros (Crenshaw, 2002). Essas ponderações resultam em análises que diferenciam, por exemplo, as experiências de uma jovem negra que mora na periferia daquelas de um jovem branco morador de uma região privilegiada.

Entendemos também a participação política de uma forma ampla considerando que são diversas as formas de participação política das juventudes assim como seus posicionamentos políticos e ideológicos.

A participação política pode acontecer por meio do voto e participação em protestos ou ativismos nas redes sociais digitais. Ainda nesse sentido de amplitude, pode-se participar politicamente por meio da vinculação com partidos políticos, movimentos sociais, coletivos ou de modo individual.

A participação pode ser na defesa de ideais vinculados à esquerda ou à direita no espectro político e ideológico. Conforme Bresser-Pereira (2006) os grupos políticos de esquerda podem ser entendidos pela disposição em arriscar a ordem em nome da justiça social e os de direita como aqueles que defendem o status quo. Embora exista uma certa associação do comportamento político das juventudes com ideais à esquerda, vem chamando atenção nos últimos anos os posicionamentos à direita ou mesmo antipartidários (Araújo; Perez, 2021).

Cientes da importância de reflexões e ações que considerem a diversidade das juventudes, o principal objetivo do trabalho foi, intencionalmente, pontuar esse aspecto nas abordagens sobre as juventudes e participação política. Logo, o objetivo central do artigo é destacar que no campo da participação política é fundamental considerar a diversidade das juventudes bem como a importância da inclusão delas nas decisões coletivas.

Para contextualizar a produção bibliográfica sobre participação política dos jovens, o trabalho também apresenta uma revisão geral sobre as publicações no campo. Esse panorama geral mostra a carência e a importância de mais trabalhos que explorem a participação política das juventudes – tarefa central do presente artigo.

Ao pontuar as diversidades das juventudes nos contrapomos a certas visões sobre elas, especialmente do senso comum, que entendem as juventudes como blocos homogêneos. Conforme essa visão do senso comum as juventudes são formadas por homens, brancos e estudantes que se interessam pouco pela política e quando o fazem ocupam as ruas com ideais progressistas.

De forma contrária a essas visões, mostramos no texto como a juventudes são diversas, tanto na sua composição quanto na prática política. A intenção maior do texto é abordar a importância dessas diversidades como um dos ensinamentos centrais das juventudes sobre como aprimorar nosso sistema democrático.

Metodologicamente trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica. A revisão de artigos publicados sobre jovens foi feita pelas ferramentas disponibilizadas na plataforma Scielo. O Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) é uma plataforma essencial para a pesquisa acadêmica e a disseminação do conhecimento científico no Brasil e na América Latina. Utilizamos a plataforma para a busca de artigos sobre jovens e usamos os seus filtros como ano de publicação, área do conhecimento, nome da revista e artigos mais citados para detalhar as áreas em que são publicados os estudos sobre os jovens, bem como as principais abordagens.

De modo mais detalhado, na seção um do presente trabalho apresentamos um mapeamento de como as juventudes são abordadas pela literatura científica. Essa tarefa foi feita por meio da consulta a artigos científicos disponíveis no banco de artigos Scielo (América Latina) que contivessem a palavra “jovens” no título ou resumo, o que resultou em mais de 11 mil trabalhos. Primeiro analisamos os anos em que foram publicados. Depois abordamos as dez principais áreas que publicam trabalhos sobre juventudes, as dez principais revistas e um resumo do conteúdo dos dez artigos mais citados. Para finalizar retomamos brevemente autores centrais no campo das juventudes. Essa busca e análise da literatura sobre o campo das juventudes serviu para situar os principais temas e mostrou a carência de estudos sobre participação política.

Feito uma contextualização mais geral sobre os trabalhos na área de juventudes, a segunda seção do trabalho se dedica ao foco dele que é abordar aspectos da participação política por parte das juventudes. Esperávamos que a pesquisa no Scielo remetesse a trabalhos sobre participação política das juventudes de modo mais geral. No entanto, como demonstrado na sessão um, a maior parte dos trabalhos disponíveis no Scielo é feito na área da saúde e aqueles da área das ciências sociais se dedicam a estudos de caso com poucas reflexões gerais sobre o campo.

Diante dessa limitação a escolha dos textos sobre participação política das juventudes foi feita com base no conhecimento próprio. Selecionados a partir de conhecimento individual textos que exploram aspectos da participação política das juventudes que consideramos importante em uma revisão sobre o tema, a saber: a presença das juventudes nas ruas, a rejeição à política institucional, seus posiciona-

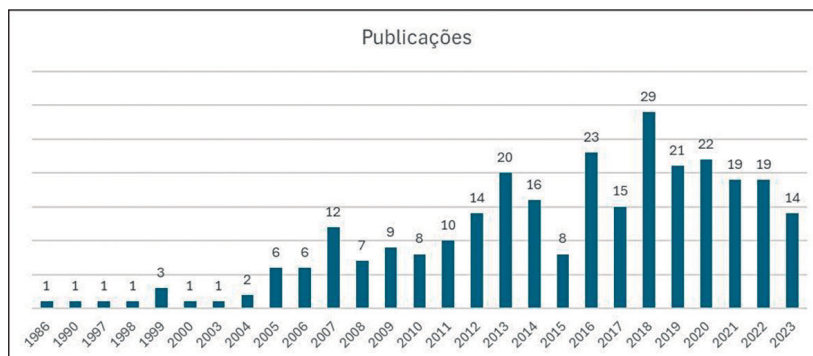
mentos à direita no espectro político e ideológico e a vinculação com organizações do tipo coletivos. Encerramos a segunda seção pontuando alguns ensinamentos das juventudes sobre como aprimorar a democracia por meio da inclusão das diversidades nas decisões coletivas. A escolha dos temas abordados dentro do campo possível da participação política das juventudes foi intencional: o objetivo foi acentuar a importância de um olhar sobre as diversidades das juventudes e sobre a importância da inclusão delas nas decisões coletivas.

## Estudos sobre as juventudes

Nesta seção fazemos um balanço da produção bibliográfica sobre as juventudes conforme os artigos contidos no Scielo sobre jovens. Especificamente mostramos o crescimento de trabalhos, as principais áreas e revistas em que eles são publicados e o conteúdo dos artigos mais citados. Para complementar, mencionamos autoras centrais no campo das juventudes, ainda que seus trabalhos não tenham sido encontrados entre os mais citados no mecanismo de busca utilizado na presente pesquisa, o Scielo.

A construção social das juventudes, especialmente como sujeito de direitos, é recente e crescente. Uma prova do aumento da reflexão sobre as juventudes é o crescimento do número de artigos científicos publicados sobre os/as jovens, notadamente a partir de 2005. Em consulta ao site do Scielo por artigos que contivessem a palavra “jovens” encontramos mais de 11 mil trabalhos. Separamos parte desses trabalhos conforme o ano das publicações. Seguem os resultados no Gráfico 1.

**Gráfico 1** – Número de artigos sobre jovens conforme ano de publicação



Fonte: Adaptado de Scielo, 2024.

O Gráfico 1 apresenta o número de publicações de artigos sobre jovens de 1986 até 2023, evidenciando um crescimento significativo na produção a partir de

2005. Até 2004, o número de publicações era baixo e estável, com poucos anos registrando mais de uma ou duas publicações. A partir de 2005, há um aumento notável, com picos de produção em 2012 e 2014, atingindo 20 e 23 publicações, respectivamente. O ano de 2018 marca o auge, com 29 publicações, seguido de uma estabilização em níveis elevados nos anos subsequentes, variando entre 14 e 22 publicações.

O aumento de artigos sobre jovens tem ao menos três explicações. Primeiro o número de artigos científicos cresceu como parte das exigências de publicização das pesquisas por parte dos pesquisadores e programas de pós-graduação. Em segundo lugar o aumento de publicações na área das juventudes mostra o crescente interesse pela temática. Em terceiro lugar os jovens e a própria juventude são uma categoria social e política recente. A necessidade de um olhar específico e de construção de políticas públicas para as juventudes foi gestada pelos movimentos sociais da área. Por conta da relação do campo movimentalista com o governo federal comandado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) foram feitas normatizações para as juventudes: a principal delas é o Estatuto da Juventude, promulgado em 2013. Isso mostra que a categoria política juventudes entrou de modo formal no campo das políticas públicas no Brasil há pouco mais de 10 anos.

Ainda conforme pesquisa realizada no site Scielo sobre as publicações do campo, os resultados mostram que os trabalhos científicos sobre os/as jovens são feitos em diversas áreas e sob diversos aspectos, dentre as quais destacamos a área da saúde.

Especificamente, filtramos no site do Scielo as publicações sobre jovens conforme as áreas temáticas definidas pela *Web of Science*. O resultado mostrou as dez principais áreas que publicam pesquisas sobre os/as jovens, a saber: Saúde (1825 artigos), Ciências (1805), Multidisciplinar (1539), Educacional (1279), Pesquisa (1250), Educação (1248), Ambiental (1004), Público (946), Psicologia (945) e Ocupacional (938). Os dados revelam então as diversas possibilidades de interpretações sobre as juventudes e como elas têm sido abordadas principalmente pelas áreas da saúde e educação.

É importante ter em conta que o grande número de artigos sobre jovens publicados na área da saúde em parte explica-se pelo fato de que ela é uma área que produz mais artigos do que as outras. No mesmo sentido, o grande volume de artigos na área da educação tem relação com o seu tamanho, embora nesse caso uma das explicações seja o fato de que o sistema educacional é ocupado principalmente por crianças, adolescentes e jovens.

O peso da área da saúde e da educação é ainda mais evidente quando selecionamos as revistas que mais publicam artigos sobre jovens. Para tanto, filtramos os resultados encontrados no Scielo conforme a revista em que foram publicados. As dez revistas que mais publicaram trabalhos sobre os/as jovens são: *Ciência &*

*Saúde Coletiva* (432), *Cadernos de Saúde Pública* (409), *Revista de Saúde Pública* (268), *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* (261), *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* (247), *Última Década* (191), *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano* (119), *Revista Brasileira de Epidemiologia* (112), *Saúde e Sociedade* (112) e *Ciência Rural* (98). A leitura dos títulos das revistas deixa mais evidente o predomínio da área da saúde nos estudos sobre os/as jovens.

Mas a seleção das revistas mostra um aspecto interessante, que é o fato de as juventudes constituírem um campo específico de estudos e publicações: duas revistas da área das ciências sociais publicam trabalhos especificamente voltados aos/as jovens. A *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* (a quarta com mais trabalhos sobre jovens) é dedicada às crianças e aos jovens na perspectiva das ciências sociais; a revista é publicada pelo Centro de Estudos Avançados em Infância e Juventude (Cinde) e pela Universidade de Manizales (Colômbia). Por sua vez, a *Revista Última Década* (sétima na publicação de artigos sobre jovens) é publicada semestralmente pelo Centro de Pesquisa e Ação Juvenil, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Chile. Nota-se que as duas revistas dedicadas especialmente ao campo das juventudes publicam trabalhos na área das ciências sociais - o que mostra a importância desse campo de reflexão nos estudos sobre o tema.

Selecionamos também no Scielo os 10 trabalhos mais citados que contivessem a palavra jovens no resumo. De forma geral os artigos mais citados abordam os seguintes temas (em ordem decrescente): saúde pública, psicologia, sociologia e estudos culturais.

Detalhando os conteúdos dos 10 artigos mais citados sobre jovens, parte deles aborda questões de saúde, desde os mecanismos de lesão cerebral associados a traumatismos até o uso de substâncias como o êxtase (MDMA) e seus efeitos farmacológicos e tóxicos. Outro tema central nos artigos mais citados é a vulnerabilidade dos jovens em contextos de pobreza, onde estão frequentemente expostos a diversas formas de violência e exclusão social. A transição dos jovens para a vida adulta, especialmente no que diz respeito ao trabalho e à educação, é outro foco significativo. As influências culturais e religiosas também são examinadas, especialmente na forma como moldam o comportamento dos jovens. Por fim, embora menos diretamente focados nos jovens, alguns artigos tocam na questão do envelhecimento populacional e suas implicações sociais. Notas a carência de estudos sobre participação política das juventudes.

Não apareceu nessa consulta autores conhecidos no campo das juventudes e ciências sociais, como Miriam Abramovay, Regina Novaes, Helena Abramo, José Machado Pais ou Maria da Gloria Gohn. No entanto, dada a importância dessas autoras/es, consideramos importante mencioná-los no presente trabalho. Miriam

Abramovay é uma socióloga pioneira na pesquisa sobre violência escolar e juventude no Brasil, destacando a conexão entre exclusão social e violência nas escolas. Regina Novaes, antropóloga, é reconhecida por suas pesquisas sobre juventude e religiosidade, sendo fundamental para compreender as relações entre juventude, cultura e religião no Brasil contemporâneo. Helena Abramo se destacou pelo estudo das culturas juvenis, analisando como os jovens constroem identidades e resistências por meio da música, moda e linguagem. José Machado Pais é um sociólogo português conhecido por seu trabalho sobre as transições juvenis para a vida adulta, explorando a importância da cultura e do lazer na formação das identidades juvenis. Por fim, Maria da Glória Gohn é uma referência fundamental nos estudos sobre juventudes, contribuindo significativamente para a compreensão das mobilizações juvenis e suas dinâmicas sociais no Brasil.

De forma resumida a revisão geral sobre os trabalhos no campo das juventudes mostra que ele é um campo recente e crescente com destaque para a área da saúde que possui muitas publicações sobre a saúde física e mental dos jovens. O campo carece de reflexões no campo da participação política, tarefa que empreendemos na seguinte seção.

## **Alguns aspectos da participação política das juventudes**

Após a revisão geral do campo em que são publicados trabalhos sobre jovens, passamos agora a abordar alguns aspectos da participação política deles. Especificamente abordamos a importância da participação política dos jovens em protestos, eleições, a diversidade de ideologias políticas, formas contemporâneas de mobilização política a exemplo dos coletivos e ensinamentos das juventudes sobre a importância da inclusão das diversidades nas decisões coletivas. Tais aspectos foram escolhidos intencionalmente dado que o objetivo central do artigo é destacar que no campo da participação política é fundamental considerar a diversidade das juventudes bem como a importância da inclusão delas nas decisões coletivas.

### **Protestos**

Ainda que uma certa visão insista em associar os(as) jovens à apatia política, o histórico da participação de organizações de juventudes em eventos importantes mostra a ativa e importante mobilização delas.

Apenas para citar alguns exemplos da participação das juventudes em protestos de rua, a União Nacional dos Estudantes (UNE) teve papel importante em eventos marcantes, tais como: a luta contra a ditadura militar, em meados dos



anos de 1960; as grandes passeatas conhecidas como “Diretas Já!”, que pediam eleições diretas para cargos do executivo no período anterior à redemocratização; os protestos conhecidos como “caras pintadas” contra a corrupção do governo do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1992; em 2013, nas chamadas “Jornadas de Junho”, em que milhares de brasileiros saíram às ruas a favor de direitos sociais e contra o caráter excludente e pouco eficiente da política parlamentar; nas ocupações realizadas por estudantes em universidades e escolas do ensino médio, em defesa da educação, em 2016; e nos protestos de 2019 (os últimos antes da pandemia), quando os(as) jovens estudantes foram às ruas contra o bloqueio de recursos anunciados pelo Ministério da Educação naquele ano, já sob o governo Bolsonaro. Nem mesmo a pandemia foi capaz de conter a ativa luta política dos(as) jovens que foram para as ruas em protestos a favor da vacinação (Perez; Vommaro, 2023).

No maior ciclo de protestos na história recente do Brasil, Junho de 2013, as juventudes, junto com milhares de brasileiros, foram às ruas com pautas diversas que incluíam direito à cidade, reconhecimento de direitos para mulheres, negros, população LGBTQIA+, além de críticas ao Estado que seria corrupto e incapaz de garantir direitos sociais (Perez, 2021).

E os protestos não se encerraram em Junho, pelo contrário, eles se multiplicaram. As ruas passaram a revelar uma disputa em torno de projetos mais à esquerda ou à direita no espectro político e ideológico: de um lado os manifestantes à esquerda defendiam o Partido dos Trabalhadores, direitos para grupos mais sujeitos a opressões sociais e de forma ampla a própria democracia; de outro lado os defensores do projeto representado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro atacavam as pautas da esquerda e a própria democracia (Perez, 2021).

Mas as ruas não são a única forma de participação política das juventudes, embora seja um espaço importante e por vezes associado como o principal *locus* de atuação política das/os jovens.

## **Juventudes, partidos e eleições**

Uma certa crítica a uma possível apatia das juventudes pode levar a crer que elas não se interessam pelas eleições e que não fariam a diferença nos pleitos. No entanto, no Brasil os/as jovens entre 16 e 29 anos somam 24% do eleitorado brasileiro, ou seja, quase um quarto do total de eleitores em 2022.

O envolvimento das juventudes com as eleições já ocorre e pode ser ainda mais estimulado. Por exemplo, no começo do ano de 2022 o Tribunal Superior Eleitoral brasileiro (TSE) começou a divulgar dados que apontavam para o declínio do interesse do eleitor jovem pela votação que passou de 4 milhões para menos de

900 mil pessoas em 10 anos. O estímulo ao voto dos eleitores menores de 18 anos foi pauta de campanhas movidas pelo TSE e encampada pela sociedade. Como resultado, no final de 2022 havia 2.116.781 de eleitoras e eleitores entre 16 e 17 anos aptos a votar nas urnas eletrônicas, representando mais de 1,3% do total do eleitorado nacional. Houve um crescimento de 51% de futuros votantes quando comparado com o ano de 2018, quando essa faixa etária somava 1,4 milhão de votantes (0,95% do total) (TSE, 2023). Apenas em março de 2022, no ápice da campanha das mídias, 290 mil adolescentes tiraram o título, um aumento de 45% em relação ao mês anterior (G1, 2022). Tais resultados mostram sinais positivos em relação ao interesse dos/as jovens pelas eleições.

O que os estudos mostram não é que os jovens se desinteressam pela política em geral, mas sim pela forma como os partidos políticos a exercem (Araújo; Perez, 2021). A rejeição aos partidos políticos tem se revelado inclusive como antipartidarismo (sentimentos desfavoráveis e rejeição a qualquer partido político). O antipartidarismo dos/as jovens tem relação com experiências negativas a respeito dos partidos e com o histórico de formação das democracias, que levaria a uma baixa percepção do eleitor sobre a necessidade de existência dos partidos políticos (Araújo; Perez, 2021).

Adicionando a essa explicação, as juventudes especialmente desconfiam dos partidos políticos por outras razões. Uma delas é a dificuldade de entrada nessas instituições dominadas pelo mesmo perfil da elite política: homens, brancos, velhos, de classes sociais e regiões mais abastadas. De fato, a presença de deputados federais jovens (até 29 anos) no parlamento brasileiro é ainda pequena: dos 513 congressistas da atual legislatura, apenas 18 são jovens. Esse dado mostra a dificuldade de os jovens ganharem espaços em arenas dominadas pelos adultos e velhos, tais como o parlamento.

Outro motivo que explica essa desconfiança em relação aos partidos são as constantes campanhas contra o maior e mais forte partido: o Partido dos Trabalhadores (PT), responsável pela eleição de cinco mandatos dos seis eleitos nos últimos 20 anos. É importante lembrar que em 2011 os casos de corrupção envolvendo o Partido dos Trabalhadores (PT) foram julgados e transmitidos pela televisão aberta com intensa cobertura da mídia. Fruto daquele contexto, os partidos políticos foram associados ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ele com casos de corrupção. Esse é um dos germes do maior ciclo de protestos do período democrático brasileiro: Junho de 2013 (Perez, 2021).

Os protestos de Junho de 2013 revelaram intensas críticas à forma como a política é exercida nas arenas tradicionais, especialmente pelos partidos políticos. Inclusive muitos manifestantes foram hostis à presença de bandeiras de partidos políticos em Junho de 2013 (Perez, 2021).

Mas nem essa desconfiança é capaz de afastar e tirar o protagonismo das juventudes nos partidos políticos e nas eleições. Basta lembrar a eleição de jovens como Nikolas Ferreira para deputado federal no último pleito com 1,47 milhões de votos - o que o levou a ser o deputado federal mais votado do Brasil e da história de Minas Gerais.

### **2.3 Juventudes e ideologia política**

A tônica na diversidade das juventudes também deve servir como guia para analisar o seu comportamento político e mais especificamente o alinhamento ideológico.

Por conta da participação das juventudes em movimentos sociais e em momentos importantes de transformação política em sentido progressista, construiu-se uma certa percepção de que os/as jovens se posicionam sempre à esquerda e são atores revolucionários. Os escritos sobre as juventudes reproduziram e reforçaram essa percepção. De fato, os primeiros estudos sobre juventude tenderam a abordar a temática sobre o viés da transformação social, compreendendo a juventude como um ator, se não central, ao menos relevante nos movimentos sociais e nas revoluções dos padrões de comportamento social (Melucci, 2001).

No entanto, na última década tem se tornado mais evidente a participação das juventudes não apenas em movimentos sociais à esquerda, mas também em movimentos reacionários e conservadores. Por exemplo, no Brasil em meados de 2015 e 2016 o Movimento Brasil Livre (MBL) teve grande destaque na política brasileira na medida em que organizou numerosas manifestações a favor do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT).

A eleição de deputados federais jovens também revela a diversidade de posicionamentos políticos das juventudes: são eleitos deputados tanto ligados a partidos de direita quanto de esquerda.

Para mostrar essa diversidade, nomeamos a seguir os deputados federais jovens (até 29 anos) eleitos em 2022, separando-os conforme as ideologias dos seus partidos. Entre os deputados jovens de esquerda, destacam-se Tabata Amaral, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), Pedro Campos, também do PSB, Dandara, do Partido dos Trabalhadores (PT) e Camila Jara, também do PT. No campo da direita, estão Nikolas Ferreira, André Fernandes, Matheus Noronha e Ícaro de Valmir, todos do Partido Liberal (PL), além de Neto Carletto, Amanda Gentil e Lula da Fonte, do Progressistas (PP) e Emanuelzinho, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Na extrema-direita, encontramos Kim Kataguiri e Yandra de André, ambos da União Brasil (UNIÃO), Pedro Aihara, do Patriota (PATRIOTA). Amom Mandel, do Cidadania (CIDADANIA) e Maria Arraes, do Solidariedade (SOLIDARIEDADE), ocupam posições no centro-direita.

Esses dados então negam certa percepção do senso comum que associa a juventude com a esquerda, já que é grande a presença de deputados à direita. Os resultados também confirmam o argumento principal do presente artigo que é o fato de que as juventudes são diversas.

O que talvez mais surpreenda é a divisão quase equânime entre jovens que se posicionam à esquerda e à direita. Conforme estudos de Araújo, Barros e Perez (2023) base nos dados do Latinobarômetro de 2020, no Brasil há uma diferença pequena de jovens à esquerda (25%) em relação aos/as jovens que se posicionam à direita (20%). Constata-se então que essa associação das juventudes com a esquerda não se sustenta quando olhamos a realidade empírica e os dados científicos.

Mas é importante mencionar também as juventudes que se posicionam ao centro, quase metade (49,2%) dos/as jovens pesquisados no Latinobarômetro de 2020 (Araújo, Barros e Perez, 2023). A opção pelo centro pode ser explicada de fato por uma opinião moderada ou pela dificuldade de identificação ideológica.

Mas também é importante mencionar o medo das juventudes em se posicionar politicamente. Carrano (2024) argumenta que a crescente polarização política no Brasil cria um ambiente hostil para os jovens que desejam expressar suas opiniões políticas. Muitos jovens temem a rejeição social, o que os leva a evitar o debate político, especialmente nas redes sociais, onde a discussão tende a ser muitas vezes mais agressiva. Outro ponto destacado pelo autor é o medo de represálias, tanto no ambiente familiar quanto social. Os jovens sentem que suas opiniões podem ser mal interpretadas ou que podem enfrentar consequências negativas por expressarem suas crenças políticas, o que os leva a adotar uma postura de silêncio ou neutralidade.

Sobre esse ponto é importante mencionar que no Brasil com a ascensão do projeto político à direita têm ganhado tónus propostas de censura contra os ideais da esquerda. Especialmente nas escolas, projetos como “escola sem partido” e contra a proibição da discussão do que eles chamam de “ideologia de gênero” tem levado a uma censura velada e, por vezes, explícita. As pautas da esquerda quando são discutidas nas escolas são temas de muito receio, a exemplo dos feminismos e de um modo mais geral da redução das desigualdades sociais.

O Brasil viveu durante os anos do governo Jair Bolsonaro (2018-2022) um período de censura e cerceamento dos direitos civis básicos. O país passa agora por um período de reconstrução que convive com os legados do autoritarismo. Mesmo assim, parte das juventudes não se furtam ao seu papel histórico de se posicionarem, a exemplo das suas presenças nas ruas e nas redes sociais interpelando comportamentos que corroboram para as diversas desigualdades sociais, a exemplo dos machismos e racismos.

## **2.4 Coletivos**

A diversidade das juventudes também é revelada nas formas com as quais elas se organizam politicamente. As juventudes se vinculam a movimentos sociais, partidos políticos e recentemente em organizações chamadas de coletivos. É importante analisar os coletivos porque além deles indicarem a diversidade de formas de participação política das juventudes, eles são criados justamente para incluir essas diversidades nas decisões de uma organização.

Embora não haja uma definição única que abarque os distintos tipos de organizações que se definem dessa forma, trata-se de mobilizações políticas mais fluidas e horizontais (Perez; Souza, 2020).

Esse tipo de organização começou a se multiplicar depois das Jornadas de 2013. As juventudes que participaram de Junho de 2013 criticavam a forma como política é exercida em organizações tradicionais, a exemplo dos partidos políticos. Essas organizações tradicionais seriam extremamente hierárquicas, centralizadas e pouco inclusivas. Para superar esses limites as juventudes vêm se organizando de modo mais horizontal por meio de coletivos. Como vários/as jovens foram socializados politicamente no ciclo de protestos de 2013, eles passaram a se organizar dessa forma (Perez, 2019).

Os coletivos em geral defendem a inclusão das diversidades no campo dos direitos e nas decisões políticas. Eles fazem isso primeiro atuando em prol dos grupos com mais dificuldade de acesso a direitos, tais como mulheres, negros/as, população LGBTQIA+, jovens e moradores de periferias (Rios; Perez; Ricoldi, 2018). Essa atuação é feita, por exemplo, por meio de denúncias de casos de violação de direitos que revelam machismos, racismos e LGBTfobia e encaminhamentos no sentido de preservar e/ou construir mais direitos.

Em segundo lugar, os coletivos consideram que essa população (mulheres, negros/as, população LGBTQIA+, jovens e moradores de periferias) deve estar presente nas decisões das organizações. Para esses/as jovens não basta que o Estado concretize direitos (embora isso seja fundamental). Ampliando a concepção de inclusão, os coletivos defendem que grupos aliados das decisões públicas devem ter a possibilidade de decidir sobre assuntos importantes e em todas as organizações, inclusive nos coletivos dos quais fazem parte (Perez; Souza, 2020).

Os coletivos então reivindicam mais do que a inclusão da maior parte da população no campo dos direitos sociais, eles querem a inclusão dela em todas as decisões coletivas – por isso são os primeiros a proporcionarem essa inclusão. Há uma exigência para que as estruturas organizativas permitam a inclusão de grupos aliados das decisões políticas. E essas exigências não são apenas discursivas: os próprios coletivos são criados para permitir a participação desses grupos de forma coletiva e horizontal.

Logo, as juventudes estão se organizando politicamente de formas diversas daquelas tradicionais em outras gerações – a exemplo dos partidos, considerados por parte das juventudes como excessivamente hierarquizados, burocráticos e por isso ineficientes (Perez; Souza, 2020).

No entanto, a formação de coletivos não significa que os/as jovens não se vinculem a partidos políticos ou organizações tradicionais, mas sim que há uma crítica a eles e uma tentativa de mudança, ainda que por dentro. Daí a presença, por exemplo, de coletivos feministas e negros mesmo dentro dos partidos políticos. A presença de coletivos dentro dos partidos políticos também demonstra a diversidade de atuação política por parte das juventudes.

## **2.5 A importância das diversidades para aprimorar a democracia**

As juventudes têm ensinado que as diversidades são importantes para a compreensão das desigualdades sociais. Mas elas também têm ensinado que as diversidades são a chave para aprimorar o sistema democrático.

Explorando melhor esses ensinamentos, os/as jovens expressam em diversas pesquisas (Perez; Souza, 2020) uma constatação de que as instituições democráticas não foram e não são suficientes para melhorar substancialmente as suas vidas. Ou seja, o Brasil teria avançado em termos de uma democracia eleitoral, mas não em termos de uma democracia substantiva capaz de reduzir as grandes e diversas desigualdades sociais.

Parte dessas percepções explica-se por conta da intensa mobilização da sociedade civil no Brasil que vem mostrando que as desigualdades sociais são mais amplas do que aquelas relacionadas à classe social e se interseccionam com gênero, raça, sexualidade, geração e região (Perez; Ricoldi, 2023). Os/as jovens ao constatarem que as instituições democráticas excluem e reproduzem por exemplo o racismo e o sexismo no Brasil, desenvolvem um forte sentimento de rejeição a elas.

As juventudes então mostram os problemas do nosso sistema democrático e indicam a solução para ele. O regime democrático se aprimoraria por meio da transformação das instituições no sentido de serem mais horizontais e inclusivas. A inclusão passaria pelo campo dos direitos e pelo compartilhamento das principais decisões das organizações com a maioria da população brasileira - mulheres, negros/as, população LGBTQIA+, jovens e moradores de periferias.

As instituições deveriam seguir os exemplos dos coletivos que se pautam justamente por essa inclusão. Os coletivos são mais horizontais e com menor peso das lideranças, proporcionando a participação de todos os seus membros nas decisões coletivas (Perez; Souza, 2020). Esse modelo de organização superaria os

limites daquelas consideradas ineficientes por serem mais fechadas e hierárquicas, a exemplo dos partidos políticos.

Relacionando esses dois recados, os/as jovens estão forçando as organizações políticas a se abrirem à diversidade da população brasileira. Eles ensinam que todas as decisões coletivas, inclusive aquelas mais importantes, devem ser feitas incluindo os grupos mais afetados pela presença ou ausência de políticas públicas. Chamamos essa defesa da inclusão das diversidades nas decisões coletivas de democratização das instituições.

A democratização das instituições seria alcançada por meio da inclusão das diversidades (mulheres, negros, jovens, moradores de periferias, população LGBTQIA+) nas decisões coletivas de todas as organizações.

Essa população por vezes chamada de minorias na verdade é a maioria. Ela deveria então participar das decisões que afetam as suas próprias vidas - conforme os ensinamentos dos/as jovens organizados em coletivos.

Por meio da democratização as instituições seriam capazes de chegar a decisões e ações mais próximas da realidade da maioria da população, já que elas participaram dessas decisões. Desse modo teríamos ações mais efetivas, pois formuladas a partir do olhar daqueles que têm menos acesso a direitos.

Com a democratização das instituições seria possível o alcance de uma democracia substantiva, capaz de reduzir as desigualdades sociais e garantir direitos para todos. O alcance dessa democracia estimularia as juventudes e toda a população a apoiar esse tipo de regime. Logo, a saída para os constantes flertes e golpes da direita seria a busca por um outro ideal de democracia, mais inclusivo e coletivo.

## **Considerações finais**

O trabalho apresenta um panorama geral das publicações sobre as juventudes mostrando o predomínio da área de saúde. A carência de trabalho sobre juventudes e política mostra a necessidade de trabalhos nessa direção. Nesse sentido sugerimos a ampliação de fóruns de debates sobre as juventudes nas ciências sociais.

Mostramos também no trabalho a importância do olhar sobre as diversidades das juventudes com suas vastas formas de participação política. A importância da diversidade tem sido ensinada pelas juventudes e essa deve ser uma perspectiva sempre presente na reflexão e ação no campo das ciências sociais.

Mas o que mais gostaríamos de destacar no trabalho são os ensinamentos das juventudes sobre as desigualdades sociais e formas de combatê-las. As juventudes têm ensinado que as desigualdades têm relação com o fato de que a maioria da população - mulheres, negras/os, LGBTQIA+, jovens e moradores de periferia - não está incluída nas principais decisões que dizem respeito ao coletivo. Com o

argumento de lugar de fala esses jovens vêm forçando as gerações mais velhas a se abrirem para novas formas de agir e de pensar que pedem a democratização de todos os espaços de poder.

De fato, essas mudanças não são simples e nem imediatas. A inclusão da maior parte da população nos cargos de poder requer que aqueles que ocupam os cargos de decisão se abram para grupos com os quais eles não estão acostumados a partilhar. É preciso primeiro uma postura de abertura diante do que as juventudes têm a ensinar. Mas é preciso principalmente incluir as juventudes nas decisões políticas e coletivas.

Deixamos então como sugestão que os(as) jovens sejam ouvidos e incluídos nos assuntos que fazem parte do cotidiano deles(as) e nos outros também, considerando que eles(as) têm importantes recados sobre como a prática política pode levar a uma sociedade mais justa. Conforme os ensinamentos dos/as jovens, uma sociedade mais justa deve ser construída com a inclusão das diversidades, passando pela inclusão dos próprios(as) jovens.

Acreditamos que se ouvidos e incorporadas as sugestões das juventudes relacionadas à inclusão das diversidades nas instituições - o que chamamos de democratização das instituições – podemos impulsionar o nosso sistema para uma democracia que substancialmente consiga promover a redução das diversas desigualdades sociais.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. O.; BARROS, R. F.; PEREZ, O. C. Jóvenes de derecha e izquierda en una perspectiva comparada Brasil y Argentina. **Millcayac**, v. X, p. 1, 2023.

ARAUJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Juventudes e Cultura Política: ideologia como marcador social de diferença entre os jovens. **Cronia**, v. 19, p. 79-87, 2023.

ARAUJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, 2021. DOI: 10.52780/res.14764. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14764>. Acesso em: 10 set. 2024.

BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm). Acesso em: 10 set. 2024.

BRESSER-PEREIRA, L. C. O Paradoxo da esquerda no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, 76, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/CfL4dNDJTGmPcFtTWzHdkqs/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.



CARRANO, P. Juventude e política: entre o silêncio e a ação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 102, p. 45-62, 2024.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

G1. Número de jovens de até 17 anos que tiraram título de eleitor cresce 45% de fevereiro para março. **Jornal Nacional**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/05/numero-de-jovens-de-ate-17-anos-que-tiraram-titulo-de-eleitor-cresce-45percent-de-fevereiro-para-marco.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2024.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREZ, O. C. Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. **Izquierdas**, São Paulo, v. 1, p. 1-16, 2021.

PEREZ, O. C. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, São Paulo, n. 25, p. 577-596, 2019.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, São Paulo, v. 31, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3D7wFT8QmwRfJMv38PrG4tN/#>. Acesso em: 10 set. 2024.

PEREZ, O. C.; SOUZA, B. M. Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, (01): 1-19, 2020.

PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Pautas da juventude estudantil no Brasil e na Argentina durante a pandemia. **Civitas**, Porto Alegre, v. 23, 2023.

RIOS, F.; PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 22, p. 36-51, 2018.

TSE. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Campanhas da Justiça Eleitoral contribuem para crescimento do voto jovem. 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Julho/campanhas-da-justica-eleitoral-contribuem-para-crescimento-do-voto-jovem>. Acesso em: 30 jan. 2024.

VOMMARO, P. **Juventudes y políticas en la Argentina y en América Latina**: tendencias, conflictos y desafíos. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2015.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ pela bolsa de produtividade em pesquisa

*Olivia Cristina Perez*

**Submetido em: 30/06/2024**

**Aprovado em: 06/08/2024**

JUVENTUDES, PROTESTOS E AÇÃO  
COLETIVA: UMA ANÁLISE DOS EVENTOS  
DE PROTESTOS RECENTES NO BRASIL

*JUVENTUD, PROTESTAS Y ACCIÓN COLECTIVA:  
UN ANÁLISIS DE EVENTOS DE PROTESTA EN BRASIL*

*YOUTH, PROTESTS AND COLLECTIVE ACTION:  
AN PROTEST EVENT ANALISYS IN BRAZIL*

*Marcos Aurélio Freire da Silva JÚNIOR\**

*Joana Tereza Vaz de MOURA\*\**

*Pedro Henrique Correia do Nascimento de OLIVEIRA\*\*\**

**RESUMO:** O presente artigo visa contribuir com os estudos acerca da ação coletiva, juventudes e movimentos sociais, analisando os protestos e mobilizações empregadas pelas juventudes organizadas em movimentos, organizações, partidos políticos, mas também as ações realizadas pelas juventudes não inseridas nesses grupos. Para isso, utilizamos a metodologia de Análise de Evento de Protesto (AEP) a fim de compreendermos as táticas utilizadas, as principais demandas desses protestos, as organizações e movimentos presentes e onde esses protestos mais se concentram. Utilizamos um banco de dados construído a partir de notícias veiculadas na mídia sobre as manifestações e protestos das juventudes entre janeiro de 2022 e janeiro de 2024. Observamos que a região sudeste foi onde mais teve registros de

---

\* Doutorando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Bolsista CNPq. Pesquisador do INCT - Participa. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5553-6625>. Contato: [marcosfreire@ufrj.br](mailto:marcosfreire@ufrj.br).

\*\* Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Instituto de Políticas Públicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (IPP/UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPEUR/UFRN). Pesquisadora do INCT- Participa e da Rede DATALUTA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9561-1063>. Contato: [joanateresa@gmail.com](mailto:joanateresa@gmail.com).

\*\*\* Mestre em Estudos Urbanos e Regionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPEUR/UFRN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4661-2155>. Contato: [pedrohcorreiano@gmail.com](mailto:pedrohcorreiano@gmail.com)

protestos das juventudes, sendo, em sua maioria, protestos envolvendo o tema da educação. Destacamos ainda que as demandas se relacionam às políticas específicas, portanto, tendo o Estado como o principal ator reivindicado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Protestos. Movimentos sociais. Ação coletiva.

**RESUMEN:** *Este artículo pretende contribuir a los estudios sobre acción colectiva, a los jóvenes y movimientos sociales, tomando como fuente de análisis las protestas y movilizaciones llevadas a cabo por jóvenes organizados en movimientos, organizaciones y partidos políticos, como también, las acciones realizadas por jóvenes que no forman parte de estos grupos. Para ello, utilizamos la metodología Análisis de Eventos de Protesta (PEA) para conocer las tácticas utilizadas, las principales reivindicaciones de estas protestas, las organizaciones y movimientos presentes y dónde se concentran más estas protestas. Utilizamos una base de datos construida a partir de informes de los medios de comunicación sobre manifestaciones y protestas juveniles entre enero de 2022 y enero de 2024. Observamos que el sudeste fue la región con mayor número de protestas juveniles, la mayoría de ellas relacionadas con la educación. También, destacamos que las reivindicaciones se refieren a políticas específicas, con el Estado como principal actor.*

**PALABRAS CLAVE:** Juventud. Protestas. Movimientos Sociales. Acción colectiva.

**ABSTRACT:** *This article aims to contribute to studies on collective action, youth and social movements, by analyzing the protests and mobilizations employed by youth organized in movements, organizations, political parties, but also the actions carried out by youth not included in these groups. To do this, we used the Protest Event Analysis (PEA) methodology to understand the tactics used, the main demands of these protests, the organizations and movements present and where these protests are most concentrated. We used a database built from media reports on youth demonstrations and protests between January 2022 and January 2024. We found that the southeast was the region with the highest number of youth protests, most of them involving education. We also highlight that the demands are related to specific policies, with the state as the main actor.*

**KEYWORDS:** Youth. Protests. Social movements. Collective action.

## **Introdução**

A partir das mudanças sociais e políticas vivenciadas pela sociedade brasileira nos últimos anos e considerando o surgimento de novas pautas no campo político, as juventudes têm tido um protagonismo nas mobilizações contestatórias em diversas pautas, incluindo questão ambiental, trabalho, educação, direitos humanos e outras. As várias dimensões da ação política das juventudes engajadas em movimentos sociais e organizações se constituem como um vasto campo de análise para compreender como os jovens têm se colocado diante das pautas mais emergentes na sociedade.

No Brasil, a juventude enquanto categoria social ganhou relevância no período de repressão do regime militar por encabeçar mobilizações e resistências à ditadura que ficaram nacionalmente conhecidas. É nesse período que o movimento estudantil se constituiu como grande aglutinador dessas mobilizações, diversificando as pautas para além das questões envolvendo a educação. Com o processo de redemocratização nos anos 80, a categoria continuou as mobilizações e houve, nos anos 90, um aumento significativo de jovens inseridos em sindicatos, associações, movimentos sociais e demais grupos organizados. Mische (1997) denominou esse fenômeno de “militância múltipla”, entendida como a participação simultânea de jovens do movimento estudantil em mais de uma organização, constituindo redes pessoais e organizacionais que moldaram a cultura política juvenil no Brasil.

Ao mesmo tempo em que ocorreu uma chegada visível da juventude nas instituições formais da política no executivo nos anos 2000 (secretarias nacionais, ministérios, conselhos etc.) (Moura; Silva Júnior, Silva, 2021), houve também um protagonismo da juventude nos movimentos sociais, impulsionando as ações coletivas que tinham como objetivo central a demanda por políticas públicas específicas para o jovem. Seja através dos protestos de rua, das ocupações estudantis ou da inserção dos movimentos no aparato estatal, os movimentos sociais de juventude passaram a diversificar seu repertório baseando-se nas transformações sociais, políticas e conjunturais dos últimos anos. Esse fator se relaciona com a ideia de militância multiposicionada (Marques, 2023), entendida como uma reflexividade das ações dos ativistas sobre o funcionamento das instituições a partir de uma visão relacional, ou seja, a possibilidade de os indivíduos se posicionarem em espaços institucionais a partir de contextos e condições estruturais e temporais que possibilitem certa agência.

Ao discutir sobre a ideia da participação no Brasil, Gohn (2019) chama atenção para como a participação tem se materializado em distintos momentos no país e destaca o ativismo jovem nas manifestações de junho de 2013. Aqueles protestos parecem ter ressignificado a participação dos jovens no cenário político do país, ampliando ainda mais a visibilidade da pauta juvenil, além de terem fortalecido

as táticas de ação direta e protestos de rua. Além disso, a difusão territorial e geracional das redes sociais parece ser um fator impulsionador nas novas mobilizações (Gerbaudo, 2021), seja na convocação de protestos ou no reordenamento das táticas utilizadas, possibilitando campanhas e protestos para além dos tradicionais atos de rua.

A onda de protestos realizados pela juventude no início dos anos 2010, a nível global, tem relação com as lutas geracionais em torno da autonomia econômica, social e política (Honwana, 2014). Ainda de acordo com Honwana (2014), os protestos liderados pelos jovens também têm a ver com a marginalização política que a categoria enfrenta, fazendo com que a juventude abandone atos e protestos sociais e políticos individuais e isolados e passe a colocar esforços em ações coletivas de protesto.

Analisando os ciclos de protestos no Brasil, Tatagiba (2014, p. 39) afirma que os protestos de junho de 2013, Diretas Já e Fora Collor, compostos majoritariamente por jovens, revelaram “uma nova configuração entre política institucional e contestatória forjada, por sua vez, no rastro de profundas mudanças nos padrões de interação entre movimentos sociais, Estado e partidos ao longo desses últimos 30 anos”. Ou seja, para Tatagiba (2014), esses protestos contestatórios que ocorreram no Brasil, e suas formas, estão relacionados aos contextos políticos que moldaram a relação dos movimentos com o Estado e com os partidos, apesar de não estarem no mesmo curso de acontecimentos históricos e nem nos mesmos processos de formação.

Os protestos representam a linguagem predominante da participação popular no século 21 e nos últimos quatro anos, principalmente, foi notável uma crescente onda de “protestos massivos”. Essa explosão de protestos em massa foi percebida em diversos países e se tornou o novo normal da participação política (Alvarez, 2022). Mesmo com o período pandêmico e as restrições sociais impostas, o protesto se manteve vivo no campo político, vide os grandes protestos contra a violência policial que se iniciaram nos Estados Unidos da América e desdobraram-se em diversos países, ainda em 2020. O protesto de rua (marcha, passeata, ato) não apenas se manteve durante o contexto de crise sanitária, como perdurou e continua sendo a principal aposta das mobilizações dos movimentos sociais (Alvarez, 2022).

Nesse sentido, a proposta deste artigo é apresentar o panorama dos protestos recentes de juventude no Brasil, bem como ilustrar as táticas e estratégias dessas mobilizações, as principais organizações e movimentos que as têm pautado, as principais demandas e demandados, além de observar, de maneira secundária, a espacialização desses protestos. Na tentativa de contribuir com a agenda de pesquisa que investiga ação coletiva, protestos e juventude no Brasil, nos ancoramos metodologicamente na Análise de Eventos de Protesto (AEP), uma metodologia

quantitativa que busca mapear de maneira sistemática os eventos de protesto com um recorte espacial e temporal e que leva em consideração as mudanças no contexto político que influenciam os padrões de protesto. Apresentaremos de maneira introdutória nosso banco de dados em construção. Para isso, analisamos dois anos de protestos que totalizaram 121 eventos, ocorridos entre janeiro de 2022 e janeiro de 2024.

O artigo está dividido em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, detalharemos os caminhos metodológicos da pesquisa, na segunda, introduziremos o referencial teórico que trata dos estudos sobre protestos e ação coletiva, e na terceira, traremos os achados da pesquisa em diálogo com a literatura atual.

## **Procedimentos metodológicos**

O artigo analisa os protestos realizados pelas juventudes brasileiras, organizadas em movimentos sociais ou não. Para dar conta desse objetivo, utilizamos como metodologia a Análise de Eventos de Protesto (AEP). A AEP é um método que permite aos pesquisadores mapear de forma sistemática, no recorte espaço-tempo, a ocorrência de protestos, possibilitando a compreensão das dinâmicas mais amplas das ações coletivas. Desenvolvida no seio da abordagem do Confronto Político (Mcadam; Tarrow; Tilly, 2009), a metodologia de AEP teve início nos anos de 1960, sendo desenvolvida em quatro gerações de estudos que aperfeiçoaram teórica e empiricamente o método (Hutter, 2014).

Para Hutter (2014), a AEP é um tipo quantitativo de análise de conteúdo que transforma palavras em números e foi concebida no bojo da teoria do processo político. A AEP permite mapear as ocorrências e as características dos protestos, levando em consideração a questão geográfica (do nível local ao multinacional), as demandas e os movimentos, além do fator temporal (Hutter, 2014).

No Brasil, um maior número de pesquisas que utilizam essa metodologia surgiu a partir dos anos 2000 (Silva; Araújo; Pereira, 2016). A AEP tem ganhado espaço no campo de estudos de movimentos sociais, pois permite a elaboração de catálogos de eventos de protestos com base em variáveis relacionadas às determinadas pesquisas que a utilizam. Para essa metodologia, um evento de protesto é caracterizado pela participação de duas ou mais pessoas em ações disruptivas, necessita ter uma demanda específica ou um alvo a quem é dirigido o protesto e é contabilizado a partir da sua convocação.

O preenchimento do banco de dados que subsidia este trabalho se deu através de notícias de sites de jornais e revistas captados pela ferramenta Google Alerta, utilizando as seguintes palavras chaves: i) *movimentos sociais juventude*; ii) *protesto*

juventude; iii) protesto jovens; iv) mobilização jovens. Essa escolha metodológica, de captar notícias de diversos jornais e sites e não apenas um jornal em específico, se deu a partir da necessidade de superar um dos obstáculos da metodologia empregada, que é a seletividade e tendenciosidade das fontes de um ou alguns meios de comunicação (Hutter, 2014).

Ao ampliar a captação das notícias para uma ampla gama de portais e sites, incluindo jornais locais, a pesquisa busca superar a problemática do viés editorial e regional, apontada também por Tatagiba e Galvão (2019), ao captar notícias produzidas em vários formatos de jornais (grande circulação, jornais regionais/locais, grandes veículos da mídia tradicional, jornais amadores etc.) e em várias localidades no país.

As notícias identificadas estão sistematizadas no banco de dados utilizando as seguintes variáveis: i) manchete (título da notícia), ii) data da ação (covariantes: ano e mês), iii) localidade (covariantes: região, estado e município), iv) tipo de protesto, v) temática, vi) demandantes, vii) demandados, viii) fonte e ix) link de acesso. Atualmente, o banco (ainda em construção) conta com matérias veiculadas desde dezembro de 2021. Essas matérias relacionam-se com as ações promovidas pela juventude organizada de alguma maneira, seja em movimentos sociais ou organizações, ou em mobilizações sem menção de movimentos.

Na variável “demandante” foram identificados os seguintes grupos sociais: movimento juvenil, movimento estudantil, juventude indígena, juventude rural, juventude partidária, juventude ambientalista, movimento sindical, movimento negro, juventude quilombola e juventude palestina. Cabe destacar algumas considerações acerca das categorias dos atores envolvidos nos protestos (demandantes): entendemos por “movimento juvenil” aquelas organizações, movimentos e coletivos de jovens com prévia organicidade ao evento de protesto realizado e que contenham pautas gerais, como por exemplo, o Levante Popular da Juventude. Aqueles eventos de protesto que não tiveram um movimento mediador ou organizador noticiados foram categorizados como “sem presença de movimentos” (SPM).

Na variável “tipo de protesto”, as categorias estabelecidas foram: marcha/ato, pichação, bloqueio de vias, acampamento, ocupação, abaixo assinado, protesto verbal, roletaço, ações de solidariedade, protesto visual, campanha on-line, nota de repúdio, vigília e greve/paralisação.

Foram selecionadas apenas notícias que tivessem a juventude como central, seja na convocação do protesto, na organização ou nos atores demandantes. Deixaram de serem captadas as notícias repetidas, notícias de portais e sites pagos e notícias que não possuíam informações detalhadas sobre o evento de protesto. Para o artigo em questão, foram analisados 121 eventos de protesto, compreendendo o período de janeiro de 2022 a janeiro de 2024.



## **Ações coletivas e repertórios de confronto**

Entendemos a ação coletiva de confronto como sendo o resultado de pessoas comuns que se organizam coletivamente e com seus próprios meios tencionam as instituições políticas (Tarrow, 2009). Ao compreenderem o conflito enquanto principal mediador da ação coletiva, os autores da teoria do confronto político (Mcadam; Tarrow; Tilly, 2009) consideraram as estruturas de oportunidades políticas, mudanças de governo, processos políticos estruturais e atuação de partidos políticos como centrais na ação coletiva de confronto.

Os autores dessa abordagem compreenderam que o repertório da ação coletiva é um dos elementos centrais para se entender as formas e as dinâmicas que envolvem a mobilização. O repertório é um aprendizado social construído através de memórias, relações sociais e significados, mas possuem também caráter histórico, ou seja, é fruto de um resultado político e de um acúmulo do próprio movimento (Mcadam; Tarrow; Tilly, 2009). O repertório, portanto, seria constituído de um número limitado de ações historicamente estabelecidas no campo político.

De acordo com essa teoria, o confronto político é “maior” que movimentos sociais pois tem relação direta com o Estado. De uma maneira geral, os principais autores da TCP entendem que os movimentos sociais são apenas uma forma de ação coletiva, e depositam seus esforços nos estudos acerca do confronto político por entenderem que o confronto é o modo de ação coletiva que provocaria mudanças substanciais no campo político por, através de ações “contenciosas”, alterar os sistemas políticos ou influenciar os sistemas de governo/Estado.

A partir da experiência da revolução francesa, Charles Tilly (2006) busca criar uma síntese histórica do confronto político, focando mais nas causas das ações coletivas. Nesse sentido, essa teoria buscou colocar no centro do debate a importância na causalidade das mobilizações, destacando a centralidade dos mecanismos e dos processos como pilares das mobilizações. Os mecanismos são constituídos de: a) mediadores, que são agentes externos como partidos políticos, sindicatos, intelectuais etc.; b) certificação, que garante que a mediação é autêntica, como, por exemplo, os estudos científicos; c) difusão, entendida como a difusão das pautas; e por fim, d) coalizões, que são os agrupamentos de atores, podendo ser institucionais ou não institucionais.

Em relação aos processos, esses seriam a formação de atores agentes, ou seja, a saída da escala individual e a mudança de nível para o coletivo. Os movimentos sociais seriam constituídos de atores que desafiam o sistema político, indivíduos que se agrupam em torno de uma perspectiva desafiante, pois são *outsiders* ao sistema político formal. Para Tatagiba (2014) a abordagem estruturalista dessa teoria requer uma análise minuciosa que considere a relação entre os diversos atores que

compõem o campo da política contenciosa inseridos em contextos permeados de oportunidades e ameaças à ação coletiva.

Teixeira (2018) faz uma análise de duas lentes analíticas para se estudar os movimentos sociais: ação coletiva e ações de reprodução social. A ação coletiva pode ser compreendida como as maneiras pelas quais os movimentos agem de maneira pública a fim de expressar suas reivindicações e alcançar seus objetivos. Exemplos dessas formas de ação coletiva podem ser: marchas, passeatas, greves, participação institucional e outras. Já as ações de reprodução social, para o autor, são as atividades e ações que constroem condições para a realização das ações coletivas e para a própria existência e consolidação dos movimentos sociais no campo político.

Dentro do campo da ação coletiva, Alvarez (2022), por sua vez, entende o protesto não apenas como uma tática ou repertório dos movimentos sociais, como postulou a TCP, e defende a necessidade de uma maior atenção teórica em torno dos protestos e principalmente das particularidades que os permeiam, como, por exemplo as práticas e discursos.

Protesto é, então, muito mais do que um repertório, mais que uma resposta espontânea à crise ou à abertura de oportunidades políticas. O protesto encena poder, interrompe processos, renova a política e o político, e, nas palavras da teórica feminista Barbara Cruikshank, o protesto faz a história – e não só a história faz o protesto. Por tudo isso, acredito que o protesto em si, não subsumido no estudo dos movimentos sociais, certamente merece mais atenção analítica e elaboração teórica do que lhe têm sido concedidas até hoje (Alvarez, 2022, p. 114).

Alvarez (2014) entende o movimento social como processo inserido num campo interseccional diverso e heterogêneo, marcado principalmente pelo conjunto diverso de atores, individuais ou coletivos e chama atenção para as performances e sentimentos, principalmente o de pertencimento, nos movimentos sociais (Alvarez, 2022). Para a autora, o campo discursivo é uma dimensão linguística das performances. Essa dimensão discursiva se conforma em discursos compartilhados e discursos disputados que revelam as assimetrias e relações de poder presentes nos movimentos.

Ao afirmar que as pessoas não são só ideias, são interesses (Latour *et al.*, 2018) Bruno Latour nos instiga a analisar mais o “como e o quê” os movimentos fazem e menos o “porquê”. Nesse sentido, pode-se entender o movimento social como produção de efeitos e associações que fornecem a razão, ou o meio, para a existência da mobilização, ou seja, estrutura as pessoas para a luta as inserindo na arena política.

Ao discutirem sobre as táticas e repertórios dos movimentos, Pereira e Silva (2020) afirmam que os ativistas constroem suas identidades a partir das suas trajetórias de vida e do próprio movimento, mas também a partir das táticas utilizadas. Assim, entendemos que as táticas, carregadas de sentidos, emoções e subjetividades, constituem elemento central na organização tática dos movimentos e dos protestos, mas também aglutinam novos e sustentam antigos apoiadores.

Ao analisar os eventos de protesto da juventude africana, Honwana (2014, p. 406) defende a necessidade de as ciências sociais prestarem mais atenção “aos silêncios das lutas diárias dos jovens fora dos canais políticos formais”. No caso brasileiro, se torna fundamental também captar os protestos além do fator não institucional, que fogem à regra das conhecidas e consolidadas formas de protestos, como as marchas e passeatas. No nosso banco, por exemplo, categorizamos alguns protestos como “protestos visuais” e “protestos verbais”, que não seguiam uma tática muito difundida nas mobilizações, mas que compreendiam ações coletivas de protesto. Analisar essa diversidade de táticas e tipos de protesto ao mesmo tempo em que se faz fundamental, representa um desafio.

Os estudos sobre ação coletiva no Brasil buscaram, a partir de alguns conceitos, analisar esse processo e seus desdobramentos analíticos. O termo “ativismo” não possuía uma presença significativa na literatura até recentemente e está relacionado a uma ação em determinada causa, substituindo o anterior e comumente utilizado termo “militância”. O “engajamento militante” pode ser compreendido como toda forma de participação durável em ação coletiva em prol de uma causa. Porém, ativismo, militância e engajamento representam o mesmo fenômeno: a participação na promoção de uma causa (Silva, 2022)<sup>1</sup>.

Assim, a militância da juventude traz novas pautas ao debate político contemporâneo e provoca novos olhares sobre as possibilidades de inovações nos repertórios e táticas, especialmente trazendo aspectos culturais e simbólicos em suas performances. Na próxima seção apresentaremos essas mobilizações e suas características.

## **Os recentes protestos das juventudes no Brasil**

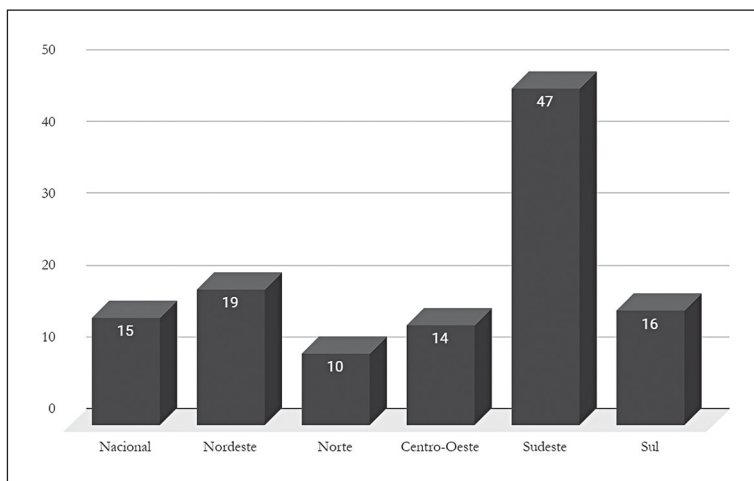
Analisando os protestos do nosso banco de dados, para fins deste artigo, catalogamos 121 eventos de protesto no período de janeiro de 2022 a janeiro de 2024. Em 2022 foram registrados 58 protestos, em 2023 59 protestos e no primeiro mês de 2024 captamos 4 protestos. Esses 121 eventos, quando espacializados, nos

---

<sup>1</sup> Discussão realizada por Marcelo Kunrath Silva na mesa redonda “Ativismos e protestos hoje” no V Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas, realizada dia 24 de abril de 2022.

ilustram a predominância da região sudeste, totalizando 47 protestos. Em seguida vem a região nordeste, com 19, sul com 16, centro-oeste com 14, e por fim, a região Norte apresentou 10 protestos. Os eventos de protestos que ocorreram em mais de uma cidade e ou/estado foram categorizados como protestos “nacionais” e somaram 15 no referido período.

**Gráfico 1** – Quantidade de protestos por região



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Na região sudeste, o estado de São Paulo realizou 24 protestos, Minas Gerais 14, Rio de Janeiro 13 e Espírito Santo 4. Um desses protestos ocorreu em Poços de Caldas-MG em fevereiro de 2022, com o seguinte título da matéria: “Protesto contra o preço da passagem de ônibus acontece nesta terça” (Negrini, 2022), onde a tática empregada foi a marcha/ato.

Já no caso da região nordeste, observou-se a realização de protestos em 8 dos 9 estados, ausentando-se desta lista o estado da Paraíba. O estado que mais promoveu protestos foi a Bahia, com 6, seguido de Ceará com 4, Rio Grande do Norte 3, Piauí 2 e Alagoas, Maranhão, Pernambuco e Sergipe com 1. Um dos protestos do nordeste teve como manchete: “Estudantes de escola fazem protesto afirmando que jovens foram vítimas de assédio por professores, em Fortaleza” (G1, 2022) e ocorreu em março de 2022 em Fortaleza-CE, através de marcha/ato.

O centro-oeste teve 7 protestos no Distrito Federal, 4 em Mato Grosso do Sul e 3 em no Mato Grosso. Nessa região a predominância de protestos realizados no Distrito Federal, se deve ao fato de ser onde está localizada a capital federal, mas o número de manifestações não é tão acima dos demais estados da região como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em Cuiabá-MT, houve protesto em forma

de ocupação em março de 2023: “Estudantes ocupam guarita na UFMT exigindo recomposição orçamentária” (Pistori; Rafael, 2023).

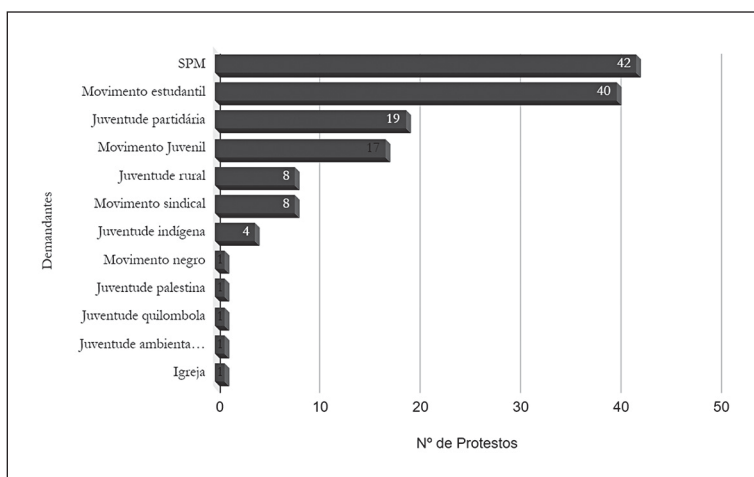
Na região sul, o Paraná foi o estado com mais protestos: 7, seguido do Rio Grande do Sul com 6 e Santa Catarina, ambos com 4. Um dos protestos teve como tática a pichação em uma praça pública em Jaraguá do Sul-SC, em abril de 2022. Trata-se de uma forma de manifestação bem utilizada pela juventude para demonstrar repúdio à determinada causa ou buscar explicitar pela arte, suas demandas e suas indignações.

No norte, os números foram: Pará 4, Tocantins 2 e Amazonas 2. Em Belém-PA, estudantes utilizaram o bloqueio de vias como tática de protesto a fim de reivindicar a situação da infraestrutura da escola, em maio de 2023: “Protesto em Belém: estudantes de escola pública fecham trecho da avenida Almirante Barroso” (O Liberal, 2023). O bloqueio de vias públicas é uma tática bastante utilizada por diversos movimentos sociais porque possibilita a visibilidade perante a sociedade e poder público. Neste sentido, os movimentos de juventude também se apropriam dessa estratégia para colocar suas demandas.

## **Atores envolvidos**

Nesta subseção analisaremos todos os atores envolvidos nos protestos: os demandantes, os demandados e as organizações/movimentos que mais atuaram nos dois anos de protestos catalogados.

**Gráfico 2** – Quantidade de protestos por demandantes



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

O gráfico revela uma novidade: a maioria dos protestos nesse período foi categorizada como SPM. Entretanto, cabe destacar que como trabalhamos com fontes de jornais, a não identificação de um movimento social no texto da matéria não necessariamente significa que não houve um movimento mediador, ainda assim, chama a atenção o alto número de protestos nessa categoria.

Pudemos observar ainda que grande parte desses protestos sem presença de movimentos foi realizada em escolas. Por exemplo, na notícia intitulada “Estudantes de escola fazem protesto afirmando que jovens foram vítimas de assédio por professores, em Fortaleza” (G1, 2022), de acordo com a matéria, não houve presença de movimentos estudantis organizados, apenas a mobilização de estudantes da escola. De maneira geral, esses protestos ocorreram a partir de uma demanda ou pauta específica, como os casos de assédio nas escolas, questões pontuais de infraestrutura e episódios locais, não se estendendo, necessariamente, em outras mobilizações.

Das notícias de protestos que citavam organizações de juventude, o movimento estudantil foi o maior mobilizador com 40 protestos, convocados por grupos minimamente organizados previamente ao protesto, como Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs), centros acadêmicos e grêmios estudantis. Em “movimento juvenil” classificamos os 14 protestos que tinham como principais demandantes os grupos e organizações de juventude com pautas abrangentes, como, por exemplo, o Levante Popular da Juventude.

A teoria da ação coletiva imprime o desafio analítico de pensar o ativismo que se constrói por fora do mundo associativo/organizações, mas se coloca com conexão com atores que conformam essas redes de movimento. Nesse sentido, se faz importante considerar também os protestos “espontâneos”, realizados, possivelmente, por atores não inseridos nas lógicas de movimentos sociais, partidos e organizações. Na maioria dos casos dos protestos SPM, foram eventos impulsionados pela conjuntura ou questões emergentes e pontuais, como na notícia intitulada “Em protesto, moradores do Residencial Dr. Humberto reivindicam regularização do transporte escolar para os estudantes da rede municipal” (RedeGN, 2023), onde a convocação e os participantes do protesto eram jovens que reivindicavam melhorias no transporte escolar sem organizações mediadoras noticiadas.

Podemos enxergar os movimentos juvenis, marcados pela predominância das pautas em torno da educação e/ou de políticas públicas com o recorte etário, mas com inserção nas mais diversas lutas sociais: território, mobilidade, rural, racial etc., corroborando com a ideia de uma militância multiposicionada (Marques, 2023). Por isso, as redes que os movimentos de juventude teceram durante os últimos anos englobam outras organizações: sindicatos de professores, movimentos urbanos (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, Movimento de Luta nos Bairros e outros) e movimentos raciais, como visto no nosso banco de dados, onde, por diversas vezes,

o mesmo protesto foi convocado por algum movimento de juventude em conjunto com algum outro movimento supracitado.

Offe (1996) se dedicou a compreender o objetivo das mobilizações à época, considerando as negociações e as formas de ação coletiva: greves, passeatas etc., trazendo para o debate os diversos espaços onde a política é feita, inclusive os espaços não-institucionais, como os partidos políticos e sindicatos. Nos 19 protestos de “juventude partidária” estão aqueles organizados pelos coletivos ou movimentos ligados aos partidos políticos, como por exemplo: Juventude do PT<sup>2</sup> e o Juntos (ligado ao PSOL<sup>3</sup>).

Na tabela abaixo, elencamos todas as organizações que tiveram mais de um protesto contabilizado. A presença massiva de uma diversidade de movimentos (juvenis, partidários, estudantis) com espectro mais à esquerda não é novidade para os protestos da juventude, mas chama atenção a ausência de movimentos que possuem um espectro mais à direita que surgiram e ganharam força nos últimos tempos.

**Tabela 1** – Organizações e movimentos presentes nos protestos

Organização	Nº de Protestos	Tipo de movimento
Centro Acadêmico	6	Estudantil
Diretório Central dos Estudantes	13	Estudantil
Friday For Future Brasil	2	Socioambiental
Grêmio Estudantil	2	Estudantil
Juntos	5	Partidário (PSOL)
Levante Popular da Juventude	9	Popular
Movimento Correnteza	3	Partidário (PCR)
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	6	Rural
Movimento Luta de Classes	2	Sindical
Movimento Tarifa Zero	2	Mobilidade urbana
União Brasileira dos Estudantes Secundaristas	4	Estudantil
União da Juventude Comunista	5	Partidário (PCB)
União da Juventude Rebelião	7	Partidário (PCR)
União da Juventude Socialista	8	Partidário (PCdoB)
União Nacional dos Estudantes	2	Estudantil
Unidade Popular pelo Socialismo	4	Partidário (UP)

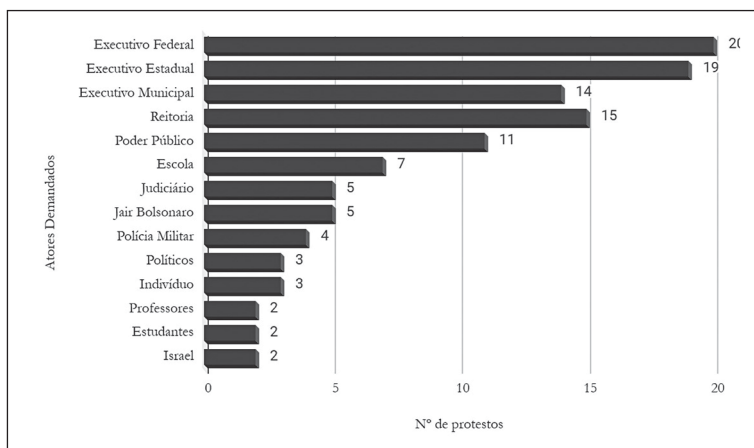
**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

<sup>2</sup> Partido dos Trabalhadores.

<sup>3</sup> Partido Socialismo e Liberdade.

O gráfico abaixo ilustra os demandados, ou seja, aqueles atores e instituições aos quais os protestos foram direcionados, que apareceram duas ou mais vezes. Outros demandados<sup>4</sup> foram alvo em apenas um protesto. Separamos “Jair Bolsonaro” da categoria “Executivo Federal” no ano de 2022 naquelas notícias onde o protesto foi direcionado diretamente à figura do ex-presidente. Na categoria “poder público” agrupamos os protestos onde não estava especificado qual o ente federativo a reivindicação se dirigia, como por exemplo na notícia: “Jovens brasileiros convocam para Greve Global pelo Clima”.

**Gráfico 3 – Atores Demandados**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Observa-se que a grande parte dos protestos foi direcionada às gestões executivas federal, estaduais e municipais, incluindo nessas categorias as diversas secretarias estaduais e municipais e os ministérios.

## Principais demandas

A ação coletiva nos movimentos sociais pode ser compreendida enquanto processo de construção de pautas, mobilização e repertórios, marcado por tensões, heterogeneidade e disputas, pois as experiências dos indivíduos não são as mesmas. Analisando como os problemas e demandas ganham força no campo político e qual é o papel dos movimentos nesse processo, Cefaï (2009) destaca a questão cultural

<sup>4</sup> Governo espanhol, Guarda Municipal, órgãos internacionais, professores, estudantes e câmara municipal.



como elemento fundamental da mobilização, entendendo-a como um conjunto de fatores que auxiliam na constituição do movimento e na consolidação das demandas na arena política. É necessário considerar os movimentos enquanto processos e construção da própria demanda, não sendo apenas reflexos dos problemas, são fatores paralelos, ou seja, as questões às quais os movimentos se organizam só existem, ou só se mantêm em disputa, pois existem os movimentos.

Em relação às pautas dos protestos de juventude, Honwana (2014) defende que os jovens estão mais unidos e organizados em prol daquilo que eles não querem do que pelas questões que os aspiram. Desse modo, os jovens enfrentam o desafio de criar ou ampliar os espaços de participação e de socialização que os permitam fazer parte da construção política e de governança. Seguindo essa lógica, nosso estudo captou notícias onde existiam ações de protesto, porém sem um alvo em específico (categorias: poder público, políticos etc.), mas com pautas bastante definidas.

Na tabela abaixo, evidenciamos as principais demandas pelas quais os protestos de juventude ocorreram nos últimos períodos. Outras demandas<sup>5</sup> apareceram em apenas um protesto.

**Tabela 2** – Temática das demandas dos protestos

Temática	Nº de Protestos
Educação	32
Assistência estudantil	20
Mobilidade	17
Conjuntura política	11
Mortalidade juvenil	11
Território	7
Democracia	6
Racismo	5
Trabalho e renda	5
Violência policial	4
Assédio sexual	3
Eleições	3
Esporte e Lazer	3
Mudanças climáticas	3
Segurança	3

<sup>5</sup> Agrotóxicos, *bullying*, corrupção, cultura, direitos da juventude, exploração de petróleo, descriminalização das drogas, negacionismo e violência nas escolas.

<b>Temática</b>	<b>Nº de Protestos</b>
Assédio moral	2
Meio ambiente	2
LGBTfobia	2
Reforma agrária	2
Sucessão rural	2

**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Scalon (2013) destaca que o catalisador dos protestos que se espalharam pelo Brasil em 2013 foi o aumento da tarifa de transporte urbano e coletivo. A mobilidade urbana, que pode ser compreendida como a ocupação dos espaços da cidade, representou a maioria das reivindicações em 2013, relacionando-se com a realização dos megaeventos (Copa das Confederações e Copa do Mundo de Futebol) e seus desdobramentos. No nosso banco, categorizamos os protestos que possuem como fator central a ocupação da cidade, reivindicações em prol do transporte público etc. como “mobilidade”.

Apesar do grande protagonismo da mobilidade urbana nos protestos de 2013 e 2014, notamos que a demanda, apesar de ter representação significativa nas mobilizações, perdeu espaço para questões como educação e assistência estudantil. Chama ainda mais atenção o fato de que o tema “corrupção”, um dos principais motivos dos protestos da juventude, a nível nacional, entre 2013-2015, só apareceu em 1 protesto, onde estudantes denunciavam um caso de corrupção interna em uma instituição de ensino.

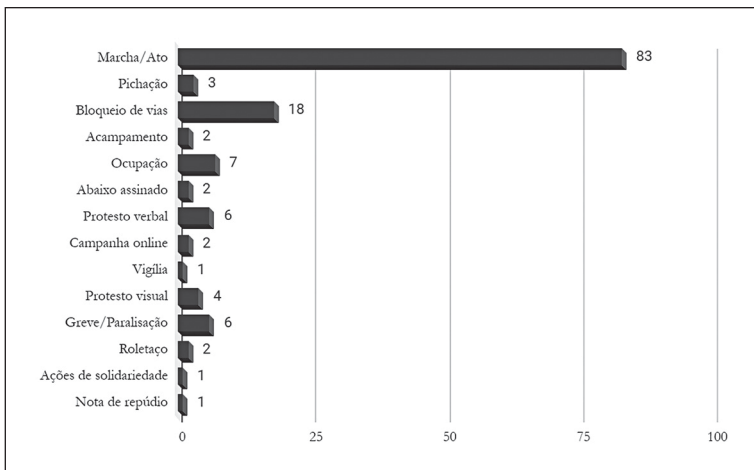
O grande número de protestos envolvendo a educação e assistência estudantil (52), pode ser lido como resultado da insatisfação de estudantes e profissionais da educação frente à política de desmonte, principalmente nas universidades públicas, durante o governo Bolsonaro. Para além dos protestos em 2022, os desdobramentos desses desmontes reverberam em um número significativo de protestos ainda no início do ano de 2023. Foram captados protestos contra os cortes na educação por parte do governo federal em todas as regiões do país.

## **Táticas utilizadas**

Como táticas entendemos aqui os tipos de protestos. Os repertórios de confronto representam um conjunto limitado de táticas utilizadas historicamente, mobilizado nos confrontos atravessado pelas conjunturas e contextos políticos (Tilly, 2006). Corroborando com a já apresentada ideia de Pereira e Silva (2020) acerca

da importância das táticas nos estudos de protestos e movimentos sociais, nesta subseção analisaremos os meios empregados para colocar em prática os protestos captados. No gráfico abaixo apresentamos o quantitativo de cada tática/tipo de protesto.

**Gráfico 4 – Tipos de protesto**



**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

A predominância da categoria “marcha/ato” não é novidade, as grandes marchas possuem longo histórico na cena dos protestos no Brasil e no mundo e foram fortalecidas enquanto tática nos protestos de juventude a partir de junho de 2013. Agrupamos nesta mesma categoria: passeatas, caminhadas, atos parados, e protestos que combinaram as duas coisas: início com marcha e finalização com atos parados. Os bloqueios de vias também tiveram presença significativa nos protestos.

Fica evidente que os protestos contemporâneos optaram pela manutenção de antigas táticas ao empregarem as já conhecidas marchas, atos e bloqueios de vias como principais formas de protesto. Entretanto, novas formas de protestos, ou formas não tradicionais, surgiram, mesmo que em menor medida, corroborando com a ideia de modulação de repertório (Tarrow, 2009).

Alvarez (2022) afirma que as performances de protesto ultimamente têm se desdobrado para as redes sociais, imbricando o on-line e o off-line num novo reordenamento não apenas da convocação (virtual) dos protestos, mas de sua continuação nas redes, de maneira virtual, reverberando as pautas e prolongando as mobilizações. Um fator que chamou a atenção foi o papel fundamental das ferramentas digitais (internet, redes sociais etc.) nos protestos catalogados. Para além de alguns tipos de protestos online que captamos (abaixo assinado, campanha on-line, divulgação de

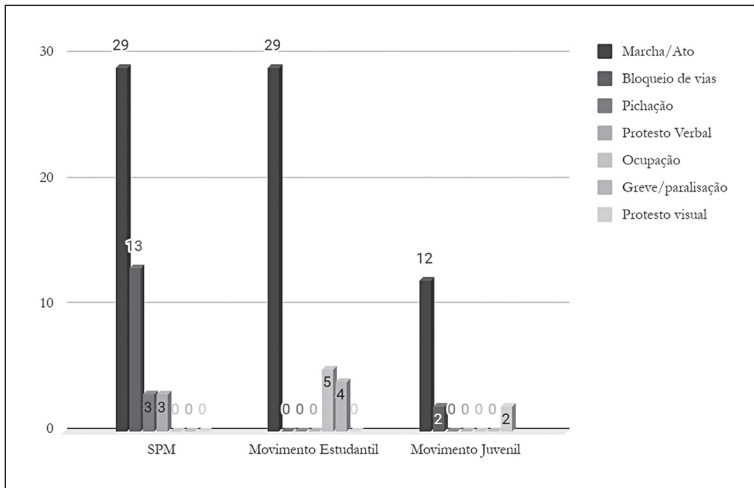
notas de repúdio etc.), o on-line teve papel importante nos protestos off-line, nos três momentos: no início, através de convocações via redes sociais, durante, através do registro de fotos, vídeos, questões organizacionais e transmissões ao vivo, e ao final, na divulgação e difusão do protesto/pauta. Para Simões e Campos (2016), a utilização de mídias digitais tem sido fundamental para divulgar as reivindicações, organizar os protestos e contribuir ainda para o surgimento de novas práticas informais de ação política.

O virtual, nesse sentido, tem a capacidade de expandir o espaço público ao possibilitar um espaço que transcende as instituições formais e cria relações e redes ao difundir informações e construir identificações (Reguillo, 2017). Em relação aos protestos, as estratégias comunicativas nas redes sociais possuem um altíssimo grau de circulação e ajudam a divulgar e estimular protestos, a partir, por exemplo, da circulação de imagens (Reguillo, 2017).

Ao analisarem o papel dos meios digitais nos ciclos de protestos de juventude em Portugal e como os movimentos e ativistas utilizam as redes, Simões e Campos (2016) compreendem que o espaço do protesto não pode deixar de ser pensado como um espaço híbrido, com a internet e as ruas atuando de maneira interligada e por isso se torna impossível pensar as formas de mobilização atuais sem destacar o uso das ferramentas digitais. Perspectivas otimistas tendem a compreender o uso das redes enquanto um potencializador da democracia e emancipador da ação juvenil, enquanto perspectivas críticas tendem a questionar se o uso da internet gera mais participação ou não (Simões; Campos, 2016). Porém, para esses autores, essa polarização deixa escapar o fato de que as tecnologias digitais cumprem os dois papéis, ora criam canais e espaços alternativos de participação, ora produzem discursos depreciativos em relação aos protestos e ação coletiva.

No gráfico a seguir, cruzamos os dados referentes aos demandantes e os principais tipos de protesto:

**Gráfico 5 – Principais demandantes e tipos de protesto**



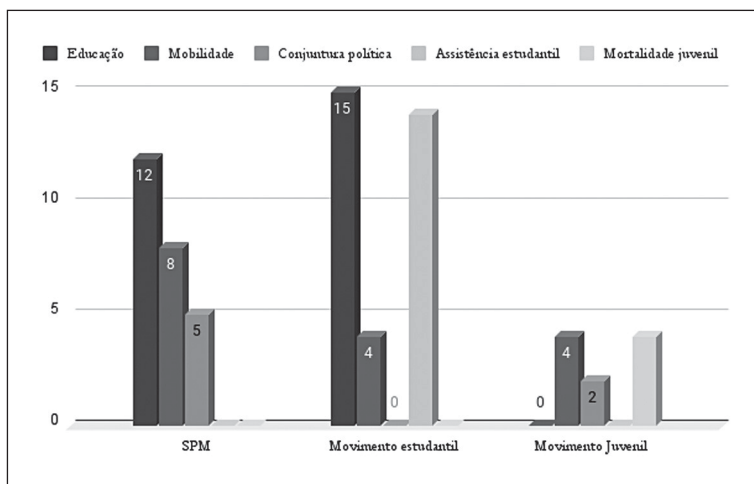
**Fonte:** Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Nos três grupos que mais realizaram protestos, a marcha/ato foi o tipo de protesto mais empregado. Porém, outros chamam atenção: os protestos SPM incluíram bem mais a tática de bloqueio de vias do que qualquer outro grupo; esse tipo de protesto é comumente empregado por mobilizações de moradores e familiares, ou seja, outros grupos que, na sua maioria, também não possuem presença de movimentos organizados. No movimento estudantil, a tática de ocupação aparece em alguns protestos. Por se tratar de movimentos organizados, a experiência que essas organizações possuem possibilita que elas empreguem outros tipos de protesto para além das marchas e atos que requerem certa organicidade, como por exemplo, as ocupações de reitorias, que demandam, minimamente, questões de estrutura e logística.

Na assistência estudantil, a tática de roletaço, relacionada a questões de alimentação nos restaurantes universitários, teve maior presença do que o mais tradicional bloqueio de vias.

No gráfico a seguir, cruzamos os dados referentes aos principais demandantes e as temáticas que eles mais protestam.

Gráfico 6 – Principais demandantes por temáticas

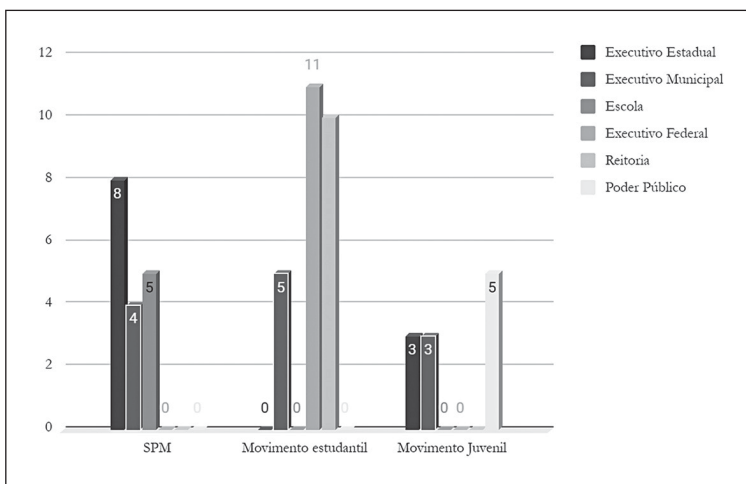


Fonte: Elaboração própria com base no banco de dados da pesquisa, 2024.

Os protestos por educação representam a grande maioria, tanto nos jovens organizados em movimento, como o estudantil, como nos jovens que não fazem parte de organizações. Por sua vez, o movimento juvenil tem se dedicado a reivindicar questões como mobilidade, através dos movimentos: Movimento Passe Livre e Levante Popular da Juventude, além de protestarem contra a mortalidade juvenil e a violência policial.

Em relação a quem esses três grupos dirigem seus protestos, o gráfico abaixo mostra que os SPM têm reivindicado suas demandas, principalmente ao executivo estadual, com destaque para as secretarias estaduais de educação, além do executivo municipal e escolas (coordenação, direção e professores). O movimento estudantil, por sua vez, tem protestado principalmente contra o executivo federal, seguido de reitorias e escolas. Os movimentos juvenis mais amplos dedicam suas mobilizações ao poder público de maneira geral, e em específico os governos estaduais e municipais.

**Gráfico 7 – Principais demandantes e principais demandados**



**Fonte:** Elaboração própria com base no banco de dados da pesquisa, 2024.

Nesta seção, buscamos apresentar de maneira geral os primeiros dados obtidos pelo nosso banco de dados, de maneira a ilustrar como os jovens, dentro e fora de movimentos, estão empregando seus protestos à medida que captamos as demandas, os demandados, os atores envolvidos, as táticas utilizadas e espacialidade das mobilizações.

## **Considerações finais**

Este artigo teve como propósito apresentar um panorama dos protestos recentes das juventudes no Brasil, bem como ilustrar as táticas e estratégias dessas mobilizações, as principais organizações e movimentos que as têm pautado, as principais demandas e demandados, além de observar, de maneira secundária, a espacialização desses protestos. Nesse sentido, o panorama inicial que apresentamos acerca dos protestos nos revela a heterogeneidade das reivindicações que surgem a partir da mobilização dos jovens. Esses múltiplos atores envolvidos (tipos diversos de movimentos, atores demandantes, atores demandados etc.) mostram que as juventudes têm expandido não só as redes de cooperação, mas também os tipos de lutas sociais que empregam no campo político.

Percebemos que a educação e assistência estudantil possuem centralidade e protagonismo nas mobilizações recentes, resultado da agenda de governo que instituiu um desmonte sistemático na política de assistência estudantil e de investimentos na educação nos últimos anos, nas gestões de Michel Temer e Jair Bolsonaro.

Por outro lado, o tema da corrupção, que foi bastante acionado nas mobilizações no Brasil e em outros países da América Latina entre 2013 e 2015, desapareceu da agenda nos protestos mais recentes. Cabe, portanto, dar continuidade na análise das mobilizações em torno dessas pautas observando a alteração no contexto político brasileiro e seu impacto na manutenção, aumento ou diminuição dessas reivindicações.

Ficou evidente que os jovens estão se mobilizando, ampliando as pautas das reivindicações e mantendo as antigas táticas de protesto, como os atos e marchas. Mas, ao mesmo tempo, também imprimem novos elementos e táticas nos protestos, reformulando e ressignificando antigas formas de protestar.

Um dos ganhos analíticos da pesquisa foi destacar o grande número de protestos realizados por jovens sem organização, ou sem movimentos identificados nas reportagens, sejam eles novos ou tradicionais, contribuindo para pensarmos novas questões na dimensão política da cultura juvenil no Brasil. É sabido que grandes protestos na história do Brasil mobilizaram jovens não-ativistas em pautas da conjuntura política-institucional, mas em protestos menores e mais setORIZADOS, o dado aqui achado pode representar uma tendência para os próximos períodos? Quais os impactos das redes sociais nessa pujança de mobilização em jovens não-ativistas?

Destacamos alguns pontos que valem esforços de investigações futuras: o primeiro deles é considerar o fator conjuntural nos protestos de juventude, ou seja, trabalhar com a ideia de que os jovens se reúnem e se mobilizam mais pelo que não gostam ou não concordam do que por aquilo que os instiga. Outro ponto é a necessidade de colocar outros radares para captar como a juventude de direita está protestando nesse período e como os jornais e sites de notícias denominam esses grupos. Um terceiro ponto é pensar a hibridez dos protestos ao invés de analisá-los apenas como presenciais e on-line, entendendo que a parte digital está cada vez mais intrínseca nas mobilizações, pelo menos em alguma de suas etapas (convocação, organização, realização e publicização). Um quarto e último ponto é considerar e entender como lidamos com a hermenêutica: o que nós, pesquisadores, decidimos investigar, o que os jornais decidem publicar e quem é esse ator social e político denominado “jovem”.

Como possibilidade de futuras investigações, a metodologia em questão nos permite ampliar as análises levando em consideração a divisão geográfica dos protestos, o surgimento de novas demandas e atores envolvidos, e em longo prazo, incluir o fator temporal no cruzamento dos dados obtidos. Nosso estudo buscou, portanto, contribuir com a agenda de pesquisa em torno da ação coletiva da juventude enquanto categoria social e da análise de eventos de protesto. Dar continuidade à análise das mobilizações dos jovens por fora dos movimentos e dos partidos políticos representa mais um desafio futuro para a pesquisa.



## Agradecimentos

Agradecemos a Marcelo de Souza Marques pela atenta leitura e pelos comentários no 21º Congresso Brasileiro de Sociologia e aos colegas do Grupo de *Estudios de Políticas y Juventudes do Instituto de Investigaciones Gino Germani (UBA)* pelas contribuições em versão preliminar deste artigo.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia. Protesto: provocações teóricas a partir dos Feminismos. **Polis: Revista Latinoamericana**, Santiago, v. 21, n. 61, p. 98-117, jan. 2022.

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, v. 43, p. 13- 56, 2014.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 2., n. 4, p. 11-48, 2009.

G1. Professores são afastados após denúncias de assédio em escolas públicas no Ceará. Publicado em 24 de março de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/03/24/professores-sao-afastados-apos-denuncias-de-assedio-em-escolas-publicas-no-ceara.ghtml>. Acessado em: 30 set. 2024.

GERBAUDO, Paolo. **Redes e ruas: mídias sociais e ativismo contemporâneo**. São Paulo: Funilária, 1 ed., 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós junho de 2013**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

HONWANA, Alcinda. Juventude, waithood e protestos sociais em África. *In*: BRITO, Luís de; CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno; CHICHAVA Sérgio; FORQUILHA, Salvador; FRANCISCO, António (Orgs). **Desafios para Moçambique**, Maputo: IESE, 2014. p. 399-412. Disponível em: <https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2014/IESE-Desafios2014.pdf>. Acessado em: 30 set. 2024.

HUTTER, Swen. Protest Event Analysis and Its Offspring. *In*: DELLA PORTA, Donatella (ed.). **Methodological Practices in Social Movement Research**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, v. 76, p. 11-48, 2009.

LATOURL, Bruno; MILSTEIN, Denise; MARRERO-GUILLAMÓN, Isaac; GIRALT, Irra Rodríguez. Down to earth social movements: an interview with Bruno Latour. **Social Movement Studies**, v. 17, n. 3, p. 353-361, 2018.

MARQUES, Marcelo de Souza. Interações socioestatais: mútua constituição entre a sociedade civil e a esfera estatal. **Opinião Pública**, v. 29, n. 2, p. 431-468, mai./ago. 2023.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, mai./ago. 1997.

MOURA, Joana Tereza Vaz de; SILVA JÚNIOR, Marcos Aurélio Freire da; SILVA, Jenair Alves da. Da invisibilidade à ação no campo político: dinâmicas da juventude rural nos processos participativos das Conferências Nacionais. **O Social em Questão**, n. 51, p. 271-300, set./dez. 2021.

NEGRINI, Mariana. Protesto contra o preço da passagem de ônibus acontece nesta terça. **Poços Já**. Publicado em 14 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://pocosja.com.br/cidade/2022/02/14/protesto-contr-o-preco-da-passagem-de-onibus-acontece-nesta-terca/?amp=1>. Acessado em: 30 set. 2024.

O LIBERAL. Protesto em Belém: estudantes de escola pública fecham trecho da avenida Almirante Barroso. Publicado em 9 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/protesto-em-belem-estudantes-de-escola-publica-fecham-trecho-da-avenida-almirante-barroso-1.678377>. Acessado em: 30 set. 2024.

OFFE, Claus. Los nuevos movimientos sociales cuestionan los limites de la política institucional. In: OFFE, Claus. **Partidos Políticos y nuevos movimientos sociales**. Madrid: Editorial Sistema, 1996.

PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Camila Farias da. Movimentos sociais em ação: repertórios, escolhas táticas e performances. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 615-645, ago. 2020.

PISTORI, Ana; RAFAEL, Whilber. Estudantes ocupam guarita na UFMT exigindo recomposição orçamentária. **A Verdade**. Publicado em 30 de março de 2023. Disponível em: <https://averdade.org.br/2023/03/estudantes-ocupam-guarita-na-ufmt-exigindo-recomposicao-orcamentaria/>. Acessado em: 30 set. 2024.

REDEGN. Em protesto, moradores do Residencial Dr. Humberto reivindicam regularização do transporte escolar para os estudantes da rede municipal. Publicado em 3 de maio de 2023. Disponível em: [https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod\\_noticia=177883](https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod_noticia=177883). Acessado em: 30 set. 2024.

REGUILLO, Rosana. **Paisajes insurrectos**: jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio. NED Ediciones, 2017, 208p.

SCALON, Celi. Juventude, igualdade e protestos. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, n. 2, p. 177-204, ju./dez. 2013.

SILVA, Marcelo K. Mesa redonda “Ativismos e protestos hoje” no V Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas (PDPP), Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal-RN, realizada dia 24 de abril de 2022 (em formato virtual).

SILVA, Marcelo K.; ARAÚJO, Gabrielle O.; PEREIRA, Matheus M. Análise de Eventos de Protestos no estudo de repertórios associativos. *In*: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla M.; LISDERO, Pedro; FACHINETTO, Rochele Fellini (Orgs). **Metodologia em Ciências Sociais hoje: práticas, abordagens e experiências de investigação**, v. 2. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 311-330.

SIMÕES, José Alberto; CAMPOS, Ricardo. Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise. **Comun. Mídia Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 130-150, set./dez. 2016.

TARROW, Sidney. **Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2009.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, v. 13, n. 28, p. 35-62, set./dez. 2014.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **Opinião Pública**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 63-96, jan./abr. 2019.

TEIXEIRA, Marco Antonio dos Santos. **Movimentos sociais, ações coletivas e reprodução social: a experiência da Contag (1963-2015)**. 2018. 335 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TILLY, Charles. **Regime and Repertoire**. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

**Submetido em:** 30/06/2024

**Aprovado em:** 26/11/2024



SOCIOLOGIA E PROJETO DE VIDA COMO  
EXPRESSÕES DE CONTRADIÇÕES: DISPUTAS  
SOBRE OS CURRÍCULOS, CONCEPÇÕES  
DE ESCOLA E JUVENTUDES

*LA SOCIOLOGÍA Y EL PROYECTO DE VIDA COMO  
EXPRESIÓN DE CONTRADICCIONES: DISPUTAS  
EN TORNO A LOS CURRÍCULOS, CONCEPCIONES  
DE LA ESCUELA Y DE LA JUVENTUDES*

*SOCIOLOGY AND LIFE PROJECT AS  
EXPRESSIONS OF CONTRADICTIONS: DISPUTES  
OVER CURRICULUM, CONCEPTIONS  
OF SCHOOL AND YOUTH*

*Rodolfo Soares MOIMAZ\**

*André da Rocha SANTOS<sup>\*\*\*</sup>*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo mostrar que as disciplinas de Sociologia e Projeto de Vida, presentes no Currículo Paulista da Etapa do Ensino Médio, expressam disputas entre grupos sociais acerca de diferentes modelos de escola e educação, e como estes conflitos são refletidos em mobilizações estudantis. Assim, a partir de levantamento bibliográfico, este trabalho retoma estudos que analisam historicamente a construção dos currículos e das reformas curriculares, relacionando-os aos contextos políticos e sociais. Desta forma, o texto apresenta como, especialmente a partir dos anos 1980, a Sociologia esteve ligada às mobilizações democráticas de movimentos sociais no processo de superação do modelo de escola (e sociedade) defendido pelos governos militares; e como o Projeto

\* Professor de Educação Básica do município de São Paulo, SP, Brasil. Doutor e Mestre em Sociologia (UNICAMP), graduado em Ciências Sociais (UNICAMP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0078-9040>. Contato: [rodolfo.moimaz@sme.prefeitura.sp.gov.br](mailto:rodolfo.moimaz@sme.prefeitura.sp.gov.br).

\*\* Professor de Sociologia do IFSP, Campus Registro e pesquisador de pós-doutorado em Ciência Política na UFSCar, SP, Brasil. Doutor em Sociologia (Unesp), graduado em Ciências Sociais (Unesp). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8085-5305>. Contato: [andrerochasantos@ifsp.edu.br](mailto:andrerochasantos@ifsp.edu.br)

de Vida se destaca como componente essencial na formação dos sujeitos na escola do neoliberalismo, cujo conteúdo foi originado pela intervenção de instituições do capital privado na elaboração e implementação das políticas públicas educacionais. Porém, este processo não tem ocorrido sem contradições, que têm na juventude um sujeito determinante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia. Projeto de Vida. Currículo. Reformas educacionais

**RESUMEN:** *Este artículo pretende mostrar que las asignaturas de Sociología y Proyecto de Vida, presentes en el Currículo Paulista de la Etapa de Enseñanza Media, expresan disputas entre grupos sociales sobre diferentes modelos de escuela y educación y cómo estos conflictos se reflejan en las movilizaciones estudiantiles. Así, a partir del relevamiento bibliográfico, este trabajo retoma los estudios que analizan históricamente la construcción de los currículos y las reformas curriculares, relacionándolos con los contextos políticos y sociales. Así, el texto presenta cómo, especialmente a partir de la década de 1980, la Sociología se vinculó a las movilizaciones democráticas de los movimientos sociales en el proceso de superación del modelo de escuela (y de sociedad) defendido por los gobiernos militares; y cómo el Proyecto de Vida se destaca como un componente esencial en la formación de sujetos en la escuela del neoliberalismo; y que se originó por la intervención de instituciones de capital privado en el desarrollo e implementación de políticas públicas. Sin embargo, este proceso no ha estado exento de contradicciones, siendo los jóvenes un factor determinante.*

**PALABRAS CLAVE:** Sociología. Proyecto de vida. Curriculum. Reforma educativa.

**ABSTRACT:** *This article shows that the disciplines of Sociology and Life Project, present in the Currículo Paulista do Ensino Médio, express disputes between social groups about different models of school and education, and how these conflicts are reflected in student mobilizations. Thus, based on a bibliographical research, this paper resumes studies that historically analyze the construction of curricula and curriculum reforms, relating them to political and social contexts. Thus, the text presents how, especially from the 1980s on, Sociology was linked to the democratic mobilizations of social movements in the process of overcoming the model of school (and society) defended by the military governments; and how the Life Project stands out as an essential component in the formation of subjects in the school of neoliberalism; and that it was originated by the intervention of private capital institutions in the development and implementation of public policies. However,*

*this process has not taken place without contradictions, which have youth as a determining factor.*

**KEYWORDS:** *Sociology. Life Project. Curriculum. Education reform*

## **Introdução**

Há uma vasta produção bibliográfica e política acerca da importância da realização de leituras críticas e de disputas em torno dos currículos implementados na escola. Isto porque os currículos sintetizam parte significativa das atribuições dos sistemas educacionais nas sociedades, tendo, portanto, relevância imensurável.

Elaboraões oriundas de distintas vertentes teóricas auxiliam na compreensão da importância deste debate. Por exemplo, pode-se retomar reflexões que afirmam o papel da escola como espaço de reprodução da ideologia dominante, do padrão de dominação socialmente vigente (Bourdieu; Passeron, 1970); de formação de trabalhadoras/es que estejam preparadas/os não apenas para se manterem em subordinação, mas para serem defensores do sistema no qual vivem, no modo de produção capitalista (Boltanski; Chiapello, 2012).

Ou, além destas, outras formulações que frisam que currículos e escola pública, ainda que, como estruturas do Estado, servem à manutenção da dominação, são formações históricas, e, portanto, não são estruturas uniformes. Ao contrário, são *locus* de conflitos e disputas entre classes sociais antagônicas – e seus representantes (Apple, 1995).

Considerando que, na educação brasileira, os últimos anos da década de 2010 foram marcados pela aprovação e implementação de reformas curriculares de grande envergadura – como o Novo Ensino Médio – NEM (2017) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018) –, que impactaram, de modo determinante, os modelos de educação aplicados nos estados, mostra-se necessária a construção de reflexões que contribuam para uma compreensão ampliada destes processos.

Este artigo propõe uma leitura de determinados aspectos destas reformas, argumentando que as disciplinas de Sociologia e Projeto de Vida (PV), presentes atualmente no Currículo Paulista do Ensino Médio, aprovado em 2020, representam concepções de educação antagônicas, que refletem grupos que disputam os rumos da educação pública no país. E que, assim, as reformas educacionais pró-mercado não foram encaradas passivamente, mas contaram, e têm contado, com resistências diversas - dentre as quais se destacam, como em outros períodos históricos, as juventudes<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Considera-se, aqui, que “a juventude se torna uma espécie de catalisador das memórias coletivas, geracionais e simbólicas, que as torna memórias sociais internalizadas no âmago de uma determinada

Neste trabalho, compreendemos que a elaboração dos currículos deve ser entendida como um processo articulado regional e nacionalmente. Isto é: as definições sobre *o que* e *como* deve ser ensinado nas escolas, têm importantes características locais; mas, ainda assim, sua compreensão deve ser feita em perspectiva ampliada, em diálogo e relação com processos sociais e políticos em curso em todo o país.

Dessa forma, o artigo terá como foco o exemplo de São Paulo, que, a partir de 2019, instaurou a disciplina de Projeto de Vida, e formalizou os primeiros passos de mudança curricular no estado, propondo novas disciplinas e cargas horárias, em diálogo com o NEM e a BNCC.

Vale frisar, ainda, que, no caso paulista, tanto Sociologia quanto Projeto de Vida foram definidas como disciplinas, e, portanto, com carga horária própria. Ainda assim, o fato de ambas comporem a grade curricular da rede pública estadual paulista não atenua as divergências nelas sintetizadas. Ao contrário, indica que os currículos são resultados das disputas entre grupos com interesses antagônicos.

A escolha pela análise de Sociologia e Projeto de Vida se deu porque elas são sintomáticas de algumas das contradições que seguem em curso acerca da educação (principalmente, a pública). Como será apresentado ao longo do texto, a Sociologia, historicamente, ocupa lugar instável nos currículos, cuja presença ou ausência se relaciona às diretrizes implementadas pelos governos vigentes e os interesses dominantes das classes em disputa (Silva, 2007). A inconstância desta disciplina, e os critérios de definição desta condição de incerteza, faz dela um objeto de reflexão significativo.

O Projeto de Vida, por sua vez, é uma criação apresentada, de maneira formal, recentemente aos currículos, e é um componente curricular apontado como estrutural das reformas educacionais neoliberais em curso, que deve nortear o processo de ensino implementado nas escolas (Goulart; Alencar, 2021). Assim, compreender seus fundamentos, e quem são seus proponentes, é essencial.

Para a construção desta relação de oposição, retomamos propostas de análise históricas acerca dos currículos, relacionando sua definição às características dos processos sociais e políticos ocorridos. No caso da Sociologia, serão elencadas contribuições que sistematizam diferentes momentos da história brasileira, desde os primeiros debates para inserção desta ciência no currículo escolar (que datam do fim do século XIX) até as mobilizações sociais pela obrigatoriedade da disciplina

---

sociedade, sustentando ou subvertendo os pilares de poder/dominação dessa própria sociedade. Por essa razão, há juventudes que realizam a função de conservar os padrões sociais já estabelecidos e, opostamente, há juventudes que atuam em prol do enfrentamento das estruturas de poder como estão postas. Logo, a juventude é mais do que uma discussão sobre faixa etária, apesar deste ser um importante distintivo, porém se constitui em uma discussão mais ampla que abarca as condições simbólicas desses atores sociais (i.e. jogadores), que estão postos a campo para disputar o jogo da representação social" (Guimarães; Groppo, 2022, p. 12).



no contexto da redemocratização. Assim, apresentaremos, também como estas discussões, ocorridas em âmbito nacional, tinham diferentes reflexos nos estados.

Sobre o Projeto de Vida, daremos enfoque a seu processo de implementação em São Paulo, como primeira experiência de mudança curricular realizada no país, e relacionado às diretrizes estabelecidas nacionalmente. E, neste movimento, será destacado o protagonismo do setor privado em sua concepção, formulação e execução.

Especificamente acerca deste último ponto, ele se desenrolou em um novo contexto de questionamento da instituição *escola pública*, e, neste caso, dos componentes científicos do currículo, com destaque às Ciências Humanas. Não por acaso, a Sociologia foi uma das disciplinas, inicialmente, apontada para deixar de se tornar obrigatória - o que foi encarado com mobilizações especialmente por estudantes.

Assim, o artigo se estrutura em três partes: currículo, disputas e o lugar da Sociologia; reformas educacionais neoliberais em São Paulo e Projeto de Vida; e considerações finais.

## **1. Currículo, disputas e o lugar da Sociologia**

Diferentes estudos afirmam que a presença da Sociologia no currículo escolar brasileiro tem, como uma das principais características, a inconstância. Isto é, desde a criação da ciência no século XIX, foram registrados diferentes momentos de sua inserção e exclusão das grades curriculares (Silva, 2007; Handfas, 2012; Santos, 2013).

Este fato indicaria que, ao contrário de outras disciplinas, historicamente consolidadas, a Sociologia tem um lugar incerto. Ou seja, ela nem sempre apareceu como disciplina independente, com uma carga horária específica; mas foi apresentada como saber escolar, parte de disciplinas como História ou Geografia (Silva, 2007).

Para Silva (2007), isso pode ser explicado, fundamentalmente, porque as definições dos currículos – isto é, quais saberes serão implementados na sociedade, quais os valores e concepções de mundo a serem transmitidos nas escolas – são resultados das disputas entre diferentes grupos e classes sociais. Assim, para a autora, a presença e ensino da Sociologia (e não apenas dela) deve ser pensada em perspectiva histórica e social. Portanto, os discursos pedagógicos e organização dos saberes são reflexos destas disputas (Silva, 2007).

Neste sentido, Silva (2007) apresenta uma proposta de divisão histórica dos currículos praticados no Brasil em quatro tipos, e relaciona, com cada um deles, o lugar ocupado pela Sociologia: currículo clássico-científico, currículo tecnicista (regionalizado), currículo científico, e currículo das competências.

Dentre suas principais características, pode-se citar:

– **Currículo clássico-científico:** predominante até 1971, voltado à formação das elites para profissões como engenharia, direito e medicina (consideradas nobres); e incluía também atividades intelectuais e artísticas. Já para a classe trabalhadora, a preparação possível era para o trabalho. Como define a autora, o ensino profissionalizante foi uma ferramenta essencial para o controle dos pobres e da pobreza (Silva, 2007). Por isso, pode-se caracterizar este modelo de escola como *dual* (uma formação para as elites; outra, para trabalhadoras/es).

Este currículo possuía viés conteudista, e era organizado em torno de disciplinas. Por isso “o denominamos de científico e clássico porque tinham ainda um componente forte da tradição jesuítica, com o ensino das letras, línguas latinas, didática livresca e de memorização” (Silva, 2007, p. 411).

Neste período, a Sociologia esteve presente na grade curricular, mas de maneira inconstante. Entre 1925 e 1940, o movimento de estabelecimento da Sociologia como disciplina contou, por um lado, com a contribuição de importantes autores para a escrita dos manuais (como Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre etc.) que serviriam no auxílio da preparação intelectual das elites; mas, por outro, enfrentou o veto à presença desta ciência no currículo da escola média, realizado em 1940 pela Reforma Capanema (Santos, 2013).

Na análise de Silva (2007), desde estes primeiros movimentos de instauração da Sociologia na grade escolar, podia-se destacar, apesar das influências de pensamentos positivista, liberal e católico, a tentativa de desenvolver interpretações científicas da realidade social brasileira. Além disso, sua presença carregava uma “aura de modernidade” ao currículo.

Assim, a Sociologia era defendida como uma ciência de referência ao campo científico, contando com o apoio de intelectuais como Luiz de Aguiar Costa-Pinto e Florestan Fernandes. Silva (2007, p. 412) afirma que as “identidades pedagógicas eram constituídas no sentido de nação e modernização, e dependiam dessas ciências de referência, que (...) direcionavam simbolicamente as práticas de ensino e (...) currículos”. Um papel, portanto, nada secundário. Porém, ainda assim, a Sociologia foi inserida com caráter optativo para o curso colegial na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei nº 4.024/61) (Santos, 2013).

– **Currículo tecnicista (ou regionalizado):** foi o modelo característico da ditadura militar brasileira, implementado a partir de 1971 (Lei nº 6.692/71). Nas palavras de Silva (2007), suas principais características são:

Nos governos militares, rompe-se com o eixo do ensino baseado nas disciplinas tradicionais das ciências humanas e ciências naturais. O currículo do 1.º e 2.º grau regionaliza os conhecimentos agrupando-os em áreas de aplicabilidade tecnológica imediata. (...) Os livros didáticos demonstram o esvaziamento científico que se oficializou nas escolas. (...) As Ciências Sociais foram completamente ideolo-

gizadas, enfraquecendo a História e a Geografia como disciplinas científicas. (...) A Educação Moral e Cívica substituiu o que poderia ser o ensino de Filosofia e de Sociologia. (Silva, 2007, p. 412-3).

Se, mesmo em seus anos iniciais, a Sociologia buscava a elaboração de leituras científicas da realidade, a disciplina de Educação Moral e Cívica visava a exaltação ufanista de um Brasil sem conflitos, de “belezas naturais” (Silva, 2007; Santos, 2013). Para Handfas (2012), este tipo de conteúdo era estratégico para o governo dos militares, e o papel que esta formação ideologizada poderia ter na educação da nação.

Esta desestabilização das identidades disciplinares nas Ciências Humanas atingiu, também, a formação de docentes. Neste modelo, defendia-se que, ao magistério, era suficiente o desenvolvimento de um saber técnico para reproduzir módulos determinados previamente, e exteriormente, às escolas (Silva, 2007).

– **Currículos científicos:** definidos, em alguns estados, a partir de 1983, e nacionalmente a partir de 1988 (com o destaque ao estabelecimento da Constituição Cidadã).

Este modelo teve como marca a efervescência histórica do processo de redemocratização, com a realização de disputas em torno de reformas curriculares e teorias pedagógicas, ligadas à necessidade de superação do modelo de governo, e também educação, da ditadura militar (Silva, 2007). Para Handfas (2012), as lutas pela reinserção da Sociologia nos currículos são expressões deste momento histórico em que “a luta pela democratização do ensino passaria também pela constituição de um currículo, cujos conteúdos e disciplinas favorecessem a formação de um estudante mais crítico e reflexivo. Nesse sentido, a luta pela reinserção da sociologia no currículo vinha atender esses objetivos”. (Handfas, 2012p. 3-4).

Na definição de Silva (2007), houve, nesta etapa, reaproximação dos currículos ao conhecimento científico, a retomada do papel de docentes como intelectuais, do estabelecimento da escola como local de transmissão de uma cultura sofisticada, e de reprodução de um discurso pedagógico politizado (em defesa da democracia).

Neste contexto, a reinserção da Sociologia no ensino médio foi realizada de modo gradual e contraditório, mas com uma importante característica: a presença de “setores interessados no retorno da sociologia nos currículos escolares, *temos a partir da década de 1980 uma mobilização intensa de entidades representativas e estudantis (...)*” (Handfas, 2012, p. 4, grifos nossos). Isto é, este movimento contou com a participação de estudantes, docentes, políticos, e suas entidades representativas.

Neste cenário, a presença da Sociologia nos currículos passou a ser discutida, primeiro, a nível estadual – com destaque para São Paulo, Paraná, Minas Gerais,

Rio de Janeiro, Pará, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (Silva, 2007). Para Silva (2007), a discussão foi levada para âmbito nacional a partir de 1996, com a nova LDB, justamente em um contexto de ascensão do neoliberalismo no país.

– **Currículo das competências:** definido a partir de 1996. Ainda no momento histórico de consolidação do regime democrático, e da disputa de diferentes grupos sociais (frequentemente representantes de classes sociais opostas), foram realizadas novas reformas educacionais.

Os conflitos característicos desse momento histórico podem ser percebidos, também, em como foram constituídas estas novas legislações da educação. Isto é, por um lado, a intensa mobilização de movimentos sociais (como o estudantil e sindicatos) reivindicava a participação cada vez mais direta de espaços de discussão e deliberação. Por outro, avançavam também as forças de mercado, com destaque ao fechamento de canais de participação popular e posturas antissindicais, praticados pelo governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998; 1999-2002) (Gindin, 2013).

Nesse contexto, a nova LDB (Lei nº 9.394/96) foi sintomática: ainda que determinasse que, ao final do Ensino Médio, estudantes deveriam ter conhecimentos de Filosofia e Sociologia; também consagrava, junto do Decreto n. 2.208/97 (que regulamenta o ensino profissionalizante) e das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio (DCNEM), os currículos do modelo das competências (Silva, 2007).

Desse processo, para a autora, pôde-se perceber uma retomada da aplicação de currículos regionalizados, adaptados às realidades imediatas – e, portanto, em prejuízo de currículos científicos, legitimando o ecletismo, defendido com a marca da *flexibilidade* (Silva, 2007).

De modo similar ao ocorrido na ditadura, estas modalidades de ensino resultaram na desvalorização, especialmente, das áreas de Artes e Ciências Humanas, que passaram a ser apresentadas de modo ideologizado ou psicologizado. Por exemplo, estes campos do saber poderiam ser transformados em *projetos*, como *temas transversais*, como se, assim, estivessem sendo contemplados, e, portanto, não devessem ser disciplinas (Silva, 2007; Handfas, 2012).

Esta maneira de apresentação do currículo defende, também, uma noção sobre o que deve ser o trabalho docente – cujo esvaziamento das atribuições científicas relembra, mais uma vez, as características definidas pela ditadura militar:

Esse discurso consagrou o individualismo pedagógico, a desqualificação de disciplinas tradicionais e das ciências de referência. Psicologizou o processo de ensino-aprendizagem e valorizou os procedimentos de motivação em detrimento dos procedimentos de ensino de alguma coisa para alguém. (Silva, 2007, p. 416).

Porém, ainda assim, ocorreram lutas. Frente à pressão de movimentos sociais, em 2004, o Ministério da Educação lançou um documento denominado *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, que trouxe definições para uma reformulação curricular e, dentre elas, a da Sociologia sendo compreendida como disciplina (em crítica, portanto, a outras regulamentações, como aos Parâmetros Curriculares Nacionais e às DCNEM) (Santos, 2013).

Naquele momento, estados como São Paulo e Rio Grande do Sul apresentaram questionamentos às mudanças das DCNEM, chegando a implantar currículos regionais referentes às diretrizes anteriores. Em meio a tais disputas, foi criada a lei que obrigava o ensino da Sociologia nos três anos do Ensino Médio, bem como o acatamento das alterações nas DCNEM (Lei nº 11.684/08) (Santos, 2013).

Antes de avançarmos à próxima etapa deste artigo, cabe frisar algumas observações: com a implementação do NEM e da BNCC, a caracterização da Sociologia como uma ciência que ocupa lugar instável segue se mostrando adequada.

Isto porque, por um lado, estas mudanças legislativas aprofundaram, ainda mais, a implementação do currículo por competências (com participação fundamental do empresariado, como será visto a seguir). Por outro, mais uma vez, a Sociologia foi diretamente ameaçada nas discussões pela BNCC: basta lembrar que, quando estas discussões vieram à público, a Sociologia foi cogitada como uma das disciplinas a desaparecerem, a se tornarem temas transversais<sup>2</sup> – possibilidade encarada com indignação e mobilização, e que, por fim, foi retirada da proposta.

Segundo, há uma característica dos processos que envolvem as demandas pela implementação da Sociologia como disciplina, especialmente a partir dos anos 1980, que deve ser destacada: este movimento foi realizado junto a um intenso processo de mobilizações democráticas pelo país, afinal, o contexto era de superação do regime ditatorial militar. Assim, as forças populares, os movimentos sociais, que compuseram esta reivindicação, são definidores do que esta bandeira, naquele momento, significava: a presença da Sociologia como uma das ferramentas de superação do modelo de educação (e sociedade) defendido pela ditadura.

## **2. Reformas educacionais neoliberais em São Paulo e Projeto de Vida**

Neste tópico, elencaremos contribuições auxiliem na compreensão tanto do que é a disciplina de Projeto de Vida; quando do processo de sua implementação e consolidação no currículo.

---

<sup>2</sup> Segue uma publicação que expõe a questão: CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Pela obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio. Publicado em 18 abr. 2018. Disponível em: <https://abecs.com.br/pela-obrigatoriedade-sociologia-e-filosofia-no-ensino-medio/>. Acesso em: 18 set. 2024.

Antes, porém, de discorrermos sobre as questões históricas e sociais que envolvem o debate sobre o PV, cabe, apresentar, brevemente, como ele é definido, ao menos institucionalmente. De acordo com o material de formação da Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo “Paulo Renato Costa Souza” (EFAPE), *Diretrizes Curriculares Projeto de Vida*, de 2019, a disciplina de PV é entendida como:

(...) a expressão da visão que ele [estudante] constrói de si em relação ao seu futuro. Desse modo, tal projeto demanda dos alunos a definição de seus próprios caminhos, os quais podem ser percorridos a curto, médio e longo prazo. Assim, para que a escola responda a essa grande tarefa, é imprescindível que seu currículo, suas práticas e seus processos educativos assegurem: (...)

- *A capacidade de não ser indiferente em relação a si próprio, ao outro, bem como aos problemas reais que estão no seu entorno, apresentando-se como parte da solução de maneira criativa, generosa, colaborativa;*

- *Um conjunto amplo de competências cognitivas e socioemocionais, (...) as quais permitam aos estudantes seguirem aprendendo continuamente nas várias dimensões da sua vida, realizando a visão que projeta de si próprio para o futuro.*

*Espera-se, então, que a escola contribua para que o educando se posicione diante das distintas dimensões e circunstâncias da vida para que seja capaz de tomar decisões baseando-se nas suas crenças, conhecimentos e valores.* (EFAPE, 2019, p. 3, grifos nossos)

Um aspecto que chama a atenção, destacado no trecho acima, é uma definição principalmente *comportamental* de estudantes de PV. Isto é, este componente curricular tem como objetivo munir educandas/os para, a partir de suas “crenças, conhecimentos e valores”, tomarem decisões frente às diferentes situações que se apresentarem ao longo de suas vidas.

Mas quais decisões? Para quais tipos de situações?

As respostas a estas questões serão apontadas mais à frente, após a apresentação histórica e social dos sujeitos envolvidos na implementação destas reformas curriculares.

No momento, é suficiente afirmar que o Projeto de Vida, como componente curricular específico, com carga horária própria, foi generalizado em toda a rede estadual paulista a partir de 2020; e que sua aplicação inicial foi feita em 24 escolas da cidade de São Paulo, como um projeto piloto, ao longo de 2019 (Goulart; Alencar, 2021).

Esta primeira mudança curricular foi resultado do Programa Inova Educação (PIE), uma parceria entre Secretaria da Educação do estado de São Paulo (Seduc) e

Instituto Ayrton Senna (IAS), lançada em maio de 2019. Este programa tinha como fim implementar, em todas as escolas da rede estadual, um modelo educacional com

(...) mudança na matriz curricular para o ciclo II do ensino fundamental e o ensino médio, com inserção de cinco tempos de aulas semanais (uma aula por dia) com a introdução das disciplinas intituladas Projeto de Vida (duas aulas), Tecnologia e Inovação e Eletivas (uma aula semanal para cada componente). Essa alteração foi possível mediante a diminuição do tempo de todas as aulas de 50 para 45 minutos, causando a ampliação do horário de permanência de estudantes nas escolas para cinco horas e quinze minutos, sete aulas por dia e ajuste do tempo de aula de previsão de atividades de formação para as equipes das escolas. (Goulart; Alencar, 2021, p. 338).

A inserção dos novos componentes curriculares foi feita sem a realização de concursos, nem da contratação de docentes específicos para ministrá-las. Docentes já em exercício deveriam assumir estas aulas, desde que realizassem um curso de 30 horas, à distância, para cada componente do PIE. O primeiro curso foi realizado ainda em julho de 2019; sua atualização, também de 30 horas, deveria ser feita em 2020. Uma terceira edição do curso ocorreu em 2021. Estes cursos foram oferecidos pela EFAPE, e expressam uma característica importantes destes componentes: a qualificação de docentes para ofertarem tais disciplinas não requeria de uma pós-graduação ou graduação específica; mas, apenas, destas horas de instrução (Goulart; Alencar, 2021).

Deve-se destacar, ainda, que antes mesmo de o Projeto de Vida se constituir como disciplina, já aparecia nos documentos do governo estadual como um importante eixo norteador da ação pedagógica e de formação não apenas de estudantes, mas também de docentes. Como afirma o documento de Diretrizes do Programa Ensino Integral, de 2012 (e, portanto, anterior à aprovação do NEM e da BNCC), o “Projeto de Vida é o foco para o qual devem convergir todas as ações educativas do projeto escolar, sendo construído a partir do provimento da excelência acadêmica, da formação para valores e da formação para o mundo do trabalho” (SÃO PAULO, 2012, p. 18)

Para que possamos compreender a inserção e importância desse componente curricular, é necessário retomarmos alguns fatos históricos que elucidam, mais que os conteúdos requeridos na disciplina de Projeto de Vida, quem são suas forças sociais proponentes. Para tal, cabe fazer uma breve retomada histórica sobre as diretrizes das políticas educacionais implementadas no estado de São Paulo desde os anos de 1990, e entender o lugar ocupado pelo capital privado no processo de estabelecimento do neoliberalismo na educação paulista.

Enfocando a discussão acerca das políticas educacionais, Gomide (2019), propõe a análise da aplicação do modelo educacional neoliberal em São Paulo a partir de três ciclos: ciclo de pavimentação (1995-2002); ciclo de implementação (2003-2010); ciclo de consolidação (2011-2018).

Vale frisar que, uma vez que a tese da autora foi escrita em 2019, ela não teve condições de debater fatos que só viriam a ser concretizados nos anos seguintes. Assim, é necessário elucidar alguns apontamentos: 1) estes ciclos dizem respeito aos anos de governo do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) em São Paulo, que totalizaram 28 anos consecutivos (1995-2022). 2) como afirma Gomide (2019), o fato de o PSDB ter permanecido tanto tempo à frente do governo estadual possibilitou uma implementação contínua dos princípios gerencialistas sobre a educação, realizada ao longo destas décadas, de modo articulado, sem rompimentos deste processo.

Para a autora, pode-se definir cada um destes recortes da seguinte maneira:

– **Ciclo de Pavimentação:** concomitante ao governo federal dirigido pelo mesmo partido (sob presidência de Fernando Henrique Cardoso). Sob os governadores Mário Covas (1995-1998; 1999-2001) e Geraldo Alckmin (2001-2002; 2003-2006), e com Tereza Roserley Neubauer no comando da Secretaria da Educação (Seduc). Neste período, seguindo as diretrizes nacionais de reestruturação do Estado (aos moldes do mercado), foram construídas as bases políticas e institucionais para a aplicação de um modelo educacional neoliberal.

Dentre estas medidas, Gomide (2019) destaca a aplicação de tecnologias e avaliações externas, cujos resultados deveriam ser interpretados a partir dos princípios do gerencialismo; a propagação da ideia de que a educação é um serviço que poderia ser oferecido por entidades não-estatais; exaltação dos mecanismos de mercado para organização da educação pública etc.

– **Ciclo de Implementação:** sob os governos estaduais de Geraldo Alckmin e José Serra (2007-2010), durante o primeiro e segundo mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006; 2007-2010), do Partido dos Trabalhadores (PT), na presidência da República. Para a autora, este período teve como principal característica as ações para convencimento de funcionalismo, estudantes e suas famílias, acerca das políticas neoliberais de educação. Assim, destaca-se a figura de Gabriel Chalita à frente da Seduc-SP (2003-2006), que implementou projetos para a geração de consenso e cooptação em torno deste modelo através de, por exemplo, ações sistemáticas de formação (Gomide, 2019).

Em outras palavras, foi o momento de propagação da chamada Pedagogia do Amor, que defendia a resolução de problemas da educação a partir das relações interpessoais entre docentes e estudantes. Isto é, propostas de cunho comportamental, que afastavam da discussão aspectos sociais e históricos acerca da precarização da educação pública (Rodrigues, 2020).



Após os anos de Chalita à frente da Seduc-SP, ainda como parte do mesmo ciclo, assumiram a Secretaria Maria Helena dos Santos Castro (2007-2009) e Paulo Renato de Souza (2009-2010). Estas figuras tiveram como marca a aplicação das diretrizes neoliberais de modo vertical e hierárquico, inserindo e aprofundando ideias como as *competências e habilidades* no cotidiano escolar (Gomide, 2019).

Cabe, também, neste período, destaque ao papel de organizações privadas, em especial do Instituto Ayrton Senna (IAS). Ainda que o IAS, desde 1994, tenha estabelecido contatos e parcerias com a rede estadual paulista, foi em 2006 que a organização passou a ter ação mais direta na definição das políticas aplicadas na rede, a partir das Escolas de Tempo Integral (que depois viriam a ser substituídas pelo Programa de Ensino Integral), e em programas como o Programa Escola da Família e o Programa Superação Jovem (Gomide, 2019).

O IAS ocupou lugar fundamental nas elaborações realizadas acerca das competências socioemocionais (CSE), bem como das propostas pedagógicas decorrentes delas – dentre as quais se destacam, anos depois, o Inova Educação (2019) e o Currículo Paulista da Etapa do Ensino Médio (2020), que estabeleceram e consolidaram as CSE como componentes curriculares.

Dessa forma, ao fim deste ciclo, já se podia perceber, na rede pública estadual, características de funcionamento consonantes ao ideário neoliberal, como: a bonificação por resultados, e a estruturação do funcionamento da escola a partir dos requisitos das avaliações externas; a noção de docentes como mediadoras/es do processo de ensino-aprendizagem, junto da desvalorização dos componentes científicos do currículo; a propaganda e imposição do ensino por competências; o estímulo à competição entre escolas, e a sanções pelos desempenhos insatisfatórios; a institucionalização de contatos precários entre docentes (Gomide, 2019).

– **Ciclo de consolidação:** ocorrido sob governos de Geraldo Alckmin (2011-2018) e Márcio França (2018). Neste período, a Seduc-SP foi dirigida por Herman Voorwald (2011-2015), José Renato Nalini (2016-2018), e João Cury Neto (2018).

Durante estes anos, ocorreram atribulados eventos envolvendo a presidência da República, ocupada por Dilma Rousseff (PT) entre 2011 e 2016, quando foi substituída, em ação golpista por Michel Temer (2016-2018) do então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Cabe destacar, ainda, a vitória eleitoral de Jair Messias Bolsonaro (representante da extrema-direita), no fim de 2018.

Tal cenário nacional teve consequências significativas. Para restringir o debate à educação pública, houve uma aceleração da implementação das reformas educacionais pró-mercado. Dentre os principais exemplos, pode-se citar a Reforma do Ensino Médio (2017); e da nova Base Nacional Comum Curricular (2018).

A nível estadual, porém, não houve mudanças significativas no sentido das políticas educacionais implementadas. Isto é, o norteamento neoliberal teve continuidade, com aprofundamento da presença de instituições privadas em todas as fases

da elaboração das políticas públicas – de sua concepção à aplicação e fiscalização (Gomide, 2019). Consolidou-se, ainda, a gestão da educação a partir do foco nos resultados de estudantes nas avaliações externas.

Dentre importantes acontecimentos deste ciclo, pode-se destacar o estabelecimento do Programa Educação – Compromisso de São Paulo (PECSP), Decreto nº 57.571 de 2 de dezembro de 2011.

A importância deste programa pode ser percebida em vários aspectos: do apoio à reestruturação administrativa da própria Seduc-SP, às formulações das propostas curriculares implementadas posteriormente.

O PECSP, em seu Conselho Deliberativo, conta com predominância de representantes do setor privado, principalmente ligados à Associação Parceiros da Educação (APE). A APE, por sua vez, é composta por diversas organizações privadas<sup>3</sup>.

Pesquisas sobre o tema afirmam que o PECSP é um programa que expressa a complexificação das relações de privatização na educação pública, a partir de três dinâmicas que mostram:

- 1) a incorporação da APE na estrutura de governança da educação pública; 2) a porosidade entre políticas educacionais e a mobilidade da APE para além do escopo inicial da parceria; e 3) a atuação da APE na ampliação da rede de governança, atuando como *boundary spanner*<sup>4</sup> e facilitando a entrada de outras organizações privadas (Cássio *et al.*, 2020, p. 1).

Em resumo, para além de assumir um papel de “assessoria” de governo, com o passar dos anos, o PECSP se tornou um programa essencial na implementação de políticas educacionais, tornando os atores privados tão essenciais quanto o próprio governo na aplicação da política de educação (Cássio *et al.*, 2020).

A partir do PECSP, por exemplo, foi elaborada o Programa de Ensino Integral (PEI), principal bandeira do último governo estadual do PSDB no campo da educação. De acordo com o documento programático do PEI, a expansão curricular está voltada ao desenvolvimento das CSE, e que, portanto, a prática pedagógica deve ser estruturada pelo PV (Goulart; Alencar, 2021).

---

<sup>3</sup> Como Instituto Natura, Fundação Victor Civita, Fundação Lemann, Instituto Unibanco, Fundação Itaú Social, Tellus, Parceiros da Educação, Fundação Educar D’Paschoal, Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação, Instituto Península, a consultoria internacional da *McKinsey & Company* (Cássio *et al.* 2020) etc.

<sup>4</sup> Nas palavras dos autores, *boundary spanner* é: “pessoas e organizações transitam continuamente entre o público e o privado. (...) Esses atores mobilizam a sua posição específica de acesso às esferas pública e privada e empregam seus recursos em práticas corporativas de *networking*.” (Cássio *et al.*, 2020, p. 5).

Em resumo, cabe retomar a reflexão de páginas acima: mesmo antes de Projeto de Vida ser consolidado como um componente curricular com carga horária própria (entre 2019 e 2020); ele já era reivindicado pelos autores das reformas curriculares (conforme explicado, com participação estrutural do setor privado) como um eixo para as transformações da educação.

Dessa forma, cabe retomar as questões trazidas no início deste tópico: quais as decisões que estudantes, a partir do contato com o PV, devem estar preparados para tomar? Para quais tipos de situação da vida? Pretende-se formar sujeitos críticos ou difundir ideais neoliberais, calcados no individualismo e na competição exacerbada? De que forma as juventudes reagem a estas propostas?

### **3. Reações das juventudes às mudanças curriculares**

Ao retomarmos a história recente deste componente curricular, bem como as forças sociais que encabeçaram seu estabelecimento, é possível destacar elaborações que delimitam, com considerável precisão, a quais concepções de mundo o Projeto de Vida se refere: alinhadas ao NEM e à BNCC, as novas propostas de educação visam a formação dos sujeitos às necessidades do modo de produção capitalista.

Em um contexto mundial de crise, que se arrasta há décadas, e da predição, em escala mundial, das condições de trabalho e vida das/os trabalhadoras/es, é necessária a criação de sujeitos engajados com o modo de produção vigente (Boltanski; Chiapello, 2012); que estejam prontos a se implicarem no processo da própria dominação, que introjetem que a única constância que viverão é a permanência da incerteza, da instabilidade (Tommasi; Corrochano, 2020); que naturalizem que os fracassos devam ser explicados individualmente, independente de questões históricas e sociais (Catini, 2021); como se a realidade consistisse em uma competição de pouquíssimos vencedores, na qual os derrotados merecessem perder, todas, circunstâncias do surgimento e consolidação do sujeito e da mentalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016).

Isto é, neste cenário, no qual a “economia foi colocada, mais do que nunca, no centro da vida individual e coletiva, sendo os únicos valores sociais legítimos os da eficácia produtiva, da mobilidade individual, mental e afetiva e do sucesso pessoal” (Laval, 2004, p. 14-15), todo o sistema normativo das sociedades – com destaque especial ao sistema de educação - é submetido à razão de mundo neoliberal (Dardot; Laval, 2016), destruído, e reformado “à imagem e semelhança” do mercado (Laval, 2004).

É para esta realidade que a instituição escolar deve responder. Como relembram Goulart e Alencar (2021),

(...) a substituição da palavra *conhecimento* por *competência* visava estreitar o léxico nos documentos oficiais de políticas educacionais ao que se utilizava nas empresas, para o reconhecimento de habilidades não sancionadas por diplomas (...): a competência não é validada por um título que faça valer de maneira segura e estável o valor pessoal; ao contrário, ela justifica uma avaliação permanente no âmbito da relação desigual entre empregador e empregado. (Goulart; Alencar, 2021, p. 347 grifo dos autores).

Nesse sentido, avaliam, as práticas, competências, metodologias propostas pelo PIE, são condizentes aos processos de formação subordinada de sujeitos da classe trabalhadora às mudanças e incertezas que atravessarão suas condições de trabalho e vida (Goulart; Alencar, 2021). E, em tal processo, o Projeto de Vida é componente essencial.

Assim, torna-se evidente a função de *componentes curriculares* como o PV: este modelo escolar, em formação, moldado a partir dos princípios do neoliberalismo – portanto, fundamentado no utilitarismo, com submissão total da escola à lógica econômica, como uma instituição que deve prestar serviços úteis ao mercado –, tem como norte pedagógico a formação do *trabalhador autônomo* (Laval, 2004). Retomando a implementação do Currículo Paulista da Etapa do Ensino Médio, o Projeto de Vida teria papel essencial na formação deste sujeito “flexível”, o jovem convencido a atuar como empreendedor de si mesmo. Como destacam Dardot e Laval (2016), o *sujeito empreendedor* é resultado não apenas de medidas econômicas que beneficiam o mercado, mas de um projeto de sociedade neoliberal.

Porém, é necessário destacar que tal processo, de avanço das forças do capital, econômica, política, e ideologicamente, sobre a juventude trabalhadora – que ganha forma, também, nas disputas curriculares – não ocorre de maneira linear. Ou seja, processo de politização da juventude nesses contextos pode ocorrer ou não. Em alguns contextos há, na verdade, um afastamento da política e dos partidos políticos enquanto instâncias de comunicação entre os grupos sociais e a política (Araújo; Perez, 2021). Em outras palavras, mesmo com a BNCC e o NEM, em esfera nacional, e com o PIE em esfera estadual, a Sociologia continuou constando como disciplina obrigatória.

Um dos principais motivos para isso foram as mobilizações secundaristas como as ocupações das escolas pelos estudantes contra a “reorganização” das unidades escolares em São Paulo<sup>5</sup>, o posicionamento de entidades como da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

---

<sup>5</sup> A reestruturação da rede escolar paulista consistia em separar as unidades escolares de modo que cada uma passasse a oferecer apenas um dos ciclos da educação (ensino fundamental I, ensino fundamental II ou ensino médio). A proposta também previa o fechamento de 94 escolas, que seriam disponibilizadas para outras funções na área de educação.

(UBES) e a participação do movimento estudantil como um todo nas votações do NEM. Como destacam Groppo e Sousa (2022):

Os movimentos sociais, incluindo o movimento estudantil secundarista, se revelam capazes de contestar elementos injustos da ordem social, de interromper novas formas de opressão e de erosão de direitos sociais e de revelar que, ao fim das contas, toda pessoa é um sujeito político com o igual poder de falar e agir. E o fazem congregando elementos cognitivos e afetivos, racionalidade e emoções. Inclusive as e os adolescentes, em um protesto que ainda hoje nos encanta por sua capacidade de autonomia e altivez. (Groppo; Sousa, 2022, p. 17).

Assim, a partir de suas demandas, secundaristas apresentaram pautas que escancaravam aspectos que nem sempre eram óbvios, envolvendo currículo, estrutura escolar, qualidade da merenda etc. Em estudos sobre as ocupações de escolas entre 2015 e 2016, percebe-se que estas mobilizações não apenas problematizaram políticas como o fechamento de escolas ou o congelamento de investimentos públicos em educação e saúde públicas, mas também apresentavam indícios de propostas do tipo de educação almejada por aqueles agentes (Groppo; Sousa, 2022).

Isto é, como destacam estudos sobre o tema (Groppo *et al.*, 2021), estudantes identificavam a importância da presença de disciplinas como Sociologia, História, Filosofia, Geografia, em sua formação cidadã. A presença destas áreas do conhecimento foi assim, considerada pauta nos debates em torno do currículo nos anos seguintes:

(...) há elementos da própria vida escolar “formal” ou curricular que propiciaram parte da latência do movimento das ocupações. As entrevistas destacam o trabalho formativo de algumas e alguns docentes, em especial de certas disciplinas (Sociologia e História, por vezes Geografia e até Língua Portuguesa), algo que ocorreu também nos demais estados. Temos assim um indício de formação social e política crítica promovida por parte da docência em seu trabalho pedagógico (Groppo *et al.*, 2021, p. 11).

Dessa forma, se, mesmo sob pressão das forças de mercado, a Sociologia seguiu permanecendo como componente do currículo (mesmo que ainda sob ataque), isto, definitivamente, pode ser entendido como um dos resultados das lutas de estudantes.

## **Considerações finais**

Ao longo deste texto, buscamos elaborar uma leitura da implementação das disciplinas de Sociologia e Projeto de Vida a partir de uma perspectiva histórica, que

destaca os aspectos políticos e sociais destes processos. Dessa forma, destacamos estudos que relacionam mudanças nos currículos escolares como partes de um contexto amplo, que frisam a complexidade de tais propostas a partir da localização das disputas que atravessam estas deliberações.

Assim, ao repassarmos a trajetória da Sociologia, suas presenças e ausências na grade curricular, pode-se sublinhar alguns aspectos que chamam a atenção, e que permitem o esboço de importantes diferenciações em relação à disciplina de Projeto de Vida.

Dentre estas características, cabe destacarmos duas: a ligação entre Sociologia e as propostas de interpretação científica da realidade; e a Sociologia como produto de mobilizações democráticas, especialmente a partir dos anos 1980.

A disciplina de Projeto de Vida, por sua vez, ocupa lugar de destaque nas reformas educacionais em curso no Brasil. Antes mesmo de passar a ter carga horária própria da grade curricular, o PV já despontava como princípio a nortear o projeto pedagógico na maior rede de educação estadual no país, a de São Paulo.

O movimento histórico de criação da disciplina de PV mostrou ser diretamente oposto ao da Sociologia, desde seus fundamentos: sua definição se dá a partir da centralidade das competências socioemocionais na estruturação do currículo; da exaltação de uma prática pedagógica que exige e exalta uma intervenção pedagógica de ordem comportamental.

Assim, a consolidação do Projeto de Vida como disciplina obrigatória expressa um avanço importante da pedagogia das competências sobre o conhecimento científico.

Como refletido ao longo deste texto, as transformações educacionais materializadas na imposição do PV no currículo se relacionam ao avanço das diretrizes neoliberais sobre a escola pública. Este tipo de reforma se conecta à disputa travada pelo capital (e seus agentes) para formar sujeitos que estejam prontos não apenas para *sobreviver* em um sistema econômico marcado pela predação dos direitos mais básicos, mas para *defendê-lo* (Boltanski; Chiapello, 2012).

É importante frisar, ainda, que esta constatação deve ser feita em perspectiva histórica, retomando os momentos nos quais este tipo de saber, imediato, fragmentado, justificado pelo discurso tecnicista, ganhou espaço na educação brasileira. O que nos leva à segunda característica destacada: a mobilização de forças democráticas.

Se, como já destacado, a Sociologia foi trazida como pauta de discussão do currículo na redemocratização por movimentos sociais; as disputas pela implementação do Projeto de Vida foram encabeçadas, essencialmente, por instituições privadas.

Esta não é uma questão secundária. Como visto no caso paulista, os primeiros movimentos de articulação, que culminaram na formação do novo currículo estadual, passaram pelas ações de instituições como o IAS e a APE, que estabelecem ações de

“parceria” com o poder público e que, sucessivamente, foram sendo trazidas para o centro das decisões acerca das políticas públicas.

Ainda que estes institutos privados afirmem carregar consigo pautas de interesse social, consensuais, como se pudessem carregar consigo as bandeiras de defesa do bem comum, concretamente, elas não foram escolhidas democraticamente para desempenharem tais funções. Isto é, sua presença na determinação das políticas públicas, apresentadas como diferentes formas de parcerias, são acordos estabelecidos distantes de mecanismos de aval popular, coletivo – o que foi combatido, como apresentado acima, com as mobilizações secundaristas.

Assim, ao contrário das lutas travadas pela implementação da Sociologia a partir dos anos 1980, o Projeto de Vida nas grades curriculares representa a concretização da presença do mercado na definição de um modelo de currículo e de escola que deve funcionar como o mercado.

É importante chamar a atenção para alguns aspectos que podem atravessar a discussão que estamos propondo. Primeiro, não buscamos, a partir deste trabalho, propagar ideias como as de que a Sociologia, por si só, seja uma ciência dotada de uma certa “missão civilizatória”, como se sua presença indicasse que a instituição escolar caminhasse em sentido necessariamente progressista e democrático. Os debates aqui apresentados, sobre as origens de sua inserção no currículo e o modelo de escola aplicado, já servem para desfazer possíveis confusões a este respeito. Em segundo, o desaparecimento da Sociologia dos currículos, como visto ao longo dessa discussão, é sintomático dos rumos que os embates em torno da educação e escola pública podem tomar.

Vale frisar, por fim, que, apesar da situação descrita, a história não chegou ao fim. Escola e currículo, em nossa avaliação, seguem sendo lugares de explosões de conflitos e contradições (Apple, 1995). Pensando no debate trazido por este artigo, talvez o exemplo mais explícito seja o rechaço popular registrado pelas tentativas, quando dos movimentos de aprovação da nova BNCC, de excluir disciplinas como a Sociologia do currículo. Ainda que atravessada pela pedagogia das competências, a Sociologia foi mantida na grade curricular – o que mostra que as mobilizações sociais, indubitavelmente, seguem com peso decisivo na definição das políticas públicas. E, mais além, apontam que a criação de propostas alternativas aos modelos educacionais do mercado poderá surgir destas mobilizações coletivas.

## REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ARAÚJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14764>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **El nuevo espíritu del capitalismo**. Madrid: Akal, 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A **Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

CÁSSIO, F.; AVELAR, M.; TRAVITSKI, R.; NOVAES, T. A. F. Hierarquização do Estado e a expansão das fronteiras da privatização da educação em São Paulo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e241711, 2020.

CATINI, C. R. A educação bancária, “com um Itaú de vantagens”. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, 13(1), 90-118, 2021.

CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Pela obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio. Publicado em 18 abr. 2018. Disponível em: <https://abecs.com.br/pela-obrigatoriedade-sociologia-e-filosofia-no-ensino-medio/>. Acesso em: 18 set. 2024.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

EFAPE – ESCOLA DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO “PAULO RENATO COSTA SOUZA”. **Diretrizes Curriculares Projeto de Vida**, 2019. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2023.

GINDIN, J. Sindicalismo Dos Trabalhadores em Educação: Tendências Políticas e Organizacionais (1978-2011). **Educar em Revista**. 48:75–92, 2013.

GOMIDE, D. C. A política educacional para o Ensino Médio da Secretaria da Educação do estado de São Paulo e o alinhamento com o projeto neoliberal através de ciclos progressivos de adequação (1995-2018) (Tese de doutorado). Campinas, FE/UNICAMP, 2019.

GOULART, D. C.; ALENCAR, F. Inova educação na rede estadual paulista: programa empresarial para formação do novo trabalhador. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.13, n.1, p.337-366, 2021.

GROPPO, L. A.; MARTINS, S. A.; SALLAS, A. L. F.; FLACH, S. F. O maior, o mais ignorado, o mais combatido: o movimento das ocupações estudantis no Paraná em 2016. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v.34, n.1, 2021.

GROPPO, L. A.; SOUSA, F. A. Experiências, emoções e memória de jovens: ocupações secundaristas no Ceará em 2016. **Educação Unisinos** – v.26, 2022.



GUIMARÃES, V. O. S.; GROPPPO, L. A. Quando juventude não é apenas uma palavra: uma releitura sociológica acerca da categoria juventude. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 05-18, jul./dez. 2022

HANDEFAS, A. A trajetória de institucionalização da Sociologia na Educação Básica no Rio de Janeiro. **Anais do 3º Encontro estadual de ensino de Sociologia**. 2012. Disponível em: [www.labes.fe.ufrj.br](http://www.labes.fe.ufrj.br). Acesso em: 22 jan. 2023.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**. Londrina: Planta, 2004.

RODRIGUES, C. A. O Programa “Educação: Compromisso De São Paulo” E O “Novo Modelo De Escola De Tempo Integral”: Crítica À Incorporação Dos Valores Da Lógica Empresarial Na Educação Escolar Pública. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, SP, v.20, 1-23, e020008, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8654673>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1670>. Acesso em: 17 set. 2024.

SANTOS, A. R. Os conhecimentos de ciência política na disciplina de sociologia no ensino médio. **Pensata**, Guarulhos/SP, v. 3, n. 1, 2013.

SÃO PAULO. **Diretrizes do Programa de Ensino Integral**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2012. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/726.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2023.

SILVA, I. F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

TOMMASI, L.; CORROCHANO, M. C. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 34, n. 99, p. 353–371, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173439>. Acesso em: 17 set. 2024.

**Submetido em:** 18/06/2024

**Aprovado em:** 12/08/2024



AINDA HÁ ESPERANÇA? AS EXPECTATIVAS  
FUTURAS DOS JOVENS DE GUARULHOS-SP  
NO AUGE DA PANDEMIA DE COVID-19

*¿AÚN HAY ESPERANZA? LAS EXPECTATIVAS DE  
FUTURO DE LOS JÓVENES EN GUARULHOS-SP  
EN EL CENTRO DE LA PANDEMIA COVID-19*

*IS THERE STILL HOPE? THE FUTURE  
EXPECTATIONS OF YOUNG PEOPLE  
FROM GUARULHOS-SP AT THE PEAK  
OF THE COVID-19 PANDEMIC*

*Daniel Arias VAZQUEZ\**

*Heber Silveira ROCHA\*\**

*Lígia Gonçalves DALL'OCCHO\*\*\**

*Alexandre Barbosa PEREIRA\*\*\*\**

**RESUMO:** O artigo analisa as expectativas dos jovens quanto ao fim da pandemia de Covid-19 e à situação do Brasil pós-pandemia, verificando os fatores sociais, econômicos e de saúde que explicam o otimismo ou pessimismo em relação

\* Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), SP, Brasil. Doutor em Desenvolvimento Econômico e Mestre em Economia Social e do Trabalho (UNICAMP), graduado em Administração Pública (UNESP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contato: [dvazquez@unifesp.br](mailto:dvazquez@unifesp.br).

\*\* Professor Doutor do Curso de Gestão de Políticas Públicas Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. Doutor em Ciência Política (UNICAMP), Mestre em Administração Pública e Governo (FGV) e graduado em Gestão de Políticas Públicas (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9718-6849>. Contato: [heber@usp.br](mailto:heber@usp.br).

\*\*\* Observatório de Políticas Públicas de Guarulhos, SP, Brasil. Mestra em Gestão de Políticas Públicas (USP), Doutoranda em Ciências Sociais (UNIFESP), graduada em Gestão Ambiental (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0291-2962>. Contato: [ligia.ambiental@gmail.com](mailto:ligia.ambiental@gmail.com).

\*\*\*\* Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), SP, Brasil. Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (USP), graduado em Ciências Sociais (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3977-1171>. Contato: [abpereira@unifesp.br](mailto:abpereira@unifesp.br).

ao futuro. Utilizou-se dados obtidos pela aplicação de um *survey* – com 843 participantes, entre 15 e 29 anos, moradores de Guarulhos-SP – para a construção de dois modelos de regressão: logística binária e multinomial, com análises simples e multivariadas. Os resultados revelam que apenas 20% estavam otimistas em relação à pandemia e quanto ao futuro do país após a pandemia. O pessimismo foi maior entre os jovens maiores de idade, com renda familiar maior que três salários-mínimos e que apresentaram piora no estado emocional. A prática religiosa foi o único motivo para uma minoria manter o otimismo durante o auge da crise sanitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Expectativas futuras. Pessimismo. Juventude. Pandemia.

**RESUMEN:** *El artículo analiza las expectativas de los jóvenes sobre el fin de la pandemia de Covid-19 y la situación en Brasil pospandemia, verificando los factores sociales, económicos y sanitarios que explican el optimismo o el pesimismo sobre el futuro. Se utilizaron datos obtenidos de una encuesta – con 843 participantes, entre 15 y 29 años, residentes en Guarulhos-SP – para construir dos modelos de regresión: logístico binario y multinomial, con análisis simple y multivariado. Los resultados revelan que sólo el 20% se mostró optimista sobre la pandemia y el futuro del país después de la pandemia. El pesimismo fue mayor entre los jóvenes mayores de 18 años, con un ingreso familiar superior a tres salarios mínimos y que mostraron un empeoramiento en su estado emocional. La práctica religiosa fue el único motivo para que una minoría mantuviera el optimismo durante el peor momento de la crisis sanitaria.*

**PALABRAS CLAVE:** *Expectativas de futuro. Pesimismo. Juventud. Pandemia.*

**ABSTRACT:** *The article analyzes the youth expectations regarding the end of the Covid-19 pandemic and the post-pandemic situation in Brazil, verifying the social, economic and health factors allow to understand optimism or pessimism about the future. A database resulting from the application of a survey – with 843 participants, aged between 15 and 29, residents in Guarulhos-SP – was used to build two regression models: binary and multinomial logistics, with simple and multivariate analyses. The results reveal that only 20% were optimistic about the pandemic and the country's future after the pandemic. Pessimism was greater among young people over 18 years old, with family income greater than three minimum wages and who showed a worsening in their emotional state. Religious practice was the only reason for a minority to remain optimistic during the peak of the health crisis.*

**KEYWORDS:** *Future expectations. Pessimism. Youth. Pandemic.*

## **Introdução**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020 declarou oficialmente emergência sanitária por conta da pandemia causada pelo coronavírus Sars-Cov-2, gerador da doença que foi denominada de covid-19. Segundo a OMS, mais de 750 milhões de pessoas foram infectadas em todo o mundo entre 2020 e 2023, sendo 37 milhões de casos no Brasil e em torno de 700 mil óbitos.

Apesar da maior gravidade da doença nas pessoas mais velhas, a pandemia provocou efeitos negativos sobre a saúde mental dos jovens (Vazquez *et al.*, 2022) e maior restrição das oportunidades de emprego e renda à juventude, dificultando ainda mais sua inserção ou consolidação no mercado de trabalho (Corseuil; Franca, 2022). Diante da profundidade das crises sanitária e econômica, quais as expectativas dos jovens em relação ao futuro? O que explica alguns manterem o otimismo, enquanto o pessimismo prevalece entre a maioria diante deste cenário bastante adverso?

O artigo analisa essas diferentes expectativas e busca identificar fatores sociais, econômicos e relacionados à saúde que estão associados ao pessimismo ou otimismo diante da pandemia e quanto ao futuro do país pós-pandemia, na visão dos jovens moradores do município de Guarulhos, no estado de São Paulo.

Para tanto, utilizou-se dados obtidos pelo *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”, realizado pelo Observatório Municipal de Direitos Humanos (2021), cuja coleta ocorreu entre os dias 29 de abril a 15 de maio de 2021, com a participação de 843 jovens entre 15 e 29 anos moradores do município de Guarulhos-SP. Trata-se do período imediatamente posterior ao auge da pandemia no Brasil, quando a média móvel dos últimos 7 dias variou entre 1900 e 2500 mortes por Covid-19 entre o primeiro e o último dia de coleta dos dados. Sobre o recorte espacial, Guarulhos-SP é o 12º município mais populoso do país e o segundo no estado de São Paulo, com 1.291.771 habitantes, conforme dados do último censo demográfico, ficando apenas atrás da capital paulista. Os jovens entre 15 e 29 anos representam 22,5% da população total, segundo dados do IBGE (2022).

A primeira variável dependente é derivada das expectativas dos jovens diante daquele momento da pandemia. A segunda é corresponde ao sentimento do jovem em relação a uma possível situação de pós-pandemia no Brasil. As categorias nos dois casos são otimista e pessimista, admitindo também a posição neutra em relação a situação geral do país. Buscou-se identificar fatores explicativos ou que pudessem estar associados às diferentes expectativas futuras dos jovens, agrupados em três dimensões: 1) marcadores sociais (gênero, cor/raça, idade e prática religiosa); 2) aspectos econômicos (renda familiar, contribuição financeira em casa; espaço adequado no domicílio); 3) situação de saúde (piora no estado emocional e se o

jovem foi infectado pelo vírus). Para simplificar os modelos, todas estas variáveis independentes são dicotômicas e serão mais bem descritas na seção metodológica do artigo.

A hipótese central é que o pessimismo prevalece de uma maneira geral em função da gravidade das crises econômica e sanitária, sendo proporcionalmente maior entre os jovens mais vulneráveis socialmente, com piores condições de renda e moradia e que tiveram sua saúde mental e física diretamente afetadas pela pandemia.

O artigo está dividido em quatro partes, além desta breve introdução. A primeira faz uma abordagem teórica sobre as expectativas dos jovens e seus fatores explicativos. A segunda parte demonstra a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados. Na terceira parte, serão apresentados os resultados deste estudo, destacando os fatores associados ao pessimismo – e, em menor grau, ao otimismo – em relação às expectativas futuras. A discussão dos resultados é realizada nas considerações finais.

## **1. Juventudes, engajamento e expectativas futuras**

Primeiramente, deve-se ressaltar o termo juventudes, no plural, haja vista que essa experiência etária está condicionada a determinadas condições sociais e econômicas, como a classe social, a dimensão cultural e geográfica. Nesta etapa da vida, os valores e vivências assimilados no âmbito familiar são colocados à prova com novas experiências, vivenciadas no plano microssocial (vínculos associativos e religiosos, relacionamentos afetivos e relações de amizade) e no plano macrossocial, como os contextos políticos, econômicos e sociais em que os jovens estão inseridos.

Em segundo lugar, deve-se ter em mente a situação da juventude no cenário atual global, marcado (i) pela crise estrutural do capitalismo, que aumentou a instabilidade social, política e econômica, como a flexibilização trabalhista, afetando todos os grupos sociais, especialmente os mais jovens; (ii) pelo fenômeno do alargamento da escolarização das novas gerações, que se contradiz com as reduzidas possibilidades de inserção profissional e mobilidade social por meio da escola e trabalho; (iii) pela crise da democracia representativa no mundo, por meio da desconfiança da população de modo geral, e dos jovens em particular, em relação às instituições (Tomizaki; Daniliauskas, 2018).

A literatura aponta que os jovens não estão “desinteressados” ou “apáticos” diante da política ou da capacidade de se organizarem politicamente, mas sim desiludidos com a política tradicional feita por meio dos mecanismos tradicionais, como os partidos políticos no sistema eleitoral (Araujo; Perez, 2021). Essa estrutura de representação política é apontada pelos jovens como incapaz de responder às reivindicações apresentadas pela sociedade (Boghossian, Minayo, 2009; Fuks, 2011; Sposito, 2010).

Se a participação dos jovens depende das condições reais para a existência do engajamento dos jovens nos espaços políticos, as perguntas centrais que se colocam são: quais são as circunstâncias sociais, culturais, econômicas e políticas para que os jovens se engajem? Quais são os estímulos do Estado e da sociedade de modo geral para que os jovens participem nos espaços institucionais e não institucionais?

Para tentar respondê-las, deve-se considerar que os jovens se sentem motivados a se envolver em ações coletivas no espaço público, quando tais oportunidades são orientadas por temas de ordem prática e em consonância com suas experiências de vida e de demandas cotidianas, tais como emprego, religião, família, escola (Muxel, 2007; Singer, 2013). De acordo com Carrano (2006, p. 4), “os grupos de orientação religiosa, esportiva, e artísticas constituem o substrato do associativismo juvenil no Brasil de hoje, (...) que articula ações coletivas nem sempre reconhecidas como políticas ou socialmente relevantes”.

Segundo Tomizaki e Daniliauskas (2018, p. 219), um dos motivos para a baixa participação dos jovens pode ser creditada “à falta de espaços e de situações para o exercício e a aprendizagem da vida coletiva e da participação social, experimentação essa que poderia demonstrar aos jovens os resultados concretos das ações coletivas”. Por outro lado, as baixas expectativas levam ao desalento e, por consequência, ao baixo engajamento em ações coletivas.

Portanto, as perspectivas de futuro dos jovens na contemporaneidade tem sido tema importante de discussão no campo de estudos sobre juventude nas Ciências Sociais. Grande parte da literatura toma como ponto de partida o impacto de determinadas mudanças econômicas e sociais nas formas de se vivenciar a experiência da juventude na atualidade.

Um autor que tem há um tempo produzido importantes reflexões a esse respeito é o sociólogo português José Machado Pais (2001), que ao refletir sobre a realidade portuguesa e europeia, afirma que os jovens, de uma maneira geral, estariam cada vez mais imersos em um contexto de incerteza e de crise. Isto porque as trajetórias de vida mais lineares seriam cada vez mais difíceis de serem estabelecidas pelos mais jovens. O autor chega a essa conclusão a partir da análise das mudanças no mercado de trabalho, mas também na constatação do fenômeno do adiamento da saída da casa dos pais ou mesmo em idas e vindas à segurança que o refúgio familiar proporciona, criando as “trajetórias ioiô” (Pais, 2001), definidas por marcadores importantes de passagem para a vida adulta cada vez mais instáveis e incertos; em especial, o casamento e o mundo do trabalho.

No contexto brasileiro, esse cenário de incertezas soma-se de maneira ainda mais intensa com as precariedades da vida pessoal e profissional. Assim, os jovens, principalmente mais pobres, como afirma Corrochano (2014), têm de se virar. Em outras palavras, eles têm de buscar maneiras, as mais diversas, de garantir a sua sobrevivência, com pouca ou nenhuma previsibilidade sobre como ou quando

teriam um trabalho estável, uma casa própria e/ou uma família. Segundo Standing (2013), em análise sobre a precariedade como nova norma das relações trabalhistas, o ingresso no mundo do trabalho pelos jovens cada vez mais ocorrerá com base na ocupação de posições precárias, porém os empregos instáveis e temporários estendem-se também progressivamente para além da juventude e tornam-se a norma da vida adulta.

Os jovens estariam, portanto, passando dos ritos de passagem, que marcariam um ingresso definitivo na vida adulta, para os ritos de impasse, em que não se reconheceria mais tão facilmente quando se daria o início da vida adulta, conforme descrito por Pais (2009). Os ritos de impasse constituiriam o novo processo de formação da juventude contemporânea. Assim, se nas sociedades tradicionais havia rituais de passagem bem marcados que transmitiriam aos indivíduos um novo status, o de adulto, no novo contexto, não apenas tais referências se esvaem, como tal passagem apontaria para algo imprevisível ou mesmo para um futuro assustador. Segundo o autor, isso levaria os jovens a desenvolverem as mais diferentes estratégias para enfrentar esse impasse, seja por um apego a viver o presente intensamente sem pensar no futuro, seja pela adesão total à prática do “se virar” e de aceitar engajar-se precariamente no que aparecer como oportunidade.

Por outro lado, se os marcadores tornam-se cada vez menos claros, por outro, ainda se criam expectativas de etapas ideais para o curso da vida, processo que Pais (2009) identificou como a persistência das normatividades etárias. Em outras palavras, mesmo com as fronteiras entre as fases da vida mais borradas, ainda ocorreria uma grande cobrança para que os indivíduos realizem suas trajetórias dentro de padrões de uma perspectiva etária mais delimitada, com idade ideal para a formação, para o ingresso no mundo do trabalho e mesmo para a constituição de família. Com isso, o que se tem é uma ampliação do impasse e dos dilemas da juventude contemporânea.

Como uma das consequências, os jovens se expõem mais a situações de risco e vulnerabilidade. Le Breton (2012) considera, aliás, que as práticas de risco das juventudes contemporâneas poderiam ser, justamente, uma tentativa de substituir os ritos coletivos de passagem, em crise, por ritos de busca de reconhecimento social mais individualizados. Para o autor, a ausência de ritos mais claramente demarcados de passagem da juventude para a vida adulta promoveria sentimento de excesso de “presentificação”, em que o futuro tornar-se-ia cada vez mais distante. Planejar ou projetar nesse contexto envolve apreender o risco como um cálculo ou como uma tentativa de controle e redução dos próprios riscos. Assim, já estaríamos vivendo em uma sociedade do risco, definida por Beck (2010).

Leccardi (2005) denomina como segunda modernidade a mudança do cálculo do risco para o da imprevisibilidade e da impossibilidade de controle. Se na primeira modernidade o futuro seria aberto, na segunda, o futuro seria de incertezas



e inconstâncias, em que não se conseguiria prever ou controlar os riscos. Esse processo levaria a um alargamento do presente e a uma crise do futuro, apontando para a constatação de que não haveria mais longo prazo. Nesse sentido, prossegue a autora, estaríamos presenciando o esgotamento da ideia de projeto. Assim, a condição juvenil passa a constituir-se a partir do fragmento, do imediatismo e das perspectivas de curto prazo.

Esse cenário de incerteza, certamente, agravou-se com a pandemia de Covid-19 e o processo de distanciamento social, que, dentre outras questões, afastou, ao menos por um período, os jovens da escola, ampliou as dificuldades de inserção dos jovens e a precariedade em geral no mercado de trabalho e, conseqüentemente, implicou o adiamento de projetos de emancipação. Essas conseqüências são mais fortes em jovens com maior vulnerabilidade socioeconômica e, por isso, a hipótese é que haja mais pessimismo nesse grupo.

A noção de vulnerabilidade juvenil faz referência à violação de direitos que restringe o jovem de acessar a cidadania plena. Dessa forma, a dificuldade no acesso à renda e aos bens e serviços públicos faz com que os jovens pobres tenham menos oportunidades do que os de classe alta (Carmo; Guizardi, 2018). Os diferentes estudos sobre as vulnerabilidades juvenis constituem um campo de conhecimento consistente no Brasil (Sposito, 2009; Abramo, 1997; Ribeiro, Macedo, 2018; Rocha, 2020) e na América Latina (Marcial, 2007; Margulis, Urresti, 1996). Parte dessa literatura tem como foco a análise sobre as experiências e vivências juvenis no contexto das periferias das metrópoles brasileiras (Takeiti; Vicentin, 2015).

As diferentes vulnerabilidades que os jovens das periferias vivenciam são determinantes para explicar suas condições de vida, tais como: baixa renda, trabalho degradante, maternidade e paternidade na adolescência, consumo de álcool/drogas, conflitos familiares e mortes (Sposito, 2009; Takeiti, Vicentin, 2015). Sposito (2009) trabalha os conceitos de vulnerabilidades e exclusão como categorias analíticas para compreender a situação dos jovens nas periferias urbanas no Brasil. As vulnerabilidades são termos usados em muitos sentidos: privação material e simbólica, fome, precariedade das condições de trabalho, violência familiar, saúde mental, abuso sexual, etc. como demonstrado por Takeiti *et al.* (2020).

No contexto da pandemia, uma série de pesquisas destacaram o impacto do isolamento social e das incertezas que a crise sanitária gerou entre os jovens. De certa maneira, como demonstram Perez e Vommaro (2023), a pandemia intensificou e explicitou vulnerabilidades sociais que já existiam entre uma parcela considerável dos jovens no contexto brasileiro e latino-americano. Em dossiê sobre essa temática organizado pelos dois pesquisadores supracitados, há muitas reflexões sobre como a pandemia incidiu de maneira desigual na vida dos jovens. Dessa forma, embora todos tenham sofrido o efeito da pandemia, foram os jovens em maior situação de vulnerabilidade os que mais sofreram os seus efeitos, seja pela dificuldade de

acompanhamento das atividades escolares, pela ruptura das relações de sociabilidade ou pela redução de expectativas sobre o futuro. Em pesquisa com jovens estudantes egressos do ensino médio no estado do Rio Grande do Sul, Severo (2023) aponta como as percepções do impacto da pandemia são afetadas pelas experiências de classe social. Segundo esse autor, enquanto os jovens mais pobres narraram dificuldades materiais e de planejamento de projetos de longo prazo, os jovens de estratos mais abastados relataram como principal problema o impacto em suas relações de sociabilidade. Koerich e Mattos (2023), também em pesquisa com jovens estudantes no Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, ressaltam como a condição de classe social, que garantia a inserção em uma escola com maior estrutura para atividades on-line, proporcionava formas diferenciadas de experimentação do tempo social durante a pandemia, modificando assim as expectativas de futuro. De uma maneira geral, percebe-se nas mais diferentes análises que houve um impacto grande na vida dos jovens das diferentes camadas, afetando seus projetos de longo prazo. Para Cerbino, Panchi e Angulo (2023), em análise sobre a realidade equatoriana, os jovens teriam sido os mais impactados pelos diversos efeitos da reorganização social que a pandemia infligiu.

Diante das profundas instabilidades provocadas pelas crises sanitária e econômica, a reflexão sobre como os jovens engendram suas expectativas de futuro é questão fundamental, o que justifica a realização de mais estudos para compreender que fatores e/ou instituições teriam papel importante nesse processo. Apesar da perda de importância das instituições na formação dos indivíduos na contemporaneidade, conforme apontam Beck (2010), Dubet (2006) e Melucci (1998), assume-se aqui, como hipótese a ser testada, que uma instituição, em particular, exercerá grande importância em especial nas representações otimistas sobre o futuro: as igrejas.

Evidentemente, pode-se discutir, reconhecendo em especial a importância das igrejas pentecostais e neopentecostais entre as juventudes populares do Brasil atual, se essa forma de religiosidade não estaria também, em alguma medida, desinstitucionalizada ou atuando em de uma forma muito mais individualizada e privatizada (Berger, 1986). Conforme Jessé Souza (2010), as religiões pentecostais ou neopentecostais estariam bastante associadas às classes populares ou batalhadoras brasileiras, devido, entre outros fatores, à sua capacidade em adaptar-se aos anseios dos moradores das periferias urbanas no Brasil. Por sua vez, Gutierrez (2017) destaca a forma como o mundo evangélico atuaria junto às camadas populares como espaço importante de elaboração de projetos de vida, trabalhando com questões que redimensionariam seus anseios, como a ascensão social pela via do empreendedorismo em contraposição ao trabalho assalariado.

Por fim, outro aspecto que se tornou ainda mais problemático está relacionado à saúde mental dos jovens. Uma pesquisa internacional, realizada com mais de 48

mil jovens em 34 países, apreendeu um declínio global do bem-estar mental dos jovens que se agravou significativamente com a pandemia de Covid-19, principalmente por conta do isolamento social (Mental State of the World, 2022). No Brasil, a pesquisa realizada pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE, 2020) apontou que, entre os diferentes aspectos da vida dos jovens, a pandemia afetou principalmente a saúde emocional. Vazquez *et al.* (2022) ressaltam que rompimento de vínculos e interrupção das principais rotinas de estudo e lazer dos jovens durante a pandemia no Brasil aumentaram os riscos à saúde mental. Dessa forma, espera-se uma associação entre piora no estado emocional e expectativas pessimistas em relação ao futuro, hipótese que também será testada neste estudo.

Em suma, frente às incertezas provocadas pela crise sanitária, quais fatores sociais, econômicos e relacionados à saúde estão associados às expectativas otimistas ou pessimistas dos jovens? Essa é a questão central que norteou essa pesquisa realizada com jovens de Guarulhos-SP durante o período de auge da pandemia no Brasil. Os procedimentos metodológicos e os resultados obtidos serão apresentados nas seções seguintes.

## **2. Metodologia: desenho do survey, seleção das variáveis e análise dos dados**

Utilizou-se dados secundários do *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”, realizado pela Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Guarulhos. Ao todo, o questionário estruturado contemplou 75 questões. No total, foram obtidas 935 respostas, com adesão espontânea e totalmente voluntária. Deste total, 843 casos foram validados por atenderem os requisitos da pesquisa: ter entre 15 e 29 anos e morar em Guarulhos-SP. A pesquisa foi divulgada pelas redes sociais da prefeitura e pelos meios de comunicações locais, conforme procedimentos descritos no 4º Relatório Analítico do Observatório Municipal de Direitos Humanos (2021).

Considerando que o método aplicado foi não probabilístico, de caráter exploratório, a pesquisa não teve preocupação prévia com o tamanho da amostra. Contudo, considera-se a quantidade de respostas e a sua distribuição bastante satisfatória, abrangendo todas as regiões da cidade e em proporção à distribuição espacial da população. Do total de casos válidos, 47% tinham entre 18 a 24 anos, 30% entre 15 a 17 anos e 23% entre 25 a 29 anos de idade (Observatório Municipal de Direitos Humanos, 2021).

Para este artigo, foram selecionadas duas variáveis dependentes. A primeira corresponde à avaliação do jovem em relação à pandemia, compreendendo duas posições: otimista, quando as respostas foram que “a pandemia irá acabar” ou que

ela “não afeta minha vida”, enquanto a visão pessimista compreende as respostas “estou pessimista” ou “vamos ter que conviver com possíveis efeitos e próximas pandemias”. A segunda variável de interesse é mais direta e deriva do sentimento do jovem “em relação a uma possível situação de pós pandemia no Brasil”, em que as respostas possíveis são: neutro, otimista ou pessimista. Vale frisar que as respostas não eram obrigatórias nos dois casos, o que resultou em casos ausentes (*missing*), iguais a 8 na variável específica sobre a pandemia e 6 na avaliação sobre a situação geral do país.

Ao todo, 11 variáveis independentes foram selecionadas, todas elas categóricas dicotômicas (representadas por 0 ou 1), que podem ser agrupadas em 3 dimensões:

- a) Marcadores sociais – englobam as variáveis gênero, cor/raça, idade e prática religiosa. Em relação ao gênero, além de homem e mulher, a pergunta forneceu as opções não-binário e outro (aberta), contudo a baixa incidência (7 casos, ambas somadas) impediram que estas últimas categorias fossem incluídas em um estudo quantitativo. O mesmo ocorreu com amarelos (8 casos) e indígenas (apenas 1) quanto à cor da pele/raça e, assim, optou-se por apenas 2 categorias: de um lado, brancos e amarelos juntos; de outro, pretos e pardos, já o caso indígena foi considerado como *missing*. A prática religiosa é uma variável dicotômica (sim ou não), que identifica os praticantes, independentemente da religião. Por fim, a variável idade separa menores e maiores de 18 anos.
- b) Aspectos econômicos – representados pelas variáveis dicotômicas: renda familiar maior ou menor que três salários mínimos; se o jovem contribui financeiramente em casa (ou não) e se avaliaram que possuem (ou não) um espaço adequado para estudo ou trabalho em casa.
- c) Situação de saúde – foram identificados casos que tiveram covid-19 em algum momento da pandemia (até a data de resposta ao questionário) e se os jovens que declararam que seu estado emocional piorou durante a pandemia, em contraste com aqueles que afirmam que melhorou ou não houve alteração.

Primeiramente, foram calculadas as frequências de todas as variáveis. Em seguida, buscou-se mensurar a associação entre as duas variáveis dependentes, ou seja, as expectativas futuras em relação à pandemia e à situação do Brasil pós-pandemia. O teste de associação utilizado foi o qui-quadrado. Em função dos resultados, optou-se por destacar o pessimismo como categoria de interesse.

Na análise de regressão, foram realizados primeiramente modelos simples, com todas as variáveis independentes separadamente, a fim de verificar o efeito isolado de cada uma delas. Na sequência, foram construídos os dois modelos de regressão múltipla, os quais consideram a influência das variáveis independentes concomitantemente e, dessa forma, é possível verificar o efeito de cada fator, quando os demais estão controlados. No caso da expectativa futura em relação à pandemia, o modelo é de regressão logística binária, uma vez que a variável dependente é dicotômica (otimista ou pessimista). Em relação à situação do Brasil pós-pandemia, por se tratar de uma questão mais ampla relacionada à conjuntura nacional, optou-se por manter a posição de neutralidade como referência em um modelo de regressão logística multinomial, a fim de verificar os fatores que aumentam ou reduzem as chances de manifestar pessimismo ou otimismo, em comparação com a categoria de referência (neutralidade).

Os resultados foram interpretados pela significância estatística (valor  $p$ ) e pelo *OddsRatio* (OR), que mede os impactos das variáveis independentes (X) sobre a chance (*odds*) do evento (Y) ocorrer. Os procedimentos para a construção dos modelos de regressão logística e interpretação dos seus resultados estão sintetizados em Fernandes *et al.* (2020). Para verificação de ajuste dos dois modelos, foi utilizado o VIF (*variance inflation factor*) de modo a garantir que não houvesse multicolinearidade, complementada pela análise gráfica e numérica dos resíduos. Foi utilizado o software SPSS Versão 21.0 para a realização destas análises.

Os resultados serão apresentados na seção seguinte.

### **3. Resultados**

Primeiramente, faremos uma análise descritiva das duas variáveis dependentes – expectativas futuras em relação à pandemia e à situação do país pós-pandemia – e da associação existente entre elas. A tabela 1 mostra os valores resultantes deste cruzamento.

**Tabela 1** – Resultados do cruzamento entre expectativas futuras em relação à pandemia e à situação do país pós-pandemia, em valores percentuais (N= 834)\*, jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

		Expectativas em relação à pandemia		Total	
		Otimista	Pessimista		
Expectativas sobre a situação de pós-pandemia no Brasil	Neutro	n	70	267	337
		%	20,8%	79,2%	40,4%
	Pessimista	n	25	304	329
		%	7,6%	92,4%	39,4%
	Otimista	n	78	90	168
		%	46,4%	53,6%	20,1%
Total		n	173	661	834
		%	20,7%	79,3%	100,0%

**Fonte:** Dados primários do survey “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(\*) Excluí 9 casos ausentes, sendo 8 *missing* nas duas variáveis e 1, apenas em relação à situação do país.

As expectativas pessimistas em relação à pandemia correspondiam a 79,3% (661 jovens), enquanto 20,7% se disseram otimistas (173 casos). Em relação à situação do país pós-pandemia, 39,4% (329) dos jovens manifestaram pessimismo, 20,1% (168) estavam otimistas e 40,4% (337) se mantiveram neutros. No cruzamento de expectativas, 79,2% dos jovens neutros em relação ao futuro do país estavam pessimistas em relação à pandemia; entre os pessimistas, 92,4% também estavam pessimistas frente à pandemia; por fim, mesmo aqueles que manifestaram otimismo no cenário nacional pós-pandemia, a maioria (53,6%) se disse pessimista quanto à pandemia. Há forte associação entre as duas expectativas, com elevada significância estatística medida pelo qui-quadrado ( $\chi^2 = 101,99$ ,  $gl=2$ ,  $p < 0,001$ ).

As variáveis independentes selecionadas foram agrupadas em três dimensões: a) marcadores sociais; b) aspectos econômicos e; c) situação de saúde. Na tabela 2, estão colocados os números de casos válidos, os percentuais válidos e as estatísticas descritivas para três variáveis quantitativas.

*Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19*

**Tabela 2** – Análise descritiva das variáveis independentes (N=843)\*, jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

Dimensões	Variáveis	Categorias	N	%
Marcadores sociais	Sexo	Homem	287	34,3
		Mulher	549	65,7
	Cor/ Raça	Brancos	453	53,8
		Negros	389	46,2
	Prática religiosa	Não	416	50,1
		Sim	415	49,9
Idade	Menos de 18	257	30,5	
	18 ou mais	586	69,5	
Fatores econômicos	Contribui financeiramente em casa	Não	326	40,3
		Sim	482	59,7
	Ambiente adequado em casa	Não	312	40,2
		Sim	495	59,8
	Faixa de Renda	Até 3 SM	588	69,8
		Mais de 3 SM	255	30,2
Situação de Saúde	Foi infectado	Não	661	78,8
		Sim	178	21,2
	Estado emocional piorou	Não	182	21,8
		Sim	654	78,2

**Fonte:** Dados primários do *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(\*) A amostra total possui 843 casos. O número de casos por variável depende dos missings, que variaram entre 0 e 35 casos.

Observa-se que um terço da amostra é de homens e 66%, de mulheres. Quanto à cor/ raça, 54% são brancos, enquanto pretos e pardos somam 46%. Metade dos jovens possuem alguma prática religiosa e outra metade, não. Quanto à faixa etária, 30% é menor de idade e 70% tem mais de 18 anos, com idade média de 20,6 anos. No tocante aos aspectos econômicos, cerca de 60% contribuíam financeiramente em casa e 70% dos jovens vivem com renda familiar de até três salários mínimos. Em relação às condições de habitabilidade, 40,2% disseram não possuir um local adequado para trabalhar ou estudar em casa. Por fim, os fatores relacionados à saúde destacam que 21,2% foram infectados pelo coronavírus e 78,2% disseram que seu estado emocional piorou durante a pandemia. Nota-se que todas estas variáveis independentes possuem apenas duas categorias (0 ou 1).

Quais destas variáveis aumentam as chances dos jovens terem expectativas pessimistas ou otimistas? A hipótese central é que os jovens socioeconomicamente mais vulneráveis e que tiveram sua saúde física e mental mais afetada são aqueles(as) com expectativas mais pessimistas. A amostra é bastante diversificada e há indícios fortes de intersecções, a serem testadas na análise multivariada, que definem um perfil mais vulnerável: mulheres, negras, muito jovens, de menor renda familiar, dependência financeira, espaço inadequado em casa e com redes de sociabilidades mais afetadas.

Optou-se pela construção de dois modelos de regressão distintos, ambos com as mesmas variáveis independentes (Tabela 2), mas com diferentes variáveis dependentes: expectativas em relação à pandemia e quanto à situação do Brasil pós-pandemia (Tabela 1). Como a primeira é dicotômica, a técnica mais adequada é a análise de regressão logística binária. Já a segunda variável dependente possui 3 categorias – pessimista, otimista e neutro – sendo analisada por um modelo logístico multinomial, tendo como referência a posição de neutralidade.

A análise dos resultados destacará os fatores explicativos mais importantes, por meio da análise das razões de chances (*OddsRatio* – OR, em inglês) e da significância estatística destes resultados. Dessa maneira, pretende-se identificar que fatores levam a um maior pessimismo durante a pandemia e quais deles aumentam as chances de jovens com certas características pertencerem aos grupos de pessimistas ou otimistas, em comparação com os que se declararam neutros em suas expectativas futuras sobre a situação geral do país.

A Tabela 3 mostra os resultados das análises univariadas e multivariadas para o primeiro modelo, quando a variável dependente é o pessimismo em relação à pandemia.



*Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19*

**Tabela 3** – Resultados do modelo de regressão logística, com análises univariadas e multivariada (N = 722), tendo como variável dependente “pessimismo sobre a pandemia”. Jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

Dimensões	Variáveis	Ref.	Análise Univariada			Análise Multivariada				
			OR	IC 95% (Min–Max)		p value	OR	IC 95% (Min–Max)		p value
Marcadores sociais	Sexo	Mulher	1,358	0,961	1,918	0,083				
	Cor/ Raça	Negros	0,67	0,479	0,939	0,02				
	Prática religiosa	Sim	0,602	0,428	0,847	0,004	0,572	0,390	0,838	0,004
	Idade	18 ou mais	1,97	1,392	2,787	<0,001	1,535	1,032	2,283	0,035
Fatores econômicos	Contribui financeiramente	Sim	1,362	0,963	1,926	0,081				
	Ambiente adequado	Sim	0,783	0,546	1,121	0,181				
	Faixa de Renda	Até 3 SM	0,601	0,406	0,889	0,011	0,523	0,336	0,812	0,004
Situação de Saúde	Foi infectado	Parcial	1,292	0,841	1,987	0,243				
	Estado emocional piorou	Sim	3,33	2,303	4,816	<0,001	3,810	2,518	5,764	<0,001

Fonte: Dados primários do survey “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(\*) O total de casos na análise multivariada é 722, devido aos *missings* das variáveis independentes.

Na análise univariada, na qual se capta o efeito isolado de cada variável independente, sem considerar os efeitos das demais, cinco variáveis foram significativas ( $p < 0,05$ ). Ser negro, ter prática religiosa e ter renda familiar menor que três salários mínimos diminuem as chances de ter expectativas pessimistas em relação à pandemia. Por outro lado, a piora no estado emocional e ser adulto (maior de 18 anos) são fatores positivamente associados ao pessimismo. Não houve diferença significativa em função do sexo, de ter sido infectado ou do espaço adequado ou não em casa.

A análise multivariada permite avaliar os efeitos destes fatores em conjunto. É comum que algumas variáveis percam sua significância quando controladas pelas demais. Aqui, serão destacados os resultados do modelo final, o qual inclui apenas os fatores que são estatisticamente relevantes ( $p < 0,005$ ). O modelo final de regressão logística múltipla foi bastante significativo ( $X^2(4) = 58,895$   $p < 0,001$ ;  $R^2$  Nagelkerke = 0,123), revelando uma boa capacidade explicativa, tendo em vista a complexidade e a diversidade das razões individuais que levam à formação de expectativas futuras, ainda mais em um contexto de tanta incerteza gerada pela pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo.

Seguindo a ordem dada pelo método *stepwise forward*, o primeiro fator explicativo é o estado emocional, cuja piora aumenta em 3,8 vezes as chances de expectativas pessimistas em relação à pandemia (OR = 0,381,  $p < 0,001$ ), em comparação com aqueles que não foram afetados emocionalmente. Contrariando a hipótese prévia, a renda familiar está associada negativamente, ou seja, jovens com renda familiar de até 3 SM têm quase 50% menos chances de estarem pessimistas em relação à pandemia, (OR = 0,523,  $p = 0,004$ ). Ter uma prática religiosa também foi um fator protetivo, que reduziu em 43% as chances de pertencimento ao grupo de pessimistas (OR = 0,572,  $p = 0,004$ ). Importante notar que estes três primeiros fatores são de dimensões distintas – saúde, econômica e social, respectivamente – o que demonstra que o caráter multicausal do pessimismo em relação à pandemia. Por fim, a maioria aumentou em mais de 50% as chances de pessimismo (OR = 1,535,  $p = 0,035$ ), em relação aos menores de idade.

O segundo modelo é uma regressão logística multinomial, pois a variável dependente “expectativas sobre a situação do Brasil pós-pandemia” possui três categorias: pessimista, otimista e neutro, sendo esta última escolhida como referência, ou seja, as razões de chances (*OddsRatio* - OR) de pertencer aos grupos de pessimistas ou otimistas são em comparação aos jovens que se mantiveram posicionamento neutro. A Tabela 4 apresenta os resultados das análises univariada e multivariada deste segundo modelo, cujas variáveis independentes permanecem as mesmas.

Os efeitos isolados mensurados nas análises univariadas mostram associações positivas e negativas semelhantes às do modelo anterior. Em comparação com o grupo de expectativas neutras, as chances de ter expectativas pessimistas sobre a situação do país diminuem se o jovem é negro e com renda familiar de até três salários mínimos, o que também contraria a hipótese de maior pessimismo entre os mais vulneráveis socioeconomicamente. Nesta mesma direção, possuir espaço adequado em casa para estudo ou trabalho reduz a chance de o jovem pertencer ao grupo de pessimistas. Em contrapartida, a piora no estado emocional está positivamente associada ao pessimismo, o que confirma a hipótese levantada no que tange à saúde. Porém, não há significância estatística sobre o fato de ter sido infectado ou não.

Duas variáveis estão associadas tanto ao pessimismo como ao otimismo. A primeira é a prática religiosa que reduz as chances de o jovem ter expectativas pessimistas e, ao mesmo tempo, aumenta as chances de otimismo entre os jovens, sempre em comparação com aqueles que permaneceram neutros. A segunda é a maioria que está positivamente associada aos dois grupos, isto é, os menores de idade permaneceram mais neutros, enquanto os jovens adultos tiveram suas expectativas alteradas, uma parte prevendo um futuro melhor e outra, pior.

*Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de  
Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19*

**Tabela 4** – Resultados do modelo de logística multinomial, com análises univariadas e multivariada (N = 725), tendo como variável dependente “expectativas sobre a situação do Brasil pós-pandemia”. Jovens moradores de Guarulhos-SP, 2021.

Dimensões	Variáveis	Ref.	Análise Univariada				Análise Multivariada			
			OR	IC 95% (Min–Max)		p value	OR	IC 95% (Min–Max)		p value
Pessimista	Sexo	Mulher	0,951	0,689	1,312	0,760				
	Cor/ Raça	Negros	0,672	0,495	0,912	0,011				
	Prática religiosa	Sim	0,698	0,513	0,948	0,021	0,700	0,503	0,976	0,035
	Idade	18 ou mais	2,010	1,434	2,817	<0,001	1,982	1,385	2,837	<0,001
	Contribui financeiramente	Sim	0,906	0,661	1,242	0,541				
	Ambiente adequado	Sim	0,669	0,486	0,921	0,014	0,661	0,470	0,931	0,018
	Faixa de Renda	Até 3 SM	0,693	0,500	0,961	0,028	0,614	0,425	0,886	0,009
	Foi infectado	Sim	0,870	0,601	1,259	0,461				
Estado emocional piorou	Sim	2,134	1,423	3,200	<0,001	1,985	1,284	3,069	0,002	
Otimista	Sexo	Mulher	0,888	0,602	1,310	0,548				
	Cor/ Raça	Negros	0,846	0,584	1,226	0,377				
	Prática religiosa	Sim	1,802	1,227	2,646	0,003	1,862	1,230	2,819	0,003
	Idade	18 ou mais	1,509	1,012	2,252	0,044	1,977	1,271	3,075	0,003
	Contribui financeiramente	Sim	0,927	0,630	1,366	0,703				
	Ambiente adequado	Sim	1,302	0,860	1,971	0,212				
	Faixa de Renda	Até 3 SM	1,163	0,763	1,774	0,482				
	Foi infectado	Sim	0,798	0,503	1,265	0,337				
Estado emocional piorou	Sim	0,672	0,447	1,012	0,057					

**Fonte:** Dados primários do *survey* “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19”. Elaboração dos autores.

(\*) O total de casos na análise multivariada é 725, devido aos *missings* das variáveis independentes.

O modelo de regressão multinomial múltipla demonstrou boa capacidade explicativa ( $X^2(12) = 87,06$ ;  $p < 0,001$ ; Pseudo  $R^2$  Nagelkerke = 0,124). Quanto às expectativas pessimistas, por ordem de relevância, os jovens que relataram piora no estado emocional (OR = 1,985,  $p = 0,002$ ) e maiores de 18 anos (OR = 1,982,  $p < 0,001$ ) têm o dobro de chances de pessimismo, em vez de pertencerem ao grupo

de neutros. Se a renda familiar for mais baixa (até três salários mínimos) reduz em quase 40% as chances de pessimismo (OR = 0,614,  $p = 0,009$ ), ter um espaço adequado em casa também diminui essas chances em 34% (OR = 0,661,  $p = 0,018$ ). Por fim, a prática religiosa também foi um fator protetivo que reduziu em 30% as chances de pessimismo (OR = 0,700,  $p = 0,035$ ), sempre em relação a permanecer neutro. Na análise multivariada, a variável cor da pele/raça perdeu sua significância estatística.

Já o otimismo entre os jovens teve apenas dois fatores significantes: maioridade e prática religiosa, ambos positivamente associados. Ter mais de 18 anos aumenta em 98% as chances de otimismo (OR = 0,977,  $p = 0,003$ ) e a prática religiosa eleva essas chances em 86% (OR = 0,862,  $p = 0,003$ ), em relação a permanecer neutro. Considerando que a maioridade também aumenta as chances de pessimismo, essa variável parece mais uma tendência de posicionamento dos jovens adultos – em vez da neutralidade, mais comum entre os mais novos – do que um fator explicativo do pessimismo ou otimismo sobre o futuro do Brasil pós-pandemia. Sendo assim, o otimismo se resume a uma questão de fé, diante da dramática situação do país no auge da pandemia.

Estes achados serão discutidos nas considerações finais.

## **Considerações finais**

A pesquisa analisou as expectativas dos jovens moradores de Guarulhos-SP em relação à pandemia e à situação futura do Brasil pós-pandemia. Participaram 843 participantes entre 15 e 29 anos. A coleta foi realizada entre 29 de abril e 15 de maio de 2021, dias após o registro de mais 4 mil mortes por Covid-19 em um único dia e ainda durante a onda mais forte da pandemia no Brasil. Diante da gravidade da situação, cerca de 80% dos jovens estavam pessimistas em relação à pandemia e 20%, otimistas. Quanto ao futuro do país após a pandemia, 40% tinham expectativas pessimistas, outros 40% se disseram neutros e apenas 20%, otimistas.

Nota-se forte associação entre as duas expectativas. Mas, as expectativas em relação à pandemia eram piores. Entre os que estavam pessimistas em relação ao futuro do país, 92% também eram pessimistas diante da pandemia. Mesmo entre os mais otimistas sobre a situação brasileira pós-pandemia, a maioria (53,6%) era pessimista sobre a pandemia. Para além de descrever este quadro, a pesquisa tinha como objetivo verificar as causas destas expectativas futuras.

Para isso, buscou-se identificar fatores associados de três tipos: a) marcadores sociais (gênero, cor/raça, idade e prática religiosa); b) aspectos econômicos (renda familiar, dependência financeira; espaço adequado no domicílio); c) situação de saúde (piora no estado emocional e se o jovem foi infectado pelo coronavírus). Todas

essas variáveis independentes são qualitativas e dicotômicas. A hipótese central era de que os jovens com maior vulnerabilidade socioeconômica e que tiveram sua saúde afetada manifestaram maior pessimismo em relação à pandemia e ao futuro do país. Para testá-la, utilizou-se um modelo de regressão logística binária para as expectativas em relação à pandemia (pessimista versus otimista) e outro modelo de regressão multinomial para as expectativas futuras para o país, tendo como referência a posição neutra.

Quanto à situação de saúde, as expectativas futuras independem do fato do jovem ter sido ou não infectado pela Covid-19. Entretanto, nota-se forte associação com a piora no estado emocional durante a pandemia, que eleva em quase quatro (4) vezes mais as chances de expectativas pessimistas em relação à pandemia e duas (2) vezes mais chances de pessimismo em relação ao futuro do Brasil pós-pandemia, confirmando os efeitos negativos da pandemia sobre a saúde mental dos jovens, tal como tem apontado a literatura. Por exemplo, Vazquez *et al.* (2022) mostram que o tempo de exposição às telas e a inversão do sono (troca do dia pela noite), ambas relacionadas às mudanças nas rotinas dos jovens em função do isolamento social e do fechamento das escolas, estão fortemente associados aos sintomas de ansiedade e depressão durante a pandemia. De acordo os autores, estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em escolas públicas estaduais e municipais, localizadas nas periferias dos municípios de São Paulo-SP e Guarulhos-SP, apresentaram triagem positiva em 10,5% para sintomas depressivos graves e 47,5% para sintomas ansiosos graves. As consequências futuras desta piora no estado emocional não se restringem à formação das expectativas, uma vez que transtornos mentais se mantém estáveis até a vida adulta em mais da metade dos casos, conforme apontaram Lavigne *et al.* (1998), em estudo seminal mais de duas décadas antes à crise do coronavírus.

No que tange à vulnerabilidade socioeconômica, os resultados mostram que os jovens com renda familiar menor que três salários mínimos (70% da amostra) tiveram cerca de 50% menos chances de pessimismo para ambas expectativas, em comparação aqueles com renda acima deste patamar. Por outro lado, ter um espaço adequado em casa (59% da amostra) reduz as chances de pessimismo (em 34%) em relação ao cenário do país, mas não afeta as expectativas em relação à pandemia. Nas análises multivariadas, não houve diferenças por gênero, cor da pele/raça e em relação à dependência financeira dos jovens. Ou seja, as evidências são insuficientes para demonstrar que os mais vulneráveis estavam mais pessimistas.

De acordo com Taiketi *et al.* (2020), vulnerabilidade e risco são tidos como sinônimos pela área da saúde coletiva e psicologia social, quando abordam os eventos estressores motivados pelos próprios jovens/adolescentes e os determinantes sociais e culturais que direcionam para as situações de risco. Diante da impossibilidade de confirmar a relação entre as condições objetivas da vida e as

expectativas dos jovens, recomenda-se a realização de estudos futuros que analisem os determinantes do estado emocional dos jovens, para além dos fatores materiais e da renda.

Dois marcadores sociais se mostraram relevantes nos dois modelos: maioridade e religiosidade. A primeira aumenta em 53% as chances de pessimismo em relação à pandemia, em comparação com jovens menores de 18 anos. Quanto à situação futura do país, a idade adulta praticamente dobrou as chances de pessimismo e de otimismo em comparação com a neutralidade, ou seja, esse grupo se manteve menos neutro, posição mais comum entre os mais novos. Dessa maneira, as incertezas da passagem para uma vida adulta, conforme as reflexões de Pais (2001; 2009) e Leccardi (2005), agravadas agora pelo contexto da pandemia, explicariam o fato dos mais jovens permanecerem neutros, sem condições de projetarem seus futuros. Essa diferença evidencia as pluralidades de experiências das juventudes dentro da própria faixa etária.

Por sua vez, a prática religiosa é responsável pela redução em 43% e 30% das chances de pessimismo em relação à pandemia e à situação do Brasil pós-pandemia, respectivamente. Ela também elevou em 86% a possibilidade de otimismo em relação ao futuro do país, sendo o único fator determinante desse posicionamento, já que a maioridade também esteve associada ao pessimismo, conforme já constatado. Assim, apesar da tendência de redução do papel das instituições na formação dos indivíduos na contemporaneidade (Beck, 2010; Dubet, 2006; Melucci, 1998), a religião atuou como uma instituição importante para que os jovens construam perspectivas mais otimistas acerca de seu futuro. Esta constatação poderia ser justificada pelo fato de as religiões pentecostais e neopentecostais terem ampliado cada vez mais sua presença entre as classes populares (Souza, 2010), trabalhando, entre outras questões, justamente com aspectos relacionados às perspectivas de futuro (Gutierrez, 2017).

A partir dos resultados principais deste estudo e em discussão com a literatura sobre o tema, conclui-se que: 1) a piora do estado emocional dos jovens está fortemente associada com as expectativas pessimistas, conforme esperado; 2) observou-se também maior pessimismo entre os jovens com renda familiar maior que 3 salários mínimos em relação àqueles de menos favorecidos economicamente, contrariando esta hipótese prévia; 3) apenas a religião foi motivo para uma minoria manter a fé em dias melhores pós-pandemia, revelando uma influência bastante forte desta instituição na formação das expectativas futuras da juventude.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 73-90, 1997.

*Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de  
Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19*

ARAÚJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, v. 26, n. 50, p. 327–349, 2021.

BECK, U. **Sociedade de Risco**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BERGER, P. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1986.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. de S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde e Sociedade**, 18(3), 411-423, 2009.

CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, e00101417, p. 1-8, 2018.

CARRANO, P. Juventude e participação no Brasil: interdições e possibilidades. **Democracia Viva**, v. 30, p. 3-5, 2006.

CERBINO, M.; PANCHI, M.; ANGULO, N. Juventude equatoriana em uma pandemia: tempo e espaço fraturados. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-12, 2023.

CONJUVE – CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Juventudes e a Pandemia de Coronavírus** [Relatório]. Brasília, DF: Conjuve. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/qZVNYA>. Acesso em: 25 mar. 2023.

CORROCHANO, M. C. Jovens no ensino médio: qual o lugar do trabalho? *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 206-228.

CORSEUIL, C. H. L.; FRANCA, M. A. P. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempo de crise. *In*: SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H. L.; COSTA, J. S. **Impactos da Pandemia de Covid-19 no Mercado de Trabalho e na Distribuição de Renda no Brasil**. Brasília: IPEA, 2022.

DUBET, F. **El declive de la institución**. Profesiones, sujetos e indivíduos en la modernidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

FERNANDES, A.; FIGUEIREDO FILHO, D. B.; ROCHA, E. C. da; NASCIMENTO, W. da S. Leia este artigo se você quiser aprender regressão logística. **Revista de Sociologia e Política**, v. 28, n. 74, p. 1-20, 2020.

FUKS, M. Efeitos diretos, indiretos e tardios: Trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. **Lua Nova**, v. 83, p. 145-178, 2011.

GUTIERREZ, C. **A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus**. Orientador: Ronaldo Almeida.

2017. 387f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portal Cid@des – Dados populacionais do município de Guarulhos, Censo 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guarulhos/panorama>. Acesso em 08/05/2024.

KOERICH, B. R.; MATTOS, M. P. Temporalidades juvenis e impactos do contexto pandêmico. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-12, 2023.

LAVIGNE, J. V.; AREND, R.; ROSENBAUM, D.; BINNS, H. J.; CHRISTOFFEL, K. K.; GIBBONS, R. D. Psychiatric disorders with onset in the preschool years: I. Stability of diagnoses. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 37, n. 12, p. 1246-1254, 1998.

LE BRETON, D. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. *Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais*, v. 37, p. 33-44., 2012.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

MARCIAL, R. Políticas públicas de juventud en México: discursos, acciones e instituciones. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA. ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 26., 2007. **Anais [...]**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2007. p. 1-34. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-066/1768.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventudes más que una palabra. *In*: MARGULIS, M. (org). **La juventudes más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

MELUCCI, A. **Nomads of the present**. London: Hutchinson, 1998.

Mental State of the World 2021. **Mental Health Million Project**. Sapien Labs, March 15th, 2022. Disponível em: <https://sapienlabs.org/wp-content/uploads/2022/03/Mental-State-of-the-World-Report-2021.pdf>. Acesso em: 15 mai 2023.

MUXEL, A. Les jeunes et la politique. *In*: Perrineau, P. (org.), **La politique en France et en Europe**. Paris: Presses de Sciences Po, 2007, p. 123-153.

OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS DE GUARULHOS. **Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19**. Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, 2021. Disponível em: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/2021-08/4%20RELATORIO%20DIREITOS%20HUMANOS%20juventude.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.



*Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de  
Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19*

PAIS, J. M. A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.3, p. 371-381, 2009.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.

PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-7, 2023.

RIBEIRO, E.; MACEDO, S. 2018. Notas sobre dez anos de Políticas Públicas de Juventude no Brasil (2005-2015): ciclo, agendas e riscos. **Revista de Ciências Sociais. Jovens y políticas públicas en América Latina**, v. 31, n. 42, p. 107-126, 2018.

ROCHA, H. S. **Formação de agenda governamental e políticas públicas**: o caso das políticas de juventude do Brasil e do México. Orientador: Wagner Romão. 2020. 204p. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2020.

SEVERO, R. Reflexos do isolamento social no período pandêmico para juventude. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2023.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 97, p. 23-40, 2013.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, v. 36 (n. especial), p. 95-106, 2010.

SPOSITO, M. P. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

STANDING, G. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. A produção de conhecimento sobre juventude(s), vulnerabilidades e violências: uma análise da pós-graduação brasileira nas áreas de Psicologia e Saúde (1998-2008). **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 945-963, 2015.

TAKEITI, B. A.; GONÇALVES, M. V.; OLIVEIRA, S. P. A. S. de; ELISIARIO, T. da S. O estado da arte sobre as juventudes, as vulnerabilidades e as violências: o que as pesquisas informam? **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 3. e181118, p. 1-16, 2020.

TOMIZAKI, K.; DANILIAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro-Posições**, v. 29, n. 1, p. 214-238, jan. 2018.

VAZQUEZ, D. A.; CAETANO, S. C.; SCHLEGEL, R.; LOURENÇO, E.; NEMI, A.; SLEMIAN, A.; SANCHEZ, Z. E. Vida sem Escola e a saúde mental dos estudantes de

*Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves  
Dall'Ócco e Alexandre Barbosa Pereira*

escolas públicas durante a pandemia de Covid-19. **Saúde em Debate**, São Paulo, v. 46, n. 133, p. 304-317, 2022.

**Submetido em:** 11/06/2024

**Aprovado em:** 06/08/2024

RADICALIZAÇÃO E FUSIONISMO NO ATIVISMO  
JUVENIL DA DIREITA ARGENTINA APÓS  
2001: A ATUALIDADE DE UMA HISTÓRIA

*RADICALIZACIÓN Y FUSIONISMO EN EL ACTIVISMO  
JUVENIL DE LAS DERECHAS ARGENTINAS  
TRAS 2001: ACTUALIDAD DE UNA HISTORIA*

*RADICALISATION AND FUSIONISM IN  
ARGENTINEAN RIGHT-WING YOUTH ACTIVISM  
AFTER 2001: A HISTORY IN THE PRESENT DAY*

*Matías GRINCHPUN\**

*Sergio MORRESI\*\**

*Ezequiel SAFERSTEIN\*\*\**

*Martín VICENTE\*\*\*\**

**RESUMO:** Este artigo propõe uma abordagem das diferentes modalidades assumidas pelos jovens que, identificados com diferentes ideologias da direita argentina, tornaram-se politicamente ativos depois da crise econômica e de representação

---

\* Professor da Faculdade de Filosofia e Letras e da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Buenos Aires, Professor de História e Doutor em História pela Universidade de Buenos Aires, pós-doutorado do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3163-2548>. Contato: [matiasgrinchpun@gmail.com](mailto:matiasgrinchpun@gmail.com).

\*\* Professor da Universidade Nacional do Litoral, Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, Bacharel em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires, Pesquisador Independente do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Universidade Nacional do Litoral Sergio Morresi. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8287-5772>. Contato: [smorresi@gmail.com](mailto:smorresi@gmail.com).

\*\*\* Professor da Universidade de Buenos Aires e da Universidade Nacional de San Martín, Doutor em Ciências Sociais e Bacharel em Sociologia pela Universidade de Buenos Aires, Mestre em Sociologia da Cultura pela Universidade de San Martín, Pesquisador Adjunto do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica da Escola de Altos Estudos Sociais-Universidade Nacional de San Martín. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1816-4164>. Contato: [esafenstein@unsam.edu.ar](mailto:esafenstein@unsam.edu.ar).

\*\*\*\* Professor da Universidade Nacional de Mar del Plata, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires, Mestre em Ciência Política pela Universidade Nacional de San Martín, Bacharel em Comunicação Social pela Universidade de El Salvador, Pesquisador Adjunto do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Universidade Nacional do Centro da Província de Buenos Aires. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6744-0268>. Contato: [vicentemartin28@gmail.com](mailto:vicentemartin28@gmail.com).

política que teve lugar em 2001. Para isso, em primeiro lugar, coloca-se em perspectiva histórica o ativismo juvenil de direita no século XX em duas famílias ou tradições políticas argentinas: a liberal-conservadora e a nacionalista-reacionária. Seguidamente a atenção se concentra no cenário do século XXI, marcando os sucessivos momentos de visibilidade ativista juvenil, primeiro na centro-direita e depois em expressões radicalizadas que, a partir de um efeito fusionista resultou na convergência das famílias de direita em Argentina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ativismo juvenil. Direitas. Argentina.

**RESUMEN:** *Este trabajo propone un abordaje de las diversas modalidades que asumieron los jóvenes que, identificados con distintos idearios de las derechas argentinas, activaron políticamente en el ciclo abierto tras la crisis de 2001. Lo hace historizando el activismo juvenil derechista del siglo XX en base a dos familias: la liberal-conservadora y la nacionalista-reaccionaria, enfocando luego un recorrido por la coyuntura abierta por el propio quiebre de 2001 y los sucesivos momentos de visibilización activista, primero en la centroderecha y luego en expresiones radicalizadas que desde un efecto fusionista logró que convergieran aquellas tradiciones con un destacado protagonismo juvenil.*

**PALABRAS CLAVE:** *Activismo juvenil. Derechas. Argentina.*

**ABSTRACT:** *This work proposes an approach to the various modalities assumed by young people who, identified with different ideologies of the Argentine right, and became politically active in the open cycle after the 2001 crisis. It does so by historicizing right-wing youth activism of the 20th century based on two families: the liberal-conservative and the nationalist-reactionary, then focusing on a tour of the situation opened by the breakup of 2001 itself and the successive moments of activist visibility, first in the center-right and then in radicalized expressions that from a fusionist effect managed to converge those traditions with a strong youth prominence.*

**KEYWORDS:** *Youth activism. Right-wing. Argentina.*

## **Introdução**

Recentemente, o lugar dos jovens de direita ganhou centralidade na agenda pública, muitas vezes sublinhando a surpresa com o fenômeno. Longe de ser uma novidade, a presença ativa de jovens em ideologias de direita foi um constante

irregular na Argentina desde o início do século XX, ligada aos movimentos gerais do espaço de direita local. O lugar dos atores juvenis era mais visível no universo nacionalista-reacionário do que no universo liberal-conservador até a reconstrução democrática pós-1983, com efeito sobre a disparidade bibliográfica em favor dos primeiros (Bohoslavsky, Echeverría; Vicente, 2021; Morresi; Vicente, 2023). O caráter beligerante e visível do nacionalismo colocou os jovens em um lugar central, promovendo empreendimentos intelectuais, militância ativa e muitas vezes violenta, foi amplamente abordado pelos analistas (Lvovich, 2003; Mcgee Deutsch, 2005; Padrón, 2017).

A extensão dessa ideologia às fileiras das Forças Armadas, à imprensa ideológica de massa e às derivas subnacionais também recebeu atenção, novamente com a juventude em um lugar-chave (Galván, 2013; Casas, 2018/2018). O aspecto jovem da família liberal-conservadora foi menos evidente durante grande parte do século XX, portanto, a atenção de estudos específicos foi menor. A ascensão de jovens intelectuais, mas não de jovens, no pós-peronismo deve ser marcada como uma exceção antes do retorno democrático de 1983 (Vicente, 2015). O quadro ali aberto foi abordado a partir de experiências militantes juvenis no universo liberal-conservador, época em que o nacionalismo-reacionário se deslocava para as margens da vida pública (Vommaro; Morresi; Bellotti, 2015; Arriondo, 2015; Grandinetti, 2019).

A recente convergência entre jovens que transitaram nas margens da direita liberal-conservadora em um processo de radicalização com outras expressões de direita ganhou entidade política e foi abordada por analistas (Goldentul; Saferstein, 2020; Morresi; Vicente, 2023; Vázquez, 2023), paralelamente a uma transformação internacional da direita marcada pelo radicalismo, pela miscigenação e pelo componente juvenil (Goodwin; Eatwell, 2019; Mudde, 2021; Stefanoni, 2021). A partir dessa perspectiva, analisaremos o ativismo juvenil na direita argentina. Após um passeio panorâmico pelos eixos centrais da presença juvenil durante o século XX, abordaremos o cenário aberto no século XXI e analisaremos a recente radicalização da juventude de direita. Buscamos mostrar que a transformação política após a crise de 2001, quando o governo da Aliança caiu, a conversibilidade peso-dólar acabou e uma polarização entre os espaços políticos foi gradualmente construída, permitiu recentemente o surgimento de uma expressão de direita radical com perspectiva política fusionista, que chegou ao poder em 2023 (Nash, 1987).

A hipótese que norteia este trabalho propõe que a radicalização de um segmento do liberalismo-conservador operou em convergência com outras expressões de direita com um protagonismo central dos setores da juventude, o que implicou duas mudanças diante da direita argentina: a radicalização de um setor do liberalismo-conservador e uma convergência com as famílias do nacionalismo-reacionário após sua relativa marginalização desde o retorno à democracia. À luz do que foi marcado, o texto propõe uma leitura da juventude em dois sentidos. De um lado,

seguindo as concepções de juventude presentes nos trabalhos pesquisados, que se debruçam sobre três momentos de visibilidade: as primeiras décadas do século XX, os chamados “longos anos sessenta” e a recuperação democrática de 1983. Diante disso, o texto enfoca a juventude pós-ruptura de 2001, compreendendo uma abordagem da juventude a partir das posições dos sujeitos analisados, que se apresentam como jovens e são compreendidos como tal pelos atores com os quais se relacionam (ou seja, colocados e representados como tais no campo político, Bourdieu, 1982;).

Assim, o texto se baseia em uma reconstrução do lugar da juventude na direita argentina à luz de trabalhos anteriores, tanto dos autores quanto em diálogo com a produção especializada, aos quais se soma o monitoramento das redes sociais desses setores e o trabalho de campo em manifestações, encontros culturais e políticos, eventos das campanhas de 2021 e 2023 (incluindo a posse presidencial de Javier Milei), que são detalhados nos casos apresentados.

## **Um olhar sobre o século XX**

Desde sua constituição como famílias diferenciadas, o liberalismo-conservador e o nacionalismo-reacionário tiveram a juventude como atores em suas dinâmicas e temas de seus discursos. Por volta do Centenário de 1910, surgiu um nacionalismo que se afastou do liberal-conservadorismo tutelar, que enfrentou no contexto aberto pela Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e, posteriormente, o avanço do fascismo. Essa diferenciação se deveu, em parte, ao protagonismo dos jovens: apesar das preocupações comuns, os perfis de liberais-conservadores e nacionalistas-reacionários adquiriram tons diferenciados, onde a agitação juvenil deste último setor foi fundamental. Enquanto os primeiros defendiam a ideologia politicamente republicana da Constituição de 1853, uma concepção capitalista-mercantil da economia e uma leitura sociocultural cosmopolita e elitista, os segundos questionavam esse modelo apelando para o autoritarismo político, esquemas econômicos corporativos e tradicionalismo cultural. Assim, colidiram com duas formas de compreender a realidade e propor um horizonte: os liberais rotularam os nacionalistas de tacanhos e atrasados, enquanto estes culpavam seus oponentes pela penetração de ideias em dissolução (Morresi; Vicente, 2023).

Tal separação e desacordo foram projetados historicamente, mas também houve colaboração em momentos específicos: durante o golpe de Estado de 1930 contra o segundo governo de Hipólito Yrigoyen, da União Cívica Radical (UCR) (1916-1922; 1928-1930) ambos os setores levantaram um discurso que possibilitou convergências posteriores, identificando a democracia majoritária com demagogia e corrupção. Entre os nacionalistas-reacionários, abundaram experiências como o jornal *La Nueva República* ou a sofisticada revista cultural *Sol y Luna*, impulsio-

nadas por jovens intelectuais, por meio das seções juvenis de organizações como a Ação Nacionalista Argentina, a União Nacional Argentina e a Aliança Nacionalista de Libertação (Buchrucker, 1987: 118-123).

Enquanto o universo liberal mostrava a primazia dos atores adultos e tons distantes do juvenilismo, os nacionalistas juraram dar a vida pela causa, um tom militante que atravessou as décadas de 1930 e 1940 chamando-o de jovem. Em meados daquela década, tanto a partir do nascente peronismo quanto em setores antiperonistas, jovens atores levantaram suas vozes, protagonizaram empreendimentos culturais e se chocaram virulentamente após a reeleição de Juan Perón (1946-1952; 1952-9155), com o exemplo marcante dos jovens comandos civis, que produziram ataques e sabotagens antigovernamentais (Bartolucci, 2018). Nacionalistas-reacionários e liberais-conservadores convergiram para lá, mas também radicais, socialistas e católicos apertados. O golpe de Estado de 1955 foi saudado por liberais-conservadores que narraram sua experiência como resistência geracional a uma reversão do totalitarismo, embora sem apelar para o juvenilismo (Vicente, 2014). O nacionalismo reacionário se dividiu: alguns jovens ocuparam cargos na ditadura fugaz do nacionalista Eduardo Lonardi, vingando-se de Perón, que os considerava “píantavotos”, mas foram relegados após a ascensão do liberal Pedro Aramburu, optando por um jornalismo ideológico como o extremista Combate ou Azul y Blanco, que alcançou notável circulação e depois se aproximou do Justicialismo (Galván, 2013).

Certos jovens nacionalistas gradualmente redescobriram o peronismo enquanto seu ativismo trazia o nacionalismo para as ruas e as manchetes da imprensa de massa. No final da década de 1950, grupos como a União dos Estudantes Nacionalistas Secundários (UENS) formaram o Movimento Nacionalista de Tacuara, que articulava a militância juvenil por meio de slogans anti-imperialistas, anticomunistas e antisemitas. Tacuara construiu uma identidade vitalista expressa tanto em grafites de rua quanto em intimidações e espancamentos fatais e até sequestros com tortura. Isso tornou a juventude nacionalista-reacionária visível nas discussões públicas, as preocupações das autoridades e da embaixada dos EUA (Rein, 2007: 250-273). A fragmentação gradual em direção a horizontes ideológicos diferentes mostrou que, além de suas diferenças, esses grupos compartilhavam uma ideologia comum de hostilidade às presidências de Arturo Frondizi (1957-1962) e Arturo Illia (1963-9166) (que chegou ao poder com o peronismo ilegal), e expectativa da ascensão do general Juan Carlos Onganía no golpe de 1966. cujo gabinete reuniu nacionalistas e liberais com conservadores e fundamentalistas. A decepção não demorou a chegar: a política econômica foi condenada como liberal pelas páginas nacionalistas, que também não toleraram que o governo ditatorial condenasse os jovens nacionalistas que sequestraram um avião para viajar para as Ilhas Malvinas para reivindicar a soberania. De Azul y Blanco e do fundamentalista Jauja, sua

“coragem” foi reivindicada e as autoridades que os julgaram foram admoestados (Grinchpun, 2022). Como nos golpes de 1930 e 1955, os nacionalistas acabaram frustrados com o que descreveram como uma capitulação ao liberalismo, especialmente quando o general Alejandro Lanusse liderou a segunda etapa ditatorial a partir de 1970 e articulou uma solução eleitoral, que permitiu o retorno do peronismo em 1973. O fim da proscrição iniciada em 1955 foi chocante para os liberais-conservadores: o setor liberal das Forças Armadas, antes ferozmente antiperonista, favoreceu uma reabertura eleitoral que, segundo a revista *El Búrgués*, entregou o país a Perón (Vicente, 2019). Dentro do nacionalismo reacionário, havia quem se entusiasmava com o retorno do peronismo, incluindo grupos como a Guarda de Ferro, a Frente Nacional Estudantil (FEN), o Comando da Organização (CdO), a Concentração Nacional Universitária (CNU) e a Juventude Peronista da República Argentina (Denaday, 2022). Nesse contexto, houve uma rápida ativação militante de jovens que não haviam se identificado anteriormente com posições nacionalistas-reacionárias, assim como outros abandonaram o peronismo de esquerda em favor da “ortodoxia” de direita e provocaram violentos conflitos internos. Não menos virulentos foram os jovens que se apegaram ao antiperonismo dogmático, como os tradicionalistas católicos que lançaram a revista *Cabildo*, cujas invectivas lhe renderam duas proibições governamentais (Ruiz, 2024).

O cenário instável acelerou uma radicalização do vocabulário liberal-conservador, que se aproximou do nacionalismo-reacionário na construção de uma figura ampla de “inimigo interno” (Franco, 2012). Após a morte de Perón, em 1974, o golpe de Estado de 1976 propôs um “Processo de Reorganização Nacional” capaz de “mudar a mentalidade” da sociedade e forjar uma geração jovem herdeira de seus valores (Vicente, 2015). Com a conquista da Copa do Mundo de 1978, multidões de jovens cercaram o ditador Jorge Videla, assim como ganharam as ruas nos eventos da Guerra das Malvinas em 1982, cenas entrelaçadas pelo discurso ditatorial sobre a juventude, que coordenava os sentidos de liberalismo-conservador e nacionalismo-reacionário. Se por um lado foi promovida uma abordagem que enalteceu a tradição liberal e se concentrou nos jovens como empreendedores, por outro foi colocada como um possível alvo de “penetração subversiva” cultural (Manzano, 2017: 375-377).

Com a transição democrática iniciada em 1983, a narrativa progressista do presidente Raúl Alfonsín, da UCR (1983-1989), saudou os jovens longe das perspectivas anteriores da direita, mas na segunda metade da década vários analistas sublinharam um “boom liberal” onde os jovens tiveram um papel central, ilustrado em fenômenos como a União para a Abertura Universitária (UPAU). Isso mudou a relação de visibilidade da juventude de direita: pela primeira vez, o espectro liberal-conservador prevaleceu nesse nível sobre o nacionalista-reacionário, como parte de um processo mais amplo no campo da direita (Morresi; Vicente, 2023). Como



outros militantes do período, os liberais se caracterizavam por se diferenciarem de seus líderes adultos. No caso daqueles que aderiram à União do Centro Democrático (UCEDE) ou permaneceram dentro do Partido Democrático (PD), isso implicou marcar diferenças em relação às experiências ditatoriais: os líderes que não haviam se comprometido com elas foram elogiados e aqueles que o fizeram foram obrigados a se retratar. Esses jovens se entendiam ideologicamente como “mais puros” do que seus líderes, mas também como referências internacionais e teóricos do espaço, a ponto de criticar Milton Friedman porque entendiam que algumas de suas posições eram insuficientemente liberais: assim, eles se apresentavam como “os trotskistas do liberalismo”. Como o UCEDE primeiro e a Aliança do Centro viram crescer seu fluxo de votos, esses jovens ganharam peso em lutas internas e posições disputadas com os líderes históricos.

Parte desse poder juvenil se esgotou nessas lutas internas e foi quebrada pela decisão do líder Álvaro Alsogaray de se juntar ao governo do peronista Carlos Menem (1989-1995; 1995-1999), um divisor de águas para os jovens da UCEDE. Alguns saíram do antiperonismo e aderiram à nova etapa, mas para outros isso implicou negar sua identidade e preferir deixar a política, coincidindo com uma questão cronológica: os jovens que começaram a ser ativos em 1983 já eram profissionais, formavam famílias e preferiam se dedicar à vida privada (Arriondo, 2015). Enquanto isso, no nacionalismo reacionário, nos primeiros anos da democracia, proliferaram publicações e grupos de inspiração diversa, do tradicionalismo católico ao neonazismo, passando por abordagens da Nouvelle Droite, promovidas por uma jovem geração de intelectuais e ativistas das margens de um sistema que eles repudiavam. Essa renovação intelectual nem sempre se traduziu em inovação prática: a maioria dessas organizações apelou para o conhecido repertório de manifestações, conferências e ações violentas. Por trás dessas iniciativas estavam os líderes que, apesar de terem mais de 30 ou 40 anos, não tiveram escrúpulos em assumir a voz das gerações futuras junto com uma retórica e estética juvenis, buscando recrutar jovens. Em sintonia com certas políticas de ditaduras anteriores, as admoestações sobre pornografia, drogas e rock mantiveram uma presença preponderante na imprensa nacionalista-reacionária, que as condenou como parte do “desvelamento” democrático. Paradoxalmente, nos espaços vilipendiados de shows, fliperamas, estúdios de tatuagem ou livrarias alternativas, vários jovens se conectaram com discursos antissistema, incluindo o do nacionalismo, que oferecia uma identidade comum, até mesmo adotando modelos transnacionais como skinhead até meados dos anos 90.

Menem conseguiu articular peronistas ortodoxos da tradição nacionalista com neoliberais enfáticos, enquanto políticos, técnicos e jovens figuras públicas protagonizaram elogios ao modelo de reconciliação entre peronistas e antiperonistas e à cultura estética juvenil promovida na conversibilidade peso-dólar. O presidente se gabava de pensar como um jovem, embora não pudesse aprovar uma reforma

eleitoral para trazer o voto de 18 para 16 anos, certo de sua popularidade entre os jovens. A bandeira da conversibilidade foi levantada pela Aliança, a coalizão que se opôs a um peronismo de direita do lado progressista e venceu as eleições de 1999. Os jovens nascidos na vida política durante o regime de Menem encontraram um lugar de diálogo como técnicos nas áreas de Economia, Educação e Cultura, em torno do presidente Fernando De la Rúa (1999-2001). O fim traumático do governo, que marcou a crise de 2001, implicou uma nova etapa para a política argentina. Lá, a juventude gradualmente se colocou em primeiro plano entre a direita de uma maneira diferente das dominantes no século que havia passado: de um partido que se apresentava como “o novo”.

## **Depois da crise**

Em torno da crise de 2001, o protagonismo dos jovens foi destacado tanto nas jornadas de dezembro em que o presidente renunciou ao mandato quanto na transição subsequente que levou ao governo do peronista Néstor Kirchner (2003-2007). Os analistas se concentraram na nova militância governamental, mas recentemente foi destacado como os atores juvenis se tornaram ativos na defesa de políticas neoliberais ou tiveram relevância em diferentes manifestações com motivos de direita (Morresi; Saferstein; Vicente, 2021). Nesse contexto, o empresário e líder do futebol Mauricio Macri construiu seu próprio espaço político na Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA) com políticos peronistas e da UCR, pequenos partidos de direita e ativistas sociais. Foi o núcleo do Projeto Republicano (PRO), que se apresentou como “o primeiro partido do século 21” e “a nova política”, para além das ideologias. O PRO conseguiu a adesão de jovens do ativismo social (especialmente católicos) e estudantes que abriram espaços militantes em universidades privadas e depois públicas, reconvertendo até mesmo a imagem de Ernesto Guevara para “Macri é revolução”.

O “nuevismo” promovido pelo jovem cientista político Marcos Peña foi caracterizado por uma imagem clara identificada com a cor amarela e depois com um ecumênico multicolorido. Danças com cumbia e hits pop, roupas simples, mensagens caracterizadas por voceo e neologismos deram ao espaço uma tonalidade muito distante do perfil tecnocrático da direita liberal e da origem de classe dos líderes mais visíveis (Vommaro; Morresi; Bellotti, 2015; Grandinetti, 2019). Jovens quadros ocuparam cargos relevantes, especialmente do grupo Jóvenes PRO, criado em 2005, e que se tornaram visíveis a partir da gestão na CABA a partir de 2007. Ao contrário dos “Trotskyes do liberalismo” dos anos 80, era mais fácil para a juventude PRO alcançar posições de poder e implantar políticas voltadas para a juventude ou institucionalizar espaços juvenis, mas praticando um acompanhamento das posições

e estilo de referências adultas, a ponto de no grupo PRO Youth serem avaliados aqueles que se aproximavam para serem militantes com o formato de entrevista de negócios.

O estilo PRO era intolerável para os nacionalistas, tanto os líderes ligados ao Cabildo quanto os fóruns como El Nacionalista, ligado à tradicionalista Vanguarda da Juventude Nacionalista, onde circulavam mensagens conspiratórias e antisemitas promovidas por jovens foristas. À direita do PRO, além disso, cresceu uma dinâmica canalizada por atores juvenis que exigiam um “verdadeiro direito”. um pedido que foi além desse pequeno universo e chamou a atenção de analistas, como as cartas do estudante do ensino médio Agustín Laje no La Nación (Ferrari, 2009: 76-77). Os nacionalistas também coincidiram com as “organizações de memória completa” que exigiam a revisão dos anos 70 e outros espaços de militância enfrentados com os governos kirchneristas (2003-2007, 2007-2011, 2011-2015), onde os jovens podiam ser vistos insultando as “montoneritas ressentidas” do partido no poder. Em El Nacionalista houve muitos apelos para marchar contra o governo e propostas como o “casamento igualitário”, em sintonia com a adoção da mídia digital como instrumento de protesto e plataforma de mobilização de velhos e jovens, de liberais e nacionalistas. Não foi uma confluência automática, uma vez que as críticas e dúvidas persistiram apesar da rejeição compartilhada do partido no poder; mesmo assim, isso implicou uma abertura de um novo lugar para o nacionalismo reacionário, ao contrário da condenação que pesou sobre eles nas décadas anteriores, quando Alfonsín os rotulou como autoritários e Menem como extemporâneo. Alguns jovens conservadores procuraram aproximar o PRO dessas expressões nacionalistas, especialmente desde o revisionismo dos anos 70 e o anti-kirchnerismo, mas a liderança repudiou e até expulsou vozes cuja direita havia aberto conflitos com o estilo do partido. Foram referentes formados antes do retorno à democracia, como o advogado Federico Young ou o escritor Abel Posse, a quem os setores orgânicos da juventude admoestavam como “velhos conservadores” (uma rejeição semelhante à dos jovens UCEDEístas aos “dinossauros” mais velhos). Embora a crítica à juventude kirchnerista fosse uma bandeira intergeracional, os jovens do PRO replicaram o verticalismo que impingiram à organização oficial La Cámpora, algo que foi apontado por outros jovens que buscavam levar o PRO mais enfaticamente à direita ou se opunham a ele pela direita. Isso mostrou dois aspectos relevantes: por um lado, as fronteiras de direita do PRO eram um espaço de tensões; de outro, o crescimento de uma dinâmica que, a partir de áreas não centrais, buscou se aproximar de um espaço organizado sem cessar em suas ideias e empurrá-lo. Esses pontos foram momentaneamente enterrados quando o PRO aderiu ao governo nacional (2015-2019) liderando a coalizão Cambiemos (à qual se juntaram a UCR, a Coalizão Cívica e partidos menores), cujo caráter centrista não estava isento de desafios diante dos jovens militantes, como ilustrado por uma cena da mesma celebração eleitoral, quando um núcleo de

jovens censurou Macri por seu reconhecimento de certas políticas do kirchnerismo. O processo de governo levou à dispersão do dinamismo da juventude PRO e resultou em divisões cujo ponto de inflexão ocorreu na reta final do mandato, quando os movimentos de crítica da direita à gestão se materializaram em duas dimensões. Um em termos econômicos, com vozes alertando que as medidas não alcançaram o efeito projetado e o outro expresso como valores culturais. Isso ficou especialmente visível com a autorização do presidente para discutir a lei de interrupção voluntária da gravidez (IVE) em 2018, que dividiu o arco político e a coalizão governista (Faur, 2020). Lá, a rejeição ao governo foi impulsionada por setores jovens que exigiam uma direita mais enfática e construíram afinidade com figuras com presença crescente na mídia, tanto liberais quanto nacionalistas. Economistas neoliberais como Javier Milei e José Luis Espert apontaram tanto para sua área quanto para facetas culturais e ideológicas, uma frente onde ex-membros da coalizão como o ex-militar Juan José Gómez Centurión ou a ativista religiosa Cynthia Hotton eram visíveis. Além disso, referências de alto perfil nas redes sociais, como a já citada Laje (já jovem autora de ensaios de sucesso), promoveram críticas de valor sem ignorar o aspecto técnico-econômico. Nesse universo, foram estabelecidos vínculos com grupos de jovens envolvidos nessas ideias, que circularam críticas por uma ampla e heterogênea rede de espaços e expressões: mídias, livros, produções digitais, eventos culturais. As tentativas organizativas do partido foram, inclusive, parte de uma narrativa e prática radicalizada que ganhou espaço no debate público à direita do PRO, tensionou seus limites e gerou uma zona de clivagem que passou a ter um impacto longitudinal na política.

## **Crescendo à direita**

O triunfo do PRO foi saudado por vários líderes da juventude como uma virada bem-vinda à direita, mas outros o apresentaram como “kirchnerismo de boas maneiras” ou “progressistas no armário”, como nos disseram vários entrevistados. Entre esses jovens, as alternativas de apoiar uma virada à direita de dentro do partido ou condicionar de fora tornaram-se uma encruzilhada: Como um deles nos apontou, era uma questão de escolher entre duas opções, pragmática e identitária. Essa narrativa, que vários jovens ativistas circularam na esfera digital, estava presente e palpável em eventos culturais que funcionavam como espaços de sociabilidade e encontro de jovens antes da organização política que foi articulada para as eleições legislativas de 2021: *La Libertad Avanza* (LLA), liderada pelo já mencionado Milei.

Um passo fundamental para a convergência foi dado em dezembro de 2018, quando o Partido Democrático (parte do PRO, mas rebaixado da assembleia nacional) organizou a “Conversa para as eleições de 2019”, patrocinada pela

Prensa Republicana e pela Fundação Libre, espaços liderados pelo advogado Nicolás Márquez e Laje, respectivamente, que apresentavam O Livro Negro da Nova Esquerda. O moderador foi o líder do partido Juan Carlos de Marco e eles se juntaram intelectuais experientes, como o nacionalista Vicente Massot (ligado ao Cabildo nos anos 70 e funcionário de Menem nos anos 90) e o economista Agustín Monteverde, do neoliberal Centro de Estudos Macroeconômicos da Argentina (CEMA), mostrando amplitude geracional e presença das duas famílias de direita. Ativistas da iniciativa revisionista “Memória Completa” e da iniciativa antiaborto “Salve Duas Vidas” foram convidados por religiosos e seculares, católicos e evangélicos. Entre eles, Segundo Caraffi, do Centro de Estudos Cruz del Sur, Enzo Difabio, do Movimento por Valores e da Família de Mendoza, jovens militantes de pequenos partidos e movimentos conservadores “pró-vida” como o Partido da Vida e a Frente Federal Família e Vida. Diante de uma plateia composta majoritariamente por jovens não ativistas, a adesão às ideias e valores proclamados por Laje (alguns anos mais velhos que eles) e Márquez exemplificou em suas figuras como a visibilidade se estendia das redes aos encontros no espaço físico e como neoliberais e confessionais, conservadores e nacionalistas, Viveu. Alguns usavam insígnias do Partido Libertário, fundado meses antes com o salto de Espert para a política partidária, mas muitos se reconheciam como eleitores insatisfeitos do governo e até mesmo ex-militantes do PRO se distanciaram do partido por seus “maus-tratos aos valores familiares”, como outro aluno nos disse. A busca por referências culturais e políticas à direita do governo foi explicitada entre muitos jovens como motivo para frequentar e validar um espaço de confluência. Outro participante afirmou que seguiu Laje e Márquez “por causa de como eles pensam, concordo com toda a luta que estão fazendo. Eu os sigo fielmente (...) não sou membro de nenhum partido, mas estou disposto a ajudar de algum campo.” A sociabilidade digital, que já sediou uma conversa semelhante e a formação de comunidades ativas de debate e ativismo a partir de fóruns e redes sociais, começou a encontrar um correlato presencial, onde os jovens se destacavam por sua presença e pela busca de eventos apropriados antes relacionados a adultos ou práticas progressistas. Na pauta desses eventos, a luta contra a “ideologia de gênero” ocupou um primeiro plano, “a defesa dos valores familiares”. A discussão sobre o aborto em 2018 e depois em 2020 (quando foi aprovada) incentivou a organização e a tomada às ruas de jovens ativistas e militantes partidários, tanto de instituições de pertencimento quanto de forma mais espontânea (López *et al.*, 2021). Referências culturais como Laje e Márquez, outras como a ativista católica Lupe Batallán e o ensaísta conservador Pablo Muñoz Iturrieta alcançaram impacto nas redes sociais e suas ideias foram replicadas nas mobilizações e encontros. Neles, a tese de O Livro Negro..., de que a esquerda teria conseguido vencer a “batalha cultural” pelo “senso comum” após suas derrotas políticas e o recuo da direita para o plano econômico, surgiu de um discurso beligerante.

A “ideologia de gênero” foi apresentada como parte de uma “revolução cultural gramsciana” que teve que ser combatida contra um senso comum que era inconscientemente esquerdista. O tema, que circulou internacionalmente, tinha singularidades locais relacionadas à etapa kirchnerista e ao governo Macri: o primeiro o promoveu a partir do progressismo e o segundo “aprofundou o desastre cultural”, como disse Laje no evento mencionado. Se o governo tivesse contribuído para vencer a eleição presidencial contra o kirchnerismo, faltava uma “verdadeira revolução cultural” que o macrismo teria ignorado em busca de votos centristas e até progressistas. Monteverde falou sobre a inviabilidade do plano econômico “gradualista” do governo que, enfatizou, implicava “esticar o sofrimento” da sociedade ao não ousar medidas drásticas para reduzir o déficit fiscal, já que os gastos do Estado eram a “principal doença”: “O Estado é uma ‘vaca sagrada’, não é tocado, mas engordado. Ele pediu uma rebelião fiscal contra aquele Estado que tratava os cidadãos como ‘servos’”. Essa tendência teve um impacto maior entre os jovens por causa de outra economista, a já citada Milei, que ganhava visibilidade desde 2015 na mídia e nas redes. Com um discurso altissonante, atacou o que apresentou como um modelo onde o Estado e as medidas “coletivistas” eram os principais problemas, que então articulou com uma perspectiva decadente (Morresi; Vicente, 2023).

O estilo vulcânico de Milei se traduziu em audiência dos programas em que participou e começou a ser replicado na esfera virtual, onde os jovens circulavam vídeos onde ele “batia” em seus adversários do espectro peronista, membros do PRO ou interlocutores da televisão. O economista se concentrou em dois ministros: o responsável pela pasta econômica, Alfonso Prat Gay, que considerava “keynesiano”, e o chefe de gabinete, o já mencionado Peña, a quem caracterizou como o progressista responsável pelo centrismo do governo. Desde 2017, ganharam circulação dezenas de contas no YouTube que replicavam as aparições de Milei, muitas com centenas de milhares de seguidores, como “Milei Presidente”, que foi como ele se apresentou em julho de 2017:

“Javier Milei é a pessoa ideal para nos tirar da decadência que vivemos na Argentina há 80 anos. Ele é nosso melhor candidato para encabeçar uma lista liberal e libertária. Este canal é uma tentativa de Milei ver o número de pessoas que o apoiam e considerar a possibilidade de concorrer a um cargo. Vamos fazer uma força para que isso aconteça.”

Em nosso trabalho de campo em 2019 e 2020, esse pedido apareceu repetidamente e esse tipo de vídeo multiplicou sua circulação com a mudança de Milei para a política eleitoral em 2021, quando ele lançou o LLA. Centenas de comentários de jovens definiram o economista como a “última esperança”, pediram-lhe que

concorresse às eleições e saudaram sua identificação dos culpados do “desastre”: de teóricos como Karl Marx e John M. Keynes a políticos tradicionais, passando pela cultura estatista. Dezenas de contas de seguidores de Milei foram adicionadas no Youtube, Facebook, Twitter e, posteriormente, Instagram e Tik Tok, formando uma esfera digital de sociabilidade e apoio, que depois se expressou em espaços presenciais e de militância de rua.

Essa dinâmica se intensificou durante as medidas socio sanitárias contra a Covid-19 do governo peronista da Frente de Todos (FdT, 2019-2023), onde ocorreu um adensamento das relações sociais na esfera digital que evidenciou o movimento de atores culturais e políticos em torno de ideias “libertárias” (como Milei as definiu) e se expressou no encontro de tradições, líderes e ativistas nas ruas. De apresentações virtuais com painéis ecumênicos de direita à coexistência de militantes libertários e nacionalistas em manifestações, ligações incomuns entre as duas tradições de direita tornaram-se visíveis desde 1983, com o ativismo juvenil radical no centro. As ideias acima mencionadas de “ocupar” lugares antes reservados aos idosos ou ao progressismo ganharam maior impacto, como na simbólica Feira Internacional do Livro de Buenos Aires (Saferstein; Goldentul, 2023).

O mesmo aconteceu nos eventos e atos em que Milei apareceu, que se tornaram espaços de encontro para jovens que liam os autores referidos pelo economista ou representação simbólica de suas ideias mais ressonantes, como o incêndio do Banco Central na peça “O escritório de Milei”, de 2019. Nesse contexto, a relação com Espert, que alternou encontros pessoais e divergências políticas até 2023, quando Milei concorreu à presidência, funcionou quase como uma metáfora: Milei entusiasmou líderes neoliberais, mas expressou diferenças com eles que não vieram à tona quando acrescentou atores nacionalistas, conservadores ou religiosos e incorporou eixos de suas agendas. Se com o primeiro as questões de identidade e método eram muitas vezes privilegiadas, com o resto houve um efeito fusionista que reuniu diferentes conceitos e fraseologia para enfrentar um inimigo comum. Isso foi demonstrado pelas intervenções de Milei, Laje e Márquez no primeiro evento que os reuniu publicamente, em março de 2019, com a Cruz del Sur como entidade anfitriã. Esse efeito articulador e polêmico empolgou jovens ativistas e militantes, lideranças juvenis que se mostraram nas redes sociais e vivenciaram Milei em eventos, organizaram a distribuição de cédulas e cuidaram dos votos nos três turnos eleitorais de 2023 que o consagraram presidente agitando bandeiras libertárias e conservadoras.

Na campanha, um coletivo plural foi vivificado, desde jovens autodefinidos “mejoristas” (Semán; Welschinger, 2023) que aderiram a uma ideologia econômica antiestatal e empreendedora até ativistas que se reconheceram como parte das diferentes expressões do conservadorismo, passando por jovens que se interessam por política a partir de uma posição de rebeldia (no sentido de Stefanoni, 2021). Primeiro libertário, depois expandido em termos ideológicos a partir desse posicionamento

beligerante, do tom juvenil e da adesão a uma gramática de direita ampla e radical, foi em todos os casos um ativismo juvenil rebelde. Como disse um militante peronista que se aproximou do grupo armado LLA: “Somos rebeldes, somos antissistema. E, além disso, Milei é um cara que se comporta como uma criança, que se veste como uma criança, uma estrela do rock.” Essa ideia também apareceu naquelas que buscavam se desvincular dos “chetos” PRO, enfatizando uma militância popular e “apimentada”, mas também em mulheres jovens que buscavam seu lugar em um ambiente predominantemente masculino (Vázquez, 2023). Jovens que foram formados intelectual e ideologicamente a partir dos discursos e produtos culturais que Milei oferecia também chegaram lá, como contou um streamer libertário:

“Há muitas crianças pequenas, inclusive eu, que foram educadas sobre porque éramos do jeito que éramos Quando falamos sobre o “Estado do Estado” (...) ressoa com Rothbard, Henry Hazlitt, muitos artigos que Milei estava dizendo há muito tempo e havia as respostas e fomos procurá-las. Milei educou muitas pessoas.”

Na base social de apoio a Milei, o ativismo juvenil foi fundamental no passo em direção à militância político-eleitoral (como destacou Vázquez, 2023): uma primeira ativação de pequenos partidos e espaços liberais-libertários de grupos armados de direita marginais ou de curta duração; uma segunda etapa ligada à passagem para a militância dos debates acima mencionados para o IVE; e uma terceira onda, de massificação, dada a partir das mobilizações durante a pandemia e da participação nos eventos do Milei. Nesse processo, a militância libertária retomou repertórios de ação de outros ativismos juvenis, de mobilização e liturgia (como cantos e músicas em manifestações), de organização partidária (relacionada à formação de quadros e proselitismo), da amplitude ideológica que sob um tronco doutrinário incorporou diferentes expressões de direita de forma fusionista. A face do fusionismo do mileísmo nascente tinha, em seu eixo, traços juvenis e os setores nacionalistas-reacionários, as ideias fundamentalistas e conservadoras ou as que chegavam das margens de direita do peronismo ou de anteriores eleitores do PRO aliados ao ativismo libertário, em uma viva radicalização de protesto de direita, como a promovida no nascimento do conceito (Nash, 1987).

A passagem de Milei para a candidatura presidencial deu início a uma etapa de sedimentação política caracterizada por um ativismo de “lutadores culturais” inconformistas e rebeldes, mas que articulou pragmaticamente seu crescimento. A LLA incorporou candidatos do peronismo e do radicalismo, do PRO e de expressões da direita nacionalista (como a família Bussi em Tucumán) capazes de representar suas diferentes bandeiras, do antiaborto ao empreendedorismo, a partir da crítica à política tradicional (Morresi; Ramos, 2023). Essa dinâmica foi observada na cons-



trução partidária, na inserção dos jovens no ambiente universitário e nas escolas secundárias, bem como no campo da batalha de ideias, buscando afinar tempos e eixos com a construção do volume político. A chegada da LLA ao poder, finalmente, mostrou que essa face fusionista se prolongou na expansão das iniciativas juvenis em campanhas de filiação, na formação de grupos como Avancemos e Agrupación por la Unidad, Libertad y Amplitud de los Secundaria (AULAS) (com o objetivo de “erradicar a doutrinação”) e na consolidação de novos think tanks. além de dar continuidade à narrativa da “batalha cultural”, como o “II Fórum Pan-Americano de Jovens Políticos” (que busca contrastar sua narrativa com o “Foro de São Paulo”). Se essas três vertentes do ativismo mostram como o pragmatismo e a identidade coexistem em tensão, com a juventude como elemento fundamental e com a vocação de fundir atores, identidades e ideias. Por outro lado, pequenos espaços nacionalistas que haviam atuado em favor de Milei na campanha se voltaram para a oposição por suas medidas econômicas liberais, a identificação do economista com Israel e o judaísmo ou o surgimento de casos de corrupção, embora setores como o Fórum Nacionalista Argentino se assumissem parte da LLA. Ambas as dinâmicas são sinais de que o processo que corou em termos eleitorais e institucionais uma virada que havia começado anos antes, a partir do processo de convergência e radicalização da direita argentina, com o ativismo juvenil e a militância no centro, tem características marcantes em termos de velocidade e radicalismo, mas seu desenvolvimento é uma dinâmica aberta.

## **Considerações finais**

A posse presidencial de Milei foi saudada por milhares de pessoas na Plaza de Mayo e arredores, onde jovens cujo ativismo era anterior à candidatura do economista se reuniram com outros que começaram a ser ativos quando ele entrou na política eleitoral, bem como eleitores menos comprometidos, mas igualmente simpáticos. Entre bandeiras de Gadsden e cânticos contra a política tradicional, lenços azuis claros com a inscrição “Salvem as duas vidas” e referências religiosas católicas ou evangélicas, camisetas da “causa das Malvinas” que o nacionalismo reivindica, bandeiras israelenses como as que Milei hasteou na campanha, livros do agora presidente e de seus inspiradores foram rodados. O fusionismo foi colocado em ação nos jovens que cercaram o evento e no discurso de posse presidencial, simbolicamente proferido pelas costas do Congresso Nacional.

Embora a cena possa descrever um acelerado processo de politização e a chegada ao poder de uma expressão de direita impulsionada pela juventude, o triunfo eleitoral da própria LLA deve ser lido em uma perspectiva mais ampla, que supera os objetivos deste texto. Aqui nos concentramos na historicidade do lugar que os atores

juvenis ocuparam na direita argentina em dois ciclos: do início do século XX à crise de 2001, e daquele momento até o presente. Uma série de pontos-chave deve ser sublinhada: embora ao longo do período em consideração tanto as famílias liberais-conservadoras quanto as nacionalistas-reacionárias expressassem rostos jovens, até 1983 estes eram mais visíveis na última do que na primeira, algo que mudou com a restauração da democracia, quando o liberalismo juvenil ganhou centralidade.

No pós-crise, também a partir do eixo liberal-conservador, o ativismo juvenil ocupou um lugar central com a experiência do PRO e como operava uma radicalização de direita, sua expressão mais aceitável também se articulava a partir daí, em torno do libertarianismo de Milei, que apontava contra o progressismo, mas também contra aquela direita dominante e centrista. O economista foi capaz de apelar para motivos conservadores, nacionalistas e religiosos ao implantar um fusionismo político que seus seguidores adotaram abertamente, em parte porque já estava circulando entre ativistas e militantes. Esse movimento tirou as expressões nacionalistas-reacionárias das margens onde estavam desde 1983, entrelaçando-as com esse lado radical da família liberal-conservadora e nessa fusão deixa em aberto a formação de uma nova face para a direita argentina, onde o lugar dos jovens tem sido central e cuja dinâmica, com a LLA no governo, Continua.

## REFERÊNCIAS

- ARRIONDO, L. De la UCeDe al PRO un recorrido por la trayectoria de militantes de centroderecha de la Ciudad de Buenos Aires. Em: **Hagamos equipo. El PRO y la construcción de la nueva derecha en Argentina**. Buenos Aires: UNGS, 2015. p. 203–230.
- BARTOLUCCI, M. La resistencia antiperonista: clandestinidad y violencia. Los comandos civiles revolucionarios en Argentina, 1954-1955. **Páginas**, n. 24, sep.-dic. 2018.
- BESOKY, Juan Luis. **La derecha peronista: Prácticas políticas y representaciones (1943-1976)**. Director: Ernesto Bohoslavsky. 2016. 331p. Tesis (Doctorado en Ciencias Sociales). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, 2016.
- BOHOSLAVSKY, E.; ECHEVERRÍA, O.; VICENTE, M. Introducción. Em **Las derechas argentinas en el siglo XX. Tomo I: De la era de las masas a la guerra fría**. Tandil: UNICEN, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. La représentation politique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 36-37, 1982.
- BUCHRUCKER, Cristian. **Nacionalismo y peronismo: La Argentina en la crisis ideológica mundial (1927-1955)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.

CASAS, M. **La tradición en disputa**. Iglesia, Fuerzas Armadas y educadores en la invención de una “Argentina gaucha”, 1930-1965. Rosario: Prohistoria, 2018.

CARAFÍ, S. **Los jóvenes y la derecha - Por Segundo Carafí**. **Cruz del Sur**, 19 mar. 2019. Disponível em: <<https://cruzdelsurce.org/los-jovenes-y-la-derecha-por-segundo-carafi/>>. Acesso em: 22 maio. 2024

COLLEY, T.; MOORE, M. The challenges of studying 4chan and the Alt-Right: ‘Come on in the water’s fine’. **New Media & Society**, v. 24, n. 1, p. 5–30, 1 jan. 2022.

CUCCHETTI, Humberto. **Combatientes de Perón, herederos de Cristo**: peronismo, religión secular y organizaciones de cuadros. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

DENADAY, Juan Pedro. **Partisanos y plebeyos**: una historia del Comando de Organización de la Juventud Peronista, 1957-1976. Rosario: Prohistoria, 2022.

FAUR, E. Educación sexual intergral e “ideología de género” en la Argentina. **Forum. Latin American Studies Association**, v. 51, n. 2, p. 57–61, 2020.

FERRARI, G. **Símbolos y fantasmas: las víctimas de la guerrilla ; de la amnistía a la justicia para todos**. 1. ed ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

FRANCO, Marina. **Un enemigo para la nación**: orden interno, violencia y “subversión”, 1973-1976. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

GALVÁN, María Valeria. **El nacionalismo de derecha en la Argentina posperonista**: El semanario *Azul y Blanco* (1956-1969). Rosario: Prohistoria, 2013.

GOLDENTUL, A.; SAFERSTEIN, E. Los jóvenes lectores de la derecha argentina. Un acercamiento etnográfico a los seguidores de Agustín Laje y Nicolás Márquez. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación** N°112, v. Año XXIV, Vol.112, Febrero 2022, Buenos Aires, Argentina, p. 113–131, 2021.

GOODWIN, M.; EATWELL, R. **Nacionalpopulismo**. Por qué está triunfando y de qué manera es un reto para la democracia. Barcelona, Península, 2019.

GRANDINETTI, J. R. The participation of «Propuesta Republicana» (PRO) party’s young activists in university student unions. **Revista SAAP**, v. 13, p. 77–106, 2019.

GRINCHPUN, Matías. ¿Patriada o nimiedad? Repercusiones y representaciones del Operativo Cóndor en las extremas derechas (1966-1986). **Antigua Matanza**, La Matanza, n.6, v.2, pp. 238-272, dic. 2022 - jun. 2023.

LÓPEZ, M. et al. Articulaciones, representaciones y estrategias de la movilización contra la interrupción voluntaria del embarazo en Argentina (2018-2020). **Población y sociedad**, v. 28, n. 1, p. 131–161, jan. 2021.

LVOVICH, D. **Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina**. Buenos Aires: Vergara, 2003.

MANZANO, Valeria. **La era de la juventud en Argentina**: Cultura, política y sexualidad desde Perón hasta Videla. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

MCGEE DEUTSCH, S. **Las derechas**. La extrema derecha en Argentina, Brasil y Chile, 1890-1939. Bernal: UNQ, 2005.

MORRESI, Sergio y VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. *En: Está entre nosotros: ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2023, p. 43-80.

MORRESI, S.; SAFERSTEIN, E.; VICENTE, M. Ganar la calle. Repertorios, memorias y convergencias de las manifestaciones derechistas argentinas. **Clepsidra. Revista Interdisciplinaria de Memoria**, v. 8, n. 15, p. 134–151, 2021.

NAGLE, A. **Kill all normies: online culture wars from 4chan and tumblr to trump and the alt-right**. Charlotte NC: John Hunt Pub, 2018.

NASH, G. **La rebelión conservadora en Estados Unidos**. Buenos Aires: GEL, 1987.

OSGERBY, Bill. **Youth in Britain since 1945**: Making contemporary Britain. Oxford: Blackwell, 1998.

PADRÓN, J. “¡Ni yanquis ni marxistas, nacionalistas!”. Nacionalismo, militancia y violencia política: el caso del movimiento nacionalista Tacuara en la Argentina, 1955-1966. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2017.

REIN, Raanan. **Argentina, Israel y los judíos**: De la partición de Palestina al caso Eichmann (1947-1962). Buenos Aires: Lumiere, 2007.

RÉMOND, R. **La Droites em France de 1815 a nous jours**. Paris: Aubier-Montaigne, 1983.

ROMERO, G. Orden, Familia y Educación Sexual. Análisis de la trama de sentidos en torno al movimiento #ConMisHijosNoTeMetas en Argentina. **Revista Cultura y Religión**, v. 15, n. 1, p. 75–107, 30 jun. 2021.

RUIZ, Sebastián. “**Por la Nación contra el Caos**”: los nacionalistas católicos de *Cabildo, El Fortín y Restauración* frente a la “subversión” durante el tercer peronismo (1973-1976). Directores: María Valeria Galván y Martín Vicente. 2023. 155p. Tesis (Maestría en Historia). Escuela de Altos Estudios Sociales, Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, 2024.

SAFERSTEIN, E.; GOLDENTUL, A. La batalla cultural de las “nuevas derechas” - Revista Anfibia. **Revista Anfibia**, maio 2022.

SEMÁN, P.; WELSCHINGER, N. Juventudes mejoristas y el mileismo de masas. Por qué el libertarismo las convoca y ellas responden. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 163–202.

STEFANONI, P. **¿La rebeldía se volvió de derecha?** cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno Argentina, 2021.

VÁZQUEZ, M. Los picantes del liberalismo. Jóvenes militantes de Milei y “nuevas derechas”. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 81–122.

VICENTE, M. **De la refundación al ocaso**. Los intelectuales liberal-conservadores ante la última dictadura. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2015.

VICENTE, M. La sonrisa liberal-conservadora. Política, ideología y cambio social en el humor de la revista *El Burgués* (1971-1973). **Temas y Debates**, n. 37, 2019.

VOMMARO, G.; MORRESI, S.; BELLOTTI, A. **Mundo PRO: anatomía de un partido fabricado para ganar**. C.A.B.A: Planeta, 2015.

**Submetido em:** 02/07/2024

**Aprovado em:** 02/09/2024



EXPRESSÕES POLÍTICAS DO MAL-ESTAR  
JUVENIL: ABORDAGENS EXPLORATÓRIAS DA  
SITUAÇÃO NA ARGENTINA NOS ÚLTIMOS ANOS

*EXPRESIONES POLÍTICAS DE LOS  
MALESTARES JUVENILES: ACERCAMIENTOS  
EXPLORATORIOS A LA SITUACIÓN DE LA  
ARGENTINA EN LOS ÚLTIMOS AÑOS*

*POLITICAL EXPRESSIONS OF YOUTH DISCONTENT:  
EXPLORATORY APPROACHES TO THE  
SITUATION IN ARGENTINA IN RECENT YEARS*

*Pablo VOMMARO\**

**RESUMO:** O resultado das eleições presidenciais de 2023 na Argentina gerou diversas reações e debates. Entre surpresa, preocupação, perplexidade e entusiasmo, as sensações e conversas públicas dos últimos meses de 2023 foram resolvidas. O que surpreendeu nas Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias (PASO) de agosto tornou-se um clima que oscilou entre a confusão e a esperança nas primeiras rodadas em outubro e numa comoção cujos ecos ainda se fazem sentir quando, em novembro de 2023, Javier Milei foi eleito presidente da Argentina. Diante desta situação, pensamos que é necessário aguçar o esforço de compreensão para compreender a dinâmica da situação política argentina e os elementos que levaram à atual situação política e social, que também está enquadrada em disputas e correntes regionais e globais. Com base no nosso trabalho de pesquisa nos últimos anos e na crescente relevância que tiveram na consolidação dos resultados do processo político na Argentina e em outros países da região, neste artigo nos concentraremos

---

\* Universidad de Buenos Aires (UBA), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Buenos Aires, Argentina. Profesor e investigador en las Facultades de Ciencias Sociales y de Filosofía y Letras de la UBA. Doctor en Ciencias Sociales y Profesor de Historia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6957-0453>. Contact: [pvommaro@yahoo.com.ar](mailto:pvommaro@yahoo.com.ar)

nas realidades dos jovens que se tornaram visíveis a partir do Resultados eleitorais de 2023 Assim, identificaremos seis dimensões que compõem as complexas realidades juvenis invisíveis que surgiram no final de 2023 na Argentina. São elas: a precariedade material e subjetiva, a vivência dos jovens em pandemia e seus ecos no presente, o mundo digital e seus impactos no trabalho, as disputas por sentido nos territórios digitais, o desencanto com experiências políticas anteriores e o afetivo e emocional componente da votação de hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política. Juventude. Descontentes. Ultradireita. Argentina.

**RESUMEN:** *El resultado de las elecciones presidenciales de 2023 en la Argentina generó diversas reacciones y debates. Entre la sorpresa, la preocupación, el desconcierto y el entusiasmo se dirimieron las sensaciones y conversaciones públicas de los últimos meses de 2023. Lo que sorprendió en las Primarias Abiertas Simultáneas y Obligatorias (PASO) de agosto se convirtió en un clima que osciló entre la confusión y la esperanza en la primera vuelta de octubre y en una conmoción cuyos ecos aún se sienten cuando en noviembre de 2023 resultó electo presidente de la Argentina Javier Milei. Ante esta situación, pensamos que es necesario agudizar el esfuerzo de comprensión para entender las dinámicas de la coyuntura política argentina y los elementos que llevaron a la actual situación política y social, que se enmarca también en disputas y corrientes regionales y mundiales. A partir de nuestros trabajos de investigación en los últimos años y de la relevancia creciente que han tenido en dirimir los resultados del proceso político en la Argentina y en otros países de la región, en este artículo pondremos el foco en las realidades de las y los jóvenes que se visibilizaron a partir de los resultados electorales de 2023. Así, identificaremos seis dimensiones que componen las complejas realidades juveniles invisibilizadas que irrumpieron a finales de 2023 en la Argentina. Éstas son: la precarización material y subjetiva, la experiencia de las y los jóvenes en pandemia y sus ecos en el presente, el mundo digital y sus impactos en el trabajo, las disputas de sentido en los territorios digitales, el desencanto con experiencias políticas anteriores y el componente afectivo y emocional del sufragio en la actualidad.*

**PALABRAS CLAVE:** Política. Juventudes. Descontentos. Ultraderecha. Argentina

**ABSTRACT:** *The result of the 2023 presidential elections in Argentina generated diverse reactions and debates. Between surprise, concern, bewilderment and enthusiasm, the public feelings and conversations of the last months of 2023 were decided. What was surprising in the Simultaneous and Mandatory Open Primaries*



*(PASO) in August became a climate that oscillated between confusion and hope in the first round in October and a shock whose echoes are still felt when Javier Milei was elected president of Argentina in November 2023. Given this situation, we believe it is necessary to intensify our efforts to understand the dynamics of the Argentine political situation and the elements that led to the current political and social situation, which is also framed in regional and global disputes and currents. Based on our research work in recent years and the growing relevance they have had in resolving the results of the political process in Argentina and in other countries in the region, in this article we will focus on the realities of young people who became visible because of the 2023 election results. Thus, we will identify six dimensions that make up the complex, invisible youth realities that emerged at the end of 2023 in Argentina. These are: material and subjective precarization, the experience of young people in the pandemic and its echoes in the present, the digital world and its impacts on work, disputes over meaning in digital territories, disenchantment with previous political experiences and the affective and emotional component of voting today.*

**KEYWORDS:** *Politics. Youth. Discontent. Far right. Argentina.*

## **Apresentação**

O resultado das eleições presidenciais de 2023 na Argentina gerou várias reações e debates. Entre surpresa, preocupação, perplexidade e entusiasmo, as sensações e conversas públicas dos últimos meses de 2023 foram resolvidas. O que foi uma surpresa nas Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias (PASO) em agosto se transformou em um clima que oscilou entre confusão e esperança no primeiro turno de outubro e uma comoção cujos ecos ainda são sentidos quando Javier Milei foi eleito presidente da Argentina em novembro. Até 2021 ele não desempenhou nenhuma função pública, era conhecido apenas como palestrante de televisão ou economista com performances extravagantes e explosões na mídia.

Diante dessa situação, acreditamos que é necessário intensificar o esforço para compreender a dinâmica da situação política argentina e os elementos que levaram à atual situação política e social, que também está enquadrada em disputas e correntes regionais e globais. De fato, a ascensão da chamada nova direita<sup>1</sup> é um

---

<sup>1</sup> Há controvérsias sobre como chamar esses grupos políticos autoritários, regressivos, excludentes e anti-direitos que cresceram em vários países, chegando ao governo em alguns. Bolsonaro, Bukele, Trump e agora Milei são expoentes desses processos na América. As diferentes formas de nomeá-los podem ser devidas a dois elementos, acima de tudo. Por um lado, às suas singularidades nacionais ou regionais. Por exemplo, elementos como xenofobia, discurso anti-imigrante, nacionalismo e políticas securitistas têm pesos diferentes em cada caso. Por outro lado, um esforço para entender isso ainda

fenômeno que supera as realidades da América Latina e do Caribe e se estende à Europa e aos Estados Unidos, entre outras regiões. É importante considerar que esses grupos ganharam força a partir das limitações e do esgotamento de alguns governos, da chamada onda progressista do início do século XXI e dos modos de exercício democrático construídos nas últimas décadas – aprofundamento das desigualdades sociais – e hoje estão à espreita e buscam condicionar governos que proponham mudanças progressistas (Vommaro, 2024).

Com base em nosso trabalho de pesquisa nos últimos anos e na crescente relevância que tiveram na liquidação dos resultados do processo político na Argentina e em outros países da região, neste artigo nos concentraremos nas realidades dos jovens que se tornaram visíveis a partir dos resultados eleitorais de 2023. Embora devamos voltar aos anos anteriores para traçar suas principais características. Este texto é uma síntese do trabalho anterior da autora e inclui a análise de entrevistas realizadas com jovens que participam de diferentes espaços organizacionais entre 2020 e 2023 no âmbito do Grupo de Estudos de Políticas e Juventude (GEPoJu-IIGG/UBA) e a Cátedra de Sociologia da Infância, Adolescência e Juventude da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires.

Respondendo à síntese necessária exigida por este artigo, após uma menção à situação na Argentina nos primeiros meses do governo de Milei, identificaremos seis dimensões que compõem as complexas realidades invisíveis da juventude que irromperam em cena no final de 2023 na Argentina.

Em seus primeiros sete meses no cargo, Milei exerce dois elementos como conquistas econômicas: a queda da inflação e o superávit fiscal. Além da forte matriz liberal (e neoliberal) que implica ver esses dois fatores como sucessos sem falar na redução da pobreza, menos ainda das desigualdades, no aumento da produção ou na melhoria da qualidade de vida da população ou dos trabalhadores; muitos analistas argumentam que o outro lado desses fenômenos é um aumento acentuado na deterioração das condições de vida da maioria da população. Quanto ao superávit fiscal, muitos economistas afirmam que é falso ou é modelado ao gosto do presidente Milei, pois foi alcançado com base no adiamento de pagamentos, na geração de mais dívidas e na restrição de importações.

Da mesma forma, a queda da inflação foi possível, em grande parte, graças a uma grande recessão econômica que fez com que a atividade econômica e as vendas fossem reduzidas entre 25 e 70% em 3 ou 4 meses, dependendo dos itens em

---

está em andamento e que certamente requer diferentes iniciativas que possam convergir em uma interpretação mais abrangente desse fenômeno faz com que as formas de nomeá-lo não encontrem consenso. Aqui nos basearemos nas denominações que aparecem no livro coordenado por Pablo Semán (2023) onde esses grupos são nomeados como nova direita, direita radical e extrema direita, sem ignorar que em outras situações esses grupos podem ser nomeados como neofascistas. Apenas como exemplo de outra forma de nomeação, Enzo Traverso (2021) nomeia esses grupos como as *novas faces da direita*.

questão. Além disso, itens de investimento social como os destinados à população com deficiência, doenças crônicas, refeitórios e ensino superior, entre outros, foram reduzidos ou eliminados. Ele também fechou ministérios estratégicos e necessários, como Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação, Meio Ambiente ou Mulheres e Diversidades.

Por exemplo, o economista Julio Gambina (2024, n.p.) argumenta que “a questão da recessão é agravada pela diminuição do poder de compra da população”, que “há uma recessão crescente” e que “há muita incerteza em relação à taxa de câmbio”. Não esqueçamos que resolver a questão do dólar foi um dos eixos da campanha de Milei e, a partir de agosto de 2024, constitui uma de suas promessas não cumpridas.

Entre os indicadores sociais e econômicos negativos dos primeiros 6 meses do governo de Javier Milei, destacamos que o nível de desemprego é o mais elevado desde 2020 (ano da pandemia), situando-se em 7,7% (em abril de 2024), contra 6,9% no período homólogo de 2023 (INDEC, 2024). De acordo com vários estudos, na primeira metade do atual governo, foram perdidos pouco mais de 150.000 empregos, mais de 70% dos quais são privados (dados do Sistema Integrado de Previdência Argentino (SIPA), publicados por Reina em 2024). No que diz respeito à pobreza, outros estudos indicam que somente no primeiro trimestre do governo de Milei, 3,2 milhões de novos pobres foram adicionados na Argentina e a taxa de pobreza passou de 45% em novembro de 2023 para mais de 50% em abril de 2024 (Observatorio de Deuda Social de la UCA, 2024).

Por outro lado, discursos violentos, autoritários e odiosos cresceram na conversa pública argentina, incentivados justamente pela própria figura presidencial. E, no mesmo sentido, tudo o que se relaciona com a esfera pública e com as redes comunitárias e territoriais e as redes organizacionais são alvo de ataques que buscam enfraquecê-las, se não as destruir. De fato, o público e o comum são objetivos a serem minados pelo governo de Milei e esse talvez seja um dos pontos que terá os efeitos mais duradouros entre as políticas que pretende impor (Vommaro, 2024).

Em suma, a liquefação salarial, o aumento da pobreza, o desprezo pelo público e altas doses de ódio poderiam ser o resumo dos primeiros meses do governo de La Libertad Avanza (Arcidiácono; Luci, 2024; Graña, 2024).

Depois de sintetizar um possível quadro da situação atual da Argentina, avançaremos em uma breve explicação de cada uma das seis dimensões selecionadas para este artigo, com foco na situação dos jovens<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Para ampliar essas dimensões, você pode consultar a nota *Muy hablados, poco escuchados*, publicada na Revista Anfibia em 31 de outubro de 2023, pelo mesmo autor deste artigo e disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/muy-hablados-poco-escuchados/>.

## Vidas precárias no material e no subjetivo

Esse processo ocorre na Argentina desde pelo menos 2014 e se aprofundou nos últimos anos, tanto pelas políticas adotadas por quem governou entre 2015 e 2019, quanto pelas consequências da pandemia, que não foram suficientemente neutralizadas, pelo menos no que diz respeito aos jovens. Alguns números podem ajudar a mostrar isso. Em 2021, a taxa de pobreza era de 48% para pessoas de 15 a 29 anos, enquanto era de 36% para a faixa etária de 30 a 64 anos (INDEC, 2022). No mesmo sentido, também para 2021, o desemprego geral foi de 10,2%, enquanto para as pessoas de 16 a 29 anos foi mais que o dobro (21%).

A deterioração material da vida dos jovens também se baseia em suas condições de trabalho, marcadas por uma precariedade crescente. Além das altas taxas de trabalho precário (se somarmos o trabalho não registrado e a precariedade, são 66,4% para trabalhadores entre 16 e 18 anos e 31,3% para maiores de 18 anos), uma situação que tem aumentado nos últimos anos é a de trabalho registrado com condições degradadas e salários que não são suficientes para superar a linha da pobreza. Ou seja, é cada vez mais comum que as pessoas tenham um emprego registrado que esteja ao mesmo tempo em condições precárias. Muitos jovens estão nessa situação; portanto, hoje o principal problema para os jovens são as condições de trabalho e não tanto o desemprego. *O Rappi de Milei* (orgulhosamente dito) mostrado por Melina Vázquez (2023) é uma expressão desses jovens precários cuja experiência material transformou (como esperado) suas adesões e compromissos políticos.

A situação descrita está entrelaçada com a degradação das condições de muitos bairros populares, com serviços deficientes, falta de transporte público que restringe sua mobilidade e poucos espaços de encontro e socialização para os jovens que não são comercializados. Ou seja, desigualdades e redes multidimensionais que configuram experiências geracionais em que a maioria dos jovens produz seus mundos de vida.

Para esses jovens, falar sobre a defesa dos direitos e da esfera pública pode parecer distante e até irritante porque eles o veem divorciado de sua experiência cotidiana, algo que outros podem gostar, mas que não os impacta em suas vidas imediatas. Sem dúvida, é necessário fortalecer a esfera pública e garantir plenamente os direitos da maioria antes de levantar discursos que busquem defendê-los ou protegê-los (Vommaro, 2023, Vommaro, 2024).

## A pandemia ainda ressoa nas experiências de vida dos jovens, mesmo que não seja reconhecida

De fato, a pandemia continua a habitar a vida dos jovens, embora o mundo adulto (e o sistema político) queira negá-la, silenciá-la e esquecê-la. Em todas

as entrevistas que tive com jovens (especialmente os de até 24 anos) a pandemia apareceu como uma experiência geracional que marcou suas vidas, como um evento de charneira e subjetivo. Muito se tem falado sobre os jovens em tempos de pandemia, mas pouco se tem ouvido e reconhecido, para abordar e compreender suas experiências e as formas como seus mundos de vida foram alterados. Como já dissemos noutras ocasiões, fala-se muito dos jovens e ouve-se pouco e a pandemia não foi exceção a este desconhecimento e desvalorização das realidades juvenis pelo mundo adulto e pelo sistema político. No mesmo sentido, os jovens foram um dos grupos sociais cujo impacto da pandemia foi menos reconhecido (Vommaro, 2022).

De fato, muito pouca consideração foi dada às maneiras pelas quais a pandemia interrompeu a vida cotidiana dos jovens (e também das crianças). Por exemplo, em seus modos de sociabilidade e encontro; na virtualização educacional<sup>3</sup>; nas desigualdades de gênero; nas produções e apropriações territoriais e no teletrabalho e na precarização do trabalho. Pelo contrário, os jovens eram frequentemente responsabilizados pelas infecções ou estigmatizados por quererem conhecer outras pessoas pessoalmente; além de ser assediado, criminalizado e até eliminado fisicamente pelas forças de segurança.

Os dados sobre o suicídio de adolescentes e jovens (que passou de sexta causa de morte para esse grupo social em 2014 para ser a segunda hoje) nos falam de uma realidade pouco reconhecida do mundo adulto, mas que está aí e grita alto para nós. Somos os adultos que não o ouvem.

De acordo com o exposto, a pandemia implicou um período desafiador para os jovens devido à interrupção de suas redes materiais de sociabilidade nas esferas educacional e de lazer. A virtualização forçada dessas redes gerou repercussões negativas nos jovens que não foram profundamente avaliados diante da predominância de visões adultocêntricas do período (Vommaro, 2022).

O fechamento do espaço público e as restrições à mobilidade também dificultaram o encontro dos jovens em geral; mas especialmente para aqueles nos bairros populares, que perderam a esquina, o parque ou a praça como locais de socialização e encontro para compartilhar entre os pares.

De acordo com depoimentos de vários jovens e pesquisas realizadas por diferentes instituições (por exemplo, a Fundação SES, a Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires e a Sociedade Argentina de Pediatria, todas as três de 2020), esse caráter socializador, de contenção e pertencimento ao espaço público não poderia ser totalmente substituído pela virtualidade e pelo mundo digital.

A OIT (2020a, p. 3) fala da juventude pandêmica como uma “geração de confinamento” que foi profundamente afetada por sua diminuição da atividade no

---

<sup>3</sup> De acordo com dados do UNICEF, em 2002, entre aqueles que recebiam o Subsídio Universal por Filho (AUH), 28% não tinham internet para uso próprio e 53% estudavam sem computador (UNICEF, 2020).

mercado de trabalho. Na Argentina, observamos como sua taxa de atividade caiu 7% e a taxa de desemprego cresceu 5% entre 2019 e 2020 (INDEC, 2020). Mais uma vez, são as mulheres e os jovens com credenciais sociais e educacionais mais baixas que são os mais afetados pela retração ocupacional.

Falar sobre desigualdade trabalhista pode ser redundante no capitalismo. No entanto, Harvey (2020) nos mostra uma nova classe trabalhadora (o precariado de que fala Standing (2013)) que carrega o peso da crise, tanto porque é a força de trabalho que corre o maior risco de exposição ao vírus em seu trabalho, seja porque pode ser demitida sem indenização, devido ao recuo econômico e à instabilidade de seus direitos. Diante do teletrabalho, quem pode trabalhar em casa e quem não pode? Quem pode se dar ao luxo de isolar ou ficar em quarentena (com ou sem remuneração) em caso de contato ou contágio? Isso exacerba as desigualdades multidimensionais, cruzando-se com gênero, território, classe, raça/etnia e geração. Por esse motivo, Harvey (2020, p. 93) chama essa pandemia de “pandemia de classe, gênero e raça”. Com base em nossa análise, poderíamos adicionar “geracional” também.

O adultentrismo é definido por Klaudio Duarte Quapper (2022) como um sistema de dominação que permite o controle e a subordinação dos jovens pelas gerações adultas. Isso se expressa no fato de que os jovens são falados e produzidos pelo mundo adulto, mas muito pouco ouvidos e reconhecidos como produtores. Durante a pandemia, isso se expressou em uma falta de escuta, reconhecimento, consideração e visibilidade das vozes dos jovens na discussão pública que é evidente em pelo menos duas dimensões. Primeiro, a escassa chamada para que os alunos (especialmente no nível secundário e universitário) tomem decisões sobre questões relacionadas à educação e dinâmicas virtuais, presenciais ou híbridas. Dois, a responsabilidade ou culpabilização dos jovens como causa de surtos de contágio em diferentes países e épocas.

A este respeito, um relatório da UNICEF (2021, p. 22) mostra que os jovens “expressam repugnância e desconforto por serem considerados responsáveis pelo abandono do cuidado e propagadores de contágio”, ao mesmo tempo que “sentem que não são ouvidos, que não têm voz nem voto e exigem maior participação e destaque nos protocolos de atendimento escolar”. O mesmo estudo interpreta que “a estigmatização, aliada à percepção de não serem levados em conta como sujeitos com capacidade de agência para transformar e colaborar para a melhoria das condições de vida e de seu ambiente, constituem elementos promotores de identidades desacreditadas que não favorecem a construção da cidadania” (UNICEF, 2021, p. 22).

Embora a pandemia de COVID-19 tenha terminado em 2023, seus efeitos persistem nas esferas econômica, política, social e cultural. Seus estilhaços aludem a novas formas de articulação, mas também às subjetividades emergentes que se

configuraram em uma situação em que os Estados assumiram um lugar central na resolução e gestão das medidas preventivas que foram resistidas por alguns setores da população, fundamentalmente diante da restrição da liberdade de movimento e trabalho. Alguns estudos incipientes (Semán, Welchinger, 2024; Morán Faúndes, 2023) vinculam esses significados ao triunfo do partido libertário de Javier Milei nas eleições presidenciais de 2023 na Argentina. Sem dúvida, esta situação de descontentamento, insatisfação e agitação aprofundou-se no contexto da profunda crise económica após a pandemia, que implicou uma desestabilização da moeda nacional e um crescimento inflacionista que fez recuar os salários da maioria dos trabalhadores.

Assim, os elementos acima descritos configuram uma situação de mal-estar, desconforto, descontentamento e raiva juvenil que busca -e encontra- canais de manifestação nos espaços que conseguem questioná-la e mostrar a capacidade de expressar a ruptura e o almejado grito por basta. (Vommaro, 2024).

## **Precarização do trabalho e mundo digital: a persistência do associativismo juvenil**

Como dissemos, a situação de precarização do trabalho e desigualdades sociais multidimensionais se aprofundou com a pandemia. Ambos os processos convergem na distribuição e redistribuição de bens e mercadorias ligados a aplicações e economias de plataforma, que foi uma das atividades que mais cresceu na situação pandêmica (Adamini, 2023). Esses empregos geralmente empregam jovens<sup>4</sup>, que são aqueles que muitas vezes continuaram trabalhando presencialmente durante a pandemia, sem possibilidades adequadas de atendimento ou proteção.

Esses empregos cresceram ao mesmo tempo que a insegurança no emprego aumentou. Dessa forma, na pandemia (e depois dela) pode ocorrer um paradoxo: que o desemprego juvenil diminua (que atualmente é entre 2,5 e 3 vezes maior que o desemprego geral), mas que esses empregos sejam cada vez mais precários, com menos direitos e condições de trabalho degradadas.

Isso também é demonstrado em um estudo realizado pelo Ministério do Trabalho da Província de Buenos Aires (Argentina) sobre o trabalho em plataformas digitais de entrega, coincidindo com dados da OIT (2020b). De acordo com esses dados, quase dois terços dos trabalhadores desse tipo de atividade (62%) têm menos

---

<sup>4</sup> De acordo com um estudo realizado para o Ministério do Trabalho durante 2019, a idade média dos trabalhadores é de 29 anos, sendo que 61,5% dos trabalhadores pesquisados têm entre 20 e 30 anos (López Mourelo; Pereyra, 2020). Estudos de 2020 indicam que cerca de 66% dos trabalhadores pesquisados têm menos de 30 anos de idade, e entre eles 35% têm entre 18 e 25 anos de idade (Haidar, 2020).

de 30 anos e que, em média, trabalham 9 horas por dia em motocicletas ou bicicletas. Além disso, 70% trabalham de segunda a segunda-feira (sem dias de folga definidos) e 97% não têm cobertura de saúde ou riscos ocupacionais.

Em aplicativos como Glovo, Rappi, Pedidos Ya e UberEats, a relação de trabalho empresa-entregador é configurada de forma que as empresas não assumam as responsabilidades legais de empregar quem faz as entregas. Isso inclui a condição de monotributistas dos trabalhadores, a ausência de uma Seguradora de Riscos Ocupacionais (ART) e a falta de estabilidade na forma de contratação, disfarçada por meio de um discurso de flexibilidade e dinamismo, de emprego que se adapte às necessidades do trabalhador e da possibilidade de “ser seu próprio patrão” (Haidar, 2020, pág. 63). No quadro da pandemia, este setor viu o seu trabalho potenciado pelo aumento da procura dos seus serviços e pela sua definição como serviço essencial, o que permitiu a continuidade do seu trabalho presencial, contornando as restrições de mobilidade.

Nessa conjuntura, os jovens trabalhadores desse tipo de aplicação fortaleceram as ações de pelo menos duas organizações pré-existentes: Agrupación Trabajadores de Reparto (ATR) e Sindicato de Trabajadores de Reparto por Aplicación (SiTraRepa) (Camerata, 2023). Ambas as organizações têm alguns pontos em comum, como a inscrição de seus ideais políticos em espaços partidários de esquerda e o uso e apropriação das redes sociais como principal forma de comunicação com os trabalhadores. No entanto, também existem algumas diferenças. A ATR iniciou a sua atividade antes da pandemia (em 2018), enquanto a SiTraRepa foi criada com esta já iniciada, destacando-se de outro grupo, os Jovens Trabalhadores Precários, para se concentrar nos trabalhadores do setor de entregas.

O uso das redes sociais para a organização de movimentos juvenis e ativismo não é um fenômeno novo e, como indicam Palenzuela (2018) e Rivera, De la Barra-Eltit e Rieutord-Rosenfeld (2023), a dimensão política dos espaços digitais e das redes sociais foi aprimorada nos últimos anos, configurando até mesmo modos de organização e associatividade, especialmente entre os jovens. Com a pandemia, esse processo aumentou e, com ele, cresceu a frequência de publicações dessas duas organizações nas redes sociais (Camerata, 2023).

No entanto, o poder das atividades presenciais também cresceu. Por exemplo, as caravanas em que os entregadores ocupam as ruas das principais cidades da Argentina com suas motocicletas, bicicletas e mochilas, tornando visíveis suas demandas e sua própria existência como trabalhadores precários. Isso é acompanhado por chamadas coletivas nas redes sociais, como os “tweetazos” em que o slogan é tentado se tornar viral por meio das hashtags #YoNoReparto e #ParodeRepartidores.

Ambas as organizações mantêm discursos em que a figura do Estado aparece como cúmplice das empresas, endossando a exploração dos trabalhadores. No entanto, o SiTraRepa enfatiza que o Ministério do Trabalho reconhece a organização como



um sindicato legalmente registrado, o que lhe permitiria intervir nas negociações de entrega da empresa e na melhoria das condições de trabalho. Essa ênfase na busca pelo reconhecimento pelo Estado faz com que o discurso do SiTraRepa tenha um sentido esperançoso e mobiliza seus filiados a partir da busca por melhorias em suas condições de trabalho e pelo fortalecimento de suas formas organizacionais.

Essas experiências de organização de jovens trabalhadores precários a partir de economias de plataforma não são incompatíveis com a possível adesão eleitoral ao Milei. De fato, a figura acima mencionada de *El Rappi de Milei* (Vázquez, 2023) mostra que esses modos de associatividade não se traduzem em simpatia eleitoral imediata, embora constituam formas de expressão coletiva do descontentamento que a crescente degradação das condições materiais produz entre os jovens.

## **Disputas no território digital**

Sem dúvida, o crescimento das redes sociais e a intensidade da sociedade digital se manifestaram fortemente nos últimos anos, impulsionados, entre outras coisas, pelas características do capitalismo atual e pela virtualização da vida durante a pandemia. As redes e o mundo digital são hoje um território político em disputa e quem mais o habita são os jovens. Nesse quadro, os grupos da chamada nova direita, libertários ou com tendências regressivas e autoritárias têm demonstrado astúcia e habilidade para disputar sentidos no território digital. E não apenas produzindo *notícias falsas* ou contribuindo para a cultura do cancelamento.

Como aponta Melina Vázquez (2023), para muitos jovens, Milei é um *influenciador* e não uma política. Além disso, o ativismo digital promovido e multiplicado por Milei tem pontos fortes em relação ao de outros espaços políticos ao se mostrar mais autêntico, direto e disruptivo. Um exemplo disso é que o líder carismático tem mais seguidores no Tik Tok do que todos os outros candidatos juntos e que, como aponta Juan Elman (2023), seu crescimento vinha ocorrendo em comunidades digitais anteriores, como a *gamer*. Nisso, também temos que procurar as causas de seu ascendente.

## **A terceira vez é o charme**

Nos últimos oito anos, a sociedade argentina viveu duas experiências políticas fracassadas, que causaram desilusão, desencanto, desconforto, frustração e descontentamento em suas bases eleitorais e em amplos grupos sociais. Tanto os governos de Cambiemos e Macri em 2015-2019, quanto o da Frente de Todos e Alberto Fernández em 2019-2023 são lidos como fracassos por setores em crescimento.

Nesse contexto, nenhuma das duas forças que estiveram ou estão no governo e estão concorrendo às eleições em 2023, o fazem com base na necessária autocrítica exigida pelos eleitores. Propõe-se fazer o mesmo que em 2015, só que mais rápido e com mais determinação ou força. O outro quer que esqueçamos a atual gestão não financiada e lembremos o quão bons (ou não ruins) éramos antes de 2015. Sem dúvida, nenhum dos dois discursos é sedutor para os jovens.

Assim, não deve ser surpreendente que surja uma terceira opção que difere fortemente das duas anteriores, que essa opção se articule com um anseio por algo novo que rompa com a inércia das desilusões e que sejam os jovens que aderem com maior entusiasmo a essa possibilidade. Diante de um Estado (ou de um sistema político) que abandonou a sociedade em vários aspectos, não é de se estranhar que a própria sociedade se rebele contra a institucionalidade abandonista e até prefira dar um salto no vazio que zera o sistema do que continuar com uma situação percebida como atolada que mostra sinais de esgotamento cada vez mais evidentes. Como propõe Nacho Muruaga (2023), uma das palavras-chave para entender um dos componentes do voto em Milei é insatisfação.

Concordamos com Grimson (2024) quando argumenta que a crise de representação que vinha incubando na Argentina devido ao fracasso dos dois governos anteriores abriu a porta para a irrupção de um líder disruptivo, que seduziu com sua provocação para virar o tabuleiro de xadrez político de cabeça para baixo. Assim, a sociedade argentina acabou submetida ao bombardeio diário de medidas que reformatam a economia e a um governo que insulta feministas, *esquerdistas*, *piqueteros*, artistas populares, funcionários públicos, líderes políticos e jornalistas.

Nesse mesmo sentido, é importante olhar para as disputas que vêm ocorrendo devido à mudança significativa na Argentina e na região. Tanto em 2015 quanto em 2023, os setores que se reconhecem como mais progressistas ou populares (talvez com exceção de Juan Grabois, que também despertou entusiasmo em muitos jovens<sup>5</sup>) estão sendo presos do lado da conservação, da defesa do estado de coisas ou da promessa de um retorno a um passado supostamente melhor. Isso não é atraente para amplos setores sociais e muito menos para os jovens, pois é percebido como um convite a continuar com a situação de deterioração e precariedade em que vivem.

Em outros países (como Colômbia, México, Chile, Honduras e agora Guatemala) essa disputa foi resolvida – pelo menos nas eleições presidenciais – em favor de governos populares, que buscam ampliar direitos e combater as desigualdades fortalecendo a esfera pública. Na Argentina parece estar acontecendo

---

<sup>5</sup> Juan Grabois é um líder social e político argentino, fundador da União dos Trabalhadores da Economia Popular e da Frente Pátria Grande, além de membro do Dicasterio para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral do Vaticano. Foi pré-candidato à presidência na OPAS de 13 de agosto de 2023 pelo Unión por la Patria, obtendo 21,5% dos votos nessa frente política e quase 6% no geral.

o contrário e teremos que trabalhar com muita inteligência e empatia para reverter essa apropriação dos significados da mudança pela direita.

A socialização política das novas gerações em conjunturas de governos populares ou progressistas, como diz Pablo Stefanoni (2021), poderia explicar essas dinâmicas. Sendo percebidos como fracassados ou exaustos, eles buscam caminhos reativos para experiências que decepcionaram as expectativas sem assumir a responsabilidade pelo que causaram. Nos países da região mencionados, o processo foi diferente porque as alternativas que propunham ampliar direitos e combater as desigualdades chegaram a governos regressivos, autoritários e exaustos (ou percebidos como tal).

## **O voto em Milei não é apenas ideológico**

De acordo com as análises e o trabalho empírico que realizamos, os eleitores de Milei nem sempre concordam com suas ideias e propostas. Isso se baseia em vários estudos e pesquisas e destaca as dimensões emocionais, da adesão empática e esperançosa (mesmo que seja baseada na raiva e na desilusão) e da afinidade subjetiva, em vez das de um voto programático ou ideológico. Mais uma vez, de uma adesão forjada nos níveis emocional e afetivo (os afetos comuns de que fala Chantal Mouffe) e isso não deve ser tão difícil de entender e incorporar, como apontam Pablo Semán e Nicolás Welschinger (2023) em um trabalho recente.

Podemos dizer que o apoio de Milei foi forjado em quatro etapas. Um, nas mobilizações a favor e contra a Lei de Interrupção Voluntária da Gravidez em 2018. Concordamos com Melina Vázquez (2023) que o núcleo duro de sua militância se constitui e se agrupa nessa conjuntura, por vezes recuperando afinidades e tradições anteriores (como a do UCeDe e a UPAU nos anos oitenta). Segundo a pandemia e os protestos de rua e digitais que ocorreram para expressar a rejeição às medidas de isolamento e controle de mobilidade, que, longe de serem entendidas como cuidado coletivo, foram decodificadas em termos de restrição de liberdades individuais e subjugação de vidas individuais pelo Estado. Terceiro, a situação eleitoral de 2021, quando Milei foi eleito deputado nacional. Isso é o que poderíamos chamar, seguindo Semán e Welschinger (2023), de segundo anel de adesões. Quatro, na campanha para as OPAS e depois, onde seus eleitores se expandem (expressando um voto transversal em nível de classe, territorial e geracional, embora menos gênero, como apontam Sergio Morresi e Martín Vicente, 2023) e surge um terceiro círculo que sustenta o resultado obtido nas primárias.

Já em 2021, um estudo de Zuban Córdoba aplicado a pessoas entre 16 e 30 anos mostrou que as políticas públicas de bem-estar material e simbólico tiveram alta adesão entre os jovens. Por exemplo, quase 80% apoiaram o PROGRESAR, um

percentual maior de AUH, 73% o Conectar Igualdad, 71% a legalização da cannabis para uso medicinal e as políticas de igualdade de gênero também receberam altas taxas de adesão. Quando os mesmos jovens foram questionados sobre seu apoio eleitoral ou político-partidário, as respostas foram muito mais dispersas, encontrando muitos jovens que expressaram sua preferência por Bullrich ou Milei e apoiaram as mesmas políticas que eles insultaram. É claro que a maioria delas não são políticas públicas novas, mas existem desde antes de 2015, mostrando sinais de esgotamento e falta de atualização ou inovação. Mas isso é outra questão.

No mesmo sentido, podemos analisar o discurso que o deputado nacional proferiu no domingo, 13 de agosto, após ser conhecido o resultado das eleições das OPAS. Assistindo e revisitando este discurso, chama a atenção que nos vários minutos em que Milei se dedica a injuriar a justiça social e a desqualificar a frase que propõe que “onde há necessidade, há direito” no auditório (que foi inscrito por convite e depois de passar por vários filtros) houve silêncio, as suas declarações não foram celebradas. As ovações voltaram quando ele retomou seus slogans contra a “casta” e o “deixe todos irem” foi revisitado.

Como disse uma pessoa que votou em Milei na OPASA em uma entrevista na televisão: “Não concordo com nenhuma de suas propostas e acho que ele faria um governo ruim, mas votei nele para dar um tapa na cara do sistema político, para mostrar que estamos fartos e que não vai mais longe”. Talvez a capacidade de articular ou catalisar esses vários tipos de adesão tão díspares e às vezes porosos seja um dos pontos fortes de Milei, como alertam Morresi e Vicente (2023).

Isso configura os três núcleos de adesão a Milei de que falam Semán e Welschinger (2023) e dois dos quais Vázquez (2023) se debruça.

## **Considerações Finais**

Neste artigo, nos propusemos a compartilhar algumas pistas que ajudam a compreender a atual situação política, social e cultural na Argentina e, especialmente, as experiências juvenis que se configuram e reconfiguram nessa situação. Enunciar um problema é o primeiro passo para compreendê-lo e compreendê-lo é condição para superá-lo ou encontrar alternativas que reposicionem os termos do conflito. Neste texto tentamos fazer isso de forma empática, entendendo e não injuriando as realidades que contribuíram para a situação política que a Argentina vive hoje.

Por fim, acreditamos que é essencial intervir nas disputas de sentido e na batalha cultural e ideológica que estão sendo travadas na região e no mundo hoje. Uma parte importante das disputas atuais se desenrola nesses campos onde se resolvem significados, representações e aspirações com implicações políticas e sociais diretas

e imediatas. O termo “mudança” e os conflitos em torno do público (com as forças que buscam miná-lo, degradá-lo ou destruí-lo e os grupos que se colocam como seus defensores, mas nem sempre são consistentes com a construção de um público mais intenso e melhor – e comum) são exemplos dessas batalhas que precisam ser travadas.

Temos que ser capazes de mostrar que liberdade e igualdade não são termos contraditórios ou exclusivos (embora nas últimas décadas tenham sido apresentados dessa forma) e que as sociedades verdadeiramente livres são as mais igualitárias e as menos desiguais devem ser as mais livres para continuar no caminho da construção da igualdade. Dessa forma, estaremos em melhores condições de contribuir efetivamente para as batalhas intelectuais e culturais para construir consensos das comunidades e territórios que caminham para sociedades mais justas, igualitárias, livres e democráticas em nossa região e no mundo.

## REFERÊNCIAS

ADAMINI, Marina. Espejismos laborales detrás de un gigante productivo: precarización del trabajo juvenil en el sector de software y servicios informáticos. *In: VOMMARO, Pablo; PEREZ, Ezequiel. Juventudes, democracia y crisis. Pandemia, post-pandemia y después.* Buenos Aires, Argentina: Grupo Editor Universitario, 2023.

ARCIDIÁCONO, Pilar, LUCI, Florencia. Sin lugar para los débiles. *Anfibia*, Buenos Aires, 08 jul. 2024. Disponível em: <https://www.revistaanfibia.com/sin-lugar-para-los-debiles/>. Acesso em: 13 set. 2024.

CAMERATA, Sofia. **Experiencia de lxs trabajadores de reparto por aplicación: organizaciones y repertorios de acción en tiempos de pandemia y post pandemia (2020-2022)**. Buenos Aires: Informe final de Horas de Investigación 2023. Cátedra de Sociología de la Infancia, Adolescencia y Juventud, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Mimeo, 2023.

DUARTE QUAPPER, K. Mundos jóvenes, mundos adultos: lo generacional y la reconstrucción de los puentes rotos en el liceo. Una mirada desde la convivencia escolar. *Última década*, n. 16, p. 99-118, 2002.

ELMAN, Juan. Antiprogressismo y crisis de las élites: el ascenso de Javier Milei en clave global. *Cenital*, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://cenital.com/antiprogressismo-y-crisis-de-las-elites-el-ascenso-de-javier-milei-en-clave-global/>. Acesso em: 13 set. 2024.

FACULTAD DE PSICOLOGÍA DE LA UBA. **Salud Mental en Cuarentena. Relevamiento del impacto psicológico a los 7-11 y 50-55 días de cuarentena en población argentina.**

Buenos Aires, Argentina: Observatorio de Psicología Social Aplicada, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, 51 p., 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **El impacto del COVID-19 en la salud mental de adolescentes y jóvenes**. Panamá: UReport, 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **Estudio sobre los efectos en la salud mental de personas gestantes por COVID-19**. Buenos Aires: UNICEF, 2021.

FUNDACIÓN SES. **Sustentabilidad, Educación, Solidaridad. Sumar nos suma**. Buenos Aires, Argentina: SES, 2020.

GAMBINA, Julio. “Hay un contraste entre la venta de la marca Milei en el exterior y lo que pasa en la economía real de Argentina”. **Canal E**, Argentina, 24 jun. 2024. Disponible em: <https://www.perfil.com/noticias/canal-e/gambina-hay-un-contraste-entre-la-venta-de-la-marca-milei-en-el-exterior-y-lo-que-pasa-en-la-economia-real-de-argentina.phtml>. Acceso em: 13 set. 2024.

GRAÑA, Juan. ¿A qué mercado laboral nos dirigimos? **Tiempo argentino**, Buenos Aires, 13 jul. 2024. Disponible em: [https://www.tiempoar.com.ar/ta\\_article/a-que-mercado-laboral-nos-dirigimos/](https://www.tiempoar.com.ar/ta_article/a-que-mercado-laboral-nos-dirigimos/). Acceso em: 13 set. 2024.

GRIMSON, Alejandro. **Desquiciados. Los vertiginosos cambios que impulsa la extrema derecha**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2024.

H Aidar, Julieta. La configuración del proceso de trabajo en las plataformas de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. Un abordaje multidimensional y multi-método. **Informes de Coyuntura**, n. 11, p. 1-96, 2020. Disponible em: <https://iigg.sociales.uba.ar/2020/10/01/la-configuracion-del-proceso-de-trabajo-en-las-plataformas-de-reparto-en-la-ciudad-de-buenos-aires-un-abordaje-multidimensional-y-multi-metodo/>. Acceso em: 13 set. 2024.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de COVID-19. **Sin permiso**. Barcelona, 22 mar. 2020. Disponible em: <https://www.sinpermiso.info/textos/politica-anticapitalista-en-tiempos-de-covid-19>. Acceso em: 13 set. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Encuesta Permanente de Hogares (EPH)**. Buenos Aires, Argentina, 2024. Disponible em: <https://www.indec.gov.ar/indec/web/Institucional-Indec-BasesDeDatos>. Acceso em: 13 set. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**. Informes técnicos, n.184, v. 6. **Condiciones de vida**, n. 12, v. 6. Buenos Aires, Argentina, 2022. Disponible em: [https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph\\_pobreza\\_09\\_2223ECC71AE4.pdf](https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_09_2223ECC71AE4.pdf). Acceso em: 13 set. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Condiciones de vida. Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**, n. 4, v. 5. Buenos Aires, Argentina, segundo semestre de 2020. Disponible em: [https://www.indec.gob.ar/uploads/informesdeprensa/eph\\_pobreza\\_02\\_2082FA92E916.pdf](https://www.indec.gob.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_02_2082FA92E916.pdf). Acesso em: 13 set. 2024.

LÓPEZ MOURELO, Elva; PEREYRA, Francisco. El trabajo en las plataformas digitales de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. Estudios Del Trabajo. **Revista de la Asociación Argentina de Especialistas en Estudios del Trabajo (ASET)**, n. 60, 2020. Disponible em: <https://ojs.aset.org.ar/revista/article/view/90>. Acesso em: 13 set. 2024.

MORÁN FAÚNDES, José Manuel. ¿Cómo cautiva a la juventud el neoconservadurismo? Rebeldía, formación e influencers de extrema derecha en Latinoamérica. **Methaodos. Revista De Ciencias Sociales**, v. 11, n.1, 2023. Disponible em: <https://www.methaodos.org/revista-methaodos/index.php/methaodos/article/view/649>. Acesso em: 13 set. 2024.

MORRESI, Sergio; VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. *In*: SEMÁN, Pablo (coord.). **Está entre nosotros. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2023.

MURUAGA, Ignacio. Buscar juguetes nuevos. Insatisfacción democrática, comprensión política, expectativas y frustraciones. Algunas reflexiones en esta columna sobre lo que dejaron las PASO. **El Resaltador**, Argentina, 27 ago. 2023. Disponible em: <https://elresaltador.com.ar/buscar-juguetes-nuevos/>. Acesso em: 13 set. 2024.

OBSERVATORIO DE LA DEUDA SOCIAL ARGENTINA. **Un final anunciado: más pobres, pobres más pobres y más desiguales**. Buenos Aires, 2024, 45 p. Disponible em: [https://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/Observatorio%20Deuda%20Social/Presentaciones/2024/Observatorio%20Nota\\_Investigacion\\_5\\_07.pdf](https://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/Observatorio%20Deuda%20Social/Presentaciones/2024/Observatorio%20Nota_Investigacion_5_07.pdf). Acesso em: 13 set. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **Los jóvenes y la pandemia de la COVID-19: efectos en los empleos, la educación, los derechos y el bienestar mental**. OIT: 2020a, 61 p. Disponible em: <https://reliefweb.int/report/world/los-j-venes-y-la-pandemia-de-la-covid-19-efectos-en-los-empleos-la-educaci-n-los>. Acesso em: 13 set. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **El trabajo en las plataformas digitales de reparto en Argentina: análisis y recomendaciones de política**. OIT: Buenos Aires, Argentina, 2020b, 106 p.

PALENZUELA, Yadira. Participación social, juventudes, y redes sociales virtuales: rutas transitadas, rutas posibles. **Última Década**, v. 26, n. 48, p. 3-34, 2018. [https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22362018000100003](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362018000100003)

REINA, Santiago. Casi 140.000 asalariados formales perdieron su empleo en los primeros 5 meses de la era Javier Milei. **Ámbito**, Buenos Aires, 20 jul. 2024. Disponible em: <https://www.ambito.com/economia/casi-140000-asalariados-formales-perdieron-su-empleo-los-primeros-5-meses-la-era-javier-milei-n6031029>. Acceso em: 13 set. 2024.

RIVERA-AGUILERA, Guillermo; BARRA-ELTIT, Isidora De la; RIEUTORD-ROSENFELD, Camille. Juventudes y nuevas expresiones de sindicalismo en Chile: el caso de la comida rápida. **Polis**, Santiago, v. 22, n. 65, p. 151-194, 2023. Disponible em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-65682023000200151&lng=es&nr m=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682023000200151&lng=es&nr m=iso). Acessado em: 13 Set 2024. <http://dx.doi.org/10.32735/s0718-6568/2023-n65-1863>.

SEMÁN, Pablo (coord.). **Está entre nosotros ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Siglo XXI, 2023.

SEMÁN, Pablo, WELSCHINGER, Nicolás. 11 Tesis sobre Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/11-tesis-sobre-milei/>. Acceso em: 13 set. 2024.

SOCIEDAD ARGENTINA DE PEDIATRÍA. **El estado emocional de las/os Niñas/os y adolescentes a más de un mes del aislamiento social, preventivo y obligatorio**. Buenos Aires, 2020.

STANDING, Guy. **El precariado: una nueva clase social**. Barcelona: Pasado & Presente, 2013.

STEFANONI, Pablo. **¿La rebeldía se volvió de derecha? Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio)**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

TRAVERSO, Enzo. **Las nuevas caras de la derecha**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

VÁZQUEZ, Melina. Los Rappi de Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 10 jul. 2023. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/los-rappi-de-milei/>. Acceso em: 13 set. 2024.

VOMMARO, Pablo. El gobierno de Milei en la Argentina: pistas para comprender un resultado que no vimos venir. **Revista Foro**. Bogotá, 2024. En prensa.

VOMMARO, Pablo. Muy hablados, poco escuchados. **Anfibia**, Buenos Aires, 31 oct. 2023. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/muy-hablados-poco-escuchados/>. Acceso em: 13 set. 2024.

VOMMARO, Pablo (coord.). **Experiencias juveniles en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2022.

ZUBAN CÓRDOBA. Voto joven: ¿Cómo se encuentra el oficialismo y la oposición frente a este electorado? **Política argentina**. Buenos Aires, Argentina, 17 jul. 2021. Disponible em:



*Expressões políticas do mal-estar juvenil:  
abordagens exploratórias da situação na Argentina nos últimos anos*

<https://www.politicargentina.com/notas/202107/38318-voto-joven-como-se-encuentra-el-oficialismo-y-la-oposicion-frente-a-este-electorado.html>. Acesso em: 13 set. 2024.

**Submetido em:** 11/08/2024

**Aprovado em:** 10/09/2024



# REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DAS JUVENTUDES NO BRASIL: JOVENS CANDIDATOS/AS E ELEITOS/AS PARA A CÂMARA DOS DEPUTADOS 2014 – 2022

## *REPRESENTACIÓN POLÍTICA DE LA JUVENTUD EN BRASIL: JÓVENES CANDIDATOS Y ELECTOS A LA CÁMARA DE DIPUTADOS 2014 - 2022*

## *POLITICAL REPRESENTATION OF YOUTH IN BRAZIL: YOUNG CANDIDATES AND ELECTED TO THE CHAMBER OF DEPUTIES 2014 – 2022*

*Elisa Guaraná de CASTRO\**

**RESUMO:** Analisar formas “tradicionais” de representação política são uma janela para compreender a participação juvenil em seus múltiplos pertencimentos e agências. Observamos jovens candidatas/os e eleitas/os para a Câmara dos Deputados brasileira entre os anos de 2014 e 2022. Identificamos baixa representação juvenil, menos de 4% com até 29 anos, e amplo espectro de filiação política, incluindo a denominada extrema-direita. Como metodologia analisamos os dados do TSE, tratando o perfil e desempenho eleitoral. Acompanhamos sites de movimentos e organizações sociais, as redes sociais, o Portal da Câmara dos Deputados, para acesso a trajetórias, agendas políticas e atuação parlamentar. O acompanhamento cotidiano e individualizado das redes sociais permitiu identificar perfis e postagens dos e das jovens. A pesquisa demonstrou que há uma importante diversidade de candidaturas e que parlamentares jovens eleitos são campeões de votação, o que aponta um interesse renovado na participação desse espaço árido para a presença juvenil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação política. Juventude. Participação política. Participação parlamentar. Diversidade.

---

\* Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – (UFRRJ). Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ Museu Nacional (UFRJ), mestre em Sociologia (UFRJ), graduada em Ciências Sociais (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8652-0303>. Contato: [elisaguarana@ufrj.br](mailto:elisaguarana@ufrj.br).

**RESUMEN:** *Analizar las formas “tradicionales” de representación política es una ventana para comprender la participación juvenil en sus múltiples pertenencias y agencias. Observamos a candidatos jóvenes y funcionarios electos para la Cámara de Diputados de Brasil entre 2014 y 2022. Identificamos una baja representación juvenil, menos del 4% de hasta 29 años, y un amplio espectro de afiliaciones políticas, incluida la llamada extrema derecha. Como metodología se analizaron los datos del Tribunal Superior Electoral, tratando el perfil y desempeño electoral. Seguimos sitios web de movimientos y organizaciones sociales, redes sociales, Portal de la Cámara de Diputados, para acceder a trayectorias, agendas políticas y actividades parlamentarias. El seguimiento diario e individualizado de las redes sociales permitió identificar perfiles y publicaciones de los jóvenes. La investigación demostró que existe una importante diversidad de candidaturas y que los jóvenes parlamentarios electos son campeones de votación, lo que apunta a un renovado interés en la participación en este árido espacio de presencia juvenil.*

**PALABRAS CLAVE:** *Representación política. Juventud. Participación política. Participación parlamentaria. Diversidad.*

**ABSTRACT:** *The analysis of “traditional” forms of political representation is a window to understand youth participation in its multiple belongings and agencies. We observed young candidates and elected officials for the Brazilian Chamber of Deputies between 2014 and 2022. We identified low youth representation, less than 4% aged up to 29, and a wide spectrum of political affiliation, including the so-called far right. As methodology, we analyzed Superior Electoral Court data, treating the profile and electoral performance. We followed websites of social movements and organizations, social networks, the Chamber of Deputies Portal, to access trajectories, political agendas and parliamentary performance. The daily and individualized monitoring of social networks made it possible to identify profiles and posts of young people. The research demonstrated that there is an important diversity of candidacies and that young elected parliamentarians are voting champions, which points to a renewed interest in participation in this arid space for youth presence.*

**KEYWORDS:** *Political representation. Youth. Political participation. Parliamentary participation. Diversity.*

## **Introdução**

As intensas alterações no cenário político recente em países da América Latina apontam preocupações antigas e novas. Com alternâncias entre governos progressistas e governos de cunho autoritário, um dos elementos mais observados é a ascensão da extrema-direita (Messenberg, 2019; Pignataro; Tremínio; Chavarría-Mora, 2021; Semán, 2023)<sup>1</sup>. O quadro se complexifica com pesquisas que apontam o crescente desinteresse na filiação partidária, que também se manifesta nas juventudes de países da região (Araújo; Perez, 2021). No Brasil a turbulência política tem sido intensa especialmente nos últimos 12 anos. Em pouco mais de uma década vivemos protestos de rua como as Jornadas de Junho de 2013, o impeachment da presidenta Dilma, a eleição do presidente Bolsonaro, a eleição do presidente Lula e a tentativa de golpe em 8 de janeiro 2023. Em todos esses momentos observamos a participação juvenil.

O desafio de analisar jovens parlamentares se coloca nestes marcos. Neste trabalho estão em foco o perfil de jovens candidatas/os e eleitas/os para a Câmara dos Deputados brasileira entre os anos de 2014 e 2022, bem como as trajetórias destes últimos, sobre os quais nota-se um amplo espectro de “filiação política”, incluindo mais recentemente expressões juvenis da denominada extrema-direita.

Um dos primeiros fatores tratados é a constatação da baixa representação juvenil no Congresso Nacional, menos de 4% dos deputados e deputadas federais tem menos de 29 anos<sup>2</sup>, ampliando para 11,7 com até 35 anos em 2022. Esse quadro se reproduz eleição após eleição. No entanto, observamos parlamentares jovens eleitos campeões de votação e ainda, uma importante diversidade no perfil de candidaturas que aponta um interesse renovado na participação desse espaço árido para a presença juvenil. Consideramos que analisar essa forma “tradicional” de representação política é uma janela para compreender a participação juvenil em uma perspectiva dos seus múltiplos pertencimentos e desafios.

A contribuição apresentada é fruto da pesquisa *A Juventude no olho do furacão: identidades, ação política e organizações de juventude no Brasil*,<sup>3</sup> que tem mapeado as formas de organização, representação e ação política das juventudes

<sup>1</sup> A definição ideológica de esquerda a extrema-direita tem sido alvo de esforços interpretativos. Aqui apontamos algumas dessas referências. Tomamos em especial o alinhamento com temas que mobilizam a oposição a ampliação de direitos humanos e sociais, bem como do reconhecimento da diversidade como elementos que hoje refletem posições de extrema-direita no mundo.

<sup>2</sup> Como recorte utilizamos a faixa etária determinada pelo Estatuto da Juventude (2013). Utilizamos ainda um segundo recorte dos 30 aos 35 anos para captar continuidade e reeleição, e ainda o fato de os cargos sucessórios da Presidência da República exigirem idade de 35 anos ou mais.

<sup>3</sup> Comitê de Ética – O Projeto sob processo 23083.040349/2020-69 foi aprovado pelo COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFRRJ / CEP (PARECER Nº 1124 / 2020 - PROPPG (12.28.01.18) e está em conformidade com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

brasileiras dos anos 2000 em diante<sup>4</sup>. Por sua vez, a pesquisa integra o Grupo de Trabalho Infâncias e Juventudes do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso) e o *Observatório en Infancias y Juventudes*. Os resultados evidenciam que as construções de representação política atravessam configurações formais, como espaços parlamentares, e incorporam as novas tecnologias, com o uso intenso de redes sociais (Ramos, 2015; Gomes, 2017). Esse encontro de agendas e de repertórios produz novas identidades políticas, e articula “novas” e “antigas” formas de organização e mobilização, posicionadas em dinâmicas de múltiplos pertencimentos.

Como marcos teóricos consideramos juventudes em sua construção como categoria social e política (Castro, 2013, 2022), em sua pluralidade com múltiplas identificações e pertencimentos (Novaes, 1998; Perez, Vommaro, 2023) e a partir de construções históricas, culturais e de identidades que mobilizam subjetividades e construções coletivas (Brah, 2006). A partir destas abordagens a análise do contexto da participação política juvenil no Brasil revela a interrelação entre organização e ação política e processos de institucionalização governamental de direitos e políticas públicas.

Os governos Lula (2003- 2006/2007-2010) e Dilma (2011-2014/2015-2016) deram visibilidade ao tema “juventudes” com a criação de marcos regulatórios, de políticas públicas e com a institucionalização da representação juvenil, por meio de órgãos de execução das chamadas PPJs (Políticas Públicas de Juventude). Vale lembrar que as ações no âmbito do Estado se deram em meio a um intenso debate acadêmico com especialistas nos estudos sobre geração e juventudes, articulados, por sua vez, com jovens pesquisadores e lideranças juvenis de inúmeros movimentos sociais (Dulci; Macedo, 2019). Desse caldo, o que observamos foi um acionamento inédito da categoria juventude como identidade política.

Vale notar que as possibilidades de inserção no espaço público e o cruzamento com outros temas políticos ganham densidade, se percebidos a partir de marcadores da diferença que expressam formas de dominação: classe, raça, etnia, gênero e sexualidade. Assim, a interseccionalidade (Stolcke, 2006; Brah, 2006) torna a atuação política daqueles que se autoidentificam como jovens, um processo denso de significados. Isso se materializa na forma de expressarem seus múltiplos pertencimentos e agendas. Esses temas também são alvo de disputa entre diferentes projetos políticos abraçados pelas juventudes.

Há, ainda, um crescente e tenso diálogo entre formas de participação política tidas como “tradicionais” – partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações e cooperativas – e as chamadas “novas formas” organizativas juvenis, “mais horizontais” e ainda, interseccionadas por múltiplos pertencimentos. O pre-

---

<sup>4</sup> Desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Juventude, participação política e representação social (UFRRJ). A equipe da pesquisa é composta por estudantes de graduação.

sente estudo enfatiza como práticas políticas das/os jovens ultrapassam e até mesmo quebram dicotomias entre “novo” e “velho”. Suas múltiplas trajetórias demonstram como a construção de identidades políticas combina processos individuais com lutas coletivas, associando formas de sociabilidade, históricos familiares, de trabalho, de mobilidade espacial, dentre outras.

A ênfase nessas dicotomias – novo/velho; horizontal/hierarquizado – não configura novidade no campo de estudos das ciências sociais. Desde, pelo menos, meados do século XX, tais categorias são mobilizadas para explicar fenômenos de efervescência social. De 2013 e, sobretudo, de 2014 para cá, o Brasil vivenciou processos de mudança que contou com a participação relevante dos chamados novos atores organizados. Nesse contexto, observou-se um distanciamento da disputa por reconhecimento, distribuição de recursos e acesso a direitos (Fraser, 2001; 2007) em direção à disputa no *tempo da política* (Palmeira, 1996), isto é, da disputa eleitoral que se alonga desde esse período e por utopias de modelos de sociedade.

A partir dos anos 2011-2013 vivenciamos mobilizações de massa internacionais e nacionais com forte presença da *juventude*. Uma marca foi o uso da internet como forma de mobilização agregada à mobilização de massa em espaços públicos e a agenda antineoliberal (Harvey *et al.*, 2012). No Brasil um divisor de águas foram as Jornadas de 2013, mais de 10 anos após esse importante movimento de massas, diferentes percepções e leituras se apresentam sobre o que representou e como as juventudes atuaram (Gohn, 2016; Altman; Carlotto, 2023; Perez, 2021; Castro, 2023). Dessa potente explosão de rua temos hoje jovens atuantes que se autoidentificam como progressistas, de esquerda, se organizam em coletivos e em partidos, bem como em movimentos conservadores, autoidentificados como de direita, liberal e mesmo de extrema-direita.

Em 2014 dois momentos marcam o surgimento de novos atores: a partir dos movimentos Não Vai ter Copa<sup>5</sup>, no primeiro semestre, com mobilizações contra os megaeventos; e, no segundo semestre, o período eleitoral com o Vem Pra Rua (VPR), Revoltados On-line, Movimento Brasil Livre (MBL) (Barbosa, 2017), dentre outros, se opondo à reeleição da presidenta Dilma<sup>6</sup>. Observamos também a reordenação de pautas e agendas de organizações configuradas em outros contextos, a exemplo do Levante Popular da Juventude<sup>7</sup>, bem como a ampliação de movimentos antifascistas,

---

<sup>5</sup> Sobre o debate da Copa do Mundo de 2014 como megaevento e seus impactos ver Jennings *et al.* (2014).

<sup>6</sup> A matéria de *El País* de 15/03/2015 apresenta uma síntese a partir das declarações de representantes das 3 organizações demonstrando o que os aproximam: o anti-petismo e a oposição ao Governo Dilma Ruseff e as suas. (Bendelli; Martín, 2015).

<sup>7</sup> O Levante Popular da Juventude surgiu como um movimento regional do Rio Grande do Sul. Em 2011 assume a pauta dos direitos humanos. Em 2014 é um dos movimentos que se posiciona a favor da reeleição de Dilma e, mais tarde, contra o processo de impeachment, com a denúncia de que se tratava de um golpe.

como o Movimento Antifacista Brasil (ANTIFA) que cresce em estados brasileiros com o surgimento de movimentos locais e nacionais, como o Periferia Antifacista nas torcidas de futebol<sup>8</sup>.

O período recente, que ainda não se encerrou, se apresenta como um momento extremo de disputa por atuação direta na política que se inicia no *tempo da política*, isto é, as eleições de 2014 (Palmeira, 1996). São marcos o golpe contra presidente Dilma em 2016<sup>9</sup>, o governo Temer, o governo Bolsonaro e a eleição do presidente Lula em 2022.

Esse novo cenário instigou-nos a observar as formas de identificação política da juventude e os sentidos para a sua mobilização. Os resultados aqui apresentados se referem à análise das eleições de 2018, em comparação com a de 2014 e levantam apontamentos preliminares relativos ao pleito de 2022. As juventudes se fazem presentes ao longo de todo o espectro político-eleitoral brasileiro e latino-americano, porém, dentre as novidades, destaca-se sua presença notória nas movimentações identificadas com a extrema-direita. Compreender por que isso ocorre é um dos objetivos da pesquisa em curso.

Como metodologia adotada analisamos os dados da plataforma de Dados Abertos do Tribunal Superior Eleitoral<sup>10</sup>, tratando o perfil e desempenho eleitoral de candidatas/os e eleitas/os, comparando 2014 e 2018 e pontuando 2022. A análise levou em consideração os seguintes recortes e cruzamentos: i) cor/raça, gênero, até 29 anos e de 30 a 35 anos, e jovens e “não jovens”; ii) escolaridade, atividade/profissão eleitos; iii) filiação partidária; candidaturas/eleitos jovens iv) dados totais votação jovem, o total da votação com os cortes X Câmara; v) movimentos de renovação e reeleições; vi) votação total por eleitos ranqueamento/peso eleitoral nacional e sua representatividade ponderada no respectivo estado. Utilizamos ainda sites de movimentos e organizações sociais, as redes sociais dos candidatos e eleitos, bem como o Portal da Câmara dos Deputados<sup>11</sup>, para acesso a trajetórias, agendas políticas e atuação parlamentar. O método de levantar os dados das redes sociais foi individualizado, por meio do acompanhamento cotidiano das redes e sites, identificando os perfis e postagens produzidos pelos próprios jovens observados. Por meio de prints e análise do conjunto das manifestações captadas, observamos como

---

<sup>8</sup> Ver: FRAGMENTO SUB-VERSO. Por que criar e apoiar Antifas locais e redes antifascistas no Brasil? Publicado em 30 novembro, 2014. Disponível em: <https://fragmentosubverso.wordpress.com/2014/11/30/por-que-criar-e-apoiar-antifas-locais-e-redes-antifascistas-no-brasil/>. Acesso em: 20 set. 2024.

<sup>9</sup> A construção do processo de impeachment e seu desfecho, com forte participação da mídia e do bloco político que se forma após sua reeleição em 2014, podem ser definidos como um golpe político. O impeachment foi finalizado sem que os supostos crimes de responsabilidade tenham sido confirmados. (Benevides *et al.*, 2018).

<sup>10</sup> BRASIL. Portal de Dados Abertos do TSE. Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/>. Acesso em: 20 set. 2024b.

<sup>11</sup> BRASIL. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 20 set. 2024a.



se descreviam, a linguagem utilizada, que agendas apresentavam, se acionavam ou não a identidade juvenil. Outro site utilizado foi o Congresso em Foco do portal UOL para observar, em diálogo com o site do Congresso Nacional como atuaram em seus mandatos.

Assim, na sequência desta Introdução, e com especial atenção a 2018, apresentamos os dados e as análises do perfil das e dos jovens candidatos e eleitos. Em seguida, na terceira seção, discutimos os pilares das identidades juvenis, bem como as agendas e as políticas públicas de juventude. Finalmente, a quarta e última seção aponta considerações finais e a agenda futura de pesquisa.

## **1. Juventudes na Política: eleições nacionais para a Câmara dos Deputados**

A representação juvenil, de pessoas com até 29 anos, no Congresso Nacional brasileiro tem se mantido baixa. Considerando a Câmara dos Deputados, foram 20 eleitos em 2014, 19 em 2018 e 18 em 2022, o que representa uma média abaixo de 4%. As vitórias eleitorais não expressam, contudo, o número de candidaturas, como fica evidente nos casos de 2014 e 2018. Considerando que 23% (aproximadamente 48,5 milhões de pessoas) da população brasileira é jovem, tem-se expressiva sub-representação juvenil no universo total das candidaturas ao parlamento. (Brasil, 2024b).

A análise das/dos 19 jovens eleitas/os para a Câmara Federal em 2018 evidenciou que há maior pluralidade entre candidaturas do que entre eleitas/os. O acompanhamento de suas trajetórias nos levou a um processo de desessencialização das representações que reforçam a imagem da juventude como o “novo”, associado a uma expectativa de transformação, presente sobretudo nos ambientes da esquerda. Muitas/os jovens reproduzem mecanismos, práticas políticas e a formação de capital político (Bourdieu, 1989), com o objetivo de se manter nos espaços de representação formal, que podem ser lidos como formas consolidadas, ou tradicionais, de reprodução de mandatos.

A análise dos perfis de atuação política das juventudes eleitas nos permite identificar duas trajetórias frequentes: a reprodução do capital político familiar, por “herança”; e a projeção alcançada pela via da renovação, fruto da atuação das/os jovens em mobilizações, em organizações sociais e/ou redes sociais. Os dados fornecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE)<sup>12</sup>, relativos às eleições de 2014 e 2018<sup>13</sup>, nos permitem traçar e classificar os perfis das juventudes. A proporção de

<sup>12</sup> Dados organizados por Luiza Dulci e Daniel Andrade. Nesta primeira parte agregamos dados estaduais e distrital (Brasil, 2024b).

<sup>13</sup> Optamos por desconsiderar as candidaturas classificadas como “inaptas” pelo TSE.

candidaturas jovens em relação ao total das candidaturas, não variou muito entre os pleitos de 2014 e 2018. Em 2014, 5,91% (1.305) das candidaturas foram de jovens, 936 para deputados estaduais e distritais e 369 para federais. Em 2018, 5,34% (1.395) dos candidatos tinham menos de 29 anos, sendo 1020 postulantes à Câmara Federal, 364 às Assembleias Estaduais ou Distrital e 1 ao Senado Federal.

A Tabela 1, a seguir, informa a distribuição das candidaturas jovens por partido e nos permite visualizar o crescimento ou a redução das candidaturas nos pleitos de 2014 e 2018. Os dados estão organizados em sentido decrescente, ou seja, os partidos com o maior número de jovens candidatos em 2018 localizam-se no topo da tabela.

**Tabela 1** – Candidatos aptos menores que 30 anos para as eleições federais e estaduais/ distrital - número (n) de candidatos e porcentagem (%) relativa ao total de cada partido.

Partidos	2014		2018		Δ 2014-2018	
	%	N	%	N	%	N
PSOL	10,78%	121	9,26%	117	-3,3%	-4
PSL	4,12%	28	6,52%	90	221,4%	62
REDE	0,00%	0	8,54%	69	-	69
PATRIOTAS	8,51%	67	6,12%	66	-1,5%	-1
PROS	6,83%	28	6,37%	64	128,6%	36
PedoB	6,71%	51	7,79%	59	15,7%	8
AVANTE	6,56%	43	5,43%	51	18,6%	8
PSDB	5,66%	56	5,59%	49	-12,5%	-7
PRTB	6,63%	40	5,19%	44	10,0%	4
PHS	6,25%	51	4,81%	43	-15,7%	-8
PT	4,49%	55	3,60%	42	-23,6%	-13
PRP	4,65%	36	4,63%	40	11,1%	4
SOLIDARIEDADE	6,95%	33	5,42%	39	18,2%	6
PDT	4,88%	45	4,33%	38	-15,6%	-7
DC	5,80%	37	5,86%	38	2,7%	1
PPS	5,86%	33	6,17%	37	12,1%	4
PTC	5,62%	37	5,13%	35	-5,4%	-2
PMN	7,29%	35	5,33%	35	0,0%	0
PP	4,20%	29	4,94%	35	20,7%	6
PV	4,92%	46	4,12%	34	-26,1%	-12
MDB	3,45%	39	3,34%	34	-12,8%	-5

*Representação política das juventudes no Brasil:  
jovens candidatos/las e eleitos/las para a Câmara dos Deputados 2014 – 2022*

Partidos	2014		2018		Δ 2014-2018	
	%	N	%	N	%	N
PODEMOS	5,79%	31	4,02%	34	9,7%	3
PR	3,95%	28	5,03%	34	21,4%	6
DEMOCRATAS	3,66%	20	5,08%	33	65,0%	13
PSB	6,02%	71	3,68%	32	-54,9%	-39
PSD	5,36%	33	4,63%	30	-9,1%	-3
PSC	5,63%	47	3,60%	29	-38,3%	-18
PPL	7,21%	29	5,33%	28	-3,4%	-1
PRB	4,40%	29	3,47%	28	-3,4%	-1
PTB	4,49%	37	4,52%	27	-27,0%	-10
PCB	10,85%	14	13,58%	11	-21,4%	-3
PSTU	18,21%	53	4,23%	8	-84,9%	-45
PCO	9,09%	3	20,59%	7	133,3%	4
Total Geral	5,91%	1305	5,34%	1395	6,90%	90

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados do TSE. Pesquisa Juventude no Olho do Furacão – UFRRJ, por Luiza Dulci.

Considerando o total de 33 partidos que lançaram candidaturas ao parlamento em 2018, vemos um aumento de 90 candidaturas de pessoas com até 29 anos, o que equivale a uma proporção de 6,9%. Enquanto metade dos partidos (17) reduziu o número de candidaturas jovens, outra metade (16) ampliou o número de jovens candidatos. Dentre os que tiveram redução entre os pleitos de 2014 e 2018, as maiores perdas ocorreram no PSTU (-45), no PSB (-39), no PSC (-18), no PT (-13) e no PV (-12). A Rede aparece como o partido que mais ampliou suas candidaturas jovens, porém deve ser desconsiderada da análise, uma vez que a legenda não existia no pleito de 2014. Em seguida vem o PSL, que passou de 28 para 90 jovens – em parte impulsionado pela candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência da República. O terceiro maior salto corresponde ao Pros que passou de 28 para 64 jovens candidatos, o que também pode ser explicado por ser uma legenda relativamente recente, fundada em 2010. Em quarto lugar aparece o DEM, com um crescimento positivo de 13 candidaturas jovens, que recebeu candidatos do MBL. Os demais partidos apresentaram mudanças menos expressivas.

Chamam a atenção os números do PSOL, que apesar de ter apresentado crescimento negativo (-4) entre 2014 e 2018, manteve o maior número de candidaturas jovens nos dois pleitos, 121 e 117, respectivamente. As candidaturas jovens do PSOL chegaram a mais de 10% de todas as candidaturas jovens em 2014 e ainda em 2018 estavam em número bastante superior aos dos demais partidos concorrentes. O PSOL

foi também a legenda que mais elegeu jovens para a Câmara dos Deputados em 2018. Outro partido tradicionalmente ligado à juventude, com ênfase no movimento estudantil secundarista, universitário e de pós-graduação, o PC do B, aumentou de 51 para 59 candidaturas jovens entre as duas eleições. Três dos mais importantes partidos da política brasileira, PT (-13), PSDB (-7) e MDB (-5) reduziram o número de jovens em suas chapas eleitorais.

Os marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade, quando comparadas as candidaturas jovens e aquelas com mais de 30 anos de idade são relevantes. Nota-se um equilíbrio nas candidaturas de mulheres e homens entre jovens, ao passo que entre não jovens há enorme disparidade, com a prevalência de homens. Enquanto 49,8% e 47,5% das candidaturas jovens em 2014 e 2018 eram de mulheres, a proporção de não jovens foi de 27,4% e 30%, respectivamente nos dois pleitos.

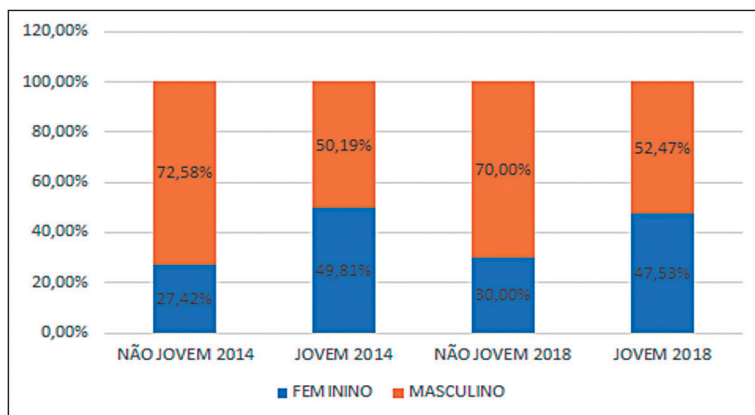
**Tabela 2** – Candidatos aptos menores que 30 anos para as eleições federais e estaduais, por cor, segundo gênero/sexo.

Sexo/Raça	2014	2018	Δ 2014-2018
Mulher	650	663	2%
Branca	325	306	-6%
Parda	248	275	11%
Preta	69	77	12%
Indígena	3	3	0%
Amarela	5	2	-60%
Homem	655	732	12%
Branco	368	398	8%
Pardo	217	250	15%
Preto	65	77	18%
Indígena	3	4	33%
Amarelo	2	3	50%
Total Geral	1305	1395	7%

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados do TSE. Pesquisa Juventude no Olho do Furacão – UFRRJ, elaborada por Luiza Dulci.

O Gráfico 1 nos permite visualizar a diferença entre jovens e não jovens no quesito sexo.

**Gráfico 1** – Candidatos aptos jovens e não jovens por sexo 2014-2018.



**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados do TSE. Pesquisa Juventude no Olho do Furacão – UFRRJ, elaborado por Luiza Dulci.

No caso da variável cor/raça, também se nota disparidade significativa, com destaque para as mulheres jovens, cuja maioria é não branca. Há mais igualdade entre as jovens brancas e não brancas do que entre aquelas com 30 anos ou mais. A proporção de mulheres pretas, pardas, indígenas e amarelas jovens em 2014 e 2018 foi, respectivamente, 50% e 53,9% considerando o total das candidaturas jovens. Já entre candidatas com mais de 30 anos foi de 46% e 48%, respectivamente. Entre os homens, os jovens pretos, pardos, indígenas e amarelos eram 43,8% e 45,6% em 2014 e 2018, já entre os com mais de 30 anos foi de 43,5% e 46,4%.

As candidaturas de transexuais podem ser contabilizadas pela utilização do nome social. Em 2014, nenhuma candidatura, considerando todas as idades, fez uso de nome social. Já em 2018, foram 4 candidatas mulheres transexuais jovens, duas federais e duas estaduais, e 23 candidatas mulheres acima de 29 anos, 7 para a Câmara Federal e 17 para as assembleias estaduais. Em 2022 tivemos as primeiras pessoas trans eleitas para a Câmara Federal: Erika Hilton (PSOL-SP) e Duda Salabert (PDT-MG), ambas vereadoras em São Paulo e Belo Horizonte, respectivamente.

O pleito de 2018 elegeu 19 parlamentares jovens para a Câmara Federal, os quais corresponderam a 3,7% das 513 cadeiras disponíveis. Foram quatro mulheres e quinze homens, eleitos por 11 estados da federação: Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo elegeu cinco jovens; Paraná, 4; e Maranhão, 2; e os demais, somente um deputado.

**Tabela 3** – Jovens eleitos para a Câmara Federal em 2018

Nome/Estado	Nascimento	Partido	Sexo	Cor/Raça	Escolaridade	Ocupação
Uldurico Júnior/BA	30/01/1992	PPL*	M	Parda	Superior Comp.	Deputado
Felipe Rigoni/ES	13/06/1991	PSB	M	Branca	Superior Comp.	Outros
André Fufuca/MA	27/08/1989	PP	M	Parda	Superior Comp.	Deputado
Júnior Marreca Filho/MA	25/04/1992	PATRI	M	Branca	Superior Incomp.	Outros
Emanuelzinho/MT	05/01/1995	PTB	M	Branca	Superior Incomp.	Empresário
Pinheirinho/MG	30/05/1991	PP	M	Branca	Superior Incomp.	Empresário
Hugo/PB	11/09/1989	PRB	M	Branca	Superior Comp.	Médico
Aliel Machado/PR	26/02/1989	PSB	M	Branca	Superior Incomp.	Deputado
Filipe Barros/PR	29/05/1991	PSL	M	Branca	Superior Comp.	Vereador
Felipe Francischini/PR	02/10/1991	PSL	M	Branca	Superior Comp.	Deputado
Luisa Canziani/PR	11/04/1996	PTB	F	Branca	Superior Incomp.	Estudante**
João Campos/PE	26/11/1993	PSB	M	Branca	Superior Comp.	Engenheiro
Marcos A. Sampaio/PI	19/09/1991	MDB	M	Branca	Superior Comp.	Advogado
Chris Tonietto/RJ	14/05/1991	PSL	F	Parda	Superior Comp.	Advogado
Alexandre Leite/SP	18/04/1989	DEM	M	Branca	Superior Comp.	Deputado
Tabata Amaral/SP	14/11/1993	PDT	F	Branca	Superior Comp.	Cientista Político
Sâmia Bomfim/SP	22/08/1989	PSOL	F	Branca	Superior Comp.	Outros
Enrico Misasi/SP	06/08/1994	PV	M	Branca	Superior Comp.	Advogado
Kim Kataguirí/SP	28/01/1996	DEM	M	Amarela	Superior Incomp.	Escritor e crítico

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados do TSE. Pesquisa Juventude no Olho do Furacão – UFRRJ, elaborada por Luiza Dulci.

\* Em 2019, após a fusão dos partidos PPL e PCdoB, Uldurico filiou-se ao PROS.

\*\* A denominação completa da categoria é “estudante, bolsista, estagiário e assemelhado”.

Com relação ao marcador de cor/raça, vemos que a maioria dos eleitos (15) se autodeclarou cor “branca”; 3 se autodeclararam cor “parda” e um, “amarela”. As informações relativas ao grau de escolaridade indicam que todos concluíram o ensino médio e ingressaram no ensino superior, sendo que a maioria (13) possuíam diploma de ensino superior completo. As informações sobre a ocupação refletem os dados de escolaridade. A deputada eleita mais jovem, Luisa Canziani, foi a única a se declarar “estudante”. Interessante notar que cinco parlamentares declararam ter ocupação de “deputado” e um de “vereador”. Dos 19, há cinco parlamentares reeleitos. Com relação à distribuição por partido, vemos que há grande dispersão. Os dois partidos com mais jovens são PSL e PSB, cada um com 3 jovens eleitos; PTB, DEM e PP elegeram 2 jovens; e os demais, 1 jovem.

*Representação política das juventudes no Brasil:  
jovens candidatos/las e eleitos/las para a Câmara dos Deputados 2014 – 2022*

O desempenho eleitoral de cada um dos 19 jovens eleitos para a Câmara Federal em 2018 pode ser visualizado na tabela 4, a seguir.

**Tabela 4** – Votação dos jovens eleitos para a Câmara Federal em 2018, até 29 anos.

Nome/Estado	Votação (n)	Posição no estado
Uldurico Júnior/BA	66343	34
Felipe Rigoni/ES	84405	2
André Fufuca/MA	105583	9
Júnior Marreca Filho/MA	79674	13
Emanuelzinho/MT	76781	3
Pinheirinho/MG	98404	25
Hugo/PB	92468	5
Aliel Machado/PR	95386	14
Filipe Barros/PR	75344	24
Felipe Francischini/PR	241537	2
Luisa Canziani/PR	90249	18
João Campos/PE	460387	1
Marcos Aurélio Sampaio/PI	73302	8
Chris Tonietto/RJ	38525	37
Alexandre Leite/SP	116416	34
Tabata Amaral/SP	264450	6
Sâmia Bomfim/SP	249887	8
Enrico Misasi/SP	108038	36
Kim Kataguirí/SP	465855	4

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos dados do TSE. Pesquisa Juventude no Olho do Furacão – UFRRJ, elaborada por Luiza Dulci.

O campeão de votos, proporcionalmente, foi o deputado João Campos, eleito pelo PSB de Pernambuco, com 460.387 votos, correspondentes a 10,63% do eleitorado de seu estado. Já Kim Kataguirí, eleito pelo DEM, foi o campeão de votos em números absolutos (465.855), que corresponderam a 2,21% do eleitorado de São Paulo. Os dados sobre a colocação dos parlamentares em cada estado nos permitem verificar que muitos dos jovens eleitos tiveram votações expressivas, se colocando entre os mais votados em seus estados. João Campos foi o único jovem mais votado em seu estado, e em 2020 foi eleito prefeito de Recife. Já entre os cinco mais votados há Felipe Rigoni, 2º Espírito Santo; Felipe Francischini, também 2º, no Paraná; Emanuelzinho, 3º, no Mato Grosso; Kim Kataguirí, 4º em São Paulo;

e Hugo, 5º na Paraíba. Além deles, André Fufuca, Tábata Amaral, Marco Aurélio Sampaio e Sâmia Bomfim estiveram entre os dez mais votados em seus estados. O fenômeno “super votação” se repetiu em 2022 com Nikolas Ferreira 26 anos (PL) seguidor de Bolsonaro. Deputado mais votado do país com mais de 1 milhão e 400 votos Nikolas tem entre suas agendas: homofobia, misógina, pró-armas, tranfobia e ocupa a presidência da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados.

As origens e trajetórias políticas dos parlamentares eleitos são bastante diversas. Confirmando uma tradição da política brasileira, muitos são filhos, netos ou sobrinhos de políticos com atuação local ou nacional. Esse é o caso de 11 dos 19 eleitos. Dentre esses, alguns se candidataram pela primeira vez no pleito de 2018 (caso de Júnior Marreca Filho, Emanuelzinho, Luisa Canziani, João Campos e Marcos Aurélio Sampaio). Outros foram reeleitos para a Câmara Federal (Uldurico Júnior, André Fufuca, Hugo e Alexandre Leite), e ainda um deles exercia mandato de deputado estadual (Felipe Francischini). Em 2012, Pinheirinho foi eleito prefeito de Ibité-MG, município localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte-MG. Dos parlamentares que têm origem em famílias ligadas à política, e já ocupavam cargos antes de 2018, há Aliel Machado (eleito vereador por Ponta Grossa-PR em 2012 e deputado federal em 2014), Felipe Barros (eleito vereador por Londrina-PR em 2016) e Sâmia Bomfim (eleita vereadora por São Paulo-SP em 2016).

Uma arena política que historicamente fomentou a formação de jovens lideranças é o movimento estudantil (Gonçalves, 2001). Considerando os jovens eleitos em 2018, tem-se que quatro atuaram nos espaços do movimento estudantil organizado. Felipe Rigoni tem trajetória no movimento de empresas juniores, tendo sido presidente da empresa júnior do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e do Conselho da Confederação Brasileira de Empresas Juniores. Aliel Machado iniciou sua militância ainda como secundarista, tendo sido presidente do grêmio estudantil e da União Municipal dos Estudantes de Ponta Grossa. À época, Aliel era militante da União da Juventude Socialista (UJS), movimento ligado ao PCdoB. Pelo mesmo partido foi candidato a vereador em 2008 e conquistou uma vaga no pleito seguinte, em 2012, quando foi também presidente da Câmara de Vereadores de Ponta Grossa. Em 2016 foi candidato a prefeito e em 2014 elegeram-se deputado federal, também pelo PCdoB. Em 2015, filiou-se à Rede Sustentabilidade e em 2018 acompanhou o movimento de parcela do partido que migrou para o PSB. Sâmia Bomfim é a terceira oriunda do movimento estudantil organizado, tendo atuado no Centro Acadêmico da Faculdade de Letras e do Diretório Central dos Estudantes da Universidade de São Paulo (USP). Felipe Barros graduou-se em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde foi Presidente do DCE.

Ainda na área da educação, destaca-se a deputada Tábata Amaral. Quando criança, Tábata venceu diversas competições e olimpíadas na área de matemática e



física, as quais lhe renderam bolsas de estudos em colégios renomados em São Paulo e a oferta para cursar graduação em várias universidades norte-americanas. Graduou-se em Ciência Política e Astrofísica em Harvard e é cofundadora dos movimentos Mapa Educação e Acredito, ligados à educação e ao lema da “renovação da política”, respectivamente. Outro deputado ligado ao movimento Acredito é Felipe Rigoni.<sup>14</sup>

Alguns parlamentares se projetaram politicamente a partir de plataformas conservadoras, ligadas à movimentos de direita ou à religião. Kim Kataguirí e Felipe Barros advém do Movimento Brasil Livre (MBL), sendo Kim sua principal figura pública atualmente. Tornou-se conhecido ao fazer um vídeo contra a então Presidenta Dilma Rousseff e as políticas públicas dos governos do PT. À época era estudante de Economia na Universidade Federal do ABC, tendo abandonado o curso ainda no segundo ano, se identificando com as ideias de economistas liberais como Ludwig Von Mises. Logo se aproximou de políticos tradicionais, como Eduardo Cunha, e se somou à organização da Marcha para Brasília, contra o governo Dilma, no início de 2015. No entanto, no início do seu mandato se afasta de temas considerados de cunho moral e reforça a agenda econômica liberal<sup>15</sup>. Reeleito em 2022 (União Brasil) apresenta sua candidatura para a Prefeitura de São Paulo em 2024.

Felipe Barros combinou sua atuação no movimento estudantil com inserções em coletivos de direita. Foi integrante do Movimento Direta Paraná e ativista pró-vida (movimento contra o aborto) e pró-família. Integrou o MBL até 2018 quando filiou-se ao PSL. Chris Tonietto, também eleita deputada pelo PSL, projetou-se politicamente em função de uma ação contra o vídeo “Céu Católico”, produzido pelo canal do youtube Porta do Fundos. Chris é católica, integrante do Coletivo Cultural Católico Dom Bosco, e se posicionou contra o vídeo que teria conteúdo crítico contra a fé católica. Outro deputado ligado à igreja é Felipe Francischini, também eleito pelo PSL, evangélico, membro da Assembleia de Deus. Enrico Misasi não se identifica diretamente com a igreja, mas trabalhou como assessor parlamentar do deputado estadual Reinaldo Alguz, de São Paulo, que tem como uma de suas importantes bases de atuação o movimento de renovação carismática da igreja católica.

Observamos, portanto, que temos uma diversidade importante nas candidaturas, no entanto, um perfil marcadamente masculino, heteronormativo, branco e de reprodução majoritariamente de continuidades de capital político familiar e/ou de trajetória de inserções institucionais lidas como “tradicionais” de eleitos. Veremos que nas agendas políticas há variações importantes que reforçam múltiplos pertencimentos.

---

<sup>14</sup> Acredito e Renova BR movimentos com apoio empresarial, como do grupo Lemann, para a formação política de jovens.

<sup>15</sup> Conforme anunciado pelo deputado, “o principal objetivo desses quatro anos é aprovar uma reforma previdenciária. Vai ser o foco do meu mandato porque é o principal problema do país”. (Miltão; Ramalho, 2019, n. p.).

## 2. Juventude como identidade e como agenda política

Desde a retomada democrática do final da década de 1980 o Brasil experimenta um processo contínuo, porém não linear, de institucionalização de direitos e de políticas públicas criadas ou derivadas da Constituição Federal de 1988. A constituição dos sistemas únicos de políticas – de saúde, de assistência social, de segurança alimentar e nutricional – é expressão desse movimento de reconhecimento conceitual, prático e político de diversos segmentos sociais historicamente marginalizados. Aí também se encontram as juventudes, que foram formalmente incorporadas à agenda pública nacional em 2005 e com o Estatuto da Juventude, de 2013, passaram a fortalecer a pauta do Sistema Nacional de Juventude, o Sinajuve. (Castro; Macedo, 2019). Este é o percurso recente da vivência de uma gama de processos e formas de participação política e representação institucionalizada crescente na esfera pública. (Ribeiro; Romão; Seidel, 2021)

Como se sabe, a eleição de 2018 representou uma reviravolta política no Brasil. Diversas conquistas, direitos e políticas públicas foram atacados, extintos e reconfigurados para atender às prioridades conservadoras que se impuseram ao país. Tais mudanças renderam profundo impacto para a agenda política e cultural das juventudes brasileiras. No plano institucional, o desmantelamento das PPJs a nível nacional acarretou correspondente enfraquecimento das políticas de juventude nos estados e nos municípios. Com isso, a defesa das PPJs, que lentamente se consolidava na agenda pública das últimas décadas, perdeu espaço nos discursos e nas pautas das juventudes brasileiras.

A análise do lugar das juventudes nas leis do Plano Plurianual (PPA) evidenciam a ascensão no início dos anos 2000 e 2010 e o retrocesso recente. Os documentos dos governos Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), Lula (2003-2010), Dilma (2011-2016), Temer (2016-2018) e Bolsonaro (2019-2022), são o retrato da intensa disputa em curso, internamente em cada governo e com a sociedade. Observamos uma trajetória muito sensível as mudanças de governo. De *jovem em situação de risco*, sem uma identificação clara; passando pela inclusão da população jovem nas políticas públicas, com programa e orçamento definido, no segundo governo Lula; para uma ampliação de caracterização e objetivos nos governos Dilma, ao desaparecimento no Plano Plurianual (PPA) do Governo Bolsonaro. (Castro; Oliveira; Rico, 2024).

Portanto, pensar a participação juvenil no parlamento é também observar a identificação de jovens candidatos e eleitos como jovens, e com agendas políticas, dos direitos e das políticas públicas que possam ser classificadas como de juventude ou que os próprios assim os nomeiem. Os/as jovens parlamentares pesquisados em 2018 demonstraram diferentes formas de se relacionar com a agenda de juventude propriamente dita, e ainda ao chegarem no Congresso, parte daqueles que tinham

relação com as bandeiras juvenis, foram se afastando da pauta. Entender como e por que isso se deu também é um dos objetivos da presente investigação.

Há elementos que sugerem que essa postura pode ser uma forma de se afastar da condição juvenil, que associa juventude com *transição* (Castro, 2013), carregada de percepções como *politicamente em formação, inexperiência, cidadãos do futuro*. Aspectos que tendem a diminuir a legitimidade para expor e defender ideias e visões de mundo no parlamento (Castro, *et al.*, 2009). O peso destes fatores pode justificar a baixa representação de jovens até 29 anos no Congresso, que se mantém em pouco mais de 4%.

Uma leitura recorrente é de que a atuação juvenil carrega renovação e oposição a formas “tradicionais” de atuação política e que, por isso, as/os jovens seriam avessos a participação em partidos e à representação parlamentar. Contudo, nosso levantamento, com parlamentares eleitos em 2018, apontou “super votações” no espectro da direita e da extrema-direita e intensa participação parlamentar de jovens como Kim Kataguiri (DEM/SP) e Chris Tonieto (PL/RJ) em 2018. Em 2022 vimos movimentações semelhantes no campo da direita e novamente foram registradas votações expressivas e intensa atuação na cena política de candidatos e de parlamentares eleitos como Nikolas Ferreira (PL/MG), o deputado federal mais votado do Brasil, e Kim Kataguiri (União Brasil. SP), dentre outros.

Acompanhar os parlamentares eleitos em 2018, sua trajetória e a reeleição de alguns deles em 2022, permitiu observar uma intensa movimentação partidária e, também, suas inserções em movimentos e coletivos, que acompanharam a disputa nacional. Por exemplo, Kim Kataguiri eleito pelo DEM, em 2018 migrou para o União Brasil; Fellipe Barros com uma trajetória partidária mais longa (inicia sua filiação no PSDB), se elegeu pelo PSL em 2018, passa pelo União Brasil e se reelege em 2022 pelo PL; Chris Tonietto também passa pelo PSL, União Brasil e se elege em 2022 pelo PL. Dos candidatos de 2022 e que é suplente na Câmara temos um nome que se destaca, Fernando Holiday eleito vereador de São Paulo em 2018 pelo DEM, passa pelo Patriotas, Novo e suplência pelos Republicanos em 2022. A movimentação partidária desses parlamentares se afasta ou se mantém fiel a Bolsonaro e/ou às agendas da extra direita. Contudo, observamos que se unificam nas agendas econômicas. Já as deputadas Tabata Amaral (PDT) e Samia Bonfim (PSOL) se mantiveram nas suas filiações partidárias entre 2018 e suas reeleições em 2022.

Em 2018 observamos uma forte presença de coletivos que se autodenominam Bolsonaristas, assim como de coletivos que se apresentam no cenário defendendo posições autodenominadas *liberais, conservadoras*. O período que seguiu as eleições de 2018 foi marcado por um tensionamento nesse campo que gerou o afastamento do MBL, por exemplo, da associação ao Bolsonaro, abandono mais direto das pautas de valores e concentração nas pautas de oposição ao petismo, defesa de pautas liberais

e de redução do estado. A ruptura se apresenta de forma mais evidente em 2019 quando das acusações e demandas por investigação de Flávio Bolsonaro:

O deputado disse que é um aliado “crítico” do presidente. Ele entende que setores da militância bolsonarista defendem o filho do presidente, o senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), envolvido em uma investigação cível do Ministério Público, sob qualquer aspecto. Kim publicou em suas redes sociais uma foto de uma máquina de refrigerante em que apoiava investigar tanto políticos de esquerda quanto de direita. “Hoje eu apanho muito da militância do Bolsonaro”, lembra. Para ele, parte da militância enxerga o atual presidente da República como um “coronel”. Esses setores exigiam menos indícios para se queixar da corrupção do PT em relação ao que estão exigindo agora sobre o caso Flávio. (Miltão; Ramalho, 2019, n.p.).

Esse posicionamento gerou reações internas ao movimento. Um caso interessante foi a ruptura de Fernando Holiday, uma de suas mais expressivas lideranças do MBL, justificando que a prioridade do movimento estava marcada cada vez mais por temas econômicos e menos pelas questões que ele quer se dedicar, que podemos classificar como de “valores”<sup>16</sup>.

Do ponto de vista qualitativo, o material coletado em redes sociais, de forma amostral durante o período eleitoral de 2018, aponta uma linguagem que aciona a juventude como importante segmento eleitoral pelos candidatos que depois se elegeram deputados/as federais, embora mobilize pouco ou nada as agendas associadas à direitos e às PPJs. Outro elemento a ser destacado são as agendas da disputa política desses parlamentares, em nível nacional e regional, e sua relação com os conflitos culturais, sociais e econômicos em jogo nos projetos de país em disputa. De maneira geral, observamos o alinhamento da maioria das/os jovens eleitas/os em 2018 com o governo Bolsonaro, ainda que com diferenças, e mesmo publicamente se apresentando como oposição, como foi o caso Kim Kataguirí, especialmente no que se refere às pautas econômicas. Há, portanto, perfis que se aproximam e que se distanciam quanto às trajetórias, mas que navegam e se encontram em “novas” e “antigas” formas de fazer política.

Observando os parlamentares eleitos, sem a pretensão de uma análise detalhada da atuação parlamentar, as pautas tratadas como proposições legislativas nos primeiros meses de 2019 foram diversas<sup>17</sup>. Observamos que algumas reforçaram

---

<sup>16</sup> Entrevista ao José Fucs do Estadão. (Fucs, 2021)

<sup>17</sup> A base dessa primeira análise são as proposições legislativas dos primeiros meses ordenadas pelo Radar do Congresso e sua classificação “mais ou menos Governista” a partir da votação no congresso (Uol, 2019). Disponível em: <https://radar.congressoemfoco.com.br/parlamentar/1204534/proposicoes>. Acesso em: 20 set. 2024.

os enunciados de campanha, como Tabata Amaral que se manteve com a pauta da educação, Felipe Rigoni com a pauta dos deficientes físicos, Felipe Barros com a pauta anti-corrupção e anti-petismo, Kim Kataguirí anti-corrupção e reforma da previdência, Samia Bomfim contra o porte de armas de fogo, defesa dos direitos das mulheres.

Muitos desses parlamentares se colocaram de forma distanciada do governo Bolsonaro, no entanto observamos que a maioria seguiu votando com o governo Bolsonaro, acima de 80% de votação com a base do governo, de acordo com o Radar Congresso em Foco (UOL). Dos que não votaram Samia Bomfim (PSOL) foi a mais distante (16%), seguida por Aliel (PSB- 35%) e Tabata Amaral (PDT – 55%). Os demais, que como Kim Kataguirí (DEM), apesar de não se alinharem em questões públicas com o governo, na câmara seguiram a votação com muito alinhamento (87%). Temos ainda, aqueles que se alinharam em quase 100% como Chris Tonieto (PSL), Felipe Barros (PSL), Felipe Francischini (PSL) e Pinheirinho (PP). Esses, como vimos nos casos dos dois primeiros, seguiram a movimentação de troca de partidos dos alinhados com Bolsonaro. E dois que se apresentam com 70% de alinhamento Felipe Rigoni (PSB) e Enrico Misasi (PV).

Esse primeiro levantamento pode dizer mais da capacidade do governo Bolsonaro de atender a pauta neoliberal e de valores simultaneamente na sua gestão, do que especificamente sobre a atuação de parlamentares jovens. Mas, aponta também, para a problematização das ideias de “novo” e “velho” na política, em especial no processo de institucionalização, na leitura de Bourdieu (1989), no esforço de fortalecimento de capital político que significa equacionar construções que levaram esses candidatos a se tornarem eleitos, aos processos de reprodução da permanência na institucionalidade. Felipe Barros, por exemplo, que manteve proposições no perfil anticomunista, antipetista, e sendo um dos mais alinhados com o Governo Bolsonaro foi o que mais destinou ações (incluindo recursos) em suas primeiras proposições legislativas, para sua região de origem, fortalecendo sua base política (Bezerra, 1999), incluindo recursos para a universidades e escolas.

A leitura das proposições de alguns parlamentares eleitos na legislatura 2019-2022 aponta ainda para a persistência, por parte de um número significativo dos jovens deputados, de temas e narrativas muito acionados em períodos eleitorais, como o antipetismo ou o bolsonarismo. Essa persistência nos levando a um sentimento de *tempo da política alargado*, como um loop temporal, como se tivéssemos em um eterno segundo turno. Esse cenário seguiu na eleição de 2022 intensificado pelo enfrentamento Lula e Bolsonaro.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> A pesquisa segue em curso e acompanhou a eleição de 2022 e o primeiro ano de atuação parlamentar. Os dados estão sendo tratados e irão compor futuros trabalhos.

## Considerações Finais

As transformações políticas, culturais, sociais, tecnológicas e econômicas vivenciadas no Brasil e no mundo nos últimos anos provocaram mudanças na política, em termos de atores preponderantes, agendas e pautas e formas de mobilizar e de disputar a representação formal. As juventudes se apresentam como segmento privilegiado para a análise de tais processos por serem especialmente afetadas por mudanças econômicas e no plano dos direitos sociais. Assim, em tempos de rápida mudança no cenário político, o olhar para as juventudes e sua atuação política nos ajuda a observar e compreender processos mais gerais vivenciados pela sociedade.

Os dados coletados e analisados no presente estudo buscam, justamente, contribuir para um mapa da atuação política das juventudes brasileiras nos últimos anos. Ele aponta o aprofundamento dos conflitos sociais e da sua relação com temas frequentemente apontados como culturais, de costumes ou morais, aspecto que reforça análises do campo da interseccionalidade. Há parlamentares jovens oriundos das classes populares que se alinham às pautas econômicas conservadoras; assim como há um certo rechaço de parcela expressiva do eleitorado às candidaturas juvenis, haja visto menos de 4% de deputados eleitos até 29 anos, ao passo que a “velha política” é objeto de crítica.

Compreender os sentidos e as práticas políticas adotadas pelas juventudes é o que move esta contribuição, que extrapola o espaço legislativo, embora compreenda sua relevância para a agenda pública. Nesse sentido, vale destacar que a análise das representações legislativas eleitas é, de fato, insuficiente para a compreensão dos fenômenos em curso e em constante transformação no Brasil de hoje. Isto é, há centenas de jovens disputando a institucionalidade e há milhares de eleitoras/es que apostam nessas plataformas e nesses sujeitos, mas que devido aos métodos de investigação hoje disponíveis, somem ao olhar da pesquisa.

Contudo, a presente análise contribui para compreender as possibilidades de representação política, tendo na atuação legislativa, pouco tratado em pesquisas sobre participação política, um *locus* a mais para a compreensão da formação de identidades, ações, agendas, processos organizativos e de ocupação de espaços políticos juvenis. Com o mergulho nos dados quantitativos do perfil e do desempenho eleitoral e, ainda o acompanhamento das agendas e atuação, desde o período da disputa eleitoral, permitiu problematizar percepções ainda recorrentes, que atribuem a baixa presença de jovens no legislativo federal à desinteresse nos espaços institucionais de representação política.

As recorrentes “super votações”, que poderiam ser atribuídas exclusivamente à atuação nas redes sociais, aparecem conjugadas à disputa em partidos políticos de diferentes matizes ideológicas. Observamos que as políticas públicas de juventude tiveram menos presença nas agendas de candidatos e eleitos/as nos últimos pleitos.

Podemos afirmar que a atuação política juvenil se expressa das mais diversas formas, sem dúvida a atuação parlamentar é uma delas. Com a apresentação de um número expressivo de candidatos e candidatas jovens aos pleitos para esta casa, resta o questionamento sobre a baixa representação juvenil na Câmara dos Deputados, não como expressão de desinteresse das juventudes e sim como de baixo reconhecimento das juventudes como elegíveis. Contudo, seguem atuando no centro das temáticas e disputas das questões nacionais e das suas vivências locais.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria (orgs.). **Junho de 2013 – a rebelião fantasma**. São Paulo: Boitempo, 2023.

ARAÚJO, Rogério de Oliveira; PEREZ, Olívia Cristina. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Revista Estudos de Sociologia**. Araraquara, v.26 n.50 p.327-349 jan.-jun, 2021.

BARBOSA J. R., Movimento Brasil Livre (MBL)” e “Estudantes Pela Liberdade (EPL)”: Ativismo Político, Think Tanks e Protestos da Direita no Brasil Contemporâneo. 41º Encontro Anual da ANPOCS, CAXAMBU, MG, 2017

BENDELLI, Talita; MARTÍN, María. Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências. **El País**, São Paulo, 15 mar. 2015. Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527\\_427203.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html). Acesso em: 29 jun. 2024.

BENEVIDES, S. C. O.; MARTINS, T. J.; SILVA, M. F. da; PASSOS, A. Q. Impeachment sem crime é golpe: considerações sobre o processo de deposição de Dilma Rousseff in GONZÁLEZ, M. V. E.; CRUZ, D. U. da (orgs.) **Democracia na América Latina [recurso eletrônico]: democratização, tensões e aprendizados Buenos Aires**. CLACSO; Feira de Santana: Editora Zarte, 2018.

BEZERRA, Marcos Otávio. **Em nome das “bases”** – política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006, p.329-376.

BRASIL. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 20 set. 2024a.

BRASIL. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <https://dadosabertos.tse.jus.br/>. Acesso em: 20 set. 2024b.

CASTRO, Elisa Guaraná. Seguimos no Furacão! Junho de 2013, por um balanço com as juventudes. **Revista Esquerda Petista**, setembro, n. 15, 2023.

CASTRO, Elisa Guaraná. Rural Youth A Political Actor of Social Movements in Brazil and Its Impact on Youth Policies. In: BENEDICTO, Jorge; URTEAGA, Maritza; ROCCA, Dolores (orgs.). **Young People in Complex and Unequal Societies: Doing Youth Studies in Spain and Latin America**. 1 ed. Leiden; Boston: Brill, 2022, v.18, p. 328-354.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná; MACEDO, Severine Carmem. Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças. **Revista Direito e Práxis**, v.10/2, p.1214-1238, 2019.

CASTRO, Elisa Guaraná; MARTINS, Maíra; ALMEIDA, Salomé Lima Ferreira de; RODRIGUES, Maria Emilia Barrios; CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os Jovens estão indo embora?** - juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: EDUR/Mauad, 2009. Disponível em: <https://repositorio.iica.int/handle/11324/20159>. Acesso em: 20 set. 2024.

CASTRO, Elisa Guaraná; OLIVEIRA, Raphaella. M. de; RICO, Thiago. C. As Políticas Públicas para Juventude no Brasil - revendo a trajetória recente. In: LARA, René Unda; VÁZQUEZ, Melina; BERETTA, Diego; PEREZ, Olivia (orgs.). **Jóvenes, Estado y acción colectiva**: lecturas generacionales de la política en el contexto pandémico. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Cuenca: Abya-Yala, Universidad Politécnica Salesiana, 2024.

DULCI, Luiza; MACEDO, Severine Carmem. Quando a juventude torna-se agenda governamental: reconhecimento político e direito a ter direitos nos governos Lula e Dilma. In: MARTIN, Laura; VITAGLIANO, Luis (Orgs.). **Juventude no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

FRAGMENTO SUB-VERSO. Por que criar e apoiar Antifas locais e redes antifascistas no Brasil? Publicado em 30 novembro, 2014. Disponível em: <https://fragmentosubverso.wordpress.com/2014/11/30/por-que-criar-e-apoiar-antifas-locais-e-redes-antifascistas-no-brasil/>. Acesso em: 20 set. 2024.

FRASER, Nancy. Reconhecimento Sem Ética? **Lua Nova**, São Paulo, 70: 101-138, 2007.

FRASER, Nancy. Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da Justiça na era Pós-Socialista. In: SOUZA, Jessé. **Democracia Hoje**: novos desafios para a política democrática contemporânea. Brasília, UNB, 2001.

FUCS, André. Entrevista Fernando Holiday. **Estadão**, São Paulo, Política 29 jan./2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/01/29/o->



combate-ao-aborto-e-a-causa-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 29 jun. 2024.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de Protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba: Champagnat e PUCPR, v.16, n.47, p. 125-146, jan/abr. 2016.

GOMES, Karine do Prado Ferreira. **Comunicação e resistência na cibercultura: Movimentos Net-ativistas e as controvérsias do Movimento Brasil Livre**. Dissertação de mestrado. – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, 2017.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Jovens na política: animação e agenciamento do voto em campanhas eleitorais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2001.

HARVEY, David; DAVIS, Mike; ZIZEK, Slavoj; ALI, Tariq; SAFATLE, Vladmir. **Occupy**. São Paulo: Boitempo; Carta Capital, 2012.

JENNINGS, A.; ROLNIK, R.; LASSANCE, A. (et al) **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2014.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017. doi: 10.1590/s0102-69922017.3203004

MILTÃO, Eduardo; RAMALHOSO, Wellington. Alinhado com Guedes, Kim Kataguirí quer relatar a Reforma da Previdência. **UOL**, Brasília e São Paulo. 03 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2019/02/03/alinhado-com-guedes-kim-kataguiri-quer-relatar-a-reforma-da-previdencia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 set. 2024.

NOVAES, Regina. Juventude/juventudes? **Comunicações ISER**, Rio de Janeiro, v. 17, n.v50, 1998.

PALMEIRA, Moacir. Política, facções e voto. *In*: PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio. (org.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

PEREZ, Olívia Cristina. Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. **Izquierdas**, v. 1, p. 1-16, 2021.

PEREZ, Olívia Cristina; VOMMARO, Pablo. Apresentação. *In*: PEREZ, Olívia Cristina; VOMMARO, Pablo. (Org.) **Juventudes latino-americanas: Desafios e potencialidades no contexto da pandemia**. **Civitas**: revista de Ciências Sociais, 23(1), 2023.

PIGNATARO, Ádrian; TREMÍNIO, Ilka; CHAVARRÍA-MORA, Elias. Democracia, apoyo ciudadano y nuevas generaciones frente al retroceso democrático en Centroamérica. **Anuario**

**de Estudos Centroamericanos**, Universidad de Costa Rica, Facultad de Ciencias Sociales Vol. 47, p.1-30, 2021. DOI: 10.15517/aeca.v47i0.49734. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/anuario/article/view/49734>. Acesso em: 20 sep. 2024.

RAMOS, Jair. de S. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência: revista de antropologia**. Natal: UFRN/DAN/PPGAS v. I., N 45, jan/jun. de 2015.

RIBEIRO, Ednaldo A.; ROMÃO, Wagner; SEIDL, Ernesto. Apresentação dossiê participação política no Brasil: mudanças e permanências nos padrões de ativismo político. **Revista Estudos de Sociologia**. Araraquara v.26 n.50 p. 21-27, jan.-jun, 2021.

SEMÁN, Pablo. Introducción. La piedra en el espejo de la ilusión progresista. *In*: SEMÁN, Pablo (org.). **Está entre nosotros**: de dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2023.

STOLCKE, Verena. O Enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos Impérios Transatlânticos do século XVI a XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1):336, janeiro-abril, 2006, p. 15-41.

UOL. Radar do Congresso. Proposições. 2019. Disponível em: <https://radar.congressoemfoco.com.br/parlamentar/1204534/proposicoes>. Acesso em: 20 set. 2024.

**Submetido em:** 02/07/2024

**Aprovado em:** 02/09/2024

JUVENTUDE E ADESÃO À DEMOCRACIA  
NO SUL DE MINAS GERAIS

*JUVENTUD Y ADHESIÓN A LA DEMOCRACIA  
EN EL SUR DE MINAS GERAIS*

*YOUTH AND ADHERENCE TO DEMOCRACY  
IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS*

*Marcelo Rodrigues CONCEIÇÃO\**

*Luís Antonio GROppo\*\**

*Odair SASS\*\*\**

**RESUMO:** A pesquisa ‘A identidade sul-mineira’ produziu dados relevantes sobre a adesão à democracia no Sul de Minas Gerais, de acordo com as diferentes faixas etárias. Esses dados permitem interrogar até que ponto as pessoas mais jovens têm demonstrado maior adesão à democracia nesta região em comparação com faixas etárias mais velhas e como os jovens se relacionam com as principais instituições da democracia representativa, em destaque eleições e partidos. O artigo realiza esta discussão e análise após apresentar um levantamento bibliográfico sobre juventude e adesão à democracia. Entre os resultados, destaca-se que há uma indicação de que a adesão dos jovens sul-mineiros é superior às dos demais grupos etários, mas sem comprovação estatística para tal. A desconfiança nas instituições mais tradicionais da democracia é grande, e a falta de compreensão sobre a diferença entre política e governo parece deixar de fora maiores possibilidades de aproximação com os governantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Democracia. Sul de Minas Gerais.

---

\* Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), MG, Brasil. Doutor e mestre em Educação (PUC-SP), graduado em Ciências Sociais (Unimarc). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0277-749X>. Contato: [marcelo.conceicao@unifal-mg.edu.br](mailto:marcelo.conceicao@unifal-mg.edu.br).

\*\* Professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), MG, Brasil. Doutor em Ciências Sociais e mestre em Sociologia (Unicamp), graduado em Ciências Sociais (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0143-5167>. Contato: [luis.groppo@unifal-mg.edu.br](mailto:luis.groppo@unifal-mg.edu.br).

\*\*\* Professor do Programa de Pós-graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), SP, Brasil. Psicólogo, doutor e mestre em Psicologia Social (PUC-SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1803-0297>. Contato: [odairsass@pucsp.br](mailto:odairsass@pucsp.br).

**RESUMEN:** *La investigación ‘Identidad del Sur de Minas Gerais’ produjo datos relevantes sobre la adhesión a la democracia en el Sur de Minas Gerais según diferentes grupos de edad. Estos datos nos permiten cuestionar hasta qué punto los jóvenes han demostrado un mayor apoyo en esta región en comparación con los grupos de mayor edad y cómo se relacionan los jóvenes con las principales instituciones de la democracia representativa, en particular las elecciones y los partidos. El artículo realiza esta discusión y análisis después de presentar un estudio bibliográfico sobre juventud y adhesión a la democracia. Entre los resultados, vale destacar que hay indicios de que la adherencia de los jóvenes del sur de Minas Gerais es mayor que la de otros grupos etarios, pero sin evidencia estadística para ello. La desconfianza en las instituciones más tradicionales de la democracia es grande, y la falta de comprensión sobre la diferencia entre política y gobierno parece dejar fuera mayores posibilidades de acercamiento con quienes están en el poder.*

**PALABRAS CLAVE:** *Juventud. Democracia. Sur de Minas Gerais.*

**ABSTRACT:** *The research ‘Southern Minas Gerais identity’ produced relevant data on adherence to democracy in the South of Minas Gerais according to different age groups. These data allow us to question the extent to which younger people have demonstrated greater support in this region compared to older age groups and how young people relate to the main institutions of representative democracy, particularly elections and parties. The article carries out this discussion and analysis after presenting a bibliographical survey on youth and adherence to democracy. Among the results, it is worth highlighting that there is an indication that the adherence of young people from the South of Minas Gerais is higher than that of other age groups, but without statistical evidence for this. Distrust in the most traditional institutions of democracy is great, and the lack of understanding about the difference between politics and government seems to leave out greater possibilities of approaching those in power.*

**KEYWORDS:** *Youth. Democracy. South of Minas Gerais.*

## **Introdução**

Desde ao menos as Jornadas de 2013, o Brasil foi sacudido por uma série de protestos de rua. Essas manifestações deram sequência a uma série de outras, parte delas progressistas, como as ocupações secundaristas de 2015 e 2016, parte

delas com conotações conservadoras, que ganharam as ruas nesses mesmos anos demandando o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, seguidos das eleições, em 2018, com evidente tendência à direita, nas esferas nacional e estaduais, dos poderes executivos e legislativos. A democracia representativa e suas instituições, que pareciam consolidadas, viram-se seriamente questionadas, tanto com argumentos político-ideológicos de esquerda quanto de direita. As grandes manifestações de rua, que pareciam um fenômeno passado, voltaram a ser centrais na vida política, ao menos até antes da pandemia da Covid-19, enquanto um acirramento político até então inusual no período pós-ditadura passou a marcar a vida social, adentrando até mesmo o cotidiano das pessoas e suas famílias.

Uma das questões prementes interroga sobre a estabilidade e a consistência da adesão da população brasileira aos valores da democracia representativa, diante do fato de que vivemos, desde o fim do regime ditatorial militar e civil, em um período ininterrupto – ao menos até o impeachment de 2016 – de governos eleitos democraticamente e um mínimo de garantias democráticas preservadas e respeitadas pelas instituições políticas<sup>1</sup>. A pergunta, que parecia ter resposta mais simples antes de 2013, passa a ganhar respostas mais complexas e sinuosas desde então, destacando-se a eleição de um presidente e de uma série de ocupantes de diversos cargos eletivos com discursos largamente antidemocráticos.

Uma série de *surveys* têm sido realizados sistematicamente no Brasil e em outros países a respeito da adesão da população à democracia. Uma questão chave nesses *surveys*, padronizada, foi incluída no roteiro da pesquisa *A identidade sul-mineira: diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais*<sup>2</sup>. A questão perguntava se a pessoa considerava a democracia como a melhor forma de governo em qualquer situação. Essa pergunta é aqui considerada como a porta de entrada para conhecer o grau de adesão à democracia da população sul-mineira, considerando principalmente as diferenças entre as faixas etárias. Partimos da hipótese de que as juventudes tendem a aderir mais à democracia, considerando os últimos resultados eleitorais por faixa etária (com jovens tendendo a votar menos em candidatos de extrema-direita com discursos antidemocráticos) (PODER360, 2023) e a participação de jovens em manifestações progressistas desde 2013. A pesquisa citada acima (PODER360, 2023), assim como outras pesquisas acerca de diversas temáticas sociais, se utilizam da faixa etária compreendida entre 16 e 24 anos, como o estudo em tela decidiu utilizar. Apesar de o Estatuto da Juventude de 2013 (Brasil, 2013) indicar como jovens a faixa etária de 15 a 29 anos, do ponto de

<sup>1</sup> Para os fins deste artigo, adota-se a definição de Robert Dahl sobre democracia, a qual deve atender a critérios referentes à igualdade política, competitividade eleitoral e responsabilidade pública (Dahl, 2009).

<sup>2</sup> A pesquisa foi desenvolvida pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), por meio da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e contou com a participação de docentes de diversos cursos da Instituição.

vista sociológico, a categoria etária juvenil até 24 anos, para países como o Brasil, ainda delimita melhor o final de experiências tipicamente juvenis, como os estudos (considerando a educação superior), a falta de autonomia financeira, a moradia com os pais e responsáveis e a vivência de sociabilidades juvenis. Destaca-se ainda que o voto é facultativo somente a partir dos 16 anos.

## **A metodologia da pesquisa de campo**

O Sul de Minas, de acordo com a divisão regional do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2017), é compreendido por 162 municípios localizados nas regiões intermediárias de Pouso Alegre e Varginha, que ainda estão divididas em 15 regiões imediatas, sendo cinco pertencentes à região intermediária de Pouso Alegre e dez à de Varginha. As regiões imediatas e a quantidade de municípios em torno delas são as seguintes: Pouso Alegre (34); Poços de Caldas (8); Itajubá (14); São Lourenço (16); Caxambu-Baependi (8); Varginha (5); Passos (15); Alfenas (13); Lavras (14); Guaxupé (9); Três Corações (6); Três Pontas-Boa Esperança (5); São Sebastião do Paraíso (5); Campo Belo (5); Piumhi (5).

A população da região, estimada para a pesquisa, era de aproximadamente 2.900.000 moradores, segundo dados de estimativa populacional do IBGE de 2021. A partir dessa estimativa, a amostra foi calculada em 1.320 casos, com margem de erro de 2,7 pontos percentuais e o intervalo de confiança de 95%. Na sequência foram definidos os 20 municípios, de maneira a atender todas as divisões regionais apontadas pelo IBGE (2017) para o Sul de Minas.

A definição por vinte municípios se baseou na localização da Universidade e na intenção em cobrir toda a região, em relação à definição geográfica do agrupamento dos municípios efetuadas pelo IBGE. Quatro municípios foram escolhidos intencionalmente: Alfenas, Poços de Caldas e Varginha, onde a Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) possui estrutura física, e Pouso Alegre, por ser o principal município da região intermediária a qual pertence. O sorteio dos outros 16 municípios foi realizado de forma aleatória simples, a fim de garantir que todas as 15 regiões imediatas fossem contempladas. A amostra, além da abrangência regional, foi estratificada por sexo, renda familiar, faixa etária e escolaridade, tomando por base os dados do Censo demográfico de 2010. Pelos dados de 2010, a população compreendida entre 16 e 24 anos representava 14,88%. Os jovens com tal faixa etária, que responderam à pesquisa, representaram 16,1% dos entrevistados, conforme indica a tabela 1.

**Tabela 1** – Distribuição das entrevistas por faixa etária

Faixa etária	N	%
16 a 24 anos	213	16,1
25 a 34 anos	260	19,7
35 a 44 anos	264	20,0
45 a 54 anos	213	16,1
55 a 64 anos	246	18,6
65 ou mais anos	124	9,4
<b>Total</b>	<b>1320</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Elaborada com base nos dados da pesquisa *A identidade sul-mineira*, UNIFAL-MG, 2022.

A pesquisa *A identidade sul-mineira* abrangeu diversos aspectos sobre a cultura, economia, política, religião, trabalho, direitos humanos e características regionais. Dentre as perguntas, a principal para este trabalho foi sobre forma de governo. Tal questão foi apresentada da seguinte forma:

Algumas pessoas dizem que a democracia é sempre melhor que qualquer outra forma de governo. Para outros, em algumas situações é melhor uma ditadura do que uma democracia. Eu vou ler duas afirmações e gostaria de saber qual delas é mais parecida com sua forma de pensar. A democracia é sempre melhor que qualquer outra forma de governo; Em algumas situações é melhor uma ditadura do que uma democracia (UNIFAL-MG, 2022, n.p.).

Havia a possibilidade de a resposta ser **tanto faz**, mas quando ocorreu foi de forma espontânea e não estimulada. Não havia possibilidade de responder que não concordava com nenhuma das afirmações.

Outras perguntas que auxiliam nas análises se referem: a) às formas de entendimento dos jovens sobre a importância das eleições, da organização política e da compreensão sobre política e governo; b) e o nível de confiança (alguma, muita, total, pouca ou nenhuma) em organizações e grupos sociais (religiosos, movimentos sociais, Polícia Federal [PF], eleições, partidos políticos, Congresso Nacional, Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Câmaras Municipais, Presidência da República, Governo do Estado de Minas Gerais, Prefeituras Municipais e Supremo Tribunal Federal [STF]).

Diante do exposto, duas indagações norteiam as análises deste artigo: Quais são as semelhanças e diferenças das formas de adesão à democracia indicadas pelos jovens sul-mineiros? Quais elementos institucionais e sociais são mobilizados pela juventude do Sul de Minas?

Além das perguntas realizadas na pesquisa, especificamente para esse artigo foi realizado um levantamento bibliográfico com as palavras-chave ‘juventude’ e ‘democracia’. Os produtos selecionados foram cotejados entre si e com obras que têm tratado da atuação de jovens em movimentos sociais contemporâneos no Brasil. Produzimos assim categorias de análise dos dados da pesquisa. Esta discussão do levantamento e das categorias de análise é realizada no próximo item.

No terceiro item, analisamos os dados da pesquisa referentes à adesão à democracia, considerando as diferentes faixas etárias. No quarto item, os dados tratam do quanto os jovens confiam nas principais instituições da democracia representativa, em destaque eleições e partidos. Fecham o artigo as considerações finais, com os principais resultados sintetizados.

## **Juventude e democracia no Brasil contemporâneo: algumas considerações**

No levantamento bibliográfico com uso dos descritores “juventude” e “democracia”, no Scielo e no Portal de Periódicos da Capes, encontramos 117 produtos. Entre eles, seis produtos se destacaram, em sua possível contribuição para o tema deste artigo, já que abordavam especificamente a adesão à democracia entre jovens.

O primeiro, de Borba e Ribeiro (2021), aproxima a adesão à democracia à educação escolar. O artigo testa as expectativas de que o aumento do acesso à escolarização traria como efeito a ampliação da ‘adesão da população à democracia’. Faz isso por meio de técnicas de análises de séries temporais e modelos logísticos de dados de pesquisa de opinião, considerando o período entre 1998 e 2018. O artigo conclui que não há evidências nesses dados de que houve ampliação do apoio à democracia entre a população do país, que fatores de curto prazo têm relevante impacto no apoio e satisfação com a democracia e, enfim, que o principal efeito da educação escolar se percebe na ‘adesão normativa à democracia’. No que se refere à faixa etária, ou autores utilizaram de 16 a 24 anos, o mesmo intervalo, como mencionado anteriormente, para as análises aqui apresentadas.

Para chegar a tais conclusões, Borba e Ribeiro (2021) desenvolvem uma interessante discussão conceitual e teórica, contribuindo para a construção de categorias de análise que serão relevantes para este artigo. Partem do conceito de legitimidade de David Easton, definida como “apoio conferido pela cidadania a um regime político” (Borba; Ribeiro, 2021, p. 2), o qual possui dois níveis: o ‘apoio difuso aos valores básicos’ (que se trata de uma dimensão mais normativa e mais ligada à socialização política); e o ‘apoio específico quanto ao funcionamento’ concreto das instituições e ao desempenho de quem as operam. O artigo busca considerar uma perspectiva longitudinal de legitimidade do regime democrático,



avaliando os prognósticos de teorias da ‘socialização política’ (que defendem que o processo de aprendizado da democracia produz um legado consistente) e as teorias do ‘desempenho democrático’ (em que o apoio está relacionado à capacidade do regime produzir resultados, sejam esses na forma de bens democráticos – como a liberdade –, ou na forma de bens tangíveis, como crescimento econômico). A respeito dos ‘efeitos da educação escolar’ na adesão à democracia, as pesquisas e as teorias têm afirmado que eles são positivos, mas que decrescem ao longo do tempo, ainda que a escolarização se torne cada vez mais importante para a própria permanência da democracia – que tende a trazer mais e mais ‘desafios informacionais e cognitivos’ aos indivíduos conforme se aprimora.

Na análise dos dados, Borba e Ribeiro (2021) consideraram três principais medidas, avaliando as pesquisas de opinião entre 1998 e 2018: a ‘adesão à democracia’ (a partir da questão apresentada na introdução sobre a desejabilidade da democracia em qualquer situação); a ‘importância dos partidos na democracia’ (a partir de questão sobre a viabilidade de uma democracia sem partidos); e o ‘grau de satisfação com a democracia’. Enquanto o grau de satisfação com a democracia demonstra em sua trajetória tendência à redução, e a defesa da democracia sem partidos cresce mais no início do período para depois se manter estável, a adesão à democracia (considerada como o melhor regime em qualquer situação) tem uma trajetória sem tendências nítidas, com muitas oscilações.

Paradoxalmente, enquanto em 2018 era eleito um presidente de extrema direita, a taxa de adesão à democracia foi a maior na história. Para Borba e Ribeiro (2021), isso poderia ser explicado pela hipótese do ‘realinhamento político’ de Russel Dalton, quando uma profunda clivagem ideológica e cultural (o acirramento político-ideológico ao menos desde 2015) reorganiza os vínculos entre eleitores e partidos.

Já o artigo de Fucks *et al.* (2016) destacou que adesão à democracia no Brasil deve ser compreendida por uma perspectiva multidimensional, ou seja, as pessoas aderem aos diferentes princípios específicos da democracia, não simplesmente aderem a ela ou não. Analisando dados sobre pessoas que se declaram democratas, se percebe que esta adesão é mais forte em sua dimensão participativa, e menos relevante nas dimensões procedimental e representativa. O artigo de Gimenes e Borba (2019) chega a resultados semelhantes, que desafiam análises que consideram os dados de adesão à democracia de forma taxativa.

Casalecchi e Vieira (2021), ao analisarem a participação política como um dos pilares da democracia, partem das constatações de haver diminuição e até insatisfação com o sistema representativo e, conseqüentemente, queda da participação nos mecanismos tradicionais como ações partidárias e o voto. Os autores analisam se haveria, pelo aumento da participação em canais de mídias, um debate qualificado que teria se deslocado de instâncias, um ativismo digital político. Dentre os dados

analisados, extraídos do Barômetro das Américas de 2018, por meio da criação de indicadores de intensidade de ativismo digital e suas possíveis influências sobre os valores da democracia, está a questão acerca da democracia como melhor forma de governo. A principal conclusão a que chegaram “é que o ativismo digital não exerce efeito estatisticamente significativo sobre a adesão à democracia” (Casalecchi; Vieira, 2021, p. 140).

Especificamente sobre a relação entre faixas etárias e adesão à democracia, encontramos dados relevantes em Del Porto (2012) e Paulino (2016). Ambos os trabalhos partem do questionamento a respeito de como o fato de viver em dois regimes diferentes ao longo da vida – ditatorial e democrático – afetaria a adesão à democracia, em comparação com a geração que viveu apenas a democracia. Del Porto (2012) analisa *surveys* que abrangem o período entre 1989 e 2006 no Brasil, enquanto Paulino (2016) faz uso de dados do Barômetro das Américas em 2012, sobre 17 países da América Latina, incluindo o Brasil. Del Porto (2012) afirma que não há diferenças marcantes entre as gerações, mas que há impacto da escolarização na preferência pela democracia entre quem viveu a sua juventude já no período da redemocratização. Já a análise de Paulino (2016) sobre o Brasil afirma que a geração que viveu apenas após a redemocratização adere menos à democracia (quase 64%) do que a geração que viveu sua juventude na ditadura (quase 71%); o Brasil repete a tendência dos demais países latino-americanos analisados, em que a geração que viveu nos dois regimes tende a apresentar maior adesão à democracia.

Aos trabalhos acima, que destacam dados quantitativos e de larga escala populacional e temporal, com conceitos oriundos principalmente da ciência política, cotejamos obras que tratam da juventude em uma perspectiva mais sociológica, em diversos casos destacando dados qualitativos. Entre elas, as que aplicam conceitos do campo da socialização política (Baquero, Baquero, Morais, 2016; Baquero, Baquero, 2014), assim como, mais recentes, os que fazem uso do conceito de subjetivação política (Castro, 2016, 2008). Para este artigo, contudo, consideramos mais relevante comentar a respeito de trabalhos que tratam da atuação de jovens do Brasil contemporâneo em movimentos sociais. Esses movimentos têm anunciado expectativas de parte das juventudes por um aprofundamento da democracia e um desejo de maior participação nos processos decisórios. Eles dialogam e, na verdade, desafiam os prognósticos dos artigos comentados inicialmente a respeito da adesão à democracia, bem como os artigos sobre socialização política (pessimistas em relação à vinculação democrática das juventudes); se aproximam, assim, mais da perspectiva da subjetivação política. Conhecendo estas expectativas de jovens em movimentos sociais, cabe questionar, com base nos dados, se os jovens do Sul de Minas compartilham delas, e até que ponto.

Groppo e Silveira (2020) desenvolveram a noção de dialética da condição juvenil, a qual teria sido reafirmada por recentes movimentos estudantis como

as ocupações secundaristas em 2015 e 2016, assim como pela intensa atuação de jovens nos grandes protestos das Jornadas de 2013. A dialética da condição juvenil considera que as juventudes guardam o potencial de irromper contra os percursos de socialização determinados pelas gerações mais velhas e as instituições sociais, experimentando valores sociais, práticas e formas de organização alternativas ou mesmo rebeldes – o que, para Karl Mannheim (1982), é um rico cabedal de inovações sociais. Algumas unidades de geração juvenil desenvolvem valores e comportamentos radicais progressistas, revelando limites e contradições do período que ficou conhecido como ‘lulismo’ (os governos do Partido dos Trabalhadores [PT], entre 2003 e 2016), assim como propondo um aprofundamento da experiência democrática participativa.

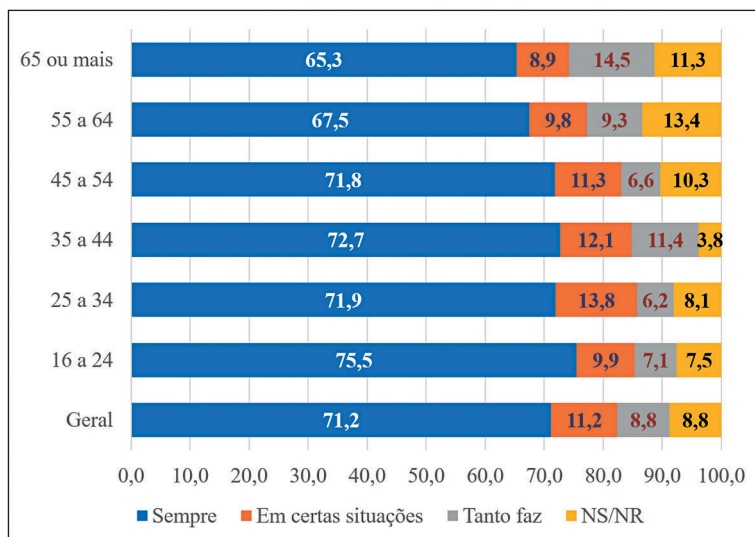
Outras unidades de geração juvenis, entretanto, teriam enveredado para uma adesão a outro extremo político-ideológico, a vertente conservadora e de extrema-direita que, inclusive, ganhou as eleições presidenciais de 2018 e tornou-se relevante força política em nosso país nos últimos anos. Para Pinheiro-Machado (2019) e Silveira e Groppo (2019), entretanto, há uma relevante dimensão de gênero nestas distintas adesões político-ideológicas das juventudes brasileiras: as mulheres tendem a ser mais progressistas, enquanto os homens tendem a ser mais conservadores. Mesmo a clivagem de classe, tão potente, é desafiada pelo viés de gênero nesta adesão política, quando Pinheiro-Machado e Scalco (2018), em suas etnografias nas periferias da capital gaúcha, flagram as meninas dirigindo a ocupação de sua escola, enquanto os meninos da mesma turma aderem à extrema-direita.

Portanto, é importante analisar como os jovens sul-mineiros apresentaram suas perspectivas em relação à adesão à democracia, à legitimidade conferida a um regime de governo, os níveis dessa adesão (difuso-normativo ou específico-concreto) e as influências do processo vivenciado em relação à educação, socialização e concretude dos aspectos do regime. Além disso, as medidas relacionadas à adesão, aos partidos e às instituições podem revelar as características acerca do entendimento dos jovens sobre o regime político.

## **Adesão à democracia entre as faixas etárias**

Ao analisar os dados sobre adesão à democracia, temos a seguinte indicação, de acordo com o gráfico 1.

**Gráfico 1** – Democracia como melhor forma de governo, segundo faixas de idade (%)



**Fonte:** Elaborada com base nos dados da pesquisa *A identidade sul-mineira*, UNIFAL-MG, 2022

Os dados parecem indicar haver maior propensão de jovens que consideravam ser a democracia a melhor forma de governo, pois o percentual dos que assim o fizeram é maior que o das demais faixas, com pouco mais de 75%, quase quatro pontos a mais do que o valor da população geral, que foi de 71,2. Apesar disso, cabe ressaltar que pelo fato de haver uma margem de erro de 2,7 pontos percentuais (p.p.), a diferença não é estatisticamente significativa. Nas quatro faixas etárias compreendidas entre 16 a 54 anos, houve intervalos entre os valores máximos e mínimos, calculados com as margens de erros, que indicaram não ser possível afirmar que há diferenças estatisticamente significativas entre as opiniões dessas faixas etárias. No entanto, chama a atenção a tendência geral indicar que a adesão à afirmação de que a democracia é a melhor forma de governo é inversa à faixa etária, pois, a primeira decresce à medida que os grupos etários ficam mais velhos.

Agora, se somarmos os percentuais daqueles que indicaram que a democracia seria a melhor forma com o daqueles que indicaram ser a melhor em certas situações, teríamos valores bem próximos para as quatro faixas etárias, com idades entre 16 a 64 anos: 85,4; 85,8; 84,8 e 83,1, respectivamente.

Portanto, observa-se que é relativamente alta a frequência de pessoas que consideram ser ‘a democracia sempre a melhor forma de governo’, independentemente da idade, visto que 939 das 1320 respostas, ou 71,2% da amostra total, afirmam isso. Em contrapartida, chama a atenção que 116 pessoas, correspondente a 8,8%

da amostra, terem assinalado ‘não saber’ ou ‘não terem respondido’ sobre um tema tão relevante para os brasileiros

Em linhas gerais a amostra contemplou uma distribuição proporcional entre as faixas etária, com variação entre 16% e 20% da amostra, entre as faixas até 64 anos, e apenas a última faixa com percentual menor, 9,4%.

A fim de verificar se as variáveis Democracia e Idade são independentes ou dependentes, foi efetuada a prova estatística  $\chi^2$  (‘quadrado’). O resultado obtido é  $\chi^2 = 34,050$ , com 20 g.l., que é significativa para  $\alpha \leq 0,026$ , portanto pode-se concluir, com risco menor do que 2,6%, que Democracia e Idade são dependentes. Por óbvio que pareça, vale registrar que a relação de dependência entre democracia e idade é de associação ou correlação, não de causalidade, visto que a primeira varia conforme a faixa etária, mas não faz sentido supor que o valor atribuído à democracia exerça alguma influência sobre a idade.

Como a hipótese de dependência entre as variáveis foi aceita com alta probabilidade de ser verdadeira, 97,4%, cabe aferir a força dessa associação. Nesse caso, calculada pelo coeficiente de contingência (C), para variáveis categóricas faixa etária e melhor forma de governo, que, para os resultados obtidos, é  $C = 0,159$ , é indicada uma associação moderada, visto que C varia de 0 (mínimo) a 1 (máximo).

Ao analisarmos especificamente os jovens<sup>3</sup>, no que se refere ao sexo e à escolaridade, encontramos alguns aspectos a se refletir.

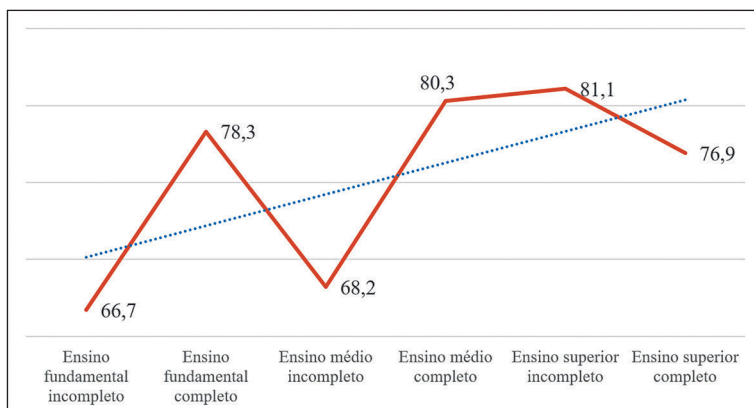
Em relação ao sexo e à indicação de a democracia ser sempre a melhor forma de governo, não houve diferença a ser ressaltada: as jovens tiveram um percentual de 74,8 e os jovens de 75,7. Isso vai de encontro à indicação de Silveira e Groppo (2019) e de Pinheiro-Machado e Scalco (2018) de as mulheres jovens tenderem a ser mais progressistas.

Em relação à escolaridade, há um aumento nas taxas de adesão dos jovens, que passam de 66,7%, para os que têm ensino fundamental incompleto, e atingem os 81% para os que têm até o ensino superior incompleto.

---

<sup>3</sup> Entre 213 jovens, o perfil foi o seguinte: sexo: 102 homens e 111 mulheres. Para renda familiar: até dois salários-mínimos – 73; mais de dois até cinco – 97; mais de cinco até dez – 34 e acima de dez - 8. Em relação à escolaridade: Ensino fundamental incompleto – 30; fundamental completo – 22; médio incompleto – 43; médio completo – 67; superior incompleto 37 e superior completo 14.

**Gráfico 2** – Relação entre escolaridade e adesão à democracia de jovens sul-mineiros (%)



**Fonte:** Elaborada com base nos dados da pesquisa *A identidade sul-mineira*, UNIFAL-MG, 2022.

Entretanto, conforme indica o gráfico 2, há variação entre a ascensão escolar e a adesão à democracia. Após crescer entre as duas primeiras faixas dos níveis menos escolarizados, cai no ensino médio incompleto para 68,2, e volta a subir nos níveis posteriores, ensino médio completo e superior incompleto, para cair a quase 77% no nível mais elevado, que é o superior completo. Os dados da pesquisa sobre o Sul de Minas, nesse sentido, não referendam a afirmação de Borba e Ribeiro (2021), de que pode haver a relação da educação escolar com a permanência da democracia.

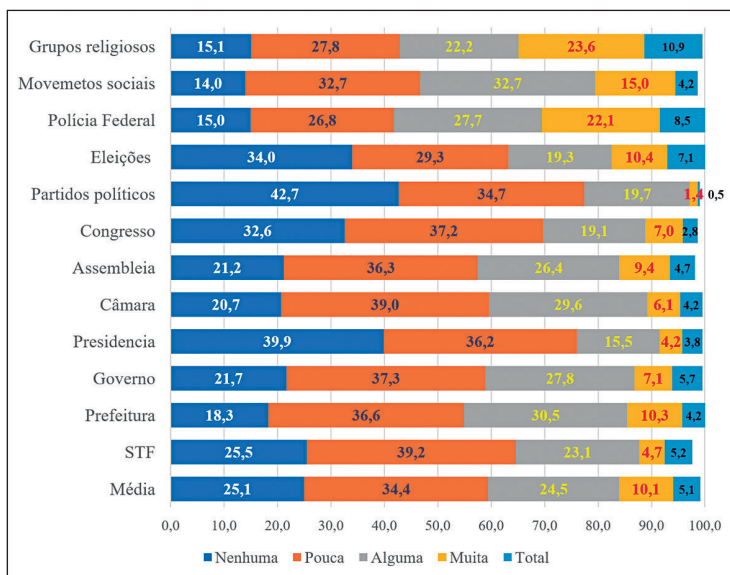
Apesar de não ser possível afirmar taxativamente que os jovens sul-mineiros consideram, mais do que outros grupos etários, ser a democracia a melhor forma de governo sempre, parece haver uma especificidade da região em comparação com outras pesquisas sobre o tema no país, em que a tendência foi a de que adultos apresentassem percentuais superiores aos dos jovens em relação à democracia como melhor forma de governo.

Portanto, a pesquisa *A identidade sul-mineira* identificou uma situação diferente na região, em 2022, em relação à análise de Paulino (2016), que afirmou que no Brasil a geração que viveu apenas após a redemocratização adere menos à democracia (quase 64%) do que a geração que viveu sua juventude na ditadura (quase 71%), mesma tendência dos demais países latino-americanos analisados, em que a geração que viveu nos dois regimes tende a apresentar maior adesão à democracia.

## Confiança nas instituições

A indicação de os jovens do Sul de Minas considerarem ser a democracia sempre a melhor forma de governo foi avaliada também em relação ao nível de confiança que havia em instituições e mecanismos empregados para o seu exercício, conforme o Gráfico 3.

**Gráfico 3** – Nível de confiança dos jovens nas instituições (%)



**Fonte:** Elaborada com base nos dados da pesquisa *A identidade sul-mineira*, UNIFAL-MG, 2022.

Os jovens indicaram não confiar nada nos partidos políticos e na presidência, com índices de 42,7 e 39,9% respectivamente. Ainda indicaram ter pouca confiança nessas esferas 34,7 e 36,2% respectivamente, o que eleva os patamares de desconfiança para algo superior aos 70% para as duas instituições. Apenas 0,5% afirmou ter confiança total nos partidos políticos e 1,4% ter muita confiança. Os jovens indicaram ter muita ou total confiança, com percentuais acima dos 30%, apenas nos grupos religiosos e na Polícia Federal (PF).

De forma geral, parece que havia um grau de desconfiança sobre os partidos políticos e a presidência, desconfiança que vai diminuindo em relação aos demais atores e espaços da política, como as câmaras e os poderes estadual e municipal. Entre esses, a prefeitura apresentava o maior índice de confiança, embora a diferença seja muito pequena em relação aos demais, com 30,5%. Nessa mesma indicação apareciam os movimentos sociais, com mais de 32% de alguma confiança.

Chama a atenção o fato de as eleições, tão centrais nos processos democráticos, serem avaliadas com desconfiança, pois 34% dos jovens indicaram não ter nenhuma confiança e 29,3% pouca confiança. Como não se questionou os motivos da desconfiança, é importante considerar que ela pode se dar tanto em relação ao processo eleitoral em si, quanto em relação ao que ocorre com os governos no exercício efetivo dos mandatos, concedidos pelas eleições.

Os dados apresentados sugerem que, no Sul de Minas, os jovens têm uma relação mais normativa com a democracia, conforme destaca Fucks *et al.* (2016), pois a adesão está mais relacionada aos valores e princípios do regime do que efetivamente à forma como se desenvolve, no que se refere às instituições partidárias, por exemplo. A tendência de redução da importância dos partidos para o regime democrático, conforme apontam Borba e Ribeiro (2001), é indicada pelos baixos níveis, na realidade quase nenhum, de confiança dos jovens sul-mineiros nos partidos políticos.

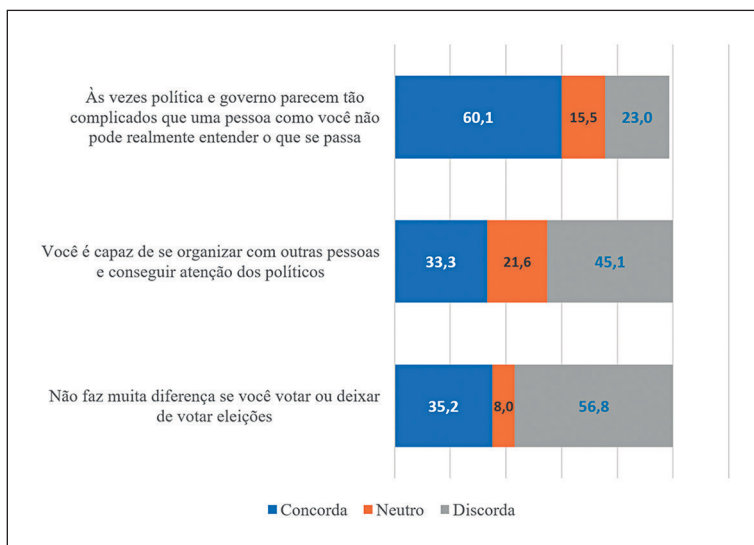
Os jovens do Sul de Minas indicaram a legitimidade do regime democrático, pois o apoiam, e de acordo com Borba e Ribeiro (2021), o fariam no nível de apoio aos valores básicos, de forma mais difusa e relacionada à socialização política do que efetivamente a um apoio específico associado ao funcionamento das instituições e ao desempenho dos operadores; isso distancia tal apoio à democracia das dimensões procedimentais e representativas, aparentemente em favor das dimensões participativas.

Os dados da pesquisa *Identidade sul-mineira* indicam haver, conforme destacaram Casalecchi e Vieira (2021), diminuição da participação política, mas não é possível afirmar, pelos dados apresentados, ter ocorrido um deslocamento para as mídias digitais. O que é perceptível é a desconfiança nas instituições e nas formas tradicionais de representação política e uma confiança em outras instâncias, como a Polícia Federal (PF) e as religiões e, em percentual um pouco menor, nos movimentos sociais.

Talvez a questão seguinte, referente à relação entre governos, política e participação, auxilie a pensar nas dificuldades de se compreender as formas de participação na democracia, de reconhecimento do seu funcionamento e de suas formas de representação. Além da alta desconfiança nas instituições características de um regime democrático, os jovens indicaram percepções e opiniões sobre a crença nas eleições, sobre o propósito de organização para se direcionar aos políticos e o conhecimento e discernimento sobre a relação entre política e governo, conforme o Gráfico 4.



**Gráfico 4** – Grau de concordância dos jovens em relação ao funcionamento da política (%)



**Fonte:** Elaborada com base nos dados da pesquisa *A identidade sul-mineira*, UNIFAL-MG, 2022.

Segundo o Gráfico 4, um pouco mais da metade dos jovens, com idade entre 16 e 24 anos, discorda que não faz diferença entre votar ou não, enquanto um pouco mais de 35% concorda com a indiferença. Tal indicação corresponde à não adesão aos valores normativos. É importante, contudo, destacar que mais de um terço da juventude mostra-se indiferente a uma questão social e política tão relevante.

Já 34% dos jovens se consideraram capazes de se organizar com outras pessoas para conseguir atenção dos políticos e mais de 45% se disseram incapazes de tal movimento. Neste sentido, os jovens de 16 a 24 anos tendem a não buscar o exercício da cidadania por meio de organizações em grupos para negociações ou conversas com políticos. A dificuldade do acesso a essas formas de organização pode ser uma das causas, mas não é desprezível considerar a apatia de alguns grupos ou a falta de entendimento que se tem do funcionamento do sistema, como demonstram os dados sobre o conhecimento a respeito da política e do governo, no mesmo Gráfico 4.

Quase 60% dos jovens indicaram que política e governo são complicados a ponto de não permitir que entendessem a situação que se passa, enquanto 23% indicaram compreender a diferença.

Percebe-se não haver tanta compreensão das maneiras pelas quais o regime democrático opera, em relação às principais intuições que o sustentam, como governo e a organização política de forma geral. Tal aspecto sustenta a adesão ao nível dos

valores básicos da democracia, como um regime legítimo sem, porém, compreender ou outorgar legitimidade às suas principais formas de funcionamento. Nesse sentido, parece ser plausível compreender o elevado grau de importância dada ao voto, com mais de 56%, mesmo com a dificuldade de compreensão das relações entre governo e política para o funcionamento do regime.

Mesmo sendo destacada a tendência à socialização política como forma mais presente de reconhecimento da legitimidade do regime democrático, 1/3 sugere ter condições de se organizar para reivindicações ou atuação junto aos políticos.

## **Considerações Finais**

Os jovens sul-mineiros apresentaram uma tendência de adesão à democracia superior aos demais grupos etários, mas estatisticamente não é possível afirmar que tenderiam a ser mais democratas que os demais. O índice de adesão de jovens sul-mineiros à democracia é superior à média geral da região, assim como à do país, com base em algumas pesquisas<sup>4</sup>. Nesse sentido, pode-se afirmar que os dados indicaram haver diferença na adesão dos jovens sul-mineiros à democracia em comparação com as faixas etárias mais velhas, tanto no Sul de Minas quanto no restante do país.

Entretanto, quando se pensa na confiança relatada nas instituições, as principais bases institucionais da democracia representativa, como as eleições e os partidos políticos, não passam confiança entre os jovens sul-mineiros. Dessa forma, parece haver uma adesão mais prescritiva do que normativa, adesão oriunda mais do processo de socialização política do que do conhecimento e do reconhecimento do funcionamento e da importância das instituições no regime democrático. Aqui parece haver semelhança com a tendência apontada por Borba e Ribeiro (2001), de haver um descrédito acerca das instituições democráticas, como os partidos políticos e as eleições.

A dificuldade na compreensão da diferença entre política e governos, bem como certo receio de organizar formas de acesso aos políticos, podem refletir parte das dificuldades de atuação dos jovens sul-mineiros.

Entretanto, há que se considerar novas formas de adesão à democracia, reveladas ou suscitadas durante ações coletivas e ciclos de protesto, quando são acionados processos de subjetivação política. Por outro lado, se os movimentos sociais têm bons índices de confiança entre os jovens, ainda mais têm os grupos religiosos, podendo revelar, o que precisa ser aprofundado por novas pesquisas de caráter

---

<sup>4</sup> Pesquisas do Instituto DataSenado (2023) e do Datafolha (2024) indicaram ser a democracia a melhor forma de governo para 73% e 71% dos brasileiros, respectivamente.

qualitativo, distintas unidades de geração juvenil no Sul de Minas (progressista e conservadora) ou ainda jovens que combinam valores progressistas e conservadores, recriando uma ambiguidade política que tem marcado historicamente as opiniões políticas em nosso país (Pinheiro-Machado, 2019). De toda forma, entre os jovens as instituições mais tradicionais da sustentação democrática, como partidos e eleições, têm muito menos confiança do que movimentos sociais e grupos religiosos nas iniciativas por melhores condições de vida.

## **AGRADECIMENTOS:**

À Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, pelo financiamento da pesquisa por meio de verba parlamentar.

## **REFERÊNCIAS**

BAQUERO, M.; BAQUERO, R. V. A.; MORAIS, J. A. de. Socialização política e internet na construção de uma cultura política juvenil no sul do Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 989–1008, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016166022>. Acesso em: 10 out. 2023.

BAQUERO, R. V. A.; BAQUERO, M. B. Formação cidadã de jovens no contexto de um regime democrático híbrido. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 8, n.2, p. 59-82, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.49726>. Acesso em: 10 out. 2023.

BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. Adesão à democracia e educação escolar no Brasil (1998-2018): considerações a partir das teorias da legitimidade política. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, e240374, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.240374>. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm). Acesso em: 11 set. 2024.

CASALECCHI, G. Á.; VIEIRA, A. de O. Ativismo digital e valores democráticos: lições a partir da experiência brasileira. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, p. 121-145, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.52780/res.14836>. Acesso em: 10 maio 2024.

CASTRO, L. R. de. Subjetividades públicas juvenis: a construção do comum e os impasses de sua realização. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 21, n. 1, p. 80–91, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160009>. Acesso em: 5 maio 2019.

CASTRO, L. R. de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, n. 30, p. 253–268, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000100015>. Acesso em: 5 maio 2019.

DAHL, R. **Sobre a democracia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

DATAFOLHA. Avaliação de um ano e três meses do presidente Lula. 2024. Disponível em: <https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2024/04/02/hxnnvpz2mvs5msosj0is3f4kz2by6oh2vq5o8expsicveu9ryi2hf0yyqq8m04dljofhtftzif3n6i-ishqd-q.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DEL PORTO, F. B. Jovens da democracia?: valores políticos das coortes da juventude brasileira no período democrático recente (1989 a 2006). Tese (doutorado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012, 325 f. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1617413>. Acesso em: 10 out. 2023.

FUCKS, M.; CASALECCHI, G. A.; GONÇALVES, G. Q.; DAVID, F. F. Qualificando a adesão à democracia: quão democráticos são os democratas brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº19. Brasília, janeiro, 2016, p. 199-219. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220161908>. Acesso em: 11 set. 2024.

GIMENES, É.; BORBA, J. Adesão à Democracia e Apartidarismo na América Latina: Análise Multidimensional. **Mediações**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 167-183, set.-dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2019v24n3p167>. Acesso em: 10 out. 2023.

GROPPO, L. A.; SILVEIRA, I. B. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argumentum**, Vitória, v. 12, n. 1, p. 7-21, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://10.18315/argumentum.v12i1.30125>. Acesso em: 21 maio 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2021**. 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6579>. Acesso em: 12 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**. 2017. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/apps/regioes\\_geograficas](https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas). Acesso em: 10 maio 2018.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>. Acesso em 12 jun. 2020.

INSTITUTO DATASENADO. **Panorama político 2023**. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=panorama-politico-2023>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (org.). **Mannheim**. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95. (Col. Os Grandes Cientistas Sociais, n. 25).

PAULINO, R. O. Geração e atitudes políticas: uma análise da adesão à democracia na América Latina. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016, 89 f. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A8BN3G/1/disserta\\_\\_o\\_\\_rafael\\_oliveira.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A8BN3G/1/disserta__o__rafael_oliveira.pdf). Acesso em: 5 set. 2023.

PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior**. O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. [versão Kindle].

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU-Ideias**, ano 16, n. 278, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/278cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

PODER360. Lula foi eleito por mulheres, pobres e nordestinos. 01 jan. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/lula-foi-eleito-por-mulheres-pobres-e-nordestinos/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SILVEIRA, I. B.; GROPPPO, L. A. As ocupas e as ocupações secundaristas: feminismo, política e interseccionalidade. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 8, n. 14, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2019.8.14.24-48>. Acesso em: 10 out. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL-MG). A identidade sul-mineira: diagnóstico cultural, social e político do Sul de Minas Gerais. 2022. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/aidentidadesulmineira/>. Acesso em: 10 out. 2023.

**Submetido em:** 19/06/2024

**Aprovado em:** 06/08/2024



# PIONEIRISMO EM PESQUISA SOCIOLOGICA SOBRE JUVENTUDE: ENTREVISTA COM MARIA DA GLÓRIA GOHN<sup>1</sup>

*Olivia Cristina PEREZ\**  
*Daniel Arias VAZQUEZ\*\**

## Contexto da entrevista

Esta entrevista foi realizada no dia 6 de junho de 2024, de forma on-line, por Olivia Cristina Perez e Daniel Vazquez.

## Apresentação da entrevistada

A entrevistada Maria da Glória Gohn foi escolhida por ser pioneira e referência nos estudos sobre participação política. Seus estudos mais recentes abordam especificamente a juventude, embora este grupo social esteja presente em grande parte de sua extensa obra. Por meio da entrevista, é possível acompanhar como a categoria juventude foi sendo construída em sua interface com as reflexões sobre movimentos sociais.

\*\*\*

**Olivia Perez:** Conte um pouco sobre o campo de estudos das juventudes que você acompanhou no Brasil.

**Maria da Glória Gohn:** Divido a questão do campo de estudos de juventude que eu acompanhei em dois itens: primeiro, na literatura e um segundo, na prática.

---

\* UFPI - Universidade Federal do Piauí. Departamento de Ciência Política. Teresina – PI – Brasil. 64049-550. <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>. Contato: [oliviaperez@ufpi.edu.br](mailto:oliviaperez@ufpi.edu.br).

\*\* UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Ciências Sociais. Guarulhos - SP - Brasil. 07252-312. <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contato: [dvazquez@unifesp.br](mailto:dvazquez@unifesp.br).

<sup>1</sup> Transcrição realizada por Anna Heloyza Dias.

Na literatura sigo a abordagem que vê a juventude como sendo uma construção social, ou seja, não é um fenômeno natural, mas uma categoria que é construída pelas diferentes sociedades. A partir dessa concepção, de uma categoria construída, talvez pelo fato de eu trabalhar décadas em uma faculdade de educação e ter participado de um período fértil de experiências lá nos anos 70 e parte de 80 em educação, no estilo de um recorte mais freiriano de participação direta, eu fiz muitas leituras, de Jean-Jacques Rousseau e Johann Heinrich Pestalozzi sobre a questão da educação de jovens.

Mas quem realmente me influenciou, para os recortes e abordagens, foram historiadores como Philip Ariès e Eric Hobsbawm. Vista como categoria social, a juventude nasce com a modernidade, no período marcado pela ascensão da burguesia, desenvolvimento do capitalismo, mudanças sociais etc.

O tema da juventude, nas ciências sociais, remonta ao período denominado pré-história destas ciências, que compreende os anos da segunda metade do século XVIII e o início do século XIX, sobretudo o estudo da delinquência juvenil, como um resultado negativo do processo de industrialização e de urbanização. É o momento coincidente entre a modernidade e o nascimento da juventude que faz com que esses últimos fossem associados como modernos, diferentes, inovadores ou rebeldes: eram essas as imagens, as representações das narrativas e análises que foram sendo construídas.

O Ariès sempre associa o surgimento a respeito da juventude com as transformações nas dinâmicas sociais trazidas pelo capitalismo. Ele viu que, no século XVI a XVIII, existia uma popularização a respeito das idades da vida percebida por meio de iconografias profanas, produzidas pelos europeus, em que essas idades não representavam idades biológicas e sim papéis sociais.

Para esse olhar sociológico, foi importante os papéis sociais de rebeldes e de revolucionários. Segundo Ariès, a escola passou a desempenhar papel relevante na socialização dos indivíduos das classes mais burguesas, aristocráticas, porque havia um atraso da inserção dos indivíduos mais jovens na vida produtiva e eles passaram a receber em escolas uma preparação para ocupação e funções. Esse processo de formação entre infância e fase adulta, foi delineando a noção a respeito dessa fase da vida que hoje se chama como “juventude”, segundo os estudos de Ariès.

Hobsbawm influenciou-me sobre outro aspecto. Segundo ele, a cultura juvenil no século XX trouxe mudanças em três aspectos: primeiro, a juventude passou a ser vista não mais como um intervalo entre a infância e a vida adulta e sim o ápice do desenvolvimento humano, ideia que foi reforçada no campo dos esportes. A ideia de juventude como ápice da vida entra em um conflito com outros fatores, por exemplo, o aumento da riqueza, poder, influência, idade avançada etc. em um mundo pós-guerra governado por uma gerontocracia. O segundo aspecto que Hobsbawm destaca é que a juventude passou a ter o domínio das economias de mercado desen-



volvidas, pois dominavam as tecnologias – e isso é algo muito importante para a atualidade, inclusive - mas já naquela época, no século XX, quando ele escreveu a respeito, isso foi visto como uma grande vantagem. A maior parte dos programas de computadores era projetada por jovens na casa de vinte anos de idade, com isso, houve uma inversão de papéis, uma vez que os pais tinham muito a aprender com os filhos que cresceram familiarizados com as tecnologias e, além disso, representavam uma massa que possuía grande poder de compra naquela época. Ainda nesse segundo aspecto, Hobsbawm chamou a atenção para uma dimensão da cultura construída pelos jovens. Eu sempre achei muito importante esse olhar sobre a questão da cultura, não apenas a questão econômica, ou política, ou social. O terceiro aspecto que Hobsbawm chama atenção é a respeito da grande capacidade de internacionalização da cultura urbana juvenil, através do rock e do blue jeans. Aqui entra uma parte muito importante que é a questão da popularização das músicas das bandas de rock norte americanas e inglesas, na hegemonia de uma cultura popular e de um estilo de vida dos jovens - embora alguns núcleos de cultura juvenil adotaram também estilos musicais do Caribe, da América Latina, e da África. Eu destaco a importância desses olhares do Hobsbawm, focalizando muito mais a cultura dos jovens do que outras propostas políticas ou sociopolíticas e como que isso faz a roda da mudança social e da sociedade girar.

Na sociologia, desde o período entre as duas guerras, os estudos de juventude foram dominados pela área da educação, pelo aspecto educacional e pela pedagogia. A juventude passa a ter maior visibilidade social e ser vista como grupo social, devido aos movimentos juvenis.

No campo de influência internacional e de autores internacionais, importante lembrar também dois outros aspectos, além da categoria juventude propriamente dita, é a questão de geração e condição juvenil. A primeira é fundamental para compreender conflitos de gerações, a juventude atual em comparação com a juventude de algumas décadas atrás, ou de seus pais. Já a condição juvenil é uma invenção mais recente, ela denota do século XIX e XX, sobre a ideia de que era necessário prolongar os anos de escola, para a formação moral e ética dos indivíduos antes que ingressassem no mundo do adulto. Porém, questões de classe, gênero, etnia etc. não apareciam ou estavam sendo tratados de maneira meio embolada nesse entendimento de condição juvenil.

No Brasil, eu lembro também os estudos da Minayo, Sposito, Dayrell, Abramo, Scalón, Carrano, Groppo, Novaes e outros autores que estudam juventudes no campo da educação. Quem já estudava o tema nos anos 60 era a Marialice Foracchi.

Além das teorias e categorias que eu li e que me influenciaram e orientam o olhar através do qual faço as análises, destaco também minha experiência de vida. Com dezoito anos, em 1968, eu participei das manifestações, dos protestos de rua,

porque eu estudava perto da rua Maria Antônia, na Escola de Sociologia e Política (FESP) em São Paulo, e ia para o centro da cidade nas chamadas passeatas. A questão política certamente estava presente, via movimentos de protestos. Mas sobre aqueles tempos, o campo de estudo esteve focado num olhar sobre o movimento e as organizações de estudantes, de secundaristas, universitários, juventude católica universitária, assim como movimentos de estudantes em Córdoba na Argentina, nos Estados Unidos e na Europa, principalmente na França. Na época, o Touraine publicou um dos primeiros livros dele sobre o movimento estudantil que muito me influenciou.

Há um outro aspecto que é muito presente na minha memória de participação e engajamento. É justamente a questão da música nos festivais de músicas popular brasileira, e as influências externas dos Beatles e dos Rolling Stones, e todos os herdeiros do rock in roll dos anos 50. Isso foi uma outra massa de informações que registrei na memória: como a juventude foi sendo construída na prática. Em 1968 eu morava em Higienópolis – São Paulo, que era muito perto da rua da Consolação, com os teatros, TV e os festivais de músicas, e a juventude se expressava também pela música.

Tem um outro grupo que marcou aquele período que são os alternativos, a contracultura. Existe alguns estudos da época a esse respeito. Nessa contracultura estava muito presente a pauta de comportamentos e costumes, a corrente dos adeptos das comunidades Zen, filosofias orientais, do mundo das experiências das drogas. Tem uma parte disso que se liga à música propriamente dita nos grandes festivais, tanto no *Woodstock*, como em festivais ocorridos aqui, que eram uma rejeição ao modelo capitalista e, principalmente, aos padrões de casais, pai, mãe e filha no tradicional.

**Olivia Perez:** Como os jovens aparecem nos estudos sobre movimentos sociais e participação política?

**Maria da Glória Gohn:** Em termos de Brasil, na década de 70, quando começa a reestruturação de cursos de pós-graduação e surge a ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais), nela forma-se um grupo de estudo sobre os movimentos sociais (a SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia já era bem antiga, mas vai passar a ter importância maior nessa temática na década de 80).

Nessa época, os movimentos sociais ganharam a cena, como disse o Eder Sader. A partir de 1975, com o recrudescimento de formas embrionárias de resistência contra o regime militar, o foco das minhas pesquisas estava no Movimento da Anistia, no sindicalismo do ABC, na periferia Sul de São Paulo, onde eu fiz a pesquisa do meu mestrado sobre as associações de moradores, sociedade amigos de bairro em São Paulo e, posteriormente, estudei o movimento de luta por creches.

Nessa época, predominavam as análises estruturais, que olhavam para o todo e tiveram muita importância, como um livro do Jordi Borja sobre o movimento social urbano e outro do Manuel Castells que tratava das contradições urbanas e as contradições dentro do modelo de acumulação capitalista. Não se olhava especificamente para os jovens propriamente ditos, na minha opinião, não se focaliza jovens, enquanto tal, assim como também não se focaliza as mulheres.

No meu doutoramento, que defendi em 1983, eu pesquisei a luta por creche em São Paulo. O estudo se inseria na área de políticas públicas analisando: como eram as demandas, negociações, como é que a prefeitura foi respondendo, como os movimentos foram conseguindo as demandas etc. Não tratei especificamente da questão do gênero na luta, feita basicamente pelas mulheres. Em uma conversa com o Eder Sader, numa ANPOCS em Águas de São Pedro, ele me chamou atenção sobre isso, falou: “Bem, você deveria ter dado um olhar principalmente para as mulheres, para o modo de vida delas etc. Por que você não faz isso?” Na ocasião pensei ‘nossa, voltar de novo a campo e refazer toda aquela pesquisa’? Mas ele tinha razão, porque quem estudava por exemplo, mulheres, eram um GT em específico e que estava estudando mulheres de camadas médias, principalmente as mulheres no mundo do trabalho, estavam estudando os movimentos de mulheres nos Estados Unidos, tinham todo o apoio da Fundação Ford, via concursos e mais concursos para e sobre a temática das mulheres. Então não era só o jovem, ou questões de faixas etárias, os idosos e as crianças, que não eram focalizados especificamente. Por exemplo, a Vera Telles, a Ilse Scherer, José Álvaro Moisés, o Pedro Jacobi na área dos movimentos sociais, todo esse pessoal que começou lá nos anos setenta e oitenta, eles focalizavam pelo movimento: do transporte, por moradia, movimento de saúde, etc. Houve vários estudos sobre movimento de saúde que também não focalizavam especificamente nos personagens, mas sim nos movimentos por demandas.

Do ponto de vista da participação política em relação ao Estado propriamente dito, eu orientei um mestrado na UFABC (Universidade Federal do ABC) sobre a juventude brasileira e políticas públicas, foi muito interessante porque resgatou-se algumas iniciativas por parte dos municípios, em que os jovens não eram sujeitos de direitos democráticos por suas demandas, eram contemplados por políticas destinadas a várias faixas etárias.

Apenas no fim dos anos 1990 começa no Brasil nas instâncias federais, estaduais e municipais várias parcerias com organizações da sociedade civil, iniciativas voltadas especificamente para a juventude propriamente dita. Em 2004, o governo federal e alguns setores ligados a movimentos sociais iniciaram um diálogo a respeito da necessidade de elaboração de uma política nacional para a juventude brasileira. Desse modo, criou-se um grupo interministerial ligado à Secretaria Geral da Presidência da República, envolvendo dezenove ministérios para realizar um levantamento sobre os problemas da juventude brasileira e foram selecionados nove

eixos: 1) ampliar acesso do ensino; 2) gerar trabalho e renda; 3) preparar para o mundo do trabalho; 4) promover uma vida saudável; 5) democratizar o acesso ao esporte, lazer, cultura e outras tecnologias; 6) promover direitos humanos e políticas afirmativas; 7) estimular a cidadania; 8) participação social; 9) melhorar a qualidade de vida no meio rural e nas comunidades tradicionais. A essas alturas a questão dos movimentos rurais estava na pauta e em alta com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), e a juventude não era só problema dos movimentos urbanos, mas também nas comunidades tradicionais.

O campo de políticas públicas de juventude é acompanhado também pela superação do paradigma do jovem em situação de risco. Passa-se a reconhecer a juventude como demandante de direitos sociais, se consolida a ideia de juventude sujeito de direitos, considerando o Estado como agente corresponsável pela construção de políticas públicas para este público. Então, a juventude como sujeito de direitos, nos traz aqui a ação de movimentos sociais e juvenis, organizações sociais, e um impacto no campo governamental, cuja ações mais expressivas foram a criação da Secretaria Nacional de Juventude, em seguida o CONJUVE – Conselho Nacional da Juventude, depois programas como o Pro Jovem no Governo Lula, bem como a primeira Conferência Nacional de Juventude, em 2008. Concomitantemente, ampliou-se os conselhos de juventude na esfera municipal e, assim, foi se criando essa ossatura, que contribuiu para o processo de legitimação da juventude enquanto sujeito demandante de direitos sociais, abrindo caminho para a aprovação do Estatuto da Juventude, sancionado pela ex-Presidenta Dilma Rousseff em agosto de 2013.

Buscou-se responder a Junho de 2013, quando a juventude sai às ruas, dizendo aos políticos: “nós não o reconhecemos, nós não o queremos, não temos representantes”. Inclusive vários jovens líderes do Movimento Passe Livre (MPL), etc. foram convidados para participar de reuniões em Brasília e não compareceram porque eles não se reconheciam nesses papéis, na visão de mundo deles não se negava o Estado, mas queriam um Estado diferente, não aquele Estado do jeito que estava organizando as políticas para os jovens. Portanto, como tentativa de resposta aos protestos Junho de 2013 o governo estabeleceu um Estatuto que fixa a juventude como sujeitos pertencentes e detentores de direitos e deveres específicos, mas essa política já chegou atrasada, porque o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi instituído no início da década de 90.

Por fim, no governo do Michel Temer, foi instituído o Sistema Nacional de Juventude, que determina a responsabilidade da União, Estados e Municípios na execução da Política Nacional de Juventude, mas a medida também foi acionada em meio a protestos de jovens pelo Brasil inteiro, dessa vez, provocados pelo assassinato da Marielle Franco. E assim foi regulamentado o Sistema Nacional de Juventude e o programa Brasil Mais Jovem, em 2018.

**Daniel Vazquez:** Quais as mudanças que o enfoque sobre as juventudes vem passando ao longo dos seus estudos?

**Maria da Glória Gohn:** Eu passei a dar destaque e olhar sobre a questão da juventude, a partir da segunda metade dos anos 90, e início 2000 com as celebrações dos encontros da juventude, Fórum Social Mundial, os 30 anos de Maio de 68 etc. foi quando destaquei os jovens daquela época, que saíram às ruas contra a ditadura, que àquela altura estavam se tornando lideranças políticas, ocupando cargos no governo, como José Dirceu e José Serra, que foram líderes estudantis na década de 60, entre outros.

É interessante o estudo de trajetórias, porque às vezes os pesquisadores olham só a trajetória dos sindicalistas, mas se olharmos a trajetória de outros políticos, você vai encontrar na trajetória deles quando jovens a participação nos movimentos: Os meus escritos mais específicos sobre juventudes foram a partir da década de 2000, eu passo a citar e estudar o “pula catraca”, que deu origem ao MPL – Movimento Passe Livre, tanto a questão em Florianópolis, como depois na Bahia, e isso levou-me a um outro olhar sobre os jovens. Para além de serem estudantes, eu passei a olhar bastante a questão de cultura política, o que eles estavam demandando, o que estavam negando e os aprendizados.

Minha produção sempre teve três eixos: 1) a questão da participação dos movimentos sociais propriamente dito; 2) a participação com relação ao Estado e; 3) a questão da educação, especificamente a educação não formal, pois nunca fui de estudar muito a questão escolar propriamente dita, mas estudar as aprendizagens não formais, por isso eu sempre olhei para os movimentos sociais como fontes e espaços de aprendizagem.

É interessante perceber uma divisão quando você fala de programas socio-educativos para jovens. No Brasil, você lembra de coisas da FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor), as experiências tenebrosas de jovens em situação de risco, enquanto na Europa você vê coisas que há muito tempo se colocou como uma política pública. A Comissão Europeia estabeleceu quatro objetivos que deviam orientar as áreas de ação comum sobre a questão da juventude. Primeiro, a participação por meio de uma cidadania ativa; segundo a comunicação, por meio da divulgação de informações de qualidade; o terceiro é a questão do voluntariado, que é algo que não faz muito parte da cultura aqui do Brasil. Mas de repente está se vendo uma explosão de casos em atenção aos desastres climáticos que ocorreram no Rio Grande do Sul sobre um outro aspecto, que é a solidariedade. Mas você vê isso presente em termos de políticas institucionais na Europa há tempos, visando estimular a sensibilização dos jovens por meio de exercício de uma cidadania responsável. E isso tem uma dupla dimensão, uma dimensão humana, mas também tem uma dimensão de integrar os jovens, integrar antes que eles gerem um problema. Por fim, um quarto eixo que é o autoconhecimento da juventude para desenvolver

várias questões, como a questão do corpo etc. No programa da Comissão Europeia, eu vim a conhecer o programa ERASMUS e as chamadas transversais. A questão dos jovens e políticas públicas, lá na Europa, está acoplado muito na área da educação e, em uma determinada abordagem, a pedagogia das competências, que é aprender competências sociais e cívicas, espírito de iniciativa e empreendedorismos. Então, tinha-se programas que os jovens participavam voluntariamente e, com isso, ganhavam pontos e se aprendia, argumentavam que com isso estariam gerando pensamento crítico criativo, cidadania global, soluções de programa de cooperação, nessas experiências europeias.

Aqui no Brasil, a área da educação, particularmente na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), teve várias abordagens, estudos e críticas a esses programas europeus que chegavam aqui e eram propostos para se implantar como se fossem os mesmos problemas. Observamos vários conflitos entre os defensores das relações entre pedagogia das competências e as teorias construtivistas, sendo essa última muito diferente porque tem elementos que envolvem o foco sobre o aluno, uma pedagogia diferenciada e através de métodos ativos. Eu nunca entrei muito no caminho dessa discussão da pedagogia das competências, mas orientei dois trabalhos sobre projetos sociais com os jovens, os quais eram justamente para promoverem processos de integração, em última análise. Para analisar isso tem que pegar todo o histórico de quem elaborava esses projetos, indagar se são aquelas ONGs participativas que lutaram contra a fome etc. na época com Betinho e outros, como uma questão da ação da cidadania, ou outras ONGs criadas em uma outra perspectiva, principalmente na questão étnico racial. Existia vários projetos, e uma exaltação na televisão sobre os projetos como se eles por si só estivessem resolvendo os problemas. Eu acho que certamente tem grandes méritos em tudo isso, mas por outro lado, também é um olhar muito individualista, porque joga muito em cima do indivíduo. A narrativa é: você participa do projeto, vai treinar, vai aprender e depois já está equipado para fazer seu protagonismo, para se tornar um protagonista e vencer na vida, e está tudo resolvido. Essa política acaba sendo uma negação da política propriamente dita, porque entendemos que política não se reduz a isso. Então, essas formas tayloristas, fordistas de organização e gestão do trabalho, baseada na prática e não se precisa do trabalho pedagógico escolar para fazer isso. Então as práticas tayloristas não estão só nas fábricas, nas remodelações da produção propriamente dita, na desativação do sistema sindical, mas essas práticas também estão nas escolas públicas com o produtivismo, e nas universidades, onde nós somos sempre repetidamente avaliados.

**Olivia Perez:** Qual a nova cultura da participação promovida pelos jovens, aqui fazendo referência ao seu artigo *Jovens na política na atualidade?*

**Maria da Glória Gohn:** Neste artigo o foco é o olhar sobre a questão dos jovens, porque a partir de 2013, para alguns analistas, os jovens eram a solução, para outros eles estavam minando a democracia e criando as bases para a ascensão da direita. A partir disso, eu começo a destacar os jovens. No projeto que tenho como bolsista 1A do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) atualmente, focalizo os jovens na questão dos coletivos, que já estavam presentes em 2013.

Em um primeiro momento, observando o nome e o próprio movimento que foi o deflagrador da questão de 2013, o MPL. Embora se chamasse “movimento”, ele era composto de inúmeros coletivos no seu interior. Então, passei a olhar os jovens também não só como estudantes, mas os jovens organizados em determinados papéis sociais, que podem ser estudantes, produtores de artes, simplesmente “galeras” que se reúnem todo dia em algum lugar, blogs, redes sociais, destacando os coletivos, dentro dos movimentos sociais, ou paralelo aos movimentos sociais, ou negando os movimentos sociais.

O mundo globalizado passou a viver na década de 2010 um novo ciclo de protestos com outros temas e formas de mobilização, conjunturas políticas e econômicas distintas, e impactos distintos também nas sociedades e no governo, como só se tinha visto similares lá na década de 60 ou 1984 (Diretas Já) e 1992 (Fora Collor). A internet criou sistema de comunicação possível. Se, nas passeatas na primeira década do século XX tinham os repetidores, que subiam no poste e falavam a palavra de ordem, os outros iam repetindo; depois vieram os microfones, até chegarmos nas redes via Internet etc. Eu me lembro quando, por exemplo, na questão das favelas surgiram as rádios comunitárias, que comunicavam da festa religiosa as manifestações e protestos. Cada época então teve a sua forma de comunicação. Só para lembrar de que não foi só a questão da internet, que sem dúvidas revolucionou a sociedade no modo de comunicar, mas destaco também a seleção, focalização e codificação dessa informação, feita não apenas por indivíduos isolados, mas por uma pluralidade de atores e agentes disputando a interpretação do significado, dos fatos, dos dados. Aqui entra o poder dos movimentos sociais na formação da opinião pública, algo que também era visto como coisa lá dos anos 60, dos funcionalistas, da opinião pública e muito voltada para processos eleitorais. Passa-se a se ver a importância disso, porque às vezes essa opinião pública, se expressa de fato, e só se manifesta, na hora do voto.

A ação coletiva dos jovens, a partir de junho de 2013, leva-nos a observar esses múltiplos processos de subjetivação na construção dos sujeitos em ação; isso quer dizer; não é só uma coisa comportamental, não é só a forma como esses jovens se vestem e que você registra nas fotos, nas performances, mas como que as coisas são absorvidas e depois retrabalhadas.

Aqueles estudos que eram considerados meio arcaicos da área da psicologia social, sobre as emoções, foram retirados do baú e começam a se refletir sobre as contribuições nas diferentes áreas, como os acontecimentos no calor da hora provocam reações e geram novas frentes de ação coletiva, como as pessoas processam isso. A composição dessas ações é complexa e diversificada, com múltiplos atores, propostas, concepções sobre política, sociedade, governo, ou seja, as emoções dos indivíduos e coletivos ganham destaques nos protestos, que antes era uma coisa que não se olhava.

E a questão das redes de compartilhamento, hoje se fala muito das *fake news*, mas se esquece que, para além delas, precisa-se entender essas redes de compartilhamento, de crenças e de pertencimentos, pelas interações informais, as identidades coletivas que eles vão construindo e os conflitos políticos culturais dos manifestantes. No caso dos jovens, muita gente, principalmente algumas lideranças de esquerdas mais tradicionais, que tem cargos chaves, muitas vezes nos governos e nos poderes, eles olham os jovens da mesma forma como se olhavam os jovens dos anos 1960, ou os jovens que lutaram contra a ditadura militar, depois saíram nas ruas de verde e amarelo pelo Fora Collor. Eu acho que aí que entra a questão das gerações, pois eles pensam diferente, não são repetecos das gerações passadas.

Os conflitos políticos culturais dos manifestantes, no caso dos jovens na atualidade, têm que ser lidos com chaves analíticas diferentes das que foram utilizadas para analisar os denominados novos movimentos sociais. Porque grande parte dos pesquisadores ainda continua com autores que estudaram os movimentos sociais no século XX, e primeira década século XXI, como Sidney Tarrow e Charles Tilly etc. Foram análises muito eficazes para estudar as políticas públicas institucionalizadas pelas inúmeras brechas que as abordagens deles propiciam. Não se trata de jogar fora ou de simplesmente descartar aquelas abordagens, mas de construir um terceiro caminho, que repense as identidades construídas nas lutas passadas, suas interações com o Estado, e as novas culturas políticas construídas pelos jovens. Eu estou procurando seguir nesta trilha.

Eu não tenho clareza, mas eu tenho quase certeza de que o contexto sociopolítico, econômico, cultural e ambiental e as formas de participar e os valores culturais da juventude atual são outros agora. A velocidade dos acontecimentos, os efeitos climáticos da natureza etc. mudaram, então o momento é outro, o rio é outro, as águas são outras, e a gente ainda está lá, tentando remar com canoinhas do passado. Há de se ter novas embarcações, novos instrumentos para remar nessas águas.

Para concluir, os atuais movimentos sociais dos jovens são herdeiros do movimento antiglobalização dos anos 90-2000, mas na realidade seus antecessores, talvez tenham que buscar muito antes. Eu acho que falta uma historicidade sobre isso também, já escrevi sobre isso, recuperei o socialismo utópico, todas as ideias, os anarquistas, mas eu acho que os jovens recriaram tudo isso, porque agora eles



não estão mais simplesmente, naquela coisa de negar o estado, a política, a religião, esses tripés não são mais os grandes eixos. Mas se têm heranças um caráter daquele incômodo no ar de quem queria uma sociedade de um outro jeito, sem os controles e regulações, aqui entra muito a questão da autonomia para se discutir, uma nova autonomia, sem renunciar ao Estado, das instituições e da importância de Políticas Públicas.

**Daniel Vazquez:** A pandemia atingiu fortemente a população jovem, afetadas especialmente com o fechamento das escolas. Quais seus efeitos sobre o comportamento social dos jovens?

**Maria da Glória Gohn:** Eu acho que afetou a todos, mas particularmente, no caso do jovem, a questão da escolarização provocou efeitos desastrosos. Porque víamos todo dia notícias, quando foram retomadas as aulas online, como isso acontecia. Tinha-se as vezes um celular na casa, isso quando se tinha, para quatro, cinco crianças; como acompanhar a aula via celular para quatro, cinco crianças? A defasagem das desigualdades socioeconômicas veio à tona como notícia diária nos meios de comunicações. A desigualdade é categoria fundamental para entender por que os jovens de classe média seguiram, mas e o estudante das periferias? E depois, quando as mães retomaram os trabalhos, como que isso ficou? Então a grande questão para explicar, como categoria mais geral, é que explodiu a questão das desigualdades e não dá mais para falarmos de jovens e juventude - ainda que seja juventudes, no plural - sem fazer uma localização territorial, e que jovens são esses; caracterizar a questão dos territórios e a questão de classe social, de que classe nós estamos falando, porque os efeitos da pandemia foram muito diferentes.

Tem um outro lado da pandemia, retornando o caso do desenvolvimento de habilidades, nas populações periféricas, que é o ressurgimento de um outro tipo de associativismo, completamente diferente daquele associativismo das comunidades eclesiais de base das décadas de 1970-1980, que é um associativismo da urgência em resolver na prática e ao mesmo tempo de criatividade, com atuação territorial nas comunidades e favelas.

É interessante que até um tempo atrás não se podia usar o termo favela, porque era estigmatizado – na atualidade acabou sendo uma discussão recente para o IBGE, e daí retomaram o termo favela – chamar de favela não está mais estigmatizando ninguém, é o nome do território. Nessa hora, eu me lembro bastante da Licia Valadares, a grande cientista brasileira que trouxe os estudos sobre as favelas no Rio de Janeiro, falecida recentemente, que deu uma grande contribuição no estudo das favelas no Brasil.

Por exemplo, o caso da Paraisópolis, segunda maior favela de São Paulo, um grande problema na pandemia era levar as pessoas para hospitais e postos de saúde, além da questão da entrega de compras, porque tem ruas em que há dificuldade

para subir rampas, para entregar o produto. Eles têm o sistema das motos entre eles, e criaram um sistema em que a associação de moradores, via arrecadação de doações de empresas e da sociedade civil, adquiriu uma ambulância. Isso foi uma das iniciativas, depois criaram uma oficina para fazer máscaras, enfim, a pandemia gerou novas necessidades que eles resolveram com a sua inventividade e criação. Se fosse esperar o poder público, o índice de mortes, de problemas teria sido altíssimo e lá foi um dos menores índices em São Paulo, pequeno em relação ao número de pessoas que lá vivem, em termos de óbitos. Nesse processo, a pandemia de fato mudou a sociabilidade periférica, nas comunidades periféricas.

**Daniel Vazquez:** Outra mudança recente que atinge a vida dos jovens é a reforma do ensino médio. Apesar das resistências e da recente revisão, como o Novo Ensino Médio afeta a formação da geração atual e futuras?

**Maria da Glória Gohn:** Essa questão é interessante, porque ela acaba sendo tratada quase que só no âmbito da educação, dos educadores, da ANPED, sendo que afeta a todos, todos que têm os filhos no ensino médio. E afeta não só a escola pública, porque a reforma é geral, atinge também os que estudam em colégios pagos, caros e particulares. De um lado, tinha que se fazer alguma coisa, sem dúvida, porque aquele ensino médio estava totalmente defasado; por outro lado, a reforma feita anteriormente no ensino médio introduziu tantas disciplinas que era impossível dar conta do currículo. Foi diferente do que representou a introdução da sociologia em 2007, que foi realmente um avanço, uma conquista, depois teve a questão das artes, da música, mas a reforma trouxe penduricalhos que estavam tirando o foco principal.

Agora, o novo governo Lula herdou isso, uma bomba relógio, e tinha que dar uma solução, não dava para engavetar. Acho que tem que ser visto primeiro como um processo, o que está aí e o que foi aprovado, o que dá para fazer? O que dá para mudar? A situação atual é muito diferente da época em que Paulo Freire questionava o modo de educação bancária, e propunha círculos para debater e não aquela coisa comportamental cada um na sua carteirinha. Era uma outra coisa, era para formar um cidadão para aprender a fazer leitura do mundo, a pensar por conta própria. Será que essa reforma atual vai levar os jovens a pensar por conta própria? Eu acho que não.

São as primeiras impressões que eu tenho sobre os desafios a serem enfrentados, mas que acho que tem que ter uma pauta de quais são as demandas que foram contempladas, quais são os “jabutis” que foram colocados que vão levar ao desastre e quais são as possíveis posições para se encontrar uma trilha. É uma grande dificuldade, os jovens estudantes não foram ouvidos, foram completamente ignorados. Por que eles não podem opinar sobre o que gostam ou deixam de gostar lá dentro da escola? Eu acho que eles fazem e opinam sobre tanta coisa, por que eles não podem opinar sobre a escola?

**Olivia Perez:** Podemos continuar apostando nas juventudes para o aprimoramento do sistema democrático? Se sim, quais contribuições eles têm dado?

**Maria da Glória Gohn:** Primeiro, deve-se pontuar o que estamos entendendo por sistema democrático, já começa por aí a confusão, para falarmos sobre aprimoramento, porque o que estamos vivendo agora, é um sistema de polarização, direita x esquerda; conservadores x progressistas.

O Brasil escapou recentemente de um recrudescimento do governo de direita, de um golpe, mas eu não creio que o problema está afastado e nem que o atual governo tenha práticas que efetivamente estejam visando a consolidação do sistema democrático. Muitas vezes temos a impressão de que os governantes apostam na polarização, porque assim se manteriam no poder, essa é a impressão que deixa as vezes, com algumas atitudes de algumas cabeças, não todas.

Os jovens nesse cenário estão buscando construir caminhos, mas a maioria é ignorada. Vimos que a celebração dos 10 anos de Junho de 2013 resultou em inúmeras publicações, eu participei do debate intensamente, em entrevistas, escrevi artigos, debates na ANPOCS e SBS, e creio que não entendeu nada quem acha que junho de 2013 foi só “o ovo da serpente”, ou seja, atos políticos que foram colocados para simplesmente fazer a virada política à direita no Brasil. Eu acho que no terreno das políticas públicas, por exemplo, entre os princípios que regem o Estatuto da Juventude, o primeiro refere-se a promover a autonomia e emancipação dos jovens e olha como está escrito, lá, compreendendo a autonomia como trajetória de inclusão, liberdade e participação do jovem na vida em sociedade. Depois, o Estatuto direciona promover a integração internacional entre os jovens, preferencialmente no âmbito da América Latina e na África, na cooperação internacional, você observa alguma coisa nessa direção nas políticas para os jovens da época de 2013? E atualmente?

Eu acho que são belas palavras, a participação política, a qual o Estatuto se refere prevendo a participação dos jovens na formulação, execução e avaliação de políticas públicas de juventude. Preconiza-se que essa participação deverá se dar através de: associações, redes, movimentos e organizações juvenis. Está acontecendo isso? Se sim, quem são esses movimentos e organizações, associações e redes que estão lá?

Concluindo: a questão da juventude é uma construção, não é uma categoria dada, não são fatores biológicos, não é nada natural, é tudo construído socialmente. E como está sendo construída a juventude atual, tema que pouco se entende e pouco se atende?

## **REFERÊNCIAS**

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, 31 (82), 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/jBGbrMwxkJBxvytwVnz9Wcp/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 set. 2024.

**Submetido em:** 06/08/2024

**Aprovado em:** 12/08/2024

# **Artigos traduzidos**



LATIN AMERICAN YOUTH:  
POLITICAL PARTICIPATION, PANDEMIC,  
AND FUTURE SCENARIOS

*JUVENTUDES LATINO-AMERICANAS:  
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PANDEMIA  
E CENÁRIOS FUTUROS*

*JUVENIL LATINOAMERICANO:  
PARTICIPACIÓN POLÍTICA, PANDEMIA  
Y ESCENARIOS FUTUROS*

*Olivia Cristina PEREZ\**

*Daniel Arias VAZQUEZ\*\**

*Melina VÁZQUEZ\*\*\**

**RESUMO:** O dossiê tem como objetivo analisar a participação política das juventudes na América Latina, abordando sua diversidade e papel na construção de uma democracia inclusiva. Os artigos reunidos exploram a participação em protestos e eleições até as disputas educacionais. Os estudos destacam tanto a atuação de juventudes progressistas quanto conservadoras, analisando a ascensão da direita e seu impacto nas democracias. Os trabalhos mostram que, apesar da sub-representação no Congresso e das desigualdades acentuadas pela pandemia, as juventudes permanecem atores centrais na transformação política, com potencial para enfrentar os desafios contemporâneos e promover uma democracia capaz de reduzir as desigualdades sociais.

---

\* UFPI - Universidade Federal do Piauí. Departamento de Ciência Política, PI – Brasil. 64049-550. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>. Contact: [oliviaperez@ufpi.edu.br](mailto:oliviaperez@ufpi.edu.br).

\*\* UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Ciências Sociais, SP - Brasil. 07252-312. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contact: [dvazquez@unifesp.br](mailto:dvazquez@unifesp.br).

\*\*\* UBA- Universidad de Buenos Aires y CONICET Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Buenos Aires-Argentina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0564-1398>. Contact: [mvazquez@sociales.ubar.ar](mailto:mvazquez@sociales.ubar.ar).

**ABSTRACT:** *This dossier aims to analyze the political participation of youth in Latin America, addressing their diversity and role in the construction of an inclusive democracy. The collected articles explore participation in protests, elections, and educational disputes. The studies highlight the actions of both progressive and conservative youth, examining the rise of the right wing and its impact on democracies. The papers show that, despite underrepresentation in Congress and inequalities exacerbated by the pandemic, youth remain central actors in political transformation, with the potential to confront contemporary challenges and promote a democracy capable of reducing social inequalities.*

There is a common perception that young people do not engage politically and are not interested in politics. This, however, is not substantiated when we analyze the role of youth in political change across various regions, nor when we examine the current political landscape (Perez; Vommaro, 2023).

These perceptions are partly related to the fact that political participation is often associated with actions taken in parliamentary arenas through political parties. Indeed, these spaces are predominantly created by and for adults, making it more difficult for young people to gain access, as well as for other marginalized groups in society, such as women, Black people, and the LGBTQIA+ population (the acronym for lesbians, gays, bisexuals, transvestite, travestis, transgender, queer, intersex, asexual, and more, encompassing a wide range of sexual orientations and gender variations).

However, when we broaden our understanding of political participation to include mobilizations through digital social networks, protests, and struggles within the school environment, the perception that youth are uninterested in politics disappears.

This dossier is based on the premise that youth political participation is substantial, diverse, and central to understanding contemporary democratic regimes. Studies show that while overall interest in politics is low among young Brazilians, there is greater affinity with social and environmental movements and less identification with institutional politics (Vazquez; Pereira, 2020). Therefore, this volume's subject is youth's political participation in its broadest sense.

Youth has been a subject of study since the last century, generating conflicting approaches regarding the definition of what it means to be young and the age range to which youth extends. We understand youth as a social and political category, thus a product of social construction. It is important to emphasize that we do not consider it as a homogeneous block—hence, we refer to youth in the plural form, highlighting how distinct they are from one another. More specifically, social cleavages such as income, gender, race, sexuality, and region impact how young people access rights and construct their identities.



Studies on youth have proliferated, especially following the recent wave of protests in Latin America. A landmark event in Brazil was the June Journeys of 2013, where protesters expressed dissatisfaction with the government and the political system, while also advocating for the expansion of rights for women, Black people, and the LGBTQIA+ population (Perez, 2019). In Chile, as early as 2006, high school students took to the streets to demand free school passes and lower fees for the University Selection Test (PSU) in protests known as the “Penguin March.” In Argentina, the 2015 mobilizations organized by the *NiUnaMenos* collective, formed by young activists, led to a wave of protests that brought attention to the grave issue of violence against women.

The recurrence and significance of these protests highlight youth’s prominent role in Latin America’s contemporary political landscape. More recently, attention has been drawn to protests organized by youth segments that could be considered conservative and/or right-wing on the political and ideological spectrum, as they oppose the expansion of rights, such as access to health care. For example, several protests around the world questioned social isolation measures and the use of the COVID-19 vaccine (Vázquez *et al.*, 2021).

Many studies on youth political participation are being conducted in Brazil, but they are scattered across various fields of study. Furthermore, research on youth is generally concentrated in the fields of health and education. As a result, there is still no well-established field of reflection regarding youth political participation, especially in Brazil.

The field of reflection on youth political participation in Latin America has been gathered and structured by the Childhood and Youth Working Group of the Latin American Council of Social Sciences (Clacso). Recognizing the importance of this network for the field, many of its researchers contribute to the present dossier. Through this collaboration, two works by Argentine researchers were included.

To contribute to the field of youth political participation in Brazil, the initial idea of this dossier was to compile analyses on the subject. We hoped that the dossier would become a milestone in the study of political participation, focusing on the various ways in which youth engage and reshape power relations. It was, initially, an academic proposal. However, by the end of the work, we realized that the dossier underscores the importance of youth in building an inclusive democracy.

The works presented in this dossier approach political participation from different perspectives. Some focus on youth participation in elections, protests, and collectives. The studies address both left-wing and right-wing youth movements. Central issues affecting youth, such as the pandemic and educational reforms, are also discussed. In sum, the articles highlight the diverse forms of oppression faced by youth, as well as their potential in constructing an inclusive democratic regime. A common theme across all the articles in this dossier is a

concern for the future of democracy and a belief in youth as central actors in forging more inclusive paths.

Moving on to the detailed discussion of each paper, Olivia Cristina Perez, in her work “The importance of diversities in analyses of youth and political participation” compiles data from documentary and empirical research to demonstrate that youth do not form a homogeneous group; rather, they are marked by significant variations in terms of race, gender, social class, sexual orientation, and other social cleavages. Perez argues that these diversities are essential for understanding how young people engage in politics, whether through protests, elections, or participation in collectives. She emphasizes that the inclusion of these diverse voices in collective decision-making not only enriches the democratic process but is also vital for constructing a more substantive and inclusive democracy.

Focusing on one form of political participation by youth—protests—Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior, Joana Tereza Vaz de Moura, and Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira analyze, in the article “Youth, protests and collective action: an protest event analysis in Brazil” the mobilizations and protests carried out by Brazilian youth between January 2022 and January 2024, using the Protest Event Analysis (PEA) methodology. The study reveals that most of the protests occurred in the Southeast region and were focused on education issues, with the State being the main target of the demands. Additionally, the study notes that, beyond traditional tactics such as marches and road blockages, youth have used new forms of protest, often without the mediation of other organizations.

Turning to political disputes in schools, the article “Sociology and life project as expressions of contradictions: disputes over curriculum, conceptions of school and youth”, by Rodolfo Soares Moimaz and André da Rocha Santos explores the contradictions present in the inclusion of Sociology and Life Project disciplines in the São Paulo State High School Curriculum. They argue that these disciplines reflect disputes between different models of education and schooling, with Sociology historically linked to democratic mobilizations, while Life Project serves as a key component of neoliberal reforms influenced by private institutions.

Education, like many aspects of youth life, was affected by the pandemic. This issue is explored in the paper “Is there still hope? The future expectations of young people from Guarulhos-SP at the peak of the COVID-19 pandemic”, written by Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves Dall’Occo, and Alexandre Barbosa Pereira. The authors analyze the expectations of young people in Guarulhos regarding the end of the Covid-19 pandemic. Based on a survey of 843 young people, the study reveals that only 20% were optimistic about Brazil’s post-pandemic future. Pessimism was more pronounced among youth over 18 years old, from families with incomes greater than three minimum wages, and those who showed a decline in emotional well-being. Religious practice was identified as the only factor that kept a minority optimistic during the health crisis.

Recent years have also been marked by the rise of right-wing ideologies among youth, both in Brazil and other regions. Two Argentine papers explore this theme. In the article “Radicalisation and fusionism in Argentinean right-wing youth activism after 2001: a history in the present day”, Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein, and Martín Vicente explore the various forms of right-wing youth activism in Argentina. The study offers a historical analysis of right-wing youth activism in the 20th century, highlighting two main currents: the liberal-conservative and the nationalist-reactionary. The authors argue that after 2001, there was a significant transformation in Argentine politics, allowing the emergence of a new radical right-wing expression that criticized the existing political system.

In dialogue with the previous text, Pablo Vommaro analyzes the reactions and debates generated by the election of Javier Milei as President of Argentina in 2023 in his work “Political expressions of youth discontent: exploratory approaches to the situation in Argentina in recent years”. Vommaro argues that the pandemic and the post-pandemic economic crisis exacerbated youth discontent, leading them to support political figures such as Milei. He concludes that new right-wing movements have appropriated the discourse of change, and it is crucial to understand and intervene in the cultural and political disputes surrounding these issues in Argentina and the region.

The right-wing theme is also addressed in the work of Elisa Guaraná de Castro, titled “Political representation of youth in Brazil: young candidates and elected to the chamber of deputies 2014 – 2022”. Castro analyzes the profiles and trajectories of young candidates and elected officials for the Chamber of Deputies in Brazil between 2014 and 2022. The study highlights the low representation of youth in Congress, with less than 4% of federal deputies being under the age of 29. Despite this underrepresentation, the elected young parliamentarians often achieve high voting rates, and there is a growing diversity among the candidates. The article also discusses the tensions between new and traditional forms of political participation, emphasizing how youth combine traditional processes with new identities and political practices.

A common thread throughout all the works is the concern for the maintenance and deepening of democracies. This topic is elaborated in the article “Youth and adherence to democracy in the south of Minas Gerais”, by Marcelo Rodrigues Conceição, Luís Antonio Groppo, and Odair Sass. In this paper, the authors explore how young people in Southern Minas Gerais demonstrate adherence to democracy compared to other age groups. The research suggests that, although the youth in this region may have a greater inclination to support democracy, there is a profound distrust of traditional institutions, such as political parties and elections. The analysis highlights that the distrust of the more traditional institutions of democracy is sig-

nificant, and the lack of understanding regarding the difference between politics and governance appears to limit greater possibilities for engagement with the authorities.

In conclusion to the dossier and highlighting the connection between youth and democracy through political participation, we are pleased to present an interview with Maria da Glória Gohn, in which she discusses her pioneering trajectory in sociological research on youth in Brazil. She emphasizes that youth is a social construct, influenced by historical and cultural factors. Gohn addresses the participation of young people in social movements and the changes in public policies aimed at youth, underscoring the importance of youth autonomy and active participation in society. The pandemic and the high school reform are cited as factors that have significantly impacted young people, revealing inequalities and educational challenges. Gohn concludes that youth play a crucial role in building a democratic system but warns of the need for new approaches and instruments to address contemporary challenges.

The present dossier aims precisely to present new approaches and tools to tackle contemporary challenges, particularly in light of the threat posed by the far-right to the democratic system. We are committed to the political engagement of youth, as they have the potential to create ideas and pathways that are more promising for a system that is genuinely inclusive and capable of reducing social inequalities.

We invite researchers from all fields, especially those interested in the political participation of youth, to read and disseminate the excellent works compiled in this volume.

## REFERENCES

PEREZ, O. C. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, n. 25, p. 577–596, 2019.

PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, 23, e43706, 2023.

VAZQUEZ, D. A.; PEREIRA, A. B. A formação de opinião política entre estudantes do ensino médio de Guarulhos-SP. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 925-944, 2020.

VÁZQUEZ, M. *et al.* Acciones colectivas durante la pandemia. Informe GT Infancias e Juventudes – **Clacso**, 2021.

**Received on:** 25/11/2024

**Approved:** 27/11/2024

THE IMPORTANCE OF DIVERSITIES  
IN ANALYSES OF YOUTH AND  
POLITICAL PARTICIPATION

*A IMPORTÂNCIA DAS DIVERSIDADES  
NAS ANÁLISES SOBRE JUVENTUDES  
E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA*

*LA IMPORTANCIA DE LA DIVERSIDAD  
EN LOS ANÁLISIS DE LA JUVENTUD  
Y LA PARTICIPACIÓN POLÍTICA*

*Olivia Cristina PEREZ\**

**ABSTRACT:** This work brings together data and analyses derived from an accumulation of documentary and empirical research on the relationship between young people and politics and their forms of participation. We show that in this field, it is important to consider the diversities of young people, their political practices, the relationship between young people and the parliamentary sphere, and their political and ideological positions. The emphasis on diversity, specifically on its inclusion in collective decisions, is also one of the Youth's teachings on how to improve democracy - what we call the democratization of institutions.

**KEYWORDS:** Youth. Political Participation. Diversities.

**RESUMO:** *O presente trabalho reúne dados e análises derivados de um acúmulo de pesquisas documentais e empíricas sobre a relação das juventudes com a política e*

---

\* Federal University of Piauí (UFPI), Teresina – Piauí – Brazil. Associate Professor in the undergraduate and master's programs in Political Science and the graduate program (master's and doctoral) in Public Policy. Doctoral degree in Political Science and M.A. in Sociology from the University of São Paulo (USP). Completed a postdoctoral fellowship at the Social Sciences, Childhood, and Youth Research Program (CLACSO/CINDE). CNPQ Research Productivity Fellow. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>. Contato: [oliviaperez@ufpi.edu.br](mailto:oliviaperez@ufpi.edu.br).

*suas formas de participação. Mostramos que nesse campo é importante considerar as diversidades: das juventudes, das suas práticas políticas, da relação dos jovens com a esfera parlamentar e dos seus posicionamentos políticos e ideológicos. A ênfase nas diversidades, especificamente na inclusão delas nas decisões coletivas, também é um dos ensinamentos das juventudes sobre como aprimorar a democracia - o que denominamos de democratização das instituições.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Juventudes. Participação Política. Diversidades.*

**RESUMEN:** *Este trabajo reúne datos y análisis derivados de una acumulación de investigaciones documentales y empíricas sobre la relación entre los jóvenes y la política y sus formas de participación. Mostramos que en este campo es importante considerar las diversidades: de los jóvenes, sus prácticas políticas, la relación entre los jóvenes y la esfera parlamentaria y sus posiciones políticas e ideológicas. El énfasis en la diversidad, específicamente en su inclusión en las decisiones colectivas, es también una de las lecciones que aprenden los jóvenes sobre cómo mejorar la democracia, lo que llamamos democratización de las instituciones.*

**PALABRAS CLAVE:** *Juventud. Participacion política. Diversidades.*

## Introduction

This paper addresses various aspects of political participation among youth, specifically focusing on their relationship with institutional and non-institutional politics, as well as the lessons learned on enhancing democracy. Our analyses demonstrate the importance of considering the diversities within youth and their inclusion in collective decision-making processes.

A common definition of youth takes into account the age of individuals. In Brazil, the Youth Statute of 2013 (Brazil, 2013) defines youth as the population group aged between 15 and 29 years. However, this definition is limited as it does not encompass the social traits that characterize this group. In this work, we adopt a social and relational definition, as proposed by Pablo Vommaro (2015), who views youth as a dynamic, historical, and socially and culturally constructed relationship. Thus, youth constitutes a social category that is constantly evolving.

Furthermore, we do not perceive youth as a homogeneous bloc. Aware of the diversity inherent in youth, we consistently refer to them in the plural form throughout this paper.

To elaborate on this point, the common imagination often associates young people with white males who are students and do not need to work. However, the experience of being young is markedly different for women, Black individuals, Indigenous peoples, the poor, residents of marginalized areas, workers, people with disabilities, and members of the LGBTQIA+ community (lesbians, gay men, bisexuals, transgender individuals, queer people, intersex individuals, asexuals, and other possibilities of dissident genders and sexualities). Consequently, youth are diverse among themselves, and social cleavages such as race, gender, sexuality, region, labor market attachment, disability, and social class significantly impact how youth construct and express their identities (Araújo; Perez, 2023). This perspective is crucial for highlighting the social inequalities that permeate the experience of being young.

It is essential to emphasize that the markers of race, gender, sexuality, region, labor market attachment, disability, and social class should not be analyzed in isolation, as they intersect with one another—an insight reinforced by the teachings of Black feminist movements (Crenshaw, 2002). Such considerations lead to analyses that differentiate, for example, the experiences of a Black young woman living in a marginalized area from those of a white young man residing in an affluent region.

We also understand political participation in a broad sense, recognizing the diverse forms of political engagement among youth, as well as their political and ideological stances. Political participation may occur through voting, participation in protests, or activism on digital social networks. In this expansive sense, political engagement can also manifest through affiliation with political parties, social movements, collectives, or in an individual capacity.

Participation can align with ideals associated with either the left or the right within the political and ideological spectrum. According to Bresser-Pereira (2006), left-wing political groups can be understood by their willingness to disrupt the existing order in the name of social justice, while right-wing groups advocate for the status quo. Although there is a notable association between the political behavior of youth and leftist ideals, there has been increasing attention in recent years towards right-wing or even anti-partisan positions (Araújo; Perez, 2021).

Recognizing the importance of reflections and actions that consider the diversity of youth, the primary objective of this work was intentionally to highlight this aspect in discussions regarding youth and political participation. Therefore, the central aim of the article is to underscore that, in the realm of political participation, it is essential to consider the diversity of youth as well as the importance of their inclusion in collective decision-making processes.

To contextualize the bibliographic production concerning the political participation of youth, this work also presents a general review of the publications in

the field. This overview illustrates the scarcity and significance of additional studies exploring the political participation of youth—a central task of the present article.

By highlighting the diversities within youth, we counter certain prevailing perceptions, particularly those rooted in common sense, which regard youth as homogeneous blocs. According to this common perception, youth are predominantly composed of white males and students who show little interest in politics, and when they do engage, they take to the streets with progressive ideals.

In contrast to these views, we demonstrate in this text how youth are diverse in their composition and political practices. The primary intention of the text is to address the importance of these diversities as one of the central lessons for youth on how to enhance our democratic system.

In contrast to these views, we demonstrate in this text how youth are diverse in their composition and political practices. The primary intention of the text is to address the importance of these diversities as one of the central lessons for youth on how to enhance our democratic system.

Methodologically, this research is qualitative and involves a bibliographic review. Published articles on youth were reviewed using the tools available on the Scielo platform. Scielo (Scientific Electronic Library Online) is an essential platform for academic research and the dissemination of scientific knowledge in Brazil and Latin America. We utilized this platform to search for articles on youth and employed its filters, such as year of publication, field of knowledge, journal name, and most cited articles, to detail the areas in which studies on youth are published, as well as the main approaches utilized.

In a more detailed manner, Section One of the present work presents a mapping of how youth are addressed in the scientific literature. This task was accomplished through a consultation of scientific articles available in the Scielo database (Latin America) that contained the word “youth” in the title or abstract, resulting in over 11,000 works. We first analyzed the years in which these articles were published. Subsequently, we examined the ten main areas that publish works on youth, the ten leading journals, and a summary of the content of the ten most cited articles. To conclude this section, we briefly revisited critical authors in the field of youth studies. This search and analysis of the literature on the field of youth served to situate the main themes and highlighted the scarcity of studies on political participation.

After providing a more general contextualization of the works in the area of youth, the second section of the work focuses on the primary subject of this study, which is to address aspects of political participation among youth. We anticipated that the research conducted on Scielo would yield works discussing political participation among youth in a more general context. However, as demonstrated in Section One, the majority of the available works in Scielo are concentrated in the health field, while those in the social sciences tend to focus on case studies with few overarching reflections on the field.



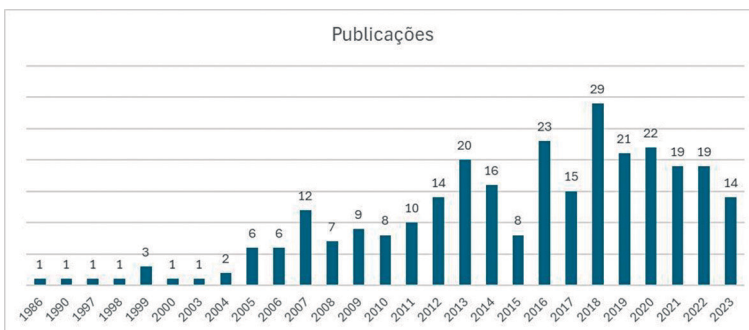
In light of this limitation, texts regarding youth political participation were selected based on individual knowledge. We selected texts that explore aspects of youth political participation that we consider important for a review of the subject, specifically: the presence of youth in protests, rejection of institutional politics, their right-wing positions within the political and ideological spectrum, and their affiliation with collective organizations. We conclude the second section by highlighting some lessons from youth on how to enhance democracy through the inclusion of diversity in collective decision-making processes. The choice of topics addressed within the realm of possible political participation among youth was intentional: the objective was to emphasize the importance of recognizing the diversities of youth and the significance of their inclusion in collective decision-making.

## 1. Studies on Youth

In this section, we provide an overview of the bibliographic production concerning youth, based on the articles available on Scielo related to young individuals. Specifically, we demonstrate the growth of scholarly works, the primary areas and journals in which they are published, and the content of the most cited articles. Additionally, we mention key authors in the field of youth studies, even if their works were not among the most cited in the search mechanism utilized in the present research, Scielo.

The social construction of youth, particularly as subjects of rights, is a recent and evolving phenomenon. Evidence of the increasing reflection on youth can be seen in the growth of scientific articles published on this demographic, notably from 2005 onwards. A search on the Scielo website for articles containing the term “youth” yielded over 11,000 works. We categorized a portion of these works according to the year of publication. The results are presented in Graph 1.

**Graph 1** – Number of Articles on Youth by Year of Publication



Source: Adapted from Scielo, 2024.

**Graph 1** illustrates the number of publications concerning youth from 1986 to 2023, highlighting a significant increase in production starting in 2005. Until 2004, the number of publications remained low and stable, with only a few years recording more than one or two publications. From 2005 onwards, there is a notable rise, with peaks in production occurring in 2012 and 2014, reaching 20 and 23 publications, respectively. The year 2018 marks the apex, with 29 publications, followed by stabilization at elevated levels in subsequent years, ranging between 14 and 22 publications.

The increase in articles related to youth can be attributed to at least three factors. First, the number of scientific articles has grown as part of the publication requirements imposed on researchers and postgraduate programs. Second, the rise in publications within the field of youth studies reflects an increasing interest in the topic. Third, youth and the concept of youth itself constitute a recent social and political category. The need for a specific focus and the development of public policies for youth has emerged from social movements within the field. Due to the relationship between the activist community and the federal government led by the Workers' Party (PT), regulations were established for youth, the most significant of which is the Youth Statute, enacted in 2013. This indicates that the political category of youth formally entered the realm of public policies in Brazil just over ten years ago.

Furthermore, research conducted on the Scielo website regarding publications in this field reveals that scientific works on youth are produced across various disciplines and aspects, among which the field of health stands out.

Specifically, we filtered the publications about youth on the Scielo site according to the thematic areas defined by the Web of Science. The results identified the ten primary areas publishing research on youth, namely: Health (1825 articles), Sciences (1805), Multidisciplinary (1539), Educational (1279), Research (1250), Education (1248), Environmental (1004), Public (946), Psychology (945), and Occupational (938). These data unveil the diverse possibilities for interpreting youth and how they have been addressed, particularly within the fields of health and education.

It is important to consider that the substantial number of articles published on youth within the health sector can, in part, be attributed to the fact that this field produces more articles than others. Similarly, the significant volume of publications in the area of education relates to its size; however, in this case, one explanation is that the educational system is predominantly composed of children, adolescents, and young people.

The prominence of the health and education sectors becomes even more evident when we examine the journals that publish the most articles on youth. To this end, we filtered the results found in Scielo based on the journals in which the articles were published. The ten journals with the highest number of publications

concerning youth are as follows: *Ciência & Saúde Coletiva* (432), *Cadernos de Saúde Pública* (409), *Revista de Saúde Pública* (268), *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* (261), *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* (247), *Última Década* (191), *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano* (119), *Revista Brasileira de Epidemiologia* (112), *Saúde e Sociedade* (112) and *Ciência Rural* (98). An examination of the journal titles further underscores the predominance of the health sector in studies on youth.

However, the selection of these journals reveals an interesting aspect: youth constitutes a specific field of study and publication. Two journals in the social sciences specifically focus on youth. The *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* (ranked fourth for publications on youth) is dedicated to children and youth from the perspective of the social sciences; it is published by the *Centro de Estudos Avançados em Infância e Juventude* (Cinde) and the University of Manizales (Colombia). In turn, the *Revista Última Década* (ranked seventh for articles on youth) is published biannually by the Center for Youth Research and Action, part of the Department of Sociology at the Faculty of Social Sciences at the University of Chile. It is noteworthy that these two journals, dedicated specifically to the field of youth studies, publish works in the area of social sciences, highlighting the significance of this field of reflection in studies on the subject.

We also selected the ten most cited works from Scielo that included the word “youth” in their abstracts. Generally, the most cited articles address the following themes (in descending order): public health, psychology, sociology, and cultural studies.

Detailing the content of the ten, most cited articles on youth, some of them address health issues, ranging from mechanisms of brain injury associated with trauma to the use of substances such as ecstasy (MDMA) and their pharmacological and toxic effects. Another central theme in the most cited articles is the vulnerability of young people in contexts of poverty, where they are frequently exposed to various forms of violence and social exclusion. The transition of youth to adulthood, particularly regarding work and education, is another significant focus. Cultural and religious influences are also examined, especially concerning how they shape youth behavior. Finally, although less directly focused on youth, some articles touch on the issue of population aging and its social implications. There is a notable lack of studies on the political participation of youth.

Notably, well-known authors in the field of youth studies and social sciences, such as Miriam Abramovay, Regina Novaes, Helena Abramo, José Machado Pais, and Maria da Glória Gohn, did not appear in this search. However, given the importance of these scholars, we consider it crucial to mention them in this work. Miriam Abramovay is a pioneering sociologist in research on school violence and youth in Brazil, highlighting the connection between social exclusion and violence

in schools. Regina Novaes, an anthropologist, is recognized for her research on youth and religiosity, which is fundamental to understanding the relationships between youth, culture, and religion in contemporary Brazil. Helena Abramo has distinguished herself through the study of youth cultures, analyzing how young people construct identities and resistances through music, fashion, and language. José Machado Pais is a Portuguese sociologist known for his work on youth transitions to adulthood, exploring the importance of culture and leisure in shaping youth identities. Finally, Maria da Glória Gohn is a fundamental reference in youth studies, significantly contributing to understanding youth mobilizations and their social dynamics in Brazil.

In summary, the overall review of works in the field of youth studies indicates that it is a recent and growing field, particularly emphasizing the health sector, which has many publications on the physical and mental health of young people. The field lacks reflections on political participation, a task we undertake in the following section.

## 2 Some Aspects of Youth Political Participation

Following the general review of the field in which works on youth are published, we now turn to discussing some aspects of their political participation. Specifically, we address the importance of youth participation in protests and elections, the diversity of political ideologies, contemporary forms of political mobilization exemplified by collectives, and the teachings of youth regarding the importance of including diversity in collective decision-making. These aspects were intentionally chosen given that the central objective of this article is to highlight that, in the realm of political participation, it is essential to consider the diversity of youth as well as their inclusion in collective decisions.

### 2.1 Protests

Although a certain perspective insists on associating young people with political apathy, the history of youth organizations' participation in significant events demonstrates their active and vital mobilization.

To cite a few examples of youth participation in street protests, the National Union of Students (UNE) played an important role in notable events such as: the struggle against the military dictatorship in the mid-1960s; the large marches known as “*Diretas Já!*”, which called for direct elections for executive positions in the period leading up to the redemocratization; the protests known as “*caras pintadas*”

against the corruption of former President Fernando Collor de Mello's government in 1992; in 2013, during the "*Jornadas de Junho*" (June Journeys), when thousands of Brazilians took to the streets in favor of social rights and against the exclusionary and ineffective nature of parliamentary politics; in the occupations carried out by students in universities and high schools in defense of education in 2016; and in the protests of 2019 (the last before the pandemic), when young students took to the streets against the budget cuts announced by the Ministry of Education that year, already under President Bolsonaro's administration. Even the pandemic could not contain the active political struggle of youth, who took to the streets in protests advocating for vaccination (Perez; Vommaro, 2023).

In the largest cycle of protests in Brazil's recent history, in June 2013, youth, alongside thousands of Brazilians, took to the streets with diverse agendas that included the right to the city, the recognition of rights for women, Black individuals, and the LGBTQIA+ community, as well as criticisms of a corrupt state incapable of guaranteeing social rights (Perez, 2021).

Protests did not cease in June; on the contrary, they multiplied. The streets revealed a contestation surrounding more left-leaning or right-leaning political and ideological projects: on one side, leftist demonstrators defended the Workers' Party, rights for groups more subjected to social oppression, and broadly, democracy itself; on the other side, supporters of the project represented by former President Jair Bolsonaro attacked leftist agendas and democracy itself (Perez, 2021).

However, the streets are not the only form of political participation for youth, although they are an important space often associated with being the primary locus of political action for young people.

## **2.2 Youth, Political Parties, and Elections**

A certain critique of potential apathy among youth may lead one to believe that they are uninterested in elections and that their participation would not significantly impact electoral outcomes. However, in Brazil, individuals aged 16 to 29 account for 24% of the electorate, which means that nearly a quarter of all voters were aged within this bracket in 2022.

Youth engagement in elections is already evident and can be further encouraged. For instance, at the beginning of 2022, the Brazilian Superior Electoral Court (TSE) began to publicize data indicating a decline in young voters' interest, which had decreased from 4 million to fewer than 900,000 in a span of ten years. Initiatives to stimulate voting among individuals under 18 years of age were promoted by the TSE and embraced by society. Consequently, by the end of 2022, there were 2,116,781 eligible voters aged 16 and 17 who were registered to vote using electron-

ic voting machines, representing over 1.3% of the national electorate. This figure marked a 51% increase in potential voters compared to 2018, when this age group totaled 1.4 million voters (0.95% of the total) (TSE, 2023). In March 2022 alone, at the peak of media campaigns, 290,000 adolescents registered to vote, reflecting a 45% increase from the previous month (G1, 2022). These results indicate positive signs regarding young people's interest in elections.

Research indicates that young people are not disinterested in politics per se; rather, they are disengaged from the manner in which political parties operate (Araújo; Perez, 2021). The rejection of political parties has manifested itself as antipartisanship (unfavorable sentiments and rejection of any political party). Youth antipartisanship relates to negative experiences with political parties and the historical formation of democracies, which leads to a diminished perception of the necessity for the existence of political parties among voters (Araújo; Perez, 2021).

In addition to this explanation, youth particularly harbor suspicions toward political parties for other reasons. One such reason is the difficulty of entering these institutions, which are dominated by individuals who fit the profile of the political elite: predominantly white, older men from wealthier social classes and regions. In fact, the presence of young federal deputies (aged up to 29 years) in the Brazilian Parliament remains limited: of the 513 members of the current legislature, only 18 are young. This statistic underscores young people's challenges in gaining representation in arenas dominated by older adults, such as Parliament.

Another factor contributing to this mistrust of parties is the ongoing campaigns against the largest and most influential party: the Workers' Party (PT), which has facilitated the election of five of the six presidents elected in the past 20 years. It is important to note that in 2011, corruption cases involving the PT were adjudicated and broadcast on open television, receiving extensive media coverage. As a consequence of that context, political parties became associated with the PT and its corruption scandals. This association is one of the seeds of the largest cycle of protests during Brazil's democratic period: June 2013 (Perez, 2021).

The protests of June 2013 revealed intense criticisms regarding the manner in which politics is conducted within traditional arenas, particularly by political parties. Indeed, many demonstrators expressed hostility toward the presence of political party banners during the June protests (Perez, 2021).

Nevertheless, this distrust has not succeeded in diminishing the prominence of youth within political parties and elections. A notable example is the election of young politicians such as Nikolas Ferreira, who was elected as a federal deputy in the most recent election, receiving 1.47 million votes, making him the most-voted federal deputy in Brazil and the history of Minas Gerais.

### 2.3 Youth and Political Ideology

The emphasis on the diversity of youth should also serve as a guide for analyzing their political behavior, particularly in terms of ideological alignment. Due to their involvement in social movements and significant moments of progressive political transformation, a certain perception has developed that youth consistently align with leftist ideologies and act as revolutionary agents. Literature on youth has reproduced and reinforced this perception. Indeed, early studies on youth tended to address the subject through the lens of social transformation, viewing youth as either a central or, at least, a relevant actor in social movements and the revolutions of social behavior patterns (Melucci, 2001).

However, in the last decade, the participation of youth has become increasingly evident not only in leftist social movements but also in reactionary and conservative movements. For instance, in Brazil, during the mid-2015 and 2016 period, the Free Brazil Movement (Movimento Brasil Livre, MBL) gained considerable prominence in Brazilian politics as it organized numerous demonstrations advocating for the impeachment of former president Dilma Rousseff (PT).

The election of young federal deputies also illustrates the political diversity among youth: individuals affiliated with right-wing and left-wing parties have been elected.

To highlight this diversity, we will name the young federal deputies (aged up to 29 years) elected in 2022, categorizing them according to their party ideologies. Among the leftist young deputies is Tabata Amaral from the Brazilian Socialist Party (PSB), Pedro Campos, also from PSB, Dandara from the Workers' Party (PT), and Camila Jara, also from PT. On the right, we have Nikolas Ferreira, André Fernandes, Matheus Noronha, and Ícaro de Valmir, all from the Liberal Party (PL), in addition to Neto Carletto, Amanda Gentil, and Lula da Fonte from the Progressives (PP), and Emanuelzinho from the Brazilian Democratic Movement (MDB). On the far-right, we find Kim Kataguirí and Yandra de André, both from *União Brasil (UNIÃO)*, and Pedro Aihara from the *Patriota (PATRIOTA)*. Amom Mandel from *Cidadania (CIDADANIA)* and Maria Arraes from *Solidariedade (SOLIDARIEDADE)* occupy positions in the center-right.

These data challenge the prevailing perception that associates youth primarily with the left, as there is a significant presence of deputies on the right. The results also confirm the central argument of this article: that youth are diverse. What may be most surprising is the almost equitable division between young individuals who identify with leftist and rightist ideologies. According to studies by Araújo, Barros, and Perez (2023), based on the 2020 Latinobarómetro data, in Brazil, there is a small difference between youth identifying as left (25%) and those identifying as right (20%). Thus, the association of youth with leftist ideologies does not hold when we examine empirical reality and scientific data.

However, it is also important to note the presence of youth who position themselves at the center, nearly half (49.2%) of the young respondents in the 2020 Latinobarómetro survey (Araújo, Barros, and Perez, 2023). This centrist stance may reflect a genuinely moderate opinion or, alternatively, difficulty identifying with specific ideological categories.

Another crucial aspect is the fear many young people experience when considering political engagement. Carrano (2024) argues that the increasing political polarization in Brazil creates a hostile environment for young people wishing to express their political views. Many youths fear social rejection, leading them to avoid political debates, particularly on social media, where discussions often become more aggressive. Another point highlighted by the author is the fear of reprisals, both in family and social contexts. Young people feel that their opinions may be misinterpreted or that they could face negative consequences for expressing their political beliefs, prompting them to adopt a stance of silence or neutrality.

In this context, it is essential to mention that in Brazil, with the rise of a right-wing political project, there has been a strengthened push for censorship against leftist ideals. Particularly in schools, initiatives such as “*Escola Sem Partido*” (“School Without Political Parties”) and the prohibition against discussing so-called “gender ideology” have resulted in both veiled and, at times, explicit censorship. Discussions of leftist topics in schools, such as feminism and, more broadly, social inequality reduction, have become fraught with caution and apprehension.

Under Jair Bolsonaro’s government (2018–2022), Brazil experienced a period of censorship and suppression of basic civil rights. The country is now in a phase of reconstruction, coexisting with the authoritarian legacies of that period. Nevertheless, many young people continue to embrace their historical role by taking a stand, as seen in their presence both on the streets and online, where they challenge behaviors that perpetuate various social inequalities, such as sexism and racism.

## 2.4 Collectives

The diversity of youth is also reflected in the ways they organize politically. Youth align themselves with social movements, political parties, and, more recently, organizations referred to as collectives. It is crucial to examine collectives because they demonstrate the diversity of political engagement forms among youth and foster this diversity by involving it directly in organizational decision-making processes.



Although no single definition captures the various types of organizations labeled as collectives, they are typically characterized by more fluid and horizontal forms of political mobilization (Perez; Souza, 2020).

This type of organization began to proliferate following the June 2013 demonstrations. The youth who participated in June 2013 criticized the way politics was conducted within traditional organizations, such as political parties. These traditional organizations were seen as overly hierarchical, centralized, and lacking in inclusivity. To overcome these limitations, youth have been organizing in a more horizontal manner through collectives. Many young people, having been politically socialized during the 2013 protest cycle, adopted this form of organization (Perez, 2019).

Generally, collectives advocate for the inclusion of diversity within the realm of rights and political decision-making. They do so by focusing on groups with more limited access to rights, such as women, Black individuals, the LGBTQIA+ community, young people, and those living in peripheral communities (Rios; Perez; Ricoldi, 2018). This advocacy is expressed, for instance, through exposing rights violations that highlight sexism, racism, and LGBTQIA+ discrimination, as well as through actions aimed at safeguarding and advancing these rights.

Additionally, collectives believe that these populations (women, Black individuals, the LGBTQIA+ community, young people, and residents of peripheral areas) should be actively involved in organizational decision-making. For these youth, it is not enough for the state to secure rights (though this is essential). Expanding the concept of inclusion, collectives argue that marginalized groups should have the opportunity to make decisions on significant issues across all organizations, including those collectives to which they belong (Perez; Souza, 2020).

Thus, collectives demand not only the inclusion of the broader population within the sphere of social rights but also their participation in all collective decision-making processes—making them pioneers in enabling such inclusion. There is an insistence that organizational structures allow for the inclusion of groups traditionally excluded from political decision-making. These demands are not merely rhetorical: the collectives themselves are structured to facilitate the participation of these groups in a collective and horizontal manner.

Consequently, today's youth are organizing politically in ways that differ from previous generations' traditional structures, such as political parties, which many young people view as excessively hierarchical, bureaucratic, and therefore inefficient (Perez; Souza, 2020).

However, the formation of collectives does not mean that young people do not affiliate with political parties or traditional organizations. Instead, it reflects a critique of these entities and an attempt to transform them, even from within. This is evidenced by the presence of feminist and Black collectives within political parties, which also illustrates the diversity of political engagement among today's youth.

## **2.5 The Importance of Diversity for Enhancing Democracy**

Youth have been demonstrating that diversity is essential to understanding social inequalities. Additionally, they have shown that diversity is key to improving the democratic system.

Exploring these insights further, young people indicate in various studies (Perez; Souza, 2020) a realization that democratic institutions have not been, and are still not, sufficient to substantially improve their lives. In other words, while Brazil may have progressed in terms of electoral democracy, it has not yet developed a substantive democracy capable of reducing widespread and varied social inequalities.

These perceptions are partly explained by the intense mobilization of civil society in Brazil, which has highlighted that social inequalities extend beyond social class and intersect with gender, race, sexuality, generation, and region (Perez; Ricoldi, 2023). Young people, upon recognizing that democratic institutions perpetuate exclusions and replicate structures such as racism and sexism in Brazil, develop a strong sense of disillusionment with these institutions.

Thus, youth reveal the shortcomings of our democratic system and point to solutions. The democratic regime could be improved through transforming institutions to become more horizontal and inclusive. This inclusivity would involve both the realm of rights and the sharing of critical organizational decisions with the majority of the Brazilian population—women, Black individuals, LGBTQIA+ individuals, young people, and residents of peripheral communities.

Institutions should take inspiration from collectives, which are characterized by a commitment to inclusivity. Collectives operate in a more horizontal structure with reduced emphasis on leadership, allowing all members to participate in collective decision-making (Perez; Souza, 2020). This organizational model would overcome the limitations of more traditional structures, like political parties, that are often criticized for being closed-off and hierarchical.

Bringing these two messages together, young people are pressing political organizations to open themselves to the diversity of the Brazilian population. They teach that all collective decisions, especially the most significant ones, should include those most impacted by the presence or absence of public policies. This advocacy for incorporating diversity in collective decision-making can be understood as the democratization of institutions.

The democratization of institutions would be achieved through the inclusion of diverse groups (women, Black individuals, young people, residents of peripheral areas, LGBTQIA+ communities) in the collective decision-making of all organizations.

This population, often referred to as “minorities,” is, in fact, the majority. As such, they should participate in the decisions that directly affect their lives, according to the teachings of youth organized in collectives.

Through democratization, institutions would be able to make decisions and implement actions that are more aligned with the realities of the majority population since these individuals would be involved in those decisions. This approach would yield more effective actions, as the perspectives would inform them of those with less access to rights.

With the democratization of institutions, a substantive democracy could be achieved, one capable of reducing social inequalities and ensuring rights for all. Achieving this form of democracy would encourage youth and the broader population to support such a regime. Thus, the solution to constant right-wing attempts at coups and disruptions lies in pursuing a different ideal of democracy, one that is more inclusive and collective.

## **Final Considerations**

This study provides a general overview of publications on youth, revealing the dominance of the health sector. The lack of research on youth and politics underscores the need for further studies in this direction. We suggest expanding forums for discussions on youth within the social sciences.

Our work also highlights the importance of recognizing the diversity among young people and their varied forms of political participation. Young people have exemplified diversity’s value, which should remain a key perspective in reflection and action within the social sciences.

What we wish to underscore most in this study are the lessons young people impart on social inequalities and ways to address them. Youth have shown that inequalities stem from the fact that most of the population—women, Black individuals, LGBTQIA+ people, young individuals, and residents of peripheral areas—are not included in key decisions affecting the collective. Using the concept of “place of speech,” these young people have been compelling older generations to adopt new ways of thinking and acting that demand democratization across all power structures.

Indeed, these changes are neither simple nor immediate. Including the majority of the population in decision-making positions requires those currently in power to open themselves up to groups they may not be accustomed to working with. The first step is to adopt an open stance toward what youth have to teach. Most importantly, it is essential to include young people in political and collective decisions.

We therefore suggest that young people be heard and included in discussions that are part of their daily lives, as well as in others, recognizing that they offer valuable insights into how political practice can lead to a more just society. According to the teachings of young people, a fairer society must be built by including diversity, which includes the youth themselves.

We believe that, if the voices and suggestions of young people regarding the inclusion of diversity within institutions—what we term the democratization of institutions—are heeded and implemented, our system could progress toward a democracy that substantively reduces various social inequalities.

## REFERENCES

ARAÚJO, R. O.; BARROS, R. F.; PEREZ, O. C. Jovens de direita e esquerda em uma perspectiva comparada Brasil e Argentina. **Millcayac**, v. X, p. 1, 2023.

ARAÚJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Juventudes e Cultura Política: ideologia como marcador social de diferença entre os jovens. **Cronia**, v. 19, p. 79-87, 2023.

ARAÚJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, 2021. DOI: 10.52780/res.14764. Available at: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14764>. Accessed in: 10 sep. 2024.

BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013. Available at: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm). Accessed in: 10 sep. 2024.

BRESSER-PEREIRA, L. C. O Paradoxo da esquerda no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, 76, 2006. Available at: <https://www.scielo.br/j/nec/a/CfL4dNDJTGmPcFtTWzHDkqs/?lang=pt>. Accessed in: 10 sep. 2024.

CARRANO, P. Juventude e política: entre o silêncio e a ação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 102, p. 45-62, 2024.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

G1. Número de jovens de até 17 anos que tiraram título de eleitor cresce 45% de fevereiro para março. **Jornal Nacional**, 2022. Available at: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/05/numero-de-jovens-de-ate-17-anos-que-tiraram-titulo-de-eleitor-cresce-45percent-de-fevereiro-para-marco.ghtml>. Accessed in: 10 sep. 2024.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREZ, O. C. Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. **Izquierdas**, São Paulo, v. 1, p. 1-16, 2021.

PEREZ, O. C. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, São Paulo, n. 25, p. 577-596, 2019.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, São Paulo, v. 31, p. 1-13, 2023. Available at: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3D7wFT8QmwRfJMv38PrG4tN/#>. Accessed in: 10 sep. 2024.

PEREZ, O. C.; SOUZA, B. M. Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, (01): 1-19, 2020.

PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Pautas da juventude estudantil no Brasil e na Argentina durante a pandemia. **Civitas**, Porto Alegre, v. 23, 2023.

RIOS, F.; PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 22, p. 36-51, 2018.

TSE. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Campanhas da Justiça Eleitoral contribuem para crescimento do voto jovem. 2023. Available at: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Julho/campanhas-da-justica-eleitoral-contribuem-para-crescimento-do-voto-jovem>. Accessed in: 30 jan. 2024.

VOMMARO, P. **Juventudes y políticas en la Argentina y en América Latina**: tendencias, conflictos y desafíos. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2015.

## ACKNOWLEDGEMENTS

To CNPQ for the research productivity grant.

**Received on:** 30/06/2024

**Approved:** 06/08/2024



YOUTH, PROTESTS AND COLLECTIVE ACTION:  
AN PROTEST EVENT ANALYSIS IN BRAZIL

*JUVENTUDES, PROTESTOS E AÇÃO COLETIVA:  
UMA ANÁLISE DOS EVENTOS DE  
PROTESTOS RECENTES NO BRASIL*

*JUVENTUD, PROTESTAS Y ACCIÓN COLECTIVA:  
UN ANÁLISIS DE EVENTOS DE  
PROTESTA EN BRASIL*

*Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior\**

*Joana Tereza Vaz de Moura\*\**

*Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira\*\*\**

**ABSTRACT:** This article aims to contribute to studies on collective action, youth, and social movements, by analyzing the protests and mobilizations employed by youth organized in movements, organizations, and political parties, but also the actions carried out by youth not included in these groups. To do this, we used the Protest Event Analysis (PEA) methodology to understand the tactics used, the main demands of these protests, the organizations and movements present, and where these protests are most concentrated. We used a database built from media reports on youth demonstrations and protests between January 2022 and January 2024. We found that the southeast was the region with the highest number of youth protests, most of them involving education. We also highlight that the demands are related to specific policies, with the state as the main actor.

**KEYWORDS:** *Youth. Protests. Social movements. Collective action.*

\* Doctoral Candidate in Social Sciences in Development, Agriculture, and Society at the Federal Rural University of Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). CNPq Scholarship Holder. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5553-6625>. Contact: [marcosfreire@ufrj.br](mailto:marcosfreire@ufrj.br).

\*\* Doctor of Political Science from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor at the Institute of Public Policies of the Federal University of Rio Grande do Norte (IPP/UFRN), and the Graduate Program in Urban and Regional Studies at the Federal University of Rio Grande do Norte (PPEUR/UFRN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9561-1063>. Contact: [joanateresa@gmail.com](mailto:joanateresa@gmail.com).

\*\*\* Master in Urban and Regional Studies from the Federal University of Rio Grande do Norte (PPEUR/UFRN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4661-2155>. Contact: [pedrohcorreiano@gmail.com](mailto:pedrohcorreiano@gmail.com)

**RESUMO:** *O presente artigo visa contribuir com os estudos acerca da ação coletiva, juventudes e movimentos sociais, analisando os protestos e mobilizações empregadas pelas juventudes organizadas em movimentos, organizações, partidos políticos, mas também as ações realizadas pelas juventudes não inseridas nesses grupos. Para isso, utilizamos a metodologia de Análise de Evento de Protesto (AEP) a fim de compreendermos as táticas utilizadas, as principais demandas desses protestos, as organizações e movimentos presentes e onde esses protestos mais se concentram. Utilizamos um banco de dados construído a partir de notícias veiculadas na mídia sobre as manifestações e protestos das juventudes entre janeiro de 2022 e janeiro de 2024. Observamos que a região sudeste foi onde mais teve registros de protestos das juventudes, sendo, em sua maioria, protestos envolvendo o tema da educação. Destacamos ainda que as demandas se relacionam às políticas específicas, portanto, tendo o Estado como o principal ator reivindicado.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Juventude. Protestos. Movimentos sociais. Ação coletiva.*

**RESUMEN:** *Este artículo pretende contribuir a los estudios sobre acción colectiva, a los jóvenes y movimientos sociales, tomando como fuente de análisis las protestas y movilizaciones llevadas a cabo por jóvenes organizados en movimientos, organizaciones y partidos políticos, como también, las acciones realizadas por jóvenes que no forman parte de estos grupos. Para ello, utilizamos la metodología Análisis de Eventos de Protesta (PEA) para conocer las tácticas utilizadas, las principales reivindicaciones de estas protestas, las organizaciones y movimientos presentes y dónde se concentran más estas protestas. Utilizamos una base de datos construida a partir de informes de los medios de comunicación sobre manifestaciones y protestas juveniles entre enero de 2022 y enero de 2024. Observamos que el sudeste fue la región con mayor número de protestas juveniles, la mayoría de ellas relacionadas con la educación. También, destacamos que las reivindicaciones se refieren a políticas específicas, con el Estado como principal actor.*

**PALABRAS CLAVE:** *Juventud. Protestas. Movimientos Sociales. Acción colectiva.*

## **Introduction**

In light of the social and political changes experienced by Brazilian society in recent years and considering the emergence of new issues in the political arena, youth have played a prominent role in protest mobilizations on various issues,



including environmental concerns, labor, education, human rights, and others. The various dimensions of political action taken by young people engaged in social movements and organizations constitute a vast field for analysis, providing insight into how youth have positioned themselves in relation to the most pressing issues in society.

In Brazil, youth as a social category gained significance during the repression of the military regime by leading mobilizations and resistance efforts against the dictatorship, which became nationally recognized. During this period, the student movement emerged as a primary unifier of these mobilizations, broadening its issues beyond education-related concerns. With the democratization process of the 1980s, youth continued mobilizing, and the 1990s saw a significant increase in young people participating in unions, associations, social movements, and other organized groups. Mische (1997) termed this phenomenon “multiple militancy,” defined as the simultaneous participation of young people from the student movement in more than one organization, forming personal and organizational networks that shaped the youth political culture in Brazil.

Simultaneously, the 2000s witnessed a visible presence of youth within the formal political institutions of the executive branch (national secretariats, ministries, councils, etc.) (Moura; Silva Júnior, Silva, 2021), while youth also took a leading role in social movements, driving collective actions primarily aimed at demanding specific public policies for young people. Whether through street protests, student occupations, or the integration of movements within the state apparatus, youth social movements have diversified their repertoires based on the social, political, and contextual transformations of recent years. This factor aligns with the concept of multipositioned militancy (Marques, 2023), understood as a reflexive approach by activists toward the functioning of institutions, through a relational perspective, that is, the ability of individuals to position themselves within institutional spaces based on structural and temporal contexts and conditions that afford them a certain degree of agency.

When discussing the idea of participation in Brazil, Gohn (2019) highlights how participation has materialized at different moments in the country and emphasizes youth activism during the June 2013 protests. These protests appear to have redefined youth participation in the country’s political landscape, further amplifying the visibility of youth issues while strengthening tactics of direct action and street protests. Additionally, the generational and territorial diffusion of social networks appears to be a driving force in new mobilizations (Gerbaudo, 2021), whether in rallying protests or in reorganizing tactical approaches, facilitating campaigns and protests beyond traditional street demonstrations.

The wave of protests led by youth in the early 2010s on a global scale relates to generational struggles for economic, social, and political autonomy (Honwana,

2014). According to Honwana (2014), the protests led by young people also reflect the political marginalization faced by this demographic, prompting youth to move beyond individual and isolated social and political acts of protest and instead focus efforts on collective protest actions.

In analyzing cycles of protest in Brazil, Tatagiba (2014, p. 39) states that the protests of June 2013, Diretas Já, and Fora Collor, predominantly comprised of young people, revealed “a new configuration between institutional and contentious politics, forged in turn in the wake of profound changes in patterns of interaction between social movements, the State, and political parties over the past 30 years.” In other words, for Tatagiba (2014), these protest movements in Brazil, and their forms, are linked to the political contexts that shaped the relationship between movements, the State, and political parties, even though they do not share the same historical events or formative processes.

Protests have become the dominant language of popular participation in the 21st century, and particularly over the past four years, there has been a notable rise in “massive protests.” This explosion of mass protests has been observed across various countries and has become the new norm in political participation (Alvarez, 2022). Despite the pandemic and social restrictions, protest activity remained vibrant in the political sphere, as evidenced by major protests against police violence that began in the United States and spread globally in 2020. Street protests (marches, rallies, demonstrations) not only persisted throughout the health crisis but have continued as the primary approach of social movements (Alvarez, 2022).

The aim of this article is to provide an overview of recent youth protests in Brazil, as well as to illustrate the tactics and strategies of these mobilizations, the key organizations and movements driving them, their principal demands and targets, and, secondarily, to observe the spatial dimensions of these protests. In an effort to contribute to the research agenda investigating collective action, protests, and youth in Brazil, we methodologically anchor our work in Protest Event Analysis (PEA), a quantitative methodology that systematically maps protest events within a spatial and temporal framework, taking into account political context changes that influence protest patterns. We introduce our developing database by analyzing two years of protests, totaling 121 events occurring between January 2022 and January 2024.

The article is divided into three sections, alongside this introduction and the final considerations. In the first section, we detail the research’s methodological approach; in the second, we introduce the theoretical framework concerning studies on protest and collective action; and in the third, we present our research findings in dialogue with the current literature.

## **Methodological Procedures**

This article examines protests organized by Brazilian youth, whether within social movements or independently. To achieve this objective, we employ Protest Event Analysis (PEA) as our methodology. PEA enables researchers to systematically map protests in a given spatial-temporal frame, allowing for an understanding of the broader dynamics of collective actions. Developed within the Political Contention approach (McAdam; Tarrow; Tilly, 2009), PEA originated in the 1960s and has since evolved through four generations of studies, which have theoretically and empirically refined the method (Hutter, 2014).

According to Hutter (2014), PEA is a quantitative form of content analysis that converts words into numbers. It was conceived within the political process theory framework. PEA allows for the mapping of protest occurrences and characteristics, taking into account geographical aspects (from local to multinational levels), demands, movements, and temporal factors (Hutter, 2014).

In Brazil, a greater number of studies utilizing this methodology emerged in the 2000s (Silva; Araújo; Pereira, 2016). PEA (Protest Event Analysis) has gained traction in the field of social movement studies as it enables the creation of protest event catalogs based on variables relevant to the specific research employing it. For this methodology, a protest event is characterized by the participation of two or more individuals in disruptive actions, must have a specific demand or a target at whom the protest is directed, and is recorded from the moment it is called.

The database supporting this study was populated using news articles from newspaper and magazine websites collected through the Google Alerts tool, with the following keywords: *i) youth social movements; ii) youth protest; iii) youth mobilization*. This methodological choice, to capture news from a range of newspapers and sites rather than from a single newspaper, was motivated by the need to overcome one of the limitations of the methodology, namely, the selectivity and bias of sources from one or a few media outlets (Hutter, 2014).

By expanding the range of news sources to include a wide variety of portals and sites, including local newspapers, the research aims to address the issue of editorial and regional bias, also noted by Tatagiba and Galvão (2019), by capturing news published across various formats (mainstream media, regional/local newspapers, large traditional media outlets, amateur newspapers, etc.) and in multiple locations throughout the country.

The identified news articles are organized in the database using the following variables: *i) headline (news title), ii) date of action (covariates: year and month), iii) location (covariates: region, state, and municipality), iv) type of protest, v) theme, vi) claimants, vii) targets, viii) source, and ix) access link*. Currently, the database (still under construction) includes articles published from December 2021 onward.

These articles are related to actions undertaken by organized youth, whether in social movements or organizations, or in mobilizations without mention of specific movements.

In the “claimant” variable, the following social groups were identified: youth movement, student movement, Indigenous youth, rural youth, partisan youth, environmentalist youth, labor movement, Black movement, Quilombola youth, and Palestinian youth. Notably, some considerations should be made regarding the categories of actors involved in the protests (claimants): we understand “youth movement” to include organizations, movements, and collectives of young people with a pre-existing organizational structure around the protest event and containing general agendas, such as the *Levante Popular da Juventude*. Protest events without a reported organizing movement were categorized as “no movement presence” (NMP).

For the “type of protest” variable, the established categories were: march/demonstration, graffiti, roadblock, encampment, occupation, petition, verbal protest, fare-dodging, solidarity actions, visual protest, online campaign, public statement, vigil, and strike/work stoppage.

Only news articles in which youth played a central role—whether in the calling of the protest, its organization, or as claimants—were selected. Duplicate articles, articles from paid portals and sites, and those lacking detailed information on the protest event were excluded. For this article’s purposes, 121 protest events were recorded, covering the period from January 2022 to January 2024. It is noteworthy that this time frame also includes all five regions of the country in the territorial scope.

## Collective Actions and Repertoires of Confrontation

We understand collective confrontational action as the result of ordinary people organizing collectively and, with their resources, challenging political institutions (Tarrow, 2009). By understanding conflict as the primary mediator of collective action, proponents of political confrontation theory (Mcadam; Tarrow; Tilly, 2009) consider political opportunity structures, changes in government, structural political processes, and the involvement of political parties as central to collective confrontational action.

The authors of this approach view the repertoire of collective action as one of the core elements for understanding the forms and dynamics of mobilization. The repertoire is a form of social learning built through memories, social relations, and meanings, but it also has a historical character, emerging as the political outcome and accumulation of the movement itself (Mcadam; Tarrow; Tilly, 2009). The repertoire, therefore, consists of a limited set of actions historically established in the political field.

According to this theory, political confrontation is “larger” than social movements because it directly involves the State. Generally, the main authors of political confrontation theory regard social movements as only one form of collective action, focusing their efforts on studying political confrontation as they believe it is the mode of collective action that could bring substantial changes to the political field through “contentious” actions that alter political systems or influence government/ State structures.

Drawing from the experience of the French Revolution, Charles Tilly (2006) seeks to create a historical synthesis of political confrontation, concentrating more on the causes of collective actions. In this regard, this theory emphasizes the causality of mobilizations, highlighting mechanisms and processes as the pillars of mobilizations. These mechanisms include: *a) mediators, which are external agents like political parties, unions, intellectuals, etc.; b) certification, which ensures the authenticity of mediation, as in scientific studies; c) diffusion, understood as the spread of agendas; and finally, d) coalitions, which are groupings of actors, whether institutional or non-institutional.*

Regarding processes, these involve the formation of agent actors, meaning the shift from an individual scale to a collective level. Social movements are comprised of actors challenging the political system, individuals who gather around a challenging perspective, as they are outsiders to the formal political system. According to Tatagiba (2014), the structuralist approach of this theory requires a detailed analysis that considers the relationship between the various actors within the field of contentious politics, situated in contexts imbued with opportunities and threats to collective action.

Teixeira (2018) analyzes two analytical lenses for studying social movements: collective action and social reproduction actions. Collective action can be understood as the ways in which movements act publicly to express their claims and achieve their goals. Examples of these forms of collective action include marches, rallies, strikes, institutional participation, and others. Social reproduction actions, on the other hand, are activities and actions that build the conditions for collective actions and for the very existence and consolidation of social movements in the political arena.

Within the field of collective action, Alvarez (2022) views protest not merely as a tactic or repertoire of social movements, as posited by political confrontation theory, and argues for a greater theoretical focus on protests, especially on the particularities surrounding them, such as practices and discourses.

Protest is, therefore, much more than a repertoire, more than a spontaneous response to crises or the opening of political opportunities. Protests enact power, disrupt processes, renew both politics and the political sphere, and, in the words of

feminist theorist Barbara Cruikshank, protest makes history—and not only history makes protest. For all these reasons, I believe that protest itself, not subsumed within the study of social movements, certainly deserves more analytical attention and theoretical elaboration than it has received thus far (Alvarez, 2022, p. 114, our translation).

Alvarez (2022) draws attention to the performances and emotions, particularly the sense of belonging, within social movements. For the author, the discursive field represents a linguistic dimension of performances. This discursive dimension is shaped by shared and contested discourses, which reveal the asymmetries and power relations present within movements. Alvarez (2014) also views the social movement as a process embedded in a diverse and heterogeneous intersectional field, marked primarily by a wide array of individual and collective actors.

People are not merely ideas; they are interests (Latour *et al.*, 2018). Thus, the author urges us to focus more on “how and what” movements do and less on the “why.” In this regard, Latour *et al.* (2018) view social movements as producing effects and associations that provide the rationale, or the means, for mobilization, thereby structuring people for struggle and positioning them within the political arena.

When discussing the tactics and repertoires of movements, Pereira and Silva (2020) argue that activists build their identities from both their life paths and the movement itself, as well as through the tactics they employ. Thus, we understand that tactics, laden with meanings, emotions, and subjectivities, constitute a central element in the tactical organization of movements and protests, while also attracting new supporters and retaining longstanding ones.

In analyzing the protest events of African youth, Honwana (2014, p. 406) advocates for social sciences to pay more attention to “the silences of young people’s daily struggles outside formal political channels.” In the Brazilian context, it is also essential to capture protests beyond the non-institutional factor, which deviates from established and familiar protest forms, such as marches and rallies. In our database, for example, we have categorized certain protests as “visual protests” and “verbal protests,” which did not adhere to widely disseminated tactics in mobilizations but nonetheless encompassed collective protest actions. Examining this diversity of tactics and types of protest is both essential and a significant challenge.

Studies on collective action in Brazil have aimed, through specific concepts, to analyze this process and its analytical developments. The term “activism” was not significantly present in the literature until recently and relates to action in support of a particular cause, replacing the previously common term “militancy.” “Militant engagement” can be understood as any form of sustained participation in collective

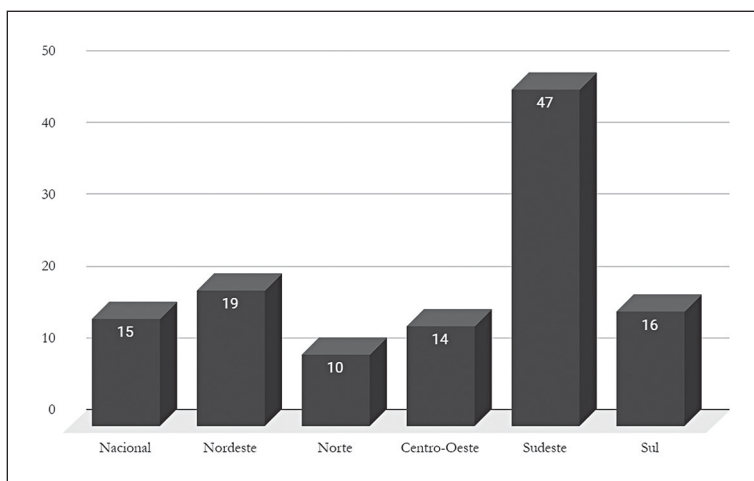
action for a cause. However, activism, militancy, and engagement represent the same phenomenon: participation in promoting a cause (Silva, 2022)<sup>1</sup>.

Thus, youth militancy brings new issues to contemporary political debate and prompts fresh perspectives on the potential for innovations in repertoires and tactics, particularly by incorporating cultural and symbolic aspects into their performances. In the next section, we will present these mobilizations and their characteristics.

## Recent Youth Protests in Brazil

In analyzing the protests from our database, we cataloged 121 protest events for the purposes of this article, spanning the period from January 2022 to January 2024. In 2022, 58 protests were recorded, followed by 59 in 2023, and 4 in the first month of 2024. These 121 events, when mapped spatially, reveal a predominance in the southeastern region, totaling 47 protests. Next is the northeastern region with 19 protests, followed by the southern region with 16, the central-west with 14, and finally, the northern region with 10 protests. Protests that took place in multiple cities and/or states were categorized as “national” protests, amounting to 15 events during this period.

**Graph 1** – Number of Protests by Region<sup>2</sup>



**Source:** Compiled by the authors based on research data, 2024.

<sup>1</sup> Discussion held by Marcelo Kunrath Silva at the round table “Activism and protests today” at the 5th International Meeting on Participation, Democracy and Public Policies, held on April 24, 2022.

<sup>2</sup> Translation from left to right: National; Northeast; North; Midwest; Southeast; South.

In the southeastern region, the state of São Paulo held 24 protests, Minas Gerais 14, Rio de Janeiro 13, and Espírito Santo 4. One protest took place in *Poços de Caldas*, Minas Gerais, in February 2022, with the headline: “Protest against bus fare hike to take place this Tuesday” (Negrini, 2022), where the tactic used was a march/demonstration.

In the northeastern region, protests were held in 8 out of the 9 states, with Paraíba being the only exception. Bahia led with 6 protests, followed by Ceará with 4, Rio Grande do Norte with 3, Piauí with 2, and Alagoas, Maranhão, Pernambuco, and Sergipe with 1. One protest in the Northeast had the headline: “School students protest, claiming young people were victims of teacher harassment in Fortaleza” (G1, 2022). This protest took place in March 2022 in Fortaleza, Ceará, in the form of a march/demonstration.

The central-western region saw 7 protests in the Federal District, 4 in Mato Grosso do Sul, and 3 in Mato Grosso. The predominance of protests in the Federal District is due to its status as the federal capital, but the number of protests was not significantly higher than in other states in the region, such as Mato Grosso and Mato Grosso do Sul. In Cuiabá, Mato Grosso, there was an occupation protest in March 2023: “Students occupy gatehouse at UFMT demanding budget restoration” (Pistori; Rafael, 2023).

In the southern region, Paraná led with 7 protests, followed by Rio Grande do Sul with 6 and Santa Catarina with 4. One protest involved graffiti as a tactic, held in a public square in Jaraguá do Sul, Santa Catarina, in April 2022. Graffiti is a commonly used form of expression by young people to voice opposition to certain causes or to articulate their demands and grievances through art.

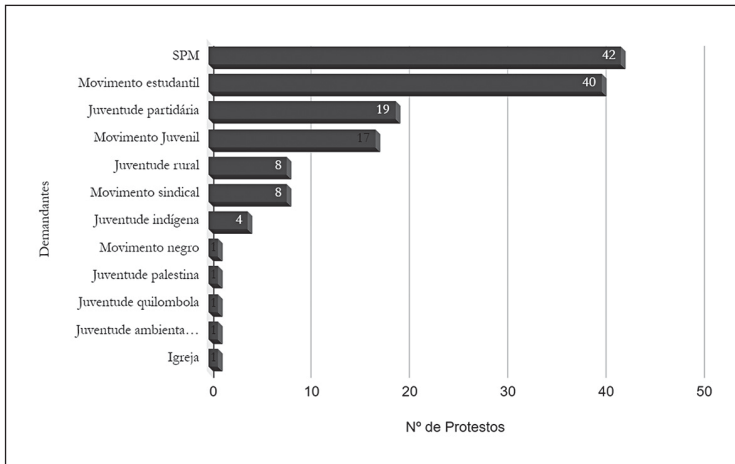
In the northern region, the distribution was as follows: Pará had 4 protests, Tocantins 2, and Amazonas 2. In Belém, Pará, students used road blockades as a protest tactic to address school infrastructure issues in May 2023: “Protest in Belém: public school students block a section of Almirante Barroso Avenue” (O Liberal, 2023). Blocking public roads is a widely used tactic by various social movements, as it enhances visibility before the public and authorities. In this context, youth movements also adopt this strategy to advance their demands.

## **Actors Involved**

This subsection will analyze all actors involved in the protests: the claimants, the respondents, and the organizations/movements most active in the two years of cataloged protests.



**Graph 2 – Number of Protests by Claimants<sup>3</sup>**



**Source:** Compiled by the authors based on research data, 2024.

The chart reveals a new insight: the majority of protests during this period were categorized as SMP (Social Movement Protest). However, it is important to note that as we work with news sources, the absence of a social movement explicitly identified in the article does not necessarily mean that no mediating movement was involved. Nevertheless, the high number of protests in this category is noteworthy.

We also observed that many of these protests, without the involvement of social movements, took place in schools. For example, in the news piece titled “School students protest, claiming young people were victims of teacher harassment in Fortaleza” (G1, 2022), there was reportedly no presence of organized student movements—only the mobilization of the school’s students. Generally, these protests emerged from a specific demand or issue, such as cases of harassment in schools, localized infrastructure concerns, and specific local incidents, without necessarily leading to broader mobilizations.

Among the protests organized by youth organizations, the student movement was the largest mobilizer, with 40 protests convened by at least minimally organized groups prior to the protest, such as Central Student Directories (DCEs), academic centers, and student unions. Under “youth movement,” we classified the 14 protests primarily led by youth groups and organizations with broader agendas, such as the Popular Youth Uprising and *Fridays for Future Brasil*.

Collective action theory introduces the analytical challenge of considering activism that develops outside of associations/organizations yet remains connected

<sup>3</sup> Translation from top to bottom: SPM; Student movement; Party youth; Youth movement; Rural youth; Trade union movement; Indigenous youth; Black movement; Palestinian youth; Quilomba youth; Environmental youth; Church.

to actors that form these movement networks. In this sense, it is also important to consider “spontaneous” protests, likely organized by individuals outside the traditional social movement, party, or organizational frameworks. In most cases of SMP protests, these were events driven by emerging, specific issues, as seen in the news titled “In protest, residents of Residential Dr. Humberto demand the regularization of school transportation for municipal students” (RedeGN, 2023). Here, the protest participants were young people demanding improvements in school transportation without intermediary organizations.

Youth movements can be seen as marked by a focus on education and/or age-specific public policies, yet are also involved in diverse social struggles such as territory, mobility, rural, and racial issues, supporting the notion of multi-positional activism (Marques, 2023). Thus, the networks youth movements have woven in recent years encompass other organizations: teacher unions, urban movements (e.g., the Homeless Workers’ Movement, Neighborhood Struggle Movement), and racial justice movements. This is evidenced in our database, where, on numerous occasions, the same protest was jointly organized by a youth movement and one of the aforementioned movements.

Offe (1996) sought to understand the objectives of mobilizations at the time, examining negotiations and forms of collective action—such as strikes and marches—while also introducing into the discussion the various spaces in which politics occurs, including non-institutional spaces like political parties and unions. Among the 19 “youth party” protests are those organized by collectives or movements affiliated with political parties, for example, the PT<sup>4</sup> Youth and Juntos (affiliated with PSOL<sup>5</sup>).

In the table below, we list all organizations that participated in more than one protest. The substantial presence of a diversity of movements (youth, party-affiliated, student) with a left-leaning orientation is not new to youth protests, yet the notable absence of movements with a more right-leaning orientation, which has emerged and gained strength in recent years, is noteworthy.

**Table 1** – Organizations and Movements Involved in Protests

Organization	No. of Protests	Type of movement
<i>Centro Acadêmico</i>	6	Student
<i>Diretório Central dos Estudantes</i>	13	Student
<i>Friday For Future Brasil</i>	2	Socio-environmental
<i>Grêmio Estudantil</i>	2	Student
<i>Juntos</i>	5	Partisan (PSOL)
<i>Levante Popular da Juventude</i>	9	Popular

<sup>4</sup> Labour Party.

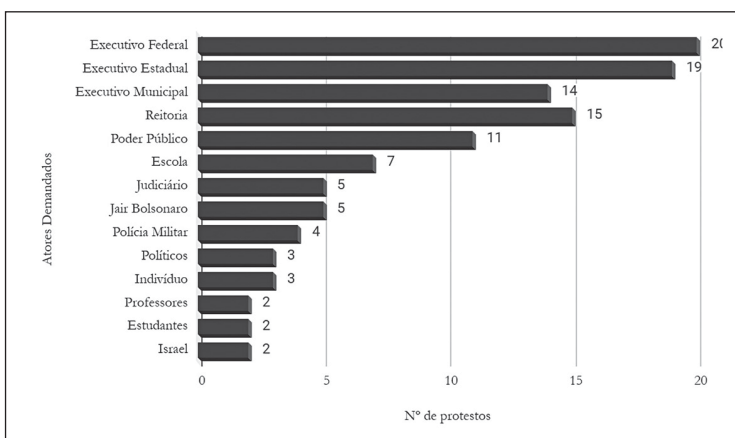
<sup>5</sup> Socialism and Freedom Party.

Organization	No. of Protests	Type of movement
<i>Movimento Correnteza</i>	3	Partisan (PCR)
<i>Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra</i>	6	Rural
<i>Movimento Luta de Classes</i>	2	Trade union
<i>Movimento Tarifa Zero</i>	2	Urban mobility
<i>União Brasileira dos Estudantes Secundaristas</i>	4	Student
<i>União da Juventude Comunista</i>	5	Partisan (PCB)
<i>União da Juventude Rebelião</i>	7	Partisan (PCR)
<i>União da Juventude Socialista</i>	8	Partisan (PCdoB)
<i>União Nacional dos Estudantes</i>	2	Student
<i>Unidade Popular pelo Socialismo</i>	4	Partisan (UP)

**Source:** Data compiled by the authors, based on research findings, 2024.

The chart below illustrates the demand targets—those actors and institutions at whom the protests were directed, that appeared two or more times. Other targets were the focus of only a single protest. We distinguished “Jair Bolsonaro” from the “Federal Executive” category for the year 2022 in cases where the protest was explicitly directed at the former president. In the “public authorities” category, we grouped protests where it was not specified which government entity the demand addressed, as in the report titled “Brazilian Youth Call for Global Climate Strike.”

**Graph 3 – Targeted Actors<sup>6</sup>**



**Source:** Data compiled by the authors, based on research findings, 2024.

<sup>6</sup> Translation from top to bottom: Federal executive; State executive; Municipal executive; Rectory; Public power; School; Judiciary; Jair Bolsonaro; Military police; Politicians; Individuals; Teachers; Students; Israel.

It is observed that most protests were directed toward federal, state, and municipal executive administrations, including various state and municipal departments and ministries within these categories.

## Main Demands

Collective action in social movements can be understood as a process of agenda-setting, mobilization, and repertoire development, characterized by tensions, heterogeneity, and disputes, as individuals' experiences are not the same. Analyzing how problems and demands gain strength in the political field and the role of movements in this process, Cefaï (2009) emphasizes the cultural dimension as a fundamental element of mobilization, viewing it as a set of factors that aid in the constitution of the movement and the consolidation of demands within the political arena. It is essential to consider movements as both processes and constructions of their demands; they are not merely reflections of problems, but parallel factors—meaning that the issues for which movements organize only exist, or only remain contested, because the movements exist.

Regarding the issues of youth protests, Honwana (2014) argues that young people are more united and organized around what they oppose than around the issues they aspire to. In this sense, young people face the challenge of creating or expanding participatory and social spaces that allow them to be part of political and governance construction. Following this logic, our study captured reports where protest actions occurred, but without a specific target (categories: public authorities, politicians, etc.), although with clearly defined agendas.

The table below highlights the main demands that motivated youth protests in recent periods. Other demands<sup>7</sup> appeared in only one protest.

**Table 2** – Themes of the Demands in the Protests

Theme	Number of Protests
Work and income	5
Education	32
Mobility	17
Political situation	11
Territory	7
Police violence	4
Youth mortality	11

<sup>7</sup> Pesticides, bullying, corruption, culture, youth rights, oil exploration, drug decriminalization, denialism, and violence in schools.

Theme	Number of Protests
Sexual harassment	3
Racism	5
Climate change	3
Student assistance	20
LGBTphobia	2
Sports and leisure	3
Security	3
Elections	3
Democracy	6
Rural succession	2
Environment	2
Moral harassment	2
Agrarian reform	2

**Source:** Data compiled by the authors, based on research findings, 2024.

Scalon (2013) highlights that the catalyst for the protests that spread throughout Brazil in 2013 was the increase in urban and collective transportation fares. Urban mobility, which can be understood as the occupation of city spaces, represented the majority of the demands in 2013, relating to the holding of mega-events (Confederations Cup and FIFA World Cup) and their aftermaths. In our database, we categorized protests that had the occupation of the city, demands for public transportation, etc., as “mobility.”

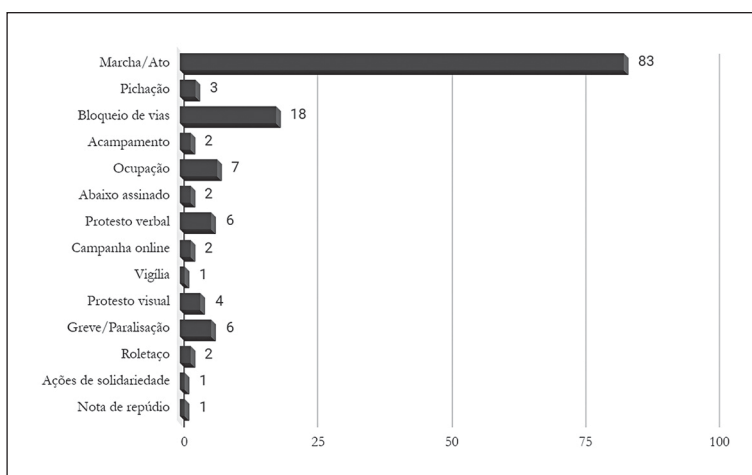
Despite the significant prominence of urban mobility in the protests of 2013 and 2014, we observe that this demand, although it had a substantial representation in the mobilizations, has lost ground to issues such as education and student assistance. Even more striking is the fact that the topic of “corruption,” one of the primary motivations for youth protests at the national level between 2013 and 2015, only appeared in one protest, where students denounced an internal corruption case at an educational institution.

The large number of protests related to education and student assistance (52) can be interpreted as a response to the dissatisfaction of students and education professionals regarding the dismantling policies, particularly in public universities, during the Bolsonaro administration. Beyond the protests in 2022, the repercussions of these dismantling efforts resonated in a significant number of protests early in 2023. Protests against federal cuts in education were recorded across all regions of the country.

## Tactics Employed

Here, we understand tactics as the types of protests. Confrontation repertoires represent a limited set of tactics historically used, mobilized in clashes influenced by political contexts and situations (Tilly, 2006). In alignment with the previously presented idea by Pereira and Silva (2020) regarding the importance of tactics in the study of protests and social movements, this subsection will analyze the means employed to implement the captured protests. In the graph below, we present the quantitative data for each tactic/type of protest.

Graph 4 – Types of Protest<sup>8</sup>



Source: Own elaboration based on research data, 2024.

The predominance of the category “march/action” is not new; large marches have a long history in the protest scene both in Brazil and worldwide, and they were reinforced as a tactic in youth protests starting in June 2013. We grouped within this same category: parades, walks, stationary actions, and protests that combined both elements: starting with a march and concluding with stationary actions. The blockades of roads also had a significant presence in the protests.

It is evident that contemporary protests have opted to maintain traditional tactics by employing the already familiar marches, actions, and road blockades as primary forms of protest. However, new forms of protest, or non-traditional forms, have emerged, albeit to a lesser extent, corroborating the idea of repertoire modulation (Tarrow, 2009).

<sup>8</sup> Translation from top to bottom: March/Act; Graffiti; Roadblock; Encampment; Occupation; Undersigned; Verbal protest; Online campaign; Vigil; Visual protest; Strike/Paralysis; Roulette; Solidarity actions; Note of repudiation.

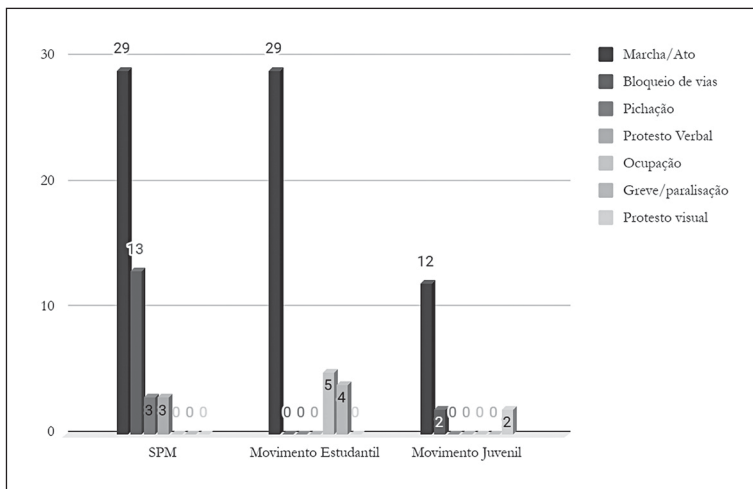
Alvarez (2022) states that protest performances have recently extended to social networks, intertwining online and offline spaces in a new reordering of the (virtual) mobilization of protests and their continuation online, reverberating the agendas and prolonging mobilizations. One noteworthy factor is the fundamental role of digital tools (internet, social networks, etc.) in the cataloged protests. Beyond certain types of online protests, we captured (petitions, online campaigns, dissemination of protest notes, etc.), the online aspect played a significant role in offline protests at three stages: at the beginning, through calls via social networks; during the protests, through the recording of photos, videos, organizational matters, and live broadcasts; and finally, in the dissemination and promotion of the protest/agenda. According to Simões and Campos (2016), the use of digital media has been essential for publicizing demands, organizing protests, and contributing to the emergence of new informal practices of political action.

In this sense, the virtual has the capacity to expand the public space by enabling a realm that transcends formal institutions and creates relationships and networks by disseminating information and constructing identifications (Reguillo, 2017). Regarding protests, the communicative strategies employed on social networks have a very high circulation rate and help publicize and stimulate protests, for instance, through the circulation of images (Reguillo, 2017).

When analyzing the role of digital media in youth protest cycles in Portugal and how movements and activists utilize social networks, Simões and Campos (2016) argue that the protest space must be considered a hybrid space, with the internet and the streets acting in an interconnected manner; thus, it becomes impossible to conceptualize current forms of mobilization without highlighting the use of digital tools. Optimistic perspectives tend to view the use of networks as a potential enhancer of democracy and an emancipator of youth action, while critical perspectives question whether internet use generates more participation (Simões; Campos, 2016). However, for these authors, this polarization overlooks the fact that digital technologies serve both roles, sometimes creating channels and alternative spaces for participation and, at other times, producing derogatory discourses regarding protests and collective action.

In the following graph, we cross-reference data related to the demanders and the main types of protest:

**Graph 5 – Main Demanders and Types of Protest<sup>9</sup>**



Source: Own elaboration based on research data, 2024.

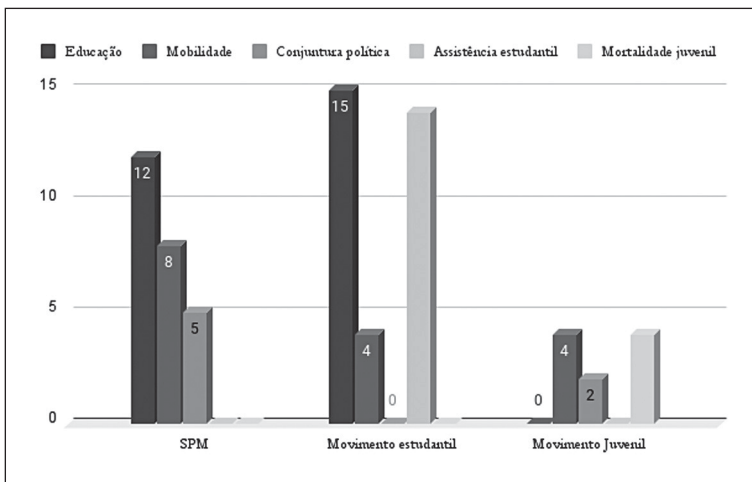
Among the three groups that conducted the most protests, the march/action was the most frequently employed type of protest. However, other notable tactics emerged: the SPM protests included road blockades significantly more than any other group; this type of protest is commonly employed by mobilizations of residents and family members, meaning other groups that also lack organized movement representation. Within the student movement, the tactic of occupation appears in some protests. Due to the organized nature of these movements, their experience allows them to employ other types of protest beyond marches and actions, which require a certain level of organization, such as the occupation of university rectories, which minimally necessitate considerations of structure and logistics.

In the context of student assistance, the tactic known as “*roletaço*”, related to issues of food availability in university cafeterias, was more prevalent than the more traditional road blockades. In the following graph, we cross-reference data regarding the main demanders and the themes they protest most frequently.

<sup>9</sup> Translation from top to bottom: March/Act; Roadblock; Graffiti; Verbal protest; Occupation; Strike/Paralysis; Verbal protest; Visual protest.



Graph 6 – Main Demanders by Themes<sup>10</sup>



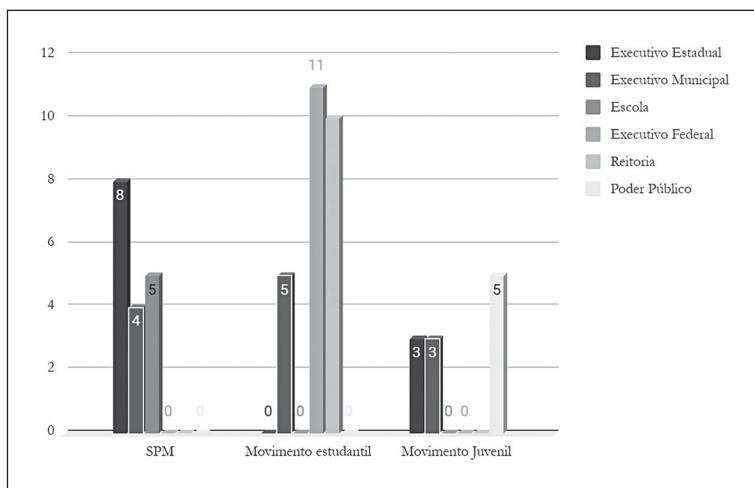
Source: Own elaboration based on the research database, 2024.

Protests related to education represent the vast majority, both among young people organized in movements, such as the student movement, and among those who are not part of any organizations. In turn, the youth movement has focused on demanding issues such as mobility, through movements like *Movimento Passe Livre and Levante Popular da Juventude*, as well as protesting against youth mortality and police violence.

Regarding the targets of these three groups' protests, the graph below shows that the SPM has directed their demands mainly to the state executive, with emphasis on state education departments, as well as municipal executives and schools (coordinators, principals, and teachers). The student movement, in turn, has predominantly protested against the federal executive, followed by university rectories and schools. Broader youth movements direct their mobilizations to the public authorities in general, particularly state and municipal governments.

<sup>10</sup> Translation from left to right: Education; Mobility; Political climate; Student assistance; Youth mortality.

**Graph 7 – Main Demanders and Main Targets<sup>11</sup>**



Source: Own elaboration based on the research database, 2024.

In this section, we aim to present, in general, the first data obtained from our database, illustrating how young people, both within and outside movements, are employing their protests as we capture their demands, the targets of these demands, the actors involved, the tactics employed, and the spatial aspects of the mobilizations.

## Final considerations

This study aimed to provide an overview of recent youth protests in Brazil, illustrating the tactics and strategies of these mobilizations, the key organizations, and movements that have driven them, the main demands and targets, as well as observing, secondarily, the spatiality of these protests. In this sense, the initial overview we presented of the protests, along with their tactics, actors, and demands, reveals the heterogeneity of the claims that arise from the mobilization of youth. The multiple actors involved (diverse types of movements, demanders, and targets) demonstrate that youth have expanded not only their networks of cooperation but also the types of social struggles they employ in the political field, considering the diversity of demands and themes present in the protests.

We observe that education and student assistance are central and prominent in recent mobilizations, a result of government agendas that instituted a systematic dismantling of student assistance policies and education investments in recent years,

<sup>11</sup> Translation from left to right: State executive; Municipal executive; School; Federal executive; Rectory; Public authority.

under the administrations of Michel Temer and Jair Bolsonaro. On the other hand, the issue of corruption, which was heavily emphasized in mobilizations in Brazil and other Latin American countries between 2013 and 2015, has disappeared from the agenda in more recent protests. Therefore, it is essential to continue analyzing the mobilizations surrounding these issues, considering the changes in the Brazilian political context and their impact on the maintenance, increase, or decrease of these claims.

It became evident that young people were mobilizing, expanding the scope of their demands while maintaining traditional protest tactics, such as acts and marches. However, at the same time, they are also introducing new elements and strategies into their protests, reshaping and re-signifying old forms of protest.

One of the analytical gains of the research was highlighting the significant number of protests carried out by young people without organizational affiliation, or without movements identified in the news reports, whether they are new or traditional. This contributes to the discussion of new questions regarding the political dimension of youth culture in Brazil. It is well known that major protests in Brazil's history have mobilized non-activist youth around issues of political-institutional context, but in smaller and more sectorial protests, can the finding here represent a trend for future periods? What are the impacts of social media on this surge of mobilization among non-activist youth?

We highlight several points that warrant future investigation: the first is to consider the conjunctural factor in youth protests, that is, working with the idea that young people gather and mobilize more for what they dislike or disagree with than for what excites them. Another point is the need to focus on how the youth from the political right are protesting during this period and how newspapers and news websites label these groups. A third point is to think about the hybridity of protests, rather than analyzing them solely as in-person or online, understanding that the digital component is increasingly intrinsic to mobilizations, at least in some of their stages (call-outs, organization, realization, and publicization). A fourth and final point is to consider and understand how we deal with hermeneutics: what we, as researchers, choose to investigate, what newspapers decide to publish, and who is this social and political actor labeled as "youth."

As a possibility for future investigations, the methodology employed allows for expanding the analysis by considering the geographical distribution of protests, the emergence of new demands and involved actors, and, in the long term, incorporating the temporal factor into the cross-referencing of obtained data. Our study, therefore, aimed to contribute to the research agenda surrounding collective action among youth as a social category and the analysis of protest events. Continuing the analysis of youth mobilizations outside of movements and political parties presents a future challenge for research.

## Acknowledgments

We would like to thank Marcelo de Souza Marques for his careful reading and comments during the 21st Brazilian Sociology Congress, as well as our colleagues from the Group of *Estudios de Políticas y Juventudes do Instituto de Investigaciones Gino Germani* (UBA) for their contributions to the preliminary version of this article.

## REFERENCES

ALVAREZ, Sonia. Protesto: provocações teóricas a partir dos Feminismos. **Polis: Revista Latinoamericana**, Santiago, v. 21, n. 61, p. 98-117, jan. 2022.

ALVAREZ, Sonia. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, v. 43, p. 13- 56, 2014.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 2., n. 4, p. 11-48, 2009.

G1. Professores são afastados após denúncias de assédio em escolas públicas no Ceará. Publicado em 24 de março de 2022. Available at: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/03/24/professores-sao-afastados-apos-denuncias-de-assedio-em-escolas-publicas-no-ceara.ghtml>. Accessed in:30 sep. 2024.

GERBAUDO, Paolo. **Redes e ruas: mídias sociais e ativismo contemporâneo**. São Paulo: Funilaria, 1 ed., 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós junho de 2013**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

HONWANA, Alcinda. Juventude, waithood e protestos sociais em África. In: BRITO, Luís de; CASTEL-BRANCO, Carlos Nuno; CHICHAVA Sérgio; FORQUILHA, Salvador; FRANCISCO, António (Orgs). **Desafios para Moçambique**, Maputo: IESE, 2014. p. 399-412. Available at: <https://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2014/IESE-Desafios2014.pdf>. Accessed in:30 sep. 2024.

HUTTER, Swen. Protest Event Analysis and Its Offspring. In: DELLA PORTA, Donatella (ed.). **Methodological Practices in Social Movement Research**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, v. 76, p. 11-48, 2009.

LATOURE, Bruno; MILSTEIN, Denise; MARRERO-GUILLAMÓN, Isaac; GIRALT, Irra Rodríguez. Down to earth social movements: an interview with Bruno Latour. **Social Movement Studies**, v. 17, n. 3, p. 353-361, 2018.

MARQUES, Marcelo de Souza. Interações socioestatais: mútua constituição entre a sociedade civil e a esfera estatal. **Opinião Pública**, v. 29, n. 2, p. 431-468, mai./ago. 2023.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, mai./ago. 1997.

MOURA, Joana Tereza Vaz de; SILVA JÚNIOR, Marcos Aurélio Freire da; SILVA, Jenair Alves da. Da invisibilidade à ação no campo político: dinâmicas da juventude rural nos processos participativos das Conferências Nacionais. **O Social em Questão**, n. 51, p. 271-300, sep./dez. 2021.

NEGRINI, Mariana. Protesto contra o preço da passagem de ônibus acontece nesta terça. **Poços Já**. Publicado em 14 de fevereiro de 2022. Available at: <https://pocosja.com.br/cidade/2022/02/14/protesto-contr-o-preco-da-passagem-de-onibus-acontece-nesta-terca/?amp=1>. Accessed in:30 sep. 2024.

O LIBERAL. Protesto em Belém: estudantes de escola pública fecham trecho da avenida Almirante Barroso. Publicado em 9 de maio de 2023. Available at: <https://www.oliberal.com/belem/protesto-em-belem-estudantes-de-escola-publica-fecham-trecho-da-avenida-almirante-barroso-1.678377>. Accessed in:30 sep. 2024.

OFFE, Claus. Los nuevos movimientos sociales cuestionan los limites de la política institucional. In: OFFE, Claus. **Partidos Políticos y nuevos movimientos sociales**. Madrid: Editorial Sistema, 1996.

PEREIRA, Matheus Mazzilli; SILVA, Camila Farias da. Movimentos sociais em ação: repertórios, escolhas táticas e performances. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 615-645, ago. 2020.

PISTORI, Ana; RAFAEL, Whilber. Estudantes ocupam guarita na UFMT exigindo recomposição orçamentária. **A Verdade**. Publicado em 30 de março de 2023. Available at: <https://averdade.org.br/2023/03/estudantes-ocupam-guarita-na-ufmt-exigindo-recomposicao-orcamentaria/>. Accessed in:30 sep. 2024.

REDEGN. Em protesto, moradores do Residencial Dr. Humberto reivindicam regularização do transporte escolar para os estudantes da rede municipal. Publicado em 3 de maio de 2023. Available at: [https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod\\_noticia=177883](https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod_noticia=177883). Accessed in:30 sep. 2024.

REGUILLO, Rosana. **Paisajes insurrectos: jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio**. NED Ediciones, 2017, 208p.

SCALON, Celi. Juventude, igualdade e protestos. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, n. 2, p. 177-204, ju./dez. 2013.

SILVA, Marcelo K. Mesa redonda “Ativismos e protestos hoje” no V Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas (PDPP), Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal-RN, realizada dia 24 de abril de 2022 (em formato virtual).

SILVA, Marcelo K.; ARAÚJO, Gabrielle O.; PEREIRA, Matheus M. Análise de Eventos de Protestos no estudo de repertórios associativos. *In*: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla M.; LISDERO, Pedro; FACHINETTO, Rochele Fellini (Orgs). **Metodologia em Ciências Sociais hoje: práticas, abordagens e experiências de investigação**, v. 2. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 311-330.

SIMÕES, José Alberto; CAMPOS, Ricardo. Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise. **Comun. Mídia Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 130-150, sep./dez. 2016.

TARROW, Sidney. **Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2009.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, v. 13, n. 28, p. 35-62, sep./dez. 2014.

TATAGIBA, Luciana; GALVÃO, Andreia. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). **Opinião Pública**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 63-96, jan./abr. 2019.

TEIXEIRA, Marco Antonio dos Santos. **Movimentos sociais, ações coletivas e reprodução social: a experiência da Contag (1963-2015)**. 2018. 335 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TILLY, Charles. **Regime and Repertoire**. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

**Received on:** 30/06/2024

**Approved:** 26/11/2024

SOCIOLOGY AND LIFE PROJECT AS  
EXPRESSIONS OF CONTRADICTIONS:  
DISPUTES OVER CURRICULUM,  
CONCEPTIONS OF SCHOOL AND YOUTH

*SOCIOLOGIA E PROJETO DE VIDA COMO  
EXPRESSÕES DE CONTRADIÇÕES: DISPUTAS  
SOBRE OS CURRÍCULOS, CONCEPÇÕES  
DE ESCOLA E JUVENTUDES*

*LA SOCIOLOGÍA Y EL PROYECTO DE VIDA COMO  
EXPRESIÓN DE CONTRADICCIONES: DISPUTAS  
EN TORNO A LOS CURRÍCULOS, CONCEPCIONES  
DE LA ESCUELA Y DE LA JUVENTUDES*

*Rodolfo Soares MOIMAZ\**

*André da Rocha SANTOS\*\**

**ABSTRACT:** This article shows that the disciplines of Sociology and Life Project, present in the *Currículo Paulista do Ensino Médio*, express disputes between social groups about different models of school and education, and how these conflicts are reflected in student mobilizations. Thus, based on bibliographical research, this paper resumes studies that historically analyze the construction of curricula and curriculum reforms, relating them to political and social contexts. Thus, the text presents how, especially from the 1980s on, Sociology was linked to the democratic mobilizations of social movements in the process of overcoming the model of

---

\* Basic Education Teacher in São Paulo, SP, Brazil. Doctoral degree and Master's in Sociology (UNICAMP), with a Bachelor's degree in Social Sciences (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0078-9040>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0078-9040>. Contact: [rodolfo.moimaz@sme.prefeitura.sp.gov.br](mailto:rodolfo.moimaz@sme.prefeitura.sp.gov.br).

\*\* Sociology Professor at IFSP, Registro Campus, and postdoctoral researcher in Political Science at UFSCar, SP, Brazil. Doctoral degree in Sociology (UNESP), with a Bachelor's degree in Social Sciences (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8085-5305>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8085-5305>. Contact: [andrerochasantos@ifsp.edu.br](mailto:andrerochasantos@ifsp.edu.br).

school (and society) defended by the military governments; and how the Life Project stands out as an essential component in the formation of subjects in the school of neoliberalism; and that it was originated by the intervention of private capital institutions in the development and implementation of public policies. However, this process has not taken place without contradictions, which have youth as a determining factor.

**KEYWORDS:** Sociology. Life Project. Curriculum. Education reform.

**RESUMO:** *Este artigo tem como objetivo mostrar que as disciplinas de Sociologia e Projeto de Vida, presentes no Currículo Paulista da Etapa do Ensino Médio, expressam disputas entre grupos sociais acerca de diferentes modelos de escola e educação, e como estes conflitos são refletidos em mobilizações estudantis. Assim, a partir de levantamento bibliográfico, este trabalho retoma estudos que analisam historicamente a construção dos currículos e das reformas curriculares, relacionando-os aos contextos políticos e sociais. Desta forma, o texto apresenta como, especialmente a partir dos anos 1980, a Sociologia esteve ligada às mobilizações democráticas de movimentos sociais no processo de superação do modelo de escola (e sociedade) defendido pelos governos militares; e como o Projeto de Vida se destaca como componente essencial na formação dos sujeitos na escola do neoliberalismo, cujo conteúdo foi originado pela intervenção de instituições do capital privado na elaboração e implementação das políticas públicas educacionais. Porém, este processo não tem ocorrido sem contradições, que têm na juventude um sujeito determinante.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sociologia. Projeto de Vida. Currículo. Reformas educacionais.*

**RESUMEN:** *Este artículo pretende mostrar que las asignaturas de Sociología y Proyecto de Vida, presentes en el Currículo Paulista de la Etapa de Enseñanza Media, expresan disputas entre grupos sociales sobre diferentes modelos de escuela y educación y cómo estos conflictos se reflejan en las movilizaciones estudiantiles. Así, a partir del relevamiento bibliográfico, este trabajo retoma los estudios que analizan históricamente la construcción de los currículos y las reformas curriculares, relacionándolos con los contextos políticos y sociales. Así, el texto presenta cómo, especialmente a partir de la década de 1980, la Sociología se vinculó a las movilizaciones democráticas de los movimientos sociales en el proceso de superación del modelo de escuela (y de sociedad) defendido por los*



*gobiernos militares; y cómo el Proyecto de Vida se destaca como un componente esencial en la formación de sujetos en la escuela del neoliberalismo; y que se originó por la intervención de instituciones de capital privado en el desarrollo e implementación de políticas públicas. Sin embargo, este proceso no ha estado exento de contradicciones, siendo los jóvenes un factor determinante.*

**PALABRAS CLAVE:** *Sociología. Proyecto de vida. Currículum. Reforma educativa.*

## **Introduction**

There is an extensive body of literature and policy regarding the importance of critical reading and the ongoing debates surrounding school curricula. This emphasis arises because curricula encapsulate a significant portion of the responsibilities of educational systems within societies, and thus carry immense importance.

Theoretical perspectives from diverse backgrounds contribute to understanding the significance of this debate. For example, we may consider reflections that affirm the role of schools as spaces that reproduce the dominant ideology and the prevailing social order (Bourdieu; Passeron, 1970); as sites where workers are trained not only to remain in subordinate positions but to become advocates of the system in which they live, specifically within the capitalist mode of production (Boltanski; Chiapello, 2012).

Additionally, other frameworks underscore that curricula and public schools, while serving the maintenance of domination as state structures, are historical formations and, therefore, not uniform structures. On the contrary, they are loci of conflict and struggle between opposing social classes and their representatives (Apple, 1995).

Recent years in Brazilian education, particularly the late 2010s, have been marked by the approval and implementation of substantial curricular reforms, such as the New High School (*Novo Ensino Médio* – NEM, 2017) and the National Common Core Curriculum (*Base Nacional Comum Curricular* – BNCC, 2018), which have decisively influenced educational models across states, there is a need to construct reflections that contribute to a broader understanding of these processes.

This article proposes an analysis of certain aspects of these reforms, arguing that the subjects of Sociology and Life Project (*Projeto de Vida*, PV), currently included in the São Paulo High School Curriculum approved in 2020, represent contrasting educational concepts that reflect groups contending for the direction of public education in the country. It further argues that pro-market educational reforms have not been passively received but have encountered, and continue to

encounter, varied forms of resistance, notably among youth, as has been the case in other historical periods<sup>1</sup>.

In this study, we posit that curriculum development should be understood as a process that is both regionally and nationally coordinated. In other words, decisions about what and how to teach in schools carry important local characteristics, but their understanding must also occur from a broader perspective, in dialogue with and in relation to ongoing social and political processes across the country.

Thus, the article will focus on the example of São Paulo, which, starting in 2019, instituted the subject of Life Project and initiated the first steps of curricular change in the state, proposing new subjects and adjusted schedules, in alignment with the NEM and BNCC.

It is worth emphasizing that in the case of São Paulo, both Sociology and Life Project were designated as subjects with dedicated instructional hours. Nonetheless, the inclusion of both in the public high school curriculum does not mitigate the divergences embodied within them. On the contrary, it illustrates that curricula are the result of disputes between groups with conflicting interests.

The choice to analyze Sociology and Life Projects arises from the fact that these subjects exemplify certain contradictions ongoing in education (particularly in public education). As will be presented throughout this text, Sociology has historically occupied an unstable place within curricula, with its presence or absence reflecting the policies of the ruling governments and the dominant interests of the competing social classes (Silva, 2007). The inconsistency of this subject and the criteria defining its uncertain status make it a meaningful subject for reflection.

Life Project, in turn, was introduced more recently and formally within school curricula and is identified as a foundational component of current neoliberal educational reforms, designed to guide the educational process implemented in schools (Goulart; Alencar, 2021). Therefore, understanding its foundations and the identity of its proponents is essential.

To construct this oppositional relationship, we draw on historical analyses of curricula, linking curricular definitions to the characteristics of ongoing social and political processes. In the case of Sociology, we will summarize contributions that systematize various stages of Brazilian history, from the early debates about

---

<sup>1</sup> It is considered here that "youth becomes a kind of catalyst for collective, generational and symbolic memories, which makes them social memories internalized in the core of a given society, supporting or subverting the pillars of power/domination of that society itself. For this reason, there are youths who preserve the established social standards, and conversely, there are youths who act in favor of confronting the power structures as they are established. Therefore, youth is more than a discussion about age group, despite this being an important distinctive feature, but rather constitutes a broader discussion that encompasses the symbolic conditions of these social actors (i.e. players), who are placed on the field to dispute the game of social representation" (Guimarães; Groppo, 2022, p. 12, our translation).

introducing Sociology into school curricula (dating back to the late 19th century) to the social mobilizations advocating for the subject's mandatory status within the context of re-democratization. We will also discuss how these national-level debates impacted individual states differently.

For Life Project, we will focus on its implementation process in São Paulo, as the first instance of curricular change undertaken in the country, connected to nationally established guidelines. Within this framework, the prominent role of the private sector in the conception, formulation, and execution of Life Project will be highlighted.

Specifically, this last point has unfolded within a new context of questioning the institution of *public schooling* and, in this case, the scientific components of the curriculum, with particular scrutiny of the Humanities. Notably, Sociology was initially identified as a subject to be removed from the mandatory curriculum—a prospect that led to significant mobilizations, particularly by students.

Thus, the article is structured in three parts: Curriculum, Contestations, and the Place of Sociology; Neoliberal Educational Reforms in São Paulo and Life Project; and Final Considerations.

## **1. Curriculum, Conflicts, and the Role of Sociology**

Various studies assert that one of the primary characteristics of Sociology's inclusion in the Brazilian school curriculum is its inconsistency. Since the establishment of the discipline in the 19th century, there have been multiple instances of its integration and removal from school curricula (Silva, 2007; Handfas, 2012; Santos, 2013).

This inconsistency suggests that sociology occupies an uncertain position unlike other well-established disciplines. In other words, it has not always existed as an independent subject with its own instructional hours but has been presented as school knowledge embedded within other subjects like History or Geography (Silva, 2007).

According to Silva (2007), this phenomenon can be explained primarily by the fact that curriculum definitions, what knowledge is to be implemented in society, and which values and worldviews are to be conveyed in schools are products of disputes among different social groups and classes. Therefore, the presence and teaching of Sociology (among other subjects) should be understood from a historical and social perspective. Pedagogical discourses and the organization of knowledge reflect these conflicts (Silva, 2007).

In this regard, Silva (2007) proposes a historical typology of the curricula implemented in Brazil, identifying four types and associating each with the role of

Sociology: the classical-scientific curriculum, the technical (regionalized) curriculum, the scientific curriculum, and the competencies-based curriculum.

Some primary characteristics include:

– **Classical-Scientific Curriculum:** Predominant until 1971, this curriculum aimed at training elites for professions such as engineering, law, and medicine (considered noble) and included intellectual and artistic activities. For the working class, however, vocational training was the primary preparation offered. According to Silva, vocational education served as an essential tool for controlling the poor and poverty (Silva, 2007). This model was thus dualistic in nature (one form of education for elites; another for workers).

This curriculum was content-driven and organized around specific subjects. “We term it ‘scientific and classical’ because it still held a strong Jesuit tradition, including the teaching of the humanities, Latin languages, bookish didactics, and memorization” (Silva, 2007, p. 411, our translation).

During this period, sociology was present in the curriculum, although it was inconsistent. From 1925 to 1940, the movement to establish Sociology as a school subject saw contributions from prominent authors who wrote instructional manuals (such as Fernando de Azevedo and Gilberto Freyre) aimed at the intellectual development of the elite. However, the inclusion of Sociology faced resistance, notably with the banning of the subject from secondary schools in 1940 under the Capanema Reform (Santos, 2013).

In Silva’s (2007) analysis, even in these initial efforts to introduce Sociology into the school curriculum, there was a discernible attempt to develop scientific interpretations of Brazilian social reality, despite the influences of positivist, liberal, and Catholic ideologies. Furthermore, its presence added a “modern aura” to the curriculum.

Consequently, Sociology was upheld as a reference science within the academic field, receiving support from intellectuals such as Luiz de Aguiar Costa-Pinto and Florestan Fernandes. Silva (2007, p. 412) asserts that “pedagogical identities were constructed in the direction of national identity and modernization, relying on these reference sciences, which symbolically directed teaching practices and curricula”. Thus, Sociology played a far from secondary role. However, it was introduced as an optional subject for secondary education under the first National Education Guidelines and Framework Law (LDB, Law No. 4.024/61) (Santos, 2013).

– **Technical (or Regionalized) Curriculum:** This model was characteristic of the Brazilian military dictatorship, implemented beginning in 1971 (Law No. 6.692/71). According to Silva (2007), its main features include:

During the Military Governments, the focus of education shifted from traditional disciplines to the humanities and natural sciences. The high school curriculum

reorganized knowledge by grouping it into areas with immediate technological applicability. (...) Textbooks illustrated the official scientific dilution within schools. (...) Social Sciences were entirely ideologized, weakening History and Geography as scientific disciplines. (...) Moral and Civic Education replaced what might have been the teaching of Philosophy and Sociology (Silva, 2007, p. 412-3, our translation).

While Sociology, in its initial years, sought to foster scientific interpretations of reality, Moral and Civic Education aimed at promoting a glorified vision of Brazil as a nation without conflicts, rich in “natural beauty” (Silva, 2007; Santos, 2013). According to Handfas (2012), this content served as a strategic tool for the military government, illustrating the ideological role this type of education could play in shaping the nation.

This destabilization of disciplinary identities within the humanities extended to teacher training. In this model, it was deemed sufficient for teachers to develop technical knowledge that would allow them to reproduce pre-determined modules, imposed externally to the schools (Silva, 2007).

– **Scientific Curricula:** implemented in certain states starting in 1983 and nationally in 1988, highlighted by the establishment of the Citizen Constitution.

This model was marked by the historical fervor of the redemocratization process, in which curricular reforms and pedagogical theories were contested to move beyond the military regime’s governance model and its influence on education (Silva, 2007). According to Handfas (2012), efforts to reintegrate Sociology into school curricula are expressions of this historical moment, in which “the struggle for democratizing education was also about creating a curriculum with content and subjects that would foster the development of more critical and reflective students. In this sense, the struggle for Sociology’s reintegration into the curriculum aligned with these goals” (Handfas, 2012p. 3-4, our translation).

Silva (2007) describes this phase as one where curricula realigned with scientific knowledge, reaffirmed the role of teachers as intellectuals, reinstated schools as places for transmitting sophisticated culture, and reasserted a politicized pedagogical discourse (in defense of democracy).

In this context, the gradual and contradictory reintegration of Sociology into secondary education had a distinctive feature: there were “sectors interested in Sociology’s return to school curricula; from the 1980s onward, *there was an intense mobilization among representative organizations and students (...)*” (Handfas, 2012, p. 4, emphasis added, our translation). This movement involved students, educators, politicians, and their representative bodies.

In this context, the presence of Sociology in curricula began to be discussed first at the state level, with notable discussions in São Paulo, Paraná, Minas Gerais,

Rio de Janeiro, Pará, Santa Catarina, and Rio Grande do Sul (Silva, 2007). According to Silva (2007), this discussion was elevated to the national level starting in 1996, with the new LDB (Law of Directives and Bases of National Education), precisely in the context of rising neoliberalism in the country.

– **Competency-Based Curriculum:** established in 1996. Amid the historical moment of democratic consolidation and the competing interests of various social groups (often representing opposing social classes), new educational reforms were enacted.

The conflicts defining this historical period are evident in the manner in which new education legislation was shaped. On one hand, social movements, such as the student movement and trade unions, intensely mobilized to demand more direct participation in forums for discussion and decision-making. On the other hand, market forces were also advancing, with notable constraints on channels for public participation and anti-union stances, practices associated with the administration of Fernando Henrique Cardoso (1995-1998; 1999-2002) (Gindin, 2013).

In this scenario, the new LDB (Law No. 9,394/96) was emblematic: although it mandated that high school graduates should possess knowledge of Philosophy and Sociology, it also established, along with Decree No. 2,208/97 (which regulates vocational education) and the National Curriculum Guidelines for Basic and Secondary Education (DCNEM), the competency-based curriculum model (Silva, 2007).

From this process, the author notes a renewed emphasis on regionalized curricula tailored to immediate realities, therefore, to the detriment of scientific curricula, legitimizing eclecticism, promoted under the guise of *flexibility* (Silva, 2007).

Similarly to what had occurred under the dictatorship, these educational models led to a devaluation, particularly of the Arts and Humanities, which began to be presented in an ideologized or psychologized manner. For example, these fields could be reframed as *projects* or *transversal themes*, as if thus being “covered” and hence no longer required as subjects in their own right (Silva, 2007; Handfas, 2012).

This approach to curriculum also put forth a vision of the teaching profession—where the erosion of scientific responsibilities recalls, once again, the defining characteristics of the military dictatorship.

This discourse established pedagogical individualism and the devaluation of traditional disciplines and foundational sciences. It introduced a psychological approach to the teaching-learning process, prioritizing motivational techniques over methods for teaching specific content to particular audiences (Silva, 2007, p. 416, our translation).

However, struggles persisted. In response to pressure from social movements, the Ministry of Education in 2004 issued a document titled *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (Guidelines for High School Curriculum), outlining proposals for curricular reform, including the recognition of Sociology as a formal discipline (in critique of other frameworks, such as the National Curriculum Parameters and the National Curriculum Guidelines for High School, or DCNEM) (Santos, 2013).

At that time, states like São Paulo and Rio Grande do Sul raised concerns regarding changes to the DCNEM, even implementing regional curricula aligned with previous guidelines. Amidst these disputes, a law was enacted mandating the teaching of Sociology throughout the three years of high school and endorsing changes in the DCNEM (Law No. 11,684/08) (Santos, 2013).

Before proceeding to the next section of this article, several observations should be noted: with the implementation of the New High School (NEM) and the National Common Core Curriculum (BNCC), Sociology's characterization as a discipline in an unstable position remains apt.

This is due to the fact that, on one hand, these legislative changes further entrenched the competency-based curriculum model (with substantial involvement from the business sector, as will be discussed below). On the other hand, Sociology was again directly challenged in the discussions surrounding the BNCC; notably, Sociology was considered for removal as a standalone subject, potentially becoming a transversal theme<sup>2</sup> – a proposal that was met with indignation and mobilization, and was ultimately excluded from the final draft.

Additionally, a defining feature of the movements advocating for Sociology's inclusion as a discipline, especially from the 1980s onward, should be highlighted: this movement coincided with a vigorous wave of democratic mobilizations across the country, driven by the context of overcoming the military dictatorship. Thus, the popular forces and social movements that supported this demand played a pivotal role in defining what this cause represented at that time: the inclusion of Sociology as one of the tools to overcome the educational (and societal) model promoted by the dictatorship.

## **2. Neoliberal Educational Reforms in São Paulo and the Life Project**

In this section, we will outline contributions to understanding both the Life Project discipline and the process of its implementation and consolidation in the curriculum.

---

<sup>2</sup> Below is a publication that addresses the issue: CEBRAP – Brazilian Center for Analysis and Planning. For the mandatory nature of Sociology and Philosophy subjects in High School. Published on April 18, 2018. Available at: <https://abecs.com.br/pela-obrigatoriedade-sociologia-e-filosofia-no-ensino-medio/>. Accessed on: September 18, 2024.

Before delving into the historical and social issues surrounding the debate on the Life Project (PV), it is essential to briefly present its institutional definition. According to the training material from the São Paulo State School of Education and Professional Development “Paulo Renato Costa Souza” (EFAPE), Life Project Curriculum Guidelines (2019) describe the Life Project (PV) discipline as follows:

(...) the expression of the vision that the student builds of themselves in relation to their future. This project thus requires students to define their paths, which can be pursued in the short, medium, and long term. Therefore, for the school to fulfill this significant task, its curriculum, practices, and educational processes must ensure: (...)

- *The capacity not to be indifferent to oneself, others, and real problems in their surroundings, presenting themselves as part of the solution in a creative, generous, and collaborative way;*
- *It is expected that the school contributes to the student's ability to position themselves across different life dimensions and circumstances so they can make decisions based on their beliefs, knowledge, and values. (EFAPE, 2019, p. 3, our emphasis, our translation).*

A notable aspect highlighted in the passage above is the primarily *behavioral* definition of Life Project students. That is, this curricular component aims to equip students to make decisions in various life situations based on their “beliefs, knowledge, and values”.

But what kinds of decisions? For what types of situations?

Answers to these questions will be addressed later, following the historical and social overview of the subjects involved in implementing these curricular reforms. For now, it suffices to state that the Life Project, as a specific curricular component with its own dedicated hours, was standardized across São Paulo's state education network starting in 2020. Its initial implementation took place as a pilot project in 24 schools within São Paulo city throughout 2019 (Goulart; Alencar, 2021).

This initial curricular shift resulted from the *Inova Educação Program* (PIE), a collaboration between the São Paulo State Department of Education (Seduc) and the Ayrton Senna Institute (IAS), launched in May 2019. This program aimed to implement an educational model across the entire state network, with...

(...) a change in the curriculum framework for Cycle II of elementary school and high school, introducing five weekly class periods (one per day) with the addition of subjects titled *Life Project* (two classes), *Technology and Innovation*,



and *Electives* (one weekly class for each component). This modification was achieved by reducing all class periods from 50 to 45 minutes, thereby extending student attendance at school to five hours and fifteen minutes per day, seven classes daily, along with adjusting the scheduled time for training activities for school teams (Goulart; Alencar, 2021, p. 338, our translation).

The addition of these new curricular components occurred without the hiring of new teachers or conducting recruitment exams. Current teachers were expected to assume these classes, provided they completed a 30-hour online training course for each component of the *Inova Educação Program* (PIE). The first course took place in July 2019; its update, also a 30-hour course, was scheduled for 2020. A third edition of the course was offered in 2021. These courses, provided by EFAPE, reflect an important characteristic of these components: qualifying teachers to teach these subjects did not require a specific postgraduate degree or formal specialization, but only these designated hours of instruction (Goulart; Alencar, 2021).

It is also worth noting that, even before *Life Project* was established as a formal discipline, it appeared in state government documents as a central guiding axis for pedagogical action and development not only for students but also for teachers. As stated in the *Guidelines for the Integral Education Program* document from 2012 (and thus predating the approval of the New High School Curriculum and the National Common Curricular Base, or BNCC), “Life Project is the focus towards which all educational actions of the school project must converge, constructed based on the provision of academic excellence, value formation, and preparation for the world of work” (SÃO PAULO, 2012, p. 18, our translation)

To understand the inclusion and significance of this curricular component, it is necessary to revisit certain historical events that elucidate not only the content required by the *Life Project* discipline but also the social forces that proposed it. Thus, a brief historical overview of the educational policy guidelines implemented in São Paulo state since the 1990s is needed to understand the role of private capital in establishing neoliberalism in São Paulo’s education system.

In examining the educational policy discourse, Gomide (2019) proposes analyzing the application of the neoliberal educational model in São Paulo through three phases: the *paving phase* (1995–2002), the *implementation phase* (2003–2010), and the *consolidation phase* (2011–2018).

It should be noted that since Gomide’s thesis was completed in 2019, the author did not address events that only materialized in subsequent years. Thus, a few clarifications are needed: 1) these phases correspond to the years of governance by the Brazilian Social Democracy Party (PSDB) in São Paulo, totaling 28 consecutive years (1995–2022). 2) As Gomide (2019) asserts, the PSDB’s long-standing administration of the state government has enabled the continuous implementation

of managerial principles in education over these decades, which are carried out systematically and without interruptions.

According to the author, each of these phases can be defined as follows:

– **Paving Phase:** Occurring concurrently with the federal government led by the same party (under President Fernando Henrique Cardoso), with state governance under Governors Mário Covas (1995–1998; 1999–2001) and Geraldo Alckmin (2001–2002; 2003–2006), and Tereza Roserley Neubauer as head of the Education Department (Seduc). During this period, following national directives for state restructuring modeled on market principles, political and institutional foundations were laid for implementing a neoliberal educational model. Among these measures, Gomide (2019) highlights the application of technologies and external assessments whose results were to be interpreted based on managerial principles; the spread of the notion that education is a service that could be provided by non-state entities; and the endorsement of market mechanisms for organizing public education.

– **Implementation Phase:** Under the state governments of Geraldo Alckmin and José Serra (2007–2010), during the first and second terms of President Luiz Inácio Lula da Silva (2003–2006; 2007–2010) from the Workers' Party (PT). According to the author, the primary feature of this period was the effort to convince public servants, students, and their families about neoliberal educational policies. Gabriel Chalita, as head of Seduc-SP (2003–2006), played a significant role in promoting consensus and co-opting support for this model through systematic training initiatives (Gomide, 2019).

In essence, this period saw the promotion of the so-called Pedagogy of Love, which advocated solving educational challenges through interpersonal relationships between teachers and students. This approach emphasized behavioral proposals, thereby diverting discussions from social and historical issues related to the deterioration of public education (Rodrigues, 2020).

Following Chalita's tenure at Seduc-SP, Maria Helena dos Santos Castro (2007–2009) and Paulo Renato de Souza (2009–2010) took charge, continuing the neoliberal agenda with a top-down approach, incorporating and deepening concepts like competencies and skills in daily school activities (Gomide, 2019).

Additionally, this period saw a prominent role for private organizations, particularly the Ayrton Senna Institute (IAS). Although the IAS had established contacts and partnerships with the São Paulo state education network since 1994, it was in 2006 that the organization began playing a more direct role in shaping policies implemented within the network, notably through the *Full-Time Schools* program (later replaced by the Integral Education Program), as well as initiatives like the *School Family Program* and *Youth Empowerment Program* (Gomide, 2019).

The IAS played a critical role in developing proposals related to socio-emotional competencies (SEC) and their associated pedagogical approaches, which

later influenced initiatives such as *Inova Educação* (2019) and the *São Paulo State High School Curriculum* (2020), establishing and consolidating SEC as curricular components.

Thus, by the end of this cycle, characteristics aligned with neoliberal ideals were already observable within the state public education network. These included: performance-based bonuses, structuring school operations around the demands of external assessments, conceptualizing teachers as facilitators in the teaching-learning process while devaluing the scientific components of the curriculum, promoting and enforcing competency-based education, encouraging competition between schools, imposing sanctions for unsatisfactory performance, and institutionalizing precarious working conditions for teachers (Gomide, 2019).

– **Consolidation Phase:** This phase occurred under the governments of Geraldo Alckmin (2011–2018) and Márcio França (2018). During this period, Seduc-SP was led by Herman Voorwald (2011–2015), José Renato Nalini (2016–2018), and João Cury Neto (2018).

These years witnessed turbulent events in national leadership, with Dilma Rousseff (PT) as president from 2011 to 2016 until her replacement, via a controversial process, by Michel Temer (2016–2018) from the Brazilian Democratic Movement Party (PMDB). Additionally, the 2018 election saw the victory of Jair Messias Bolsonaro, representing the far-right.

This national context had significant repercussions. Restricting our focus to public education, there was an accelerated implementation of pro-market educational reforms. Key examples include the High School Reform (2017) and the new National Common Curricular Base (2018).

At the state level, however, there were no major shifts in the direction of educational policies. That is, the neoliberal orientation persisted, with increased involvement of private institutions in all stages of public policy development—from conception to implementation and oversight (Gomide, 2019). Additionally, education management became more firmly anchored in student performance on external assessments.

Among the significant developments in this phase was the establishment of the *Programa Educação – Compromisso de São Paulo* (PECSP), through Decree No. 57,571 of December 2, 2011.

The importance of this program can be observed in several aspects, from supporting the administrative restructuring of Seduc-SP to formulating subsequent curricular proposals. The PECSP's governing council predominantly comprises representatives from the private sector, especially those affiliated with the *Associação Parceiros da Educação* (APE), an organization that includes various private entities<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Such as the Natura Institute, Victor Civita Foundation, Lemann Foundation, Unibanco Institute, Itaú Social Foundation, Tellus, Education Partners, Educar D'Paschoal Foundation, Institute of Co-

Research on this subject indicates that PECSP represents a growing complexity in the privatization of public education, illustrated through three dynamics that demonstrate:

- 1) The integration of APE within the governance structure of public education;
- 2) the permeability between educational policies and APE's mobility beyond the initial scope of the partnership; and
- 3) APE's role in expanding the governance network, acting as a boundary spanner<sup>4</sup> and facilitating the entry of other private organizations (Cássio *et al.*, 2020, p. 1, our translation).

In summary, beyond its initial role as “government advisory,” over time, PECSP has become an essential program for implementing educational policies, with private actors becoming as central as the government itself in executing education policy (Cássio *et al.*, 2020). Through PECSP, for instance, the *Programa de Ensino Integral* (PEI) was developed, a flagship initiative of the PSDB's most recent state government in the field of education. According to the PEI's programmatic document, curriculum expansion is directed toward the development of Social-Emotional Competencies (CSE), with the pedagogical practice thus to be structured by *Projeto de Vida* (PV) (Goulart; Alencar, 2021).

In essence, we return to the reflection made earlier: even before *Projeto de Vida* was established as a curriculum component with dedicated instructional hours (between 2019 and 2020), it had already been promoted by the authors of curriculum reforms (with the private sector's structural involvement, as previously discussed) as a cornerstone of educational transformation.

Thus, we revisit the questions posed at the beginning of this section: what decisions should students be prepared to make upon engagement with PV? What types of life situations are they being equipped for? Are the objectives to foster critical individuals, or to propagate neoliberal ideals rooted in individualism and intense competition? How do young people react to these proposals?

### 3. Youth Reactions to Curriculum Changes

Reflecting on the recent history of this curriculum component and the social forces leading its establishment, it is possible to delineate, with notable precision,

---

Responsibility for Education, Peninsula Institute, the international consultancy *McKinsey & Company* (Cássio *et al.* 2020) etc.

<sup>4</sup> In the authors' words, boundary spanner is: “people and organizations continually move between the public and the private. (...) These actors mobilize their specific position of access to the public and private spheres and employ their resources in corporate networking practices.” (Cássio *et al.*, 2020, p. 5, our translation).

the worldview to which *Projeto de Vida* aligns: consistent with the *Novo Ensino Médio* (NEM) and the National Common Curricular Base (BNCC), the new educational proposals aim to shape individuals to meet the needs of the capitalist mode of production.

In a global context of prolonged crisis and the worldwide degradation of working and living conditions for laborers, there is a need for individuals who are engaged with the prevailing mode of production (Boltanski; Chiapello, 2012); ready to embrace their subjugation, internalizing that the only constant they will experience is a perpetuation of uncertainty and instability (Tommasi; Corrochano, 2020); and naturalizing the notion that failures must be explained on an individual basis, independent of historical and social factors (Catini, 2021). This framing implies a reality of a competitive landscape with very few winners, where the defeated are deserving of their loss—all circumstances leading to the rise and entrenchment of the neoliberal subject and mindset (Dardot; Laval, 2016).

In this context, where “the economy has been placed, more than ever, at the center of individual and collective life, with the only legitimate social values being those of productive efficiency, individual, mental, and emotional mobility, and personal success” (Laval, 2004, p. 14-15, our translation), the entire normative system of societies, particularly the educational system—is subordinated to the neoliberal world rationale (Dardot; Laval, 2016), dismantled, and reformed “in the image and likeness” of the market (Laval, 2004).

It is this reality to which the educational institution must respond. As Goulart and Alencar (2021) recall:

(...) the substitution of the term knowledge by competence aimed to narrow the lexicon in official educational policy documents to align with the terminology used in corporations, thereby acknowledging skills unendorsed by diplomas (...): competence is not validated by a qualification that securely and stably asserts personal value; on the contrary, it justifies permanent evaluation within the unequal employer-employee relationship (Goulart; Alencar, 2021, p. 347, authors' emphasis, our translation).

In this sense, they argue, the practices, competencies, and methodologies proposed by the PIE align with processes of subordinated training of working-class individuals, subject to the shifts and uncertainties that will permeate their working and living conditions (Goulart; Alencar, 2021). In this process, *Projeto de Vida* plays an essential role.

Thus, the function of curriculum components like PV becomes evident: this emerging school model, shaped by neoliberal principles—therefore grounded in utilitarianism, with the total subjugation of schools to economic logic, rendering

them institutions that must provide services beneficial to the market—adopts as its pedagogical goal the formation of the autonomous worker (Laval, 2004). Revisiting the implementation of the *Currículo Paulista* for High School, *Projeto de Vida* would play a central role in shaping this “flexible” individual, the young person convinced to act as their entrepreneur. As Dardot and Laval (2016) point out, the entrepreneurial subject is the result of not only economic policies that benefit the market but also a broader neoliberal societal project.

However, it is necessary to underscore that this advancement of capitalist forces—economically, politically, and ideologically—over working youth, which also takes shape within curricular disputes, does not occur linearly. That is, the politicization of youth within these contexts may or may not occur. In some contexts, there is, in fact, a distancing from politics and political parties as avenues for communication between social groups and politics (Araújo; Perez, 2021). In other words, even with the BNCC and NEM at the national level and with PIE at the state level, Sociology has remained a mandatory subject.

One of the main reasons for this persistence has been the mobilization of high school students, such as their occupation of schools in São Paulo<sup>5</sup> to protest the “reorganization” of educational units, the stance of organizations like the National Union of Students (UNE) and the Brazilian Union of Secondary Students (UBES), and the involvement of the student movement as a whole in the NEM voting processes. As Groppo and Sousa (2022) highlight:

Social movements, including the secondary student movement, demonstrate an ability to contest unjust elements of the social order, to halt new forms of oppression and erosion of social rights, and to reveal that, ultimately, every person is a political subject with an equal capacity to speak and act. They do so by combining cognitive and affective elements, rationality, and emotions—even adolescents, in protests that still inspire us today with their autonomy and dignity (Groppo; Sousa, 2022, p. 17, our translation).

Thus, from their demands, high school students presented issues that exposed often-overlooked aspects, including curriculum, school infrastructure, quality of school meals, and more. Studies on school occupations between 2015 and 2016 show that these mobilizations not only questioned policies such as school closures or the freeze on public education and healthcare funding but also hinted at proposals for the kind of education these students sought (Groppo; Sousa, 2022).

---

<sup>5</sup> The restructuring of the São Paulo school system consisted of separating the schools so that each one would offer only one of the cycles of education (elementary school I, elementary school II, or high school). The proposal also provided for the closure of 94 schools, which would be made available for other functions in the area of education.

That is, as studies on this topic emphasize (Groppo *et al.*, 2021), students recognized the importance of subjects like Sociology, History, Philosophy, and Geography in their civic education. The inclusion of these knowledge areas thus became a point of debate in subsequent curriculum discussions:

(...) here are elements of the very ‘formal’ school life or curriculum that fostered some of the movement’s latent energy. The interviews highlight the formative work of some teachers, particularly in subjects like Sociology and History, and occasionally Geography and even Portuguese Language, something observed in other states as well. Thus, we see indications of critical social and political formation promoted by teachers in their pedagogical work (Groppo *et al.*, 2021, p. 11, our translation).

Therefore, if Sociology has remained part of the curriculum—despite ongoing market-driven pressures and attacks—this can indeed be understood as one of the results of student activism.

## **Final considerations**

Throughout this text, we aim to develop an analysis of the implementation of Sociology and Life Project courses from a historical perspective, emphasizing the political and social dimensions of these processes. In doing so, we highlight studies that link curricular changes to a broader context, underscoring the complexity of such proposals by locating the disputes that shape these decisions.

When reviewing the trajectory of Sociology and its presence and absence in the curriculum, several notable aspects emerge that allow us to draw critical distinctions between it and the Life Project course. Two characteristics are particularly important here: Sociology’s connection to scientific interpretations of reality and its emergence as a product of democratic mobilizations, particularly from the 1980s onward.

In contrast, the Life Project course occupies a prominent place within ongoing educational reforms in Brazil. Even before being formally integrated into the curriculum with dedicated class time, Life Project (PV) emerged as a guiding principle for the pedagogical framework in São Paulo, Brazil’s largest state educational network.

The historical movement toward the creation of the PV course stands in direct opposition to that of Sociology, beginning with its foundational principles: it is defined by the emphasis on socioemotional competencies in structuring the curriculum and by the promotion of a pedagogical approach that demands and celebrates behavioral intervention.

Thus, the establishment of Life Project as a mandatory subject signifies a significant advance of competency-based pedagogy over scientific knowledge. As discussed throughout this text, the educational transformations that have culminated in PV's imposition on the curriculum are linked to the advance of neoliberal policies in public schooling. Such reforms are associated with the broader conflict in which capital (and its agents) seeks to cultivate individuals prepared not only to survive within an economic system that erodes basic rights but also to defend it (Boltanski; Chiapello, 2012).

It is also essential to underscore that this realization should be viewed through a historical lens, revisiting the moments when this type of immediate, fragmented knowledge, legitimized by a technocratic discourse, gained traction in Brazilian education. This brings us to the second characteristic highlighted: the mobilization of democratic forces.

As previously mentioned, Sociology was introduced as a topic in curriculum discussions during the re-democratization period by social movements, while private institutions primarily led the push for the implementation of the Life Project course. This distinction is far from trivial. As seen in São Paulo, the initial coordinating efforts that culminated in the new state curriculum were facilitated by organizations such as IAS and APE, which formed "partnerships" with public authorities and progressively moved to the forefront of public policy decisions.

While these private institutions assert that they champion consensual social interests, as though carrying the banner of the common good, in practice, they were not democratically chosen to fulfill such roles. In other words, their role in shaping public policy, often framed as partnerships, is established without public, collective endorsement—opposed, as noted earlier, by secondary student mobilizations.

Thus, unlike the struggles fought for Sociology's inclusion in the curriculum starting in the 1980s, the presence of the Life Project course signifies the solidification of market influence in defining a curriculum and school model that mirrors market functions.

There are some nuances that should inform our discussion here. First, this study does not aim to propagate the notion that Sociology inherently possesses a "civilizing mission," as if its inclusion in the curriculum inherently steers the educational institution toward a progressive or democratic trajectory. The debates presented here, regarding the origins of Sociology's inclusion in the curriculum and the applied school model, help dispel such potential misunderstandings. Second, the disappearance of Sociology from the curriculum, as discussed here, is symptomatic of the directions that conflicts surrounding public education and schools may take.

Finally, it is important to emphasize that, despite the situation described, history has not reached its end. Schooling and curricula, in our view, remain spaces of conflict and contradiction (Apple, 1995). In light of the discussion presented



in this article, perhaps the most explicit example is the popular backlash against efforts, seen in the discussions around the new BNCC, to exclude subjects like Sociology from the curriculum. Even though affected by competency-based pedagogy, Sociology remains in the curriculum—demonstrating that social mobilizations undoubtedly still hold decisive influence in shaping public policies. Furthermore, they suggest that alternative proposals to market-driven educational models may well emerge from such collective mobilizations.

## REFERENCIAS

APPLE, M. W. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ARAÚJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, 2021. Available at: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/14764>. Accessed in: 13 jun. 2024.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **El nuevo espíritu del capitalismo**. Madrid: Akal, 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

CÁSSIO, F.; AVELAR, M.; TRAVITSKI, R.; NOVAES, T. A. F. Hierarquização do Estado e a expansão das fronteiras da privatização da educação em São Paulo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e241711, 2020.

CATINI, C. R. A educação bancária, “com um Itaú de vantagens”. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, 13(1), 90-118, 2021.

CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Pela obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio. Publicado em 18 abr. 2018. Available at: <https://abecs.com.br/pela-obrigatoriedade-sociologia-e-filosofia-no-ensino-medio/>. Accessed in: 18 sep. 2024.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EFAPE – ESCOLA DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO “PAULO RENATO COSTA SOUZA”. **Diretrizes Curriculares Projeto de Vida**, 2019. Available at: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista.pdf>. Accessed in: 22 jan. 2023.

GINDIN, J. Sindicalismo Dos Trabalhadores em Educação: Tendências Políticas e Organizacionais (1978-2011). **Educar em Revista**. 48:75–92, 2013.

GOMIDE, D. C. A política educacional para o Ensino Médio da Secretaria da Educação do estado de São Paulo e o alinhamento com o projeto neoliberal através de ciclos progressivos de adequação (1995-2018) (Tese de doutorado). Campinas, FE/UNICAMP, 2019.

GOULART, D. C.; ALENCAR, F. Inova educação na rede estadual paulista: programa empresarial para formação do novo trabalhador. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.13, n.1, p.337-366, 2021.

GROPPO, L. A.; MARTINS, S. A.; SALLAS, A. L. F.; FLACH, S. F. O maior, o mais ignorado, o mais combatido: o movimento das ocupações estudantis no Paraná em 2016. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v.34, n.1, 2021.

GROPPO, L. A.; SOUSA, F. A. Experiências, emoções e memória de jovens: ocupações secundaristas no Ceará em 2016. **Educação Unisinos** – v.26, 2022.

GUIMARÃES, V. O. S.; GROppo, L. A. Quando juventude não é apenas uma palavra: uma releitura sociológica acerca da categoria juventude. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 05-18, jul./dez. 2022

HANDFAS, A. A trajetória de institucionalização da Sociologia na Educação Básica no Rio de Janeiro. **Anais do 3º Encontro estadual de ensino de Sociologia**. 2012. Available at: [www.labes.fe.ufjf.br](http://www.labes.fe.ufjf.br). Accessed in: 22 jan. 2023.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**. Londrina: Planta, 2004.

RODRIGUES, C. A. O Programa “Educação: Compromisso De São Paulo” E O “Novo Modelo De Escola De Tempo Integral”: Crítica À Incorporação Dos Valores Da Lógica Empresarial Na Educação Escolar Pública. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, SP, v.20, 1-23, e020008, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8654673>. Available at: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/view/1670>. Accessed in: 17 sep. 2024.

SANTOS, A. R. Os conhecimentos de ciência política na disciplina de sociologia no ensino médio. **Pensata**, Guarulhos/SP, v. 3, n. 1, 2013.

SÃO PAULO. **Diretrizes do Programa de Ensino Integral**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação, 2012. Available at: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/726.pdf>. Accessed in: 03 jan. 2023.

SILVA, I. F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

TOMMASI, L.; CORROCHANO, M. C. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 34, n. 99, p. 353–371, 2020. DOI: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.021. Available at: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173439>. Accessed in: 17 sep. 2024.

*Sociology and life project as expressions of contradictions: disputes  
over curriculum, conceptions of school and youth*

**Received on:** 18/06/2024

**Approved:** 12/08/2024



IS THERE STILL HOPE? THE FUTURE  
EXPECTATIONS OF YOUNG PEOPLE  
FROM GUARULHOS-SP AT THE PEAK  
OF THE COVID-19 PANDEMIC

*AINDA HÁ ESPERANÇA? AS EXPECTATIVAS  
FUTURAS DOS JOVENS DE GUARULHOS-  
SP NO AUGE DA PANDEMIA DE COVID-19*

*¿AÚN HAY ESPERANZA? LAS EXPECTATIVAS DE  
FUTURO DE LOS JÓVENES EN GUARULHOS-SP  
EN EL CENTRO DE LA PANDEMIA COVID-19*

*Daniel Arias VAZQUEZ\**

*Heber Silveira ROCHA\*\**

*Lígia Gonçalves DALL'OCCHO\*\*\**

*Alexandre Barbosa PEREIRA\*\*\*\**

**ABSTRACT:** The article analyzes the youth expectations regarding the end of the COVID-19 pandemic and the post-pandemic situation in Brazil, verifying the social, economic, and health factors allow us to understand optimism or pessimism about the future. A database resulting from the application of a survey – with 843

---

\* Federal University of São Paulo (UNIFESP), Guarulhos-SP, Brazil. Associate Professor in the Department of Social Sciences and in the Graduate Program in Social Sciences at UNIFESP. He holds a Doctoral degree in Economic Development and a Master's degree in Social Economy and Labor (UNICAMP), and is an undergraduate in Public Administration (UNESP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contact: [dvazquez@unifesp.br](mailto:dvazquez@unifesp.br).

\*\* University of São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brazil. Full Professor in the Public Policy Management Course. He holds a Doctoral degree in Political Science (UNICAMP), a Master's degree in Public Administration and Government (FGV), and an undergraduate degree in Public Policy Management (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9718-6849>. Contact: [heber@usp.br](mailto:heber@usp.br).

\*\*\* Guarulhos Public Policy Observatory, SP, Brazil. Master in Public Policy Management (USP), Doctoral degree candidate in Social Sciences (UNIFESP), and graduate in Environmental Management (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0291-2962>. Contact: [ligia.ambiental@gmail.com](mailto:ligia.ambiental@gmail.com).

\*\*\*\* Federal University of São Paulo (UNIFESP), Guarulhos-SP, Brazil. Assistant Professor in the Department of Social Sciences and in the Graduate Program in Social Sciences (PPGCS). He holds a Doctoral degree and a Master's degree from the Graduate Program in Social Anthropology (USP), and is an undergraduate in Social Sciences (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3977-1171>. Contact: [abpereira@unifesp.br](mailto:abpereira@unifesp.br).

participants, aged between 15 and 29, residents in Guarulhos-SP – was used to build two regression models: binary and multinomial logistics, with simple and multivariate analyses. The results reveal that only 20% were optimistic about the pandemic and the country’s future after the pandemic. Pessimism was greater among young people over 18 years old, with family income greater than three minimum wages, and those who showed worsening emotional states. Religious practice was the only reason for a minority to remain optimistic during the peak of the health crisis.

**KEYWORDS:** Future expectations. Pessimism. Youth. Pandemic.

**RESUMO:** *O artigo analisa as expectativas dos jovens quanto ao fim da pandemia de Covid-19 e à situação do Brasil pós-pandemia, verificando os fatores sociais, econômicos e de saúde que explicam o otimismo ou pessimismo em relação ao futuro. Utilizou-se dados obtidos pela aplicação de um survey – com 843 participantes, entre 15 e 29 anos, moradores de Guarulhos-SP – para a construção de dois modelos de regressão: logística binária e multinomial, com análises simples e multivariadas. Os resultados revelam que apenas 20% estavam otimistas em relação à pandemia e quanto ao futuro do país após a pandemia. O pessimismo foi maior entre os jovens maiores de idade, com renda familiar maior que três salários mínimos e que apresentaram piora no estado emocional. A prática religiosa foi o único motivo para uma minoria manter o otimismo durante o auge da crise sanitária.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Expectativas futuras. Pessimismo. Juventude. Pandemia.*

**RESUMEN:** *El artículo analiza las expectativas de los jóvenes sobre el fin de la pandemia de Covid-19 y la situación en Brasil pospandemia, verificando los factores sociales, económicos y sanitarios que explican el optimismo o el pesimismo sobre el futuro. Se utilizaron datos obtenidos de una encuesta – con 843 participantes, entre 15 y 29 años, residentes en Guarulhos-SP – para construir dos modelos de regresión: logístico binario y multinomial, con análisis simple y multivariado. Los resultados revelan que sólo el 20% se mostró optimista sobre la pandemia y el futuro del país después de la pandemia. El pesimismo fue mayor entre los jóvenes mayores de 18 años, con un ingreso familiar superior a tres salarios mínimos y que mostraron un empeoramiento en su estado emocional. La práctica religiosa fue el único motivo para que una minoría mantuviera el optimismo durante el peor momento de la crisis sanitaria.*

**PALABRAS CLAVE:** *Expectativas de futuro. Pesimismo. Juventud. Pandemia.*

## Introduction

The World Health Organization (WHO) officially declared a public health emergency in March 2020 due to the pandemic caused by the Sars-Cov-2 coronavirus, which led to the disease named COVID-19. According to WHO data, over 750 million people worldwide were infected between 2020 and 2023, with 37 million cases reported in Brazil and approximately 700,000 fatalities.

Despite the greater severity of the disease among older individuals, the pandemic had a detrimental impact on the mental health of young people (Vazquez *et al.*, 2022) and exacerbated restrictions on employment and income opportunities for youth, further hindering their entry into or consolidation within the labor market (Corseuil; Franca, 2022). In light of the depth of both the health and economic crises, what are young people's expectations regarding the future? What explains why some maintain optimism while pessimism predominates among the majority within this adverse context?

This article analyzes these differing expectations and seeks to identify social, economic, and health-related factors associated with either pessimism or optimism about the pandemic and the future of the country post-pandemic, from the perspective of young residents in the municipality of Guarulhos, São Paulo.

For this purpose, data were collected through the survey "*Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19*" (Portraits of Guarulhos Youth and the Effects of the COVID-19 Pandemic), conducted by the Municipal Human Rights Observatory (2021). Data collection took place from April 29 to May 15, 2021, involving 843 young individuals aged 15 to 29 residing in Guarulhos, SP. This period immediately followed the peak of the pandemic in Brazil, when the 7-day moving average of deaths due to COVID-19 ranged from 1,900 to 2,500 between the first and last days of data collection. In terms of spatial scope, Guarulhos is the 12th most populous municipality in the country and the second most populous in the state of São Paulo, with a population of 1,291,771, according to the latest demographic census, second only to the state capital. Young people aged 15 to 29 comprise 22.5% of the total population, according to IBGE data (2022).

The first dependent variable is derived from young people's expectations during that phase of the pandemic. The second variable corresponds to their outlook on a possible post-pandemic scenario in Brazil. In both cases, the categories include optimistic, pessimistic, and neutral perspectives regarding the country's overall situation. This study aims to identify explanatory factors or those potentially associated with young people's varied future expectations, grouped into three dimensions: 1) social markers (gender, race/color, age, and religious practice); 2) economic aspects (household income, financial contribution at home, and adequate household space); 3) health status (decline in emotional well-being and whether the individual was

infected with the virus). To simplify the models, all these independent variables are dichotomous and will be further detailed in the methodological section of the article.

The central hypothesis posits that pessimism generally prevails due to the severity of the economic and health crises, being proportionately higher among the more socially vulnerable youth, who experience poorer income and housing conditions and whose mental and physical health was directly impacted by the pandemic.

The article is divided into four parts, in addition to this brief introduction. The first part provides a theoretical approach to young people’s expectations and their explanatory factors. The second section details the methodology used for data collection and analysis. The third section presents the study results, highlighting the factors associated with pessimism, and, to a lesser extent, optimism, regarding future expectations. The final considerations offer a discussion of these findings.

## **1 Youth, Engagement, and Future Expectations**

First, it is important to emphasize the use of “youths” in the plural, given that this age-related experience is shaped by particular social and economic conditions, such as social class, cultural, and geographic dimensions. During this stage of life, values and experiences acquired within the family environment are tested through new experiences encountered in the microsocial domain (such as associative and religious ties, affective relationships, and friendships) and the macrosocial domain, which includes the political, economic, and social contexts in which young people are embedded.

Secondly, it is essential to consider the current global situation affecting youth, marked by (i) the structural crisis of capitalism, which has intensified social, political, and economic instability, such as labor flexibilization, impacting all social groups, especially younger ones; (ii) the phenomenon of extended schooling for new generations, which contradicts the limited possibilities of professional inclusion and social mobility through education and employment; and (iii) the crisis of representative democracy globally, reflected in widespread public mistrust, particularly among young people, toward institutions (Tomizaki; Daniliauskas, 2018).

The literature suggests that young people are not “disinterested” or “apathetic” toward politics or the ability to organize politically, but rather disillusioned with traditional politics conducted through conventional mechanisms such as political parties within the electoral system (Araujo; Perez, 2021). Young people perceive this structure of political representation as incapable of addressing society’s demands (Boghossian, Minayo, 2009; Fuks, 2011; Sposito, 2010).



If youth participation hinges on the actual conditions for their engagement in political spaces, the central questions become: what are the social, cultural, economic, and political circumstances necessary for young people to engage? What incentives do the State and society at large provide for young people to participate in both institutional and non-institutional spaces?

To attempt to answer these questions, it is essential to consider that young people feel motivated to engage in collective actions in the public sphere when such opportunities are guided by practical issues aligned with their life experiences and daily demands, such as employment, religion, family, and education (Muxel, 2007; Singer, 2013). According to Carrano (2006, p. 4, our translation), “religious, sports, and artistic groups form the foundation of youth associativism in contemporary Brazil, (...) mobilizing collective actions that are not always recognized as political or socially relevant”.

According to Tomizaki and Daniliauskas (2018, p. 219, our translation), one reason for low youth participation may be attributed to “the lack of spaces and opportunities for exercising and learning collective life and social participation, a form of experimentation that could demonstrate to young people the concrete results of collective actions”. Conversely, low expectations lead to disillusionment and, consequently, to reduced engagement in collective actions.

Thus, contemporary youth’s future outlook has become an essential topic of discussion within youth studies in the Social Sciences. Much of the literature takes the impact of certain economic and social changes as a starting point for how young people experience youth today.

A notable contributor to this discussion is Portuguese sociologist José Machado Pais (2001), who, reflecting on Portuguese and European contexts, asserts that young people, in general, are increasingly immersed in a climate of uncertainty and crisis. This is because linear life trajectories have become progressively more difficult for young people to establish. Pais arrives at this conclusion by analyzing changes in the labor market and the phenomenon of delayed departure from the parental home or repeated returns to the security offered by familial refuge, creating so-called “yo-yo trajectories” (Pais, 2001, our translation). These trajectories are marked by increasingly unstable and uncertain transitions into adulthood, particularly with regard to marriage and the workforce.

In Brazil, this scenario of uncertainty is compounded by the precariousness of personal and professional life. Young people, especially those from lower-income backgrounds, as Corrochano (2014) notes, are forced to “get by.” In other words, they must find various ways to secure their survival, with little or no predictability as to how or when they might attain stable employment, home ownership, or a family of their own. Standing (2013), in his analysis of precarity as the new norm in labor relations, suggests that young people’s entry into the workforce will increasingly

involve precarious positions. However, these unstable and temporary jobs are also progressively extending beyond youth, becoming the norm in adult life as well.

Thus, Young people are transitioning from rites of passage, once markers of definitive entry into adulthood, into rites of impasse, where it is no longer clear when adulthood actually begins, as Pais (2009) described. These rites of impasse form the new developmental process of contemporary youth. In traditional societies, well-defined rites of passage conveyed a new status, that of adulthood, but in today’s context, these references not only fade but also point toward an unpredictable or even daunting future. According to Pais, this situation drives young people to develop various strategies to confront this impasse, either by clinging to an intense focus on the present without considering the future or by adopting a “get by” mentality, embracing precarious opportunities as they arise.

On the one hand, if life stage markers have become increasingly blurred, there are still strong expectations of ideal stages for life progression, a process Pais (2009) identified as the persistence of age-based norms. In other words, even with more indistinct boundaries between life phases, individuals remain pressured to follow life trajectories within narrowly defined age standards, such as the ideal age for completing education, entering the workforce, and even forming a family. This leads to an intensification of the impasse and dilemmas facing contemporary youth.

As a result, young people are more exposed to situations of risk and vulnerability. Le Breton (2012) suggests that contemporary youth’s risk-taking behaviors may indeed be attempts to replace traditional collective rites of passage, currently in crisis, with more individualized forms of social recognition. According to Le Breton, the absence of clear rites marking the transition from youth to adulthood generates a heightened sense of “presentification,” where the future appears increasingly remote. In this context, planning or projecting becomes an exercise in managing or attempting to control and reduce personal risks. Thus, society may already be living in what Beck (2010) termed a “risk society”.

Leccardi (2005) refers to this shift as a move from risk calculation to unpredictability and uncontrollability, which characterizes “second modernity.” While the future in the first modernity might have been viewed as open, in the second, it is defined by uncertainty and volatility, with risks no longer predictable or controllable. This shift extends the present and triggers a crisis concerning the future, suggesting the exhaustion of long-term planning and, according to Leccardi, signaling the end of the very notion of a “project”. As such, youth is increasingly characterized by fragmentation, immediacy, and short-term perspectives.

This landscape of uncertainty has been undeniably exacerbated by the COVID-19 pandemic and the associated social distancing measures, which, among other issues, temporarily removed young people from schools, heightened youth employment challenges, and generally increased labor market precarity, thus delay-

ing emancipation projects. These consequences are particularly severe for young people with greater socio-economic vulnerability, likely resulting in more pessimism within this group.

The notion of youth vulnerability refers to the infringement of rights that prevents young people from fully accessing citizenship. In this context, restricted access to income and public goods and services means that impoverished youth have fewer opportunities than those from upper social classes (Carmo; Guizardi, 2018). Research on youth vulnerabilities forms a substantial field of study in Brazil (Sposito, 2009; Abramo, 1997; Ribeiro, Macedo, 2018; Rocha, 2020) and Latin America (Marcial, 2007; Margulis, Urresti, 1996). A portion of this literature focuses specifically on analyzing youth experiences and realities within the peripheral areas of Brazilian metropolises (Takeiti; Vicentin, 2015).

The various vulnerabilities faced by youth in peripheral areas are key determinants in explaining their living conditions, including low income, degrading work, teenage parenthood, alcohol and drug consumption, family conflicts, and mortality (Sposito, 2009; Takeiti, Vicentin, 2015). Sposito (2009) employs the concepts of vulnerabilities and exclusion as analytical categories to understand the situation of young people in Brazil's urban peripheries. Vulnerabilities are defined in multiple ways: material and symbolic deprivation, hunger, precarious working conditions, family violence, mental health issues, sexual abuse, etc., as demonstrated by Takeiti *et al.* (2020).

In the pandemic context, numerous studies have highlighted the impact of social isolation and the uncertainties caused by the health crisis on young people. As Perez and Vommaro (2023) demonstrate, the pandemic, in a sense, intensified and exposed preexisting social vulnerabilities among a considerable portion of youth in the Brazilian and Latin American context. A special dossier organized by these two researchers provides numerous reflections on how the pandemic disproportionately affected young people's lives. Thus, although everyone felt the pandemic's effects, it was the most vulnerable youth who suffered the most, whether through difficulty in keeping up with school activities, the disruption of social relationships, or the reduction in future expectations.

In a study involving young high school graduates from the state of Rio Grande do Sul, Severo (2023) illustrates how social class experiences shape perceptions of the pandemic's impact. According to Severo, poorer youth reported material hardships and difficulties in long-term project planning, whereas more affluent youth identified the main problem as the impact on their social relationships. Similarly, Koerich and Mattos (2023), conducting research with young students in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, emphasize how social class, which assured enrollment in better-resourced schools for online learning, shaped distinct experiences of social time during the pandemic, thereby altering future expectations. Generally,

it is evident in various analyses that the pandemic has significantly impacted the lives of young people across different social strata, affecting their long-term plans. In Ecuador, Cerbino, Panchi, and Angulo (2023) argue that young people have been the most impacted by the diverse effects of the social reorganization imposed by the pandemic.

Given the profound instabilities caused by health and economic crises, examining how youth shape their future expectations is a crucial issue, highlighting the need for further studies to understand which factors and/or institutions play a significant role in this process. Despite the declining influence of institutions in shaping individuals in contemporary society, as noted by Beck (2010), Dubet (2006), and Melucci (1998), it is posited here, as a hypothesis to be tested, that one institution, in particular, holds substantial influence, especially concerning optimistic future outlooks: the churches.

Evidently, one might discuss, particularly considering the prominence of Pentecostal and Neo-Pentecostal churches among the popular youth in contemporary Brazil, whether this form of religiosity is also, to some extent, deinstitutionalized or functioning in a much more individualized and privatized manner (Berger, 1986). According to Jessé Souza (2010), Pentecostal or Neo-Pentecostal religions are closely associated with Brazil's popular or working classes due, among other factors, to their ability to adapt to the aspirations of urban peripheral residents. Gutierrez (2017) further highlights how the evangelical world serves as an important space for life project development among the lower social strata, addressing aspirations such as social mobility through entrepreneurship as opposed to salaried work.

Another increasingly concerning aspect relates to the mental health of young people. An international survey conducted with over 48,000 youth across 34 countries noted a global decline in youth mental well-being, which worsened significantly due to the COVID-19 pandemic, primarily because of social isolation (Mental State of the World, 2022). In Brazil, research by the National Youth Council (CONJUVE, 2020) indicated that the pandemic most significantly affected emotional health among the various aspects of young people's lives. Vazquez *et al.* (2022) underscore that the disruption of social bonds and interruption of core study and leisure routines during the pandemic in Brazil heightened mental health risks. Thus, worsening emotional states are anticipated to correlate with pessimistic expectations about the future, a hypothesis that will also be tested in this study.

In sum, amid the uncertainties brought on by the health crisis, which social, economic, and health-related factors are associated with optimistic or pessimistic expectations among youth? This is the central question that guided this research conducted with young people in Guarulhos, São Paulo, during the peak period of the pandemic in Brazil. The methodological procedures and obtained results will be presented in the following sections.

## **2. Methodology: Survey Design, Variable Selection, and Data Analysis**

Secondary data from the survey “*Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19*” (Portraits of Youth in Guarulhos and the Effects of the Covid-19 Pandemic), conducted by the Human Rights Department of the Guarulhos Municipal Government, was utilized. The structured questionnaire comprised 75 questions, yielding a total of 935 responses, all provided voluntarily and spontaneously. Out of these, 843 cases met the research criteria: being aged 15 to 29 and residing in Guarulhos, São Paulo. The survey was disseminated through the municipal government’s social media channels and local communication outlets, in accordance with the procedures outlined in the 4th Analytical Report of the Municipal Human Rights Observatory (2021).

Given the exploratory, non-probabilistic nature of the applied method, the study did not predefine a sample size. However, the quantity and distribution of responses are considered highly satisfactory, encompassing all areas of the city and proportionally reflecting the population’s spatial distribution. Of the valid cases, 47% were aged 18 to 24, 30% between 15 to 17, and 23% between 25 to 29 (Observatório Municipal de Direitos Humanos, 2021).

For this article, two dependent variables were selected. The first variable pertains to the youth’s assessment of the pandemic, categorized into two positions: optimistic, when responses indicated that “the pandemic will end” or that it “does not affect my life”, and pessimistic, when responses indicated “I am pessimistic” or “we will have to live with possible effects and future pandemics”. The second variable of interest is more straightforward and reflects the youth’s sentiment regarding “a possible post-pandemic situation in Brazil,” with possible responses being: neutral, optimistic, or pessimistic. It should be noted that responses were not mandatory for either variable, resulting in missing cases: 8 for the pandemic-specific variable and 6 for the overall assessment of the country’s situation.

In total, 11 independent variables were selected, all of which are dichotomous categorical variables (represented by 0 or 1) and can be grouped into three dimensions:

- a) **Social markers** – This includes the variables gender, color/race, age, and religious practice. For gender, in addition to male and female, the question provided the options non-binary and other (open-ended). However, the low incidence (7 cases combined) precluded the inclusion of these latter categories in a quantitative study. The same approach was taken for Asians (8 cases) and Indigenous individuals (only 1) concerning skin color/race, resulting in two categories: on one side, Whites and Asians combined, and on the other, Blacks and Browns, with the Indigenous case

considered as missing. Religious practice is a dichotomous variable (yes or no), identifying practitioners regardless of religion. Finally, the age variable separates those under and over 18.

- b) **Economic aspects** – Represented by the dichotomous variables: family income above or below three minimum wages, whether the youth contributes financially at home (or not), and whether they consider themselves to have (or not) an adequate space at home for study or work.
- c) **Health status** – This dimension identifies cases in which individuals had COVID-19 at some point during the pandemic (up to the date of questionnaire response) and whether young people reported that their emotional state worsened during the pandemic, as opposed to those who stated it improved or remained unchanged.

Initially, the frequencies of all variables were calculated. Subsequently, we sought to measure the association between the two dependent variables, that is, the future expectations concerning the pandemic and the post-pandemic situation in Brazil. The chi-square test was used for association testing. Based on the results, pessimism was chosen as the category of interest.

In the regression analysis, simple models were initially conducted with all independent variables separately to assess the isolated effect of each variable. Subsequently, two multiple regression models were constructed, which considered the influence of the independent variables concurrently. This approach allowed for the examination of the effect of each factor while controlling for the others. A binary logistic regression model was applied for the pandemic’s future outlook, as the dependent variable is dichotomous (optimistic or pessimistic). Concerning Brazil’s post-pandemic situation, given the broader question related to the national context, neutrality was chosen as the reference position in a multinomial logistic regression model, to assess the factors that increase or decrease the likelihood of expressing pessimism or optimism compared to the reference category (neutrality).

The results were interpreted based on statistical significance (p-value) and the Odds Ratio (OR), which measures the impact of independent variables (X) on the odds of the event (Y) occurring. Procedures for building the logistic regression models and interpreting their results are summarized in Fernandes *et al.* (2020). Model fit was checked using the Variance Inflation Factor (VIF) to ensure the absence of multicollinearity, complemented by graphical and numerical residual analysis. SPSS Version 21.0 software was used for these analyses.

The results will be presented in the following section.

### 3 Results

First, we will conduct a descriptive analysis of the two dependent variables, future expectations regarding the pandemic and the post-pandemic situation of the country, and the association between them. Table 1 displays the cross-tabulated results.

**Table 1** – Cross-tabulation of future expectations regarding the pandemic and the country’s post-pandemic situation, in percentages (N = 834)\*, youth residents of Guarulhos-SP, 2021

		Expectations about the pandemic		Total	
		Optimistic	Pessimist		
Expectations about the post-pandemic situation in Brazil	Neutral	n	70	267	337
		%	20,8%	79,2%	40,4%
	Pessimist	n	25	304	329
		%	7,6%	92,4%	39,4%
	Optimistic	n	78	90	168
		%	46,4%	53,6%	20,1%
Total	n	173	661	834	
	%	20,7%	79,3%	100,0%	

**Source:** Primary data from the survey “*Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19*” (“Portraits of Youth in Guarulhos and the Effects of the Covid-19 Pandemic”). Compiled by the authors.

(\*) Excludes 9 missing cases: 8 absent in both variables and 1 solely related to the country’s situation.

Pessimistic expectations concerning the pandemic accounted for 79.3% (661 youths), while 20.7% expressed optimism (173 cases). Regarding the post-pandemic situation in the country, 39.4% (329) of the youths expressed pessimism, 20.1% (168) were optimistic, and 40.4% (337) maintained a neutral stance. In the cross-tabulation of expectations, 79.2% of the youths who were neutral about the country’s future were pessimistic regarding the pandemic; among those who were pessimistic about the country, 92.4% were also pessimistic about the pandemic; finally, even among those who expressed optimism about the national post-pandemic outlook, the majority (53.6%) reported pessimism concerning the pandemic. A strong association was found between the two expectations, with high statistical significance as measured by chi-square ( $\chi^2 = 101.99$ ,  $df = 2$ ,  $p < 0.001$ ).

The selected independent variables were grouped into three dimensions: (a) social markers; (b) economic aspects; and (c) health status. Table 2 presents

the number of valid cases, valid percentages, and descriptive statistics for three quantitative variables.

**Table 2** – Descriptive analysis of independent variables  
(N=843)\*, youth residents of Guarulhos-SP, 2021

Dimensions	Variáveis	Categories	N	%
Social Markers	Sex	Men	287	34,3
		Woman	549	65,7
	Colour/ Race	White	453	53,8
		Black	389	46,2
	Religious practice	No	416	50,1
		Yes	415	49,9
Age	Under 18	257	30,5	
	18 or more	586	69,5	
Economic factors	Contribute financially at home	No	326	40,3
		Yes	482	59,7
	Suitable environment at home	No	312	40,2
		Yes	495	59,8
	Income Bracket	Up to 3 MW	588	69,8
		More than 3 MW	255	30,2
Health Situation	Has been infected	No	661	78,8
		yes	178	21,2
	Emotional state worsened	No	182	21,8
		yes	654	78,2

**Source:** Primary data from the survey “Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19” (“Portraits of Youth in Guarulhos and the Effects of the Covid-19 Pandemic”). Compiled by the authors.

(\*) The total sample includes 843 cases. The number of cases per variable varies due to missing data, ranging from 0 to 35 cases.

The sample shows that one-third of respondents are male, while 66% are female. Regarding race, 54% are white, whereas Black and mixed-race (pardo) individuals make up 46%. Half of the youths engage in some form of religious practice, while the other half do not. Age-wise, 30% are minors, and 70% are over 18, with an average age of 20.6 years. Concerning economic aspects, approximately 60% contribute financially to their households, and 70% live with a family income of up to three minimum wages. As for housing conditions, 40.2% reported lacking an adequate place for studying or working at home. Finally, health-related factors



*Is there still hope? The future expectations of young people from Guarulhos-SP at the peak of the Covid-19 pandemic*

indicate that the coronavirus infected 21.2%, and 78.2% reported that their emotional well-being deteriorated during the pandemic. It is noted that all these independent variables have only two categories (0 or 1).

Which of these variables increases the likelihood of youths holding pessimistic or optimistic expectations? The central hypothesis is that socioeconomically more vulnerable youths and those whose physical and mental health was more impacted are more likely to have pessimistic expectations. The sample is highly diverse, and there are strong indications of intersections to be tested in the multivariate analysis, which defines a more vulnerable profile: women, Black individuals, very young respondents, those with lower family income, financial dependence, inadequate home space, and more disrupted social networks.

Two distinct regression models were constructed with the same independent variables (Table 2) but different dependent variables: expectations concerning the pandemic and expectations about Brazil's post-pandemic situation (Table 1). Since the first is dichotomous, binary logistic regression analysis is the most appropriate technique. The second dependent variable has three categories, pessimistic, optimistic, and neutral, and was analyzed using a multinomial logistic model, with neutrality as the reference position.

The results analysis will highlight the most important explanatory factors through Odds Ratios (OR) and statistical significance. This approach aims to identify which factors contribute to greater pessimism during the pandemic and which increase the likelihood of youths with certain characteristics falling into the pessimistic or optimistic groups, compared to those who declared neutral future expectations about the country's general situation.

Table 3 presents the results of the univariate and multivariate analyses for the first model, with pessimism concerning the pandemic as the dependent variable.

**Table 3** – The logistic regression model results, with univariate and multivariate analyses (N = 722), dependent variable: “pessimism regarding the pandemic.” Youth residents of Guarulhos-SP, 2021

Dimensions	Variáveis	Ref.	Univariate analysis			Multivariate Analysis				
			OR	IC 95% (Min–Max)		p value	OR	IC 95% (Min–Max)		p value
Social Markers	Sex	Woman	1,358	0,961	1,918	0,083				
	Colour/ Race	Black	0,67	0,479	0,939	0,02				
	Religious practice	Yes	0,602	0,428	0,847	0,004	0,572	0,390	0,838	0,004
	Age	18 or more	1,97	1,392	2,787	<0,001	1,535	1,032	2,283	0,035
Economic factors	Contributes financially	Yes	1,362	0,963	1,926	0,081				
	Suitable environment	Yes	0,783	0,546	1,121	0,181				
	Income Bracket	Up to 3 MW	0,601	0,406	0,889	0,011	0,523	0,336	0,812	0,004
Health Situation	Has been infected	Partial	1,292	0,841	1,987	0,243				
	Emotional state worsened	Yes	3,33	2,303	4,816	<0,001	3,810	2,518	5,764	<0,001

**Source:** Primary data from the survey “*Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19*” (“Portraits of Youth in Guarulhos and the Effects of the Covid-19 Pandemic”). Compiled by the authors.

(\*) The total number of cases in the multivariate analysis is 722, due to the missing data in the independent variables.

In the univariate analysis, which captures the isolated effect of each independent variable without considering the effects of the others, five variables were found to be significant ( $p < 0.05$ ). Being Black, engaging in religious practices, and having a family income of less than three minimum wages decrease the likelihood of holding pessimistic expectations regarding the pandemic. Conversely, a deterioration in emotional well-being and being an adult (over 18 years old) are positively associated with pessimism. There were no significant differences based on gender, previous infection, or the adequacy of space at home.

The multivariate analysis allows for the assessment of the effects of these factors collectively. It is common for some variables to lose their significance when controlled for others. The results of the final model, which includes only statistically relevant factors ( $p < 0.005$ ), will be highlighted here. The final multiple logistic regression model was highly significant ( $X^2(4) = 58.895$ ,  $p < 0.001$ ;  $R^2$  Nagelkerke = 0.123), revealing a good explanatory capacity, considering the complexity and diversity of individual reasons leading to the formation of future expectations, espe-

cially in a context of significant uncertainty generated by the Covid-19 pandemic in Brazil and worldwide.

Following the order established by the stepwise forward method, the first explanatory factor is an emotional state, whose deterioration increases the likelihood of pessimistic expectations regarding the pandemic by 3.8 times ( $OR = 0.381$ ,  $p < 0.001$ ) compared to those who were not emotionally affected. Contrary to the prior hypothesis, family income is negatively associated; that is, youths with a family income of up to three minimum wages have nearly 50% lower chances of being pessimistic about the pandemic ( $OR = 0.523$ ,  $p = 0.004$ ). Engaging in religious practices was also a protective factor, reducing the likelihood of belonging to the pessimistic group by 43% ( $OR = 0.572$ ,  $p = 0.004$ ). It is important to note that these first three factors belong to distinct dimensions, health, economic, and social, respectively, demonstrating the multifaceted nature of pessimism regarding the pandemic. Finally, reaching adulthood increased the likelihood of pessimism by more than 50% ( $OR = 1.535$ ,  $p = 0.035$ ) compared to minors.

The second model is a multinomial logistic regression since the dependent variable, “expectations about Brazil’s post-pandemic situation”, has three categories: pessimistic, optimistic, and neutral, with the latter chosen as the reference. Thus, the odds ratios (Odds Ratio - OR) for belonging to the groups of pessimists or optimists are compared to the youths who maintained a neutral stance. Table 4 presents the results of the univariate and multivariate analyses for this second model, with the independent variables remaining the same.

The isolated effects measured in the univariate analyses reveal positive and negative associations similar to those found in the previous model. Compared to the group with neutral expectations, the likelihood of holding pessimistic expectations about the country’s situation decreases if the youth is Black and has a family income of up to three minimum wages, which also contradicts the hypothesis of greater pessimism among those who are socioeconomically vulnerable. Similarly, having adequate space at home for study or work reduces the chances of the youth belonging to the pessimistic group. Conversely, a deterioration in emotional well-being is positively associated with pessimism, which confirms the hypothesis regarding health. However, there is no statistical significance regarding whether the individual has been infected or not.

Two variables are associated with both pessimism and optimism. The first is religious practice, which reduces the likelihood of the youth having pessimistic expectations while simultaneously increasing the chances of optimism among them, always in comparison to those who remained neutral. The second variable is age, which is positively associated with both groups; that is, minors tended to remain more neutral, while young adults had their expectations altered, with some anticipating a better future and others a worse one.

**Table 4** – Results of the multinomial logistic model, with univariate and multivariate analyses (N = 725), with the dependent variable “expectations about Brazil’s post-pandemic situation.” Youth residents of Guarulhos-SP, 2021

Dimensions	Variables	Ref.	Univariate Analysis			Multivariate Analysis				
			OR	IC 95% (Min–Max)	p value	OR	IC 95% (Min–Max)	p value		
Pessimist	Sex	Woman	0,951	0,689	1,312	0,760				
	Colour/ Race	Black	0,672	0,495	0,912	0,011				
	Religious practice	Yes	0,698	0,513	0,948	0,021	0,700	0,503	0,976	0,035
	Age	18 or more	2,010	1,434	2,817	<0,001	1,982	1,385	2,837	<0,001
	Contributes financially	Yes	0,906	0,661	1,242	0,541				
	Suitable environment	Yes	0,669	0,486	0,921	0,014	0,661	0,470	0,931	0,018
	Income Bracket	Up to 3 MW	0,693	0,500	0,961	0,028	0,614	0,425	0,886	0,009
	Has been infected	Yes	0,870	0,601	1,259	0,461				
	Emotional state	Yes	2,134	1,423	3,200	<0,001	1,985	1,284	3,069	0,002
Optimistic	Sex	Woman	0,888	0,602	1,310	0,548				
	Colour/ Race	Black	0,846	0,584	1,226	0,377				
	Religious practice	Yes	1,802	1,227	2,646	0,003	1,862	1,230	2,819	0,003
	Age	18 or more	1,509	1,012	2,252	0,044	1,977	1,271	3,075	0,003
	Contributes financially	Yes	0,927	0,630	1,366	0,703				
	Suitable environment	Yes	1,302	0,860	1,971	0,212				
	Income Bracket	Até 3 SM	1,163	0,763	1,774	0,482				
	Has been infected	Yes	0,798	0,503	1,265	0,337				
	Emotional state worsened	Yes	0,672	0,447	1,012	0,057				

**Source:** Primary data from the survey “*Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19*” (“Portraits of Youth in Guarulhos and the Effects of the Covid-19 Pandemic”). Compiled by the authors.

(\*) The total number of cases in the multivariate analysis is 725, due to missing data from the independent variables.

The multiple multinomial regression model demonstrated good explanatory capacity ( $X^2(12) = 87.06$ ;  $p < 0.001$ ; Pseudo  $R^2$  Nagelkerke = 0.124). Regarding pessimistic expectations, in order of relevance, youth who reported a deterioration in emotional well-being (OR = 1.985,  $p = 0.002$ ) and those over 18 years old (OR = 1.982,  $p < 0.001$ ) have double the chances of exhibiting pessimism compared to those in the neutral group. If the family income is lower (up to three minimum wages), it reduces the likelihood of pessimism by almost 40% (OR = 0.614,  $p = 0.009$ ), while having adequate space at home also decreases these chances by 34% (OR = 0.661,  $p = 0.018$ ). Finally, religious practice was also a protective factor, reducing the chances of pessimism by 30% (OR = 0.700,  $p = 0.035$ ), always in relation to remaining neutral. In the multivariate analysis, the variable of skin color/race lost its statistical significance.

Conversely, optimism among youth had only two significant factors: age and religious practice, both positively associated. Being over 18 years old increases the chances of optimism by 98% (OR = 0.977,  $p = 0.003$ ), while religious practice raises these chances by 86% (OR = 0.862,  $p = 0.003$ ) in relation to remaining neutral. Considering that age also increases the chances of pessimism, this variable appears more as a trend in positioning among young adults, rather than neutrality, which is more common among younger individuals, than as an explanatory factor of pessimism or optimism regarding the future of Brazil post-pandemic. Thus, optimism seems to be reduced to a matter of faith in light of the country's dramatic situation at the pandemic's peak.

These findings will be discussed in the concluding remarks.

## **Final considerations**

The research analyzed the expectations of young residents of Guarulhos-SP concerning the pandemic and the future situation of Brazil post-pandemic. A total of 843 participants aged between 15 and 29 years took part. Data collection was conducted from April 29 to May 15, 2021, days after the registration of more than 4,000 deaths from COVID-19 in a single day and still during the strongest wave of the pandemic in Brazil. Given the severity of the situation, approximately 80% of youth were pessimistic regarding the pandemic, while 20% were optimistic. Regarding the future of the country after the pandemic, 40% had pessimistic expectations, another 40% stated they were neutral, and only 20% were optimistic.

A strong association between the two expectations is noted; however, expectations regarding the pandemic were worse. Among those who were pessimistic about the future of the country, 92% were also pessimistic regarding the pandemic. Even among those most optimistic about Brazil's post-pandemic situation, the majority

(53.6%) were pessimistic about the pandemic. Beyond describing this scenario, the research aimed to investigate the causes of these future expectations.

To achieve this, the study sought to identify associated factors of three types: a) social markers (gender, color/race, age, and religious practice); b) economic aspects (family income, financial dependence, and adequate space in the household); c) health situation (deterioration in emotional state and whether the coronavirus had infected the youth). All these independent variables are qualitative and dichotomous. The central hypothesis posited that youth with greater socioeconomic vulnerability and those whose health had been affected exhibited higher levels of pessimism regarding the pandemic and the future of the country. To test this hypothesis, a binary logistic regression model was employed for expectations related to the pandemic (pessimistic versus optimistic) and another multinomial regression model for future expectations for the country, using the neutral position as a reference.

Regarding the health situation, future expectations are independent of whether the youth has been infected with Covid-19. However, a strong association is noted with a deterioration in the emotional state during the pandemic, which increases the likelihood of pessimistic expectations regarding the pandemic by nearly four (4) times and doubles (2) the chances of pessimism concerning Brazil’s post-pandemic future, confirming the negative effects of the pandemic on the mental health of youth, as indicated by the literature. For instance, Vazquez *et al.* (2022) demonstrate that screen time exposure and disrupted sleep patterns (switching day for night), both related to changes in the routines of youth due to social isolation and school closures, are strongly associated with symptoms of anxiety and depression during the pandemic. According to the authors, 9th-grade students in elementary and high schools in state and municipal public schools located in the peripheries of the municipalities of São Paulo-SP and Guarulhos-SP showed a positive screening for severe depressive symptoms in 10.5% of cases and for severe anxious symptoms in 47.5% of cases. The future consequences of this deterioration in emotional state are not limited to the formation of expectations, as mental disorders tend to remain stable into adulthood in more than half of the cases, as noted by Lavigne *et al.* (1998) in a seminal study conducted more than two decades prior to the coronavirus crisis.

Concerning socioeconomic vulnerability, the results indicate that youth with a family income of less than three minimum wages (70% of the sample) had approximately 50% lower chances of exhibiting pessimism for both expectations compared to those with income above this threshold. On the other hand, having adequate space at home (59% of the sample) reduces the chances of pessimism (34%) regarding the country’s situation but does not affect expectations related to the pandemic. In multivariate analyses, no differences were found concerning gender, skin color/race, and the financial dependence of youth. In other words, the evidence is insufficient to demonstrate that the most vulnerable individuals were more pessimistic.

According to Taiketi *et al.* (2020), vulnerability and risk are considered synonymous in the fields of public health and social psychology when addressing stress-inducing events motivated by the youths themselves and the social and cultural determinants that lead to risk situations. Given the inability to confirm the relationship between objective life conditions and the expectations of young people, it is recommended that future studies analyze the determinants of youth emotional states beyond material factors and income.

Two social markers proved relevant in both models: adulthood and religiosity. The former increases the likelihood of pessimism regarding the pandemic by 53% compared to individuals under 18 years of age. With respect to the future of the country, adulthood nearly doubled the chances of both pessimism and optimism in comparison to neutrality; this group exhibited less neutrality, a position more commonly found among younger individuals. Thus, the uncertainties surrounding the transition to adulthood, as reflected in the works of Pais (2001; 2009) and Leccardi (2005), which are now exacerbated by the context of the pandemic, would explain why younger individuals remain neutral, lacking the capacity to project their futures. This difference highlights the plurality of experiences among youth within the same age group.

Religious practice, in turn, accounts for a reduction of 43% and 30% in the chances of pessimism regarding the pandemic and the post-pandemic situation in Brazil, respectively. Additionally, it increased the likelihood of optimism concerning the future of the country by 86%, serving as the only determining factor for this outlook, since adulthood was also associated with pessimism, as previously established. Thus, despite the trend toward a diminished role of institutions in shaping individuals in contemporary society (Beck, 2010; Dubet, 2006; Melucci, 1998), religion has functioned as a significant institution that enables young people to construct more optimistic perspectives about their futures. This observation could be justified by the fact that Pentecostal and neo-Pentecostal religions have increasingly expanded their presence among lower socioeconomic classes (Souza, 2010), addressing, among other issues, precisely those related to future prospects (Gutierrez, 2017).

Based on the main findings of this study and in dialogue with the existing literature on the subject, the following conclusions can be drawn: 1) the deterioration of the emotional state of youth is strongly associated with pessimistic expectations, as anticipated; 2) greater pessimism was also observed among young people with a family income exceeding three minimum wages compared to those who are economically disadvantaged, contradicting this prior hypothesis; 3) only religion served as a reason for a minority to maintain faith in better days following the pandemic, revealing a strong influence of this institution on the formation of future expectations among youth.

## REFERENCES

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 73-90, 1997.
- ARAÚJO, R. de O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, v. 26, n. 50, p. 327–349, 2021.
- BECK, U. **Sociedade de Risco**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BERGER, P. **O Dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. de S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde e Sociedade**, 18(3), 411-423, 2009.
- CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, e00101417, p. 1-8, 2018.
- CARRANO, P. Juventude e participação no Brasil: interdições e possibilidades. **Democracia Viva**, v. 30, p. 3-5, 2006.
- CERBINO, M.; PANCHI, M.; ANGULO, N. Juventude equatoriana em uma pandemia: tempo e espaço fraturados. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-12, 2023.
- CONJUVE – CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Juventudes e a Pandemia de Coronavírus** [Relatório]. Brasília, DF: Conjuve. 2020. Available at: <https://bityli.com/qZVNYA>. Accessed in:25 mar. 2023.
- CORROCHANO, M. C. Jovens no ensino médio: qual o lugar do trabalho? *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 206-228.
- CORSEUIL, C. H. L.; FRANCA, M. A. P. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempo de crise. *In*: SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H. L.; COSTA, J. S. **Impactos da Pandemia de Covid-19 no Mercado de Trabalho e na Distribuição de Renda no Brasil**. Brasília: IPEA, 2022.
- DUBET, F. **El declive de la institución**. Profesiones, sujetos e individuos en la modernidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.
- FERNANDES, A.; FIGUEIREDO FILHO, D. B.; ROCHA, E. C. da; NASCIMENTO, W. da S. Leia este artigo se você quiser aprender regressão logística. **Revista de Sociologia e Política**, v. 28, n. 74, p. 1-20, 2020.



*Is there still hope? The future expectations of young people from Guarulhos-SP at the peak of the Covid-19 pandemic*

FUKS, M. Efeitos diretos, indiretos e tardios: Trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. **Lua Nova**, v. 83, p. 145-178, 2011.

GUTIERREZ, C. **A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus**. Orientador: Ronaldo Almeida. 2017. 387f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portal Cid@des – Dados populacionais do município de Guarulhos, Censo 2022. Available at: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guarulhos/panorama>. Accessed in: 25 mar. 2023.

KOERICH, B. R.; MATTOS, M. P. Temporalidades juvenis e impactos do contexto pandêmico. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-12, 2023.

LAVIGNE, J. V.; AREND, R.; ROSENBAUM, D.; BINNS, H. J.; CHRISTOFFEL, K. K.; GIBBONS, R. D. Psychiatric disorders with onset in the preschool years: I. Stability of diagnoses. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 37, n. 12, p. 1246-1254, 1998.

LE BRETON, D. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. *Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais*, v. 37, p. 33-44., 2012.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

MARCIAL, R. Políticas públicas de juventud en México: discursos, acciones e instituciones. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA. ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 26., 2007. **Anais [...]**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2007. p. 1-34. Available at: <https://cdsa.aacademica.org/000-066/1768.pdf>. Accessed in: 18 jul. 2023.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventudes más que una palabra. *In*: MARGULIS, M. (org). **La juventudes más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996, p. 13-30.

MELUCCI, A. **Nomads of the present**. London: Hutchinson, 1998.

Mental State of the World 2021. **Mental Health Million Project**. Sapien Labs, March 15th, 2022. Disponível em: <https://sapienlabs.org/wp-content/uploads/2022/03/Mental-State-of-the-World-Report-2021.pdf>. Accessed in: 15 may 2023.

MUXEL, A. Les jeunes et la politique. *In*: Perrineau, P. (org.), **La politique en France et en Europe**. Paris: Presses de Sciences Po, 2007, p. 123-153.

OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS DE GUARULHOS. **Retratos das juventudes de Guarulhos e os efeitos da pandemia de Covid-19**. Guarulhos: Prefeitura Municipal de Guarulhos, 2021. Available at: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/2021-08/4%20RELATORIO%20DIREITOS%20HUMANOS%20juventude.pdf>. Accessed in: 13 aug. 2024.

PAIS, J. M. A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v.18, n.3, p. 371-381, 2009.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.

PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-7, 2023.

RIBEIRO, E.; MACEDO, S. 2018. Notas sobre dez anos de Políticas Públicas de Juventude no Brasil (2005-2015): ciclo, agendas e riscos. **Revista de Ciências Sociais. Jovens y políticas públicas en América Latina**, v. 31, n. 42, p. 107-126, 2018.

ROCHA, H. S. **Formação de agenda governamental e políticas públicas**: o caso das políticas de juventude do Brasil e do México. Orientador: Wagner Romão. 2020. 204p. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2020.

SEVERO, R. Reflexos do isolamento social no período pandêmico para juventude. **Civitas**, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2023.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 97, p. 23-40, 2013.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, v. 36 (n. especial), p. 95-106, 2010.

SPOSITO, M. P. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

STANDING, G. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. A produção de conhecimento sobre juventude(s), vulnerabilidades e violências: uma análise da pós-graduação brasileira nas áreas de Psicologia e Saúde (1998-2008). **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 945-963, 2015.

TAKEITI, B. A.; GONÇALVES, M. V.; OLIVEIRA, S. P. A. S. de; ELISIARIO, T. da S. O estado da arte sobre as juventudes, as vulnerabilidades e as violências: o que as pesquisas informam? **Saúde e Sociedade**, v. 29, n. 3. e181118, p. 1-16, 2020.

*Is there still hope? The future expectations of young people from  
Guarulhos-SP at the peak of the Covid-19 pandemic*

TOMIZAKI, K.; DANILIAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro-Posições**, v. 29, n. 1, p. 214–238, jan. 2018.

VAZQUEZ, D. A.; CAETANO, S. C.; SCHLEGEL, R.; LOURENÇO, E.; NEMI, A.; SLEMIAN, A.; SANCHEZ, Z. E. Vida sem Escola e a saúde mental dos estudantes de escolas públicas durante a pandemia de Covid-19. **Saúde em Debate**, São Paulo, v. 46, n. 133, p. 304-317, 2022.

**Received on:** 11/06/2024

**Approved:** 06/08/2024



RADICALISATION AND FUSIONISM IN  
ARGENTINEAN RIGHT-WING YOUTH ACTIVISM  
AFTER 2001: A HISTORY IN THE PRESENT DAY

*RADICALIZAÇÃO E FUSIONISMO NO ATIVISMO  
JUVENIL DA DIREITA ARGENTINA APÓS  
2001: A ATUALIDADE DE UMA HISTÓRIA*

*RADICALIZACIÓN Y FUSIONISMO EN EL ACTIVISMO  
JUVENIL DE LAS DERECHAS ARGENTINAS  
TRAS 2001: ACTUALIDAD DE UNA HISTORIA*

*Matías GRINCHPUN\**

*Sergio MORRESI\*\**

*Ezequiel SAFERSTEIN\*\*\**

*Martín VICENTE\*\*\*\**

**ABSTRACT:** This work proposes an approach to the various modalities assumed by young people who, identified with different ideologies of the Argentine right, and became politically active in the open cycle after the 2001 crisis. It does so by

---

\* Professor at the Faculty of Philosophy and Letters and the Faculty of Economic Sciences at the University of Buenos Aires. He holds a PhD in History from the University of Buenos Aires and has completed postdoctoral research with the National Scientific and Technical Research Council. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3163-2548>. Contato: [matiasgrinchpun@gmail.com](mailto:matiasgrinchpun@gmail.com).

\*\* Professor at the National University of Litoral, holds a PhD in Political Science from the University of São Paulo, and a Bachelor's degree in Political Science from the University of Buenos Aires. He is an Independent Researcher with the National Scientific and Technical Research Council at the National University of Litoral. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8287-5772>. Contato: [smorresi@gmail.com](mailto:smorresi@gmail.com).

\*\*\* Professor at the University of Buenos Aires and the National University of San Martín, holding a PhD in Social Sciences and a Bachelor's degree in Sociology from the University of Buenos Aires, as well as a Master's degree in Sociology of Culture from the University of San Martín. He is an Adjunct Researcher at the National Scientific and Technical Research Council at the School of High Social Studies, National University of San Martín. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1816-4164>. Contato: [esafenstein@unsam.edu.ar](mailto:esafenstein@unsam.edu.ar).

\*\*\*\* Professor da Universidade Nacional de Mar del Plata, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires, Mestre em Ciência Política pela Universidade Nacional de San Martín, Bacharel em Comunicação Social pela Universidade de El Salvador, Pesquisador Adjunto do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas da Universidade Nacional do Centro da Província de Buenos Aires. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6744-0268>. Contato: [vicentemartin28@gmail.com](mailto:vicentemartin28@gmail.com).

historicizing right-wing youth activism of the 20th century based on two families: the liberal-conservative and the nationalist-reactionary, then focusing on a tour of the situation opened by the breakup of 2001 itself and the successive moments of activist visibility, first in the center-right and then in radicalized expressions that from a fusionist effect managed to converge those traditions with a strong youth prominence.

**KEYWORDS:** Youth activism. Right-wing. Argentina.

**RESUMO:** *Este artigo propõe uma abordagem das diferentes modalidades assumidas pelos jovens que, identificados com diferentes ideologias da direita argentina, tornaram-se politicamente ativos depois da crise econômica e de representação política que teve lugar em 2001. Para isso, em primeiro lugar, coloca-se em perspectiva histórica o ativismo juvenil de direita no século XX em duas famílias ou tradições políticas argentinas: a liberal-conservadora e a nacionalista-reacionária. Seguidamente a atenção se concentra no cenário do século XXI, marcando os sucessivos momentos de visibilidade ativista juvenil, primeiro na centro-direita e depois em expressões radicalizadas que, a partir de um efeito fusionista resultou na convergência das famílias de direita em Argentina.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ativismo juvenil. Direitas. Argentina.*

**RESUMEN:** *Este trabajo propone un abordaje de las diversas modalidades que asumieron los jóvenes que, identificados con distintos idearios de las derechas argentinas, activaron políticamente en el ciclo abierto tras la crisis de 2001. Lo hace historizando el activismo juvenil derechista del siglo XX en base a dos familias: la liberal-conservadora y la nacionalista-reaccionaria, enfocando luego un recorrido por la coyuntura abierta por el propio quiebre de 2001 y los sucesivos momentos de visibilización activista, primero en la centroderecha y luego en expresiones radicalizadas que desde un efecto fusionista logró que convergieran aquellas tradiciones con un destacado protagonismo juvenil.*

**PALABRAS CLAVE:** *Ativismo juvenil. Derechas. Argentina.*

## **Introduction**

Recently, the role of young right-wing individuals has gained centrality in the public agenda, often underscoring the surprise surrounding this phenomenon.

Far from being a novelty, the active presence of youth in right-wing ideologies has been an irregular constant in Argentina since the early twentieth century, linked to the broader movements within the local right. The position of youth actors was more visible in the nationalist-reactionary sphere than in the liberal-conservative realm until the democratic reconstruction post-1983, which is reflected in the bibliographical disparity favoring the former (Bohoslavsky, Echeverría; Vicente, 2021; Morresi; Vicente, 2023). The belligerent and visible nature of nationalism positioned young people at a central place, promoting intellectual endeavors and active, often violent, militancy, a topic widely addressed by analysts (Lvovich, 2003; Mcgee Deutsch, 2005; Padrón, 2017).

The extension of this ideology to the ranks of the Armed Forces, the mass ideological press, and subnational derivatives has also received attention, again placing youth in a key position (Galván, 2013; Casas, 2018). The youthful aspect of the liberal-conservative family was less evident for much of the twentieth century, resulting in comparatively less focus from specific studies. The rise of young intellectuals, but not of youth per se, in the post-Peronist era should be marked as an exception prior to the democratic return in 1983 (Vicente, 2015). The framework established during this period was addressed through youth militant experiences within the liberal-conservative universe, a time when nationalism-reactionary ideology was pushed to the margins of public life (Vommaro; Morresi; Bellotti, 2015; Arriondo, 2015; Grandinetti, 2019).

The recent convergence of youth transitioning from the margins of the liberal-conservative right in the process of radicalization with other expressions of the right has gained political significance and has been analyzed by scholars (Goldentul; Saferstein, 2020; Morresi; Vicente, 2023; Vázquez, 2023), in parallel with an international transformation of the right marked by radicalism, hybridization, and a youthful component (Goodwin; Eatwell, 2019; Mudde, 2021; Stefanoni, 2021). From this perspective, we will analyze youth activism within the Argentine right. Following a panoramic overview of the key axes of youth presence throughout the twentieth century, we will address the emerging scenario in the twenty-first century and analyze the recent radicalization of right-wing youth. We aim to demonstrate that the political transformation following the 2001 crisis, which led to the fall of the Alianza government, the end of peso-dollar convertibility, and a gradual polarization among political spaces, recently allowed for the emergence of a radical right expression with a fusionist political perspective, which came to power in 2023 (Nash, 1987).

The hypothesis guiding this work posits that the radicalization of a segment of liberal conservatism has converged with other expressions of the right, with a central protagonism of youth sectors, leading to two changes in the Argentine right: the radicalization of a segment of liberal conservatism and a convergence with the

families of nationalism-reactionary ideology following their relative marginalization since the return to democracy. In light of these observations, the text proposes a dual reading of youth. On one hand, it follows the conceptions of youth present in the researched works, which focus on three moments of visibility: the early decades of the twentieth century, the so-called “long sixties,” and the democratic recovery of 1983. In this context, the text concentrates on youth post-2001 rupture, understanding an approach to youth from the positions of the analyzed subjects, who present themselves as young and are perceived as such by the actors with whom they interact (i.e., positioned and represented as such in the political field, Bourdieu, 1982;).

Thus, the text is based on a reconstruction of the place of youth within the Argentine right in light of previous works, both from the authors and in dialogue with specialized production. This includes monitoring the social media of these sectors and fieldwork conducted during demonstrations, cultural and political meetings, and events from the 2021 and 2023 campaigns (including Javier Milei’s presidential inauguration), which are detailed in the presented cases.

## **A Glance at the Twentieth Century**

From their establishment as differentiated families, liberal conservatism and reactionary nationalism have engaged youth as active participants in their dynamics and themes of discourse. Around the Centennial of 1910, a nationalism emerged that distanced itself from the tutelary liberal conservatism, confronting the context opened by World War I, the Russian Revolution, and, subsequently, the rise of fascism. This differentiation was partly due to the protagonism of the youth: despite common concerns, the profiles of liberal conservatives and reactionary nationalists acquired distinct hues, with the youthful agitation of the latter sector being fundamental. While the former defended the politically republican ideology of the 1853 Constitution, a capitalist-mercantile conception of the economy, and a cosmopolitan and elitist sociocultural perspective, the latter questioned this model by appealing to political authoritarianism, corporatist economic schemes, and cultural traditionalism. Thus, they clashed over two ways of understanding reality and proposing a horizon: liberals labeled nationalists as narrow-minded and backward, while the latter blamed their opponents for the infiltration of dissolving ideas (Morresi; Vicente, 2023).

Such separation and disagreement were historically projected, but there were also moments of collaboration: during the coup d’état of 1930 against the second government of Hipólito Yrigoyen of the Unión Cívica Radical (UCR) (1916-1922; 1928-1930), both sectors raised a discourse that enabled subsequent convergences, identifying majoritarian democracy with demagoguery and corruption. Among the reactionary nationalists, experiences such as the newspaper *La Nueva República*



and the sophisticated cultural magazine *Sol y Luna* flourished, propelled by young intellectuals, through the youth sections of organizations such as the *Acción Nacionalista Argentina*, the *Unión Nacional Argentina*, and the *Alianza Nacionalista de Libertação* (Buchrucker, 1987: 118-123).

While the liberal sphere displayed the primacy of adult actors and distant tones from youthfulness, nationalists pledged to give their lives for the cause, adopting a militant tone that permeated the 1930s and 1940s, referring to themselves as young. By the mid-1930s, both from the nascent Peronism and among anti-Peronist sectors, young actors raised their voices, protagonized cultural endeavors, and virulently clashed after the re-election of Juan Perón (1946-1952; 1952-1955), exemplified by the notable youth civil commands, which engaged in attacks and anti-government sabotage (Bartolucci, 2018). Reactionary nationalists and liberal conservatives converged there, along with radicals, socialists, and non-partisan Catholics. The coup d'état of 1955 was welcomed by liberal conservatives who narrated their experience as generational resistance against a reversal of totalitarianism, albeit without appealing to youthfulness (Vicente, 2014). Reactionary nationalism became divided: some young individuals held positions in the fleeting dictatorship of the nationalist Eduardo Lonardi, seeking revenge against Perón, who regarded them as “vote-stealers,” but were relegated following the rise of the liberal Pedro Aramburu, opting for ideological journalism through the extremist *Combate* or *Azul y Blanco*, which achieved notable circulation and later drew closer to Justicialism (Galván, 2013).

Certain young nationalists gradually rediscovered Peronism as their activism brought nationalism to the streets and the headlines of the mass media. By the end of the 1950s, groups such as the Union of Secondary Nationalist Students (UENS) formed the Tacuara Nationalist Movement, which articulated youth militancy through anti-imperialist, anti-communist, and anti-Semitic slogans. Tacuara constructed a vitalist identity expressed both in street graffiti and in acts of intimidation, fatal beatings, and even torture-related kidnappings. This made the reactionary nationalist youth visible in public discussions and raised concerns among authorities and the U.S. embassy (Rein, 2007: 250-273). The gradual fragmentation toward different ideological horizons demonstrated that, despite their differences, these groups shared a common ideology of hostility toward the presidencies of Arturo Frondizi (1957-1962) and Arturo Illia (1963-1966) (the latter coming to power through illegal Peronism), as well as an expectation for the rise of General Juan Carlos Onganía following the coup of 1966, whose cabinet brought together nationalists, liberals, conservatives, and fundamentalists.

Disappointment arrived swiftly: the economic policy was condemned as liberal in nationalist publications, which also could not tolerate that the dictatorial government condemned the young nationalists who hijacked a plane to travel to the

Falkland Islands to assert sovereignty. From *Azul y Blanco* and the fundamentalist *Jauja*, their “courage” was claimed, and the authorities who judged them were admonished (Grinchpun, 2022). As with the coups of 1930 and 1955, nationalists ultimately grew frustrated with what they described as a capitulation to liberalism, particularly when General Alejandro Lanusse led the second phase of the dictatorship from 1970 and articulated an electoral solution, allowing for the return of Peronism in 1973. The end of the proscription that began in 1955 was shocking for liberal conservatives: the liberal sector of the Armed Forces, previously fiercely anti-Peronist, favored an electoral reopening that, according to the magazine *El Búrgués*, surrendered the country to Perón (Vicente, 2019).

Within reactionary nationalism, there were those who were enthusiastic about the return of Peronism, including groups such as the Iron Guard, the National Student Front (FEN), the Command of the Organization (CdO), the National University Concentration (CNU), and the Peronist Youth of the Argentine Republic (Denaday, 2022). In this context, there was a rapid militant activation of youth who had not previously identified with reactionary nationalist positions, just as others abandoned leftist Peronism in favor of right-wing “orthodoxy,” provoking violent internal conflicts. No less virulent were the young individuals who clung to dogmatic anti-Peronism, such as the Catholic traditionalists who launched the magazine *Cabildo*, whose invectives led to two government prohibitions (Ruiz, 2024).

The unstable scenario accelerated a radicalization of the liberal-conservative vocabulary, which drew closer to reactionary nationalism in constructing a broad figure of the “internal enemy” (Franco, 2012). After Perón’s death in 1974, the coup d’état of 1976 proposed a “National Reorganization Process” capable of “changing the mentality” of society and forging a young generation inheriting its values (Vicente, 2015). With the victory in the 1978 World Cup, crowds of young people surrounded the dictator Jorge Videla, just as they took to the streets during the events of the Falklands War in 1982, scenes intertwined with the dictatorial discourse about youth, which coordinated the meanings of liberal-conservatism and reactionary nationalism. On one hand, an approach was promoted that exalted the liberal tradition and focused on youth as entrepreneurs; on the other, youth were positioned as a potential target of “cultural subversive penetration” (Manzano, 2017: 375-377).

With the democratic transition that began in 1983, the progressive narrative of President Raúl Alfonsín from the UCR (1983-1989) welcomed the youth away from previous right-wing perspectives. However, in the latter half of the decade, several analysts emphasized a “liberal boom” in which youth played a central role, illustrated by phenomena such as the Union for University Opening (UPAU). This shifted the visibility relationship of right-wing youth: for the first time, the liberal-conservative spectrum prevailed at this level over the nationalist-reactionary one,

as part of a broader process within the right (Morresi; Vicente, 2023). Like other militants of the period, liberals distinguished themselves from their adult leaders. For those who joined the Union of Democratic Center (UCEDE) or remained within the Democratic Party (PD), this meant marking differences concerning the dictatorial experiences: leaders who had not compromised with them were praised, while those who had were compelled to recant. These youths perceived themselves ideologically as “purer” than their leaders, also seeing themselves as international references and theorists within the space, to the extent of criticizing Milton Friedman for what they deemed insufficiently liberal positions: thus, they presented themselves as “the Trotskyists of liberalism”. As UCEDE first and then the Alliance of the Center saw their voter base grow, these youths gained influence in internal struggles and contested positions with historical leaders.

Part of this youthful power was exhausted in these internal struggles and was undermined by leader Álvaro Alsogaray’s decision to join the government of Peronist Carlos Menem (1989-1995; 1995-1999), a watershed moment for the youth of UCEDE. Some shifted from anti-Peronism and embraced the new phase, but for others, it meant denying their identity and preferring to withdraw from politics, coinciding with a chronological issue: the youths who had become active in 1983 were now professionals, forming families and choosing to dedicate themselves to private life (Arriondo, 2015). Meanwhile, within reactionary nationalism, various publications and groups of diverse inspiration proliferated during the early years of democracy, ranging from Catholic traditionalism to neo-Nazism, alongside approaches from the Nouvelle Droite, promoted by a young generation of intellectuals and activists from the margins of a system they repudiated. This intellectual renewal did not always translate into practical innovation: most of these organizations resorted to the familiar repertoire of demonstrations, conferences, and violent actions. Behind these initiatives were leaders who, despite being over 30 or 40 years old, had no qualms about assuming the voice of future generations, adopting youthful rhetoric and aesthetics in an effort to recruit young people. In alignment with certain policies of previous dictatorships, admonitions regarding pornography, drugs, and rock music maintained a predominant presence in nationalist-reactionary media, which condemned them as part of the “democratic unveiling.” Paradoxically, in the vilified spaces of concerts, arcades, tattoo studios, or alternative bookstores, several young individuals connected with anti-system discourses, including nationalism, which offered a common identity, even adopting transnational models like skinheads until the mid-1990s.

Menem was able to articulate a coalition of orthodox Peronists from the nationalist tradition with emphatic neoliberals, while politicians, technicians, and young public figures played prominent roles in praising the model of reconciliation between Peronists and anti-Peronists, as well as the youth aesthetic culture promoted

during the peso-dollar convertibility. Despite being unable to approve an electoral reform to lower the voting age from 18 to 16, the president boasted of thinking like a young person, confident in his popularity among the youth. The banner of convertibility was raised by the Alliance, the coalition that opposed right-wing Peronism from the progressive side and won the 1999 elections. Young individuals who entered the political arena during Menem's regime found a space for dialogue as technicians in the fields of Economics, Education, and Culture, surrounding President Fernando De la Rúa (1999-2001). The traumatic end of his government, which marked the 2001 crisis, heralded a new phase for Argentine politics. In this context, youth gradually emerged as a prominent force on the right, distinctly different from the dominant narratives of the previous century, presenting themselves as "the new party".

## **After the Crisis**

Around the 2001 crisis, the protagonism of young people was highlighted during the December protests that led to the president's resignation and in the subsequent transition that brought Peronist Néstor Kirchner (2003-2007) to power. Analysts focused on the new governmental activism, but recent discussions have emphasized how youth actors became active in defending neoliberal policies or were relevant in various right-wing manifestations (Morresi; Saferstein; Vicente, 2021). In this context, businessman and football leader Mauricio Macri established his political space in the Autonomous City of Buenos Aires (CABA) with Peronist and UCR politicians, small right-wing parties, and social activists. This became the core of the Republican Proposal (PRO), which presented itself as "the first party of the 21st century" and "the new politics," transcending traditional ideologies. The PRO successfully attracted young individuals from social activism (particularly Catholics) and students who opened militant spaces in private universities and later in public ones, even rebranding the image of Ernesto Guevara to promote "Macri is revolution".

The "*nuevismo*"<sup>1</sup> championed by young political scientist Marcos Peña was characterized by a clear image associated with the color yellow and later with an ecumenical multicolor aesthetic. Dances featuring cumbia and pop hits, simple clothing, and messages characterized by colloquial speech and neologisms imbued the space with a tone markedly different from the technocratic profile of liberal right-wing leaders and the class background of the more visible figures (Vommaro; Morresi; Bellotti, 2015; Grandinetti, 2019). Young cadres occupied significant posi-

---

<sup>1</sup> Nuevism is a concept that combines elements such as creative destruction, hyper-competition, and globalization, reflecting extreme consumerism and the celebration of innovation.

tions, particularly from the *Jóvenes PRO* group, established in 2005, which became visible through its management in CABA starting in 2007. Unlike the “Trotskyists of liberalism” from the 1980s, it was easier for PRO youth to attain positions of power and implement youth-oriented policies or institutionalize youth spaces, all while closely following the positions and styles of adult references, to the extent that those who approached the PRO Youth group were assessed as potential militants through a business interview format.

The PRO style was intolerable for nationalists, including leaders associated with Cabildo, and forums such as *El Nacionalista*, which was linked to the traditionalist Vanguard of Nationalist Youth, where conspiratorial and antisemitic messages circulated among young forum members. To the right of the PRO, a dynamic emerged, channeled by youth actors demanding a “true right,” a demand that extended beyond this small universe and caught the attention of analysts, exemplified by the letters of high school student *Agustín Laje* published in *La Nación* (Ferrari, 2009: 76-77). Nationalists also aligned with the “complete memory organizations” that called for a review of the 1970s and other militant spaces confronted by the Kirchnerist governments (2003-2007, 2007-2011, 2011-2015), where young people were seen insulting the “resentful *montoneritas*” of the ruling party.

In *El Nacionalista*, there were numerous calls to march against the government and proposals such as “equal marriage,” in harmony with the adoption of digital media as an instrument of protest and a platform for mobilizing both old and young, liberals and nationalists. This was not an automatic confluence, as criticisms and doubts persisted despite the shared rejection of the ruling party; nonetheless, it signified the emergence of a new space for reactionary nationalism, in contrast to the condemnation that had weighed upon them in previous decades, when Alfonsín labeled them as authoritarian and Menem as anachronistic. Some young conservatives sought to draw the PRO closer to these nationalist expressions, particularly regarding the revisionism of the 1970s and anti-Kirchnerism, but the leadership repudiated and even expelled voices from the right that had opened conflicts with the party’s style.

References such as the lawyer Federico Young and the writer Abel Posse, who were formed before the return to democracy, were admonished by the organic sectors of the youth as “old conservatives” (a rejection similar to that of young UCEDeists towards the older “dinosaurs”). Although criticism of Kirchnerist youth served as an intergenerational banner, the PRO youth replicated the verticalism that they imposed on the official organization La C mpora, a phenomenon noted by other young people seeking to push the PRO more emphatically to the right or opposing it from the right. This revealed two relevant aspects: on one hand, the rightward boundaries of the PRO represented a space of tensions; on the other hand, there was the growth of a dynamic that sought to approach an organized space incessantly, pushing its ideas

forward. These points were momentarily set aside when the PRO joined the national government (2015-2019) by leading the Cambiemos coalition (which included the UCR, the Civic Coalition, and smaller parties), whose centrist character was not free from challenges posed by young militants, as illustrated by a scene during the same electoral celebration when a core group of youth censured Macri for acknowledging certain policies of Kirchnerism.

The process of governance led to the dispersal of PRO youth dynamism and resulted in divisions, with a turning point occurring in the final stretch of the mandate, as movements critiquing the management from the right manifested in two dimensions. One was economic, with voices alerting that measures had not achieved the projected effects, while the other expressed cultural values. This became especially evident with the president's authorization to discuss the law on voluntary termination of pregnancy (IVE) in 2018, which divided the political spectrum and the ruling coalition (Faur, 2020). Here, rejection of the government was driven by youth sectors demanding a more emphatic right and building affinities with figures increasingly present in the media, both liberal and nationalist.

Neoliberal economists such as Javier Milei and José Luis Espert pointed to both their area and cultural and ideological facets, a front where former coalition members such as ex-military Juan José Gómez Centurión or religious activist Cynthia Hotton were also visible. Additionally, high-profile references on social media, like the already mentioned Laje (a young author of successful essays), promoted critiques of value without neglecting the technical-economic aspect. Within this universe, connections were established with youth groups engaged in these ideas, circulating critiques through a broad and heterogeneous network of spaces and expressions: media, books, digital productions, and cultural events. The party's organizational attempts were, in fact, part of a radicalized narrative and practice that gained traction in the public debate to the right of the PRO, straining its limits and creating a cleavage zone that began to have a longitudinal impact on politics.

## **Growing to the Right**

The triumph of the PRO was welcomed by various youth leaders as a welcome shift to the right; however, others portrayed it as “kirchnerismo in polite society” or “progressives in the closet,” as several interviewees informed us. Among these youths, the alternatives of supporting a rightward shift from within the party or conditioning it from the outside became a crossroads. As one of them pointed out, it was a matter of choosing between two options: pragmatic and identity-based. This narrative, circulated by several young activists within the digital sphere, was present and palpable at cultural events that served as spaces for sociability and gatherings of

young people prior to the political organization articulated for the 2021 legislative elections: La Libertad Avanza (LLA), led by the aforementioned Javier Milei.

A fundamental step toward convergence was taken in December 2018 when the Democratic Party (part of the PRO, but relegated from the national assembly) organized the “Conversation for the 2019 Elections,” sponsored by Prensa Republicana and Fundación Libre. These spaces were led by lawyer Nicolás Márquez and Laje, respectively, who presented *O Livro Negro da Nova Esquerda* (The Black Book of the New Left). The moderator was party leader Juan Carlos de Marco, who was joined by experienced intellectuals such as nationalist Vicente Massot (associated with the Cabildo in the 1970s and an official under Menem in the 1990s) and economist Agustín Monteverde from the neoliberal Center for Macroeconomic Studies of Argentina (CEMA), demonstrating the generational breadth and the presence of both families of the right. Activists from the revisionist initiative “*Memoria Completa*” and the anti-abortion initiative “Save Two Lives” were invited by both religious and secular figures, including Catholics and evangelicals. Among them were Segundo Carafi from the Cruz del Sur Study Center, Enzo Difabio from the Movement for Values and Family in Mendoza, as well as young militants from smaller parties and conservative “pro-life” movements such as the Party of Life and the Federal Front for Family and Life.

Before an audience predominantly composed of non-activist youth, the adherence to the ideas and values proclaimed by Laje (a few years older than the audience) and Márquez exemplified how visibility extended from digital networks to physical gatherings, and how neoliberals and confessional figures, conservatives, and nationalists intersected. Some wore badges of the Libertarian Party, founded months prior to Espert’s entry into party politics, while many identified as dissatisfied voters of the government, with even some former PRO militants distancing themselves from the party due to its “mistreatment of family values,” as another student informed us. The search for cultural and political references to the right of the government was explicitly articulated among many youths as a reason for attending and validating a space of confluence.

Another participant stated that they followed Laje and Márquez “because of how they think; I agree with their entire struggle. I follow them faithfully [...] I am not a member of any party, but I am willing to help in any capacity.” Digital sociability, which had already hosted a similar conversation and fostered active communities of debate and activism through forums and social networks, began to find a physical counterpart, where young people distinguished themselves by their presence and their search for events that were previously associated with adults or progressive practices. At the forefront of these events was the fight against “gender ideology,” alongside “the defense of family values.” The discussion surrounding abortion in 2018, and subsequently in 2020 (when it was approved), spurred the organization

and mobilization of young activists and party militants, both from established institutions and in more spontaneous forms (López *et al.*, 2021). Cultural figures such as Laje and Márquez, alongside others like Catholic activist Lupe Batallán and conservative essayist Pablo Muñoz Iturrieta, gained traction on social media, with their ideas being replicated in mobilizations and gatherings. In these contexts, the thesis presented in *The Black Book...*, asserting that the left had succeeded in winning the “cultural battle” for “common sense” following its political defeats and the retreat of the right to the economic plane, emerged from a belligerent discourse.

The “gender ideology” was presented as part of a “Gramscian cultural revolution” that needed to be combated against a common sense that was unconsciously leftist. The topic, which circulated internationally, had local particularities related to the Kirchnerist era and the Macri administration: the former promoted it from a progressive standpoint, while the latter “deepened the cultural disaster,” as Laje noted during the aforementioned event. If the government had contributed to winning the presidential election against Kirchnerism, there remained a lack of a “true cultural revolution” that Macri’s administration would have overlooked in pursuit of centrist and even progressive votes. Monteverde spoke about the infeasibility of the government’s “gradualist” economic plan, which he emphasized resulted in “prolonging the suffering” of society by failing to adopt drastic measures to reduce the fiscal deficit, since state spending was deemed the “primary illness”: “The state is a ‘sacred cow’; it is not touched, but rather fattened.” He called for a fiscal rebellion against a state that treated citizens as “serfs”.

This trend had a more significant impact on the youth due to another economist, the already mentioned Javier Milei, who has been gaining visibility in the media and on social networks since 2015. With a strident discourse, he attacked what he presented as a model where the state and “collectivist” measures were the main problems, which he then articulated with a decadent perspective (Morresi; Vicente, 2023).

Milei’s volcanic style translated into viewership of the programs in which he participated and began to be replicated in the virtual sphere, where young people circulated videos of him “attacking” his opponents from the Peronist spectrum, members of the PRO, or television interlocutors. The economist focused on two ministers: the economic minister, Alfonso Prat Gay, whom he deemed “*Keynesian*,” and the chief of staff, the aforementioned Peña, whom he characterized as the progressive responsible for the government’s centrism. Since 2017, dozens of YouTube accounts replicating Milei’s appearances gained traction, many with hundreds of thousands of followers, such as “*Milei Presidente*,” a title he adopted in July 2017:

“ Javier Milei is the ideal person to lead us out of the decadence we have been living in Argentina for 80 years. He is our best candidate to head a liberal and



libertarian list. This channel is an attempt for Milei to gauge the number of people who support him and to consider the possibility of running for office. Let us work to make this happen”.

In our fieldwork during 2019 and 2020, this appeal appeared repeatedly, and this type of video multiplied in circulation with Milei’s shift to electoral politics in 2021 when he launched *La Libertad Avanza* (LLA). Hundreds of comments from young people defined the economist as the “last hope,” urging him to run for election and applauding his identification of the culprits behind the “disaster”: from theorists like Karl Marx and John M. Keynes to traditional politicians, alongside the culture of statism. Dozens of accounts of Milei’s followers emerged on YouTube, Facebook, Twitter, and subsequently, Instagram and TikTok, forming a digital sphere of sociability and support that later manifested in physical spaces and street activism.

This dynamic intensified during the socio-sanitary measures against COVID-19 implemented by the Peronist government of the Frente de Todos (FdT, 2019-2023), where there was a densification of social relations in the digital sphere that highlighted the movement of cultural and political actors around “libertarian” ideas (as defined by Milei) and was expressed through the convergence of traditions, leaders, and activists in the streets. From virtual presentations featuring ecumenical panels of the right to the coexistence of libertarian and nationalist militants in protests, unusual connections between the two right-wing traditions became visible in 1983, with radical youth activism at the center. The aforementioned ideas of “occupying” spaces previously reserved for the elderly or progressivism gained greater impact, as exemplified by the symbolic *Feria Internacional del Libro de Buenos Aires* (Saferstein; Goldentul, 2023).

The same phenomenon occurred at the events and rallies in which Milei participated, which became meeting spaces for young people who engaged with the authors referenced by the economist or represented symbolically his most resonant ideas, such as the burning of the Central Bank in the play “The Office of Milei,” from 2019. In this context, the relationship with Espert, which alternated between personal meetings and political divergences until 2023, when Milei ran for president, functioned almost as a metaphor: Milei inspired neoliberal leaders but expressed differences with them that did not surface when he included nationalist, conservative, or religious actors and incorporated elements of their agendas. While issues of identity and method were often prioritized with the former, with the latter there was a fusionist effect that brought together different concepts and phraseology to confront a common enemy. This was demonstrated by the interventions of Milei, Laje, and Márquez at the first event that publicly brought them together, in March 2019, hosted by Cruz del Sur. This articulating and controversial effect excited young activists and militants, with youth leaders emerging on social networks and

experiencing Milei at events, organizing the distribution of ballots and overseeing votes in the three electoral rounds of 2023 that crowned him president while waving libertarian and conservative flags.

During the campaign, a pluralistic collective emerged, ranging from young self-identified “mejoristas<sup>2</sup>” (Semán; Welschinger, 2023) who adhered to an anti-state, entrepreneurial economic ideology, to activists who recognized themselves as part of various expressions of conservatism, including youth interested in politics from a rebellious standpoint (Stefanoni, 2021). Initially libertarian, then ideologically expanded from this belligerent positioning, youthful tone, and adherence to a broad and radical right-wing grammar, it consistently manifested as rebellious youth activism. As stated by a Peronist militant who approached the armed group LLA: “We are rebels; we are anti-system. Furthermore, Milei is a guy who behaves like a child, dresses like a child, a rock star.” This notion also emerged among those seeking to dissociate themselves from the “chetos” of the PRO, emphasizing a popular and “spicy” militancy, as well as among young women seeking their place in a predominantly male environment (Vázquez, 2023). Young people who were intellectually and ideologically shaped by the discourses and cultural products offered by Milei also arrived at this space, as recounted by a libertarian streamer:

“There are many small children, including myself, who were educated on why we were the way we were. When we talk about the ‘State of the State’ (...) it resonates with Rothbard, Henry Hazlitt, many articles that Milei has been saying for a long time, and there were the answers, and we sought them out. Milei educated many people”.

In the social base supporting Milei, youth activism played a crucial role in the transition toward political-electoral militancy (as highlighted by Vázquez, 2023). This evolution unfolded in three phases: the first involved the activation of small parties and liberal-libertarian spaces, as well as marginal or short-lived right-wing armed groups; the second phase was linked to the transition to militancy in the aforementioned debates for the IVE; and the third wave entailed mass mobilization, spurred by protests during the pandemic and participation in Milei’s events. In this process, libertarian militancy drew on repertoires of action from other youth movements, including mobilization and liturgy (such as chants and songs during demonstrations), organizational strategies related to party formation and proselytism, and a broad ideological spectrum that, under a doctrinal framework, incorporated various right-wing expressions in a fusionist manner. The emerging fusionism of

---

<sup>2</sup> The term ‘improvement’ refers to individuals or groups who promote the idea of improvement or evolution, usually in a political or social context. It is often used to describe a type of progressivism that focuses on practical action.

Milei's movement featured, at its core, youthful traits along with nationalist-reactionary sectors, fundamentalist and conservative ideas, or elements derived from the right margins of Peronism or previous PRO voters allied with libertarian activism, creating a vibrant radicalization of right-wing protest, as promoted in the genesis of the concept (Nash, 1987).

Milei's transition to the presidential candidacy marked the beginning of a phase of political sedimentation characterized by the activism of "cultural fighters" who were nonconformist and rebellious but pragmatically articulated their growth. The LLA incorporated candidates from Peronism and radicalism, the PRO, and expressions of nationalist right-wing factions (such as the Bussi family in Tucumán), capable of representing their diverse banners, from anti-abortion to entrepreneurship, all while criticizing traditional politics (Morresi; Ramos, 2023). This dynamic was evident in party building, the integration of youth in university and secondary school environments, and within the battlefield of ideas, striving to synchronize their objectives with the construction of political volume. Ultimately, the arrival of the LLA to power demonstrated that this fusionist aspect continued to flourish through the expansion of youth initiatives in membership campaigns, the formation of groups such as *Avancemos and Agrupación por la Unidad, Libertad y Amplitud de los Secundaria* (AULAS) (aimed at "eradicating indoctrination"), and the consolidation of new think tanks, while also perpetuating the narrative of the "cultural battle," exemplified by the "II Pan-American Forum of Young Politicians" (which seeks to contrast its narrative with that of the "*Foro de São Paulo*").

If these three strands of activism illustrate how pragmatism and identity coexist in tension, with youth as a fundamental element and the inclination to fuse actors, identities, and ideas, on the other hand, small nationalist spaces that had supported Milei during the campaign turned to opposition due to his liberal economic measures, the economist's identification with Israel and Judaism, or the emergence of corruption cases. Nonetheless, sectors such as the Argentinian Nationalist Forum positioned themselves as part of the LLA. Both dynamics signal that the process, which culminated in electoral and institutional terms, represented a turning point that had begun years earlier, stemming from the convergence and radicalization of the Argentine right, with youth activism and militancy at the center. Distinctive characteristics mark this process in terms of speed and radicalism, yet its development remains an open dynamic.

## **Final considerations**

Milei's presidential inauguration was celebrated by thousands of people in Plaza de Mayo and its surroundings, where youths whose activism predated the

economist's candidacy gathered with others who became active upon his entry into electoral politics, alongside less committed but equally sympathetic voters. Amid Gadsden flags and chants against traditional politics, light blue scarves inscribed with "Save Both Lives" and religious references from Catholic or evangelical backgrounds were present, along with T-shirts advocating for the "Malvinas cause" claimed by nationalism, Israeli flags like those raised by Milei during his campaign, and copies of books by the now-president and his inspirations were prominently displayed. Fusionism was enacted by the youth surrounding the event and in the presidential inauguration speech, which was symbolically delivered with the National Congress at their backs.

While this scene may depict a rapid process of politicization and the rise to power of a youth-driven right-wing expression, the electoral triumph of the LLA must be understood within a broader perspective, surpassing this text's objectives. Here, we focus on the historical significance of the role that youth actors have occupied within Argentine right across two cycles: from the early 20th century to the 2001 crisis and from that moment to the present. Several key points should be underscored: throughout the period under consideration, both liberal-conservative and nationalist-reactionary families expressed youthful faces; however, until 1983, these were more visible among the latter than the former. This dynamic shifted with the restoration of democracy when youth liberalism gained prominence.

In the post-crisis context, also stemming from the liberal-conservative axis, youth activism occupied a central role in the experience of the PRO, as it operated within a radicalization of the right, with its more acceptable expression articulated through Milei's libertarianism, which targeted not only progressivism but also the dominant and centrist right. The economist was adept at appealing to conservative, nationalist, and religious sentiments by implementing a political fusionism that his followers embraced openly, in part because it had already been circulating among activists and militants. This movement pulled nationalist-reactionary expressions from the margins where they had resided since 1983, intertwining them with the radical aspect of the liberal-conservative family. In this fusion, the formation of a new face for the Argentine right remains an open possibility, wherein the role of youth has been central, and whose dynamics continue with the LLA in power.

## REFERENCES

ARRIONDO, L. De la UCeDe al PRO un recorrido por la trayectoria de militantes de centroderecha de la Ciudad de Buenos Aires. Em: **Hagamos equipo. El PRO y la construcción de la nueva derecha en Argentina**. Buenos Aires: UNGS, 2015. p. 203–230.

BARTOLUCCI, M. La resistencia antiperonista: clandestinidad y violencia. Los comandos civiles revolucionarios en Argentina, 1954-1955. **Páginas**, n. 24, sep.-dic. 2018.

BESOKY, Juan Luis. **La derecha peronista: Prácticas políticas y representaciones (1943-1976)**. Director: Ernesto Bohoslavsky. 2016. 331p. Tesis (Doctorado en Ciencias Sociales). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, 2016.

BOHOSLAVSKY, E.; ECHEVERRÍA, O.; VICENTE, M. Introducción. Em **Las derechas argentinas en el siglo XX. Tomo I: De la era de las masas a la guerra fría**. Tandil: UNICEN, 2021.

BOURDIEU, Pierre. La représentation politique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 36-37, 1982.

BUCHRUCKER, Cristian. **Nacionalismo y peronismo: La Argentina en la crisis ideológica mundial (1927-1955)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.

CASAS, M. **La tradición en disputa**. Iglesia, Fuerzas Armadas y educadores en la invención de una “Argentina gaucha”, 1930-1965. Rosario: Prohistoria, 2018.

CARAFÍ, S. **Los jóvenes y la derecha - Por Segundo Carafi. Cruz del Sur**, 19 mar. 2019. Available at: <<https://cruzdelsurce.org/los-jovenes-y-la-derecha-por-segundo-carafi/>>. Accessed in: 22 may 2024

COLLEY, T.; MOORE, M. The challenges of studying 4chan and the Alt-Right: ‘Come on in the water’s fine’. **New Media & Society**, v. 24, n. 1, p. 5–30, 1 jan. 2022.

CUCCHETTI, Humberto. **Combatientes de Perón, herederos de Cristo: peronismo, religión secular y organizaciones de cuadros**. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

DENADAY, Juan Pedro. **Partisanos y plebeyos: una historia del Comando de Organización de la Juventud Peronista, 1957-1976**. Rosario: Prohistoria, 2022.

FAUR, E. Educación sexual intergral e “ideología de género” en la Argentina. **Forum. Latin American Studies Association**, v. 51, n. 2, p. 57–61, 2020.

FERRARI, G. **Símbolos y fantasmas: las víctimas de la guerrilla ; de la amnistía a la justicia para todos**. 1. ed ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

FRANCO, Marina. **Un enemigo para la nación: orden interno, violencia y “subversión”, 1973-1976**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

GALVÁN, María Valeria. **El nacionalismo de derecha en la Argentina posperonista: El semanario Azul y Blanco (1956-1969)**. Rosario: Prohistoria, 2013.

GOLDENTUL, A.; SAFERSTEIN, E. Los jóvenes lectores de la derecha argentina. Un acercamiento etnográfico a los seguidores de Agustín Laje y Nicolás Márquez. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación N°112**, v. Año XXIV, Vol.112, Febrero 2022, Buenos Aires, Argentina, p. 113–131, 2021.

GOODWIN, M.; EATWELL, R. **Nacionalpopulismo**. Por qué está triunfando y de qué manera es un reto para la democracia. Barcelona, Península, 2019.

GRANDINETTI, J. R. The participation of «Propuesta Republicana» (PRO) party's young activists in university student unions. **Revista SAAP**, v. 13, p. 77–106, 2019.

GRINCHPUN, Matías. ¿Patriada o nimiedad? Repercusiones y representaciones del Operativo Cóndor en las extremas derechas (1966-1986). **Antigua Matanza**, La Matanza, n.6, v.2, pp. 238-272, dic. 2022 - jun. 2023.

LÓPEZ, M. et al. Articulaciones, representaciones y estrategias de la movilización contra la interrupción voluntaria del embarazo en Argentina (2018-2020). **Población y sociedad**, v. 28, n. 1, p. 131–161, jan. 2021.

LVOVICH, D. **Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina**. Buenos Aires: Vergara, 2003.

MANZANO, Valeria. **La era de la juventud en Argentina: Cultura, política y sexualidad desde Perón hasta Videla**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

MC GEE DEUTSCH, S. **Las derechas**. La extrema derecha en Argentina, Brasil y Chile, 1890-1939. Bernal: UNQ, 2005.

MORRESI, Sergio y VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. *En: Está entre nosotros: ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2023, p. 43-80.

MORRESI, S.; SAFERSTEIN, E.; VICENTE, M. Ganar la calle. Repertorios, memorias y convergencias de las manifestaciones derechistas argentinas. **Clepsidra. Revista Interdisciplinaria de Memoria**, v. 8, n. 15, p. 134–151, 2021.

NAGLE, A. **Kill all normies: online culture wars from 4chan and tumblr to trump and the alt-right**. Charlotte NC: John Hunt Pub, 2018.

NASH, G. **La rebelión conservadora en Estados Unidos**. Buenos Aires: GEL, 1987.

OSGERBY, Bill. **Youth in Britain since 1945: Making contemporary Britain**. Oxford: Blackwell, 1998.

PADRÓN, J. “¡Ni yankis ni marxistas, nacionalistas!”. Nacionalismo, militancia y violencia política: el caso del movimiento nacionalista Tacuara en la Argentina, 1955-1966. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2017.

REIN, Raanan. **Argentina, Israel y los judíos: De la partición de Palestina al caso Eichmann (1947-1962)**. Buenos Aires: Lumiere, 2007.

RÉMOND, R. **La Droites em France de 1815 a nous jours**. Paris: Aubier-Montaigne, 1983.

ROMERO, G. Orden, Familia y Educación Sexual. Análisis de la trama de sentidos en torno al movimiento #ConMisHijosNoTeMetas en Argentina. **Revista Cultura y Religión**, v. 15, n. 1, p. 75–107, 30 jun. 2021.

RUIZ, Sebastián. “**Por la Nación contra el Caos**”: los nacionalistas católicos de *Cabildo, El Fortín y Restauración* frente a la “subversión” durante el tercer peronismo (1973-1976). Directores: María Valeria Galván y Martín Vicente. 2023. 155p. Tesis (Maestría en Historia). Escuela de Altos Estudios Sociales, Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, 2024.

SAFERSTEIN, E.; GOLDENTUL, A. La batalla cultural de las “nuevas derechas” - Revista Anfibia. **Revista Anfibia**, maio 2022.

SEMÁN, P.; WELSCHINGER, N. Juventudes mejoristas y el mileismo de masas. Por qué el libertarismo las convoca y ellas responden. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 163–202.

STEFANONI, P. **¿La rebeldía se volvió de derecha?** cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno Argentina, 2021.

VÁZQUEZ, M. Los picantes del liberalismo. Jóvenes militantes de Milei y “nuevas derechas”. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 81–122.

VICENTE, M. **De la refundación al ocaso**. Los intelectuales liberal-conservadores ante la última dictadura. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2015.

VICENTE, M. La sonrisa liberal-conservadora. Política, ideología y cambio social en el humor de la revista *El Búrgués* (1971-1973). **Temas y Debates**, n. 37, 2019.

VOMMARO, G.; MORRESI, S.; BELLOTTI, A. **Mundo PRO: anatomía de un partido fabricado para ganar**. C.A.B.A: Planeta, 2015.

**Received on:** 02/07/2024

**Approved:** 02/09/2024





RADICALIZACIÓN Y FUSIONISMO  
EN EL ACTIVISMO JUVENIL DE LAS  
DERECHAS ARGENTINAS TRAS 2001:  
ACTUALIDAD DE UNA HISTORIA

*RADICALIZAÇÃO E FUSIONISMO NO ATIVISMO  
DA JUVENTUDE DE DIREITA ARGENTINA APÓS  
2001: O ESTADO ATUAL DE UMA HISTÓRIA*

*RADICALISATION AND FUSIONISM IN  
ARGENTINEAN RIGHT-WING YOUTH ACTIVISM  
AFTER 2001: A HISTORY IN THE PRESENT DAY*

*Matías GRINCHPUN\**

*Sergio MORRESI\*\**

*Ezequiel SAFERSTEIN\*\*\**

*Martín VICENTE\*\*\*\**

**RESUMEN:** Este trabajo propone un abordaje de las diversas modalidades que asumieron los jóvenes que, identificados con distintos idearios de las derechas

---

\* Profesor en la Facultad de Filosofía y Letras y la Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad de Buenos Aires, Profesor de Historia y Doctor en Historia por la Universidad de Buenos Aires, becario posdoctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3163-2548>. Contacto: [matiasgrinchpun@gmail.com](mailto:matiasgrinchpun@gmail.com).

\*\* Profesor en la Universidad Nacional del Litoral, Doctor en Ciencia Política por la Universidad de San Pablo, Licenciado en Ciencia Política por la Universidad de Buenos Aires, Investigador Independiente del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas en la Universidad Nacional del Litoral. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8287-5772>. Contacto: [smorresi@gmail.com](mailto:smorresi@gmail.com).

\*\*\* Profesor en la Universidad de Buenos Aires y la Universidad Nacional de San Martín, Doctor en Ciencias Sociales y Licenciado en Sociología por la Universidad de Buenos Aires, Magister en Sociología de la Cultura por la Universidad de San Martín, Investigador Adjunto del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas en la Escuela de Altos Estudios Sociales-Universidad Nacional de San Martín. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1816-4164>. Contacto: [esafenstein@unsam.edu.ar](mailto:esafenstein@unsam.edu.ar).

\*\*\*\* Profesor en la Universidad Nacional de Mar del Plata, Doctor en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires, Magister en Ciencia Política por la Universidad Nacional de San Martín, Licenciado en Comunicación Social por la Universidad del Salvador, Investigador Adjunto del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas en la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6744-0268>. Contacto: [vicentemartin28@gmail.com](mailto:vicentemartin28@gmail.com).

argentinas, activaron políticamente en el ciclo abierto tras la crisis de 2001. Lo hace historizando el activismo juvenil derechista del siglo XX en base a dos familias: la liberal-conservadora y la nacionalista-reaccionaria, enfocando luego un recorrido por la coyuntura abierta por el propio quiebre de 2001 y los sucesivos momentos de visibilización activista, primero en la centro-derecha y luego en expresiones radicalizadas que desde un efecto fusionista logró que convergieran aquellas tradiciones con un destacado protagonismo juvenil.

**PALABRAS CLAVE:** Activismo juvenil - Derechas - Argentina

**RESUMO:** *Este artigo propõe uma abordagem das diferentes modalidades assumidas pelos jovens que, identificados com diferentes ideologias da direita argentina, tornaram-se politicamente ativos depois da crise econômica e de representação política que teve lugar em 2001. Para isso, em primeiro lugar, coloca-se em perspectiva histórica o ativismo juvenil de direita no século XX em duas famílias ou tradições políticas argentinas: a liberal-conservadora e a nacionalista-reacionária. Seguidamente a atenção se concentra no cenário do século XXI, marcando os sucessivos momentos de visibilidade ativista juvenil, primeiro na centro-direita e depois em expressões radicalizadas que, a partir de um efeito fusionista resultou na convergência das famílias de direita em Argentina.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ativismo juvenil - Direitas - Argentina*

**SUMMARY:** *This work proposes an approach to the various modalities assumed by young people who, identified with different ideologies of the Argentine right, became politically active in the open cycle after the 2001 crisis. It does so by historicizing right-wing youth activism of the 20th century based on two families: the liberal-conservative and the nationalist-reactionary, then focusing on a tour of the situation opened by the breakup of 2001 itself and the successive moments of activist visibility, first in the center-right and then in radicalized expressions that from a fusionist effect managed to converge those traditions with a strong youth prominence.*

**KEYWORDS:** *Youth activism - Right wing - Argentina*

## **Introducción**

Recientemente, el lugar de los jóvenes en las derechas ganó centralidad en la agenda pública, muchas veces subrayándose sorpresa ante el fenómeno. Lejos de una

novedad, la activa presencia juvenil en las ideologías derechistas fue una constante irregular en la Argentina desde inicios del siglo XX, ligada a los movimientos generales del espacio de las derechas locales. El lugar de los actores juveniles fue más visible en el universo nacionalista-reaccionario que en el liberal-conservador hasta la reconstrucción democrática posterior a 1983, con efecto en la disparidad bibliográfica en favor del primero (BOHOSLAVSKY, ECHEVERRÍA y VICENTE, 2021; MORRESI y VICENTE, 2023).<sup>1</sup> El carácter beligerante y visibilizado del nacionalismo colocó a los jóvenes en un lugar central, promoviendo empresas intelectuales, militancias activas y muchas veces violentas, fue atendido ampliamente por los analistas (LVOVICH, 2003; MCGEE DEUTSCH, 2005; PADRÓN, 2017). La extensión de este ideario hacia las filas de las Fuerzas Armadas, la prensa ideológica masiva y las derivas subnacionales recibió también atención, nuevamente con la juventud en un sitio clave (GALVÁN, 2013; CASAS, 2018).

El aspecto juvenil de la familia liberal-conservadora fue menos evidente durante gran parte del siglo XX, por ende, la atención de estudios específicos fue menor. El ascenso de intelectuales jóvenes, pero no juvenilstas, en el pos-peronismo debe marcarse como excepción antes del retorno democrático de 1983 (VICENTE, 2015). El marco abierto allí fue atendido en base a experiencias militantes juveniles en el universo liberal-conservador, momento en que el nacionalismo-reaccionario se movió hacia los bordes de la vida pública (VOMMARO, MORRESI y BELLOTTI, 2015; ARRIONDO, 2015; GRANDINETTI, 2019). La convergencia reciente entre jóvenes que se movían en los bordes de la derecha liberal-conservadora en un proceso de radicalización con otras expresiones derechistas, ganó entidad política y fue abordada por los analistas (GOLDENTUL Y SAFERSTEIN, 2020; MORRESI y VICENTE, 2023; VÁZQUEZ, 2023), en paralelo a una transformación internacional de las derechas marcada por el radicalismo, la mixtura y el componente juvenil (GOODWIN y EATWELL, 2019; MUDDE, 2021; STEFANONI, 2021).

Desde esa perspectiva analizaremos los activismos juveniles en las derechas argentinas. Tras un recorrido panorámico sobre los ejes centrales de la presencia juvenil durante el siglo XX, abordaremos el escenario abierto en el siglo XXI y analizaremos la radicalización juvenil derechista reciente. Buscamos exponer que la transformación política posterior a la crisis de 2001, cuando cayó el gobierno de la Alianza, finalizó la convertibilidad peso-dólar y se construyó paulatinamente una polarización entre espacios políticos, permitió que surgiera recientemente una expresión derechista radical con una perspectiva política fusionista, que llegó al poder en 2023 (NASH, 1987). La hipótesis que guía este trabajo propone que la radicalización de un segmento del liberalismo-conservador operó en convergencia con otras expresiones derechistas con un protagonismo central de los sectores juveniles,

---

<sup>1</sup> La lectura de estos espacios como tradiciones y familias político-ideológicas parte de Rémond (1983).

lo que implicó dos cambios en el rostro de las derechas argentinas: la radicalización de un sector del liberalismo-conservador y una convergencia con las familias del nacionalismo-reaccionario tras su relativa marginación desde el retorno democrático.

A la luz de lo marcado, el texto propone una lectura sobre la juventud en dos sentidos. Por un lado, siguiendo las concepciones de juventud presentes en los trabajos relevados, que hacen eje en tres momentos de visibilización: las primeras décadas del siglo XX, los llamados “largos años sesenta” y la recuperación democrática de 1983. A la luz de ello, el texto se concentra sobre la juventud posterior al quiebre de 2001, comprendiendo un abordaje de juventud desde las propias posiciones de los sujetos analizados, quienes se presentan como jóvenes y son entendidos así por actores con quienes se relacionan (es decir, colocados y representados como tales en el campo político, BOURDIEU, 1982; ). Así, el texto se basa en una reconstrucción del lugar de las juventudes en las derechas argentinas a la luz de trabajos previos, tanto de los autores como en diálogo con producción especializada, a lo que se suma el seguimiento de redes sociales de estos sectores y trabajo de campo en manifestaciones, encuentros culturales y políticos, actos de las campañas de 2021 y 2023 (incluyendo la asunción presidencial de Javier Milei), que se detallan en los casos presentados.

## **Una mirada al siglo XX**

Desde su constitución como familias diferenciadas, el liberalismo-conservador y el nacionalismo-reaccionario tuvieron a las juventudes como actores de sus dinámicas y temas de sus discursos. En torno del Centenario en 1910 se perfiló un nacionalismo que se alejó del liberal-conservadurismo tutelar, al que enfrentó en el contexto abierto por la Primera Guerra Mundial, la Revolución Rusa y posteriormente el avance del fascismo. Esa diferenciación se debió, en parte, al protagonismo juvenil: pese a preocupaciones comunes, los perfiles de liberales-conservadores y nacionalistas-reaccionarios adquirieron tonos diferenciados, donde la agitación juvenil del último sector fue clave. Mientras los primeros defendían el ideario políticamente republicano de la Constitución de 1853, una concepción capitalista-mercantil de la economía y una lectura sociocultural cosmopolita y elitista, los segundos cuestionaron ese modelo apelando al autoritarismo político, esquemas económicos corporativos y tradicionalismo cultural. Así, colisionaron dos maneras de entender la realidad y proponer un horizonte: los liberales tacharon a los nacionalistas de cerriles y retardatarios, mientras estos culpaban a sus contrincantes por la penetración de ideas disolventes (MORRESI Y VICENTE, 2023).

Tal separación y diferendo se proyectaron históricamente, pero también se dio colaboración en coyunturas puntuales: durante el golpe de Estado de 1930 al segun-

do gobierno de Hipólito Yrigoyen, de la Unión Cívica Radical (UCR) (1916-1922; 1928-1930) ambos sectores enarbolaron un discurso que habilitó convergencias posteriores, identificando democracia mayoritaria con demagogia y corrupción. Entre nacionalistas-reaccionarios abundaron experiencias como el periódico *La Nueva República* o la sofisticada revista cultural *Sol y Luna*, motorizadas por intelectuales jóvenes, pasando por las secciones juveniles de organizaciones como la Acción Nacionalista Argentina, la Unión Nación Argentina Patria y la Alianza Libertadora Nacionalista (BUCHRUCKER, 1987: 118-123). Mientras el universo liberal mostraba primacía de actores adultos y tonos alejados del juvenilismo, los nacionalistas juraban dar la vida por la causa, una tónica militante que cruzó las décadas de 1930 y 1940 llamando jóvenes a ella.

A mediados de esa década, tanto desde el naciente peronismo como en sectores antiperonistas los actores juveniles alzaron sus voces, protagonizaron empresas culturales y se enfrentaron con virulencia tras la reelección de Juan Perón (1946-1952; 1952-1955), con el ejemplo destacado de los jóvenes comandos civiles, que producían atentados y sabotajes anti-gubernamentales (BARTOLUCCI, 2018). Allí convergieron nacionalistas-reaccionarios y liberal-conservadores, pero también radicales, socialistas y católicos apartidarios. El golpe de Estado de 1955 fue saludado por liberal-conservadores que narraron su experiencia como resistencia generacional a una reversión del totalitarismo, aunque sin apelar al juvenilismo (VICENTE, 2014). El nacionalismo-reaccionario se mostró dividido: algunos jóvenes ocuparon cargos en la fugaz dictadura del nacionalista Eduardo Lonardi, tomando revancha de Perón, que los consideraba “píantavotos”, pero fueron relegados tras el ascenso del liberal Pedro Aramburu, optando por el periodismo ideológico como la extremista *Combate* o *Azul y Blanco*, que alcanzó notable circulación y luego se acercó al justicialismo (GALVÁN, 2013).

Ciertos jóvenes nacionalistas redescubrieron gradualmente el peronismo mientras su activismo llevaba el nacionalismo a las calles y los titulares de la prensa masiva. A fines de los ‘50, a partir de grupos como la Unión de Estudiantes Nacionalistas Secundarios (UENS) se formó el Movimiento Nacionalista Tacuara, que articuló militancias juveniles a través de consignas antiimperialistas, anti-comunistas y antisemitas. Tacuara construyó una identidad vitalista expresada tanto en pintadas callejeras como en amedrentamientos y golpizas fatales e incluso secuestros con tortura. Ello visibilizó a las juventudes nacionalistas-reaccionarias en las discusiones públicas, las preocupaciones de las autoridades y de la embajada estadounidense (REIN, 2007: 250-273). La paulatina fragmentación hacia horizontes ideológicos disímiles mostró que, más allá de sus diferencias, estos grupos compartieron un ideario común en la hostilidad hacia las presidencias de Arturo Frondizi (1957-1962) y Arturo Illia (1963-1966) (que llegaron al poder con el peronismo proscripto), y expectativa ante el ascenso del general Juan Carlos Onganía en el

golpe de 1966, cuyo gabinete coligó nacionalistas y liberales con conservadores e integristas.

La decepción no tardó en llegar: la política económica fue condenada como liberal desde las páginas nacionalistas, que tampoco toleraron que el gobierno dictatorial condenara a los jóvenes nacionalistas que secuestraron un avión para viajar a las Islas Malvinas a reclamar soberanía. Desde *Azul y Blanco* y la integrista *Jauja* se reivindicó su “arrojo” y se amonestó a las autoridades que los juzgaban (GRINCHPUN, 2022). Como en los golpes de 1930 y 1955, los nacionalistas acabaron frustrados ante lo que describieron como una claudicación frente al liberalismo, especialmente cuando el general Alejandro Lanusse condujo la segunda etapa dictatorial desde 1970 y articuló una salida electoral, que permitió el regreso del peronismo en 1973.

El fin de la proscripción iniciada en 1955 resultó shockeante para los liberal-conservadores: el sector liberal de las Fuerzas Armadas, antes férreamente antiperonista, propiciaba una reapertura electoral que, según la revista *El Burgués*, entregaba el país a Perón (VICENTE, 2019). Dentro del nacionalismo-reaccionario hubo quienes se entusiasmaron con la vuelta del peronismo, entre ellos grupos como Guardia de Hierro, el Frente Estudiantil Nacional (FEN), el Comando de Organización (CdO), la Concentración Nacional Universitaria (CNU) y la Juventud Peronista de la República Argentina (DENADAY, 2022). En ese marco tuvieron una veloz activación militante de jóvenes antes no identificados con posiciones nacionalistas-reaccionarias, así como otros abandonaron la izquierda del peronismo en favor de la “ortodoxia” derechista y agitaron violentos conflictos internos. No menos virulentos fueron los jóvenes que se aferraron al antiperonismo dogmático, como los tradicionalistas católicos que lanzaron la revista *Cabildo*, cuyas invectivas le valieron dos prohibiciones gubernamentales (RUIZ, 2024).

El inestable escenario aceleró una radicalización del vocabulario liberal-conservador, que se acercó al del nacionalismo-reaccionario en la construcción de una figura amplia de “enemigo interno” (FRANCO, 2012). Tras la muerte de Perón en 1974, el golpe de Estado de 1976 planteó un “Proceso de Reorganización Nacional” capaz de “cambiar la mentalidad” social y forjar una joven generación heredera de sus valores (VICENTE, 2015). Con la obtención del Mundial de Fútbol de 1978 multitudes juveniles arrojaron al dictador Jorge Videla, así como ganaron las calles en los actos por la Guerra de Malvinas en 1982, escenas hilvanadas por el discurso dictatorial sobre la juventud, que coordinó sentidos del liberalismo-conservador y el nacionalismo-reaccionario. Si de un lado se promovía un enfoque que elogiaba la tradición liberal y se enfocaba a los jóvenes como emprendedores, del otro se la colocaba como posible objetivo de la “penetración subversiva” cultural (MANZANO, 2017: 375-377).

Con la transición democrática iniciada en 1983, la narrativa progresista del presidente Raúl Alfonsín, de la UCR (1983-1989), saludó a las juventudes alejadas de las perspectivas derechistas previas, pero para la segunda mitad de la década diversos analistas subrayaron un “boom liberal” donde los jóvenes tenían un rol central, graficado en fenómenos como la Unión por la Apertura Universitaria (UPAU). Esto cambió la relación de visibilidad de las juventudes derechistas: por primera vez, el espectro liberal-conservador se imponía en este plano al nacionalista-reaccionario, como parte de un proceso más amplio en el campo de las derechas (MORRESI Y VICENTE, 2023). Como otros militantes del período, los liberales se caracterizaron por diferenciarse de sus líderes adultos. En el caso de quienes se sumaban a la Unión del Centro Democrático (UCEDE) o se mantenían dentro del Partido Demócrata (PD), esto implicaba marcar diferencias respecto a las experiencias dictatoriales: se elogiaba a los líderes que no se habían comprometido con ellas y se exigía retracción a quienes lo habían hecho. Estos jóvenes se entendían ideológicamente “más puros” que sus líderes, pero también que referentes internacionales y teóricos del espacio, al punto de criticar a Milton Friedman porque entendían que algunos de sus posicionamientos eran insuficientemente liberales: así, se presentaron como “los troskos del liberalismo”.<sup>2</sup> A medida que la UCEDE primero y la Alianza de Centro después veían crecer su caudal de votos, estos jóvenes ganaron peso en pugnas internas y disputaron posiciones con los líderes históricos.

Parte de esa potencia juvenil se agotó en esas luchas internas y se vio quebrada por la decisión del líder Álvaro Alsogaray de sumarse al gobierno del peronista Carlos Menem (1989-1995; 1995-1999), un parteaguas para los jóvenes de la UCEDE. Algunos dejaron el antiperonismo y se sumaron a la nueva etapa, pero para otros ello implicaba negar su identidad y prefirieron dejar la política, en coincidencia con una cuestión cronológica: los jóvenes que habían comenzado a militar en 1983 ya eran profesionales formaban familias y preferían dedicarse a la vida privada (ARRIONDO, 2015).

En el nacionalismo-reaccionario, en tanto, en los primeros años de la democracia proliferaron publicaciones y agrupamientos de diversa inspiración, del tradicionalismo católico al neonazismo pasando por acercamientos a la *Nouvelle Droite*, promovidos por una joven generación de intelectuales y activistas desde los márgenes de un sistema que repudiaban. Esta renovación intelectual no siempre se tradujo en innovación práctica: la mayoría de estas organizaciones apeló al conocido repertorio de manifestaciones, conferencias y acciones violentas. Detrás de estas iniciativas se encontraban los cabecillas que, pese a superar los 30 o 40 años, no

---

<sup>2</sup> “Trosko” es el mote que en la Argentina designa a la militancia de orientación trotskista, caracterizados en ese momento por su purismo y, por ello, dispersión. En la perspectiva de estos jóvenes, se subrayaba el radicalismo ideológico de la opción.

tenían reparos en asumir la voz de las futuras generaciones junto a una retórica y estética juvenilistas, buscando reclutar jóvenes. A tono con ciertas políticas de las dictaduras previas, las admoniciones sobre pornografía, drogas y rock mantuvieron una presencia preponderante en la prensa nacionalista-reaccionaria, que las condenó como parte del “destape” democrático. Paradójicamente, en los espacios denostados de conciertos, salones de *arcades*, estudios de tatuaje o librerías alternativas varios jóvenes conectaron con discursos anti-sistema, entre ellos el del nacionalismo, que ofrecía una identidad común, incluso adoptando modelos transnacionales como el *skinhead* hasta bien entrados los '90.

Menem logró articular a peronistas ortodoxos de tradición nacionalista con enfáticos neoliberales, mientras políticos, técnicos y figuras públicas jóvenes protagonizaron un elogio del modelo de reconciliación entre peronistas y antiperonistas y de la cultura estética juvenilista aupada en la convertibilidad peso-dólar. El presidente se jactó de pensar como joven, aunque no pudo aprobar una reforma electoral para llevar el voto de los 18 a los 16 años, seguro de su popularidad entre la juventud. La bandera de la convertibilidad fue levantada por la Alianza, la coalición que se opuso desde el progresismo a un peronismo escorado a la derecha y ganó las elecciones de 1999. Jóvenes que habían nacido a la vida política durante el menemismo encontraron un lugar de diálogo como técnicos en las áreas de Economía, Educación y Cultura, rodeando al presidente Fernando De la Rúa (1999-2001). El final traumático del gobierno, que marcó la crisis de 2001, implicó una nueva etapa para la política argentina. Allí, la juventud se colocó paulatinamente en primer plano entre las derechas de modo diferente a los dominantes en el siglo que había pasado: desde un partido que se presentaba como “lo nuevo”.

## **Después de la crisis**

En torno a la crisis de 2001, el protagonismo juvenil fue destacado tanto en las jornadas de diciembre en las que el presidente renunció a su mandato y en la posterior transición que llevó al gobierno del peronista Néstor Kirchner (2003-2007). Los analistas se enfocaron en la nueva militancia oficialista, pero recientemente se subrayó cómo actores juveniles se activaron defendiendo políticas neoliberales o tuvieron relevancia en diferentes manifestaciones con motivos derechistas (MORRESI, SAFERSTEIN y VICENTE, 2021). En ese marco, el empresario y dirigente futbolístico Mauricio Macri construyó su propio espacio político en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA) con políticos peronistas y de la UCR, pequeños partidos de derecha y activistas sociales. Fue el núcleo del Proyecto Republicano (PRO), que se presentaba como “el primer partido del siglo XXI” y “la nueva política”, más allá de las ideologías. PRO logró adhesión de jóvenes venidos



del activismo social (especialmente católico) y de estudiantes que abrieron espacios militantes en universidades privadas y luego públicas, incluso reconvirtiendo la imagen de Ernesto Guevara a “Macri es revolución”.

El “nuevismo” impulsado por el joven politólogo Marcos Peña se caracterizó por una imagen ligera identificada con el color amarillo y luego con un ecuménico multicolor. Bailes con hits de cumbia y pop, vestimenta sencilla, mensajes caracterizados por el voceo y neologismos dieron al espacio con una tonalidad alejada del perfil tecnocrático de las derechas liberales y de la procedencia de clase de los dirigentes más visibles (VOMMARO, MORRESI y BELLOTTI, 2015; GRANDINETTI, 2019). Los cuadros jóvenes ocuparon cargos relevantes, especialmente desde la agrupación Jóvenes PRO, creada en 2005, y se visibilizaron desde la gestión en CABA a partir de 2007. A diferencia de los “troskos del liberalismo” de los ’80, a la juventud PRO le resultó más fácil llegar a posiciones de poder y desplegar políticas destinadas a las juventudes o institucionalizar espacios juveniles, pero practicando un seguidismo de los posicionamientos y el estilo de los referentes adultos, al punto que en la agrupación Jóvenes PRO llegó a evaluarse a quienes se acercaban a militar con el formato de entrevista empresarial.

El estilo PRO resultó intolerable para los nacionalistas, tanto los referentes ligados a *Cabildo* como los foros como El Nacionalista, vinculado con la tradicionalista Vanguardia de la Juventud Nacionalista, donde circulaban mensajes conspirativos y antisemitas promovidos por jóvenes foristas.<sup>3</sup> A la derecha del PRO, además, creció una dinámica canalizada por actores juveniles que reclamaban una “verdadera derecha”, valórica y conservadora, pedido que superó ese pequeño universo y llamó la atención de los analistas, como las cartas del estudiante secundario Agustín Laje en *La Nación* (FERRARI, 2009: 76-77). Los nacionalistas también coincidieron con las “organizaciones de memoria completa” que reclamaban la revisión de los años ’70 y otros espacios de militancia enfrentada a los gobiernos kirchneristas (2003-2007, 2007-2011, 2011-2015), donde se pudo ver a jóvenes insultando a los “montoneritos resentidos” del oficialismo.<sup>4</sup>

En El Nacionalista abundaron llamadas a marchar contra el gobierno y propuestas como el “matrimonio igualitario”, a tono con la adopción de medios digitales como instrumento de protesta y plataforma de movilización de mayores y jóvenes, de liberales y nacionalistas. No fue una confluencia automática, ya que las críticas y recelos cruzados persistieron a pesar del rechazo compartido al oficialismo; aun así, esto implicó una apertura de un nuevo sitio para el nacionalismo reaccionario, a diferencia de la condena que pesaba en las décadas previas, cuando Alfonsín los signó como autoritarios y Menem como extemporáneos. Algunos jóvenes conser-

<sup>3</sup> Ver el foro en: <https://elnacionalista.mforos.com/>

<sup>4</sup> Un registro de lo ocurrido en 2008 puede verse en [bit.ly/3Ra8Qvu](http://bit.ly/3Ra8Qvu).

vadores buscaron acercarse al PRO a esas expresiones nacionalistas, especialmente desde el revisionismo los '70 y el anti-kirchnerismo, pero la conducción desautorizó e incluso expulsó a voces cuyo derechismo había abierto conflictos con el estilo partidario. Se trató de referentes formados antes del retorno democrático, como el abogado Federico Young o el escritor Abel Posse, que los sectores juveniles orgánicos amonestaron como “viejos conservadores” (desautorización similar a la de los jóvenes ucedeístas a los “dinosaurios” mayores).

Si bien la crítica a la juventud kirchnerista era una bandera intra-generacional, los jóvenes del PRO replicaron el verticalismo que endilgaban a la organización oficialista La Cámpora, algo que señalaron otros jóvenes que buscaban llevar más enfáticamente a la derecha al PRO o se oponían por derecha. Ello mostraba dos aspectos relevantes: de un lado, las fronteras por derecha del PRO eran un espacio de tensiones; del otro, el crecimiento de una din mica que, desde zonas no centrales, buscaba aproximarse a un espacio organizado sin cejar en sus ideas y empujándolo. Esos puntos fueron soterrados momentáneamente cuando PRO accedió al gobierno nacional (2015-2019) liderando la coalición Cambiemos (que a PRO sum  la UCR, la Coalición Cívica y partidos menores), cuyo carácter centrista no estuvo exento de desafíos ante los jóvenes militantes, como lo graficó una escena del mismo festejo electoral, cuando un núcleo juvenil recriminó a Macri su reconocimiento a ciertas políticas del kirchnerismo.

El proceso de gobierno llevó a que el dinamismo de las juventudes del PRO se fuera dispersando y derivase en divisiones cuyo punto de inflexión se dio en el último tramo del mandato, cuando los movimientos de crítica por derecha hacia la gestión se materializaron sobre dos dimensiones. Una en términos econ micos, con voces que alertaban que las medidas no alcanzaban el efecto proyectado y otra expresada como valores culturales. Esta se visibilizó especialmente con la habilitación del presidente a la discusión de la ley de interrupción voluntaria del embarazo (IVE) en 2018, que dividió al arco político y a la coalición gobernante (FAUR, 2020). All , el rechazo al gobierno fue motorizado por sectores juveniles que reclamaron un derechismo m s enfático y construyeron afinidad con figuras de presencia mediática en ascenso, tanto liberales como nacionalistas.

Economistas neoliberales como Javier Milei y José Luis Espert apuntaron tanto a su área como a facetas culturales e ideológicas, frente donde se visibilizaron otrora miembros de la coalición como el ex militar Juan José Gómez Centurion o la activista religiosa Cynthia Hotton. Además, así referentes de alto perfil en redes sociales, como el mencionado Laje (ya un joven autor de ensayos exitosos), promovieron críticas valóricas sin obviar el aspecto técnico- econ mico. En este universo se entablaron lazos con grupos juveniles involucrados en esas ideas, que circularon críticas por una trama amplia y heterog nea de espacios y expresiones: medios de comunicación, libros, producciones digitales, eventos culturales. Los intentos

organizacionales partidarios, incluso, formaron parte de una narrativa y práctica radicalizada que ganó lugar en el debate público hacia la derecha del PRO, tensó sus límites y generó una zona de clivaje que comenzó a impactar longitudinalmente en la política.

## **Crece por derecha**

El triunfo de PRO fue saludado por diversos referentes juveniles como un bienvenido giro a la derecha, pero otros lo presentaron como “kirchnerismo de buenos modales” o “progresistas en el closet”, como nos dijeron diversos entrevistados.<sup>5</sup> Entre estos jóvenes, las alternativas de apoyar desde adentro del partido un giro a la derecha o condicionar desde afuera devino encrucijada: como nos marcó uno de ellos, se trataba de elegir entre dos opciones, la pragmática y la identitaria. Esta narrativa, que diversos activistas jóvenes circulaban en la esfera digital, se hizo presente y palpable en eventos culturales que funcionaron como espacios de sociabilidad y de encuentro juvenil previo a la organización política que se articuló para las elecciones legislativas de 2021: La Libertad Avanza (LLA), liderada por el mencionado Milei.

Un paso clave hacia la convergencia se dio en diciembre de 2018, cuando el Partido Demócrata (parte de PRO, pero relegado del armado nacional) organizó la “Conversación de cara a la elección 2019”, patrocinada por Prensa Republicana y la Fundación Libre, espacios liderados por el abogado Nicolás Márquez y Laje, respectivamente, quienes se encontraban presentando *El libro negro de la nueva izquierda*.<sup>6</sup> El moderador fue el referente partidario Juan Carlos de Marco y se sumaron experimentados intelectuales, como el nacionalista Vicente Massot (ligado a *Cabildo* en los ‘70 y funcionario de Menem en los ‘90) y el economista Agustín Monteverde, del neoliberal Centro de Estudios Macroeconómicos de la Argentina (CEMA), mostrando amplitud generacional y presencia de las dos familias derechistas. Asistieron como invitados activistas por la revisionista “memoria completa” y la iniciativa antiabortista “Salvemos las dos vidas”, religiosos y laicos, católicos y evangélicos. Entre ellos, Segundo Carafí, del Centro de Estudios Cruz del Sur, Enzo Difabio, del Movimiento por los Valores y la Familia de Mendoza, militantes juveniles de pequeños partidos y movimientos conservadores “provida” como el Partido de la Vida y el Frente Federal Familia y Vida.

<sup>5</sup> Entrevistas en el marco de la campaña presidencial 2019 y las protestas ante las medidas frente al Covid-19, octubre de 2019 (Ciudad Autónoma de Buenos Aires) y agosto de 2020 (Tandil y Mar del Plata).

<sup>6</sup> El texto publicado por el Grupo Unión pasó de circular entre lectores de nicho a convertirse en un best-seller internacional articulado a las disputas en contra de la llamada ideología de género por parte de sectores religiosos y políticos conservadores (ROMERO, 2021)

Ante un auditorio compuesto por mayoría de jóvenes que no eran activistas, la adhesión a las ideas y valores que pregonaban Laje (pocos años mayor que ellos) y Márquez ejemplarizaba en sus figuras cómo la visibilidad se extendía de las redes a los encuentros en el espacio físico y cómo neoliberales y confesionales, conservadores y nacionalistas, convivían. Algunos portaban insignias del Partido Libertario, fundado meses antes con el salto a la política partidaria de Espert, pero muchos se reconocían votantes disconformes del gobierno e incluso ex militantes del PRO alejados del partido por su “destrato respecto de los valores de la familia”, como nos afirmó otro estudiante. La búsqueda de referentes culturales y políticos a la derecha del gobierno se explicitó entre muchos jóvenes como una razón para asistir y validar un espacio de confluencia.

Otro concurrente afirmaba que seguía a Laje y Márquez “por cómo piensan, estoy de acuerdo con toda la lucha que están haciendo. Los sigo fielmente (...) No milito en ningún partido, pero estoy dispuesto a ayudar desde algún ámbito”.<sup>7</sup> La sociabilidad digital, que ya albergaba una conversación similar y la conformación de activas comunidades de debate y activismo desde foros y redes sociales, comenzaba a encontrar correlato presencial, donde los jóvenes sobresalían por su presencia y la búsqueda de apropiarse de eventos antes relacionados con los adultos o las prácticas progresistas.

En la agenda de estos eventos, el combate a la “ideología de género” ocupaba un primer plano, “la defensa de los valores de la familia”. La discusión sobre la IVE en 2018 y luego en 2020 (cuando se aprobó) alentó la organización y salida a la calle de jóvenes activistas y militantes partidarios, tanto desde instituciones de pertenencia como de manera más espontánea (LÓPEZ et al., 2021). Referentes culturales como Laje y Márquez, otros como la activista católica Lupe Batallán y el ensayista conservador Pablo Muñoz Iturrieta lograron impacto por redes sociales y sus ideas se replicaron en las movilizaciones y encuentros. En ellos, la tesis de *El libro negro...*, que las izquierdas habrían logrado ganar la “batalla cultural” por el “sentido común” tras sus derrotas políticas y el repliegue de las derechas hacia el plano económico, aparecía desde un discurso beligerante. La “ideología de género” era presentada como parte de una “revolución cultural gramsciana” que debía contrarrestarse contra un sentido común que era de izquierda sin saberlo.<sup>8</sup> El tópico, que circulaba a nivel internacional, tenía singularidades locales que se ponían en relación con la etapa kirchnerista y el gobierno de Macri: el primero lo había promovido desde el progresismo y el segundo “profundizado la debacle cultural”, como decía

---

<sup>7</sup> Entrevistas realizadas en el marco del evento, jueves 13 de diciembre de 2019 en la Ciudad de Buenos Aires.

<sup>8</sup> En la web de Cruz del Sur Segundo Carafí publicaba notas de opinión sobre jóvenes que se basaban en el “sentido común” y que estaban “convencidos” de que “de esta Guerra depende nuestro futuro como sociedad y ninguno de nosotros se rendirá hasta ganarla” (CARAFÍ, 2019).

Laje en el evento citado. Si el gobierno había realizado el aporte de ganarle la elección presidencial al kirchnerismo, faltaba una “verdadera revolución cultural” que el macrismo habría obviado en busca de votos centristas e incluso progresistas.

Monteverde expuso sobre la inviabilidad del plan económico “gradualista” del gobierno que, enfatizó, implicaba “estirar el sufrimiento” social por no animarse a medidas drásticas de reducción del déficit fiscal, ya que el gasto estatal era la “enfermedad principal”: “El Estado es una ‘vacuna sagrada’, no se toca, sino que se engorda”. Llamó a la rebelión fiscal ante ese Estado que trataba a los ciudadanos como “siervos”. Esta tónica tenía una mayor repercusión entre los jóvenes por otro economista, el mencionado Milei, que había ganado visibilidad desde 2015 en medios y redes. Con un discurso altisonante, atacaba lo que presentaba como un modelo donde el Estado y las medidas “colectivistas” eran las principales problemáticas, que luego articuló con una perspectiva decadentista (MORRESI Y VICENTE, 2023).

El estilo volcánico de Milei se tradujo en alzas de rating de los programas donde participaba y comenzó a replicarse en la esfera virtual, donde los jóvenes circulaban videos donde “vapuleaba” a sus adversarios del espectro peronista, a miembros de PRO o interlocutores televisivos. El economista hacía eje en dos ministros: el de la cartera económica, Alfonso Prat Gay, que consideraba “keynesiano”, y el jefe de Gabinete, el mencionado Peña, a quien caracterizaba como el progresista responsable del centrismo gubernamental. Desde 2017 ganaron circulación decenas de cuentas de Youtube que replicaban las apariciones de Milei, muchas con cientos de miles de seguidores, como “Milei Presidente”, que así se presentaba en julio de 2017:

“Javier Milei es la persona idónea para sacarnos de la decadencia que vivimos en Argentina desde hace 80 años. Es nuestro mejor candidato para encabezar una lista liberal y libertaria. Este canal es un intento para que Milei vea la cantidad de gente que lo apoya y considere la posibilidad de candidatearse. Hagamos fuerza para que así sea”.<sup>9</sup>

En nuestros trabajos de campo en 2019 y 2020, ese pedido aparecía reiteradamente y este tipo de videos multiplicaron su circulación con el paso de Milei a la política electoral en 2021 al lanzar LLA. Cientos de comentarios de jóvenes definían al economista como la “última esperanza”, le pedían presentarse a elecciones y saludaban su identificación de los culpables del “desastre”: desde teóricos como Karl Marx y John M. Keynes a políticos tradicionales, pasando por la cultura estatista. Decenas de cuentas de seguidores de Milei se fueron sumando en Youtube,

---

<sup>9</sup> Véase <https://www.youtube.com/@MILEIPRESIDENTE>

Facebook, Twitter y, posteriormente, Instagram y Tik Tok, conformando una esfera digital de sociabilidad y apoyo, que luego se expresó en espacios presenciales y militancia callejera.<sup>10</sup>

Esta dinámica se acrecentó durante las medidas sociosanitarias ante el Covid-19 del gobierno peronista del Frente de Todos (FdT, 2019-2023), donde operó una densificación de relaciones sociales en la esfera digital que puso en evidencia el movimiento de actores culturales y políticos en torno a las ideas “libertarias” (como las definía Milei) y se expresó en el encuentro de tradiciones, referentes y activistas en las calles. Desde presentaciones virtuales con paneles derechistas ecuménicos a la convivencia de militantes libertarios y nacionalistas en manifestaciones, se visibilizaron vínculos inusitados desde 1983 entre las dos tradiciones derechistas, con el activismo juvenil radical en el eje. Las referidas ideas de “copar” lugares antes reservados a los mayores o al progresismo ganaron mayor impacto, como en la simbólica Feria Internacional del Libro de Buenos Aires (SAFERSTEIN y GOLDENTUL, 2023).

Lo mismo sucedía en los eventos y actos donde aparecía Milei, que se convirtieron en espacios de reunión de jóvenes que leían a los autores referidos por el economista o de representación simbólica de sus ideas más resonantes, como la quema del Banco Central en la obra de teatro “El consultorio de Milei”, de 2019. En ese marco, la relación con Espert, que alternó encuentros personales y desencuentros políticos hasta 2023, cuando Milei se lanzó a la presidencia, operó casi a modo de metáfora: Milei entusiasmaba a referentes neoliberales, pero expresaba con ellos diferencias que no salían a la luz cuando sumaba actores nacionalistas, conservadores o religiosos e incorporaba ejes de sus agendas. Si con los primeros muchas veces se privilegiaban cuestiones de identidad y método, con el resto se daba un efecto fusionista que coaligaba diferentes conceptos y fraseología para enfrentar a un enemigo común. Así lo mostraron las intervenciones de Milei, Laje y Márquez en el primer evento que los reunió públicamente, en marzo de 2019, con Cruz del Sur como entidad anfitriona. Ese efecto articulador y polémico entusiasmó a jóvenes activistas y militantes, a referentes juveniles que se mostraron en redes y vivaron a Milei en actos, organizaron reparto de boletas y cuidaron los votos en las tres ruedas electorales de 2023 que lo consagraron presidente agitando banderas libertarias y conservadoras.

En la campaña, se vivificó un colectivo plural, desde los jóvenes autodefinidos “mejoristas” (SEMÁN y WELSCHINGER, 2023) que adherían a un ideario económico anti-estatal y emprendedurista hasta los activistas que se reconocían parte de las diferentes expresiones del conservadurismo, pasando por los jóvenes que se

---

<sup>10</sup> Esta comunidad digital comenzaría a asemejarse solo en parte a lo que sucedía en otros espacios nacionales en donde la radicalización de las derechas se materializaba en sitios y foros como 4chan y Tumblr en Estados Unidos (NAGLE, 2018; COLLEY y MOORE, 2022).

interesan en política desde una posición de rebeldía (en el sentido de STEFANONI, 2021). Primero libertario, luego ampliado en términos ideológicos en base a ese posicionamiento beligerante, la tónica juvenil y la adhesión a una gramática derechista amplia y radical, era en todos los casos un activismo juvenil contestatario. Como decía un militante peronista que se acercó al armado de LLA: “Nosotros somos rebeldes, somos antisistema. Y, además, Milei es un chabón que se comporta como un pibe, que se viste como un pibe, un rockstar”.<sup>11</sup> Esa idea aparecía también en quienes buscaban despegarse de los “chetos” de PRO, enfatizando una militancia popular y “picante”, pero también jóvenes mujeres que buscaban su lugar en un entorno preponderantemente masculino (VÁZQUEZ, 2023).

Allí también llegaron jóvenes formados intelectual e ideológicamente a partir de los discursos y productos culturales que Milei ofrecía, como relató un streamer libertario:

“Hay muchos pibes jóvenes entre los cuales me incluyo, que se nos educó en por qué estábamos como estábamos Cuando hablamos del “Estado del Estado” (...) a nosotros nos resuena a Rothbard, Henry Hazlitt, a un montón de papers que Milei estaba diciendo a lo largo de mucho tiempo y ahí estaban las respuestas y nosotros las fuimos a buscar. Milei educó a un montón de gente”.<sup>12</sup>

En la base social de apoyo a Milei, el activismo joven fue fundamental en el paso hacia la militancia político-electoral (como destacó VÁZQUEZ, 2023): una primera activación de pequeños partidos y espacios liberal-libertarios provenientes de armados derechistas marginales o de vida breve; una segunda etapa vinculada al pasaje a la militancia a partir de los mencionados debates por la IVE; y una tercera oleada, de masificación, dada desde las movilizaciones durante la pandemia y la asistencia a los actos de Milei. En ese proceso, la militancia libertaria retomó repertorios de acción de otros activismos juveniles, de movilización y liturgia (como cánticos y música en las manifestaciones), de organización partidaria (relativos a formación de cuadros y proselitismo), desde la amplitud ideológica que bajo un tronco doctrinario incorporaba diferentes expresiones derechistas de modo fusionista. El rostro del fusionismo del naciente mileísmo tenía, en su eje, rasgos juveniles y los sectores nacionalistas-reaccionarios, las ideas integristas y conservadoras o aquellas llegadas de los márgenes derechos del peronismo o de previos votantes de PRO se coaligaron con el activismo libertario, en una vivaz radicalización derechista contestataria, como la promovida en el nacimiento del concepto (NASH, 1987).

---

<sup>11</sup> Entrevista al coordinador de la primera sección electoral de Juventud de La Libertad Avanza, realizada en junio de 2024 en la ciudad de Buenos Aires.

<sup>12</sup> Intervención de Martín Almeida en la presentación del libro *Está entre nosotros* (Buenos Aires, Siglo XXI, 2023) en el marco de la Feria Internacional del Libro de Buenos Aires, sábado 11 de mayo de 2024.

El paso de Milei a la candidatura presidencial inició una etapa de sedimentación política caracterizada por un activismo de “batalladores culturales” inconformistas y rebeldes, pero que articuló pragmáticamente su crecimiento. LLA incorporó candidatos provenientes del peronismo y el radicalismo, del PRO y de expresiones de las derechas nacionalistas (como la familia Bussi en Tucumán) capaces de representar a sus diferentes banderas, desde el antiabortismo al emprendedurismo, con base en la crítica a la política tradicional (MORRESI Y RAMOS, 2023). Esa dinámica se observó en el armado partidario, la inserción juvenil en el ámbito universitario y en escuelas secundarias, así como en el terreno de la batalla de ideas, buscando sintonizar tiempos y ejes con la construcción de volumen político. La llegada de LLA al poder, finalmente, mostró que ese rostro fusionista se prolongaba en la expansión de iniciativas juveniles en campañas de afiliación, la conformación de agrupaciones como Avancemos y Agrupación por la Unidad, Libertad y Amplitud de los Secundarios (AULAS) (con el objetivo de “erradicar el adoctrinamiento”) y la consolidación de nuevos *think tanks*, además de continuar la narrativa de la “batalla cultural”, como el “II Foro Panamericano de Jóvenes Políticos” (que busca contrastar su narrativa con el “Foro de San Pablo”).

Si esas tres vertientes de activismo muestran cómo conviven en tensión el pragmatismo y lo identitario, con lo juvenil como elemento fundamental y con la vocación de fusionar actores, identidades e ideas. Por otra parte, pequeños espacios nacionalistas que habían activado a favor de Milei en campaña giraron a la oposición por sus medidas económicas liberales, la identificación del economista con Israel y el judaísmo o la aparición de casos de corrupción, si bien sectores como el Foro Nacionalista Argentino se asumieron parte de LLA.<sup>13</sup> Una y otra dinámica son muestras de que el proceso que coronó en términos electorales e institucionales un giro que había comenzado años antes, basado en el proceso de convergencia y radicalización de las derechas argentinas, con el activismo y la militancia juveniles en el centro, posee características impactantes en términos de velocidad y radicalidad, pero su desarrollo es una dinámica abierta.

## Conclusiones

La asunción presidencial de Milei fue saludada por miles de personas en la Plaza de Mayo y sus inmediaciones, donde se congregaron jóvenes cuyo activismo era previo a la candidatura del economista con otros que habían comenzado a militar

---

<sup>13</sup> Entre otros foros nacionalistas-reaccionarios, pueden verse Sinergia y Nacionalismo Argentino, de posiciones enfrentadas:

<https://www.instagram.com/p/CzP3lsxORKL/?igsh=MWZxM25yM2ptaGtocA%3D%3D>

<https://www.instagram.com/nacionlista/?igsh=MTIybnBrOW5pYXZkZw%3D%3D>



una vez que ingresó a la política electoral, así como votantes menos comprometidos, pero igualmente simpatizantes. Entre banderas de Gadsden y cantos contra la política tradicional, se arremolinaban pañuelos celestes con la inscripción “Salvemos las dos vidas” y referencias religiosas católicas o evangélicas, remeras de la “causa Malvinas” que reclama el nacionalismo, banderas de Israel como las que Milei flameó en campaña, libros del ahora mandatario y de sus inspiradores. El fusionismo se ponía en acción en los jóvenes que bordeaban el evento y en el discurso de asunción presidencial, simbólicamente dado a espaldas del Congreso de la Nación.

Si bien la escena podría describir un proceso acelerado de politización y llegada al poder de una expresión derechista aupada sobre la juventud, el propio triunfo electoral de LLA debe leerse en una perspectiva más amplia, que supera los objetivos de este texto. Aquí hemos puesto el foco sobre la historicidad del lugar que han ocupado los actores juveniles en las derechas argentinas en dos ciclos: desde inicios del siglo XX hasta la crisis de 2001, y desde ese momento hasta la actualidad. Deben subrayarse una serie de puntos claves: si bien a lo largo del período considerado tanto la familia liberal-conservadora como la nacionalista-reaccionaria expresaron rostros juveniles, hasta 1983 estos fueron más visibles en esta que en aquella, algo que cambió con la reinstauración democrática, cuando el liberalismo juvenil ganó centralidad. En la poscrisis también desde el eje liberal-conservador el activismo juvenil tuvo lugar central con la experiencia de PRO y a medida que operaba una radicalización derechista, también desde allí se articuló su expresión más atendible, en torno del libertarianismo de Milei, que apuntaba contra el progresismo, pero también contra esa derecha mainstream y centrista. El economista pudo apelar a motivos conservadores, nacionalistas y religiosos desplegando un fusionismo político que sus seguidores adoptaron abiertamente, en parte porque ya circulaba entre activistas y militantes. Ese movimiento sacó a las expresiones nacionalistas-reaccionarias de los márgenes en los que habían estado desde 1983, las imbricó con esta vertiente radical de la familia liberal-conservadora y en esa fusión deja abierta la conformación de un nuevo rostro para las derechas argentinas, donde el lugar de los jóvenes ha sido central y cuya dinámica, con LLA en el gobierno, prosigue.

## REFERENCIAS

ARRIONDO, L. De la UCeDe al PRO un recorrido por la trayectoria de militantes de centroderecha de la Ciudad de Buenos Aires. Em: **Hagamos equipo. El PRO y la construcción de la nueva derecha en Argentina**. Buenos Aires: UNGS, 2015. p. 203–230.

BARTOLUCCI, M. La resistencia antiperonista: clandestinidad y violencia. Los comandos civiles revolucionarios en Argentina, 1954-1955. **Páginas**, n. 24, sep.-dic. 2018.

BESOKY, Juan Luis. **La derecha peronista: Prácticas políticas y representaciones (1943-1976)**. Director: Ernesto Bohoslavsky. 2016. 331p. Tesis (Doctorado en Ciencias Sociales). Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, 2016.

BOHOSLAVSKY, E.; ECHEVERRÍA, O.; VICENTE, M. Introducción. Em **Las derechas argentinas en el siglo XX. Tomo I: De la era de las masas a la guerra fría**. Tandil: UNICEN, 2021.

BOURDIEU, Pierre. La représentation politique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, n. 36-37, 1982.

BUCHRUCKER, Cristian. **Nacionalismo y peronismo: La Argentina en la crisis ideológica mundial (1927-1955)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.

CASAS, M. **La tradición en disputa**. Iglesia, Fuerzas Armadas y educadores en la invención de una “Argentina gaucha”, 1930-1965. Rosario: Prohistoria, 2018.

CARAFÍ, S. **Los jóvenes y la derecha - Por Segundo Carafí. Cruz del Sur**, 19 mar. 2019. Disponible em: <<https://cruzdelsurce.org/los-jovenes-y-la-derecha-por-segundo-carafi/>>. Acceso em: 22 maio. 2024

COLLEY, T.; MOORE, M. The challenges of studying 4chan and the Alt-Right: ‘Come on in the water’s fine’. **New Media & Society**, v. 24, n. 1, p. 5–30, 1 jan. 2022.

CUCCHETTI, Humberto. **Combatientes de Perón, herederos de Cristo: peronismo, religión secular y organizaciones de cuadros**. Buenos Aires: Prometeo, 2010.

DENADAY, Juan Pedro. **Partisanos y plebeyos: una historia del Comando de Organización de la Juventud Peronista, 1957-1976**. Rosario: Prohistoria, 2022.

FAUR, E. Educación sexual intergral e “ideología de género” en la Argentina. **Forum. Latin American Studies Association**, v. 51, n. 2, p. 57–61, 2020.

FERRARI, G. **Símbolos y fantasmas: las víctimas de la guerrilla ; de la amnistía a la justicia para todos**. 1. ed ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

FRANCO, Marina. **Un enemigo para la nación: orden interno, violencia y “subversión”, 1973-1976**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

GALVÁN, María Valeria. **El nacionalismo de derecha en la Argentina posperonista: El semanario Azul y Blanco (1956-1969)**. Rosario: Prohistoria, 2013.

GOLDENTUL, A.; SAFERSTEIN, E. Los jóvenes lectores de la derecha argentina. Un acercamiento etnográfico a los seguidores de Agustín Laje y Nicolás Márquez. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación N°112**, v. Año XXIV, Vol.112, Febrero 2022, Buenos Aires, Argentina, p. 113–131, 2021.

*Radicalización y fusionismo en el activismo juvenil de las derechas argentinas tras 2001: actualidad de una historia*

GOODWIN, M.; EATWELL, R. **Nacionalpopulismo**. Por qué está triunfando y de qué manera es un reto para la democracia. Barcelona, Península, 2019.

GRANDINETTI, J. R. The participation of «Propuesta Republicana» (PRO) party's young activists in university student unions. **Revista SAAP**, v. 13, p. 77–106, 2019.

GRINCHPUN, Matías. ¿Patriada o nimiedad? Repercusiones y representaciones del Operativo Cóndor en las extremas derechas (1966-1986). **Antigua Matanza**, La Matanza, n.6, v.2, pp. 238-272, dic. 2022 - jun. 2023.

LÓPEZ, M. et al. Articulaciones, representaciones y estrategias de la movilización contra la interrupción voluntaria del embarazo en Argentina (2018-2020). **Población y sociedad**, v. 28, n. 1, p. 131–161, jan. 2021.

LVOVICH, D. **Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina**. Buenos Aires: Vergara, 2003.

MANZANO, Valeria. **La era de la juventud en Argentina: Cultura, política y sexualidad desde Perón hasta Videla**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2017.

MCGEE DEUTSCH, S. **Las derechas**. La extrema derecha en Argentina, Brasil y Chile, 1890-1939. Bernal: UNQ, 2005.

MORRESI, Sergio y VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. *En: Está entre nosotros: ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2023, p. 43-80.

MORRESI, S.; SAFERSTEIN, E.; VICENTE, M. Ganar la calle. Repertorios, memorias y convergencias de las manifestaciones derechistas argentinas. **Clepsidra. Revista Interdisciplinaria de Memoria**, v. 8, n. 15, p. 134–151, 2021.

NAGLE, A. **Kill all normies: online culture wars from 4chan and tumblr to trump and the alt-right**. Charlotte NC: John Hunt Pub, 2018.

NASH, G. **La rebelión conservadora en Estados Unidos**. Buenos Aires: GEL, 1987.

OSGERBY, Bill. **Youth in Britain since 1945: Making contemporary Britain**. Oxford: Blackwell, 1998.

PADRÓN, J. “¡Ni yankis ni marxistas, nacionalistas!”. Nacionalismo, militancia y violencia política: el caso del movimiento nacionalista Tacuara en la Argentina, 1955-1966. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2017.

REIN, Raanan. **Argentina, Israel y los judíos: De la partición de Palestina al caso Eichmann (1947-1962)**. Buenos Aires: Lumiere, 2007.

RÉMOND, R. **La Droites em France de 1815 a nous jours**. Paris: Aubier-Montaigne, 1983.

ROMERO, G. Orden, Familia y Educación Sexual. Análisis de la trama de sentidos en torno al movimiento #ConMisHijosNoTeMetas en Argentina. **Revista Cultura y Religión**, v. 15, n. 1, p. 75–107, 30 jun. 2021.

RUIZ, Sebastián. **“Por la Nación contra el Caos”**: los nacionalistas católicos de *Cabildo, El Fortín y Restauración* frente a la “subversión” durante el tercer peronismo (1973-1976). Directores: María Valeria Galván y Martín Vicente. 2023. 155p. Tesis (Maestría en Historia). Escuela de Altos Estudios Sociales, Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, 2024.

SAFERSTEIN, E.; GOLDENTUL, A. La batalla cultural de las “nuevas derechas” - Revista Anfibia. **Revista Anfibia**, maio 2022.

SEMÁN, P.; WELSCHINGER, N. Juventudes mejoristas y el mileismo de masas. Por qué el libertarismo las convoca y ellas responden. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 163–202.

STEFANONI, P. **¿La rebeldía se volvió de derecha?** cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno Argentina, 2021.

VÁZQUEZ, M. Los picantes del liberalismo. Jóvenes militantes de Milei y “nuevas derechas”. Em: **Está entre nosotros**. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir? Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023. p. 81–122.

VICENTE, M. **De la refundación al ocaso**. Los intelectuales liberal-conservadores ante la última dictadura. Los Polvorines: UNLP-UNGS-UNaM, 2015.

VICENTE, M. La sonrisa liberal-conservadora. Política, ideología y cambio social en el humor de la revista *El Burgués* (1971-1973). **Temas y Debates**, n. 37, 2019.

VOMMARO, G.; MORRESI, S.; BELLOTTI, A. **Mundo PRO: anatomía de un partido fabricado para ganar**. C.A.B.A: Planeta, 2015.

**Presentado el:** 02/07/2024

**Aprobado el:** 02/09/2024

POLITICAL EXPRESSIONS OF YOUTH  
DISCONTENT: EXPLORATORY APPROACHES TO  
THE SITUATION IN ARGENTINA IN RECENT YEARS

*EXPRESSÕES POLÍTICAS DO MAL-ESTAR  
JUVENIL: ABORDAGENS EXPLORATÓRIAS DA  
SITUAÇÃO NA ARGENTINA NOS ÚLTIMOS ANOS*

*EXPRESIONES POLÍTICAS DE LOS  
MALESTARES JUVENILES: ACERCAMIENTOS  
EXPLORATORIOS A LA SITUACIÓN DE LA  
ARGENTINA EN LOS ÚLTIMOS AÑOS*

*Pablo VOMMARO\**

**ABSTRACT:** The result of the 2023 presidential elections in Argentina generated diverse reactions and debates. Between surprise, concern, bewilderment, and enthusiasm, the public feelings and conversations of the last months of 2023 were decided. What was surprising in the Simultaneous and Mandatory Open Primaries (PASO) in August became a climate that oscillated between confusion and hope in the first round in October and a shock whose echoes are still felt when Javier Milei was elected president of Argentina in November 2023. Given this situation, we believe it is necessary to intensify our efforts to understand the dynamics of the Argentine political situation and the elements that led to the current political and social situation, which is also framed in regional and global disputes and currents. Based on our research work in recent years and the growing relevance they have had in resolving the results of the political process in Argentina and in other countries in the region, in this article, we will focus on the realities of young people who became

---

\* University of Buenos Aires (UBA), National Council for Scientific and Technical Research (CONICET), Latin American Council of Social Sciences (CLACSO). Buenos Aires, Argentina. Professor and researcher in the Faculties of Social Sciences and Philosophy and Letters at UBA. Doctoral degree in Social Sciences and Professor of History. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6957-0453>. Contact: [pvommaro@yahoo.com.ar](mailto:pvommaro@yahoo.com.ar)

visible because of the 2023 election results. Thus, we will identify six dimensions that make up the complex, invisible youth realities that emerged at the end of 2023 in Argentina. These are material and subjective precarization, the experience of young people in the pandemic and its echoes in the present, the digital world and its impacts on work, disputes over meaning in digital territories, disenchantment with previous political experiences, and the affective and emotional component of voting today.

**KEYWORDS:** Politics. Youth. Discontent. Far-right. Argentina.

**RESUMO:** *O resultado das eleições presidenciais de 2023 na Argentina gerou diversas reações e debates. Entre surpresa, preocupação, perplexidade e entusiasmo, as sensações e conversas públicas dos últimos meses de 2023 foram resolvidas. O que surpreendeu nas Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias (PASO) de agosto tornou-se um clima que oscilou entre a confusão e a esperança nas primeiras rodadas em outubro e numa comoção cujos ecos ainda se fazem sentir quando, em novembro de 2023, Javier Milei foi eleito presidente da Argentina. Diante desta situação, pensamos que é necessário aguçar o esforço de compreensão para compreender a dinâmica da situação política argentina e os elementos que levaram à atual situação política e social, que também está enquadrada em disputas e correntes regionais e globais. Com base no nosso trabalho de pesquisa nos últimos anos e na crescente relevância que tiveram na consolidação dos resultados do processo político na Argentina e em outros países da região, neste artigo nos concentraremos nas realidades dos jovens que se tornaram visíveis a partir dos Resultados eleitorais de 2023. Assim, identificaremos seis dimensões que compõem as complexas realidades juvenis invisíveis que surgiram no final de 2023 na Argentina. São elas: a precariedade material e subjetiva, a vivência dos jovens em pandemia e seus ecos no presente, o mundo digital e seus impactos no trabalho, as disputas por sentido nos territórios digitais, o desencanto com experiências políticas anteriores e o afetivo e emocional componente da votação de hoje.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Política. Juventude. Descontentes. Ultradireita. Argentina.

**RESUMEN:** *El resultado de las elecciones presidenciales de 2023 en la Argentina generó diversas reacciones y debates. Entre la sorpresa, la preocupación, el desconcierto y el entusiasmo se dirimieron las sensaciones y conversaciones públicas de los últimos meses de 2023. Lo que sorprendió en las Primarias Abiertas Simultáneas y Obligatorias (PASO) de agosto se convirtió en un clima que osciló entre la confusión y la esperanza en la primera vuelta de octubre y en una conmoción*

*cuyos ecos aún se sienten cuando en noviembre de 2023 resultó electo presidente de la Argentina Javier Milei. Ante esta situación, pensamos que es necesario agudizar el esfuerzo de comprensión para entender las dinámicas de la coyuntura política argentina y los elementos que llevaron a la actual situación política y social, que se enmarca también en disputas y corrientes regionales y mundiales. A partir de nuestros trabajos de investigación en los últimos años y de la relevancia creciente que han tenido en dirimir los resultados del proceso político en la Argentina y en otros países de la región, en este artículo pondremos el foco en las realidades de las y los jóvenes que se visibilizaron a partir de los resultados electorales de 2023. Así, identificaremos seis dimensiones que componen las complejas realidades juveniles invisibilizadas que irrumpieron a finales de 2023 en la Argentina. Éstas son: la precarización material y subjetiva, la experiencia de las y los jóvenes en pandemia y sus ecos en el presente, el mundo digital y sus impactos en el trabajo, las disputas de sentido en los territorios digitales, el desencanto con experiencias políticas anteriores y el componente afectivo y emocional del sufragio en la actualidad.*

**PALABRAS CLAVE:** *Política. Juventudes. Descontentos. Ultraderecha. Argentina.*

## **Introduction**

The outcome of the 2023 presidential elections in Argentina has sparked various reactions and debates. Between surprise, concern, perplexity, and enthusiasm, public sentiments and discussions of the final months of 2023 took shape. What began as a surprise in the Open, Simultaneous, and Mandatory Primaries (PASO) in August evolved into an atmosphere oscillating between confusion and hope in October's first round, culminating in a wave of shock whose echoes are still felt following the election of Javier Milei as President of Argentina in November. Until 2021, he held no public office and was known only as a television commentator and economist famous for his flamboyant and explosive media performances.

In view of this situation, we believe it is essential to intensify efforts to understand the dynamics of Argentina's political situation and the factors that led to the current political and social environment, which is also framed within broader regional and global disputes and trends. Indeed, the rise of the so-called "new right"<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> There is controversy over what to call these authoritarian, regressive, exclusionary, and anti-rights political groups that have grown in several countries, reaching the government in some. Bolsonaro, Bukele, Trump, and now Milei are exponents of these processes in America. The different ways of naming them may be due to two elements. On the one hand, to their national or regional singularities. For example, elements such as xenophobia, anti-immigrant discourse, nationalism, and security policies have different weights in each case. On the other hand, an effort to understand this is still underway, and that certainly requires different initiatives that can converge on a more comprehensive interpretation of

is a phenomenon that transcends the realities of Latin America and the Caribbean, extending across Europe and the United States, among other regions. It is important to note that these groups have gained traction due to the limitations and the exhaustion of certain governments from the progressive wave of the early 21st century, as well as the democratic structures built over recent decades—structures that have deepened social inequalities. Today, these groups are positioned to influence governments by proposing progressive changes (Vommaro, 2024).

Drawing from our research over recent years and the growing relevance of youth in shaping the political landscape in Argentina and other countries in the region, this article focuses on the experiences of young people whose realities were highlighted by the 2023 electoral results, though it is necessary to trace their defining characteristics back through previous years. This text is a synthesis of the author's prior work and includes an analysis of interviews conducted with young people engaged in various organizational spaces between 2020 and 2023, within the framework of the Group of Studies on Policy and Youth (GEPoJu-IIGG/UBA) and the Chair of Sociology of Childhood, Adolescence, and Youth at the Faculty of Social Sciences of the University of Buenos Aires.

In response to the necessary conciseness of this article, after a brief mention of the situation in Argentina during Milei's initial months in office, we will identify six dimensions that constitute the complex, often invisible realities of youth that emerged prominently in Argentina at the end of 2023.

During his first seven months in office, Milei has emphasized two elements as economic achievements: the decline in inflation and a fiscal surplus. Beyond the strong liberal (and neoliberal) framework that regards these two factors as successes—without mentioning the reduction of poverty, much less inequality, increased production, or improvements in the quality of life of the population or workers—many analysts argue that the other side of these phenomena is a marked deterioration in the living conditions of the majority of the population. Regarding the fiscal surplus, many economists claim it is either misleading or tailored to suit President Milei's agenda, as it has been achieved by delaying payments, accumulating further debt, and restricting imports.

Similarly, the decrease in inflation was made possible largely due to a significant economic recession, which reduced economic activity and sales by between 25% and 70% over three to four months, depending on the sectors involved. Moreover, investments in social areas, such as those allocated to individuals

---

this phenomenon, which means that the ways of naming it do not find consensus. Here, we will base ourselves on the denominations that appear in the book coordinated by Pablo Semán (2023), where these groups are named as new right, radical right, and extreme right, without ignoring that in other situations, these groups can be named as neofascists. Just as an example of another form of naming, Enzo Traverso (2021) names these groups as the new *faces of the right*.



with disabilities, chronic illnesses, food programs, and higher education, among others, were either reduced or eliminated. Strategic and essential ministries, such as Education, Science, Technology and Innovation, Environment, and Women and Diversity, were also closed.

For instance, economist Julio Gambina (2024, n.p.) argues that “the issue of the recession is exacerbated by the decreasing purchasing power of the population,” that “there is a growing recession,” and that “there is much uncertainty surrounding the exchange rate.” We must not forget that addressing the dollar exchange rate issue was a central promise of Milei’s campaign, yet as of August 2024, it remains an unfulfilled commitment.

Among the negative social and economic indicators from the first six months of Javier Milei’s administration, we note that the unemployment rate has reached its highest level since 2020 (the pandemic year), standing at 7.7% (as of April 2024), compared to 6.9% in the same period of 2023 (INDEC, 2024). According to several studies, just over 150,000 jobs have been lost in the first half of this government, with more than 70% of these being in the private sector (data from the Argentine Integrated Social Security System (SIPA), as reported by Reina in 2024). In terms of poverty, other studies indicate that in just the first quarter of Milei’s government, 3.2 million new people fell into poverty in Argentina, with the poverty rate rising from 45% in November 2023 to over 50% in April 2024 (Observatorio de Deuda Social de la UCA, 2024).

On another note, violent, authoritarian, and hateful rhetoric has surged in Argentina’s public discourse, encouraged directly by the president himself. In the same vein, everything related to the public sphere, community networks, territorial organizations, and organizational networks has become the target of attacks aimed at weakening, if not dismantling, them. Indeed, the public and the common good are targets for erosion by Milei’s government, and this is likely one of the areas that will have the most lasting effects among the policies he intends to impose (Vommaro, 2024).

In summary, wage erosion, increasing poverty, disdain for the public sphere, and rising levels of hatred could encapsulate the early months of the *La Libertad Avanza* administration (Arcidiácono; Luci, 2024; Graña, 2024).

After providing a possible overview of Argentina’s current situation, we will proceed with a brief explanation of each of the six dimensions selected for this article, focusing on the situation of young people<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> To expand on these dimensions, you can consult the note *Muy hablados, poco escuchados*, published in *Revista Anfibia* on October 31, 2023, by the same author of this article and available at: <https://www.revistaanfibia.com/muy-hablados-poco-escuchados/>.

## **Precarious Lives in the Material and the Subjective**

This process has been ongoing in Argentina since at least 2014 and has deepened in recent years, both due to policies adopted by those who governed from 2015 to 2019 and the consequences of the pandemic, which were insufficiently mitigated, particularly concerning young people. Some figures may illustrate this. In 2021, the poverty rate stood at 48% for individuals aged 15 to 29, while it was 36% for the 30 to 64 age group (INDEC, 2022). Similarly, in 2021, overall unemployment was 10.2%, but for those aged 16 to 29, it was more than double, at 21%.

The material deterioration of young people's lives is also reflected in their working conditions, marked by increasing precarity. In addition to high rates of precarious employment (when combining unregistered and insecure work, this rate is 66.4% for workers aged 16 to 18 and 31.3% for those over 18), an alarming trend has emerged in recent years: registered employment with degraded conditions and wages insufficient to rise above the poverty line. In other words, it is increasingly common for individuals to hold registered jobs that are still characterized by precarious conditions. Many young people find themselves in this situation; thus, today, the primary issue facing young people is working conditions rather than unemployment itself. The phenomenon described as "*Milei's Rappi*" (as proudly presented by Melina Vázquez, 2023) epitomizes these precarious young workers whose material circumstances have (unsurprisingly) influenced their political allegiances and commitments.

This situation is further entangled with the degradation of living conditions in many marginalized neighborhoods, characterized by inadequate services, limited public transportation that restricts mobility, and few non-commercialized spaces for youth to meet and socialize. These interconnected inequalities form a web of generational experiences in which most young people shape their lived worlds.

For these young people, discussions of defending rights and the public sphere may seem distant and even irritating, as they see these concepts as detached from their everyday lives—something others might enjoy, yet irrelevant to their immediate realities. Undoubtedly, it is essential to strengthen the public sphere and fully secure the rights of the majority before advancing narratives that seek to defend or protect them (Vommaro, 2023, Vommaro, 2024).

## **The Pandemic Continues to Resonate in Young People's Lives, Even if Unacknowledged**

Indeed, the pandemic still inhabits the lives of young people, though the adult world (and the political system) seems eager to deny, silence, and forget it. In all

interviews conducted with young people (especially those under 24), the pandemic emerged as a generational experience that has marked their lives, serving as a pivotal and deeply personal event. Much has been said about young people during the pandemic, but little has been heard or recognized regarding their experiences and the ways in which their life worlds were altered. As we have stated on other occasions, much is said about young people, but little is heard from them. The pandemic was no exception to this disregard and undervaluation of young people's realities by the adult world and the political system. In the same vein, young people were among the social groups whose experiences of the pandemic's impact have received the least recognition (Vommaro, 2022).

In fact, very little consideration has been given to the ways in which the pandemic disrupted the daily lives of young people (and also of children). This is evident, for example, in their modes of sociability and social interaction; in the virtualization of education<sup>3</sup>; in gender inequalities; in territorial appropriations and adaptations; and in telework and the precarization of employment. On the contrary, young people were frequently blamed for infections or stigmatized for wanting to meet others in person, in addition to being harassed, criminalized, and even physically assaulted by security forces.

The data on adolescent and youth suicides (which rose from the sixth leading cause of death in this social group in 2014 to the second leading cause today) reveal an aspect of reality scarcely acknowledged by the adult world, yet it persists and cries out loudly for attention. We are the adults who are not listening.

As noted above, the pandemic constituted a challenging period for young people due to the disruption of their material networks of sociability in educational and recreational spaces. The forced virtualization of these networks had negative repercussions on young people, repercussions which have not been fully assessed due to the predominance of adult-centric perspectives on this period (Vommaro, 2022).

The closure of public spaces and restrictions on mobility also limited the opportunities for young people to meet, particularly affecting those in marginalized neighborhoods, who lost their street corners, parks, or plazas as venues for socialization and peer interaction.

According to testimonials from various young people and studies conducted by different institutions (e.g., Fundación SES, the Faculty of Psychology of the University of Buenos Aires, and the Argentine Pediatric Society, all in 2020), the social, supportive, and belonging-oriented nature of public spaces could not be fully replaced by virtual or digital environments.

---

<sup>3</sup> According to UNICEF data, in 2002, among those who received the Universal Child Allowance (AUH), 28% did not have internet for their use, and 53% studied without a computer (UNICEF, 2020).

The International Labour Organization (ILO) (2020a, p. 3, our translation) describes the pandemic's youth as a "generation of confinement," deeply affected by reduced participation in the labor market. In Argentina, we observed a 7% drop in labor force participation and a 5% increase in unemployment among young people between 2019 and 2020 (INDEC, 2020). Once again, it is women and young people with the lowest social and educational credentials who have been the most affected by occupational contraction.

Speaking of labor inequality may seem redundant under capitalism. However, Harvey (2020) reveals a new working class (the "precarariat" as described by Standing (2013)) that bears the brunt of the crisis, both because it is the labor force most at risk of exposure to the virus in their work and because it can be dismissed without compensation, given the economic contraction and instability of their rights. In the context of telework, who can afford to work from home and who cannot? Who can afford to isolate or quarantine (with or without pay) in case of exposure or infection? This exacerbates multidimensional inequalities, intersecting with gender, territory, class, race/ethnicity, and generation. For this reason, Harvey (2020, p. 93, our translation) refers to this pandemic as a "class, gender, and race pandemic." Based on our analysis, we could also add "generational" to this characterization.

Adultcentrism is defined by Klaudio Duarte Quapper (2022) as a system of domination that enables the control and subordination of young people by adult generations. This is manifested in the fact that young people are spoken about and constructed by the adult world but are scarcely heard or recognized as producers. During the pandemic, this was expressed in a lack of listening, recognition, consideration, and visibility of young people's voices in public discussion, which is evident in at least two dimensions. First, there was a limited call for students (particularly at the secondary and university levels) to participate in decisions on issues related to education and virtual, in-person, or hybrid dynamics. Second, young people were held accountable or blamed for outbreaks of contagion in different countries and times.

In this regard, a UNICEF report (2021, p. 22, our translation) indicates that young people "express disgust and discomfort at being considered responsible for neglecting care and spreading contagion," while also "feeling unheard, lacking both voice and vote, and demanding greater participation and prominence in school care protocols." The same study interprets that "stigmatization, coupled with the perception of not being considered as subjects with agency capable of transforming and contributing to the improvement of living conditions and their environment, constitutes elements that foster discredited identities which do not support the construction of citizenship" (UNICEF, 2021, p. 22, our translation).

Although the COVID-19 pandemic officially ended in 2023, its effects persist in the economic, political, social, and cultural spheres. Its remnants allude

to new forms of articulation, but also to emerging subjectivities shaped within a situation in which states assumed a central role in managing and implementing preventive measures that some sectors of the population resisted, particularly in response to restrictions on freedom of movement and work. Some emerging studies (Semán, Welchinger, 2024; Morán Faúndes, 2023) link these sentiments to the victory of Javier Milei's libertarian party in Argentina's 2023 presidential election. Undoubtedly, this scenario of discontent, dissatisfaction, and unrest has deepened within the context of the profound economic crisis following the pandemic, marked by the destabilization of the national currency and rising inflation, which have significantly reduced the wages of most workers.

Thus, the elements described above configure a situation of youth discontent, unease, dissatisfaction, and anger that seeks—and finds—channels of expression in spaces that allow it to question and demonstrate the capacity to voice rupture and the long-awaited outcry for enough (Vommaro, 2024).

## **Labor Precarization and the Digital World: The Persistence of Youth Associativism**

As noted, the precariousness of work and multidimensional social inequalities were exacerbated by the pandemic. Both processes intersect in the distribution of goods and services linked to app-based and platform economies, which was one of the sectors that grew most rapidly during the pandemic (Adamini, 2023). These jobs typically employ young people<sup>4</sup>, who were often the ones continuing in-person work throughout the pandemic without adequate support or protection.

These jobs expanded in tandem with rising employment insecurity. Thus, a paradox emerged during and after the pandemic: while youth unemployment (which is currently 2.5 to 3 times higher than general unemployment) may have declined, these jobs have become increasingly precarious, offering fewer rights and deteriorating working conditions.

This is further demonstrated in a study conducted by the Ministry of Labor of the Province of Buenos Aires (Argentina) on digital platform delivery work, which aligns with data from the ILO (2020b). According to these data, nearly two-thirds of workers in this sector (62%) are under 30 years old and, on average, work 9 hours per day on motorcycles or bicycles. Additionally, 70% work every day of the week (without defined days off), and 97% lack health coverage or occupational risk insurance.

---

<sup>4</sup> According to a study carried out by the Ministry of Labor in 2019, the average age of workers is 29 years, with 61.5% of the workers surveyed being between 20 and 30 years old (López Mourelo; Pereyra, 2020). Studies from 2020 indicate that around 66% of the workers surveyed are under 30 years old, and among them, 35% are between 18 and 25 years old (Haidar, 2020).

In apps like Glovo, Rappi, Pedidos Ya, and UberEats, the company-delivery worker relationship is structured such that companies avoid assuming the legal responsibilities of employing those who make deliveries. This includes the workers' classification as independent contractors, the absence of Occupational Risk Insurance (ART), and the lack of employment stability, masked by a discourse of flexibility and dynamism, presenting employment as adaptable to workers' needs and allowing them the possibility to "be their own boss" (Haidar, 2020, pag. 63, our translation). Amid the pandemic, this sector experienced a surge in demand for its services and was classified as essential, enabling continued in-person work and bypassing mobility restrictions.

In this context, young workers using these types of applications reinforced the actions of at least two pre-existing organizations: the *Agrupación Trabajadores de Reparto* (ATR) and the *Sindicato de Trabajadores de Reparto por Aplicación* (SiTraRepa) (Camerata, 2023). Both organizations share some commonalities, such as aligning their political ideals with left-wing party spaces and using and appropriating social media as the primary means of communication with workers. However, there are also notable differences. ATR began its activity prior to the pandemic (in 2018), while *SiTraRepa* was created after the pandemic had begun, distinguishing itself from another group, the Young Precarious Workers, to focus on workers in the delivery sector.

The use of social networks for youth movement organization and activism is not a new phenomenon. As indicated by Palenzuela (2018) and Rivera, De la Barra-Eltit, and Rieutord-Rosenfeld (2023), the political dimension of digital spaces and social networks has been enhanced in recent years, even shaping modes of organization and associativity, particularly among young people. With the pandemic, this process intensified, and with it, the frequency of posts by these two organizations on social media increased (Camerata, 2023).

However, the power of in-person activities also grew. For example, caravans in which delivery workers occupy the streets of Argentina's major cities with their motorcycles, bicycles, and backpacks, making their demands and their existence as precarious workers visible. This is accompanied by collective calls on social media, such as "tweetstorms" aimed at making slogans go viral through hashtags like #YoNoReparto and #ParodeRepartidores.

Both organizations maintain discourses in which the State is portrayed as complicit with companies, endorsing worker exploitation. However, *SiTraRepa* emphasizes that the Ministry of Labor recognizes the organization as a legally registered union, allowing it to intervene in company delivery negotiations and improve working conditions. This emphasis on seeking State recognition gives *SiTraRepa*'s discourse a hopeful tone, motivating its members through the pursuit of better working conditions and the strengthening of their organizational structures.

These experiences of organizing young precarious workers within platform economies are not incompatible with potential electoral support for Milei. Indeed, the aforementioned figure of “*El Rappi de Milei*” (Vázquez, 2023) demonstrates that these forms of associativity do not immediately translate into electoral sympathy, although they constitute collective expressions of discontent arising from the growing deterioration of material conditions among young people.

## **Digital Territory Disputes**

Undoubtedly, the rise of social networks and the intensity of digital society have become increasingly evident in recent years, driven, among other factors, by the characteristics of contemporary capitalism and the virtualization of life during the pandemic. Today, social networks and the digital world are a contested political territory, and young people predominantly inhabit them. In this framework, groups identified with the so-called new right, libertarian, or regressive and authoritarian tendencies have demonstrated skill and aptitude in contesting meanings within the digital territory—not only through the production of fake news or by contributing to cancel culture.

As Melina Vázquez (2023) notes, for many young people, Milei is seen as an influencer rather than a politician. Additionally, the digital activism promoted and amplified by Milei has advantages over that of other political spaces, presenting itself as more authentic, direct, and disruptive. An example of this is the charismatic leader’s larger following on TikTok compared to all other candidates combined, and as Juan Elman (2023) points out, Milei’s growth had already been taking place in earlier digital communities, such as the gaming community. In this phenomenon, we can also identify the causes of his rise.

## **Third Time’s the Charm**

Over the past eight years, Argentine society has experienced two failed political experiments, which have led to disenchantment, disillusionment, frustration, and discontent among their electoral bases and broader social groups. Both the Cambiemos and Macri governments from 2015-2019 and the *Frente de Todos* and Alberto Fernández governments from 2019-2023 are perceived as failures by growing sectors. In this context, neither of the two forces that have governed or are currently in office and are competing in the 2023 elections are doing so with the self-criticism demanded by voters. One proposes doing the same as in 2015, only faster and with more determination or force; the other wants us to forget the current

unfulfilled administration and remember how good (or at least not bad) they were before 2015. Undoubtedly, neither discourse is compelling to young people.

Thus, it should not be surprising that a third option emerges, one that sharply contrasts with the previous two. This option is aligned with a longing for something new that breaks free from the inertia of disillusionment, and it is the youth who most enthusiastically embrace this possibility. Faced with a State (or political system) that has abandoned society in various respects, it is unsurprising that society itself rebels against the abandonment of institutionalism, even preferring a leap into the unknown that resets the system, rather than persisting in a situation perceived as stagnant and increasingly showing signs of exhaustion. As Nacho Muruaga (2023) suggests, one of the key terms for understanding a component of the vote for Milei is dissatisfaction.

We agree with Grimson (2024) when he argues that the crisis of representation, incubated in Argentina due to the failure of the previous two governments, opened the door for the rise of a disruptive leader who appealed with his provocation to turn the political chessboard upside down. As a result, Argentine society has been subjected to the daily onslaught of policies that reconfigure the economy and a government that openly insults feminists, *leftists*, *activists*, popular artists, public employees, political leaders, and journalists.

In this same vein, it is essential to examine the conflicts arising from the significant shift occurring in Argentina and the region. In both 2015 and 2023, the sectors identifying as more progressive or populist (perhaps with the exception of Juan Grabois, who also sparked enthusiasm among many young people<sup>5</sup>) found themselves on the side of conservatism, defending the status quo or promising a return to a supposedly better past. This stance holds little appeal for broad social sectors, and even less so for young people, as it is perceived as an invitation to perpetuate the deteriorated and precarious conditions in which they live.

In other countries (such as Colombia, Mexico, Chile, Honduras, and now Guatemala), this struggle has been resolved—at least in presidential elections, in favor of populist governments that seek to expand rights and combat inequality by strengthening the public sphere. In Argentina, however, the opposite seems to be occurring, and we will need to work with great intelligence and empathy to reclaim the meanings of change from the right.

The political socialization of new generations in contexts of populist or progressive governments, as Pablo Stefanoni (2021) suggests, could explain these dynamics. As they are perceived as failed or exhausted, young people seek reactive

---

<sup>5</sup> Juan Grabois is an Argentine social and political leader, founder of the Union of Workers of the Popular Economy and the Frente Patria Grande, as well as a member of the Vatican's Dicastery for Promoting Integral Human Development. He was a pre-candidate for the presidency of PAHO on August 13, 2023 for the *Unión por la Patria* party, obtaining 21.5% of the votes in that political group and almost 6% overall.



paths to experiences that disappointed their expectations without assuming responsibility for the resulting consequences. In the aforementioned countries of the region, the process differed because the alternatives proposing to expand rights and combat inequality took over from governments perceived as regressive, authoritarian, and exhausted (or perceived as such).

## **The Vote for Milei is Not Merely Ideological**

According to our analyses and empirical research, Milei's voters do not always agree with his ideas and proposals. This insight, based on multiple studies and surveys, underscores emotional dimensions, highlighting empathetic and hopeful attachment (even if based on anger and disillusionment) and subjective affinity rather than a programmatic or ideological vote. Once again, it is a form of support forged at the emotional and affective levels (the "common affects" Chantal Mouffe speaks of), and this should not be so difficult to understand and incorporate, as Pablo Semán and Nicolás Welschinger (2023) note in a recent study.

We can assert that Milei's support was forged in four stages. The first stage occurred during the mobilizations for and against the Voluntary Termination of Pregnancy Law in 2018. We concur with Melina Vázquez (2023) that the core of his activism is constituted and grouped within this context, at times reviving affinities and traditions from earlier periods (such as UCeDe and UPAU in the 1980s). The second stage encompasses the pandemic and the street and digital protests that arose to express rejection of the isolation measures and mobility controls, which, far from being understood as collective care, were decoded in terms of restrictions on individual freedoms and the subjugation of individual lives by the State. The third stage refers to the electoral situation of 2021 when Milei was elected as a national deputy. This stage could be described, following Semán and Welschinger (2023), as the second ring of affiliations. The fourth stage is represented by the campaign for the OPAs (Open Primaries) and beyond, where his electorate expands, expressing a cross-cutting vote at the levels of class, territory, and generation, though less so in terms of gender, as pointed out by Sergio Morresi and Martín Vicente (2023), resulting in a third circle that sustains the outcomes achieved in the primaries.

In 2021, a study by Zuban Córdoba applied to individuals aged 16 to 30 revealed that public policies aimed at material and symbolic well-being received high support among the youth. For instance, nearly 80% supported the PROGRESAR program, a higher percentage supported AUH (Universal Child Allowance), 73% endorsed *Conectar Igualdad*, 71% backed the legalization of cannabis for medicinal use, and gender equality policies also received significant approval ratings. When the same young individuals were asked about their electoral or political-party prefer-

ences, the responses were much more dispersed, with many expressing a preference for either Bullrich or Milei while simultaneously supporting the very policies they criticized. It is clear that most of these are not new public policies, as they have existed since before 2015, showing signs of exhaustion and a lack of updating or innovation. However, that is another matter.

In a similar vein, we can analyze the speech delivered by the national deputy on Sunday, August 13, following the announcement of the OPAs election results. Watching and revisiting this speech, it is striking that during the several minutes, Milei dedicated to denigrating social justice and disqualifying the statement that “where there is need, there is a right,” there was silence in the auditorium (which was by invitation only and after passing through several filters); his declarations were not celebrated. The applause returned when he resumed his slogans against the “*elite*” and revisited the phrase “let everyone go”.

As one person who voted for Milei in the OPASA stated in a television interview: “I do not agree with any of his proposals and believe he would lead a poor government, but I voted for him to slap the face of the political system, to show that we are fed up and that it cannot continue like this.” Perhaps the ability to articulate or catalyze these various types of disparate and sometimes porous support is one of Milei’s strengths, as Morresi and Vicente (2023) alert.

This outlines the three nuclei of support for Milei discussed by Semán and Welschinger (2023), two of which Vázquez (2023) examines in depth.

## Final considerations

In this article, we aim to share some insights that help us understand the current political, social, and cultural situation in Argentina, particularly the experiences of youths that are being configured and reconfigured within this context. Articulating a problem is the first step toward understanding it, and comprehending it is a prerequisite for overcoming it or finding alternatives that reposition the terms of the conflict. In this text, we attempted to do so empathetically, understanding and not denigrating the realities that contributed to the political situation Argentina is facing today.

In conclusion, we believe it is essential to intervene in the disputes over meaning and the cultural and ideological battles being fought in the region and the world today. An important part of the current disputes unfolds in these arenas, where meanings, representations, and aspirations are resolved, with direct and immediate political and social implications. The term “change” and the conflicts surrounding the public sphere—characterized by forces seeking to undermine, degrade, or destroy it, as well as groups positioning themselves as its defenders, yet not always

being consistent with the construction of a more vibrant and better public realm, are examples of these battles that need to be engaged.

We must be able to demonstrate that freedom and equality are not contradictory or mutually exclusive terms (although they have often been presented in this manner over the past few decades), and that truly free societies are those that are the most egalitarian and least unequal; these societies must be the freest to continue on the path toward building equality. In this way, we will be better positioned to effectively contribute to the intellectual and cultural battles aimed at fostering consensus among communities and territories striving for more just, egalitarian, free, and democratic societies in our region and the world.

## REFERENCES

ADAMINI, Marina. Espejismos laborales detrás de un gigante productivo: precarización del trabajo juvenil en el sector de software y servicios informáticos. *In: VOMMARO, Pablo; PEREZ, Ezequiel. Juventudes, democracia y crisis. Pandemia, post-pandemia y después.* Buenos Aires, Argentina: Grupo Editor Universitario, 2023.

ARCIDIÁCONO, Pilar, LUCI, Florencia. Sin lugar para los débiles. *Anfibia*, Buenos Aires, 08 jul. 2024. Available at:<https://www.revistaanfibia.com/sin-lugar-para-los-debiles/>. Accessed in: 13 sep. 2024.

CAMERATA, Sofía. **Experiencia de lxs trabajadores de reparto por aplicación: organizaciones y repertorios de acción en tiempos de pandemia y post pandemia (2020-2022)**. Buenos Aires: Informe final de Horas de Investigación 2023. Cátedra de Sociología de la Infancia, Adolescencia y Juventud, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Mimeo, 2023.

DUARTE QUAPPER, K. Mundos jóvenes, mundos adultos: lo generacional y la reconstrucción de los puentes rotos en el liceo. Una mirada desde la convivencia escolar. *Última década*, n. 16, p. 99-118, 2002.

ELMAN, Juan. Antiprogresismo y crisis de las élites: el ascenso de Javier Milei en clave global. *Cenital*, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Available at:<https://cenital.com/antiprogresismo-y-crisis-de-las-elites-el-ascenso-de-javier-milei-en-clave-global/>. Accessed in: 13 sep. 2024.

FACULTAD DE PSICOLOGÍA DE LA UBA. **Salud Mental en Cuarentena. Relevamiento del impacto psicológico a los 7-11 y 50-55 días de cuarentena en población argentina.** Buenos Aires, Argentina: Observatorio de Psicología Social Aplicada, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, 51 p., 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **El impacto del COVID-19 en la salud mental de adolescentes y jóvenes**. Panamá: UReport, 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **Estudio sobre los efectos en la salud mental de personas gestantes por COVID-19**. Buenos Aires: UNICEF, 2021.

FUNDACIÓN SES. **Sustentabilidad, Educación, Solidaridad. Sumar nos suma**. Buenos Aires, Argentina: SES, 2020.

GAMBINA, Julio. “Hay un contraste entre la venta de la marca Milei en el exterior y lo que pasa en la economía real de Argentina”. **Canal E**, Argentina, 24 jun. 2024. Available at: <https://www.perfil.com/noticias/canal-e/gambina-hay-un-contraste-entre-la-venta-de-la-marca-milei-en-el-exterior-y-lo-que-pasa-en-la-economia-real-de-argentina.phtml>. Accessed in: 13 sep. 2024.

GRAÑA, Juan. ¿A qué mercado laboral nos dirigimos? **Tiempo argentino**, Buenos Aires, 13 jul. 2024. Available at: [https://www.tiempoar.com.ar/ta\\_article/a-que-mercado-laboral-nos-dirigimos/](https://www.tiempoar.com.ar/ta_article/a-que-mercado-laboral-nos-dirigimos/). Accessed in: 13 sep. 2024.

GRIMSON, Alejandro. **Desquiciados. Los vertiginosos cambios que impulsa la extrema derecha**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2024.

Haidar, Julieta. La configuración del proceso de trabajo en las plataformas de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. Un abordaje multidimensional y multi-método. **Informes de Coyuntura**, n. 11, p. 1-96, 2020. Available at: <https://iigg.sociales.uba.ar/2020/10/01/la-configuracion-del-proceso-de-trabajo-en-las-plataformas-de-reparto-en-la-ciudad-de-buenos-aires-un-abordaje-multidimensional-y-multi-metodo/>. Accessed in: 13 sep. 2024.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de COVID-19. **Sin permiso**. Barcelona, 22 mar. 2020. Available at: <https://www.sinpermiso.info/textos/politica-anticapitalista-en-tiempos-de-covid-19>. Accessed in: 13 sep. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Encuesta Permanente de Hogares (EPH)**. Buenos Aires, Argentina, 2024. Available at: <https://www.indec.gov.ar/indec/web/Institucional-Indec-BasesDeDatos>. Accessed in: 13 sep. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**. Informes técnicos, n.184, v. 6. **Condiciones de vida**, n. 12, v. 6. Buenos Aires, Argentina, 2022. Available at: [https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph\\_pobreza\\_09\\_2223ECC71AE4.pdf](https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_09_2223ECC71AE4.pdf). Accessed in: 13 sep. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Condiciones de vida. Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**, n. 4, v. 5. Buenos Aires, Argentina, segundo semestre de 2020. Available at: [https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph\\_pobreza\\_02\\_2082FA92E916.pdf](https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_02_2082FA92E916.pdf). Accessed in: 13 sep. 2024.

LÓPEZ MOURELO, Elva; PEREYRA, Francisco. El trabajo en las plataformas digitales de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. Estudios Del Trabajo. **Revista de la Asociación Argentina de Especialistas en Estudios del Trabajo (ASET)**, n. 60, 2020. Available at:<https://ojs.asep.org.ar/revista/article/view/90>. Accessed in:13 sep. 2024.

MORÁN FAÚNDES, José Manuel. ¿Cómo cautiva a la juventud el neoconservadurismo? Rebeldía, formación e influencers de extrema derecha en Latinoamérica. **Methaodos. Revista De Ciencias Sociales**, v. 11, n.1, 2023. Available at:<https://www.methaodos.org/revista-methaodos/index.php/methaodos/article/view/649>. Accessed in:13 sep. 2024.

MORRESI, Sergio; VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. In: SEMÁN, Pablo (coord.). **Está entre nosotros. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2023.

MURUAGA, Ignacio. Buscar juguetes nuevos. Insatisfacción democrática, comprensión política, expectativas y frustraciones. Algunas reflexiones en esta columna sobre lo que dejaron las PASO. **El Resaltador**, Argentina, 27 ago. 2023. Available at:<https://elresaltador.com.ar/buscar-juguetes-nuevos/>. Accessed in:13 sep. 2024.

OBSERVATORIO DE LA DEUDA SOCIAL ARGENTINA. **Un final anunciado: más pobres, pobres más pobres y más desiguales**. Buenos Aires, 2024, 45 p. Available at:[https://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/Observatorio%20Deuda%20Social/Presentaciones/2024/Observatorio%20Nota\\_Investigacion\\_5\\_07.pdf](https://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/Observatorio%20Deuda%20Social/Presentaciones/2024/Observatorio%20Nota_Investigacion_5_07.pdf). Accessed in:13 sep. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **Los jóvenes y la pandemia de la COVID-19: efectos en los empleos, la educación, los derechos y el bienestar mental**. OIT: 2020a, 61 p. Available at:<https://reliefweb.int/report/world/los-j-venes-y-la-pandemia-de-la-covid-19-efectos-en-los-empleos-la-educaci-n-los>. Accessed in:13 sep. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **El trabajo en las plataformas digitales de reparto en Argentina: análisis y recomendaciones de política**. OIT: Buenos Aires, Argentina, 2020b, 106 p.

PALENZUELA, Yadira. Participación social, juventudes, y redes sociales virtuales: rutas transitadas, rutas posibles. **Última Década**, v. 26, n. 48, p. 3-34, 2018. [https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22362018000100003](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362018000100003)

REINA, Santiago. Casi 140.000 asalariados formales perdieron su empleo en los primeros 5 meses de la era Javier Milei. **Ámbito**, Buenos Aires, 20 jul. 2024. Available at:<https://www.ambito.com/economia/casi-140000-asalariados-formales-perdieron-su-empleo-los-primeros-5-meses-la-era-javier-milei-n6031029>. Accessed in:13 sep. 2024.

RIVERA-AGUILERA, Guillermo; BARRA-ELTIT, Isidora De la; RIEUTORD-ROSENFELD, Camille. Juventudes y nuevas expresiones de sindicalismo en Chile: el caso

de la comida rápida. **Polis**, Santiago, v. 22, n. 65, p. 151-194, 2023. Available at:[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-65682023000200151&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682023000200151&lng=es&nrm=iso). Accessed em: 13 sep. 2024. <http://dx.doi.org/10.32735/s0718-6568/2023-n65-1863>.

SEMÁN, Pablo (coord.). **Está entre nosotros ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Siglo XXI, 2023.

SEMÁN, Pablo, WELSCHINGER, Nicolás. 11 Tesis sobre Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Available at:<https://www.revistaanfibia.com/11-tesis-sobre-milei/>. Accessed in:13 sep. 2024.

SOCIEDAD ARGENTINA DE PEDIATRÍA. **El estado emocional de las/os Niñas/os y adolescentes a más de un mes del aislamiento social, preventivo y obligatorio**. Buenos Aires, 2020.

STANDING, Guy. **El precariado: una nueva clase social**. Barcelona: Pasado & Presente, 2013.

STEFANONI, Pablo **¿La rebeldía se volvió de derecha? Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio)**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

TRAVERSO, Enzo. **Las nuevas caras de la derecha**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

VÁZQUEZ, Melina. Los Rappi de Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 10 jul. 2023. Available at:<https://www.revistaanfibia.com/los-rappi-de-milei/>. Accessed in:13 sep. 2024.

VOMMARO, Pablo. El gobierno de Milei en la Argentina: pistas para comprender un resultado que no vimos venir. **Revista Foro**. Bogotá, 2024. En prensa.

VOMMARO, Pablo. Muy hablados, poco escuchados. **Anfibia**, Buenos Aires, 31 oct. 2023. Available at:<https://www.revistaanfibia.com/muy-hablados-poco-escuchados/>. Accessed in:13 sep. 2024.

VOMMARO, Pablo (coord.). **Experiencias juveniles en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2022.

ZUBAN CÓRDOBA. Voto joven: ¿Cómo se encuentra el oficialismo y la oposición frente a este electorado? **Política argentina**. Buenos Aires, Argentina, 17 jul. 2021. Available at:<https://www.politicargentina.com/notas/202107/38318-voto-joven-como-se-encuentra-el-oficialismo-y-la-oposicion-frente-a-este-electorado.html>. Accessed in:13 sep. 2024.

**Received on:** 11/08/2024

**Approved:** 10/09/2024

EXPRESIONES POLÍTICAS DE LOS  
MALESTARES JUVENILES: ACERCAMIENTOS  
EXPLORATORIOS A LA SITUACIÓN DE LA  
ARGENTINA EN LOS ÚLTIMOS AÑOS

*EXPRESSÕES POLÍTICAS DA AGITAÇÃO JUVENIL:  
ABORDAGENS EXPLORATÓRIAS DA SITUAÇÃO  
NA ARGENTINA NOS ÚLTIMOS ANOS*

*POLITICAL EXPRESSIONS OF YOUTH DISCONTENT:  
EXPLORATORY APPROACHES TO THE  
SITUATION IN ARGENTINA IN RECENT YEARS*

*Pablo VOMMARO\**

**RESUMEN:** El resultado de las elecciones presidenciales de 2023 en la Argentina generó diversas reacciones y debates. Entre la sorpresa, la preocupación, el desconcierto y el entusiasmo se dirimieron las sensaciones y conversaciones públicas de los últimos meses de 2023. Lo que sorprendió en las Primarias Abiertas Simultáneas y Obligatorias (PASO) de agosto se convirtió en un clima que osciló entre la confusión y la esperanza en la primera vuelta de octubre y en una conmoción cuyos ecos aún se sienten cuando en noviembre de 2023 resultó electo presidente de la Argentina Javier Milei. Ante esta situación, pensamos que es necesario agudizar el esfuerzo de comprensión para entender las dinámicas de la coyuntura política argentina y los elementos que llevaron a la actual situación política y social, que se enmarca también en disputas y corrientes regionales y mundiales. A partir de nuestros trabajos de investigación en los últimos años y de la relevancia creciente que han tenido en dirimir los resultados del proceso político en la Argentina y en

---

\* Universidad de Buenos Aires (UBA), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Buenos Aires, Argentina. Profesor e investigador en las Facultades de Ciencias Sociales y de Filosofía y Letras de la UBA. Doctor en Ciencias Sociales y Profesor de Historia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6957-0453>. Contato: [pvommaro@yahoo.com.ar](mailto:pvommaro@yahoo.com.ar).

otros países de la región, en este artículo pondremos el foco en las realidades de las y los jóvenes que se visibilizaron a partir de los resultados electorales de 2023. Así, identificaremos seis dimensiones que componen las complejas realidades juveniles invisibilizadas que irrumpieron a finales de 2023 en la Argentina. Éstas son: la precarización material y subjetiva, la experiencia de las y los jóvenes en pandemia y sus ecos en el presente, el mundo digital y sus impactos en el trabajo, las disputas de sentido en los territorios digitales, el desencanto con experiencias políticas anteriores y el componente afectivo y emocional del sufragio en la actualidad.

**PALABRAS CLAVE:** Política. Juventudes. Descontentos. Ultraderecha. Argentina

**RESUMO:** O resultado das eleições presidenciais de 2023 na Argentina gerou diversas reações e debates. Entre surpresa, preocupação, perplexidade e entusiasmo, as sensações e conversas públicas dos últimos meses de 2023 foram resolvidas. O que surpreendeu nas Primárias Abertas Simultâneas e Obrigatórias (PASO) de agosto tornou-se um clima que oscilou entre a confusão e a esperança nas primeiras rodadas em outubro e numa comoção cujos ecos ainda se fazem sentir quando, em novembro de 2023, Javier Milei foi eleito presidente da Argentina. Diante desta situação, pensamos que é necessário aguçar o esforço de compreensão para compreender a dinâmica da situação política argentina e os elementos que levaram à atual situação política e social, que também está enquadrada em disputas e correntes regionais e globais. Com base no nosso trabalho de pesquisa nos últimos anos e na crescente relevância que tiveram na consolidação dos resultados do processo político na Argentina e em outros países da região, neste artigo nos concentraremos nas realidades dos jovens que se tornaram visíveis a partir dos Resultados eleitorais de 2023. Assim, identificaremos seis dimensões que compõem as complexas realidades juvenis invisíveis que surgiram no final de 2023 na Argentina. São elas: a precariedade material e subjetiva, a vivência dos jovens em pandemia e seus ecos no presente, o mundo digital e seus impactos no trabalho, as disputas por sentido nos territórios digitais, o desencanto com experiências políticas anteriores e o afetivo e emocional componente da votação de hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política. Juventude. Descontentes. Ultradireita. Argentina.

**ABSTRACT:** The result of the 2023 presidential elections in Argentina generated diverse reactions and debates. Between surprise, concern, bewilderment and enthusiasm, the public feelings and conversations of the last months of 2023 were decided. What was surprising in the Simultaneous and Mandatory Open Primaries



*(PASO) in August became a climate that oscillated between confusion and hope in the first round in October and a shock whose echoes are still felt when Javier Milei was elected president of Argentina in November 2023. Given this situation, we believe it is necessary to intensify our efforts to understand the dynamics of the Argentine political situation and the elements that led to the current political and social situation, which is also framed in regional and global disputes and currents. Based on our research work in recent years and the growing relevance they have had in resolving the results of the political process in Argentina and in other countries in the region, in this article we will focus on the realities of young people who became visible because of the 2023 election results. Thus, we will identify six dimensions that make up the complex, invisible youth realities that emerged at the end of 2023 in Argentina. These are: material and subjective precarization, the experience of young people in the pandemic and its echoes in the present, the digital world and its impacts on work, disputes over meaning in digital territories, disenchantment with previous political experiences and the affective and emotional component of voting today.*

**KEYWORDS:** *Politics. Youth. Discontent. Far right. Argentina.*

## **Presentación**

El resultado de las elecciones presidenciales de 2023 en la Argentina generó diversas reacciones y debates. Entre la sorpresa, la preocupación, el desconcierto y el entusiasmo se dirimieron las sensaciones y conversaciones públicas de los últimos meses de 2023. Lo que fue una sorpresa en las Primarias Abiertas Simultáneas y Obligatorias (PASO) de agosto se convirtió en un clima que osciló entre la confusión y la esperanza en la primera vuelta de octubre y en una conmoción cuyos ecos aún se sienten cuando en noviembre resultó electo presidente de la Argentina Javier Milei. Hasta 2021 él no desempeñaba ninguna función pública, era sólo conocido como panelista televisivo o economista con extravagantes performances y exabruptos mediáticos.

Ante esta situación, pensamos que es necesario agudizar el esfuerzo de comprensión para entender las dinámicas de la coyuntura política argentina y los elementos que llevaron a la actual situación política y social, que se enmarca también en disputas y corrientes regionales y mundiales. En efecto, el ascenso de las denominadas nuevas derechas<sup>1</sup> es un fenómeno que excede las realidades de

---

<sup>1</sup> Existen controversias en cómo denominar a estos grupos políticos autoritarios, regresivos, excluyentes y antiderechos que han crecido en diversos países, llegando a ocupar el gobierno en algunos. Bolsonaro, Bukele, Trump y ahora Milei son exponentes de estos procesos en América. Los diferentes modos de

América Latina y el Caribe y se extiende a Europa y Estados Unidos, entre otras regiones. Es importante considerar que estos grupos cobraron fuerza a caballo de las limitaciones y agotamientos de algunos gobiernos de la llamada ola progresista de inicios del siglo XXI y de los modos de ejercicio democrático construidos en las últimas décadas – profundización de las desigualdades sociales mediante – y hoy acechan y buscan condicionar los gobiernos que se proponen cambios progresivos (Vommaro, 2024).

A partir de nuestros trabajos de investigación en los últimos años y de la relevancia creciente que han tenido en dirimir los resultados del proceso político en la Argentina y en otros países de la región, en este artículo pondremos el foco en las realidades de las y los jóvenes que se visibilizaron a partir de los resultados electorales de 2023, aunque debamos ir hasta años anteriores para rastrear sus principales rasgos. Este texto es una síntesis de trabajos anteriores del autor y recoge el análisis de entrevistas realizadas a jóvenes que participan de diferentes espacios de organización entre 2020 y 2023 en el marco del Grupo de Estudios de Políticas y Juventudes (GEPoJu-IIGG/UBA) y de la Cátedra de Sociología de la Infancia, Adolescencia y Juventud de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires.

Respondiendo a la necesaria síntesis que requiere este artículo, luego de una mención a la situación de la Argentina en los primeros meses del gobierno de Milei, identificaremos seis dimensiones que componen las complejas realidades juveniles invisibilizadas que irrumpieron a finales de 2023 en la Argentina.

En sus primeros siete meses de gobierno, Milei esgrime dos elementos como logros económicos: la baja de la inflación y el superávit fiscal. Además de la fuerte matriz liberal (y neoliberal) que implica ver estos dos factores como éxitos sin hablar de la reducción de la pobreza, menos aún de las desigualdades, del aumento de la producción o de la mejora de la calidad de vida de la población o de las y los trabajadores; numerosos analistas sostienen que la contracara de estos fenómenos es un marcado aumento del deterioro de las condiciones de vida de la mayoría de la población. En cuanto al superávit fiscal, muchos economistas afirman que es falso o está modelado a gusto del presidente Milei ya que se consiguió en base a postergar pagos, generar más deuda y restringir importaciones.

---

denominarlos pueden deberse a dos elementos, sobre todo. Por un lado, a sus singularidades nacionales o regionales. Por ejemplo, elementos como la xenofobia, el discurso antiinmigrante, el nacionalismo y las políticas securitistas tienen pesos diferentes en cada caso. Por el otro, a un esfuerzo de comprensión que aún está en curso y que requiere, seguramente, de diferentes iniciativas que puedan confluir en una interpretación más integral de este fenómeno hace que los modos de nominarlo no encuentren consenso. Aquí nos basaremos en las denominaciones que aparecen en el libro coordinado por Pablo Semán (2023) donde se nombra a estos grupos como nuevas derechas, derechas radicales y extremas derechas, sin desconocer que en otras situaciones estos grupos pueden nombrarse como neofascistas. Sólo como ejemplo de otro modo de nominar, Enzo Traverso (2021) nombra a estos grupos como las *nuevas caras de la derecha*.

Asimismo, la baja de la inflación fue posible, en gran parte, gracias a una gran recesión económica que hizo que la actividad económica y las ventas se redujeran entre 25 y 70% en 3 o 4 meses, según los rubros de los que se trate. Además, se redujeron o eliminaron partidas de inversión social como las destinadas a la población con discapacidades, con enfermedades crónicas, a comedores populares y a la educación superior, entre otras. También cerró Ministerios estratégicos y necesarios como el de Educación, el de Ciencia, Tecnología e Innovación, el de Ambiente o el de Mujeres y diversidades.

Por ejemplo, el economista Julio Gambina (2024, n.p.) sostiene que “al tema de la recesión se agrega el de la disminución de la capacidad de compra de la población”, que “hay un cuadro recesivo en aumento” y que “hay mucha incertidumbre respecto al tipo de cambio”. No olvidemos que resolver la cuestión del dólar fue uno de los ejes de la campaña de Milei y, a agosto de 2024, constituye una de sus promesas incumplidas.

Entre los indicadores sociales y económicos negativos de los primeros 6 meses del gobierno de Javier Milei destacamos que el nivel de desempleo es el más alto desde 2020 (año de la pandemia), ubicándose en el 7,7% (a abril 2024), contra el 6,9% de igual período de 2023 (INDEC, 2024). Según diversos estudios, en el primer semestre del actual gobierno se perdieron un poco más de 150.000 empleos, más de 70% de los cuales son privados (datos del Sistema Integrado Previsional Argentino (SIPA), publicados por Reina en 2024). En lo que respecta a la pobreza, otros estudios señalan que sólo en el primer trimestre del gobierno de Milei se sumaron 3,2 millones de nuevos pobres en la Argentina y la tasa de pobreza pasó del 45% en noviembre de 2023 a más del 50% en abril de 2024 (Observatorio de Deuda Social de la UCA, 2024).

Por otra parte, han crecido los discursos violentos, autoritarios y de odio en la conversación pública argentina, alentados justamente desde la propia figura presidencial. Y, en el mismo sentido, todo lo que se relacione con lo público y con las redes y tramas organizativas comunitarias y territoriales son blanco de ataques que buscan debilitarlas, cuando no destruirlas. En efecto, lo público y lo común son objetivos a socavar por parte del gobierno de Milei y ese es quizá uno de los puntos que tendrá efectos más duraderos entre las políticas que pretende imponer (Vommaro, 2024).

En resumen, licuación salarial, aumento de la pobreza, desprecio por lo público y altas dosis de odio podrían ser el resumen de los primeros meses del gobierno de La Libertad Avanza (Arcidiácono; Luci, 2024; Graña, 2024).

Luego de sintetizar un posible cuadro de situación de la coyuntura argentina actual, avanzaremos en una breve explicación de cada una de las seis dimensiones seleccionadas para este artículo, haciendo foco en la situación de las juventudes<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Para ampliar estas dimensiones, se puede consultar la nota *Muy hablados, poco escuchados*, publicada en la Revista Anfibia el 31 de octubre de 2023, del mismo autor de este artículo y disponible

## Vidas precarizadas en lo material y lo subjetivo

Este proceso se viene produciendo en la Argentina al menos desde 2014 y se profundizó en los últimos años, tanto por las políticas adoptadas por quienes gobernaron entre 2015 y 2019, como por las consecuencias de la pandemia, que no fueron suficientemente contrarrestadas, al menos en lo que a las juventudes atañe. Algunas cifras pueden ayudar a mostrarlo. En 2021 la tasa de pobreza fue del 48% para las personas de 15 a 29 años, mientras que fue del 36% para el grupo de 30 a 64 años (INDEC, 2022). En el mismo sentido, también para 2021, la desocupación general fue del 10,2%, mientras que para las personas de 16 a 29 años fue más del doble (21%).

El deterioro material de las vidas de las y los jóvenes se asienta también en sus condiciones de trabajo signadas por la creciente precariedad. Además de las elevadas tasas de trabajo precario (si sumamos trabajo no registrado y precariedad, son del 66,4% para los trabajadores de entre 16 y 18 y del 31,3% en los de más de 18 años), una situación que aumentó en los últimos años es la del trabajo registrado con condiciones degradadas y sueldos que no alcanzan para superar el límite de la pobreza. Es decir, es cada vez más frecuente que las personas tengan un trabajo registrado que sea a la vez en condiciones de precariedad. Muchos jóvenes están en esa situación; con lo cual hoy el principal problema para las juventudes son las condiciones de trabajo y no tanto el desempleo. *El Rappi de Milei* (dicho con orgullo) que muestra Melina Vázquez (2023) es una expresión de estos jóvenes precarizados cuya experiencia material transformó (como era esperable) sus adhesiones y compromisos políticos.

La situación descrita se entrama con la degradación de las condiciones de muchos barrios populares, con servicios deficientes, carencia de transporte público que restringe su movilidad y pocos espacios de encuentro y socialización para las juventudes que no estén mercantilizados. Es decir, desigualdades multidimensionales y entramadas que configuran experiencias generacionales en las que la mayoría de las juventudes producen sus mundos de vida.

Para estos jóvenes, hablar de defensa de derechos y de lo público puede parecer lejano y hasta irritante porque lo ven divorciado de su experiencia cotidiana, algo de lo que pueden disfrutar otros, pero que no les impacta en su vida inmediata. Sin dudas, es necesario fortalecer lo público y garantizar plenamente los derechos para las mayorías antes de enarbolar discursos que buscan defenderlos o protegerlos (Vommaro, 2023, Vommaro, 2024).

## **La pandemia aún resuena en las experiencias de vida de las y los jóvenes, aunque no se reconozca**

En efecto, la pandemia sigue habitando las vidas juveniles, aunque desde el mundo adulto (y desde el sistema político) se la quiera negar, silenciar, olvidar. En todas las entrevistas que mantuve con jóvenes (sobre todo con quienes tienen hasta 24 años) la pandemia aparecía como una experiencia generacional que marcó sus vidas, como bisagra y acontecimiento subjetivante. Mucho se ha dicho acerca de las juventudes en tiempos de pandemia, pero poco se las ha escuchado y reconocido, para acercarse y comprender sus experiencias y los modos en los que se han alterado sus mundos de vida. Como dijimos en otras oportunidades, las juventudes son muy habladas y poco escuchadas y la pandemia no fue la excepción a este desconocimiento y desvalorización de las realidades juveniles por parte del mundo adulto y del sistema político. En el mismo sentido, las juventudes fueron uno de los grupos sociales cuya afectación por la pandemia fue menos reconocida (Vommaro, 2022).

En efecto, se tuvieron muy poco en cuenta los modos en los que la pandemia trastocó la vida cotidiana de las y los jóvenes (y también de las niñas y los niños). Por ejemplo, en sus modos de sociabilidad y encuentro; en la virtualización educativa<sup>3</sup>; en las desigualdades de género; en las producciones y apropiaciones territoriales y en el teletrabajo y la precarización laboral. Al contrario, las y los jóvenes fueron muchas veces responsabilizados por los contagios o estigmatizados al querer encontrarse presencialmente con otros; además de hostigados, criminalizados y hasta eliminados físicamente por las fuerzas de seguridad.

Los datos de suicidio adolescente y juvenil (que pasó de ser la sexta causa de muerte para este grupo social en 2014 a ser la segunda en la actualidad) nos hablan de una realidad poco reconocida desde el mundo adulto, pero que está ahí y nos grita con fuerza. Somos las y los adultos quienes no la escuchamos.

De acuerdo a lo anterior, la pandemia implicó para la juventud un período desafiante por la interrupción de sus redes de sociabilidad materiales en el ámbito educativo y de ocio. La virtualización forzada de esas redes generó repercusiones negativas en las juventudes que no han sido evaluadas de forma profunda ante el predominio de miradas adultocéntricas sobre el período (Vommaro, 2022).

El cierre del espacio público y las restricciones a la movilidad dificultaron también las posibilidades de encuentro para las y los jóvenes en general; pero en especial para los de los barrios populares, que perdieron la esquina, el parque o la plaza como lugares de socialización y de encuentro para compartir entre pares.

---

<sup>3</sup> Según datos de UNICEF, en 2002 entre quienes recibían la Asignación Universal por Hijo -AUH- el 28% no tenía Internet de uso propio y el 53% estudiaba sin computadora (UNICEF, 2020).

Según testimonios de diversos jóvenes y relevamientos realizados por diferentes instituciones (por ejemplo, la Fundación SES, la Facultad de Psicología de la Universidad de Buenos Aires y la Sociedad Argentina de Pediatría, las tres de 2020), este carácter socializador, de contención y pertenencia del espacio público no pudo ser reemplazado totalmente por la virtualidad y el mundo digital.

La OIT (2020a, p. 3) habla de las juventudes pandémicas como una “generación del confinamiento” que se vio profundamente afectada por su disminución de actividad en el mercado de trabajo. En Argentina, observamos como su tasa de actividad bajó un 7% y la de desempleo creció un 5% entre el 2019 y el 2020 (INDEC, 2020). Una vez más, son las mujeres y aquellos jóvenes con menores credenciales sociales y educativas los más afectados por la retracción ocupacional.

Hablar de desigualdad laboral podría ser redundante en el capitalismo. Sin embargo, Harvey (2020) nos muestra una nueva clase trabajadora (el precariado del que habla Standing (2013)) que lleva la peor parte de la crisis, tanto por ser la fuerza laboral que soporta mayor riesgo de exposición al virus en su trabajo o porque puede ser despedida sin compensación, debido al repliegue económico y la inestabilidad de sus derechos. Ante el teletrabajo, ¿quién puede trabajar en casa y quién no? ¿quién puede permitirse aislarse o ponerse en cuarentena (con o sin percibir salario) en caso de contacto o contagio? Con esto se agudizan las desigualdades multidimensionales, interseccionadas con género, territorio, clase, raza/etnia y generación. Por eso, Harvey (2020, p. 93) llama a esta pandemia una “pandemia de clase, género y raza”. Según nuestro análisis, podríamos agregar “generacional” también.

El adultocentrismo es definido por Klaudio Duarte Quapper (2022) como un sistema de dominio que permite el control y la subordinación de las personas jóvenes por parte de las generaciones adultas. Esto se expresa en que las juventudes son habladas y producidas por el mundo adulto, pero muy poco escuchadas y reconocidas como productoras. En pandemia, esto se expresó en una falta de escucha, reconocimiento, consideración y visibilización de las voces de los jóvenes en la discusión pública que se evidencia en al menos dos dimensiones. Una, la escasa convocatoria a los estudiantes (sobre todo de nivel secundario y universitario) para la toma de decisiones en las cuestiones referidas a la educación y las dinámicas virtuales, presenciales o híbridas. Dos, la responsabilización o culpabilización de las juventudes como causantes de los rebrotes de contagios en diferentes países y momentos.

Al respecto, un informe de UNICEF (2021, p. 22) muestra que los jóvenes “expresan disgusto y el malestar por ser considerados como responsables del abandono de los cuidados y propagadores de los contagios”, al tiempo que “sienten que no son escuchados, que no tienen ni voz ni voto y reclaman mayor participación y protagonismo en los protocolos de cuidados escolares”. El mismo estudio interpreta que “la estigmatización, junto a la percepción de no ser tenidos en cuenta como

sujetos con capacidad de agencia para transformar y colaborar a mejorar las condiciones de vida y de su entorno, constituyen elementos que promueven identidades desacreditadas que no favorecen la construcción de ciudadanía” (UNICEF, 2021, p. 22).

Si bien la pandemia por COVID-19 se dio por terminada en 2023, sus efectos perduran en el plano económico, político, social y cultural. Sus esquivas aluden a nuevas formas de vinculación, pero también a las subjetividades emergentes que se conformaron en una situación en los estados asumieron un lugar central en la resolución y en la gestión de las medidas preventivas que fueron resistidas por algunos sectores de la población, fundamentalmente ante la restricción de libertades de circulación y trabajo. Algunos estudios incipientes (Semán, Welchinger, 2024; Morán Faúndes, 2023) vinculan esos sentidos con el triunfo del partido libertario de Javier Milei en las elecciones presidenciales en la Argentina de 2023. Sin dudas, esta situación de descontento, insatisfacción y malestar se profundizó en el marco de la profunda crisis económica posterior a la pandemia, que implicó una desestabilización de la moneda nacional y un crecimiento inflacionario que retrotrajo los salarios de la mayor parte de las y los trabajadores.

Así, los elementos antes descriptos configuran una situación de desazón, malestar, descontento y rabia juvenil que busca -y encuentra- canales de manifestación en los espacios que logran interpelarla y muestran capacidad para expresar la disrupción y el anhelado el grito de basta (Vommaro, 2024).

## **Precarización del trabajo y mundo digital: la persistencia de la asociatividad juvenil**

Como dijimos, la situación de precariedad laboral y las desigualdades sociales multidimensionales se profundizaron con la pandemia. Ambos procesos confluyen en los trabajos de reparto y distribución de bienes y mercaderías vinculados a las aplicaciones y las economías de plataforma, que fue una de las actividades que más creció en la situación pandémica (Adamini, 2023). Estos trabajos suelen emplear a jóvenes<sup>4</sup>, que son quienes que muchas veces continuaron trabajando de modo presencial en la pandemia, sin posibilidades de cuidado o protección adecuados.

Estos empleos han crecido a la vez que aumentó la precarización laboral. De esta manera, en la pandemia (y luego de ella) se podría producir una paradoja: que disminuya el desempleo juvenil (que actualmente es entre 2,5 y 3 veces mayor que

---

<sup>4</sup> Según un estudio realizado para el Ministerio de Trabajo durante el año 2019, el promedio de edad de lxs trabajadores se sitúa en 29 años, con 61.5% de las y los trabajadores encuestados encontrándose entre 20 y 30 años (López Mourelo; Pereyra, 2020). Estudios de 2020 indican que alrededor del 66% de lxs trabajadores encuestados se encuentran por debajo de los 30 años y, entre ellos un 35% entre los 18 y los 25 años (Haidar, 2020).

el desempleo general) pero que estos empleos sean cada vez más precarios, con menos derechos y condiciones laborales degradadas.

Esto también se muestra en un estudio realizado por el Ministerio de Trabajo de la Provincia de Buenos Aires (Argentina) sobre el trabajo en las plataformas digitales de reparto, coincidente con datos de la OIT (2020b). De acuerdo a estos datos, casi dos tercios de los trabajadores de este tipo de actividades (62%) tiene menos de 30 años y que, en promedio, trabajan 9 horas por día arriba de la moto o la bicicleta. Además, el 70% trabaja de lunes a lunes (sin días establecidos de descanso) y el 97% no tiene cobertura alguna de salud ni de riesgos del trabajo.

En las aplicaciones como Glovo, Rappi, Pedidos Ya y UberEats la relación laboral empresa-repartidor está planteada de manera tal que las empresas no asumen las responsabilidades legales de emplear a quienes realizan los repartos. Esto incluye el estatus de monotributistas de las y los trabajadores, la ausencia de una Aseguradora de Riesgos de Trabajo (ART) y la falta de estabilidad en la forma de contratación, encubiertas a través de un discurso de flexibilidad y dinamismo, de empleo que se adapta a las necesidades del trabajador y de la posibilidad de “ser tu propio jefe” (Haidar, 2020, p. 63). En el marco de la pandemia este sector vio potenciado su trabajo por el aumento de la demanda de sus servicios y su definición como servicio esencial, que habilitaba la continuidad de su trabajo de manera presencial, sorteando las restricciones a la movilidad.

En esta coyuntura, las y los jóvenes trabajadores de este tipo de aplicaciones fortalecieron las acciones de al menos dos organizaciones pre-existentes: Agrupación Trabajadores de Reparto (ATR) y Sindicato de Trabajadores de Reparto por Aplicación (SiTraRepa) (Camerata, 2023). Ambas organizaciones tienen algunos puntos en común, como la inscripción de sus ideales políticos en espacios partidarios de izquierda y el uso y apropiación de las redes sociales como forma principal de comunicación con las y los trabajadores. Sin embargo, hay también algunas diferencias. ATR comienza su actividad antes de la pandemia (en 2018), en tanto que SiTraRepa se establece con ésta ya comenzada, desprendiéndose de otra agrupación, Jóvenes Trabajadores Precarizados, para enfocarse en las y los trabajadores del rubro de reparto.

El uso de redes sociales para la organización de movimientos y activismos juveniles no es un fenómeno nuevo y, como bien indican Palenzuela (2018) y Rivera, De la Barra-Eltit y Rieutord-Rosenfeld (2023), la dimensión política de los espacios digitales y las redes sociales se ha potenciado en los últimos años, configurando incluso, modos de organización y asociatividad, sobre todo entre las juventudes. Con la pandemia este proceso aumentó y, con ello, crecieron la frecuencia de las publicaciones de estas dos organizaciones en las redes sociales (Camerata, 2023).



Sin embargo, la potencia de las actividades presenciales también creció. Por ejemplo, las caravanas en las que las y los trabajadores de reparto ocupan las calles de las principales ciudades de la Argentina con sus motos, bicicletas y mochilas visibilizando sus demandas y su propia existencia como trabajadores precarizados. Esto es acompañado por llamados colectivos en las redes sociales, como los “*twittazos*” en los que la consigna se intenta viralizar a través de las etiquetas o *hashtags* #YoNoReparto y #ParodeRepartidores.

Ambas organizaciones sostienen discursos en los que la figura del estado aparece como cómplice de las empresas avalando la explotación de las y los trabajadores. Sin embargo, SiTraRepa pone el énfasis en que el Ministerio de Trabajo reconozca a la organización como sindicato inscripto legalmente, lo que le permitiría intervenir en las negociaciones empresas-repartidores y en la mejora de las condiciones laborales. Este énfasis en la búsqueda del reconocimiento por parte del estado hace que el discurso de SiTraRepa tenga un sentido esperanzador y que movilice a sus afiliadas y afiliados a partir de la búsqueda de mejoras en sus condiciones de trabajo y del fortalecimiento de sus formas organizativas.

Estas experiencias de organización de jóvenes trabajadores precarizados de las economías de plataforma no son incompatibles con la posible adhesión electoral a Milei. En efecto, la ya comentada figura de *El Rappi de Milei* (Vázquez, 2023) muestra que estos modos de asociatividad no se traducen en simpatías electorales inmediatas, aunque sí constituyen maneras de expresión colectiva del descontento que la creciente degradación de las condiciones materiales produce entre las y los jóvenes.

## **Las disputas en el territorio digital**

Sin dudas, el crecimiento de las redes sociales y la intensidad de la sociedad digital se ha manifestado con fuerza en los últimos años, impulsados, entre otras cosas, por las características del capitalismo actual y por la virtualización de la vida durante la pandemia. Las redes y el mundo digital son hoy un territorio político en disputa y quiénes más lo habitan son las y los jóvenes. En este marco, los grupos de las denominadas nuevas derechas, libertarios o con tendencias regresivas y autoritarias han mostrado astucias y habilidades para disputar sentidos en el territorio digital. Y no sólo produciendo *fake news* o contribuyendo a la cultura de la cancelación.

Como señala Melina Vázquez (2023), para muchos jóvenes Milei es un *influencer* antes que un político. Además, el activismo digital que promueve y multiplica Milei tiene fortalezas en relación al de otros espacios políticos al mostrarse más auténtico, directo y disruptivo. Ejemplo de esto es que el líder carismático tiene más seguidores en Tik Tok que todos los otros candidatos juntos y que, como señala Juan Elman (2023), su crecimiento se venía dando en comunidades digitales previas, como la *gamer*. En esto también tenemos que buscar las causas de su ascendente.

## La tercera es la vencida

En los últimos ocho años la sociedad argentina vivió dos experiencias políticas fallidas, que provocaron desilusión, desencanto, malestar, frustración y descontento en sus bases electorales y en amplios grupos sociales. Tanto el gobierno de Cambiemos y Macri en 2015-2019, como el del Frente de Todos y Alberto Fernández en 2019-2023 son leídos como fracasos por sectores crecientes. En este marco, ninguna de las dos fuerzas que fueron o son gobierno y se presentan a las elecciones en 2023, lo hacen partiendo de la necesaria autocrítica que demandan los votantes. Una propone hacer lo mismo que en 2015, sólo que más rápido y con más decisión o fuerza. La otra pretende que olvidemos la actual gestión desfondada y nos acordemos de lo bien (o lo menos mal) que estábamos antes de 2015. Sin dudas, ninguno de los dos discursos es seductor para las juventudes.

Así, no debería resultar sorprendente que emerja una tercera opción que se diferencie tajantemente de las dos anteriores, que esta opción se articule con un anhelo por algo nuevo que rompa con la inercia de desilusiones y que sean las juventudes las que adhieran con mayor entusiasmo a esta posibilidad. Ante un estado (o un sistema político) que abandonó a la sociedad en diversos aspectos, no es extraño que la misma sociedad se rebele contra la institucionalidad abandonada y prefiera incluso dar un salto al vacío que resetee el sistema que continuar con una situación percibida como empantanada que muestra signos de agotamiento cada vez más evidentes. Como propone Nacho Muruaga (2023), una de las palabras claves para entender uno de los componentes del voto a Milei es insatisfacción.

Coincidimos con Grimson (2024) cuando plantea que la crisis de representación que venía incubándose en la Argentina por el fracaso de los dos gobiernos anteriores abrió la puerta a la irrupción de un líder disruptivo, que seducía por su provocación de dar vuelta el tablero político. Así, la sociedad argentina terminó sometida al bombardeo cotidiano de medidas que reformatean la economía y a un gobierno que insulta a feministas, *zurdos*, *piqueteros*, artistas populares, trabajadores públicos, dirigentes políticos y periodistas.

En este mismo sentido, es importante mirar las disputas que se vienen produciendo por el significativo cambio en la Argentina y en la región. Tanto en 2015 como en 2023, los sectores que se reconocen como más progresistas o populares (quizá con la excepción de Juan Grabois, quien también despertó entusiasmo en muchos jóvenes<sup>5</sup>) están quedando atrapados del lado de la conservación, de la defensa

---

<sup>5</sup> Juan Grabois es un dirigente social y político argentino, fundador de la Unión de Trabajadores y Trabajadoras de la Economía Popular y del Frente Patria Grande, además de miembro del Dicasterio para el Servicio del Desarrollo Humano Integral del Vaticano. Fue precandidato a presidente en las PASO del 13 de agosto de 2023 por Unión por la Patria, obteniendo el 21,5% de los votos dentro de ese frente político y casi el 6% a nivel general.

del estado de cosas o de una promesa de regreso a un pasado supuestamente mejor. Esto no resulta atractivo para amplios sectores sociales y mucho menos para las y los jóvenes, ya que es percibido como una invitación a continuar con la situación de deterioro y precarización en la que viven.

En otros países (como Colombia, México, Chile, Honduras y ahora Guatemala) esta disputa se resolvió – al menos en las elecciones presidenciales – a favor de los gobiernos populares, que buscan ampliar derechos y contrarrestar las desigualdades fortaleciendo lo público. En la Argentina parece suceder lo contrario y habrá que trabajar con mucha inteligencia y empatía para revertir esta apropiación de los sentidos del cambio por parte de las derechas.

La socialización política de las nuevas generaciones en coyunturas de gobiernos populares o progresistas, como dice Pablo Stefanoni (2021), podría explicar estas dinámicas. Al ser percibidos como fracasados o agotados, buscan caminos reactivos a las experiencias que defraudaron expectativas sin hacerse cargo de lo que provocaron. En los países de la región mencionados, el proceso fue distinto porque las alternativas que proponían ampliar derechos y contrarrestar desigualdades sobrevinieron a gobiernos regresivos, autoritarios y agotados (o que eran percibidos como tales).

## **El voto a Milei no es sólo ideológico**

Según los análisis y el trabajo empírico que realizamos, los votantes de Milei no siempre están de acuerdo con sus ideas y propuestas. Esto se basa en diversos estudios y sondeos y resalta las dimensiones emotivas, de adhesión empática y esperanzada (aunque se sustente en el enojo y la desilusión) y de afinidad subjetiva, más que las de un voto programático o ideológico. Una vez más, de una adhesión forjada en los planos emotivo y afectivo (los afectos comunes de los que habla Chantal Mouffe) y esto no debiera ser tan difícil de comprender e incorporar, como señalan Pablo Semán y Nicolás Welschinger (2023) en un reciente trabajo.

Podemos decir que el apoyo a Milei se forjó en cuatro tiempos. Uno, en las movilizaciones a favor y en contra de la Ley de Interrupción Voluntaria del Embarazo en 2018. Coincidimos con Melina Vázquez (2023) en que el núcleo duro de su militancia se constituye y agrupa en esa coyuntura, algunas veces recuperando afinidades y tradiciones anteriores (como la de la UCeDe y la UPAU en los ochenta). Dos, la pandemia y las protestas callejeras y digitales que se produjeron para manifestar el rechazo a las medidas de aislamiento y control de la movilidad, que, lejos de entenderse como cuidados colectivos, fueron decodificadas en clave de restricción de las libertades individuales y avasallamiento del estado sobre las vidas individuales. Tres, la coyuntura electoral de 2021, cuando Milei fue electo diputado

nacional. Aquí se conforma lo que podríamos denominar, siguiendo a Semán y Welschinger (2023), segundo anillo de adhesiones. Cuatro, en la campaña para las PASO y después, donde se amplían sus votantes (expresando un voto transversal a nivel de clase, territorial y generacional, aunque menos de género, como señalan Sergio Morresi y Martín Vicente, 2023) y surge un tercer círculo que sostiene el resultado obtenido en las primarias.

Ya en 2021 un estudio de Zuban Córdoba aplicado a personas de entre 16 y 30 años mostraba que las políticas públicas de bienestar material y simbólico tenían una alta adhesión entre las juventudes. Por ejemplo, casi un 80% apoyaba el PROGRESAR, un porcentaje mayor la AUH, un 73% el Conectar Igualdad, el 71% la legalización del cannabis para uso medicinal y las políticas de igualdad de género recibían altos índices de adhesión también. Preguntados los mismos jóvenes por su adhesión electoral o político-partidaria, las respuestas eran mucho más dispersas, encontrando muchos jóvenes que manifestaban su preferencia por Bullrich o Milei y apoyaban las mismas políticas que éstos denostaban. Claro que en su mayoría no se trata de políticas públicas novedosas, sino que vienen desde antes de 2015, mostrando signos de agotamiento y falta de actualización o innovación. Pero ese es otro tema.

En un sentido similar podemos analizar el discurso que el diputado nacional pronunció el domingo 13 de agosto, tras conocerse el resultado de las PASO. Viendo y revisando este discurso llama la atención que en los varios minutos en que Milei se dedica a denostar la justicia social y descalificar la frase que propone que “donde hay una necesidad, hay un derecho” en el auditorio (al que se ingresaba por invitación y luego de pasar por varios filtros) hubo silencio, sus dichos no fueron celebrados. Las ovaciones volvieron cuando retomó sus consignas contra la “casta” y se revisó el “que se vayan todos”.

Como decía una persona que votó a Milei en las PASO ante una entrevista televisiva: “no acuerdo con ninguna sus propuestas y pienso que haría un mal gobierno, pero lo voté para darle un cachetazo al sistema político, para mostrar que estamos hartos y que así no va más”. Quizá la capacidad para articular o catalizar estos diversos tipos de adhesión tan dispares y por momentos porosos sea una de las fortalezas de Milei, como advierten Morresi y Vicente (2023).

Se configuran así los tres núcleos de adhesión a Milei de los que hablan Semán y Welschinger (2023) y en dos de los cuales hace foco Vázquez (2023).

## **Reflexiones finales**

En este artículo nos propusimos compartir algunas pistas que ayuden a comprender la actual coyuntura política, social y cultural de la Argentina y, especial-

mente, las experiencias juveniles que se configuran y reconfiguran en esta situación. Enunciar un problema es el primer paso para comprenderlo y comprenderlo es condición para superarlo o encontrar alternativas que reposicionen los términos del conflicto. En este texto intentamos hacer esto de manera empática, entendiendo y no denostando las realidades que contribuyeron a gestar la situación política que vive la Argentina en la actualidad.

Por último, nos parece indispensable intervenir en las disputas de sentido y la batalla cultural y de ideas que se libran en la región y en el mundo en la actualidad. Una parte importante de las disputas actuales se despliegan en estos campos donde se dirimen sentidos, representaciones y aspiraciones con implicancias políticas y sociales directas e inmediatas. El término “cambio” y los conflictos en torno a lo público (con las fuerzas que pretenden socavarlo, degradarlo o destruirlo y los grupos que se erigen como sus defensores, pero no siempre son consecuentes con construir un público -y un común- más intenso y mejor) son ejemplos de estas batallas que es necesario librar.

Tenemos que ser capaces de mostrar que libertad e igualdad no son términos contradictorios o excluyentes (aunque en las últimas décadas hayan sido presentados de esta manera) y que las sociedades verdaderamente libres son las más igualitarias y las menos desiguales deben ser las más libres para continuar el camino hacia la construcción de igualdad. Así estaremos en mejores condiciones de aportar de modo efectivo a las batallas intelectuales y culturales por construir consensos desde las comunidades y los territorios que transiten hacia sociedades más justas, igualitarias, libres y democráticas en nuestra región y el mundo.

## REFERENCIAS

ADAMINI, Marina. Espejismos laborales detrás de un gigante productivo: precarización del trabajo juvenil en el sector de software y servicios informáticos. *In: VOMMARO, Pablo; PEREZ, Ezequiel. Juventudes, democracia y crisis. Pandemia, post-pandemia y después.* Buenos Aires, Argentina: Grupo Editor Universitario, 2023.

ARCIDIÁCONO, Pilar, LUCI, Florencia. Sin lugar para los débiles. *Anfibia*, Buenos Aires, 08 jul. 2024. Disponible en: <https://www.revistaanfibia.com/sin-lugar-para-los-debiles/>. Accedido en: 13 sept. 2024.

CAMERATA, Sofía. **Experiencia de lxs trabajadores de reparto por aplicación: organizaciones y repertorios de acción en tiempos de pandemia y post pandemia (2020-2022)**. Buenos Aires: Informe final de Horas de Investigación 2023. Cátedra de Sociología de la Infancia, Adolescencia y Juventud, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Mimeo, 2023.

DUARTE QUAPPER, K. Mundos jóvenes, mundos adultos: lo generacional y la reconstrucción de los puentes rotos en el liceo. Una mirada desde la convivencia escolar. **Última década**, n. 16, p. 99-118, 2002.

ELMAN, Juan. Antiprogresismo y crisis de las élites: el ascenso de Javier Milei en clave global. **Cenital**, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Disponible en: <https://cenital.com/antiprogresismo-y-crisis-de-las-elites-el-ascenso-de-javier-milei-en-clave-global/>. Accedido en: 13 sept. 2024.

FACULTAD DE PSICOLOGÍA DE LA UBA. **Salud Mental en Cuarentena. Relevamiento del impacto psicológico a los 7-11 y 50-55 días de cuarentena en población argentina**. Buenos Aires, Argentina: Observatorio de Psicología Social Aplicada, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, 51 p., 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **El impacto del COVID-19 en la salud mental de adolescentes y jóvenes**. Panamá: UReport, 2020.

FONDO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LA INFANCIA – UNICEF. **Estudio sobre los efectos en la salud mental de personas gestantes por COVID-19**. Buenos Aires: UNICEF, 2021.

FUNDACIÓN SES. **Sustentabilidad, Educación, Solidaridad. Sumar nos suma**. Buenos Aires, Argentina: SES, 2020.

GAMBINA, Julio. “Hay un contraste entre la venta de la marca Milei en el exterior y lo que pasa en la economía real de Argentina”. **Canal E**, Argentina, 24 jun. 2024. Disponible en: <https://www.perfil.com/noticias/canal-e/gambina-hay-un-contraste-entre-la-venta-de-la-marca-milei-en-el-exterior-y-lo-que-pasa-en-la-economia-real-de-argentina.phtml>. Accedido en: 13 sept. 2024.

GRAÑA, Juan. ¿A qué mercado laboral nos dirigimos? **Tiempo argentino**, Buenos Aires, 13 jul. 2024. Disponible en: [https://www.tiempoar.com.ar/ta\\_article/a-que-mercado-laboral-nos-dirigimos/](https://www.tiempoar.com.ar/ta_article/a-que-mercado-laboral-nos-dirigimos/). Accedido en: 13 sept. 2024.

GRIMSON, Alejandro. **Desquiciados. Los vertiginosos cambios que impulsa la extrema derecha**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2024.

H Aidar, Julieta. La configuración del proceso de trabajo en las plataformas de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. Un abordaje multidimensional y multi-método. **Informes de Coyuntura**, n. 11, p. 1-96, 2020. Disponible en: <https://iigg.sociales.uba.ar/2020/10/01/la-configuracion-del-proceso-de-trabajo-en-las-plataformas-de-reparto-en-la-ciudad-de-buenos-aires-un-abordaje-multidimensional-y-multi-metodo/>. Accedido en: 13 sept. 2024.

HARVEY, David. Política anticapitalista en tiempos de COVID-19. **Sin permiso**. Barcelona, 22 mar. 2020. Disponible en: <https://www.sinpermiso.info/textos/politica-anticapitalista-en-tiempos-de-covid-19>. Accedido en: 13 sept. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Encuesta Permanente de Hogares (EPH)**. Buenos Aires, Argentina, 2024. Disponible en: <https://www.indec.gov.ar/indec/web/Institucional-Indec-BasesDeDatos>. Accedido en: 13 sept. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**. Informes técnicos, n.184, v. 6. **Condiciones de vida**, n. 12, v. 6. Buenos Aires, Argentina, 2022. Disponible en: [https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph\\_pobreza\\_09\\_2223ECC71AE4.pdf](https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_09_2223ECC71AE4.pdf). Accedido en: 13 sept. 2024.

INDEC – Instituto Nacional de Estadística y Censos. **Condiciones de vida. Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**, n. 4, v. 5. Buenos Aires, Argentina, segundo semestre de 2020. Disponible en: [https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph\\_pobreza\\_02\\_2082FA92E916.pdf](https://www.indec.gov.ar/uploads/informesdeprensa/eph_pobreza_02_2082FA92E916.pdf). Accedido en: 13 sept. 2024.

LÓPEZ MOURELO, Elva; PEREYRA, Francisco. El trabajo en las plataformas digitales de reparto en la Ciudad de Buenos Aires. *Estudios Del Trabajo. Revista de la Asociación Argentina de Especialistas en Estudios del Trabajo (ASET)*, n. 60, 2020. Disponible en: <https://ojs.aset.org.ar/revista/article/view/90>. Accedido en: 13 sept. 2024.

MORÁN FAÚNDES, José Manuel. ¿Cómo cautiva a la juventud el neoconservadurismo? Rebeldía, formación e influencers de extrema derecha en Latinoamérica. **Methaodos. Revista De Ciencias Sociales**, v. 11, n.1, 2023. Disponible en: <https://www.methaodos.org/revista-methaodos/index.php/methaodos/article/view/649>. Accedido en: 13 sept. 2024.

MORRESI, Sergio; VICENTE, Martín. Rayos en cielo encapotado: la nueva derecha como una constante irregular en la Argentina. *In: SEMÁN, Pablo (coord.). Está entre nosotros. ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?* Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 2023.

MURUAGA, Ignacio. Buscar juguetes nuevos. Insatisfacción democrática, comprensión política, expectativas y frustraciones. Algunas reflexiones en esta columna sobre lo que dejaron las PASO. **El Resaltador**, Argentina, 27 ago. 2023. Disponible en: <https://elresaltador.com.ar/buscar-juguetes-nuevos/>. Accedido en: 13 sept. 2024.

OBSERVATORIO DE LA DEUDA SOCIAL ARGENTINA. **Un final anunciado: más pobres, pobres más pobres y más desiguales**. Buenos Aires, 2024, 45 p. Disponible en: [https://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/Observatorio%20Deuda%20Social/Presentaciones/2024/Observatorio%20Nota\\_Investigacion\\_5\\_07.pdf](https://wadmin.uca.edu.ar/public/ckeditor/Observatorio%20Deuda%20Social/Presentaciones/2024/Observatorio%20Nota_Investigacion_5_07.pdf). Accedido en: 13 sept. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **Los jóvenes y la pandemia de la COVID-19: efectos en los empleos, la educación, los derechos y el bienestar mental**. OIT: 2020a, 61 p. Disponible en: <https://reliefweb.int/report/world/los->

j-venes-y-la-pandemia-de-la-covid-19-efectos-en-los-empleos-la-educaci-n-los. Accedido en: 13 sept. 2024.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO – OIT. **El trabajo en las plataformas digitales de reparto en Argentina: análisis y recomendaciones de política.** OIT: Buenos Aires, Argentina, 2020b, 106 p.

PALENZUELA, Yadira. Participación social, juventudes, y redes sociales virtuales: rutas transitadas, rutas posibles. **Última Década**, v. 26, n. 48, p. 3-34, 2018. [https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22362018000100003](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362018000100003)

REINA, Santiago. Casi 140.000 asalariados formales perdieron su empleo en los primeros 5 meses de la era Javier Milei. **Ámbito**, Buenos Aires, 20 jul. 2024. Disponible en: <https://www.ambito.com/economia/casi-140000-asalariados-formales-perdieron-su-empleo-los-primeros-5-meses-la-era-javier-milei-n6031029>. Accedido en: 13 sept. 2024.

RIVERA-AGUILERA, Guillermo; BARRA-ELTIT, Isidora De la; RIEUTORD-ROSENFELD, Camille. Juventudes y nuevas expresiones de sindicalismo en Chile: el caso de la comida rápida. **Polis**, Santiago, v. 22, n. 65, p. 151-194, 2023. Disponible en: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-65682023000200151&lng=es&nrn=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682023000200151&lng=es&nrn=iso). Accedido en: 13 sept. 2024. <http://dx.doi.org/10.32735/s0718-6568/2023-n65-1863>.

SEMÁN, Pablo (coord.). **Está entre nosotros ¿De dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Siglo XXI, 2023.

SEMÁN, Pablo, WELSCHINGER, Nicolás. 11 Tesis sobre Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 18 ago. 2023. Disponible en: <https://www.revistaanfibia.com/11-tesis-sobre-milei/>. Accedido en: 13 sept. 2024.

SOCIEDAD ARGENTINA DE PEDIATRÍA. **El estado emocional de las/os Niñas/os y adolescentes a más de un mes del aislamiento social, preventivo y obligatorio.** Buenos Aires, 2020.

STANDING, Guy. **El precariado: una nueva clase social.** Barcelona: Pasado & Presente, 2013.

STEFANONI, Pablo **¿La rebeldía se volvió de derecha? Cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio).** Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

TRAVERSO, Enzo. **Las nuevas caras de la derecha.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

VÁZQUEZ, Melina. Los Rappi de Milei. **Anfibia**, Buenos Aires, 10 jul. 2023. Disponible en: <https://www.revistaanfibia.com/los-rappi-de-milei/>. Accedido en: 13 sept. 2024.

VOMMARO, Pablo. El gobierno de Milei en la Argentina: pistas para comprender un resultado que no vimos venir. **Revista Foro**. Bogotá, 2024. En prensa.



*Expresiones políticas de los malestares juveniles:  
acercamientos exploratorios a la situación de la Argentina en los últimos años*

VOMMARO, Pablo. Muy hablados, poco escuchados. **Anfibia**, Buenos Aires, 31 oct. 2023. Disponible en: <https://www.revistaanfibia.com/muy-hablados-poco-escuchados/>. Accedido en: 13 sept. 2024.

VOMMARO, Pablo (coord.). **Experiencias juveniles en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2022.

ZUBAN CÓRDOBA. Voto joven: ¿Cómo se encuentra el oficialismo y la oposición frente a este electorado? **Política argentina**. Buenos Aires, Argentina, 17 jul. 2021. Disponible en: <https://www.politicargentina.com/notas/202107/38318-voto-joven-como-se-encuentra-el-oficialismo-y-la-oposicion-frente-a-este-electorado.html>. Accedido en: 13 sept. 2024.

**Presentado el:** 11/08/2024

**Aprobado el:** 10/09/2024



POLITICAL REPRESENTATION OF YOUTH IN  
BRAZIL: YOUNG CANDIDATES AND ELECTED  
TO THE CHAMBER OF DEPUTIES 2014 – 2022

*REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DAS JUVENTUDES NO  
BRASIL: JOVENS CANDIDATOS/AS E ELEITOS/AS  
PARA A CÂMARA DOS DEPUTADOS 2014 – 2022*

*REPRESENTACIÓN POLÍTICA DE LA JUVENTUD  
EN BRASIL: JÓVENES CANDIDATOS Y ELECTOS  
A LA CÁMARA DE DIPUTADOS 2014 - 2022*

*Elisa Guaraná de CASTRO\**

**ABSTRACT:** The analysis of “traditional” forms of political representation is a window to understand youth participation in its multiple belongings and agencies. We observed young candidates and elected officials for the Brazilian Chamber of Deputies between 2014 and 2022. We identified low youth representation, less than 4% aged up to 29, and a wide spectrum of political affiliations, including the so-called far right. We analyzed Superior Electoral Court data as a methodology, treating the profile and electoral performance. We followed websites of social movements and organizations, social networks, and the Chamber of Deputies Portal to access trajectories, political agendas, and parliamentary performance. The daily and individualized monitoring of social networks made it possible to identify profiles and posts of young people. The research demonstrated that there is an important diversity of candidacies and that young elected parliamentarians are voting champions, which points to a renewed interest in participation in this arid space for youth presence.

**KEYWORDS:** Political representation. Youth. Political participation. Parliamentary participation. Diversity.

---

\* Full Professor in the Department of Social Sciences at the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ). Doctor of Anthropology from the Graduate Program in Social Anthropology at the National Museum (UFRJ), Master's in Sociology (UFRJ), and Bachelor's in Social Sciences (UFRJ). Orcid link: <https://orcid.org/0000-0001-8652-0303>. Contact: [elisaguarana@ufrj.br](mailto:elisaguarana@ufrj.br).

**RESUMO:** *Analisar formas “tradicionalis” de representação política são uma janela para compreender a participação juvenil em seus múltiplos pertencimentos e agências. Observamos jovens candidatas/os e eleitas/os para a Câmara dos Deputados brasileira entre os anos de 2014 e 2022. Identificamos baixa representação juvenil, menos de 4% com até 29 anos, e amplo espectro de filiação política, incluindo a denominada extrema-direita. Como metodologia analisamos os dados do TSE, tratando o perfil e desempenho eleitoral. Acompanhamos sites de movimentos e organizações sociais, as redes sociais, o Portal da Câmara dos Deputados, para acesso a trajetórias, agendas políticas e atuação parlamentar. O acompanhamento cotidiano e individualizado das redes sociais permitiu identificar perfis e postagens do e das jovens. A pesquisa demonstrou que há uma importante diversidade de candidaturas e que parlamentares jovens eleitos são campeões de votação, o que aponta um interesse renovado na participação desse espaço árido para a presença juvenil.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Representação política. Juventude. Participação política. Participação parlamentar. Diversidade.*

**RESUMEN:** *Analizar las formas “tradicionales” de representación política es una ventana para comprender la participación juvenil en sus múltiples pertenencias y agencias. Observamos a candidatos jóvenes y funcionarios electos para la Cámara de Diputados de Brasil entre 2014 y 2022. Identificamos una baja representación juvenil, menos del 4% de hasta 29 años, y un amplio espectro de afiliaciones políticas, incluida la llamada extrema derecha. Como metodología se analizaron los datos del Tribunal Superior Electoral, tratando el perfil y desempeño electoral. Seguimos sitios web de movimientos y organizaciones sociales, redes sociales, Portal de la Cámara de Diputados, para acceder a trayectorias, agendas políticas y actividades parlamentarias. El seguimiento diario e individualizado de las redes sociales permitió identificar perfiles y publicaciones de los jóvenes. La investigación demostró que existe una importante diversidad de candidaturas y que los jóvenes parlamentarios electos son campeones de votación, lo que apunta a un renovado interés en la participación en este árido espacio de presencia juvenil.*

**PALABRAS CLAVE:** *Representación política. Juventud. Participación política. Participación parlamentaria. Diversidade.*

## **Introduction**

The intense changes in the recent political scenario in Latin American countries point to old and new concerns. With alternations between progressive and

authoritarian governments, one of the most observed elements is the rise of the far right (Messenberg, 2019; Pignataro; Tremínio; Chavarría-Mora, 2021; Semán, 2023)<sup>1</sup>. This scenario is further complicated by studies showing a growing disinterest in political party affiliation, which is particularly evident among the youth in countries across the region (Araújo; Perez, 2021). In Brazil, political turbulence has been especially intense over the past 12 years. In just over a decade, the country has experienced major street protests, such as the June 2013 demonstrations, the impeachment of President Dilma Rousseff, the election of President Bolsonaro, the election of President Lula, and the attempted coup on January 8, 2023. Youth participation was notable in all of these events.

The challenge of analyzing young parliamentarians emerges within this context. This study focuses on the profiles of young candidates and elected representatives in Brazil's Chamber of Deputies from 2014 to 2022, as well as on the trajectories of these individuals, among whom there is a broad spectrum of "political affiliation," including recent youth expressions of the so-called extreme-right.

One of the primary factors discussed is the low representation of youth in the National Congress; less than 4% of federal deputies are under 29, and this figure only expands to 11.7% for those up to 35 in 2022. This pattern is reproduced election after election. Nevertheless, we observe young parliamentarians who receive a high number of votes, as well as a significant diversity in candidate profiles, indicating a renewed interest in participating in this space that has traditionally been challenging for youth representation. We consider that analyzing this "traditional" form of political representation provides a window into understanding youth participation from the perspective of their multiple affiliations and challenges.

The contribution presented here is based on the research project *A Juventude no olho do furacão: identidades, ação política e organizações de juventude no Brasil*<sup>2</sup> (Youth in the Eye of the Storm: Identities, Political Action, and Youth Organizations in Brazil), which has mapped the forms of organization, representation, and political action among Brazilian youth from the 2000s onwards<sup>3</sup>. This research is part of the Working Group on Childhood and Youth within the Latin American Council of Social Sciences (CLACSO) and the *Observatorio en Infancias y Juventudes*. The results show that political representation constructs span formal

---

<sup>1</sup> The ideological definition of left and far-right has been the subject of interpretative efforts. Here, we point out some of these references. We take into account in particular the alignment with themes that mobilize opposition to the expansion of human and social rights, as well as the recognition of diversity as elements that today reflect far-right positions in the world.

<sup>2</sup> Ethics Committee – The Project under process 23083.040349/2020-69 was approved by the UFRRJ RESEARCH ETHICS COMMITTEE / CEP (OPINION No. 1124/2020 - PROPPG (12.28.01.18) and complies with Resolution 466/12, which regulates research procedures involving human beings.

<sup>3</sup> Developed by the Research Group Youth, Political Participation and Social Representation (UFRRJ). The research team is composed of undergraduate students.

configurations, such as parliamentary spaces, and incorporate new technologies through the intense use of social media (Ramos, 2015; Gomes, 2017). This convergence of agendas and repertoires produces new political identities, merging “new” and “traditional” forms of organization and mobilization, positioned within dynamics of multiple affiliations.

As theoretical frameworks, we consider youth as a socially and politically constructed category (Castro, 2013, 2022), reflecting its plurality with encompassing multiple identifications and affiliations (Novaes, 1998; Perez, Vommaro, 2023) and emerging from historical, cultural, and identity-based constructions that mobilize subjectivities and collective formations (Brah, 2006). Drawing from these approaches, an analysis of the context of youth political participation in Brazil reveals the interrelationship between political organization and action and governmental processes of institutionalizing rights and public policies.

The Lula (2003-2006/2007-2010) and Dilma (2011-2014/2015-2016) administrations brought visibility to the theme of “youth” by establishing regulatory frameworks, public policies, and institutionalizing youth representation through agencies executing the so-called Youth Public Policies (PPJs). It is worth noting that these state actions took place amidst an intense academic debate involving experts in generational and youth studies, further articulated by young researchers and youth leaders from numerous social movements (Dulci; Macedo, 2019). From this milieu emerged an unprecedented activation of the youth category as a political identity.

It is noteworthy that opportunities for inclusion in public spaces and intersections with other political issues gain complexity when viewed through markers of difference that convey forms of domination: class, race, ethnicity, gender, and sexuality. Consequently, intersectionality (Stolcke, 2006; Brah, 2006) imbues the political actions of those identifying as youth with a profound array of meanings, materializing in expressions of their multiple affiliations and agendas. These topics are also contested among different political projects embraced by youth.

There is also a growing and tense dialogue between forms of political participation seen as “traditional”, political parties, social movements, unions, associations, and cooperatives – and the so-called “new” youth organizational forms, which are “more horizontal” and interwoven with multiple affiliations. This study emphasizes how young people’s political practices surpass and even challenge dichotomies between “new” and “old.” Their varied trajectories demonstrate how political identity construction combines individual processes with collective struggles, associating forms of sociability, family histories, work experiences, and spatial mobility, among others.

The emphasis on these dichotomies – new/old; horizontal/hierarchical – is not novel within social science studies. Since at least the mid-20th century, these catego-

ries have been mobilized to explain phenomena of social effervescence. Since 2013, and particularly from 2014 onward, Brazil has undergone transformative processes involving significant participation from the so-called new organized actors. In this context, there has been a shift from a focus on recognition, resource distribution, and access to rights (Fraser, 2001; 2007) toward a struggle over the *temporalities of politics* (Palmeira, 1996) – that is, an electoral contest stretching across this period and involving utopian visions of societal models.

From 2011 to 2013, we witnessed both national and international mass mobilizations with a strong *youth* presence. One defining characteristic was the use of the Internet as a tool for mobilization, complementing mass mobilization in public spaces with an anti-neoliberal agenda (Harvey *et al.*, 2012). In Brazil, a turning point was the 2013 Protests. Over a decade since this significant mass movement, different perceptions and interpretations have emerged regarding its impact on youth participation (Gohn, 2016; Altman; Carlotto, 2023; Perez, 2021; Castro, 2023). This powerful street movement has since yielded engaged youth who self-identify as progressive and left-leaning, organizing in collectives and political parties, as well as conservative, self-identified right-wing, liberal, and even far-right groups.

In 2014, two key moments marked the emergence of new actors: the *Não Vai Ter Copa* (No World Cup)<sup>4</sup>, movement in the first half of the year, with mobilizations against mega-events; and the second half, during the electoral period, with groups like *Vem Pra Rua* (Come to the Street, VPR), *Revoltados Online*, and *Movimento Brasil Livre* (Free Brazil Movement, MBL) (Barbosa, 2017), among others, opposing President Dilma's re-election<sup>5</sup>. We also observed a realignment of agendas among organizations shaped in earlier contexts, such as the *Levante Popular da Juventude* (Popular Youth Uprising)<sup>6</sup>, and the growth of antifascist movements like *Movimento Antifascista Brasil* (ANTIFA), which gained traction in Brazilian states with the emergence of local and national movements, such as *Periferia Antifascista* (Antifascist Periphery) within soccer fan clubs<sup>7</sup>.

The recent period, which is still ongoing, represents an intense period of direct political engagement beginning in the electoral arena, specifically with the 2014 elections (Palmeira, 1996). Milestones include the impeachment of President Dilma

---

<sup>4</sup> For the debate on the 2014 World Cup as a mega-event and its impacts, see Jennings *et al.* (2014).

<sup>5</sup> The El Pais article from 03/15/2015 presents a summary based on statements by representatives of the three organizations, demonstrating what brings them together: anti-PT sentiment and opposition to the Dilma Rousseff government and its members (Bendelli; Martín, 2015).

<sup>6</sup> The Levante Popular da Juventude emerged as a regional movement in Rio Grande do Sul. In 2011, it took on the human rights agenda. In 2014, it was one of the movements that positioned itself in favor of Dilma's reelection and, later, against the impeachment process, denouncing it as a coup.

<sup>7</sup> See: SUBVERSE FRAGMENT. Why create and support local Antifas and antifascist networks in Brazil? Published on November 30, 2014. Available at: <https://fragmentosubverso.wordpress.com/2014/11/30/por-que-criar-e-apoiar-antifas-locais-e-redes-antifascistas-no-brasil/>. Accessed on: September 20, 2024.

in 2016<sup>8</sup>, the Temer administration, the Bolsonaro administration, and President Lula's election in 2022.

This new landscape has prompted us to examine how youth construct political identities and the motivations behind their mobilization. The results presented here relate to an analysis of the 2018 elections, compared to 2014, and offer preliminary insights regarding the 2022 elections. Youth are present across the entire Brazilian and Latin American political-electoral spectrum; however, one notable development is their pronounced presence in far-right movements. Understanding the reasons for this is one of the primary objectives of the ongoing research.

The methodology adopted involved analyzing data from the Open Data platform of the Superior Electoral Court<sup>9</sup>, focusing on the profiles and electoral performance of candidates and those elected, comparing 2014 and 2018 while noting 2022. The analysis took into account the following categories and cross-references: i) race/ethnicity, gender, up to 29 years old, 30 to 35 years old, youth, and “non-youth”; ii) education level, occupation/profession of those elected; iii) party affiliation; young candidates/elected individuals; iv) total youth voting data, total votes with various demographic filters concerning the Chamber; v) renewal movements and re-elections; vi) total votes for elected candidates, national electoral ranking/weight, and their weighted representativeness in their respective states. We also used websites of movements and social organizations, candidates and elected representatives' social media accounts, and the Chamber of Deputies Portal<sup>10</sup>, to access candidates' backgrounds, political agendas, and parliamentary actions.

The method for gathering data from social networks was individualized, through daily monitoring of profiles and posts made by the observed young candidates and representatives. Through screenshots and analysis of the collected statements, we examined how they described themselves, the language used, the agendas presented, and whether or not they invoked youth identity. Another source was the *Congresso em Foco* on the UOL portal, which was used in conjunction with the National Congress website to observe their mandates.

Following this Introduction, with special attention to 2018, we present the data and analyses of the profiles of young candidates and elected representatives. Next, in the third section, we discuss the pillars of youth identities as well as youth agendas and public policies. Finally, the fourth and last section offers concluding remarks and an agenda for future research.

---

<sup>8</sup> The construction of the impeachment process and its outcome, with strong participation from the media and the political bloc that formed after his reelection in 2014, can be defined as a political coup. The impeachment was finalized without the alleged crimes of responsibility having been confirmed (Benevides *et al.*, 2018).

<sup>9</sup> BRAZIL. TSE Open Data Portal. Superior Electoral Court. Available at: <https://dadosabertos.tse.jus.br/>. Accessed on: September 20, 2024b.

<sup>10</sup> BRAZIL. Chamber of Deputies. Available at: <https://www.camara.leg.br/>. Accessed on: September 20, 2024a.



## **1. Youth in Politics: National Elections for the Chamber of Deputies**

The representation of youth, defined as those up to 29 years of age, in Brazil's National Congress has remained low. In the Chamber of Deputies, there were 20 elected in 2014, 19 in 2018, and 18 in 2022, representing an average of less than 4%. However, these electoral victories do not reflect the number of candidacies, as evidenced in the cases of 2014 and 2018. Considering that 23% (approximately 48.5 million people) of the Brazilian population is young, youth are significantly underrepresented among total parliamentary candidacies (Brasil, 2024b).

The analysis of the 19 young individuals elected to the Federal Chamber in 2018 revealed greater plurality among candidacies than among those elected. Following their trajectories led us to a process of de-essentializing representations that reinforce the image of youth as the “new,” associated with an expectation of transformation, especially in left-wing environments. Many young individuals reproduce mechanisms, political practices, and the formation of political capital (Bourdieu, 1989), with the goal of maintaining their place in formal representation, which can be interpreted as established or traditional forms of mandate reproduction.

Analyzing the political profiles of the elected youth allows us to identify two common trajectories: the reproduction of familial political capital, by “inheritance”; and the projection achieved through renewal, stemming from young individuals' participation in mobilizations, social organizations, and/or social networks. Data from the Superior Electoral Court (TSE)<sup>11</sup>, on the 2014 and 2018<sup>12</sup>, elections enable us to outline and classify youth profiles. The proportion of young candidates relative to the total number of candidates did not vary significantly between the 2014 and 2018 elections. In 2014, 5.91% (1,305) of the candidacies were young people—936 for state and district representatives, and 369 for federal representatives. In 2018, 5.34% (1,395) of candidates were under 29 years old, with 1,020 running for the Federal Chamber, 364 for State or District Assemblies, and 1 for the Federal Senate.

Table 1 below shows the distribution of youth candidacies by party and allows us to visualize the growth or reduction of these candidacies in the 2014 and 2018 elections. The data are organized in descending order, with parties having the highest number of young candidates in 2018 positioned at the top of the table.

---

<sup>11</sup> Data organized by Luiza Dulci and Daniel Andrade. In this first part, we aggregated state and district data (Brasil, 2024b).

<sup>12</sup> We chose to disregard candidacies classified as “unfit” by the TSE.

**Table 1** – Candidates under 30 eligible for federal and state/district elections - number (n) of candidates and percentage (%) relative to each party's total

Partidos	2014		2018		Δ 2014-2018	
	%	N	%	N	%	N
PSOL	10,78%	121	9,26%	117	-3,3%	-4
PSL	4,12%	28	6,52%	90	221,4%	62
REDE	0,00%	0	8,54%	69	-	69
PATRIOTAS	8,51%	67	6,12%	66	-1,5%	-1
PROS	6,83%	28	6,37%	64	128,6%	36
PcdoB	6,71%	51	7,79%	59	15,7%	8
AVANTE	6,56%	43	5,43%	51	18,6%	8
PSDB	5,66%	56	5,59%	49	-12,5%	-7
PRTB	6,63%	40	5,19%	44	10,0%	4
PHS	6,25%	51	4,81%	43	-15,7%	-8
PT	4,49%	55	3,60%	42	-23,6%	-13
PRP	4,65%	36	4,63%	40	11,1%	4
SOLIDARIEDADE	6,95%	33	5,42%	39	18,2%	6
PDT	4,88%	45	4,33%	38	-15,6%	-7
DC	5,80%	37	5,86%	38	2,7%	1
PPS	5,86%	33	6,17%	37	12,1%	4
PTC	5,62%	37	5,13%	35	-5,4%	-2
PMN	7,29%	35	5,33%	35	0,0%	0
PP	4,20%	29	4,94%	35	20,7%	6
PV	4,92%	46	4,12%	34	-26,1%	-12
MDB	3,45%	39	3,34%	34	-12,8%	-5
PODEMOS	5,79%	31	4,02%	34	9,7%	3
PR	3,95%	28	5,03%	34	21,4%	6
DEMOCRATAS	3,66%	20	5,08%	33	65,0%	13
PSB	6,02%	71	3,68%	32	-54,9%	-39
PSD	5,36%	33	4,63%	30	-9,1%	-3
PSC	5,63%	47	3,60%	29	-38,3%	-18
PPL	7,21%	29	5,33%	28	-3,4%	-1
PRB	4,40%	29	3,47%	28	-3,4%	-1
PTB	4,49%	37	4,52%	27	-27,0%	-10
PCB	10,85%	14	13,58%	11	-21,4%	-3
PSTU	18,21%	53	4,23%	8	-84,9%	-45
PCO	9,09%	3	20,59%	7	133,3%	4
Total	5,91%	1305	5,34%	1395	6,90%	90

**Source:** Data compiled from TSE by the research Project *Pesquisa Juventude no Olho do Furacão* – UFRRJ (*Youth in the Eye of the Storm* – UFRRJ), by Luiza Dulci.

*Political representation of youth in Brazil:  
young candidates and elected to the Chamber of Deputies 2014 – 2022*

Considering the total of 33 parties that fielded parliamentary candidates in 2018, there was an increase of 90 candidates under 29 years old, representing a 6.9% proportion. While half of the parties (17) reduced their number of young candidates, the other half (16) increased them. Among those with a reduction between the 2014 and 2018 elections, the largest decreases were observed in PSTU (-45), PSB (-39), PSC (-18), PT (-13), and PV (-12). Rede recorded the highest increase in youth candidacies; however, it should be excluded from the analysis, as it did not exist in 2014. Following Rede, PSL saw its young candidates rise from 28 to 90, partly due to Jair Bolsonaro's presidential candidacy. The third-largest increase was by Pros, which rose from 28 to 64 young candidates, likely due to its relatively recent founding in 2010. The fourth was DEM, with a net gain of 13 young candidates, bolstered by members from MBL. Changes in other parties were less significant.

PSOL's numbers are particularly notable; despite a slight decrease (-4) between 2014 and 2018, it maintained the highest number of youth candidates in both elections, with 121 and 117 respectively. Youth candidacies in PSOL accounted for over 10% of all youth candidates in 2014, and in 2018, they remained markedly higher than other parties. PSOL also elected the most young members to the Chamber of Deputies in 2018. Another party traditionally linked to youth, particularly in secondary, university, and graduate student movements, PCdoB, increased its youth candidacies from 51 to 59 across the two elections. Three major Brazilian political parties, PT (-13), PSDB (-7), and MDB (-5), reduced the number of youth candidates on their electoral lists.

Social markers of gender, race, and sexuality are significant when comparing young and over-30 candidacies. Gender parity is observed among young candidates, whereas among older candidates, there is a considerable disparity, with men predominating. While 49.8% and 47.5% of youth candidates in 2014 and 2018, respectively, were women, the proportion of older female candidates was 27.4% and 30% in the two elections.

**Table 2** – Candidates under 30 eligible for federal and state elections, by race and gender.

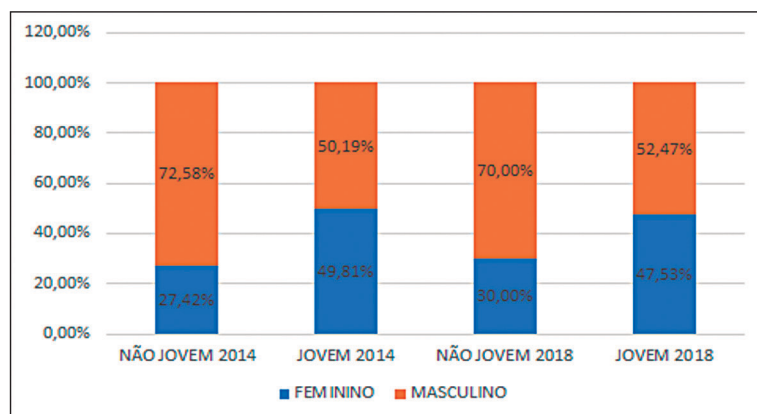
Sexo/Raça	2014	2018	Δ 2014-2018
Woman	650	663	2%
White	325	306	-6%
Brown	248	275	11%
Black	69	77	12%
Indigenous	3	3	0%
Yellow	5	2	-60%
Men	655	732	12%

Sexo/Raça	2014	2018	Δ 2014-2018
White	368	398	8%
Brown	217	250	15%
Black	65	77	18%
Indigenous	3	4	33%
Yellow	2	3	50%
Total	1305	1395	7%

**Source:** Data compiled from TSE by the research Project *Pesquisa Juventude no Olho do Furacão* – UFRRJ (Youth in the Eye of the Storm – UFRRJ), by Luiza Dulci.

Chart 1 illustrates the difference between young and older candidates by gender.

**Chart 1** – Young and Non-Young Candidates by Gender (2014-2018)<sup>13</sup>



**Source:** Data compiled from TSE by the research Project *Pesquisa Juventude no Olho do Furacão* – UFRRJ (Youth in the Eye of the Storm – UFRRJ), by Luiza Dulci.

Regarding the variable of color/race, there is also a notable disparity, especially among young young women, the majority of whom are non-white. There is greater equality between young white and non-white women than among those aged 30 or older. The proportion of young Black, Brown, Indigenous, and Asian women in 2014 and 2018 was 50% and 53.9%, respectively, considering the total number of young candidates. Among female candidates over 30, this proportion was 46% and 48%, respectively. For men, young Black, Brown, Indigenous, and Asian candidates made up 43.8% and 45.6% in 2014 and 2018, while among those over 30, the figures were 43.5% and 46.4%.

<sup>13</sup> Translation: blue color: Female; orange color: Male.

*Political representation of youth in Brazil:  
young candidates and elected to the Chamber of Deputies 2014 – 2022*

Transgender candidates can be identified through their use of a social name. In 2014, no candidate of any age used a social name. By 2018, there were four young transgender female candidates—two for federal positions and two for state positions, and 23 transgender female candidates over 29 years old, seven of whom ran for the Federal Chamber and 17 for state assemblies. In 2022, the first transgender individuals were elected to the Federal Chamber: Erika Hilton (PSOL-SP) and Duda Salabert (PDT-MG), both city councilors in São Paulo and Belo Horizonte, respectively.

The 2018 elections brought 19 young members to the Federal Chamber, accounting for 3.7% of the 513 available seats. Of these, four were women and fifteen were men, elected across 11 states: Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, and São Paulo. São Paulo elected five young representatives; Paraná elected four; Maranhão, two; and the remaining states, one each.

**Table 3** – Young Representatives Elected to the Federal Chamber in 2018

Name/State	Birth	Political party	Sex	Color/Race	Education	Occupation
Uldurico Júnior/BA	01/30/1992	PPL*	M	Brown	Superior Comp.	Deputy
Felipe Rigoni/ES	06/13/1991	PSB	M	White	Superior Comp.	Others
André Fufuca/MA	08/27/1989	PP	M	Brown	Superior Comp.	Deputy
Júnior Marreca Filho/MA	04/25/1992	PATRI	M	White	Superior Incomp.	Others
Emanuelzinho/MT	01/05/1995	PTB	M	White	Superior Incomp.	Businessman
Pinheirinho/MG	05/30/1991	PP	M	White	Superior Incomp.	Businessman
Hugo/PB	09/11/1989	PRB	M	White	Superior Comp.	Doctor
Aliel Machado/PR	02/26/1989	PSB	M	White	Superior Incomp.	Deputy
Filipe Barros/PR	05/29/1991	PSL	M	White	Superior Comp.	Councilman
Felipe Francischini/PR	10/02/1991	PSL	M	White	Superior Comp.	Deputy
Luisa Canziani/PR	04/11/1996	PTB	F	White	Superior Incomp.	Student**
João Campos/PE	11/26/1993	PSB	M	White	Superior Comp.	Engineer
Marcos A. Sampaio/PI	09/19/1991	MDB	M	White	Superior Comp.	Lawyer
Chris Tonietto/RJ	05/14/1991	PSL	F	Brown	Superior Comp.	Lawyer
Alexandre Leite/SP	04/18/1989	DEM	M	White	Superior Comp.	Deputy
Tabata Amaral/SP	11/14/1993	PDT	F	White	Superior Comp.	Political Scientist
Sâmia Bomfim/SP	08/22/1989	PSOL	F	White	Superior Comp.	Others
Enrico Misasi/SP	08/06/1994	PV	M	White	Superior Comp.	Lawyer
Kim Kataguirí/SP	01/28/1996	DEM	M	Yellow	Superior Incomp.	Writer and critic

**Source:** Data compiled from TSE by the research Project *Pesquisa Juventude no Olho do Furacão* – UFRRJ (Youth in the Eye of the Storm – UFRRJ), by Luiza Dulci.

\* In 2019, following the merger of PPL and PCdoB, Uldurico joined PROS.

\*\* The full category designation is “student, scholarship holder, intern, and the like.”

Regarding the racial/ethnic marker, the majority of elected candidates (15) self-identified as “white”; 3 identified as “brown,” and 1 as “Asian.” Educational data indicates that all had completed high school and pursued higher education, with most (13) holding a higher education degree. The occupational data aligns with the educational background: the youngest elected representative, Luisa Canziani, was the only one to identify as a “student.” Notably, five parliamentarians reported “deputy” as their occupation, and one listed “councilor.” Of the 19 young representatives, five were re-elected. Regarding party distribution, there is significant diversity. The two parties with the highest number of young representatives are PSL and PSB, each with three young elected members; PTB, DEM, and PP each elected two young members, and the remaining parties elected one each.

The electoral performance of each of the 19 young representatives elected to the Federal Chamber in 2018 can be seen in Table 4 below.

**Table 4** – Vote Counts of Young Representatives Elected to the Federal Chamber in 2018, Up to 29 Years Old

Name/State	Vote (n)	Position in state
Uldurico Júnior/BA	66343	34
Felipe Rigoni/ES	84405	2
André Fufuca/MA	105583	9
Júnior Marreca Filho/MA	79674	13
Emanuelzinho/MT	76781	3
Pinheirinho/MG	98404	25
Hugo/PB	92468	5
Aliel Machado/PR	95386	14
Filipe Barros/PR	75344	24
Felipe Francischini/PR	241537	2
Luisa Canziani/PR	90249	18
João Campos/PE	460387	1
Marcos Aurélio Sampaio/PI	73302	8
Chris Tonietto/RJ	38525	37
Alexandre Leite/SP	116416	34
Tabata Amaral/SP	264450	6
Sâmia Bomfim/SP	249887	8
Enrico Misasi/SP	108038	36
Kim Kataguiiri/SP	465855	4

**Source:** Data compiled from TSE by the research Project *Pesquisa Juventude no Olho do Furacão* – UFRRJ (Youth in the Eye of the Storm – UFRRJ), by Luiza Dulci.

The top vote-getter, proportionally, was Representative João Campos, elected by Pernambuco's PSB, with 460,387 votes, accounting for 10.63% of the electorate in his state. Kim Kataguirí, elected by DEM, secured the highest absolute number of votes (465,855), representing 2.21% of São Paulo's electorate. Data on the placement of parliamentarians in each state indicates that many young elected officials received significant votes, ranking among the highest in their states. João Campos was the only young candidate who led in votes in his state and was elected mayor of Recife in 2020. Among the top five most voted are Felipe Rigoni, 2nd in Espírito Santo; Felipe Francischini, also 2nd in Paraná; Emanuelzinho, 3rd in Mato Grosso; Kim Kataguirí, 4th in São Paulo; and Hugo, 5th in Paraíba. Additionally, André Fufuca, Tábata Amaral, Marco Aurélio Sampaio, and Sâmia Bomfim ranked within the top ten in their respective states. The phenomenon of "super voting" repeated in 2022 with 26-year-old Nikolas Ferreira (PL), a Bolsonaro supporter, as the most-voted deputy in the country, receiving over 1.4 million votes. Ferreira's agenda includes stances on homophobia, misogyny, pro-gun rights, and transphobia, and he currently chairs the Education Committee in the Chamber of Deputies.

The backgrounds and political trajectories of the elected parliamentarians are highly diverse. In line with a longstanding Brazilian political tradition, many are children, grandchildren, or relatives of politicians with local or national influence. This was the case for 11 of the 19 elected officials. Among them, some ran for the first time in the 2018 elections (e.g., Júnior Marreca Filho, Emanuelzinho, Luisa Canziani, João Campos, and Marcos Aurélio Sampaio). Others were re-elected to the Federal Chamber (Uldurico Júnior, André Fufuca, Hugo, and Alexandre Leite), while one served as a state deputy (Felipe Francischini). In 2012, Pinheirinho was elected mayor of Ibitiré, a municipality in the Belo Horizonte metropolitan area. Among those from politically connected families who had held office before 2018 were Aiel Machado (elected councilor in Ponta Grossa, PR, in 2012 and federal deputy in 2014), Felipe Barros (elected councilor in Londrina, PR, in 2016), and Sâmia Bomfim (elected councilor in São Paulo, SP, in 2016).

A political arena that has historically fostered young leadership is the student movement (Gonçalves, 2001). Among the young representatives elected in 2018, four have backgrounds in organized student activism. Felipe Rigoni was active in the junior enterprise movement, serving as president of the junior enterprise of the Production Engineering program at the Federal University of Ouro Preto (UFOP) and the Brazilian Confederation of Junior Enterprises. Aiel Machado began his activism in secondary school, presiding over the student council and the Ponta Grossa Municipal Union of Students. At the time, Aiel was a member of the Socialist Youth Union (UJS), affiliated with PCdoB, under which he ran for councilor in 2008 and won a seat in the subsequent election in 2012, later serving as the president of the Ponta Grossa City Council. In 2016, he ran for mayor and

was elected to the federal chamber in 2014, also by PCdoB. In 2015, he joined *Rede Sustentabilidade* and in 2018 moved with a faction of the party to PSB. Sâmia Bomfim is the third young leader from organized student activism, having been active in the Academic Center of the School of Humanities and the Central Student Directory at the University of São Paulo (USP). Felipe Barros graduated in Law from the State University of Londrina (UEL), where he served as President of the DCE (Central Student Directory).

In the field of education, Representative Tábata Amaral stands out. As a child, Tábata won several competitions and Olympiads in mathematics and physics, which earned her scholarships to prestigious schools in São Paulo and offers to pursue undergraduate studies at several American universities. She graduated in Political Science and Astrophysics from Harvard and co-founded the movements *Mapa Educação* and *Acredito*, respectively dedicated to education and the slogan of “political renewal.” Another representative linked to the *Acredito* movement is Felipe Rigoni<sup>14</sup>.

Some parliamentarians have built their political profiles on conservative platforms connected to right-wing movements or religious affiliations. Kim Kataguirí and Felipe Barros come from the Free Brazil Movement (MBL), with Kim currently serving as its main public figure. He became known for creating a video criticizing then-President Dilma Rousseff and the public policies of PT-led governments. At the time, he was an Economics student at the Federal University of ABC but left the course in his second year, identifying with the ideas of liberal economists like Ludwig Von Mises. Soon after, he connected with traditional politicians, such as Eduardo Cunha, and helped organize the March to Brasília against the Dilma government in early 2015. However, at the start of his term, he distanced himself from moral issues and emphasized a liberal economic agenda<sup>15</sup>. Re-elected in 2022 (União Brasil), he is now preparing to run for mayor of São Paulo in 2024.

Felipe Barros combined his involvement in the student movement with participation in right-wing collectives. He was a member of the Direita Paraná Movement and an activist in the pro-life (anti-abortion) and pro-family movements. He joined the MBL until 2018, when he became affiliated with PSL. Chris Tonietto, also elected as a representative by PSL, gained political visibility by opposing the video “Céu Católico,” produced by the YouTube channel Porta dos Fundos. Chris is Catholic, a member of the Dom Bosco Catholic Cultural Collective, and she took a stand against the video, which she argued was critical and mocking of the Catholic faith.

---

<sup>14</sup> I believe and Renova BR are movements with corporate support, such as the Lemann group, for the political education of young people.

<sup>15</sup> As announced by the deputy, “the main objective of these four years is to approve a pension reform. It will be the focus of my term because it is the main problem in the country.” (Miltão; Ramalho, 2019, n. p.).



Another representative with church ties is Felipe Francischini, who was also elected by PSL, is an evangelical, and is a member of the Assembly of God. Enrico Misasi is not directly affiliated with the church but worked as a parliamentary assistant to São Paulo State Representative Reinaldo Alguz, who has significant involvement in the Catholic Church's charismatic renewal movement.

Thus, while there is a noteworthy diversity among candidacies, there remains a predominantly male, heteronormative, white profile, with the continuation of family political capital and/or institutional paths perceived as “traditional.” We see that political agendas reveal significant variations that reinforce multiple affiliations.

## **1. Youth as Identity and as a Political Agenda**

Since the democratic transition in the late 1980s, Brazil has experienced a continuous, albeit nonlinear, process of institutionalizing rights and public policies created or derived from the 1988 Federal Constitution. The establishment of unified policy systems—health, social assistance, food, and nutrition security—reflects this movement, recognizing the conceptual, practical, and political contributions of various historically marginalized social groups. Youths are among these, formally incorporated into the national public agenda in 2005, and with the Youth Statute of 2013, they reinforced the agenda of the National Youth System, Sinajuve. (Castro; Macedo, 2019). This recent trajectory reflects the emergence of a range of processes and forms of political participation and growing institutional representation in the public sphere (Ribeiro; Romão; Seidel, 2021)

As is well known, the 2018 election represented a political turning point in Brazil. Numerous achievements, rights, and public policies were attacked, abolished, and reconfigured to meet the conservative priorities that emerged in the country. Such changes had a profound impact on the political and cultural agenda of Brazilian youth. On an institutional level, the dismantling of Youth Policy Programs (PPJs) at the national level led to a corresponding weakening of youth policies at the state and municipal levels. Consequently, the advocacy for PPJs, which had slowly been consolidating in the public agenda over the past decades, lost prominence in the discourse and agendas of Brazilian youth.

An analysis of the role of youth in the laws of the Multi-Year Plan (PPA) highlights the rise in the early 2000s and 2010s and the recent regression. The documents from the administrations of Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), Lula (2003-2010), Dilma (2011-2016), Temer (2016-2018), and Bolsonaro (2019-2022) depict the intense ongoing dispute, both within each government and with society. We observe a trajectory that is highly sensitive to changes in government. From *being identified as at-risk youth*, lacking a clear definition; to the inclusion

of the youth population in public policies, with defined programs and budgets during Lula's second term; to an expansion of characterization and objectives under Dilma's administration, and ultimately to their disappearance from the PPA under the Bolsonaro government (Castro; Oliveira; Rico, 2024).

Therefore, considering youth participation in parliament also involves observing how young candidates and elected officials identify themselves as youth, and their political agendas, rights, and public policies that can be classified as pertaining to youth or that they themselves designate as such. The young parliamentarians studied in 2018 exhibited various ways of engaging with the specific youth agenda, and upon their arrival in Congress, some who were previously aligned with youth causes distanced themselves from these issues. Understanding how and why this occurred is also one of the objectives of the present investigation.

There are elements suggesting that this stance may represent a way to distance oneself from the youthful condition, which associates youth with transition (Castro, 2013), laden with perceptions of being *politically in formation, inexperienced, and citizens of the future*. Such aspects tend to diminish legitimacy when it comes to expressing and defending ideas and worldviews in parliament (Castro, *et al.*, 2009). The weight of these factors may account for the low representation of young individuals under 29 in Congress, which remains just above 4%.

A recurring interpretation is that youth engagement embodies renewal and opposition to "traditional" forms of political action, leading to the assumption that young people are averse to participating in political parties and parliamentary representation. However, our survey of parliamentarians elected in 2018 revealed significant voting patterns within the spectrum of the right and far-right, as evidenced by the intense parliamentary participation of young individuals such as Kim Kataguirí (DEM/SP) and Chris Tonietto (PL/RJ) in 2018. In 2022, we observed similar movements within the right, with significant votes and active political engagement from candidates and parliamentarians elected, such as Nikolas Ferreira (PL/MG), the most-voted federal deputy in Brazil, and Kim Kataguirí (União Brasil/SP), among others.

Tracking the parliamentarians elected in 2018, their trajectories, and the re-election of some of them in 2022 allowed for the observation of intense party dynamics, as well as their involvement in movements and collectives that participated in the national dispute. For instance, Kim Kataguirí, elected by DEM in 2018, transitioned to União Brasil; Fellipe Barros, who has a longer party history (starting with PSDB), was elected by PSL in 2018, moved through União Brasil, and was re-elected in 2022 by PL; Cris Tonietto also transitioned from PSL to União Brasil and was elected in 2022 by PL. Among the 2022 candidates, one name stands out: Fernando Holiday, elected as a councilor in São Paulo in 2018 by DEM, who moved through Patriotas, Novo, and served as a substitute with the Republicans in 2022.

The party movements of these parliamentarians either distance themselves from or remain loyal to Bolsonaro and/or the agendas of the far-right. However, we observe that they unify around economic agendas. In contrast, representatives Tábata Amaral (PDT) and Sâmia Bonfim (PSOL) maintained their party affiliations between 2018 and their re-elections in 2022.

In 2018, we observed a strong presence of collectives self-identified as *Bolsonaristas*, as well as groups presenting themselves in the political arena advocating for positions characterized as *liberal and conservative*. The period following the 2018 elections was marked by heightened tensions within this sphere, which led to the distancing of the Movimento Brasil Livre (MBL) from its association with Bolsonaro, resulting in a more direct abandonment of value-based agendas and a concentration on opposing the Workers' Party (PT), defending liberal policies, and advocating for a reduction of the state. This rupture became particularly evident in 2019 amidst the accusations and demands for investigation concerning Flávio Bolsonaro:

The deputy stated that he is a “critical” ally of the president. He understands that certain sectors of the Bolsonarist movement defend the president’s son, Senator Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), who is involved in a civil investigation by the Public Ministry, at all costs. Kim published a photo of a soda machine on his social media, supporting the investigation of both left- and right-wing politicians. “Today, I face significant backlash from Bolsonaro’s supporters,” he recalls. For him, part of the movement perceives the current president of the Republic as a “colonel.” These sectors demanded fewer indications to complain about PT’s corruption compared to what they are now demanding regarding Flávio’s case (Miltão; Ramalho, 2019, n.p., our translation).

This stance generated internal reactions within the movement. An interesting case was the departure of Fernando Holiday, one of the MBL’s most prominent leaders, who justified that the movement’s priorities were increasingly marked by economic themes and less by the issues he wished to dedicate himself to, which we can classify as “values” issues<sup>16</sup>.

From a qualitative perspective, the material collected from social media, in a sampling manner during the 2018 electoral period, indicates a language that engages youth as an important electoral segment by candidates who later became federal deputies, although it mobilizes little to no agendas associated with rights and public youth policies (PPJs). Another element to be highlighted is the agendas of these parliamentarians in political disputes, both nationally and regionally, and their rela-

---

<sup>16</sup> Interview with José Fucs from Estadão (Fucs, 2021)

tionship with the cultural, social, and economic conflicts inherent in the competing visions for the country. Generally, we observe that the majority of young elected officials in 2018 aligned with the Bolsonaro government, albeit with differences, and even presented themselves publicly as opposition, as was the case with Kim Kataguiri, particularly regarding economic issues. There are, therefore, profiles that converge and diverge based on their trajectories, yet navigate and intersect in both “new” and “old” forms of political engagement.

In observing the elected parliamentarians, without the intention of a detailed analysis of parliamentary action, the issues addressed as legislative proposals in the early months of 2019 were diverse<sup>17</sup>. We noted that some reinforced the campaign statements, such as Tabata Amaral, who maintained her focus on education; Felipe Rigoni, who prioritized issues for people with disabilities; Felipe Barros, who focused on anti-corruption and anti-PT agendas; Kim Kataguiri, who advocated for anti-corruption measures and pension reform; and Samia Bomfim, who opposed gun possession while defending women’s rights.

Many of these parliamentarians distanced themselves from the Bolsonaro government; however, we observe that the majority continued to vote in alignment with the Bolsonaro administration, with over 80% of votes aligning with the government coalition, according to Radar Congresso em Foco (UOL). Among those who did not vote with the government, Samia Bomfim (PSOL) was the most distanced, with only 16% alignment, followed by Aliel (PSB) at 35% and Tabata Amaral (PDT) at 55%. The others, including Kim Kataguiri (DEM), despite not aligning publicly on issues with the government, maintained a high degree of alignment in their voting behavior (87%). Additionally, there were those who aligned with nearly 100% consistency, such as Cris Tonieto (PSL), Felipe Barros (PSL), Felipe Francischini (PSL), and Pinheirinho (PP). As seen in the cases of the first two, these individuals engaged in party switching in alignment with Bolsonaro. There are also two parliamentarians, Felipe Rigoni (PSB) and Enrico Misasi (PV), who present a 70% alignment.

This preliminary assessment may reveal more about the Bolsonaro government’s capacity to address neoliberal and value-based agendas simultaneously during its administration than about the specific actions of young parliamentarians. Nonetheless, it also highlights the need to problematize the notions of “new” and “old” in politics, particularly in the process of institutionalization, as interpreted by Bourdieu (1989), in the effort to strengthen political capital that relates to the constructs that led these candidates to election and the processes of reproduction of institutional permanence. For instance, Felipe Barros, who maintained proposals

---

<sup>17</sup> A base dessa primeira análise são as proposições legislativas dos primeiros meses ordenadas pelo Radar do Congresso e sua classificação “mais ou menos Governista” a partir da votação no congresso (Uol, 2019). Disponível em: <https://radar.congressoemfoco.com.br/parlamentar/1204534/proposicoes>. Acesso em: 20 set. 2024.

characterized by an anti-communist and anti-PT stance and was among the most aligned with the Bolsonaro government, directed the most actions (including funding) in his initial legislative proposals to his home region, thereby bolstering his political base (Bezerra, 1999), which included funding for universities and schools.

The examination of the legislative proposals from certain elected parliamentarians during the 2019-2022 legislative term indicates a persistence among a significant number of young deputies in themes and narratives frequently invoked during electoral periods, such as anti-PT sentiment or *Bolsonarismo*. This persistence leads us to a sense of an elongated political timeline, akin to a temporal loop, as if we were in an eternal second round of elections. This scenario continued into the 2022 elections, intensified by the confrontation between Lula and Bolsonaro<sup>18</sup>.

## **Final considerations**

The political, cultural, social, technological, and economic transformations experienced in Brazil and worldwide in recent years have provoked changes in politics in terms of prevailing actors, agendas, and methods of mobilizing and competing for formal representation. Youth are presented as a privileged segment for analyzing such processes, as they are particularly affected by economic changes and social rights issues. Thus, in times of rapid change in the political landscape, focusing on youth and their political engagement helps us observe and understand broader processes experienced by society.

The data collected and analyzed in the present study aim to contribute to understanding Brazilian youth's political engagement in recent years. It indicates the deepening of social conflicts and their relationship with themes frequently identified as cultural, customary, or moral, which reinforces analyses within the field of intersectionality. There are young parliamentarians from working-class backgrounds who align themselves with conservative economic agendas; similarly, there is a notable rejection from a significant portion of the electorate toward youth candidacies, evidenced by the fact that less than 4% of elected deputies are under 29 years of age, while the "old politics" remains a subject of critique.

Understanding the meanings and political practices adopted by youth is the driving force behind this contribution, which extends beyond the legislative space, although it acknowledges the relevance of legislative action to the public agenda. In this sense, it is essential to emphasize that the analysis of elected legislative representations is, in fact, insufficient for comprehending the ongoing and ever-evolving

---

<sup>18</sup> The research is ongoing and covers the 2022 election and the first year of parliamentary activity. The data is being processed and will be used in future work.

phenomena in contemporary Brazil. That is, there are hundreds of young individuals contesting institutional spaces, and thousands of voters investing in these platforms and candidates, yet due to the available investigative methods, they fade from the research lens.

Nonetheless, this analysis contributes to understanding the possibilities of political representation, with legislative action—often overlooked in research on political participation—serving as an additional locus for understanding the formation of identities, actions, agendas, organizational processes, and the occupation of political spaces by youth. By delving into quantitative data on the profiles and electoral performance of candidates, as well as tracking their agendas and actions from the time of electoral competition, this study allows for a critical examination of recurring perceptions that attribute the low presence of youth in the federal legislature to a disinterest in institutional political representation.

The recurrent instances of “supervoting,” which could be exclusively attributed to engagement on social media, appear in conjunction with competition within political parties of varying ideological shades. We observe that youth public policies have had less presence on the agendas of candidates and elected officials in recent elections. We can assert that youth political engagement manifests in a variety of ways; undoubtedly, parliamentary action is one of them. With a significant number of young candidates presenting themselves for election to this body, the question remains regarding the low youth representation in the Chamber of Deputies—not as an expression of disinterest among young people, but rather as a reflection of their low recognition as eligible candidates. Nevertheless, they continue to engage at the center of national issues and the disputes surrounding their local experiences.

## REFERENCES

ALTMAN, Breno; CARLOTTO, Maria (orgs.). **Junho de 2013 – a rebelião fantasma**. São Paulo: Boitempo, 2023.

ARAÚJO, Rogério de Oliveira; PEREZ, Olívia Cristina. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Revista Estudos de Sociologia**. Araraquara, v.26 n.50 p.327-349 jan.-jun, 2021.

BARBOSA J. R., Movimento Brasil Livre (MBL)” e “Estudantes Pela Liberdade (EPL)”: Ativismo Político, Think Tanks e Protestos da Direita no Brasil Contemporâneo. 41º Encontro Anual da ANPOCS, CAXAMBU, MG, 2017

BENDELLI, Talita; MARTÍN, María. Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências. **El País**, São Paulo, 15 mar. 2015. Brasil. Available at: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527\\_427203.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html). Accessed in: 29 jun. 2024.

*Political representation of youth in Brazil:  
young candidates and elected to the Chamber of Deputies 2014 – 2022*

BENEVIDES, S. C. O.; MARTINS, T. J.; SILVA, M. F. da; PASSOS, A. Q. Impeachment sem crime é golpe: considerações sobre o processo de deposição de Dilma Rousseff in GONZÁLEZ, M. V. E.; CRUZ, D. U. da (orgs.) **Democracia na América Latina [recurso eletrônico]: democratização, tensões e aprendizados Buenos Aires**. CLACSO; Feira de Santana: Editora Zarte, 2018.

BEZERRA, Marcos Otávio. **Em nome das “bases”** – política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006, p.329-376.

BRASIL. **Câmara dos Deputados**. Available at: <https://www.camara.leg.br/>. Accessed in:20 set. 2024a.

BRASIL. **Portal de Dados Abertos do TSE**. Tribunal Superior Eleitoral. Available at: <https://dadosabertos.tse.jus.br/>. Accessed in:20 sep. 2024b.

CASTRO, Elisa Guaraná. Seguimos no Furacão! Junho de 2013, por um balanço com as juventudes. **Revista Esquerda Petista**, setembro, n. 15, 2023.

CASTRO, Elisa Guaraná. Rural Youth A Political Actor of Social Movements in Brazil and Its Impact on Youth Policies. In: BENEDICTO, Jorge; URTEAGA, Maritza; ROCCA, Dolores (orgs.). **Young People in Complex and Unequal Societies: Doing Youth Studies in Spain and Latin America**. 1 ed. Leiden; Boston: Brill, 2022, v.18, p. 328-354.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná; MACEDO, Severine Carmem. Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças. **Revista Direito e Práxis**, v.10/2, p.1214-1238, 2019.

CASTRO, Elisa Guaraná; MARTINS, Maíra; ALMEIDA, Salomé Lima Ferreira de; RODRIGUES, Maria Emilia Barrios; CARVALHO, Joyce Gomes de. **Os Jovens estão indo embora?** - juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: EDUR/Mauad, 2009. Available at: <https://repositorio.iica.int/handle/11324/20159>. Accessed in:20 sep. 2024.

CASTRO, Elisa Guaraná; OLIVEIRA, Raphaella. M. de; RICO, Thiago. C. As Políticas Públicas para Juventude no Brasil - revendo a trajetória recente. In: LARA, René Unda; VÁZQUEZ, Melina; BERETTA, Diego; PEREZ, Olivia (orgs.). **Jóvenes, Estado y acción colectiva**: lecturas generacionales de la política en el contexto pandémico. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Cuenca: Abya-Yala, Universidad Politécnica Salesiana, 2024.

DULCI, Luiza; MACEDO, Severine Carmem. Quando a juventude torna-se agenda governamental: reconhecimento político e direito a ter direitos nos governos Lula e Dilma.

*In*: MARTIN, Laura; VITAGLIANO, Luis (Orgs.). **Juventude no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

FRAGMENTO SUB-VERSO. Por que criar e apoiar Antifas locais e redes antifascistas no Brasil? Publicado em 30 novembro, 2014. Available at: <https://fragmentosubverso.wordpress.com/2014/11/30/por-que-criar-e-apoiar-antifas-locais-e-redes-antifascistas-no-brasil/>. Accessed in:20 sep. 2024.

FRASER, Nancy. Reconhecimento Sem Ética? **Lua Nova**, São Paulo, 70: 101-138, 2007.

FRASER, Nancy. Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da Justiça na era Pós-Socialista. *In*: SOUZA, Jessé. **Democracia Hoje**: novos desafios para a política democrática contemporânea. Brasília, UNB, 2001.

FUCS, André. Entrevista Fernando Holiday. **Estadão**, São Paulo, Política 29 jan./2021. Available at: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/01/29/o-combate-ao-aborto-e-a-causa-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl.htm?cmpid=copiaecola>. Accessed in:29 jun. 2024.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de Protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba: Champagnat e PUCPR, v.16, n.47, p. 125-146, jan/abr. 2016.

GOMES, Karine do Prado Ferreira. **Comunicação e resistência na cibercultura: Movimentos Net-ativistas e as controvérsias do Movimento Brasil Livre**. Dissertação de mestrado. – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, 2017.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Jovens na política: animação e agenciamento do voto em campanhas eleitorais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2001.

HARVEY, David; DAVIS, Mike; ZIZEK, Slavoj; ALI, Tariq; SAFATLE, Vladimir. **Occupy**. São Paulo: Boitempo; Carta Capital, 2012.

JENNINGS, A.; ROLNIK, R.; LASSANCE, A. (et al) **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2014.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017. doi: 10.1590/s0102-69922017.3203004

MILTÃO, Eduardo; RAMALHOSO, Wellington. Alinhado com Guedes, Kim Kataguiri quer relatar a Reforma da Previdência. **UOL**, Brasília e São Paulo. 03 fev. 2019. Available at: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2019/02/03/alinhado-com-guedes-kim-kataguiri-quer-relatar-a-reforma-da-previdencia.htm?cmpid=copiaecola>. Accessed in:20 sep. 2024.



*Political representation of youth in Brazil:  
young candidates and elected to the Chamber of Deputies 2014 – 2022*

NOVAES, Regina. Juventude/juventudes? **Comunicações ISER**, Rio de Janeiro, v. 17, n.v50, 1998.

PALMEIRA, Moacir. Política, facções e voto. *In*: PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio. (org.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

PEREZ, Olívia Cristina. Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. **Izquierdas**, v. 1, p. 1-16, 2021.

PEREZ, Olívia Cristina; VOMMARO, Pablo. Apresentação. *In*: PEREZ, Olívia Cristina; VOMMARO, Pablo. (Org.) Juventudes latino-americanas: Desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, 23(1), 2023.

PIGNATARO, Ádrian; TREMINIO, Ilka; CHAVARRÍA-MORA, Elias. Democracia, apoyo ciudadano y nuevas generaciones frente al retroceso democrático en Centroamérica. **Anuario de Estudios Centroamericanos**, Universidad de Costa Rica, Facultad de Ciencias Sociales Vol. 47, p.1-30, 2021. DOI: 10.15517/aeca.v47i0.49734. Available at: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/anuario/article/view/49734>. Accessed in: 20 sep. 2024.

RAMOS, Jair. de S. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência: revista de antropologia**. Natal: UFRN/DAN/PPGAS v. I., N 45, jan/jun. de 2015.

RIBEIRO, Ednaldo A.; ROMÃO, Wagner; SEIDL, Ernesto. Apresentação dossiê participação política no Brasil: mudanças e permanências nos padrões de ativismo político. **Revista Estudos de Sociologia**. Araraquara v.26 n.50 p. 21-27, jan.-jun, 2021.

SEMÁN, Pablo. Introducción. La piedra en el espejo de la ilusión progresista. *In*: SEMÁN, Pablo (org.). **Está entre nosotros: de dónde sale y hasta dónde puede llegar la extrema derecha que no vimos venir?** Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2023.

STOLCKE, Verena. O Enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos Impérios Transatlânticos do século XVI a XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1):336, janeiro-abril, 2006, p. 15-41.

UOL. Radar do Congresso. Proposições. 2019. Available at: <https://radar.congressoemfoco.com.br/parlamentar/1204534/proposicoes>. Accessed in: 20 sep. 2024.

**Received on:** 29/06/2024

**Approved:** 08/08/2024



YOUTH AND ADHERENCE TO DEMOCRACY  
IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS

*JUVENTUDE E ADESÃO À DEMOCRACIA  
NO SUL DE MINAS GERAIS*

*JUVENTUD Y ADHESIÓN A LA DEMOCRACIA  
EN EL SUR DE MINAS GERAIS*

*Marcelo Rodrigues CONCEIÇÃO\**

*Luís Antonio GROppo\*\**

*Odair SASS\*\*\**

**ABSTRACT:** The research ‘Southern Minas Gerais identity’ produced relevant data on adherence to democracy in the South of Minas Gerais according to different age groups. These data allow us to question the extent to which younger people have demonstrated greater support in this region compared to older age groups and how young people relate to the main institutions of representative democracy, particularly elections, and parties. The article carries out this discussion and analysis after presenting a bibliographical survey on youth and adherence to democracy. Among the results, it is worth highlighting that there is an indication that the adherence of young people from the South of Minas Gerais is higher than that of other age groups, but there is no statistical evidence for this. Distrust in the most traditional institutions of democracy is great, and the lack of understanding of the difference between politics and government seems to leave out greater possibilities of approaching those in power.

**KEYWORDS:** Youth. Democracy. South of Minas Gerais.

---

\* Professor in the Department of Human Sciences at the Federal University of Alfenas (UNIFAL-MG), MG, Brazil. Doctoral degree and M.A. in Education (PUC-SP), B.A. in Social Sciences (Unimarcos). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0277-749X>. Contact: [marcelo.conceicao@unifal-mg.edu.br](mailto:marcelo.conceicao@unifal-mg.edu.br).

\*\* Professor in the Department of Human Sciences at the Federal University of Alfenas (UNIFAL-MG), MG, Brazil. Doctoral degree in Social Sciences and M.A. in Sociology (Unicamp), B.A. in Social Sciences (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0143-5167>. Contact: [luis.groppo@unifal-mg.edu.br](mailto:luis.groppo@unifal-mg.edu.br).

\*\*\* Professor in the Graduate Program in Education: History, Politics, and Society at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), SP, Brazil. Psychologist, Doctoral degree, and M.A. in Social Psychology (PUC-SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1803-0297>. Contact: [odairsass@pucsp.br](mailto:odairsass@pucsp.br).

**RESUMO:** *A pesquisa ‘A identidade sul-mineira’ produziu dados relevantes sobre a adesão à democracia no Sul de Minas Gerais, de acordo com as diferentes faixas etárias. Esses dados permitem interrogar até que ponto as pessoas mais jovens têm demonstrado maior adesão à democracia nesta região em comparação com faixas etárias mais velhas e como os jovens se relacionam com as principais instituições da democracia representativa, em destaque eleições e partidos. O artigo realiza esta discussão e análise após apresentar um levantamento bibliográfico sobre juventude e adesão à democracia. Entre os resultados, destaca-se que há uma indicação de que a adesão dos jovens sul-mineiros é superior às dos demais grupos etários, mas sem comprovação estatística para tal. A desconfiança nas instituições mais tradicionais da democracia é grande, e a falta de compreensão sobre a diferença entre política e governo parece deixar de fora maiores possibilidades de aproximação com os governantes.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Juventude. Democracia. Sul de Minas Gerais.*

**RESUMEN:** *La investigación ‘Identidad del Sur de Minas Gerais’ produjo datos relevantes sobre la adhesión a la democracia en el Sur de Minas Gerais según diferentes grupos de edad. Estos datos nos permiten cuestionar hasta qué punto los jóvenes han demostrado un mayor apoyo en esta región en comparación con los grupos de mayor edad y cómo se relacionan los jóvenes con las principales instituciones de la democracia representativa, en particular las elecciones y los partidos. El artículo realiza esta discusión y análisis después de presentar un estudio bibliográfico sobre juventud y adhesión a la democracia. Entre los resultados, vale destacar que hay indicios de que la adherencia de los jóvenes del sur de Minas Gerais es mayor que la de otros grupos etarios, pero sin evidencia estadística para ello. La desconfianza en las instituciones más tradicionales de la democracia es grande, y la falta de comprensión sobre la diferencia entre política y gobierno parece dejar fuera mayores posibilidades de acercamiento con quienes están en el poder.*

**PALABRAS CLAVE:** *Juventud. Democracia. Sur de Minas Gerais.*

## **Introduction**

Since at least the 2013 Protests, Brazil has been shaken by a series of street demonstrations. These protests were followed by a range of others, some of which were progressive, such as the high school student occupations in 2015 and 2016,

while others carried conservative overtones, with large gatherings during those same years calling for the impeachment of President Dilma Rousseff. This was followed by the 2018 elections, with a clear rightward shift in national and state levels across the executive and legislative branches. Representative democracy and its institutions, which once seemed solidified, found themselves seriously questioned by both left- and right-wing ideological arguments. Large street demonstrations, which had appeared to be a thing of the past, returned to the political forefront until the COVID-19 pandemic. An intensifying political polarization, unprecedented in the post-dictatorship period, began to characterize social life, seeping into individuals' daily lives and family dynamics.

One pressing issue now revolves around the stability and consistency of Brazilian society's commitment to representative democratic values. Since the end of the military-civil dictatorship, Brazil has experienced an uninterrupted period of democratically elected governments up to the 2016 impeachment and a minimum threshold of democratic guarantees respected and upheld by political institutions<sup>1</sup>. This question, which seemed easier to answer before 2013, has since taken on increasingly complex and ambiguous responses, especially following the election of a president and multiple other officials who adopt heavily anti-democratic rhetoric.

A series of surveys have been systematically conducted in Brazil and other countries to assess public support for democracy. A key question in these surveys, which has become standardized, was included in the research agenda of *A identidade sul-mineira: diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais*<sup>2</sup> (The South-Minas Identity: Cultural, Social, Political, and Economic Diagnosis of Southern Minas Gerais). This question asked whether respondents considered democracy the best form of government in any situation. This question is treated here as an entry point to understanding the degree of democratic support among the South Minas population, with particular attention to age group differences.

We hypothesize that younger generations are more inclined toward democracy, given recent election outcomes by age group (showing younger voters tending to support fewer far-right candidates with anti-democratic rhetoric) (PODER360, 2023) as well as youth participation in progressive protests since 2013. The aforementioned research (PODER360, 2023), alongside other studies on diverse social issues, defines youth as those between 16 and 24 years old, which is the approach taken in this study. Although the 2013 Youth Statute (Brazil, 2013) defines youth

---

<sup>1</sup> For the purposes of this article, Robert Dahl's definition of democracy is adopted, which must meet criteria relating to political equality, electoral competitiveness and public accountability (Dahl, 2009).

<sup>2</sup> The research was developed by the Federal University of Alfenas (UNIFAL-MG), through the Pro-Rectory of Research and Postgraduate Studies and had the participation of professors from several courses at the Institution.

as those aged 15 to 29, from a sociological perspective, the category of youth up to age 24, in countries like Brazil, better demarcates the end of typically youthful experiences. These include academic pursuits (particularly higher education), lack of financial independence, residing with parents or guardians, and engaging in youthful social spheres. Furthermore, it is worth noting that voting rights become optional starting at age 16.

## **Field Research Methodology**

According to the regional division by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2017), the South of Minas Gerais encompasses 162 municipalities located within the intermediate regions of Pouso Alegre and Varginha, further divided into 15 immediate regions: five within the Pouso Alegre intermediate region and ten within that of Varginha. The immediate regions and the number of municipalities surrounding each are as follows: Pouso Alegre (34); Poços de Caldas (8); Itajubá (14); São Lourenço (16); Caxambu-Baependi (8); Varginha (5); Passos (15); Alfenas (13); Lavras (14); Guaxupé (9); Três Corações (6); Três Pontas-Boa Esperança (5); São Sebastião do Paraíso (5); Campo Belo (5); and Piumhi (5).

The estimated population for this region was approximately 2,900,000 residents, based on 2021 population estimates from IBGE. Using this estimate, the sample size was calculated at 1,320 cases, with a margin of error of 2.7 percentage points and a confidence level of 95%. Subsequently, 20 municipalities were selected to cover all regional divisions defined by IBGE (2017) for the South of Minas Gerais.

The decision to include 20 municipalities was based on the university's location and the intention to cover the entire region as defined geographically by the IBGE. Four municipalities were intentionally selected: Alfenas, Poços de Caldas, and Varginha, where the Federal University of Alfenas (UNIFAL-MG) has facilities, and Pouso Alegre, the principal municipality within its respective intermediate region. The remaining 16 municipalities were chosen through a simple random draw, ensuring representation across all 15 immediate regions. The sample was stratified by gender, household income, age group, and educational level, based on 2010 Census data. According to the 2010 data, the population aged 16 to 24 accounted for 14.88%. Respondents within this age range made up 16.1% of the survey participants, as shown in Table 1.

**Table 1** – Distribution of Interviews by Age Group

Age range	N	%
16 to 24 years	213	16,1
25 to 34 years	260	19,7
35 to 44 years	264	20,0
45 to 54 years	213	16,1
55 to 64 years	246	18,6
65 or older	124	9,4
<b>Total</b>	1320	100,0

**Source:** Based on data from the research Project *A identidade sul-mineira* (The Identity of South Minas Gerais), UNIFAL-MG, 2022.

The study, *A identidade sul-mineira mineira* (The Identity of South Minas Gerais), covered various aspects of culture, economy, politics, religion, labor, human rights, and regional characteristics. The primary question for this study concerned the form of government. This question was presented as follows:

Some people say that democracy is always better than any other form of government. Others believe that, in certain situations, a dictatorship is better than a democracy. I will read two statements, and I would like to know which one is closer to your way of thinking: Democracy is always better than any other form of government; In some situations, a dictatorship is better than democracy (UNIFAL-MG, 2022, n.p., our translation).

Respondents could spontaneously answer, “**It doesn’t matter,**” although this option was neither prompted nor suggested. It was not possible to respond with disagreement to both statements.

Additional questions that assist in the analyses pertain to: a) youth perceptions of the importance of elections, political organization, and the understanding between politics and government; b) levels of trust (some, a lot, total, little, or none) in organizations and social groups, including religious groups, social movements, the Federal Police (PF), elections, political parties, the National Congress, the Legislative Assembly of Minas Gerais, Municipal Councils, the Presidency of the Republic, the State Government of Minas Gerais, Municipal Governments, and the Federal Supreme Court (STF).

In light of these considerations, two guiding questions shape the analyses in this article: What are the similarities and differences in the ways South Minas youth express adherence to democracy? Which institutional and social elements are engaged by youth in South Minas?

Beyond the questions posed in the survey, a literature review specific to this article was conducted using the keywords “youth” and “democracy.” The selected

sources were compared with one another and included in works examining youth participation in contemporary social movements in Brazil. From this, we developed categories for data analysis. This discussion of the literature review and the analytical categories is presented in the following section.

In the third section, we analyze the survey data concerning adherence to democracy, considering different age groups. In the fourth section, we examine data on youth trust in major institutions of representative democracy, with a focus on elections and political parties. The article concludes with final considerations that summarize the main findings.

## **Youth and Democracy in Contemporary Brazil: Some Considerations**

In conducting a literature review using the descriptors “youth” and “democracy” within Scielo and the CAPES Periodicals Portal, we identified 117 works. Of these, six were particularly notable in their potential contributions to the topic of this article, as they specifically addressed youth support for democracy.

The first work, by Borba and Ribeiro (2021), connects support for democracy to formal education. The article tests the hypothesis that increased access to schooling would enhance “popular support for democracy.” Using time-series analysis techniques and logistic models based on opinion survey data from 1998 to 2018, the study concludes that there is no evidence in this data to suggest increased support for democracy among the general population. It finds that short-term factors significantly impact support and satisfaction with democracy and, ultimately, that the primary effect of schooling is seen in “normative adherence to democracy.” Regarding age range, the authors focused on youth aged 16 to 24 years, the same range as previously mentioned for the analyses presented here.

To reach these conclusions, Borba and Ribeiro (2021) offer an insightful conceptual and theoretical discussion, contributing to the construction of analytical categories relevant to this article. They draw from David Easton’s concept of legitimacy, defined as “support conferred by citizens to a political regime” (Borba; Ribeiro, 2021, p. 2, our translation), which has two levels: “diffuse support for basic values” (a more normative dimension associated with political socialization) and “specific support for the concrete functioning” of institutions and the performance of those operating them. The article aims to adopt a longitudinal perspective on the legitimacy of the democratic regime, examining the predictions of “political socialization” theories (which argue that learning democracy generates a lasting legacy) alongside “democratic performance” theories (where support is linked to the regime’s ability to deliver results, whether in the form of democratic goods, such as freedom, or tangible goods, like economic growth).



Concerning the “effects of formal education” on support for democracy, studies and theories generally assert that these effects are positive but decline over time. Nevertheless, schooling becomes increasingly essential for democracy’s sustainability, as democracy itself continues to present ever-greater “informational and cognitive challenges” to individuals as it progresses.

In their data analysis, Borba and Ribeiro (2021) considered three main metrics, examining opinion surveys conducted between 1998 and 2018: “support for democracy” (based on the question presented in the introduction about the desirability of democracy in any situation); the “importance of political parties in democracy” (based on a question about the viability of democracy without political parties); and the “degree of satisfaction with democracy.” While satisfaction with democracy showed a downward trend and support for democracy without political parties rose early in the period and then stabilized, support for democracy (considered the best regime in any situation) displayed no clear trend, with frequent fluctuations.

Paradoxically, while a far-right president was elected in 2018, support for democracy reached the highest rate in history. For Borba and Ribeiro (2021), this can be explained by Russell Dalton’s hypothesis of “political realignment,” where a profound ideological and cultural cleavage (specifically the political-ideological polarization at least since 2015) reorganizes the connections between voters and parties.

In another study, Fucks *et al.* (2016) highlighted that support for democracy in Brazil should be understood from a multidimensional perspective, meaning that people support different specific principles of democracy rather than simply supporting it as a whole. Examining data from individuals who identify as democrats, the authors found that this support is strongest in its participatory dimension and less significant in the procedural and representative dimensions. Similarly, the study by Gimenes and Borba (2019) produced analogous results that challenge analyses viewing democracy support data in a binary manner.

Casalecchi and Vieira (2021), examining political participation as a core pillar of democracy, noted the decline in satisfaction with the representative system, which has led to decreased participation in traditional mechanisms like party actions and voting. The authors analyzed whether increased participation in media channels has fostered a shift towards qualified debate, suggesting a form of political digital activism. Among the data analyzed, drawn from the 2018 AmericasBarometer, they created indicators for the intensity of digital activism and its potential influence on democratic values, including the question of democracy as the best form of government. Their primary conclusion is that “digital activism does not have a statistically significant effect on support for democracy” (Casalecchi; Vieira, 2021, p. 140, our translation).

Specifically regarding the relationship between age groups and support for democracy, we find relevant data in the works of Del Porto (2012) and Paulino (2016). Both studies raise questions about how living under two different regimes, dictatorial and democratic, throughout one's life affects support for democracy, particularly in comparison to generations that have experienced only democracy. Del Porto (2012) analyzes surveys covering the period from 1989 to 2006 in Brazil, while Paulino (2016) utilizes data from the 2012 AmericasBarometer, which includes 17 countries in Latin America, Brazil included. Del Porto (2012) asserts that there are no significant differences between the generations; however, education has an impact on the preference for democracy among those who experienced their youth during the period of redemocratization. In contrast, Paulino's (2016) analysis of Brazil indicates that the generation that has lived only after redemocratization shows less adherence to democracy (nearly 64%) compared to the generation that experienced its youth during the dictatorship (almost 71%); Brazil mirrors the trend observed in other analyzed Latin American countries, where the generation that lived under both regimes tends to demonstrate greater support for democracy.

In conjunction with the aforementioned studies, which highlight quantitative data across large population and temporal scales, primarily using concepts from political science, we juxtapose works that address youth from a more sociological perspective, often emphasizing qualitative data. Among these are studies applying concepts from the field of political socialization (Baquero, Baquero, Morais, 2016; Baquero, Baquero, 2014), and, more recently, those utilizing the concept of political subjectivation (Castro, 2016, 2008). For the purposes of this article, however, we find it more pertinent to discuss works that examine the engagement of contemporary Brazilian youth in social movements. These movements articulate the expectations of youth for a deepening of democracy and a desire for greater participation in decision-making processes. They engage with, and indeed challenge, the forecasts presented in the initial articles concerning adherence to democracy, as well as the studies on political socialization (which tend to be pessimistic regarding the democratic engagement of youth); thus, they align more closely with the perspective of political subjectivation. Given these expectations among youth in social movements, it is crucial to question, based on the data, whether the youth from Southern Minas share these sentiments and to what extent.

Groppo and Silveira (2020) developed the notion of the dialectic of youth condition, which has been reaffirmed by recent student movements, such as the secondary school occupations in 2015 and 2016, as well as by the intense involvement of youth in the large protests of the 2013 Journeys. The dialectic of youth condition posits that young people hold the potential to break away from the paths of socialization determined by older generations and social institutions, experimenting with

alternative or even rebellious social values, practices, and forms of organization—what Karl Mannheim (1982) describes as a rich repository of social innovations. Some youth generational units develop progressive radical values and behaviors, revealing the limitations and contradictions of the period known as ‘*Lulismo*’ (the governments of the Workers’ Party (PT) from 2003 to 2016), while also advocating for a deepening of participatory democratic experience.

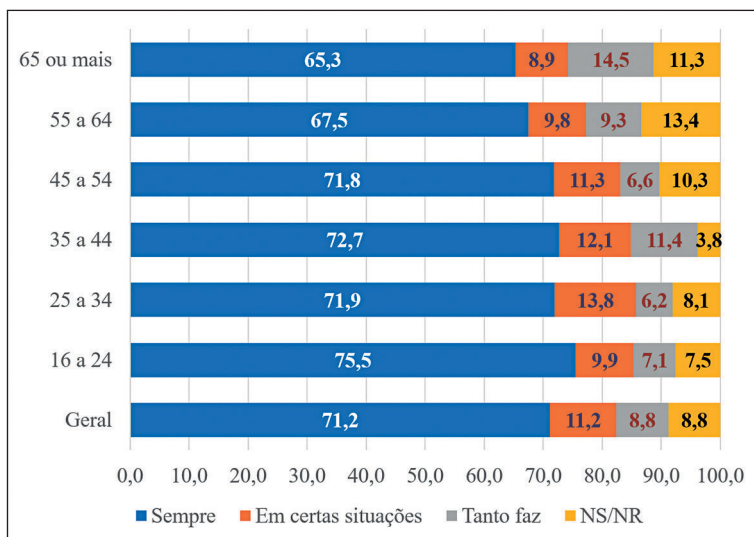
Conversely, other youth generational units have veered towards adherence to a different political-ideological extreme, specifically the conservative and far-right currents that gained prominence in the 2018 presidential elections and have become a significant political force in our country in recent years. According to Pinheiro-Machado (2019) and Silveira and Groppo (2019), there is a considerable gender dimension in these distinct political-ideological alignments among Brazilian youth: women tend to be more progressive, whereas men tend to lean towards conservatism. Even the class cleavage, which is typically powerful, is challenged by the gender bias in political adherence, as Pinheiro-Machado and Scalco (2018) reveal in their ethnographies in the peripheries of the capital of Rio Grande do Sul, observing girls leading the occupation of their school while boys from the same class align with the far-right.

Therefore, it is important to analyze how youth from Southern Minas expressed their perspectives regarding adherence to democracy, the legitimacy attributed to a regime of government, the levels of this adherence (diffuse-normative or specific-concrete), and the influences of their lived experiences concerning education, socialization, and the tangible aspects of the regime. Additionally, measures related to adherence, parties, and institutions may provide insights into young people’s understanding of the political regime.

## **Adherence to Democracy Among Age Groups**

When analyzing the data on adherence to democracy, the following indication emerges, as shown in Graph 1.

**Graph 1** – Democracy as the Best Form of Government by Age Group (%)<sup>3</sup>



**Source:** Based on data from the research Project *A identidade sul-mineira* (The Identity of South Minas Gerais), UNIFAL-MG, 2022.

The data appear to indicate a greater propensity among young individuals who consider democracy to be the best form of government, as the percentage of those who hold this view is higher than that of other age groups, at just over 75%. This figure is nearly four percentage points above the overall population value, which was 71.2%. However, it is important to note that due to a margin of error of 2.7 percentage points (p.p.), this difference is not statistically significant. Across the four age groups ranging from 16 to 54 years, the intervals between the maximum and minimum values, calculated with the margins of error, indicate that it is not possible to assert statistically significant differences among the opinions of these age cohorts. Nonetheless, it is noteworthy that the general trend suggests an inverse relationship between adherence to the assertion that democracy is the best form of government and age, as adherence increases with older age groups.

Furthermore, if we combine the percentages of those who indicated that democracy is the best form with those who believe it is the best in certain situations, we find values that are quite close for the four age groups ranging from 16 to 64 years: 85.4%, 85.8%, 84.8%, and 83.1%, respectively.

Therefore, it is observed that there is a relatively high frequency of individuals who consider “democracy to always be the best form of government,” regardless of

<sup>3</sup> Translation from left to right: Blue: Always; Orange: In certain situations; Gray: Whatever; Yellow: NS;NR.

age, given that 939 out of 1,320 responses, or 71.2% of the total sample, affirm this view. In contrast, it is noteworthy that 116 individuals, corresponding to 8.8% of the sample, indicated “not knowing” or “not responding” to such a pertinent topic for Brazilians.

In general terms, the sample exhibited a proportional distribution across age groups, with variation between 16% and 20% of the sample among those aged up to 64 years, and only the last age group showing a lower percentage of 9.4%.

To determine whether the variables Democracy and Age are independent or dependent, a statistical  $\chi^2$  (chi-square) test was conducted. The obtained result is  $\chi^2 = 34.050$ , with 20 degrees of freedom, which is significant for  $\alpha \leq 0.026$ . Therefore, it can be concluded, with a risk of less than 2.6%, that Democracy and Age are dependent. It is essential to clarify that the relationship of dependency between democracy and age is one of association or correlation, not causation, since the former varies according to age group, but it does not make sense to assume that the value attributed to democracy exerts any influence on age.

Since the hypothesis of dependence between the variables has been accepted with a high probability of being true, 97.4%, it is important to assess the strength of this association. In this case, calculated using the contingency coefficient (C) for the categorical variables of age group and best form of government, the results yield  $C = 0.159$ , indicating a moderate association, as C ranges from 0 (minimum) to 1 (maximum). When specifically analyzing young individuals<sup>4</sup>, concerning sex and education, we find several aspects worthy of reflection.

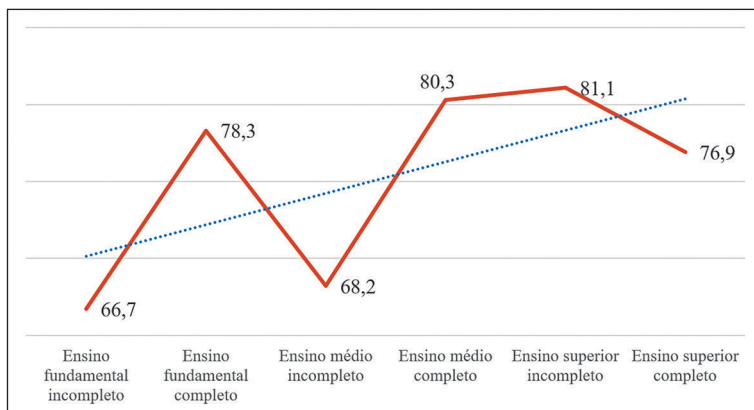
Regarding sex and the indication that democracy is always the best form of government, no significant difference was noted: young women reported a percentage of 74.8%, while young men reported 75.7%. This finding contrasts with the indications by Silveira and Groppo (2019) and Pinheiro-Machado and Scalco (2018), which suggest that young women tend to be more progressive.

In relation to education, there is an increase in the adherence rates among young individuals, which rise from 66.7% for those with incomplete elementary education to 81% for those with incomplete higher education.

---

<sup>4</sup> Among 213 young people, the profile was as follows: sex: 102 men and 111 women. For family income: up to two minimum wages – 73; more than two up to five – 97; more than five up to ten – 34 and over ten – 8. Regarding education: incomplete elementary school – 30; complete elementary school – 22; incomplete high school – 43; complete high school – 67; incomplete higher education 37 and complete higher education 14.

**Figure 2** – Relationship between Education and Adherence to Democracy among Young People in Southern Minas Gerais (%)



**Source:** Based on data from the research Project *A identidade sul-mineira* (The Identity of South Minas Gerais), UNIFAL-MG, 2022.

However, as indicated in Figure 2, there is a variation between educational attainment and adherence to democracy. After increasing among the first two groups of less educated individuals, adherence declines to 68.2% among those with incomplete secondary education, then rises again in the subsequent levels, complete secondary education and incomplete higher education—before falling to nearly 77% at the highest level, which is complete higher education. The research data regarding Southern Minas do not support Borba and Ribeiro’s (2021) assertion that there may be a relationship between formal education and the persistence of democracy.

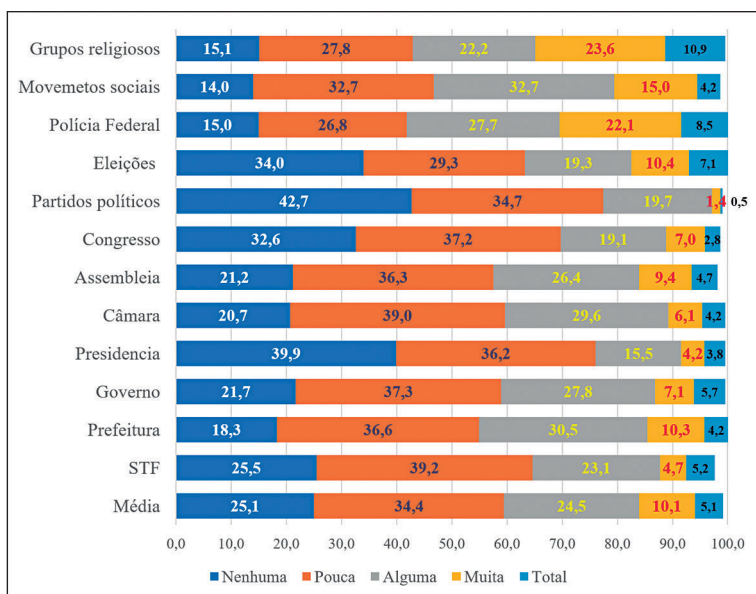
While it cannot be definitively stated that young individuals in Southern Minas regard democracy as the best form of government more than other age groups do, there seems to be a regional specificity when compared to other studies on the subject in the country, where the trend has been that adults report higher percentages than youth regarding democracy as the best form of government.

Thus, the research *A identidade sul-mineira* identified a different situation in the region in 2022 compared to Paulino’s (2016) analysis, which asserted that in Brazil, the generation that has lived only after the re-democratization adheres less to democracy (almost 64%) than the generation that experienced their youth during the dictatorship (almost 71%). This trend aligns with that observed in other analyzed Latin American countries, where the generation that lived under both regimes tends to show greater adherence to democracy.

## Trust in Institutions

The indication that young people from Southern Minas consider democracy to always be the best form of government was also evaluated in relation to their level of trust in institutions and mechanisms employed for its exercise, as shown in Figure 3.

**Figure 3** – Level of Trust of Young People in Institutions (%)



**Source:** Based on data from the research Project *A identidade sul-mineira* (The Identity of South Minas Gerais), UNIFAL-MG, 2022.

Young individuals indicated a complete lack of trust in political parties and the presidency, reporting levels of 42.7% and 39.9%, respectively. They also expressed limited confidence in these spheres, with rates of 34.7% and 36.2%, respectively, which raises the levels of distrust to over 70% for both institutions. Only 0.5% stated they had complete trust in political parties, while 1.4% expressed a high level of trust. The youth indicated a high or complete level of trust, with percentages exceeding 30%, only in religious groups and the Federal Police (PF).

In general, there appears to be a degree of distrust towards political parties and the presidency, which decreases in relation to other political actors and spaces, such as municipal councils and state and local governments. Among these, the municipal government exhibited the highest level of trust, although the difference is minimal compared to the others, at 30.5%. In this same regard, social movements were appreciated, with over 32% expressing some level of trust.

It is noteworthy that elections, which are central to democratic processes, are viewed with skepticism, as 34% of young individuals indicated they have no trust at all, and 29.3% expressed little trust. As the reasons for this distrust were not explored, it is important to consider that it may pertain both to the electoral process itself and the functioning of governments in the effective exercise of the mandates granted through elections.

The presented data suggest that, in Southern Minas, young individuals maintain a more normative relationship with democracy, as emphasized by Fucks *et al.* (2016), since their adherence is more closely related to the values and principles of the regime than to its actual development, particularly concerning political institutions. The trend of diminishing importance of parties for the democratic government, as noted by Borba and Ribeiro (2001), is evidenced by the low levels, nearly nonexistent, of trust that young people in Southern Minas have in political parties.

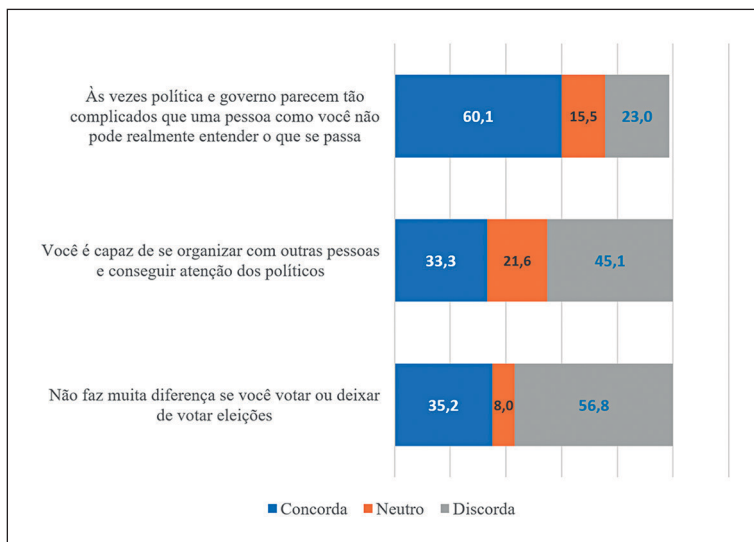
The youth of Southern Minas affirm the legitimacy of the democratic regime, as they support it; according to Borba and Ribeiro (2021), their support aligns with basic values in a more diffuse manner and is related to political socialization rather than specific support associated with the functioning of institutions and the performance of political actors. This distances their support for democracy from procedural and representative dimensions, seemingly favoring participatory dimensions.

The data from the research *Identidade sul-mineira* indicate, as highlighted by Casalecchi and Vieira (2021), a decline in political participation; however, the data presented do not allow for the conclusion that there has been a shift to digital media. What is perceptible is the distrust in traditional institutions and forms of political representation and trust in other instances, such as the Federal Police (PF) and religious organizations, and to a slightly lesser extent, in social movements.

Perhaps the following question regarding the relationship between governments, politics, and participation may help illuminate the challenges of understanding the forms of participation in democracy and recognizing its functioning and modes of representation. In addition to the high levels of distrust in institutions characteristic of a democratic regime, young individuals expressed perceptions and opinions regarding their belief in elections, the purpose of organizing to engage with politicians, and their knowledge and discernment regarding the relationship between politics and government, as illustrated in Graph 4.



**Graph 4** – Level of Agreement Among Young Individuals Regarding the Functioning of Politics (%)<sup>5</sup>



**Source:** Based on data from the research Project *A identidade sul-mineira* (The Identity of South Minas Gerais), UNIFAL-MG, 2022.

According to Graph 4, just over half of the young individuals aged between 16 and 24 years disagree with the notion that it makes no difference whether or not one votes, while slightly more than 35% agree with this indifference. Such indications correspond to a lack of adherence to normative values. It is important to highlight, however, that over one-third of the youth demonstrate indifference towards such a significant social and political issue.

Moreover, 34% of young people consider themselves capable of organizing with others to attract the attention of politicians, while more than 45% reported feeling incapable of such mobilization. In this regard, individuals aged 16 to 24 tend to refrain from exercising their citizenship through group organizations for negotiations or discussions with politicians. Difficulty accessing these forms of organization may be one cause, but it is also worth considering the apathy among certain groups or the lack of understanding regarding the functioning of the system, as evidenced by the data concerning knowledge about politics and government presented in the same Graph 4.

<sup>5</sup> Translation from top to bottom: Sometimes politics and government seem so complicated that a person like you can't really understand what's going on; You're able to organize with other people and get attention from politicians; It doesn't make much difference whether you vote or don't vote in elections.

Nearly 60% of young people indicated that politics and government are complicated to the extent that they do not understand the ongoing situation, while 23% claimed to understand the difference.

There appears to be a limited comprehension of the ways in which the democratic regime operates, particularly concerning the main institutions that support it, such as government and political organizations in general. This aspect underpins adherence to the basic values of democracy, viewing it as a legitimate regime without fully understanding or granting legitimacy to its principal modes of functioning. In this context, it seems plausible to understand the high degree of importance attributed to voting, with over 56%, despite the difficulty in grasping the relationships between government and politics essential for the functioning of the regime.

Although there is a tendency towards political socialization as a more prominent means of recognizing the legitimacy of the democratic regime, one-third suggest they have the capacity to organize for advocacy or engagement with politicians.

## **Final consideration**

The youth of Southern Minas Gerais exhibited a tendency toward greater adherence to democracy compared to other age groups; however, it cannot be statistically affirmed that they are more democratic than their counterparts. The rate of adherence to democracy among young individuals from Southern Minas is higher than the overall average for the region, as well as the national average, based on various surveys. In this sense, it can be asserted that the data indicate a difference in the adherence of Southern Minas youth to democracy when compared to older age groups, both in Southern Minas and throughout the country.

However, when considering the reported trust in institutions, the main institutional bases of representative democracy, such as elections and political parties, do not instill confidence among the youth of Southern Minas. Thus, there appears to be a more prescriptive than normative adherence, stemming more from the process of political socialization than from the knowledge and recognition of the functioning and importance of institutions within the democratic regime. This situation seems to align with the trend noted by Borba and Ribeiro (2001), which identifies a lack of faith in democratic institutions such as political parties and elections.

The difficulty in understanding the distinction between politics and government, along with a certain apprehension about organizing access to politicians, may reflect some of the challenges faced by the youth of Southern Minas in their political engagement.

Nonetheless, it is essential to consider new forms of adherence to democracy that may emerge during collective actions and protest cycles, which activate

processes of political subjectivization. On the other hand, while social movements enjoy a degree of trust among the youth, religious groups command even higher levels of confidence, potentially revealing distinct youth generational units in Southern Minas (progressive and conservative) or young individuals who combine progressive and conservative values, thus recreating a political ambiguity that has historically characterized political opinions in our country (Pinheiro-Machado, 2019). In any case, among the youth, the more traditional institutions sustaining democracy, such as parties and elections, are viewed with significantly less trust than social movements and religious groups concerning initiatives aimed at improving living conditions.

### **Acknowledgments:**

I would like to express my gratitude to the Federal University of Alfenas (UNIFAL-MG) for funding the research through parliamentary resources.

### **REFERENCES**

BAQUERO, M.; BAQUERO, R. V. A.; MORAIS, J. A. de. Socialização política e internet na construção de uma cultura política juvenil no sul do Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 137, p. 989–1008, 2016. Available at: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016166022>. Accessed in: 10 oct. 2023.

BAQUERO, R. V. A.; BAQUERO, M. B. Formação cidadã de jovens no contexto de um regime democrático híbrido. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 8, n.2, p. 59-82, 2014. Available at: <https://doi.org/10.22456/1982-5269.49726>. Accessed in: 10 oct. 2023.

BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. Adesão à democracia e educação escolar no Brasil (1998-2018): considerações a partir das teorias da legitimidade política. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, e240374, 2021. Available at: <https://doi.org/10.1590/ES.240374>. Accessed in: 10 oct. 2023.

BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013. Available at: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm). Accessed in: 11 sep. 2024.

CASALECCHI, G. Á.; VIEIRA, A. de O. Ativismo digital e valores democráticos: lições a partir da experiência brasileira. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 26, n. 50, p. 121-145, jan.-jun. 2021. Available at: <https://doi.org/10.52780/res.14836>. Accessed in: 10 may 2024.

CASTRO, L. R. de. Subjetividades públicas juvenis: a construção do comum e os impasses de sua realização. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 21, n. 1, p. 80–91, 2016. Available at: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160009>. Accessed in: 5 may 2019.

CASTRO, L. R. de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, n. 30, p. 253–268, 2008. Available at: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000100015>. Accessed in: 5 may 2019.

DAHL, R. **Sobre a democracia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

DATAFOLHA. Avaliação de um ano e três meses do presidente Lula. 2024. Available at: <https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2024/04/02/hxnnvpz2mvs5msosj0is3f4kz2by6oh2vq5o8expsicveu9ryi2hf0yyqq8m04dljofhtftzif3n6i-ishqd-q.pdf>. Accessed in: 10 aug. 2024.

DEL PORTO, F. B. Jovens da democracia?: valores políticos das coortes da juventude brasileira no período democrático recente (1989 a 2006). Tese (doutorado em Ciência Política), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012, 325 f. Available at: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1617413>. Accessed in: 10 oct. 2023.

FUCKS, M.; CASALECCHI, G. A.; GONÇALVES, G. Q.; DAVID, F. F. Qualificando a adesão à democracia: quão democráticos são os democratas brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº19. Brasília, janeiro, 2016, p. 199-219. Available at: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220161908>. Accessed in: 11 may 2024.

GIMENES, É.; BORBA, J. Adesão à Democracia e Apartidarismo na América Latina: Análise Multidimensional. **Mediações**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 167-183, set.-dez. 2019. Available at: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2019v24n3p167>. Accessed in: 10 oct. 2023.

GROPPA, L. A.; SILVEIRA, I. B. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argumentum**, Vitória, v. 12, n. 1, p. 7-21, jan./abr. 2020. Available at: <http://10.18315/argumentum.v12i1.30125>. Accessed in: 21 may 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2021**. 2021. Available at: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6579>. Accessed in: 12 jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**. 2017. Available at: [https://www.ibge.gov.br/apps/regioes\\_geograficas](https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas). Accessed in: 10 may 2018.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Available at: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>. Acesso em 12 jun. 2020.

INSTITUTO DATASENADO. **Panorama político 2023**. 2023. Available at: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=panorama-politico-2023>. Accessed in: 10 aug. 2024.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (org.). **Mannheim**. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95. (Col. Os Grandes Cientistas Sociais, n. 25).

PAULINO, R. O. Geração e atitudes políticas: uma análise da adesão à democracia na América Latina. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016, 89 f. Available at: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A8BN3G/1/disserta\\_\\_o\\_\\_rafael\\_oliveira.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A8BN3G/1/disserta__o__rafael_oliveira.pdf). Accessed in: 5 sep. 2023.

PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior**. O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. [versão Kindle].

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU-Ideias**, ano 16, n. 278, 2018. Available at: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/278cadernosihuideias.pdf>. Accessed in: 7 nov. 2023.

PODER360. Lula foi eleito por mulheres, pobres e nordestinos. 01 jan. 2023. Available at: <https://www.poder360.com.br/governo/lula-foi-eleito-por-mulheres-pobres-e-nordestinos/>. Accessed in: 10 feb. 2024.

SILVEIRA, I. B.; GROppo, L. A. As ocupas e as ocupações secundaristas: feminismo, política e interseccionalidade. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 8, n. 14, jan./jun. 2019. Available at: <https://doi.org/10.33871/22386084.2019.8.14.24-48>. Accessed in: 10 oct. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL-MG). A identidade sul-mineira: diagnóstico cultural, social e político do Sul de Minas Gerais. 2022. Available at: <https://www.unifal-mg.edu.br/aidentidadesulmineira/>. Accessed in: 10 oct. 2023.

**Received on:** 19/06/2024

**Approved:** 06/08/2024



PIONEIRISMO EM PESQUISA SOCIOLOGICA  
SOBRE JUVENTUDE: ENTREVISTA  
COM MARIA DA GLÓRIA GOHN<sup>1</sup>

*PIONEERING SOCIOLOGICAL RESEARCH  
ON YOUTH: AN INTERVIEW WITH  
MARIA DA GLÓRIA GOHN*

*Olivia Cristina PEREZ\**

*Daniel Arias VAZQUEZ\*\**

### **Context of the Interview**

This interview was conducted online on June 6, 2024, by Olivia Cristina Perez and Daniel Vazquez.

### **Introduction of the Interviewee**

Maria da Glória Gohn, the interviewee, was selected for her pioneering role and expertise in political participation studies. Her most recent research focuses specifically on youth, though this social group is central to much of her extensive body of work. Through this interview, we can trace how the concept of youth has developed in tandem with her reflections on social movements.

\*\*\*

**Olivia Perez:** Could you share some insights about the field of youth studies you have followed in Brazil?

---

\* UFPI - Federal University of Piauí. Department of Political Science. Teresina – PI – Brazil. 64049-550. <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>. Contact: [oliviaperez@ufpi.edu.br](mailto:oliviaperez@ufpi.edu.br).

\*\* UNIFESP – Federal University of São Paulo. Department of Social Sciences. Guarulhos - SP - Brazil. 07252-312. <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contact: [dvazquez@unifesp.br](mailto:dvazquez@unifesp.br).

<sup>1</sup> Transcription performed by Anna Heloyza Dias.

**Maria da Glória Gohn:** I approach the field of youth studies I have followed from two perspectives: first, in literature, and second, in practice. In literature, I follow the approach that considers youth a social construct—that is, it is not a natural phenomenon but a category constructed by different societies. From this perspective of a constructed category, perhaps due to my decades of work in a faculty of education and my involvement in a fertile period of educational experiences during the 1970s and part of the 1980s, influenced by a more Freirean perspective on direct participation, I conducted extensive readings, including Jean-Jacques Rousseau and Johann Heinrich Pestalozzi on the education of young people.

However, my primary influences in framing and approaching the subject were historians like Philippe Ariès and Eric Hobsbawm. Seen as a social category, youth emerged with modernity, a period marked by the rise of the bourgeoisie, the development of capitalism, and significant social changes.

In the social sciences, the subject of youth dates back to what could be termed the prehistory of these sciences, spanning the late 18th century and early 19th century. During this time, studies focused predominantly on juvenile delinquency as a negative byproduct of industrialization and urbanization. This period, coinciding with modernity and the emergence of the concept of youth, associated the latter with characteristics perceived as modern, different, innovative, or rebellious, these were the images, representations, and narratives that were being constructed over time.

Ariès consistently links the emergence of youth as a concept to social dynamics brought about by capitalism. He noted that from the 16th to the 18th centuries, perceptions of life stages, as seen in European profane iconography, were increasingly popular, representing not biological ages but rather social roles.

From this sociological perspective, the roles of rebels and revolutionaries were significant. According to Ariès, schooling began to play an essential role in the socialization of individuals from more bourgeois and aristocratic classes, as their entry into productive life was delayed, and they received school-based preparation for occupations and roles. This process of forming individuals between childhood and adulthood began to shape the notion of this life stage that we call “youth,” according to Ariès’ studies.

Hobsbawm influenced me in another regard. According to him, youth culture in the 20th century brought changes in three main aspects: first, youth was no longer seen as merely an interval between childhood and adulthood but rather as the peak of human development—a notion that gained reinforcement in the realm of sports. The idea of youth as life’s pinnacle conflicted with other factors, such as increasing wealth, power, influence, and old age in a post-war world governed by a gerontocracy. The second aspect Hobsbawm highlights is that youth came to dominate developed market economies, as young people mastered emerging technologies—something critically relevant to the present. Even then, in the 20th



century, when he wrote about it, this was seen as a significant advantage. Most computer programs were designed by young people in their twenties, reversing traditional roles, as parents now had much to learn from their children, who grew up familiar with technology and, moreover, represented a consumer demographic with substantial purchasing power at that time. Also under this second aspect, Hobsbawm called attention to a dimension of culture shaped by young people. I have always considered this perspective on culture to be crucial, not only regarding economic, political, or social issues.

The third aspect Hobsbawm points to is the great capacity of urban youth culture to internationalize itself, particularly through rock music and blue jeans. Here, an essential aspect emerges: the popularization of music by American and British rock bands, contributing to the hegemony of a youth-oriented popular culture and lifestyle—though some youth cultural groups also adopted musical styles from the Caribbean, Latin America, and Africa. I emphasize the importance of Hobsbawm's insights, which focus much more on youth culture than on other political or socio-political proposals and show how this drives the wheel of social and societal change.

In sociology, since the interwar period, youth studies have been dominated by education, with a focus on educational aspects and pedagogy. Youth has gained greater social visibility and is increasingly seen as a distinct social group due to youth movements.

In the realm of international influence and authors, it is also essential to consider two other aspects beyond the category of youth itself: the ideas of generation and youth condition. The first is fundamental for understanding generational conflicts, current youth compared with the youth of a few decades ago or with that of their parents. Meanwhile, the concept of youth condition is a more recent construct, stemming from the 19th and 20th centuries, which suggested the need to extend schooling years to foster individuals' moral and ethical development before their entry into adult life. However, issues related to class, gender, ethnicity, and so forth were either absent or poorly addressed within this framework of youth condition.

In Brazil, I also recall the studies by Minayo, Sposito, Dayrell, Abramo, Scalón, Carrano, Groppo, Novaes, and other authors who research youth in the field of education. Marialice Foracchi was one of the first to study this topic back in the 1960s.

Beyond the theories and categories that I have read, which influence and guide my analytical perspective, I also emphasize my personal experience. At the age of eighteen, in 1968, I participated in demonstrations and street protests because I studied near Maria Antônia Street, at the School of Sociology and Politics (FESP) in São Paulo, and I would go to the city center for the marches. The political issue was certainly present, manifesting through protest movements. However, at that time, research focused on examining student movements and organizations, including

secondary school students, university students, Catholic university youth, as well as student movements in Córdoba, Argentina, the United States, and Europe, especially in France. At that time, Touraine published one of his first books on the student movement, which greatly influenced me.

Another significant aspect that remains vivid in my memory of participation and engagement is the impact of music through Brazilian popular music festivals and external influences from The Beatles, The Rolling Stones, and all the heirs of 1950s rock and roll. This was another source of information that I mentally registered, how youth was practically constructed. In 1968, I lived in Higienópolis, São Paulo, which was very close to *Consolação* Street, home to theaters, television stations, and music festivals, where youth expressed themselves through music as well.

Another group that characterized that period was the alternative and counter-cultural movements. Some studies from that time cover this aspect. Within this counterculture, there was a strong focus on behaviors and customs, Zen communities, Eastern philosophies, and drug experimentation. Some of this connected directly to music at major festivals, such as Woodstock and similar festivals in Brazil, which expressed a rejection of capitalist models and, especially, traditional family structures like the standard model of father, mother, and daughter.

**Olivia Perez:** How does youth appear in studies on social movements and political participation?

**Maria da Glória Gohn:** In Brazil, during the 1970s, when the restructuring of postgraduate courses began and ANPOCS (National Association of Graduate Studies and Research in Social Sciences) was established, a study group on social movements was formed within it (SBS – Brazilian Society of Sociology was already well-established but became increasingly influential in this area in the 1980s).

During that period, social movements came to the forefront, as Eder Sader noted. From 1975 onwards, with the intensification of embryonic forms of resistance against the military regime, the focus of my research was on the Amnesty Movement, labor movements in the ABC region, and the southern periphery of São Paulo, where I conducted my master's research on neighborhood associations and community groups in São Paulo. Later, I also studied the movement for the creation of daycare centers.

At that time, structural analyses predominated, which looked at the broader picture and were highly significant, such as a book by Jordi Borja on urban social movements and another by Manuel Castells addressing urban contradictions and contradictions within the capitalist accumulation model. However, there was no specific focus on youth, in my opinion; youth, as such, was not a central focus, just as women's issues were not specifically addressed.

In my doctoral research, which I defended in 1983, I examined the struggle for daycare centers in São Paulo. The study was positioned within the realm of public policies, analyzing the demands, negotiations, how the municipal government responded, and how movements were able to achieve their objectives, among other aspects. I did not specifically address the gender issue in this struggle, which women primarily led. During a conversation with Eder Sader at an ANPOCS event in Águas de São Pedro, he pointed this out to me, saying: “Well, you should have specifically examined women, their way of life, etc. Why didn’t you do that?” At the time, I thought, “Oh no, to go back to the field and redo all that research?” But he was right because, for example, studies on women were being conducted by a specific research group focused on middle-class women, especially those in the workforce. The Ford Foundation supported these studies through numerous grants and competitions focused on the theme of women. So, it wasn’t just youth, or age-related issues like those of the elderly and children, that were not specifically addressed. For example, Vera Telles, Ilse Scherer, José Álvaro Moisés, and Pedro Jacobi, in the field of social movements, all focused on movements such as those for transportation, housing, healthcare, etc. Several studies on the healthcare movement also did not specifically focus on the individuals involved, but rather on the movements’ demands.

From the perspective of political participation in relation to the state itself, I supervised a master’s thesis at UFABC (Federal University of ABC) on Brazilian youth and public policies. It was very interesting because it highlighted some municipal initiatives in which young people were not seen as subjects of democratic rights through their demands. Instead, they were addressed by policies aimed at various age groups.

Only in the late 1990s did Brazil begin, at federal, state, and municipal levels, to establish various partnerships with civil society organizations aimed specifically at youth. In 2004, the federal government and certain sectors linked to social movements initiated a dialogue regarding the need to develop a national policy for Brazilian youth. Consequently, an interministerial group connected to the General Secretariat of the Presidency of the Republic was formed, involving nineteen ministries to survey the issues facing Brazilian youth. This initiative identified nine key areas: 1) expanding access to education; 2) generating employment and income; 3) preparing youth for the job market; 4) promoting healthy lifestyles; 5) democratizing access to sports, leisure, culture, and other technologies; 6) promoting human rights and affirmative policies; 7) encouraging citizenship; 8) fostering social participation; and 9) improving the quality of life in rural areas and traditional communities. By this time, rural movements, particularly those led by the MST (Landless Workers’ Movement), had gained prominence, showing that youth issues were not limited to urban areas but were also present within traditional communities.

The field of youth public policies was also marked by the shift away from viewing young people primarily as “at-risk”. Youth began to be recognized as claimants of social rights, consolidating the concept of youth as rights-bearing individuals, with the State as a co-responsible agent in constructing public policies for this demographic. This concept of youth as rights-holders brought forth the action of social and youth movements and social organizations and impacted the governmental sphere. Notable initiatives included the creation of the National Youth Secretariat, the subsequent establishment of CONJUVE – the National Youth Council, programs like *ProJovem* under the Lula administration, and the first National Youth Conference in 2008. Concurrently, youth councils at the municipal level expanded, gradually building an institutional structure that contributed to the legitimization of youth as claimants of social rights, ultimately paving the way for the Youth Statute, signed into law by former President Dilma Rousseff in August 2013.

This statute sought to address the events of June 2013, when youth took to the streets, telling politicians, “We do not recognize you; we do not want you; we have no representatives.” Many young leaders from the *Movimento Passe Livre* (MPL) and other organizations were invited to meetings in Brasília but declined, as they did not identify with these roles. Their perspective did not reject the State itself but called for a different State that organized youth policies in a new way. Thus, as a response to the June 2013 protests, the government established a statute affirming youth as full holders of specific rights and responsibilities. However, this policy came somewhat belatedly, as the Child and Adolescent Statute (ECA) had been established in the early 1990s.

Finally, under the administration of Michel Temer, the National Youth System (*Sistema Nacional de Juventude*, or SINAJUVE) was instituted, mandating that the federal, state, and municipal governments share responsibility for implementing the National Youth Policy. This measure was also enacted amid nationwide youth protests, this time spurred by the assassination of Marielle Franco. The National Youth System and the “Brazil More Youth” program were thus formalized in 2018.

**Daniel Vazquez:** What changes has the focus on youth undergone throughout your studies?

**Maria da Glória Gohn:** I began to focus on youth issues from the second half of the 1990s and early 2000s, particularly during the youth gatherings, the World Social Forum, and the commemorations of the 30th anniversary of May 1968. This period drew my attention to young people from that era who had taken to the streets against the dictatorship and were now emerging as political leaders, occupying government positions, such as José Dirceu and José Serra, who were student leaders in the 1960s, among others.

Examining trajectories is fascinating because researchers often focus solely on unionists, but if you trace the paths of other politicians, you'll find that their youth involved significant participation in movements. My more specific writings on youth began in the 2000s when I started to analyze the “fare-dodging” movements, which eventually gave rise to the MPL – Free Fare Movement, both in Florianópolis and later in Bahia, which led me to view youth from a broader perspective. Beyond their role as students, I became interested in their political culture, examining their demands, their rejections, and the lessons they were learning.

My research has always focused on three key areas: (1) the nature of participation in social movements themselves; (2) participation in relation to the State; and (3) education, specifically non-formal education, as I have never concentrated much on formal schooling per se, but rather on informal learning. This is why I have always viewed social movements as valuable sources and spaces for learning.

Observing a clear distinction when discussing socio-educational programs for youth is intriguing. In Brazil, for instance, we recall the issues tied to FEBEM (the State Foundation for the Welfare of Minors) and the harrowing experiences of youth at risk, whereas in Europe, such issues have long been addressed as a matter of public policy. The European Commission has set forth four goals to guide common actions on youth issues. First, participation through active citizenship; second, communication, via the dissemination of quality information; third, volunteerism, which is not deeply ingrained in Brazilian culture. However, we have recently witnessed a surge in volunteerism, especially in response to climate disasters in Rio Grande do Sul, reflecting a different aspect—solidarity. Such institutionalized policies have existed in Europe for some time, with the goal of fostering youth awareness through responsible citizenship. This approach has a dual purpose: a human dimension but also a preventative one, integrating youth before they become a “problem”.

Finally, the fourth focus area is youth self-awareness, helping young people develop in various aspects, such as body awareness. Through the European Commission's program, I became familiar with ERASMUS and transversal initiatives. In Europe, youth and public policy are closely tied to education, with an emphasis on a competencies-based pedagogy, focusing on social and civic competencies, initiative, and entrepreneurship. In these programs, young people participated voluntarily and earned points while learning, with the argument being that this fostered creative critical thinking, global citizenship, and cooperative problem-solving, hallmarks of these European experiences.

Here in Brazil, in the field of education, particularly within ANPED (National Association for Graduate Studies and Research in Education), there have been various approaches, studies, and critiques of these European programs that arrived here, often presented as if the same problems existed in our context. We have

observed several conflicts between advocates of competency-based pedagogy and constructivist theories. The latter is significantly different, incorporating elements focused on the student, using a distinct pedagogy, and employing active methods. I have not been deeply involved in the competency-based pedagogy debate, but I have supervised two projects on social initiatives involving youth, which primarily aimed to promote integration processes. To analyze these, one must examine the entire history of those who developed these projects, asking whether they were participatory NGOs, those that fought against hunger alongside figures like Betinho, as part of citizenship initiatives, or other NGOs created with a different focus, especially concerning racial and ethnic issues. Numerous projects emerged, and there was a kind of glorification in the media, as though these projects alone were solving the issues. I believe there is certainly great merit in this, but on the other hand, it also reflects an individualistic perspective, as it places much responsibility on the individual. The narrative becomes: you participate in the project, you train, you learn, and then you are equipped to be a protagonist, to succeed in life, and that is all. Such an approach ultimately denies politics itself, as we understand that politics is not limited to this. These Taylorist and Fordist organizational and work management practices, which are skill-based and do not require formal pedagogical work, are not only found in factories and production line transformations, or in the weakening of union systems, but also in public schools, with a focus on productivity, and even in universities, where we are constantly evaluated.

**Olivia Perez:** What new culture of participation are young people promoting, in reference to your article *Jovens na política na atualidade* (Young People in Politics Today)?

**Maria da Glória Gohn:** In this article, the focus is on observing youth issues because, starting in 2013, some analysts viewed young people as a solution, while others saw them as undermining democracy and laying the groundwork for the rise of the right. From this point, I began to focus on young people. In my current CNPq research project, where I am a level 1A grantee, I focus on youth within collectives, which were already present in 2013.

At first glance, observing the name and the very movement that triggered the 2013 events, the MPL (Free Fare Movement), although labeled a “movement,” it was composed of numerous internal collectives. Thus, I began to look at young people not just as students, but as individuals organized in various social roles: they may be students, art producers, informal groups gathering in particular locations, bloggers, social media users—highlighting the role of collectives within social movements, parallel to them, or even rejecting them.

The globalized world experienced a new cycle of protests in the 2010s, with different themes, forms of mobilization, political and economic contexts, and

impacts, as seen in the 1960s, the 1984 *Diretas Já*<sup>2</sup> movement, or the 1992 *Fora Collor*<sup>3</sup> movement. The internet enabled an entirely new system of communication. In early 20th-century protests, there were “repeaters,” individuals who climbed posts and called out chants for others to repeat; then came microphones, and finally the digital age. I recall, for instance, when community radio stations emerged in the favelas, broadcasting everything from religious festivities to protests. Each era had its unique communication form. It wasn’t only the internet, though it revolutionized communication; there was also the selection, focus, and coding of information—done not by isolated individuals but by a plurality of actors and agents competing to interpret the meanings of events and data. This brings us to the power of social movements in shaping public opinion, a concept often associated with the 1960s, functionalists, and electoral processes. The importance of public opinion is clear, as it sometimes only manifests itself at the ballot box.

The collective action of young people since June 2013 prompts us to observe these multiple processes of subjectivation in the formation of active subjects; that is, it is not merely a behavioral aspect, nor solely about how these young people dress, which can be captured in photos and performances, but rather how these elements are absorbed and then reworked. Those studies, once considered somewhat outdated within social psychology, particularly on emotions, have been revisited and are now being reflected upon for their contributions across different fields. They reveal how events, in the heat of the moment, provoke reactions and generate new avenues for collective action, and how individuals process these developments. The composition of these actions is complex and diverse, involving multiple actors, proposals, and conceptions about politics, society, and government. In this context, the emotions of individuals and collectives become prominent in the protests, an aspect that had previously been overlooked.

Regarding sharing networks, there is much discussion today about fake news, yet beyond that, it is essential to understand these networks of shared beliefs and belonging, formed through informal interactions, collective identities that are constructed, and the political-cultural conflicts of the protesters. Concerning young people, many, especially some traditional leftist leaders who hold key positions, often perceive today’s youth through the same lens as the youth of the 1960s or those who opposed the military dictatorship and later took to the streets in green and yellow to demand Collor’s resignation. This is where generational issues come into play: these young people think differently; they are not mere repetitions of past generations.

---

<sup>2</sup> During the Brazilian military dictatorship, *Diretas Já* was a popular political movement that aimed to resume direct elections for the position of President of the Republic in Brazil.

<sup>3</sup> The ‘*Fora Collor*’ movement was a series of demonstrations that resulted in the resignation of President Fernando Collor in 1992, driven by accusations of corruption.

The political-cultural conflicts among young protesters today must be analyzed with different analytical tools than those used for the so-called new social movements. Many researchers continue to rely on scholars who studied social movements of the 20th century and the early 21st century, such as Sidney Tarrow and Charles Tilly. These analyses were highly effective for studying institutionalized public policies, due to the many insights these approaches offer. It is not about discarding those approaches but about constructing a third path, one that rethinks identities built through past struggles, their interactions with the state, and the new political cultures created by young people. I am seeking to follow this path.

I am not entirely certain, but I am almost convinced that the socio-political, economic, cultural, and environmental context, as well as the forms of participation and cultural values of today's youth, have shifted. The rapidity of events, environmental changes, and other factors indicate a new era; the river has changed, the waters are different, and yet we still find ourselves attempting to navigate it with the vessels of the past. We need new ships, new tools to steer these waters.

To conclude, today's youth movements are heirs to the anti-globalization movement of the 1990s and 2000s. However, their roots may extend even further back. I believe there is a lack of historical perspective on this topic. I have written about it, revisiting utopian socialism, anarchist ideas, and other frameworks. However, I believe that young people today have reinvented these traditions. They are no longer merely rejecting the state, politics, and religion as overarching structures. Although they inherit a sense of discontent, a desire for a different society free from certain controls and regulations, this leads us to discuss autonomy in a new way, a kind of autonomy that does not forsake the state, institutions, or the importance of public policies.

**Daniel Vazquez:** The pandemic had a significant impact on the young population, particularly due to the closure of schools. What were its effects on the social behavior of young people?

**Maria da Glória Gohn:** I believe it affected everyone, but particularly in the case of young people, the issue of schooling caused disastrous effects. Every day, we saw news reports, particularly when online classes resumed, about how this process was unfolding. Often, there was only one cell phone in the household, when there was one at all, to serve four or five children. How could they follow classes on a single cell phone for four or five children? The disparities in socio-economic inequalities came to the forefront as a daily news item in the media. Inequality is a fundamental category for understanding why middle-class youth were able to continue their education, but what about students from peripheral areas? And then, when mothers returned to work, how did that situation unfold? So, the overarching issue to explain here is that the question of inequalities exploded, and we can no longer



speak about youth, though we might say youths, in the plural, without addressing territorial positioning and specifying which young people we are referring to. It is crucial to characterize the issue of territories and social class, to understand which class we are talking about, because the effects of the pandemic were very different across them.

There is another aspect of the pandemic, in relation to the development of skills in peripheral populations, which is the resurgence of a different form of associativism, one that is completely different from the associativism of the ecclesial base communities of the 1970s and 1980s. This new form of associativism is driven by the urgency of solving problems practically and simultaneously by creativity, with territorial engagement in communities and favelas.

It is interesting to note that, until recently, the term “*favela*”<sup>4</sup> was not used because it carried stigma. However, it has become part of a recent discussion with the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), and they have now reclaimed the term. Calling something a favela no longer carries the stigma it once did; it is simply the name of the territory. At this point, I am reminded of Licia Valadares, the great Brazilian scientist who contributed immensely to the study of favelas in Rio de Janeiro, who recently passed away and made a significant contribution to the understanding of favelas in Brazil.

For example, in the case of Paraisópolis, the second-largest favela in São Paulo, one of the major issues during the pandemic was getting people to hospitals and health clinics, as well as delivering groceries, because there are streets with ramps that are difficult to climb for deliveries. They had a system of motorcycles among themselves, and they created a system in which the residents’ association, through donations from companies and civil society, acquired an ambulance. This was one of the initiatives; they later set up a workshop to make masks. In short, the pandemic generated new needs, which they resolved through their inventiveness and creativity. If they had waited for public authorities, the death rate and problems would have been much higher. Instead, they had one of the lowest death rates in São Paulo, especially considering the number of people living there. In terms of fatalities, it was a relatively small number. In this process, the pandemic truly changed peripheral sociability within these communities.

**Daniel Vazquez:** Another recent change affecting young people’s lives is the reform of secondary education. Despite the resistances and the recent revision, how does the New High School impact the education of the current and future generations?

---

<sup>4</sup> *Favelas* are a type of popular housing complex found in cities and built informally. They are characterized by high population concentration, consisting of self-built houses, with a predominance of low-income population and informal employment.

**Maria da Glória Gohn:** This is an interesting issue because it is almost exclusively addressed within the field of education, by educators and the National Association of Postgraduate Studies in Education (ANPED), when in fact it affects everyone, particularly those with children in high school. And it affects not only public schools, because the reform is general; it also impacts those attending expensive private schools. On one hand, something needed to be done, undoubtedly, because the previous high school system was entirely outdated. On the other hand, the earlier reform in secondary education introduced so many subjects that it became impossible to cover the entire curriculum. It was different from the introduction of sociology in 2007, which was truly an advance, a conquest. Later, there was the inclusion of arts and music, but the reform introduced so many extraneous subjects that they diverted attention from the primary focus.

The new Lula government inherited this ticking time bomb and had to provide a solution; it couldn't just be shelved. I think it must first be viewed as a process, what is currently in place, what has been approved, and what can be done? What can be changed? The current situation is very different from the time when Paulo Freire questioned the banking model of education and proposed circles for discussion, rather than the behavioral approach where each student is confined to their desk. It was a different concept, it was about forming citizens who could learn to read the world and think independently. Will this current reform lead young people to think for themselves? I don't think so.

These are my initial impressions of the challenges that need to be addressed, but I think there must be a clear agenda for which demands have been addressed, which "riders" have been introduced that will lead to disaster, and what possible positions we can adopt to find a viable path. It is a significant difficulty, the young students were not heard; they were completely ignored. Why can't they give their opinions about what they like or dislike in school? They are engaged in so many things and form opinions on many matters, so why can't they share their views on education?

**Olivia Perez:** Can we continue to rely on youth for the improvement of the democratic system? If so, what contributions have they made?

**Maria da Glória Gohn:** First, we must clarify what we mean by a democratic system; this is where the confusion starts when we talk about improvement. What we are currently experiencing is a polarized system, right vs. left, conservatives vs. progressives.

Brazil recently avoided a worsening of the right-wing government, a coup, but I do not believe the problem has been fully resolved, nor do I think the current government practices are genuinely aiming at consolidating the democratic system. Often, we get the impression that those in power rely on polarization because it

helps them stay in power, this is the impression some of their actions leave, though not all of them.

In this scenario, young people are trying to build paths, but the majority are ignored. We saw that the celebration of the 10th anniversary of June 2013 led to numerous publications. I participated in the debate intensely, through interviews, articles, and discussions at ANPOCS and SBS. I believe anyone who thinks June 2013 was merely “the serpent’s egg,” a political maneuver solely intended to shift Brazil’s politics to the right, has misunderstood it. I believe that in terms of public policy, for example, among the principles outlined in the Statute of Youth, the first refers to promoting the autonomy and emancipation of young people. Look at how it is written autonomy is understood as a trajectory of inclusion, freedom, and the participation of youth in society. After that, through international cooperation, the Statute promotes international integration among young people, preferably within Latin America and Africa. Can you see any effort in that direction in the youth policies of 2013? And what about today?

I believe these are beautiful words, the political participation to which the Statute refers, anticipating the involvement of young people in formulating, implementing, and evaluating youth public policies. It is anticipated that this participation should occur through: associations, networks, movements, and youth organizations. Is this happening? If so, who are these movements and organizations, associations, and networks that are involved?

In conclusion, the issue of youth is a construction; it is not an inherent category, nor is it based on biological factors, nor is it something natural, it is entirely socially constructed. And how is the current concept of youth being constructed, a theme that is scarcely understood and inadequately addressed?

## REFERENCES

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. *Caderno CRH*, 31 (82), 2018. Available at: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/jBGbrMwxkJBxvytwVnz9Wcp/abstract/?lang=pt#>. Accessed in: 15 sep. 2024.

**Received on:** 06/08/2024

**Approved:** 12/08/2024



# Diretrizes para Autores

## POLÍTICA EDITORIAL

A **Revista Estudos de Sociologia (RES)** possui periodicidade semestral e aceita artigos, dossiês, ensaios e resenhas inéditos nos campos da Sociologia, Política, Antropologia, ou no campo interdisciplinar das Ciências Sociais, que não estejam sendo apresentados simultaneamente em outro periódico. Ao enviar seu trabalho para a **Estudos de Sociologia**, o(s) autor(es) cede(m) automaticamente seus direitos autorais para eventual publicação do artigo.

A **RES** opera com chamadas temáticas divulgadas pelo Conselho de Redação (**CR**) em sua versão *online*, (<http://seer.fclar.unesp.br/estudos>). São realizadas de duas até três chamadas por ano simultaneamente com prazos de expiração diferenciados.

Os artigos são aceitos em português, ou em espanhol. Artigos em outros idiomas podem ser submetidos à RES para serem traduzidos em português, desde que sejam originais, ou apresentem autorização de publicação. O CR se reserva o direito de aceitar ou não a proposta para tradução, conforme o tema, a pertinência de sua publicação.

É exigida a titulação mínima de Mestre aos autores que desejem submeter artigos. Os autores que pretenderem publicar artigos com regularidade na **RES** devem aguardar três números consecutivos para tanto.

## PROCESSO DE AVALIAÇÃO POR PARES

A publicação dos artigos recebidos está condicionada à aprovação dos pareceristas *ad hoc*, ou ao cumprimento de suas sugestões. São considerados: originalidade, consistência teórica, clareza na exposição e contribuição científica do artigo. O prazo solicitado aos pareceristas para a emissão de sua avaliação é de três semanas. Os nomes dos pareceristas permanecem em sigilo, assim como os nomes dos autores, que receberão os pareceres com as avaliações, sugestões, ou recusa. Os autores serão informados pelo CR da decisão final sobre os textos aceitos, ou recusados para publicação.

O artigo será aprovado ou recusado pelo **CR** desde que atenda as devidas alterações indicadas pelos pareceristas. O tempo médio entre a submissão, a emissão dos pareceres e a aprovação ou recusa final do artigo pelo Conselho de Redação varia de 3 a 6 meses a partir da data de encerramento da chamada.

Após aprovados os artigos passam por uma minuciosa revisão gramatical realizada por profissionais da área e caso necessário, os autores são consultados para esclarecimento. Isto feito, os artigos seguem para o Laboratório Editorial da FCL/Ar/UNESP que faz a revisão bibliográfica. Nesta etapa os autores são consultados para fazer correções, ou preencher lacunas das referências.

O CR se reserva o direito de publicar ou não trabalhos enviados à redação, no que diz respeito aos itens acima citados e à adequação ao perfil da RES, à temática de cada edição, ao conteúdo e à qualidade das contribuições.

## **NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TEXTOS**

Os textos devem ser enviados através do site da revista <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos>>, onde são explicados todos os passos para submissão dos artigos, clicando em SUBMISSÕES ON LINE, no menu superior da página.

### **Formatação**

Todos os trabalhos devem ser digitados em *Microsoft Word*, ou programa compatível (o arquivo deve ser salvo com a extensão “doc”), fonte *Times New Roman*, tamanho 12 (com exceção das citações diretas com mais de três linhas e das notas de rodapé), espaço 1,5 entre linhas e parágrafos (exceto para citações diretas com mais de três linhas). As páginas devem ser configuradas no formato A4, sem numeração, com 3 cm nas margens superior e esquerda e 2 cm nas margens inferior e direita.

### **Dimensão**

Os ARTIGOS deverão ter até 45.000 caracteres com espaços, incluindo título e resumo (com no máximo 150 palavras), palavras-chave (no máximo 5), em português e inglês, notas de rodapé e bibliografia. Os ENSAIOS deverão ter até 30.000 caracteres com espaços, incluindo título, resumo, palavras-chave, em português e inglês, notas de rodapé e bibliografia, As RESENHAS deverão ter até 15.000 caracteres com espaços, incluindo título, em português e inglês, notas de rodapé bibliografia etc. Serão aceitas resenhas de livros publicados no Brasil, há no máximo dois anos e, no exterior, no máximo há cinco anos. No rodapé incluir dados do/a autor/a (não ultrapassar três linhas): formação, instituição, cargo, email.

## Organização

A organização dos trabalhos deve obedecer à seguinte sequência:

- TÍTULO (centralizado, em caixa alta); RESUMO (no máximo 150 palavras); PALAVRAS-CHAVE (até 5 palavras, uma linha abaixo do resumo), escritas no idioma do artigo); TEXTO;
- TÍTULO EM INGLÊS (centralizado, em caixa alta); ABSTRACT e KEYWORDS (versão para o inglês do Resumo e das Palavras-chave, exceto para os textos escritos em inglês).
- AGRADECIMENTOS (se houver);
- REFERÊNCIAS (apenas trabalhos citados no texto).

## Recursos tipográficos

O recurso tipográfico **Negrito** deve ser utilizado para **ênfases ou destaques no texto**, enquanto o recurso *Itálico* deve ser reservado para *palavras em língua estrangeira e para títulos de obras* citados no corpo do texto. As “aspas” devem ser utilizadas **somente nas citações** de frases de outros autores extraídas de artigos, livros, ou outras fontes, conforme as regras de citações dentro do texto, descritas a seguir. Recomenda-se que o recurso **negrito seja usado com parcimônia**.

## Notas de Rodapé

As notas de rodapé devem conter somente informações substantivas, utilizando-se os recursos do *Microsoft Word*, em corpo 10, **não devem ultrapassar três linhas**.

## Citações dentro do texto

Nas citações diretas feitas dentro do texto, **de até três linhas**, e entre aspas, o autor deve ser citado entre parênteses pelo SOBRENOME, em maiúsculas, separado por vírgula da data de publicação e página (SILVA, 2000, p. 12). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data, entre parênteses: “Silva (2000) assinala...”. Nas citações diretas, é necessária a especificação da(s) página(s) que deverá(ão) seguir a data, separada por vírgula e precedida do número da página. com p. (SILVA, 2000, p.100). As citações de diversas obras de um mesmo autor, publicadas no mesmo ano, devem ser discriminadas por letras minúsculas após a data, sem espaçamento (SILVA, 2000a).

Quando a obra tiver dois ou três autores, todos devem ser indicados, separados por ponto e vírgula (SILVA; SOUZA; SANTOS, 2000); quando houver mais de 3 autores, indica-se o primeiro seguido de et al. (SILVA et al., 2000).

## Citações destacadas do texto

As citações diretas, com mais de três linhas, deverão ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, em corpo 11 e sem aspas (NBR 10520 da ABNT, de agosto de 2002).

## REFERÊNCIAS

Todas as referências que foram citadas no texto serão indicadas de forma completa ao final do artigo, em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor, alinhadas à margem esquerda, em espaço simples e separadas entre si por espaço 1,5 cm entrelinhas. Não colocar asterisco, traço, ponto ou qualquer marca no início da referência. Exemplos:

**Livros:** SOBRENOME do autor, Nome. **Título da obra** (negrito): subtítulo. Número da edição (se não for a primeira). Local de Publicação: Editora, ano de publicação. [IANNI, Otávio. **Raças e classes sociais no Brasil**. São Paulo: Brasilense, 2004.]

**Capítulos de livros:** SOBRENOME do autor, Nome. Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (Org.). **Título da obra:** subtítulo. Número da edição. Local de Publicação: Editora, Ano de publicação. Número e/ou volume, página inicial-final do capítulo. [ALEXANDER, Jeffrey C. A Importância dos clássicos. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999. p.23-89.]

**Artigos em periódicos:** SOBRENOME do autor do artigo, Nome. Título do artigo. **Nome do periódico**, Cidade de publicação, volume, número, páginas inicial – final do artigo, ano de publicação. [ZALUAR, Alba. Agressão física e gênero na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.71, v.24, p.9-24, out. 2009.]

**Dissertações e teses:** SOBRENOME do autor, Nome. **Título da tese:** subtítulo. Ano de defesa. número de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Dissertação (Mestrado), Tese (Doutorado) – Instituto ou Faculdade, Nome da instituição por extenso, Cidade, Ano. [VAZ, Antonio Carlos. Violência contra as mulheres: estudo com adolescentes no município de Guarulhos. 2012. 262f. Tese



(Doutorado em Sociologia.) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.]

**Artigos em jornais/revistas:** SOBRENOME do autor do artigo, Nome. Título do artigo. **Nome do jornal**, Cidade de publicação, data de publicação (dia mês abreviado e ano). Caderno, páginas inicial – final do artigo, ano de publicação. [PIRES, P. A. Vidas Paralelas: reflexos nos espelhos de Sontag e Barthes. **Folha de S. Paulo**, 13 maio 2012. Ilustríssima, p. 4-5.]

**Entrevistas:** SOBRENOME do entrevistado, Nome. Título da entrevista. [mês abreviado e ano da entrevista]. Entrevistador: Nome do entrevistador na ordem direta. **Nome do jornal/revista**, Local de publicação, página onde aparece a entrevista, dia mês abreviado e ano da publicação. [ALENCASTRO, L. F. O observador do Brasil no Atlântico Sul. [out. 2011]. Entrevistadora: Mariluce Moura. **Revista da FAPESP**, São Paulo, p.10-17, out.2011.]

**Eventos:** SOBRENOME, Nome do autor. Título do trabalho apresentado. In: NOME DO EVENTO, número de ordem do evento seguido de ponto, ano da realização, Cidade. **Nome da publicação dos trabalhos**. Local da publicação: Editora, ano da publicação. [BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. Trabalho domiciliar: uma tarefa para toda a família. In: SIMPÓSIO DE ECONOMIA FAMILIAR, 1, 1996, Viçosa. **Anais...** Viçosa: Ed. UFV, 1996.]

**Publicação on-line:** SOBRENOME, Nome do autor. Título do artigo/matéria. **Nome do site**, Local da publicação, dia mês abreviado e ano da publicação. Disponível em: <endereço eletrônico completo para acesso ao artigo/matéria>. Acesso em: dia mês abreviado e ano do acesso. [TAVES, R. F. Ministério cota pagamento de 46,5 mil professores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1998. Disponível em: < <http://www.oglobo.com.br/reportagem> >. Acesso em: 19 abr. 1998]

*A revista Estudos de Sociologia* adota as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) <<http://www.abnt.org.br>> que devem ser consultadas caso não seja encontrado no presente modelo o exemplo necessário.

## **Condições para submissão**

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista.
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF.
3. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na página Sobre a Revista.
4. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em Assegurando a avaliação pelos pares cega foram seguidas.

### **Declaração de Direito Autoral**

Os manuscritos aceitos e publicados são de propriedade da Revista Estudos de Sociologia. Os artigos publicados e as referências citadas na revista Estudos de Sociologia são de inteira responsabilidade de seus autores.

### **Política de Privacidade**

Os direitos autorais dos textos publicados são reservados à Estudos de Sociologia. Publicações posteriores dos mesmos não são permitidas.



SOBRE O VOLUME

Revista Estudos de Sociologia, v.29 n. esp. 1

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 12,8 x 20,5 cm

Tipologia: Times New Roman, 11pt

